"O Regular"

da Escola Regular

Desafios na/da Construção de uma Escola Para Todos

UNICAMP - Faculdade de Educação

Doutorado - 2002

Aluna: Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos Santos

Orientadora: Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan

UNICAMP - 2002
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

"O Regular" da Escola Regular – Desafios na/da construção de uma Escola para Todos

Orientadora: Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por MARIA TEREZINHA DA CONSOLAÇÃO TEIXEIRA DOS SANTOS e aprovada pela Comissão Julgadora
Data: 26 de fevereiro de 2002.
Assinatura da Orientadora:

Comissão Julgadora

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

00232819

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

- À minha orientadora, Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan, que com seu brilho me clareou caminhos e me fez avançar como pessoa nos desafios do Conhecimento e da compreensão da Realidade;
- Às Doutoras Eloísa de Mattos Höffling e Maria Cândida de Moraes, que ao participarem da Banca de Qualificação para esta Tese contribuíram com perspectivas enriquecedoras;
- À minha Família: Roberto, Maurício, Sandra, Rogério, Sérgio e Renato, que dividiram comigo as horas de estudo e trabalho e com isto, somamos vida;
- À minha inspiração constante: meu pai, Messias Gonçalves Teixeira e minha mãe Maria Edwina Rehder Teixeira, que me fizeram nascer para a escola da Vida, dentro da vida da escola, que eles dirigiam;
- À força espiritual da Vó Felisbina e da Nhá Chica que dividem comigo a construção desta proposta de trabalho;
- À UNINCOR- Universidade Vale do Rio Verde e à Prefeitura Municipal de Três Corações, meus celeiros de inspiração e searas de plantio de tantas realizações;
- À CNPQ – que viabilizou a pesquisa e apostou neste desafio;
- À 41ª Superintendência Regional de Ensino de Varginha, que abriu portas para a realização da pesquisa;
- Às Escolas Estaduais Bueno Brandão, Clóvis Salgado, Franco da Rosa, Jorge Avelar, Monsenhor Fonseca e Olímpia de Brito que teceram comigo os fios deste trabalho;
- À Lucimeire, que com sua Arte e Ciência teceu fio a fio o texto eletrônico, fazendo da tecnologia uma linguagem sensível;
- Ao apoio técnico e humano que recebi de Talita e William, que pela sensibilidade me ajudaram a superar os tecnicismos engessantes.
- A todos os meus alunos de todos os cantos do Brasil, pela partilha de que "vivendo se aprende, mas o que se aprende mais é só a fazer outras maiores perguntas". (Guimarães Rosa)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é revelar os contornos da *escola regular* em gestação nos espaços/tempos existentes. Privilegiou-se a escuta e o sentir de vozes e discursos que estão sendo tecidos na *escola nossa de cada dia e no cada dia da nossa escola.*

Filósofos como Edgar Morin e Michel de Certeau são referências fundamentais para a compreensão da regularidade na complexidade humana.

A configuração da versão da tese em CD-ROM, um texto hipermídia, foi uma opção de ferramenta de trabalho e de coerência epistemológica numa tentativa de explicação das diferentes linguagens e conexões do processo em construção.

A pesquisa foi desenvolvida em escolas estaduais dos anos iniciais do ensino fundamental na cidade de Três Corações, Minas Gerais (1997-2000). Neste contexto, as sutilezas do ensino *regular* se revelam em mecanismos diversos, que ao serem reproduzidos se transformam em situações de exclusão escolar e social, mas que ao mesmo tempo, se percebidos e ultrapassados, configuram-se em possibilidades de construção de uma efetiva Escola para Todos.

PALAVRAS-CHAVES

Ensino Regular e Ensino Fundamental – Complexidade – Cotidiano Escolar – Escola para Todos

ABSTRACT

The purpose of this research is to reveal the features of the *common school* in its process of continuing development. Emphasis was given to listening and feeling voices and speeches currently observed *in our school day by day and in the day-by-day of our school*.

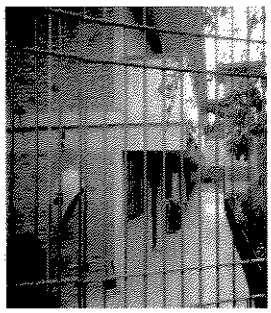
Philosophers such as Edgar Morin and Michel de Certeau are significant references in order to understand the regularity in human complexity.

The presentation of this thesis in a CD-ROM, a hypermedia text, was chosen to enable the epistemological coherence of the text as an attempt to explain the different languages and connections existing in the reality.

This research was developed in elementary public schools in Três Corações, Minas Gerais, from 1997 to 2000. In this context, subtleties of *common education* were revealed in several mechanisms, which, when reproduced, transform into situations of social and schooling exclusions. However, if these mechanisms are perceived and surpassed, they may, at the same time, make possible an effective school for all.

KEYWORDS

Common and Elementary Schooling – Complexity – Schooling Daily Routine – School for All.

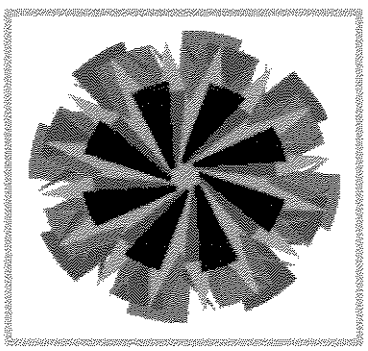


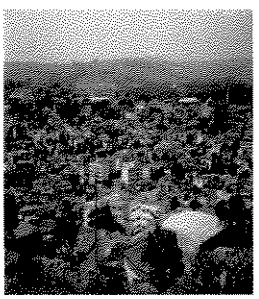
O Regular Regulado, o discurso dos arquivos

O cada dia da nossa Escola

Régula, Regular, Regula

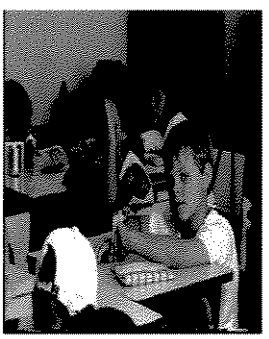
Tecendo os fios e mexendo os pincéis





Contextualizando Três Corações

Fazendo Ciência nas tramas da Complexidade



A Escola nossa de cada dia

Achados e Perdidos

ORIENTAÇÕES GERAIS SOBRE O CD-ROM

Requisitos para o perfeito funcionamento do CD:

- Windows 95/98/NT/ME
- Office 2000
- Hardware com no mínimo 32 MB de RAM, Pentium 200 MHZ
- Para melhor visualização, configure a tela para 800 x 600

Procedimentos:

1. Coloque o CD-Rom no leitor de CD;
2. Ele iniciará automaticamente;
3. Utilize as setas e os hiperlinks(palavras-chaves e/ou imagens) para interagir com os textos;
4. Caso ocorra deslocamento de ícones na tela, proceda da seguinte forma:
   * carregue o painel de controle, clique em vídeos, configurações avançadas e fonte pequena. Ok.

Abaixo seguem orientações quanto ao funcionamento geral do CD-Rom, as quais estão presentes também em uma página do CD.

- O Texto eletrônico funciona como uma rede de hipertextos, cujos textos se entrelaçam, construindo uma forma caleidoscópica de leitura, abrangendo hiperlinks com páginas construídas no projeto, bem como interligados em outros programas como word, power point e sites da internet.
- A página de menu é formada por imagens que caracterizam cada bloco de texto, devendo o leitor clicar na imagem por onde desejar iniciar a leitura.
- As setas avançar contidas em cada página permite a leitura linear, dando ao leitor a opção de ler cada bloco na sua totalidade, acessando ou não os hiperlinks.
- Os botões possibilitam ao leitor retornar à página de menu, a qualquer momento, dando-lhe oportunidade de escolher outro bloco para leitura ou mesmo retornar à pagina inicial de onde é possível encerrar o programa.

- Cada palavra e/ou frase em destaque azul constitui um hiperlink que ao ser clicado levará às páginas que conceituam ou exemplificam o conteúdo que está sendo lido, assim como levam a anexos, filmes e fotos.
- As setas voltar indicam que o leitor deverá voltar à página de origem do hiperlink, podendo assim, continuar a leitura do bloco. Permitem também, o retorno à página anterior.
- Existem páginas recebendo mais de um hiperlink, dessa forma cada seta tar está personalizada, indicando a palavra-chave que leva ao bloco onde o leitor iniciou a leitura.
- Há páginas de hiperlink que não possuem as setas de retorno, sendo assim, o leitor deverá clicar no rótulo de texto, o qual levará à página de origem.
- O mapa de Três Corações apresenta a localização e nome das escolas estaduais da cidade. Ao clicar na figura de cada escola abrirá uma breve apresentação sobre a escola em questão. Para retornar ao texto origem do hiperlink o leitor deverá clicar no nome da escola.

ORIENTAÇÕES GERAIS SOBRE O TEXTO IMPRESSO

1 A versão impressa funciona como um "script" das linguagens abertas no texto em hipermídia contido no CD-Rom.

2 A organização em seqüência com paginação e divisão em capítulos foi para atender aos requisitos do formato padrão exigido pela Informação CCPG/001/98.

3 Na versão em CD-Rom, a presente Tese está configurada à luz de uma epistemologia que atende uma lógica caleidoscópica para tentar se aproximar mais da complexidade da realidade. Desta forma, inexiste uma seqüência obrigatória, o que permite acessar qualquer dos ensaios escritos de forma aleatória.

4 A construção de redes de conexões com outras linguagens (vídeos, imagens, telas de arte, gráficos, documentos originais escaneados) encontra-se indicada durante todo o texto impresso.

5 No decorrer do texto estão também indicadas as possibilidades de redes e conexões existentes entre as idéias, experiências e vivências relatadas nos ensaios escritos, aqui batizados como partes ou capítulos.

6 Finalmente, este texto escrito em forma de "script" contido neste exemplar e complementado com mais os dois volumes de Anexos de documentos pesquisados e analisados, desempenha uma função limitada: a de ser apenas uma das linguagens da realidade entre tantas outras abertas na riqueza da versão do texto em hipermídia contido no CD-Rom.

SUMÁRIO

VOLUME I

A escola nossa de cada dia... (Introdução) 01

Contextualizando Três Corações... Tecidos e Telas 07

... O cada dia da nossa escola 29

Régula, regular, regula 63

O regular regulado – O discurso dos arquivos 87

Fazendo ciência nas tramas da complexidade 123

Tecendo os fios e mexendo os pincéis... (Conclusão?) 150

Achados e perdidos (Referências Bibliográficas) 179

Anexos ..... Volumes II a V

A ESCOLA NOSSA DE CADA DIA...

(INTRODUÇÃO)

De mansinho, pouco a pouco, de pedaço em pedaço, qual ladainha que se arrasta, procissão espichada e preguiçosa, cobra danada que se enrola, o dia a dia vai se fazendo. É aqui, é acolá. Gestação silenciosa, gente parida.

Vidas se fazendo. (1) **(LINK – edição de imagens do cotidiano das escolas)**

O silêncio se faz rumoroso, pulsante, acontecendo e marcando tempos e espaços.

A escola nossa de cada dia é discurso, é texto insinuante, quer no seu vivido, quer no seu decretado.

Real? Ideal? A que se tem? A que se quer? Não é bem assim. Não são categorias *a priori* que a gente pode olhar com boa ou má vontade, mas são práticas sociais, manifestações que vão se configurando, desenhando perfis, alinhavando tecidos, fazendo marcas, deixando se levar e tomando o rumo de expectativas ou surpresas.

O que emerge de comum nesta diversidade existente, pode estar ou não sendo atropelado pela rotina, pelos olhares viciados, cansados e não surpresos com a possível novidade que também está posta e exposta.

Ah! Danado de pensar que usa, abusa, decreta, acomoda... Faz caminhos, abre possibilidades, cria atalhos, disfarces, máscaras, põe a cara na janela. Simulações e simulacros, fazendo crer na real ficção ou na ficção real.

Existe o real, criado, simplificado, reduzido, engessado e regularizado. Ponto final?

Existe o real, irreverente, possível, infinito, complexo, aberto e irregular/regular? Ponto final?

Como captar as nuances, as cores, os sabores e saberes do jeito de fazer escola? Do jeito de fazer vida?

Quais *formalidades de práticas*, na linguagem de Certeau (2), existem na regularidade dita e assumida? Por que a insistência em se padronizar, arrumar, sistematizar? Por que a paciência/impaciência para se enxergar a escola por buracos de fechadura (3): classificação de alunos, turmas, médias, notas, conteúdos a se ministrar, planos, currículos, métodos, técnicas, organização de recreio, do ritual do primeiro dia de aula, das filas enfileiradas, das entradas e

saídas da escola, dos prêmios e castigos prometidos e concedidos, dos horários mágicos e irritantes, dos calendários que falam do tempo e do não tempo? **(LINKAR – IMAGENS DE REGULARIDADE NAS DIFERENTES ESCOLAS)**

Quais *formalidades de práticas* escapam aos contornos engessados e *estratégicos*, de acordo com o pensar de Certeau, e alçam vôos em *táticas insuspeitadas*? (4)

A instituição ESCOLA é uma realidade histórica e em processo contínuo. É preciso privilegiar aqui a abordagem de uma instituição entendida como o espaço e o tempo permitidos para a realização da prática pessoal e social, revestindo-se de caráter contraditório e complexo. É processo e não produto acabado. Neste sentido a "escola não é", e sim, "está sendo".

Neste processo existem continuidades e descontinuidades, diversidades, padronizações que vão configurando perfis aceitos como ***regulares*** ou não. Trata-se, portando, de pensar o significado do que é considerado ***regular*** através das necessárias montagens e desmontagens de fazeres e saberes para se clarear que o ***regular***, dito ***regular*** (5), não esgota a realidade existente e precisa ser delimitado para não limitar e decretar a concretude.

É necessário pensar portanto, no sentido da palavra **regular, e** em todas manifestações que a legitimam, e principalmente quais mecanismos excludentes ela contém que a impedem de caminhar no sentido de uma ESCOLA PARA TODOS.

Esta *Escola para Todos* é o desafio que está posto.

Esta *Escola para Todos* vai além do mecanismo do **REGULAR (LINKAR PARA O TEXTO RÉGULA, REGULAR, REGULA)** e se insinua pelo regular/irregular contidos nas identidades e alteridades, na diversidade do cotidiano e vai além do que cabe ou não cabe nos modelos existentes.

Algumas **questões provocativas** estão postas nestes pensares e fazeres.

- O que significa o "regular" da escola regular? o que existe de "regular" na organização das escolas e dos sistemas de ensino?
- Os padrões de regularidade, como expressão de uma racionalidade científica, dão conta de atender a diversidade do real?
- Os sinais de diversidade nas manifestações da realidade das organizações escolares são atendidos e contemplados pelas escolas regulares?
- Como garantir que TODOS sejam bem vindos à escola?

Estas indagações vão indicar luzes a acender, necessárias para clarear os caminhos que vão ser desenhados e percorridos. Há uma vontade e uma expectativa em conseguir:

- Identificar os contornos de racionalidade científica nas questões da organização do tempo e espaço escolar; **(LINKAR PARA FAZENDO CIÊNCIA NAS TRAMAS DA COMPLEXIDADE)**
- Equacionar as manifestações da *formalidade das práticas* consideradas regulares **(LINKAR PARA O REGULAR REGULADO: O DISCURSO DOS ARQUIVOS)** e da *formalidade das práticas* nas *trajetórias insuspeitadas dos cotidianos*;**(LINKAR PARA O CADA DIA DA NOSSA ESCOLA**
- Identificar as intervenções pedagógicas efetivadas pelas escolas no atendimento de uma Escola dita para Todos; **(LINKAR PARA TECENDO OS FIOS E MEXENDO OS PINCÉIS)**
- Desvelar possibilidades e caminhos que levam à construção de uma efetiva Escola para Todos. **(LINKAR PARA O CADA DIA DA NOSSA ESCOLA)**

Esta Tese, se apresenta na perspectiva do processo da realidade em movimento. Fiel à vocação caleidoscópica, ela está sendo montada pedra por pedra, cor e cores, contornos e descontornos existentes nos múltiplos vieses do cotidiano escolar e social.

Foi ganhando corpo em questionamentos, incertezas, provocações. Tornou-se texto. De primeiro, nos formatos convencionais: capítulos bem comportados, hierarquizados dentro de um costume viciado de se decretar a realidade através de teorizações que perigosamente se descolam e ganham existências abstratas e independentes do dia a dia.

Mas as realidades vividas foram fecundando as palavras e as palavras por sua vez, tramavam. Fios e tecidos, redes e conexões foram se alinhando/desalinhando, costurando/descosturando, desenhando e redesenhando perfis nas múltiplas estratégias e táticas com *trajetórias insuspeitadas*, como diz Certeau.

Os textos foram ganhando movimento: extravazavam, não cabiam em esquemas sistemáticos e até mesmo mais confortáveis para olhares acomodados.

Foram se transformando em discursos mais vivos que dizem respeito à construção deste real: - dos retalhos, depoimentos, imagens da escola nossa de cada dia...foram emergindo vozes.

A análise exaustiva de todos os registros, arquivos, documentos mostra/esconde um regular criado, decretado que muitas vezes faz a escola esquecer de acontecer. Uma Vida morta. Uma Vida, viva.

As vozes silenciosas contidas nestes mesmos espaços e tempos implodem as generalizações e trazem sensibilidades. A luz vem exatamente do cotidiano amassado, embrulhado, mas sempre presente nas ausências abertas dos sujeitos existentes.

No registro formal, a informalidade também existente faz perceber que este regular decretado não esgota a realidade e com isto, abre para o possível e para a crença no transformável, nas identidades mutantes e não consolidadas.

A leitura do registro formal faz sentir também a ausência do registro do informal, do inusitado, da diversidade, do espontâneo que teima em continuar acontecendo. Isto dificulta a percepção de processo que acontece de forma vigorosa e provocativa e que ao deixar de ser registrado, confunde-se com realidades prontas e acabadas.

Daí a importância de mergulhar nas tramas do cotidiano: fios serem puxados para ouvir, ler, sentir e estar atento às múltiplas linguagens sem uma preocupação de provar categorias fixadas aprioristicamente. Deixar vir à tona, ir conversando também com autores que são interlocutores nesta empreitada de compreender, interpretar, sem limitar ou absolutizar qualquer discurso sobre o real.

Neste sentido, o hipermídia texto abre possibilidades que ampliam perspectivas para expressão do real e ganha força como uma ferramenta metodológica coerente com uma opção, que contempla a diversidade e que extrapola engessamentos que podem reduzir a riqueza da realidade.

A tese aqui tecida e trabalhada com todo rigor científico possui também uma coerência espistemológica que privilegia a produção de conhecimentos em patamares paradigmáticos que implodem dualidades, totalitarismos e sistematizações reducionistas.

A epistemologia em questão se consolida na crença de que a produção científica precisa estar transitando em dimensões subjetivas que são objetivas e nas objetividades subjetivantes; - na necessidade de se resgatar os cotidianos miúdos e locais, sem perder as totalidades pretendidas e na urgência de resgate do comum, do simples, do dito ordinário que é científico e em sendo científico, está nas tramas da invenção do cotidiano das realidades escolares e sociais.

Esta produção científica busca ser fiel também à uma expressão **caleidoscópica** - ***Kalos*** (belo) + ***eidos*** (imagem) + ***skopein***, (ver)

Ver, registrar.... pensar.... expressar a beleza das imagens.

Que são belas, por serem plurais.

Que são belas, por serem diversas.

Que são belas, por serem de Todos

Escola para Todos.

Diversidades, possibilidades.

Caleidoscópio sonhado e sendo concretizado.

E QUAIS SÃO AS SUAS QUESTOES PROVOCATIVAS?

Notas

(1) edição de imagens do cotidiano escolar no universo das seis escolas delimitadas para a pesquisa em questão. **(LINKAR COM CONTEXTUALIZANDO TRES CORAÇÕES...)**

(2) a expressão *formalidade das práticas* está descrita por Luce Giard na introdução do volume 2 – *A invenção do cotidiano – Morar e cozinhar*, à página 18 e por Michel de Certeau no volume 1 de A invenção do cotidiano – Artes de fazer – na página 42 quando fala na construção dessa *formalidade* e nas possibilidades de apreensão destas práticas.

(3) Edição de imagens do cotidiano escolar representativas de aspectos de uma regularidade existente no universo já delimitado anteriormente na nota de número um.

(4) *táticas e trajetórias insuspeitadas* – Na introdução do volume 1 de *A invenção do cotidiano*, Michel de Certeau vai explicar na página 45, a criação de trajetórias, táticas e retóricas, mostrando diferenças e semelhanças, mas principalmente enfatizando a importância desses tempos e espaços a serem construídos e não simplesmente decretados.

(5) Quando se pensa em desmontagem do regular existente, há que se recorrer a Michel de Certeau – volume 1 do mesmo livro *A invenção do cotidiano*, na página 38, ao falar da Produção dos consumidores, enfatiza a relação não mecânica existente em práticas aparentemente repetitivas: Certeau lembra que existe uma "*poética escondida na produção*"de forma a possibilitar a margem de táticas e trajetórias feitas no cotidiano.

CONTEXTUALIZANDO TRÊS CORAÇÕES...

TECIDOS E TELAS...

Pisar o chão tricordiano **(LINKAR TRÊS CORAÇÕES – IMAGENS, FOTOS E INFORMAÇÕES)** é como contar a história de muitos municípios, em se tratando das Minas Gerais. O percurso da criação das escolas segue o ritmo do crescimento das cidades: em primeiro lugar, o Grupo Escolar bem no centro. De preferência: na praça principal.

Emana tradição, cultura, valores. Em Três Corações, o primeiro, o Bueno Brandão, data de 1909, quase que dos primeiros na história do Estado. (Em Minas, o primeiro instalado foi em 1904)

Época de governador mineiro ilustre: o Dr. (nem sonhar com Doutorado!!!) ,o Dr. Júlio Bueno Brandão. Em plena primavera do longínquo ano de 1909, cria-se um dos primeiros Grupos Escolares de Minas Gerais, no rastro da reforma da Instrução Pública mineira que segue os contornos dos arautos republicanos em novos tempos. O Estado de São Paulo já começara a instaurar este tipo de escola até meio mágico para a época. Não mais escolinhas isoladas, perdidas ou reunidas, mas ares de modernidade nos contornos da República que se declara melhor que os ranços imperiais. Era uma questão de honra. O Brasil precisava acordar para o novo século, de número 20 e a educação era mensageira do progresso. Minas no contexto saboroso da política do café com leite, não pode se isentar destas auras e destes desafios. Não faz por esperar: a reforma mineira é praticamente em seguida à do estado paulista vizinho.

Em termos de mineiridade, a instalação destas escolas sinais dos tempos, com o pomposo nome de Grupos Escolares acontece de imediato na capital e aqui pelo Sul das Gerais. Em primeiro lugar, na Vila das Águas Virtuosas, a vizinha Lambari, exatamente pelos meados do ano de mil novecentos e seis.

O Grupo Escolar Bueno Brandão, o primeiro na terra dos Corações, vai ganhar prédio próprio só mais tarde, pelos idos de 1926 a 1930, e já outro governador dá impulso às obras: o também doutor Antonio Carlos Ribeiro de Andrade. Foi erguido na praça principal da cidade. Uma construção imponente e digna dos ares sagrados da Educação. Não deixava de ser um templo: mistura de sagrado, de elite, de letrado. Era prédio para não se colocar defeito. Nada de baratear ou sucatear. Ares dos tempos e dos espaços pelas Gerais das Minas.

Sentir a importância destes personagens, tem a ver com as trajetórias e trilhas por estas terras mineiras: é só andar pelos interiores afora e quantas avenidas de nome Antonio Carlos existem, quantas ruas Bueno Brandão, nomes de praça e até mesmo de cidades.

O Grupo Escolar Bueno Brandão vai fazendo seu percurso e criando história, deitando raízes nos corações desta gente: praticamente todos os considerados cidadãos em cada uma das décadas passou pelos seus bancos escolares. É um tal de se dizer que o avô estudou aqui, o bisavô, a tataravô, chegando mais perto, o pai, a mãe e a tradição se instaura forte e serena, criando uma aura de poder que não tem tamanho.

O Grupo Escolar Bueno Brandão é praticamente sozinho, lugar de educação escolar por muitas décadas. Se uma pessoa é letrada.. veio de lá, passou pelos seus bancos escolares.

E era Grupo Escolar com 4 anos de escolaridade e olhe lá!

É lustro de enciclopédia mais do que suficiente para ser alguém em terra de cegos. Fazer a escola elementar era tudo isto e nem mais do que uma vírgula.

Falar em ginásio, na época era muito estranho.

A regularidade tinha pontas: de um lado esta escola elementar. Lá na outra ponta o ensino superior, que no Brasil nasceu de cima para baixo, porque nossas elites não precisavam de carreira pelos bancos escolares.

Em Três Corações só vai aparecer um segundo grupo escolar na cidade e em outros contornos, quase que como necessidade para dar educação para os outros (afinal, "a pressão por educação para todos está ficando insuportável"), em 1955, exatamente nas periferias tidas como não letradas da quase, por assim dizer, vila da Cotia, considerada na época, meio território de índio. Surge o Grupo Escolar Clóvis Salgado em 1955. Pasmem! Quase meio século depois... A escola começou a funcionar em prédio alugado até que fosse inaugurado o novo prédio em 1959. Exatamente 50 anos, meio século estendido, como lacuna na educação tricordiana.

Depois deste estirão todo, as demais escolas estaduais públicas, surgem de forma mais ou menos concentrada nos vinte anos que virão: em 1956, surgem a EE Luiza Gomes que de início também trabalhava só com o ensino primário e o Colégio Estadual que inaugura em Três Corações, o ginásio no ensino público estadual.

Passam-se mais quase 10 anos e na década de 60, nos contornos brasileiros de estado não mais de direito, mais de governos militares que em Três Corações são particularmente fortes, pela presença de uma escola militar única em território nacional que forma sargentos, a EsSA (criada

em), mais duas escolas irão compor o conjunto de formação básica na cidade: em 1965 surgem de uma só vez, mais duas: A Franco da Rosa – no Bairro da Vila Gessé, mas que originalmente ocupou as instalações do Lar Cristo Rei, e a Olímpia de Brito – no bairro do Triângulo em barracão improvisado e depois construída em prédio definitivo no Bairro de Santa Teresa. Todas cuidam do ensino primário e repetem a mesma história: criação em primeiro lugar, prédios alugados, espaços improvisados, educação pendurada em cenários provisórios e só depois como todas as novelas da coisa pública, prédios são aprontados, instalados e seguindo cada um deles as arquiteturas correspondentes ao modelo político e esquemas de massa nos prédios escolares mineiros.

É só andar por aí e pode-se identificar em cada cidade, em cada canto do sabor mineiro, os prédios escolares e o chamado pai da criança: a gente diz... esta é do Magalhães Pinto (construções bem ao gosto de forno de assar crianças, feitas de blocos e cobertas com telhas de zinco que fazem derreter corpos e almas); esta é do Tancredo Neves... e lá se vão as histórias de um estilo ou de outro. Algumas seguiram o rastro do espírito de sucata e usam até hoje os barracões aproveitados oriundos da Cohab que se instalava para construir conjuntos habitacionais em cada cidade.

Na década de 70, surgem mais três: a Maria José Coelho Neto, no bairro Santo Afonso e hoje uma escola municipal; - a Monsenhor Fonseca, no bairro do Peró e que no início se instalou nos barracões já ditos e com prédio próprio a partir de 1978; e a E.E. Polivalente, que no início surge na proposta política dos acordos MEC-USAID para fins profissionalizantes e que hoje é uma escola estadual, dita comum, na Cotia e que cuida da antiga 5ª série em diante.

Fica para a década de 80 a entrada no cenário educacional das 3 últimas criações do Estado mineiro: em 1985, a Escola Estadual Jorge Avelar, no bairro do Triângulo; - em 1986 – a Escola Estadual Zilah Rezende Pinto, hoje municipalizada. Fica atrás do Cemitério e até hoje no mesmo barracão original da Cohab, e por último em 1987 (não sei se coincidência ou não das prioridades ditas e proclamadas entre ensino regular e ensino especial), a Escola Estadual Santa Teresa que funciona acoplada à APAE e é uma escola especial no Bairro de São Conrado.

Destes tempos para cá, exatamente 25 anos o Estado não mais cuidou de criar novas escolas e novos tempos. É problema de prefeituras diz a lei e as já existentes devagarzinho estão vindo para o poder municipal, inclusive as únicas duas rurais mantidas pelo Estado: a Flora (que tem um bonito nome, mas depois substituído politicamente pelo nome do pai do governador da

época e virou Renato Azeredo); e a Coimbra – na Serra das Abelhas e que por enquanto não achou guarida em nenhum nome de gente ilustre pelas bandas de cá ou de lá.

É esta a história do contexto no mapa de Três Corações, não apenas geográfico, mas social, cultural, político e econômico.

Cada cantinho aberto para se fazer escola, promover educação tem ares próprios neste denominador comum danado de grande: em cada clique que se fizer neste texto eletrônico, o sabor e o saber local estarão postos, contando um pouco de quem faz o momento e o lugar. Histórias que tem a ver com a mineiridade, com o bairro, com o nome do dono e o porquê das homenagens aos patronos ilustres que viraram nome de escola.

É esta a história do chão e do céu escolar em Três Corações.

Único jeito de contar? Claro que não.

São formatações de sentimento de mundo, não apenas de ótica e de olhar próprio.

Esparrama-se a cidade e cada bairro vai ganhando identidade neste chão dos corações.

(LINK – COM O MAPA DA CIDADE E CLICANDO APARECE CADA ESCOLA NO RESPECTIVO BAIRRO, RUA , FOTO DA ESCOLA E UM RÁPIDO HISTÓRICO DE CADA UMA DAS ESCOLAS)

São braços que se abrem, pontos que se destacam no mapa urbano da cidade. Primeiro aqui, depois ali... clientelas de médio para baixo poder aquisitivo.

A história continua e a cidade cresce.

As periferias incham, fazendo novos contornos e o que vem depois são as escolas municipais, num movimento significativo que as deslocam do rural para o urbano. Êxodo ainda não validado por tantos problemas, explicações e valores.

O fato é que o mapa de Três Corações tem hoje esta configuração e é neste terreno, que pincéis, linhas e tintas tramam.

São historias com denominador comum e traços diferentes. É só ir conferindo uma a uma.

ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR FONSECA

(LINKAR IMAGENS DA ESCOLA)

Criada pela lei 05.517 de 02/09/70 como Escola Primária e transformada em Grupo Escolar pelo Decreto-Lei nº13.317 de 11/01/71 por ato do Sr. Governador do Estado de Minas Gerais, Israel Pinheiro da Silva e tendo como Secretário do Estado da Educação, o Sr. Heráclito Mourão de Miranda.

Sua ata de instalação foi lavrada dia 23/09/1970 e seu prédio próprio foi inaugurado no dia 12/06/1978 pelo Governador Aureliano Chaves.

Seu endereço atual localiza-se à Rua C nº 103- bairro Nossa Senhora Aparecida – CEP-37410.000- Três Corações - MG

Alguns dados de identificação:

Telefone: XX-35-3232-1825

CGC da Caixa Escolar 193632221/0001-68 e pertence à Jurisdição da 41ª Superintendência Regional de Ensino de Varginha.

A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca trabalha com os anos iniciais do Ensino Fundamental e desde o ano de 2000, fez opção no sistema estadual de ensino pela organização do tempo escolar em Ciclos. Desta forma trabalha com os 3 anos do Ciclo Básico e com o primeiro ano do Ciclo Intermediário, correspondentes às 4 séries iniciais do regime seriado.

Na introdução do seu PDE, está escrito: *"a escola tornou-se muito mais do que um pólo educacional e caracterizou a oportunidade de ascenção e desenvolvimento de alunos, cujos pais, depositaram na Escola toda credibilidade. (...) A escola se propõe a participar ativamente desse projeto educativo, onde o seu papel será o de conscientizar, resgatar, amenizando assim a carência cultural e intelectual. Cabe à Escola através da ajuda mútua e cooperativa, alcançar o objetivo principal: o aluno na sociedade ajudando-o a desenvolver as suas potencialidades como pessoa humana e cidadã, proporcionando-lhe um ensino de qualidade, tornando o aluno um sujeito questionador, crítico e politizado. Para isso a Escola procurará abraçar a modernidade através do gerenciamento colegiado (direção e colegiado) atuando com base na autonomia financeira, elaborando o seu PDE dentro da realidade, na comunidade na qual está inserida."*

Possui 8 salas de aula e tem capacidade para atender 600 alunos em dois turnos diurnos. A área do terreno é de 3.352 m2 sendo 650 m2 de área construída, ficando uma área livre de 2702 m2.

Possui também: sala de arquivo, depósito, dispensa, diretoria, secretaria, biblioteca e sala de professores, 2 sanitários para alunos, 1 sanitário para professores, 1 cozinha e 1 refeitório.

O mobiliário está em bom estado de conservação e tem arquivos de aço, armários de madeira, etc.

Como recursos tecnológicos conta com: 03 máquinas de escrever e um nostálgico mimeógrafo em pleno funcionamento, que testemunham ainda um passado existente. Possui também um computador com impressora comprado através de campanhas de mobilização de recursos próprios...

A clientela atendida pela escola é de nível sócio-econômico baixo. O fluxo escolar retratado na introdução do seu PDE é o seguinte: em

- matrícula inicial: 466
- matrícula final: 426
- taxa de evasão: 6%
- número de alunos transferidos: 34

Ao analisar a evasão escolar, o estudo das causas revelou o seguinte:

- *"falta de assistência familiar*
- *mudaram sem transferência*
- *sem motivos justificados*
- *doenças"*

Em termos de Recursos Humanos a escola conta com: corpo docente de 16 professores, sendo que apenas 3 possuem magistério em nível médio e os demais todos com curso superior com habilitação em Pedagogia, Matemática, História ou Estudos Sociais.

Conta também com uma diretora provida em forma de seleção competitiva interna (eleição) conforme normas do sistema estadual de ensino e uma vice diretora escolhida pela chapa vencedora em questão. Possui também 2 supervisoras escolares habilitadas, 3 funcionários na secretaria e 7 auxiliares de serviços gerais.

Os pontos fortes diagnosticados pela escola em seu PDE dizem respeito ao *acervo didático e pedagógico, à Biblioteca, a Merenda escolar de boa qualidade, à limpeza do ambiente*

escolar, aos aspectos administrativos bem organizados embora não informatizados, ao colegiado atuante, aos aspectos financeiros que são repassados pelo Estado e à distribuição de material escolar gratuito".

Como pontos fracos, o texto diz: *"A escola é uma instituição aberta, só que não conta com a participação da Comunidade nas questões pedagógicas, administrativas e financeiras".* O interessante é que este parágrafo está contido na parte dos pontos fortes, quando enfatiza que a escola é aberta, mas que....

Outros pontos fracos são os seguintes, de acordo com o texto do PDE:

- *"falta de preparo e comprometimento de alguns professores*
- *baixo rendimento em Português;*
- *falta de interesse dos pais em acompanhar a vida escolar dos filhos;*
- *trabalho pouco estimulante;*
- *falta de interesse dos alunos;*
- *falta de material para leitura em casa;falta de material diversificado*
- *falta de um palco*
- *falta de uma infraestrutura para água da chuva*
- *terminar a quadra esportiva"*

A partir deste diagnóstico, a escola se propõe em seu PDE a um trabalho articulado sobre os pontos de estrangulamento detectados nas seguintes prioridades:

- *"baixo rendimento em Português e na qualidade da aprendizagem;*
- *baixo rendimento dos alunos em leitura, escrita, interpretação, compreensão e produção de textos;*
- *baixo rendimento dos alunos para usar o raciocínio lógico;*
- *pouca participação dos pais na escola;*
- *baixo nível sócio-economico do pessoal discente;*
- *falta de infraestrutura para comportar águas pluviais*
- *falta de um palco".*

O PDE abre então para objetivos em cada uma destas partes e estabelece Metas ou Resultados esperados para até 2004

Todas estas informações estão contidas no Histórico e Introdução do Regimento Escolar e completadas com os dados da Introdução do Plano de Desenvolvimento da Escola, vigente no período em análise.

A Escola no período de 1997 a 2000, desenvolveu várias atividades extra-classe em termos de comemorações, exposições, feiras e projetos. Alguns destes exemplos podem ser contemplados na exposição de fotos da escola.

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR FRANCO DA ROSA

(LINKAR IMAGENS DA ESCOLA)

A escola foi criada pelo Decreto 8179 de 22 de fevereiro de 1965 com a denominação de "Professor Franco da Rosa, no Bairro da Vila Gessé em Três Corações, sendo governador de Estado, o Dr. José de Magalhães Pinto e Prefeito municipal o sr. José Alves Pereira Sobrinho.

O prédio da escola foi cedido até final de 1970 para a Escola Estadual 'Luiza Gomes de Lemos", que aguardava construção do prédio próprio.

Instalada em 4 de março de 1968, a escola funcionou no prédio do Lar Cristo Rei, devido a ampliação e reforma pela CARPE. Era prefeito nesta época, o Sr. Orlando Rezende Andrade.

Está localizada à Rua Francisco Xavier nº 143. Conta atualmente com 35 funcionários, sendo: 1 diretor, um vice-diretor, 2 supervisores, 16 professores, 2 eventuais, 3 auxiliares de educação, 6 serviçais e 1 professor de Educação Religiosa e 1 de Educação Física.

Em sua introdução no Regimento, diz: *"atende alunos de todas as camadas sociais, havendo portanto uma pluralidade cultural em sua comunidade escolar. Recebe alunos de todos os bairros inclusive da zona rural do município e também de outros estados brasileiros, devido a existência de unidade militar na cidade, algumas indústrias e instituições bancárias."*

Na mesma introdução, o parágrafo seguinte, privilegia a idéia de estar atendendo uma clientela de nível sócio-econômico baixo. Ele diz: *"O funcionamento da escola se dá em dois turnos com 9 turmas em cada turno, num total de aproximadamente 664 alunos provenientes das camadas sociais de classe média baixa"*

No Plano de Desenvolvimento da Escola – alguns dados poderão ser completados. Como Missão da Escola, diz: *"Somos unidos por um mesmo objetivo. Fornecer aos nossos alunos, ensino de qualidade, para que sejam cidadãos críticos, participativos e capazes de inserir na sociedade* e no trabalho".

Como Pontos Fortes que possui no Diagnóstico feito, destacam-se: corpo docente experiente e compromissado, bom relacionamento humano, interesse dos professores em se atualizar, liderança da diretora, ambiente agradável, boa organização e colegiado atuante.

Os Pontos Fracos são assim colocados: classes superlotadas, falta de participação dos pais, necessidade de mais recursos humanos, materiais e de horário para reunião de supervisoras com os professores.

A partir deste Diagnóstico, as seguintes prioridades foram escolhidas: trabalho com os pais, com a disciplina escolar e providencias para melhoria dos recursos fisicos e materiais e humanos.

O Plano de Desenvolvimento desenvolve então Metas, Ações com respectivo Cronograma de trabalho.

No periodo de 1997 a 2000, a Escola desenvolveu projetos interessantes de trabalho. Financiado pela Secretaria do Estado da Educação, a escola desenvolveu um projeto de Educação Musical em convênio com o Conservatório de Música de Varginha, cidade vizinha.

Trabalho intensivo também com alunos com dificuldades de aprendizagem, através do pagamento de professor recuperador que em outro turno de atividade desenvolve ações pedagógicas com os alunos que apresentam problemas em alfabetização, leitura e raciocínio lógico.

A escola possui também um bom trabalho com a comunidade, contando com participação expressiva. Muitas turmas promovem projetos escolares: Horta Escolar, Bandinha, Feiras e Exposições.

Os professores desenvolvem programas de estudo e atualização e no ano de 2000 fizeram um curso de Teatro e Expressão Artística. Todos estes eventos estão retratados em uma seleção de fotos fornecida pela escola.

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR CLÓVIS SALGADO

(LINKAR IMAGENS DA ESCOLA)

Diz a introdução do regimento escolar: "*A Escola Estadual Professor Clóvis Salgado foi criada em 08 de junho de 1955, decreto de criação nº 4386 de 28 de dezembro de 1954, sendo o governador do Estado na época o Dr. José Francisco Bias Fortes.*

A escola iniciou suas atividades em prédio alugado, localizado à rua Cabo Benedito Alves nº 305, Bairro Cotia na cidade de Três Corações, por um período de cinco anos.

No dia 25 de janeiro de 1959, foi inaugurado o novo prédio, à Rua São Gabriel no mesmo bairro. O prefeito da época era o Sr. Américo Dias Pereira, o Presidente da Câmara o Sr. Isidoro Meireles e o Secretário de Estado da Educação o Sr. Clóvis Salgado (...).

No ano de 1989, foi concluída a reforma e ampliação do prédio, sendo governador o Sr. Newton Cardoso, e o Sr. Aloísio Teixeira Garcia era o Secretário Estadual de Educação e o sr. Milton Gabriel Mendes o prefeito municipal. Esta reforma contou também com a ajuda do Sr. Deputado Jorge Gibram e a Associação de Moradores do bairro, aumentando consideravelmente a sua capacidade física.

A escola conta hoje com 11 salas de aula, e salas para direção, orientação, supervisão, secretaria, consultório odontológico, dois depósitos, cantina conjugada com cozinha, muitas instalações sanitárias e três pátios.

Na década de 1990, a escola contou com a parceria e auxílio da Firma TRW que atualmente ocupa o pavilhão externo para treinamento de seus operários. A firma auxiliou na construção da Biblioteca, de uma sala de aula para trabalhos manuais, instalou-se um "play-ground" e todos os pátios de recreação receberam pavimentação Atualmente a classificação tipológica da Escola é R020B2 e funciona com 14 turmas diurnas com 464 alunos e com os seguintes recursos humanos: 1 diretora, 15 professores efetivos, 3 professores designados (no conjunto dos docentes, apenas 2 não possuem curso superior), 2 especialistas, 1 auxiliar de educação, 5 ajudantes de serviços gerais. A partir de 2000, a escola optou pelo Regime de Ciclos e oferece os 3 anos do Ciclo Básico e o primeiro ano do Ciclo Intermediário e possui uma capacidade para atender 660 alunos.

A escola possui também mobiliário escolar, arquivos, armários, televisores, aparelho de som, geladeiras, freezer e outros aparelhos necessários ao seu funcionamento. Tem também um micro computador e duas impressoras.

Na introdução do seu PDE, o texto escrito é semelhante ao da Escola Estadual Monsenhor Fonseca e também afirma textualmente:

"*"a escola tornou-se muito mais do que um pólo educacional e caracterizou a oportunidade de ascenção e desenvolvimento de alunos, cujos pais, depositaram na Escola toda credibilidade. (...) A escola se propõe a participar ativamente desse projeto educativo, onde o seu papel será o de conscientizar, resgatar, amenizando assim a carência cultural e intelectual. Cabe à Escola através da ajuda mútua e cooperativa, alcançar o objetivo principal: o aluno na sociedade ajudando-o a desenvolver as suas potencialidades como pessoa humana e cidadã, proporcionando-lhe um ensino de qualidade, tornando o aluno um sujeito questionador, crítico e politizado. Para isso a Escola procurará abraçar a modernidade através do gerenciamento colegiado (direção e colegiado) atuando com base na autonomia financeira, elaborando o seu PDE dentro da realidade, na comunidade na qual está inserida."*

Consolida no item Missão da Escola, o seu pensamento, dizendo: *"ensino de qualidade para formar um aluno crítico e participativo na sociedade e professores competentes e atualizados com consciência de sua missão"*.

Apresenta um retrato do seu fluxo escolar, tomando como ano base o de 1999:

- Matrícula inicial: 464
- Matrícula final: 405
- Alunos evadidos: 14
- Alunos transferidos: 45
- Número de alunos retidos: 08
- Porcentagem de aprovados: 98,02%
- Porcentagem de reprovados: 1,97%

O mesmo PDE faz uma análise deste Fluxo e constata que:

- há um número grande de evadidos e transferidos por motivos sociais e econômicos, alheios à escola;
- a taxa de repetência é baixa e só ocorre ao final do 4° ano, devido ao sistema de ciclos;

- o índice de evasão diminuiu em função também de um trabalho de conscientização com os pais;
- existe uma defasagem série/idade proveniente de alunos oriundos da zona rural que já chegam à escola com idade acima da prevista.

Quanto ao desempenho dos alunos, o PDE diz o seguinte:

" Evidenciamos através da análise dos resultados do rendimento dos alunos, que a área de risco dos alunos matriculados no 4º ano é de médio risco, ocasionada por diversos fatores como:

- *alunos que com defasagem de idade em séries iniciais, não tinham concluído o período de alfabetização e que foram acelerados para as quartas séries;*
- *falta de hábito de leitura, escrita, compreensão, interpretação e produção de textos;*
- *alunos prejudicados pela infrequencia às aulas;*
- *infraestrutura familiar;*
- *alunos que não se adaptam à escola;*
- *às vezes, sem motivos justificados."*

Quanto ao índice de evasão, o texto diz o seguinte: " *o índice de evasão por série é pequeno ocorrendo na camada mais baixa da clientela e quase sempre sem justificativas, seguido pelo motivo de morarem longe e não ter como se locomover até à escola."*

A partir do diagnóstico da escola, problemas são detectados e prioridades são assinaladas:

- *índice regular de evasão;*
- *dificuldade dos alunos em linguagem e raciocínio;*
- *baixo nível sócio econômico do corpo discente*
- *falta de mobiliário escolar*
- *falta de cobertura na quadra de esportes e de reparos na construção da escola;*
- *instalação de ventiladores de teto*
- *construção de palco;*
- *iluminação para os pátios*
- *aquisição de mais computadores;*
- *assinatura de jornais e revistas;*
- *necessidade de atualização para todos os recursos humanos da escola;*

- *falta de apoio e presença dos pais na escola;*
- *necessidade de apoio pedagógico do colegiado da escola"*

Os projetos desenvolvidos pela escola no período de 1997 a 2000 contemplam uma série de prioridades detectadas. A escola programa comemorações em todas as datas, exposições, Teatros, Oficina da Fantasia, Feira do Livro, entre outras, oportunizando a professores e alunos uma participação expressiva.

Existe também um bom trabalho feito com pais e comunidade e principalmente a partir do ano 2000, a escola mudou de cara, desde a fachada do prédio, como também através de iniciativas contemplando as dificuldades de aprendizagem e o estudo de professores. As fotos fornecidas pela escola, foram uma escolha síntese de todo um arsenal de documentação dos eventos escolares.

ESCOLA ESTADUAL "OLÍMPIA DE BRITO"

(LINKAR IMAGENS DA ESCOLA)

No Histórico do Regimento Escolar está escrito: *"foi criada por ato do Exmo. Sr. Dr. José de Magalhães Pinto, com a denominação de Grupo Escolar "Olimpia de Brito", conforme decreto 8233 de 23 de março de 1965, conforme publicação no Minas Gerais, sendo secretário de Educação o Exmo. Sr. Dr. Antonio Aureliano Chaves de Mendonça.*

Foi instalada de acordo com autorização do Sr. Secretário de Educação, datada de 1º de maio de 1965 em 5 de maio de 1965.(...)

Em 14 de maio de 1965 foi instalado o curso noturno no Grupo Escolar que passou a funcionar para atender a população adulta do bairro, que não teve oportunidade de estudar.

Em fevereiro de 1967, para atender a demanda de matricula na cidade, funcionou com 9 (nove) classes no prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Três Corações, que nesta época se achava em fase de organização.

Em fevereiro de 1968, as 9 (nove) classes excedentes foram formar o Grupo Escolar "Franco da Rosa", situado na parte alta da cidade.

Sendo uma construção pré-fabricada de estrutura metálica, com duração para 5 anos, teve necessidade de ser substituido por uma nova construção.

Em 1975, concluida a nova construção, com muito conforto, constando de 8 salas de aula e demais dependências, e com o nome de Escola Estadual "Olímpia de Brito" de 1º grau passou a funcionar no novo prédio à Avenida Duque de Caxias, s n. no bairro de Santa Teresa em Três Corações.

Em 1986 para atender a demanda de alunos foram construídas pela Prefeitura Municipal mais 2 salas de aula e a Escola passou a funcionar com 16 turmas de 1ª a 4ª séries e turmas de pré-escolar. Em 1990, foram construídas em convenio com Prefeitura e Estado, mais uma sala destinada a Biblioteca. Em 16 09 94, foi aprovado pela Secretaria do Estado da Educação, Resolução 7529 94, extensão de séries, autorizando o funcionamento gradativo de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental."

No início do ano 2000, a escola foi praticamente devastada pelas enchentes de janeiro e teve que ser transferida provisoriamente para o centro da cidade em local alugado. Durante 6

meses, o Estado fez a reforma no prédio original e no segundo semestre do mesmo ano, voltou ao prédio totalmente restaurado.

Os prejuízos materiais causados pelas enchentes não se limitaram a perdas físicas. O acervo da escola foi bastante danificado e em termos de escrituração escolar e arquivos praticamente perdeu tudo. A memória da escola para pesquisa ficou restrita aos livros de atas a partir de 2000. Apenas alguns livros foram resgatados, mas na sua maioria o prejuízo histórico foi expressivo.

A escola no ano 2000 optou pelo regime de Ciclos na organização do tempo escolar e possui hoje 20 turmas do Ciclo Básico ao Avançado, funcionando em dois turnos diurnos.

No fluxo escolar retratado em seu PDE demonstra que:

- Matrícula inicial: 759
- Matrícula final: 694
- Taxa de evasão: 2,6%
- Número de alunos transferidos: 45

O perfil da clientela atendida está explicado na Introdução de seu Regimento escolar:

"Atendendo alunos provenientes das camadas sociais de classe média e baixa, havendo portanto uma pluralidade cultural em sua comunidade escolar. Recebe alunos de todos os bairros inclusive da zona rural do município e também de outros estados brasileiros, devido a existência de unidade militar na cidade, algumas indústrias e instituições bancárias."

Neste Plano de Desenvolvimento, a escola não faz nenhuma análise do fluxo, mas os motivos explicados oralmente, não fogem da cultura escolar sacramentada: nível sócio-econômico, desinteresse da família, necessidade de trabalho para o aluno em idade precoce, etc.

A escola esclarece também no Plano de Desenvolvimento, a sua Missão consolidada nos seguintes termos:

"Os valores que exploramos são os que formam o cidadão crítico e criativo, capaz de exercer plenamente a sua cidadania. Nossa escola cumpre o que é determinado, de acordo com os meios disponíveis, buscando sempre a construção do saber transformador. Achamos que o aprendizado importante para o aluno atual é o trabalho inovador: realidade mais atualização. Estamos vivenciando a humanização, a época onde o homem é parte integrante da sociedade, buscando seus valores."

No tocante aos Pontos Fracos de seu desempenho, a Escola Estadual Olímpia de Brito, destaca o seguinte: carência de recursos financeiros e de infraestrutura física melhor adequada; ausência de participação dos pais na vida escolar e falta de sensibilidade do governo para atender às necessidades da escola.

Contrapondo estas carências, a Escola Estadual Olímpia de Brito, analisa como pontos fortes de sua realidade: alto gabarito do corpo docente, liderança da direção, bom relacionamento humano na escola e colegiado atuante e participativo.

A partir deste retrato exposto, o Plano de Desenvolvimento da Escola, elege como prioridades: a integração das famílias com a escola; - a necessidade de professores especializados para os anos iniciais do ensino fundamental; - a aquisição de mais livros e equipamentos; - o baixo rendimento dos alunos em Português e Matemática e a melhoria de sua rede física.

No período de 1997 a 2000 a escola desenvolveu uma série de projetos, muitos deles documentados com fotos e planejamentos. Podem-se destacar: Água nossa de cada dia, Mutirão da Limpeza, Conhecendo Três Corações, Brasil 500 anos, Jornal Legal, Solidariedade, Dominando a Linguagem oral e escrita com arte e criatividade entre outros. As fotos escolhidas, dentre muitas do acervo resgatado, contam um pouco desta história de espontaneidade.

ESCOLA ESTADUAL "BUENO BRANDÃO"

(LINKAR IMAGENS DA ESCOLA)

A Escola foi fundada em 24 de maio de 1909 e regulamentada pelo decreto 2543 de 25/09/1909 do Governo do então Presidente de Minas Gerais, Dr. Júlio Bueno Brandão.

O texto do Histórico do Regimento Escolar, continua dizendo: "Inicialmente funcionou um casarão situado à Av. Getúlio Vargas no centro. (...) Seu prédio próprio hoje, situa-se à Rua Barão do Rio Branco, nº 174 tendo sua construção iniciada em 1926 e concluída em 1930 no governo do Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Em 1963 sofreu sua primeira reforma no Governo do Dr.José de Magalhães Pinto. Vinte anos depois, em outubro de 1983 foi novamente reformado e ampliado com obras concluídas em 1984.

Atualmente a Escola Estadual Bueno Brandão conta com mais de 1000 alunos, 70 funcionários e 32 turmas distribuídas em dois turnos diurnos.

O Regimento Escolar no tópico – Identificação diz: "*Atende alunos de todas as camadas sociais, havendo portanto uma pluralidade cultural em sua comunidade escolar. Recebe alunos oriundos de escolas particulares, da zona rural do município e de outros Estados brasileiros devido a existência de unidade militar, de algumas indústrias e instituições bancárias na cidade*"

No tocante à clientela, o Fluxo escolar explicitado no seu PDE, completa:

- Matrícula inicial 999
- Matrícula final: 1005
- Taxa de evasão: 0
- Número de alunos transferidos: 29

(Este parágrafo, com pequenas alterações consta também da Identificação das Escolas Olímpia de Brito e Franco da Rosa)

No seu Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE, a Missão explicitada é a seguinte: "*A escola que pretendemos para nossa comunidade é a escola crítica, criativa e de qualidade, espaço de cultura e de conhecimento, capaz de formar o cidadão crítico e consciente, transformador da realidade em que vive. Cabe a ela contribuir para a formação da cidadania, apresentar soluções para os problemas fundamentais da sociedade, planejar, executar e avaliar a prática educativa. Cabe à escola também zelar pelo bom relacionamento entre as pessoas e os*

grupos, valorizar as relações interpessoais, repensar a atuação dos educadores e a democratização do saber".

Em seu Diagnóstico, a Escola detecta os principais problemas e dificuldades:

- valores e normas da própria sociedade fragilizados;
- pouca participação dos pais (falta um horário para atendimento dos pais na escola);
- controle à violência e à agressividade;
- dificuldade dos pais para compreender a nova metodologia da Matemática no programa de MG, as mudanças no sistema de avaliação descritiva, a quantidade de deveres para casa, etc;
- carências na Biblioteca escolar ;
- ausência de programações culturais na escola;
- necessidade de criação de um jornal escolar;
- necessidade de professores especializados;
- pequenos reparos e reformas na rede física;
- necessidade de aprofundamento em questões pedagógicas e psicológicas no estudo com professores;
- atendimento escolar na área de saúde precário;
- necessidade de mais recursos financeiros;
- informática na escola para os alunos;
- escassez de vaga na escola devido ao zoneamento.

Todos estes itens listados como prioridades, foram colocados no quadro de um Plano de Ação, com objetivos especificados e Metas determinadas até o ano de 2004.

No período de 1997 a 2000, os projetos escolares têm acontecido de maneira expressiva: feiras, exposições, resgates de memória da escola mais antiga da cidade, semanas literárias, e outras atividades mais.

ESCOLA ESTADUAL JORGE AVELLAR NETO

(LINKAR IMAGENS DA ESCOLA)

A Escola Estadual Jorge Avellar Neto, localiza-se na Rua Juscelino Kubitscheck, nº 155 , oficialmente considerada como Chácara das Rosas, embora popularmente explicada como sendo lá no dito Bairro do Triângulo, pois acaba por atender de forma mais especifica este bairro. Recebe também alunos de outros bairros pois possui capacidade ociosa, considerando apenas o alunado do bairro.

Na Introdução do seu Regimento, explicita um pouco do seu Histórico: foi criada em 1985 e recebeu autorização de funcionamento neste mesmo ano, sendo governador do estado o Sr. Hélio Garcia.

Diferentemente das demais, funcionou em prédio próprio desde o início e tem uma infraestrutura boa e moderna, com 6 salas de aula, e com outras salas para funcionamento administrativo e pedagógico.

Diz também que o nome da escola é uma homenagem a um ilustre radialista e jornalista tricordiano que sempre foi um incentivador da Educação e da cultura de sua terra natal.

Está escrito em seu PDE, que a Missão da Escola é a de *"ser uma escola de renovação pedagógica onde os valores e princípios devem ser questionados para uma ação pedagógica competente e comprometida, direcionada a uma sociedade mais justa e de melhor qualidade de vida para todos. Uma escola crítica e criativa em que o aluno tenha sucesso no seu processo de aprendizagem e seja feliz para desenvolver e crescer. Uma escola onde os alunos possam ser sujeitos interativos nos processos de ensino e aprendizagem, independente do seu nível social, devem ser continuamente valorizados e estimulados segundo suas potencialidades e habilidades"*.

Estabelece como Prioridades no seu Plano de Desenvolvimento:

- "Baixo rendimento dos alunos em Português; (entende-se que é para combater esta lacuna)
- Participação dos pais na vida escolar;
- Tornar a escola mais atrativa;
- Atualização dos professores.

O Plano dai descreve os Objetivos, Metas e Ações todos pautados nos Pontos Fortes e Fracos que foram descritos no Diagnóstico. No tocante aos Pontos Fortes, dá um destaque: que a escola foi o primeiro lugar na avaliação sistêmica em 1992,1994 e 1996. Nos pontos fracos diz que encontra resistência nos professores para mudanças, localização da escola que é de difícil acesso, ausência dos pais na escola e baixo rendimento escolar em linguagem oral e escrita.

São pontos que deixam interrogações quanto a um perfil da escola e que mesmo sendo perguntados quando das entrevistas ao vivo, não foram explicados pois com a troca de diretores, hoje uma coordenadora, a escola continua se desenhando e lutando para uma sobrevivência, pois a capacidade ociosa aumenta a cada dia.

Não se discutem aqui as diferentes interpretações quanto a este perfil. Registros diferentes, vozes diferentes e o desafio da escola em aberto.

A escola não possui acervo de fotos das comemorações e festividades que desenvolve. A coleção de fotos representativa da escola, foi obtida em visitas ao cotidiano da escola.

Notas

Obs: foram consultados todas as fontes documentais das referidas escolas. Nas informações referentes à cidade de Três Corações foram consultados os acervos da Casa da Cultura Godofredo Rangel.

ESPAÇO ABERTO PARA NOVAS INFORMAÇÕES PARA CADA HISTÓRIA E CONTEXTO DAS ESCOLAS DE TRES CORAÇÕES E DA CIDADE.

ENVIE A SUA CONTRIBUIÇÃO

... *O CADA DIA DA NOSSA ESCOLA*

Costurando/descosturando o *regular*

Chegar na escola, estar na escola, fazer escola.

Mergulhar no cotidiano escolar.

Fogo cruzado, terreno minado, solo fértil, campo de lutas, consensos, acordos e desacordos. Isso tudo e mais que isso.

Micros e macro textos, discursos que se entranham e acontecem em cada sala de aula, nos corredores, pátios, ambientes burocráticos, administrativos e pedagógicos.

Eles se revestem de sentido e significado que não existem decretados, anteriores às vivências, mas se fazem na trama das relações, nas redes e sistemas que vão sendo desenhados. Trazem à tona marcas, sinais, significados. Há toda uma linguagem nos espaços escolares, nos tempos programados, vividos e até mesmo perdidos.

São estéticas em movimento. São rostos que falam, expressões nos símbolos, convenções e códigos combinados. Tanto a escutar, a falar, a expressar e a prosear. (1)

(LINKAR IMAGENS DO COTIDIANO ESCOLAR)

É a escola se fazendo, inventando, ensaiando.

O prédio acolhe, recolhe e espalha, ou até exclui: são sinais, são movimentos que muitas vezes se perdem no discurso silencioso de uma regularidade adotada e tantas vezes irregular.

A organização pedagógica discursa, explicita, possibilita: classifica alunos, papéis,documentos, planos, faz intervenções, fica omissa, deixa acontecer. Adota programas, segue parâmetros, controla os tempos, decreta o que está ou nem pode acontecer.

O administrativo também ecoa: marca presença, distribui poderes legais e não legais, divide o trabalho, decreta funções, assume papéis e não papéis. Hierarquias e competências se desenham, pedem passagem, aguardam ou avançam.

Existe uma lógica nos modelos adotados, caudatários de legislações, de paradigmas exaustos. Existem formas de sobrevivência neste ritual sentenciado, nestes espaços sempre abertos embora nem sempre percebidos. Desvelar ajuda a minimizar os efeitos devastadores de padronizações entronizadas e principalmente das estruturas excludentes que não cabem no que é considerado *regular*.

Extrair sentidos, abrir as portas da representação, perceber estratégias dos lugares eternizados, apreender os vôos do impreciso, do indeterminado, são formas de ressignificar uma escola dita para todos, mas longe de oportunizar esta oferta.

Enxergando o dia a dia escolar, como algo não eterno, não natural, ganha-se uma dimensão fundante da existência em processo. Isto só é possível, na medida em que as interações entre as pessoas estejam sendo identificadas e incentivadas.

Tudo isto vai revelando o que, quem, quando, onde, como, porque o para que, em relação à pessoas, instituições, projetos de vida., espaços abertos em contínua mutação, permitindo diferentes registros, leituras, representações e significados em movimento.

Reino da diversidade por excelência, é lugar de todos, e este todos permanece como abstração, na medida em que as práticas de homogeneização, padronização e modelização continuam insistentes, para garantir a tão querida e sonhada regularidade.

Estar na escola, a escola nossa de cada dia, para mergulhar no cada dia da escola, é se dispor a conversar com o cotidiano, descobrindo a atividade criadora dos *viajantes do ordinário*, e colocando em evidência as maneiras de fazer e só aí, elaborar uma primeira formalização teórica, coisa a que Certeau dava o nome de *formalidade das práticas*. (2)

Este olhar a partir da inspiração de Certeau, abre ares de espanto, de admiração, como bem caracteriza Fernando Pessoa (3):

"O meu olhar é nítido como um girassol,
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo".

Este olhar contraria toda a ênfase colocada pelos contornos do já dado, do massificado e de uma uniformização *a priori*. O *regular*, regula sim, mas não está engessado de forma fatal e imóvel.

Isto mantém a vida viva e nos faz ouvintes atentos, observadores curvados e circunspectos diante do barulho e do colorido da realidade. É preciso concordar mais uma vez com Certeau (4), quando diz que é necessário descobrir uma *ciência prática do singular*, captar ao vivo a multiplicidade das práticas e não sonhá-las ou abstraí-las.

As entrevistas foram feitas com professores e especialistas. Em cada uma das escolas do universo da pesquisa, seis a oito professoras foram ouvidas, selecionadas aleatoriamente, na medida em que se dispunham a conversar e estavam com horário disponível para a prosa.

A conversa aconteceu no próprio ambiente escolar. Bibliotecas, secretarias, salas dos especialistas, pátios com árvores floridas, bancos de jardim foram moldura para uma prosa de professor para professor, desabafo de experiências vividas, desafios que incomodam, horizontes perdidos neste tecido tão complicado do mundo atual.

Uma ênfase foi sempre destacada: a prosa é para tentar dar conta de entender o miúdo, o dia a dia. Não foram solicitadas explicações teóricas, defesas ou justificativas de postura, mas o sabor doce/amargo do estar na sala de aula.

Clima de final de ano, confiança na antiga professora (fui professora de quase todos os professores que existem nas escolas de Três Corações), e que neste momento como aprendiz da realidade, se coloca para escutar cada sala, cada tempo, cada pessoa.

Os relatos foram enriquecedores e permitem trazer vozes ao vivo, torná-las inteligíveis. Isto possibilita também admitir a fragilidade de pressupostos que esvaziam, porque decretam quando utilizados de forma apriorista, embaçando a vida e suas manifestações.

As entrevistas foram individuais, sem pressa, sem papel para inibir e sempre com a garantia de um anonimato, (todos os nomes utilizados no texto, são pseudônimos, para resguardar identidades) e principalmente com a valorização do saber singular que cada professor possui e que precisa ser conhecido.

A utilização de um pequeno gravador, sempre com o consentimento de cada entrevistado foi explicada como uma ajuda para a memória de resgate desses saberes para um texto do cotidiano que iria ser escrito.

Entrevistas semi-estruturadas (5)?

Sim e Não.

Havia uma vontade de perguntar os contornos do cotidiano de cada um, mas antes a prosa fluiu muito solta e sem uma ordem pré-fabricada.

Bom ? Ruim? Bom e ruim, com certeza.

Bom, porque não prejudicou a naturalidade das falas, o expressar de sentimentos.

Ruim, *pero non mucho*, porque o mosaico que se abriu e continua em aberto da imensa riqueza, fez com que estruturas e desestruturas continuamente se elaborassem no trabalho de análise.

Nesta hora, a ajuda do olhar de Certeau se fez sentir mais uma vez (6), quando ele lembra o perigo de ir para a pesquisa de campo e se decepcionar com ela, achar tudo muito trivial e óbvio.

Pode até mesmo acontecer como lembra, Certeau, do pesquisador achar que o trivial está contra ele, não ajudando a clarear as coisas. O medo até mesmo das contradições contrariarem!!!

Mas o mosaico é rico demais, se o olhar da diversidade percorrer detalhes, entender contornos, entrever padrões não decretados, mas posturas construídas à luz de pensares e fazeres. Olhar com olhos de girassol, enfim!

Como peças de um quebra-cabeça, os elementos vão se encaixando e aí outro perigo assola: o ar morno de achar tudo resolvido, compreensível, explicado. O descanso de interpretações claras dura pouco, alerta ainda Certeau.

Algumas observações podem ainda ser feitas, antes da escuta das entrevistas:

- em primeiro lugar, a constatação de uma espontaneidade no desabafo de cada professora, quando solicitada a dar o seu testemunho do dia a dia, sem a preocupação de teorizar, ou de se batizar como tendência pedagógica X ou Y;
- em segundo lugar, o cotidiano da sala de aula se espraia muito mais na voz do professor, do que na do especialista, o supervisor ou o diretor. É a diferença do saber vivenciado, pois o professor está falando ***do*** lugar e não ***sobre o lugar***, com toda a densidade do estar e do ser.

As vozes dos professores

Quanto ao sentimento de mundo e visão dos alunos

Neste momento, a escuta é necessária, para ir começando a desenhar o miúdo, o cotidiano da escola de cada dia, para ir tentando puxar o fio de uma regularidade dita e assumida, que só começa a aparecer no meio da entrevista, após a conversa ter girado sobre os desafios, as dificuldades, a confusão do mundo atual, o aluno diferente que está chegando a cada dia e que não se sabe mais o que fazer.

Este é um consenso que aquece cada prosear de uma maneira incrível. A professora vai se sentindo mais segura, na medida em que se partilha com ela o espanto, um certo sentimento de impotência diante do mundo.

De início, todas as prosas ressaltam o sentimento da realidade em ventania: transformações aceleradas, valores em agitação, mudanças positivas e negativas e principalmente um espanto crônico, que faz na maioria das vezes, olhar para fora, como se tudo estivesse girando e a dificuldade que cada pessoa possui em se ver.

É mais fácil constatar as coisas do lado de fora. Neste sentido, em dezenove entrevistas, das vinte e oito realizadas, consideram que os alunos estão mais dificeis, agressivos, violentos, frutos de um contexto familiar desestruturado, carentes de respeito, desinteressados e com muito mais dificuldades no desempenho escolar.

Representativo destes pensares, o **depoimento de Edite diz:** *"eles são desinteressados, vêm na escola por vir, Não querem aprender. Junta o desinteresse das mães, que as vezes querem se livrar do filho e mandam para a escola"*.

Este quadro de opiniões, tem ainda aqueles (cinco pessoas apenas) que consideram que as mudanças de mundo possuem um componente negativo, na qual situam os mesmos traços apontados anteriormente, mas que a crise, conforme a própria etimologia da palavra possui valores muito bons, na medida em que estes alunos não são mais passivos, e querem mais e mais informações. Questionam e não aceitam ordens dadas de forma autoritária.

Cátia, assim se expressa: *"Os alunos estão meio perdidos na questão do limite e da família. Os papéis muito misturados e a gente nem sabe a quem recorrer, com quem conversar sobre a criança. Eles já chegam sozinhos, ou com pessoas que tomam conta deles que não são*

nem o pai nem a mãe. Por outro lado parece que já nascem falando. Eles tem mais recursos individuais, são mais independentes em determinadas coisas".

Finalmente, os últimos quatro depoimentos de professores, enfatizaram um otimismo crescente em relação ao perfil dos alunos ativos, que segundo eles representam um ganho na instituição escola, porque são interessados, realizadores e comprometidos.

Laís diz: *"Eu sou um pouco otimista. Sinto os alunos mais pra frentes. São mais atirados, mais participativos. Eles investigam mais, indagam mais. A gente como professor precisa entrar no nível do interesse deles. E aí é só puxar que eles vem".*

Quanto à organização do dia escolar

Alguns professores preferem iniciar o dia, atracando seu barco em portos seguros. **É o caso do depoimento de Maura**, que amarra o aqui e agora, no dia anterior, garantindo a seqüência formal do desenvolvimento pedagógico:

"Normalmente, eu começo com alguma atividade que ficou para terminar no dia anterior. A gente separa caderno e então eu distribuo aquele que vou utilizar, de acordo com o que eu vou priorizar".

Ainda dentro destes contornos formais, mas inventando o informal na seqüência, **Laura explica o seu jeito de abrir o dia:**

"Primeiro eu chego, converso, deixo eles colocarem como foi o dia deles ontem. Falo: hoje eu preparei isso, programei isso. Nós vamos fazer isso e deixo eles participarem: tem alguém de tem alguma coisa diferente que dá para encaixar aqui ou vai ter que deixar para a próxima aula".

Esta mesma preocupação com o informal, garantindo uma flexibilidade necessária, aparece na voz de vários professores.

Por exemplo, **Laís diz:**

"Não tem um jeito só. As vezes eu resolvo orar com eles, as vezes não. Outro dia começa com um assunto".

No mesmo rastro está o **depoimento de Vilma** que reafirma:

"Eu não tenho uma forma de trabalhar. A gente tem que saber o que você quer da criança, porque senão você se perde. Mas sempre assim, saiu alguma coisa diferente, eu aproveito aquilo. Eu sei o que tenho que trabalhar na terceira série. Surgiu algum assunto de interesse eu aproveito aquilo e focalizo o que eu tenho de trabalhar".

A preocupação em organizar o dia a dia desde o começo do horário escolar está também contaminada por pensares de uma lógica tradicional que articula hegemonias às Ciências exatas e portanto mais importantes. Demandam pois, maior concentração, seriedade e o melhor tempo de consumo das energias. Isto é ainda bastante presente nas crenças dos professores e está legitimado por fundamentações teóricas inclusive em teorias de aprendizagem lineares e não em redes de significado.

Esta postura comparece com a fala de **Edite, que afirma**:

"Eu sempre começo com a Matemática, porque eu acho que eles já vêm com a cabecinha mais fresquinha de casa. Então eu procuro, não é todos os dias, não, pra não ficar muito monótono. Eles já sabem que todo dia é matemática. Eu procuro começar mais com a matemática, porque depois do recreio eles ficam muito agitados, brincam muito, correm muito, vem muito suados e pra raciocinar é mais difícil.".

Crenças absolutas, mas nem tanto. Variações surgem por exemplo, quando a **professora Tatiana,** mesmo acreditando na cientificidade de que a Matemática é melhor no início, tenta mudar o ritual para não ficar enjoativo, preservando então outro valor importante para ela que é a atenção do aluno.

Senão vejamos:

"Eu gosto de começar com a matemática. Mas eu gosto de variar, porque senão fica enjoativo. Quando eu vou introduzir alguma coisa de matemática, porque eu acho que precisa mais de raciocínio, cabecinha fresca, eu dou no primeiro horário. Mas eu gosto de variar, não gosto de seguir horário não, porque senão fica aquela rotina. Ciências eles gostam muito, mas História e estudos sociais, não. Então a gente sempre tem que dar uma motivação maior".

Esta crença na hegemonia das disciplinas consideradas superiores, alarga-se também para o Português. As demais disciplinas são pó de arroz, enfeites ou maquiagens necessárias mas não são fundamentais para o bom desempenho escolar.

Marina é clara e irredutível quando diz:

"Eu divido o horário e no primeiro semestre só trabalho Português e Matemática, porque senão eles não aprendem. Tenho feito assim: dois dias para Português e três para Matemática de tão fracos que eles são".

O início do dia tem a ver também com a formatação de uma proposta de trabalho do professor. É aí que cenas do capítulo são anunciadas num prenúncio de estilo.

Toda a formação docente, pautou-se muitas vezes pelos bons manuais de Didática e Metodologia que sempre fazem questão de ensinar a fazer o planejamento diário. O plano de aula é "o" plano de aula : único, genérico e totalizante, como se ensinar fosse sinônimo de aprender, já que o dar aula é comum a todos os mortais presentes na sala de aula.

As estratégias engessantes começam a ser balançadas pela diversidade que está posta e que incendeia contornos rígidos.

Vários professores criam táticas próprias para dar conta do múltiplo, do diverso e da diferença.

Rosa diz: *"Eu faço assim: vou de carteira em carteira no geral. Vou detectando as falhas, o que eles tem e vou tentando agrupar e atendendo. Mas só que o tempo é pouco. Quando a gente vê o relógio, já passou".*

É o mesmo caso de Marly, que busca atender os alunos não de forma padronizada. Ela comenta: *"Eu dou um exercício. Eu vou corrigindo. Então, os que não fazem, eu vou ajudando, porque eu tenho aluno assim também. Eu ajudo, eu mostro como que eu quero, entendeu. Dou assistência individual, enquanto isso, os outros vão fazendo".*

Resistências a possíveis flexibilidades também aparecem. São tentativas de segurança, mudanças mais lentas, tentando não perder a muleta de apoio. Alguns professores até tentam dar em primeiro lugar o ritual fixo, a aula comum a todos.

Os dois depoimentos a seguir, ilustram bem esta tentativa de adaptação: *"Eu dou uma aula igual para todo mundo, mas tem acompanhamento separado. O que eu vou dar já sei, trago de casa. Não vou ter que mudar por causa do menino que não está com a aprendizagem. O que eu faço: sempre pego os outros que estão aprendendo melhor, porque não dá tempo pra eu atender os 40; um fica com o outro pra atender as necessidades daquele"*, **diz Lúcia.**

Helena explica sua tentativa de manter um roteiro, mas com aberturas de flexibilidade:

"Eu tenho um roteiro de trabalho e vou seguir aquele roteiro, em primeiro lugar. Então eu dou a minha aula, de acordo com o que está ali, no papel. Se eu observar que o aluno não aprendeu, eu procuro repetir novamente daquela forma. Porque as vezes naquela hora, ele está meio desligado. Se eu percebo que daquela segunda tentativa não foi possível, eu mudo o meu jeito de explicar, mudo o jeito de trabalhar. Se a aula foi expositiva, procuro fazer em equipe, procuro ir na carteira. Se mesmo assim não foi possível, eu trabalho de dois em dois. Então, eu vou jogando: dois a dois".

Medos também fazem recuos e voltas aos rituais mais fixos e tranquilos. Mexer com coletivos, grupos assustam muitos professores, que quando alteram, voltam aos costumes mais comportados e individuais.

Veja Joana, quando conta a sua história:

"A gente faz uma oração. O ano passado eu comecei com muita dinâmica: equipe, sala em circulo. Mas foi uma coisa que a gente vai vivendo e aprendendo. Uma sala com 38 alunos, era uma confusão. Fazia circulo e depois pra voltar? Achei que não foi legal. Então esse ano comecei de um outro jeito. Voltei as fileiras, quem tem problema de visão, fica na frente. Estou indo mais devagar, e depois que eles aprenderem a ouvir e a falar aí a gente vai pro grupo. Se você começa com grupo, eles acham que tudo é uma festa".

Nesta tentativa de atender diferenciado, ocorre também o perigo da discriminação e da seletividade. Crianças costumam perceber o perigo no ar. O jeito de falar da professora mostra toda a boa intenção em atender individualmente.

As maneiras de fazer, táticas, com certeza, podem contribuir para que novas maneiras possam ressuscitar práticas tão antigas quanto o próprio homem: rotulações entre fortes e fracos na sociedade desigual em que se vive.

Sandra explica este jeito de querer e de tentar dar conta da diversidade que a assusta tanto:

"Eu organizo assim tiro os que estão com mais dificuldade, vou na carteira, ponho separado. Tem criança na minha sala, que veio de outra sala, que entrou agora, no final do ano, que ta na cartilha ainda. Então eu vou lá, tomo a leitura, separado. É muita dificuldade, mas tem que fazer, porque eles não acompanham os outros e eu mando copiar, mando fazer exercícios, interpretação de textos mais simplezinhos, assim tem que fazer tudo à parte. É muito difícil".

É realmente muito complicado: individualizar sem usar o regulete, da regula, que regula e divide.

Tatiana até arrisca dizendo: *"O dia a dia é muito difícil. Não há remanejamento na escola. Quando sobra tempo você dá um acompanhamento individual. Aí tem sempre hora que eu dou uma atividade bem fácil, para todos não precisarem de ajuda, porque aí eu fico com outra atividade que mesmo mais fácil, pra alguns não é. Aí com eles é diferente: trabalho com massinha, recorte, até alfabetizar. Eu não sou muito construtivista não, eu jogo de tudo um pouquinho".*

O *regular* vem à tona em diferentes versões

- **no depoimento de Lúcia**, quando ela faz uma referência àqueles *"que estão aprendendo melhor"*. Percebe-se que estes são os *regulares*, os normais, os que estão contidos, e não há tempo e (nem espaço) para os que estão fora do contorno.

Este mesmo padrão insistente, **aparece na voz de *Rosa***, quando ela ao passar de carteira em carteira, vai tentando agrupar, referir-se a algo, um modelo X ou Y....enfim.

Igualmente, **Helena** vai fazer questão de ter um roteiro que vai ser dado e que é padrão de localização e de segurança. Qualquer não cumprimento do roteiro, há que se insistir, fazer de outro jeito, de outro, infinitos jeitos, mas sem afastar da curvatura do padrão.

Na voz de Marly, aparece também o padrão como pano de fundo: *"eu mostro como eu quero"*, é uma forma de garantir o *a priori*, o roteiro, o já decretado e necessário.

Mirtes, clareia um pouco mais este pensar: " *O meu trabalho é quase que igual, porque a gente tenta fazer que um aluno puxa o outro e geralmente não é a sala toda, é uma maioria muito boa, que eles se espelham neles".*

A metáfora do espelho é muito feliz para refletir a idéia do padrão.

Mirtes continua: *"na sala de aula, no dia a dia, quando você está trabalhando, eu tento fazer com que aqueles que são mais rápidos ajudem os mais lentos, para puxar igual".*

Este padrão pretendido, pode ainda ser identificado quando **Lúcia lembra,** que já traz pronto de casa, e que não dá para atender a todos os quarenta alunos, e o jeito é fazer um ficar com o outro para ver se atende as necessidades dos mais fracos.

Ainda a experiência de **Mariana, assinala que:**

"Os fracos ficam fazendo exercícios que eu trago no xérox. Não dá para acompanhar os outros. Agora os médios devem acompanhar os bons."

Contém e não contido.

Régula e não régula...

Os que estão fora da régula... são alguns...os especiais.

Dirce diz: *"Tenho alguns alunos que são especiais. São alunos que eu tenho que trabalhar separado."*

Até mesmo a inexistência de padrões, poderia ser entendida como uma forma de padronizar. Por exemplo, **quando Vilma explica que** *"não tenho uma forma de trabalhar"*, logo depois ela alinhava a regularidade pretendida e escondida, quando diz *"a gente tem que saber o que você quer da criança, porque senão você se perde"*. Com certeza, flexibilidades podem caracterizar inflexibilidades aprioristicas, com ares de voluntarismo ou espontaneismos consentidos.

Estas costuras existentes que legitimam pensares e fazeres torcem e retorcem até mesmo enquanto tentativas de participação coletiva. **Na voz de Laura,** há um "deixar participar", mas desde que se encaixe no que já está preparado. Se for diferente, *"vai ter que deixar para a próxima aula"*

Outro exemplo, aparece na voz de Joana, quando ela afirma, *"a gente está estabelecendo regras juntos"*. Mas logo à frente, ela diz: *"eu estou indo mais devagar, porque depois que eles tiverem aquela rotina, aquele hábito, aquele aprender a ouvir, aprender a falar, aí a gente vai pro grupo."*

Este *"aí vai pro grupo"*, aparece portanto, como um produto a se esperar e não como um processo a se viver. Esta ficção é bastante comum na vivência mecânica das abstrações que se confirmam como hábitos já decretados.

A construção de regras vira uma ilusão, e vai ser palco de cobranças externas e não de combinações endógenas.

... O regular vem à tona em diversidades engessadas

A diversidade é complicada, difícil de ser trabalhada nos arranjos formatados da padronização. Encontra-se com ela, mas há que sempre achar um jeito de encaixar, organizar e até mesmo domar a ousadia do diferente.

Tatiana, desabafa dizendo, que o dia a dia é muito difícil...Para enfrentar esta complexidade, até arrisca: *"eu não sou muito construtivista não, eu jogo de tudo um pouquinho".*

***Laura*, conta** um pouco do seu sufoco: *"É uma sala que eles não assentam o tempo todo. Se você coloca eles na fila, a hora que você vai ver está uma fila tudo torta. Então é uma sala de movimento o tempo todo. Eles não conseguem ficar parados".*

A diversidade se colore ainda mais. O depoimento **de Maria de Lourdes conta** um pouco disto:

"Eu tento de todas as maneiras atender a todos, mas me sinto incapaz de resolver isto. Isto me frustra muito. Aí é que é a minha maior dificuldade, porque gera indisciplina. Quando uma turminha vai conseguindo alguma coisa e um percebe que ele vai ficando para trás, conseqüentemente a indisciplina acontece. Então você tem que procurar alguma coisa que ele dê conta de fazer e fique quieto, para que ele se sinta ocupado, valorizado e também assim que ele perceba que ele dá conta de fazer alguma coisa para que ele possa dali ir para frente e não desanimar. Mas é muito difícil".

O difícil é bastante enraizado e desafia os padrões estabelecidos:

"Eu sinto muita dificuldade mesmo, porque eu tenho que cumprir o programa e tenho que olhar um pouquinho por eles também né. Então eu pego uns livros, assim, mas não rende muito. Sinto que não está bom. Chega no fim a gente fica cansada e parece que ta faltando alguma coisa. Eu olho para eles e falo: meu Deus, não é possível, uns tão bem, e outros daquele jeito... e eu fico triste", **diz Marina** na sua prosa de desabafo.

Difícil e bonito, **vai lembrar a Hortência:**

" É dá aquele estalo e vai, mas eu fiquei assustada com esta turma. O que vou fazer, pensei. Mas fui trabalhando, é lógico, né. Separado com eles, começando com cartilha, por fim eles queriam fazer as coisas igual aos outros. Eu fui deixando, teve um que falou, eu não quero mais ler isso aqui da cartilha, quero fazer igual aos outros. E ele foi lendo, assim, foi lendo automático, né.".

Continua a experiência da Hortência: *"não sei, eu acho que acabou ajudando um pouquinho, porque a turminha tem a mania, não que a gente coloque isso para eles, mas eles ajudam os outros e incentivam assim. Quando um começa a ler as próprias crianças dizem: que legal, olha como ele está bom... e eles mesmo sem eu falar nada, então com isso, qualquer coisa, eles mesmo aplaudiam sem eu mandar."*

(...)

"estou com 32 anos agora, e eu acho que poderia ter sido um trabalho melhor se eu pudesse dar mais atenção a cada aluno. Tem hora que eles ficam lá fazendo sozinho, porque eles querem mostrar interesse e não tem como ficar ao lado deles. Os bons também. Eles querem a ajuda da gente. Por melhor que seja o aluno, eles querem a gente perto, é como uma forma de carinho. Então a gente não pode deixar".

(...)

"Mas a gente sai esgotada num tipo de sala dessa. Procurei fazer o melhor. Eu tento fazer o meu trabalho, diversificar, dar interdisciplinaridade, falam tanto, não é de agora que eu faço isso. Há muitos anos a gente vê o povo falar. E eu fico pensando comigo: gente, mas eu já faço, isso, eu já procuro criar. Essa mania, igual a esses livros que já vem tudo pronto, modelo, eu nunca gostei disto".

(...)

"Mas eu fico com medo. Eu procuro conversar muito com as crianças, até mesmo no meio de brincadeiras. E eu fico rezando assim, ai tomara que eles estejam me escutando um pouco, que eles levem esse pouquinho. Só rezando mesmo".

Se não for com reza, um outro viés aparece, revestido de "chantagem", para tentar conter domar a inquietude do diverso:

"o jeito que eu encontro para que eles fiquem quieto é conversando, agradando, porque se não fizer assim, a gente não consegue. Eles adoram pirulitos. Eu vou entregando. Por enquanto está dando certo", **diz a professora Maura.**

O *regular* vem à tona no trabalho em grupo

E o trabalho de grupo? Ajuda ou atrapalha?

O depoimento dos professores apresenta faces e contra-faces do trabalho entre diversos. Alguns não acreditam e afirmam que:

"Se um aluno vai ajudar o outro, acaba atrapalhando porque ele vai acabar fazendo o que sabe e o outro fica boiando do mesmo jeito. Não adianta. A gente precisa ir lá, interferir. Porque senão acaba em conversa, brincadeira e não resolve", **diz Sandra**

No mesmo sentido, ***Edite* concorre:**

"Na minha sala o trabalho de grupo não dá certo. Eles não sabem trabalhar em grupo. Nem se eu dou assim um trabalho de pesquisa, eu vejo que eles tem dificuldade: não tem fonte de consulta em casa. Tem a biblioteca da escola, mas eles não vem. Há um desinteresse por parte deles. Então o trabalho de grupo na minha sala é muito difícil, justamente porque eu tenho uma turma que lê, e outra que lê mais ou menos. Já tentei colocar o que não lê, no meio dos que lêem e eles dizem: mas esse aí não faz nada, não sabe, nem lê. Então discrimina aquele, né? Então eu já tentei de várias formas, na minha sala não funcionou. Tem que ser trabalho individual, mesmo".

Outras vozes evidenciam dados contrários e acreditam que a diversidade a partir do "nós" é forma de trabalho, crescimento e enriquecimento de vida.

Maura é uma destas professoras que defende entusiasticamente o trabalho em duplas:

"Eu sempre trabalhei com grupos. Eles gostam e preferem. Os alunos fazem muito barulho e o tempo é pouco. Mas eu trabalho toda semana, um dia sim e outro não. Só que sempre faço um momento individual antes e um depois do grupo. Assim funciona melhor".

Ainda nesta postura, **Vilma defende:**

"Eu gosto muito de trabalhar em equipe. Se bem que eu acho que precisa do individual, também. E às vezes no trabalho em grupo, se é para conversar e discutir cada um tem que fazer a sua anotação. Incentivo sempre isto: estão em grupo, mas cada um por si. Cada um escreve uma coisa. Às vezes não se chega ao resultado que você quer. Às vezes sim. Mas é preciso dar chance. Fazer eles aprenderem a participar, a discutir, a registrar. Você sai da sala meio zonza. Tem que estar sempre orientando. Mas só assim eles aprendem".

O depoimento da profa. Cátia, alerta para aspectos interessantes do trabalho com a diversidade em grupo:

"coloco sim os alunos em grupo. Isto funciona. Se você não tiver preocupação de que o menino está copiando. Porque mesmo ao estar só copiando, ele está levantando hipóteses, com certeza.

É sempre uma situação enriquecedora. O menino pensa: porque será que o outro pegou aquela letra e ele não sabe pegar. Ele está aprendendo. E aprende. Na troca, eles aprendem. E a troca é mais rica do que você deixar ele lá e ele ficar esperando você falar e ele copiar.

Mas é preciso prestar muita atenção, porque chega uma hora que você tem que saber fazer a dupla, né. Inicialmente, não. Porque eles tem até que ficar com quem eles tem mais contato para não ter insegurança. Eles tem medo de errar e no começo é preferível que acertem, mesmo que estejam copiando, até que eles entendam essa dinâmica. Agora, chega uma hora, que você tem que saber agrupar. É a intervenção necessária do professor.

Você tem que saber fazer. Porque se você coloca esse menino que não sabe o alfabeto com esse que já escreve perfeitamente, o outro não vai precisar pensar muito. Um pensa sozinho. Então você tem que colocar um que sabe um pouquinho a mais do alfabeto. Aí esse aprende aquele pouquinho a mais. Daqui a pouco, você põe esse que já aprendeu o alfabeto, com outro que não sabe. Aí está na hora dele ensinar. Então a gente tem que saber essas horas. E aí é só com uma avaliação."

(LINKAR VIDEO COM INTERVENÇÕES DA PROFA.Cátia)

"O trabalho em grupo é sempre enriquecedor", **testemunha a profa. Moema:**

"a gente vai montando junto com eles. Integra aqui. Ajeita ali. Vai fazendo o projeto com eles. Tudo movido pelo interesse que a gente consegue despertar neles. Olha, não tem prazo, mas tem prazo, ta? Nós temos que trabalhar outras coisas, então vamos ver como a gente consegue. Tudo é combinado no grupo, ninguém é proibido de falar na sala. Só não vale falar mal dos outros. A sala é barulhenta porque tudo é combinado com eles, por eles. ***(LINK – VIDEO DAS ATIVIDADES NA SALA DA PROFA .MOEMA)***

O regular vem à tona na forma de trabalhar o homogêneo e o heterogêneo

O trabalho com a diversidade desemboca em critérios defendidos, posturas assumidas pelos professores quanto à defesa ou acusação de agrupamentos mais homogêneos ou heterogêneos no trabalho com as salas de aula.

A favor da homogeneidade, mesmo que relativa, falam forte argumentos do tipo:

"Eu acho que do mesmo nível é melhor, mas a gente não pode pensar só assim. Eu acho que o problema é agrupar só os ruins. Porque geralmente os alunos fracos, eles têm muitos problemas e não têm interesse. Por exemplo: este ano eu recebi um aluno fraco que veio de outra sala e achei que ele melhorou, integrando com os melhores. Mas não pode misturar demais. É preciso ser relativamente homogênea." , **diz a profa. Aída.**

Ainda defendendo esta postura relativa**, Carmen ajuda dizendo:**

"os agrupamentos de sala precisam ser sempre relativamente homogêneos e relativamente heterogêneos para que as dificuldades possam ser próximas, mas que haja também possibilidade de ajuda de uns para com os outros".

Entre muitas experiências como professora e supervisora**, Joana afirma que:**

"uma das coisas que eu acho mais difícil é saber trabalhar de maneira diversificada. Para mim, acho que é o pior problema. Para alguns pode ser mais fácil Mas que realmente funcione, que me prove com resultados que funcione, ainda estou para ver. Homogêneo mesmo não existe, mas precisa ser bem próximo o nível das dificuldades. Quando as diferenças são muito grandes, torna-se impossível trabalhar".

Goretti, dá ênfase a posturas homogeneistas, dizendo:

"Sala heterogênea só atrapalha. Porque os bons, os ótimos terminam a tarefa rápido. Eles até podem ajudar os outros. Mas acabam fazendo por eles. Outra coisa, é que precisaria ter menos alunos em cada sala, porque como é que vou dar conta de 41 meninos com muitas disciplinas e cadernos?"

Sandra, diz:

"A sala heterogenea só dificulta. Facilita, não. Mas a gente tem que fazer, porque na escola adotam este tipo. Mas não dá para atender a todos, não. Na vida uns tem facilidade, outros tem dificuldade, e aí é preciso uma ginástica para dar conta de todos".

Dalva, ainda acrescenta:

"eu acho que quando os alunos mais fracos ficam para um lado, eles não ficam desestimulados não. Só assim eles não se sentem discriminados e podem melhorar. O trabalho que a gente faz com eles é mais especializado e pode se dar uma atenção igual para todos".

Edite, completa esta defesa, dizendo:

"os alunos que não sabem ficam no meio dos que sabem e ficam prejudicados. Sou a favor do homogêneo mesmo".

Entre estes argumentos a favor da homogeneidade e a abertura da defesa do heterogêneo, as transições de políticas públicas costumam ser complicadas e confusas.

Numa das escolas vivenciadas, a diretora garantiu que a postura da instituição era incondicionalmente pela diversidade.

À medida que a conversa desenrolava, uma professora veio pedir um material onde a entrevista estava sendo feita.

Depois que a professora saiu, a diretora para fazer uma referência positiva ao trabalho desta professora, disse:

Ela trabalha muito bem. A sala dela é a melhorzinha de alunos iniciantes, sabe?

Será que o fato de, não significa que?

Em favor da heterogeneidade

Contrariando estes olhares e estes fazeres, os agrupamentos heterogêneos têm sido defendidos em políticas públicas democráticas. Muitas vezes, a mera adoção da diversidade como garantia de inclusão de todos pode embaçar olhares e falsear conquistas.

Trabalhar a heterogeneidade não é uma realidade gratuita e nem mesmo garantia de *per si* de escola para todos. Os argumentos favoráveis precisam estar acompanhados de práticas conseqüentes e de apoios necessários, para que o diferente não receba uma simulação de igualdades que no fundo desigualam mais e mais.

Vozes de professores explicitam alguns pensares e alguns fazeres:

Laís é convicta de que com alunos diferentes, *"um vai ajudando o outro. Eu vejo muito. Sempre coloquei uns para ajudarem outros e isto desperta perguntas, interesses e interação sem discriminação, porque eles não tem esses grilos. São os adultos que inculcam com estas idéias".*

Taís, vai mais longe e ainda afirma: *"o professor que quer uma sala homogênea e pensa que a possui está tapando os olhos, porque não existe homogeneidade, ela cada vez mais vai revelando as diferenças entre os adultos dentro dela própria".*

Dirce defende a heterogeneidade garantida pelo agrupamento por idade: *"tem que ser por idade. Porque é muito complicado, um tem maturidade, outro não. Mas o nível de aprendizagem, não. Eles aprendem um com o outro."*

Os argumentos a favor da heterogeneidade são enriquecidos por **Vilma, quando defende** idéias não apenas conteudistas. Ela afirma:

"Primeiro, porque a gente não pode só pensar em conteúdo. Porque se for pensar em quantidade, você só colocar conteúdo, os melhores agrupados vão render mais. Mas a criança tem que ser gente inteira, não apenas na quantidade de informações. Precisa aprender a respeitar o outro, a tomar decisões, a liderar, a aprender a ouvir e isto só aprende quando convive com não iguais. Por isto não defendo salas homogêneas"..

"O legal, **diz Cristiane**, *que por mais que a escola queira padronizar, selecionar, acertar, a diversidade hoje está tão grande, que você arruma, arruma e a coisa não adianta".*

O regular vem à tona com outros disfarces

Os arranjos possíveis de organização do real refletem muitas vezes tonalidades *táticas* nas *estratégias*, que permitem inclusive afirmar que estas maneiras de fazer, não são blocos isolados, mas que se interagem continuamente.

Não existe na prática uma separação entre *táticas* e *estratégias*. Taticamente se fazem *estratégias* e estrategicamente se escolhem *Táticas*. Às vezes, retratam busca de soluções, em outras burlam tranqüilamente crenças e valores.

São disfarces tramados e com lógicas próprias nem sempre pertencentes ao ideário formal. Entre outras, podem ser constatadas algumas interessantes maneiras de trabalhar o que é plural, diverso, múltiplo:

1 - **um ecletismo galopante:** constitui-se num jeito de ser que mistura tudo e todos, como se estivesse confeccionando um *patchwork*:

- *"eu procuro trabalhar de forma diversificada. Eu me considero até criativa. Então tem dias que eu trabalho aula tradicional. Outro dia eu já procuro inovar..."* e por aí vai **o relato de Helena;**

Neste mesmo sentido, **a voz de Lúcia conta**:

"A gente faz tudo quando vai trabalhar com uma classe. Eu vejo qual estratégia vou usar. Ta rendendo, ta. Então alguns rendem, mais outros não. Então não é essa. Eu procuro a universal. O construtivismo estou usando. Até agora eu estava usando o sistema tradicional. Eu era tradicional mesmo. É lógico que agora com essas mudanças eu tive que mudar minha postura. Então eu misturo, igual aquela salada mista, em termo vulgar, tipo: construtivismo misturado com música, é silabação, talvez, fono, com gesto, eu também uso muito".

2- **uma"integração" engessada**: é uma outra roupagem de trabalho com o diversificado. Como o plural é o desafio, a necessidade é juntar coisas e aí, integrar passa a ser *"dar a mesma coisa"*, *"trabalhar o mesmo conteúdo em todas as disciplinas"*. **Isto está posto no relato de Nair**, quando ela diz que *"gosta de integrar, porque fica tudo mais fácil"*. Ela continua dizendo: *"agora estou trabalhando o Natal, porque está perto do Natal, daí to puxando tudo texto de Natal"*

Esta é uma visão de integração, pela ótica do padronizado.

Costuma implodir tentativas de interdisciplinaridade, quando se entende por exemplo que um Tema Transversal é o Natal e isto se repete em todas as matérias, chegando à raia da monotonia. Corre-se o risco do aluno estar cansado de Natal, quando o Natal chegar...

3- outra compreensão é lidar com o diverso como **uma mera variação de ingredientes, numa busca de fuga de monotonia.** *"Gosto de variar, porque senão fica enjoativo"*, **diz Edite**. Ou ainda,*"não tem um jeito só. Outro dia começo de outro jeito..."*, **lembra *Laís.*** Esta conotação de troca de elementos congelados é uma forma mecanicista de trabalhar a variação, sem variar.

4 - há também a versão confusa ou difusa, de se entender **o lidar com a diversidade, como igual a um trabalho de forma dividido, fragmentado.** Esta fragmentação assume diferentes elementos:

Os depoimentos de Lúcia, Sandra, Tatiana e outros mais denotam a forma de enfrentar o diferente, como uma fragmentação de conteúdos, de fileiras, de atividades e por aí vai...

É o caso de escutar a voz de **Taís, quando ela diz** *"este ano foi uma experiência superior. Terminei um curso de Formação de professores, então a gente trabalhou a diversidade. Eu pude aplicar mesmo, um trabalho bem diversificado. A gente tem um menininho que tem um probleminha. Eu faço um trabalho diferente com ele. Já está lendo, uma gracinha.* Taís continua, explicando como ela trabalha as diferenças no dia a dia: *"eu tenho atividades separadas. Igual a turminha que eu falei do reforço. Faço recorte, monto de acordo com o que estou trabalhando com eles, um método que eu crio. Tenho que xerocar para eles, tomo leitura todos os dias e a outra turma tem outra atividade".*

A profa.Edite para enfrentar a diversidade, explica que: *"eu faço assim. Vejo onde parei na aula anterior e continuo. Pego um caderno deles, porque um plano só não dá. Aí eu teria que fazer três planejamentos e isto é impossível. Eu ponho um e aí vou me virando".*

<u>A fragmentação atinge também outros sentidos e atividades:</u>

<u>Dividem-se cadernos:</u>

Materiais escolares são expressões de uma regularidade pretendida. É preciso enxergar neles mais do que um uso simplesmente irrelevante. Escolano (7) lembra que *"eles manifestam um certo modo de entender e praticar o ensino, além de instituírem um discurso e um poder, eles informam valores e concepções subjacentes á educação e são tomados às vezes como*

possibilidade e limite do processo ensino-aprendizagem. Compreendem pois, um aspecto significativo da cultura escolar."

Esta expressão é pautada num jeito de enxergar a cultura como extensão do homem e toda expressão material, como uma das manifestações significativas.

Eles materializam crenças, importâncias, valores e dividem áreas de conhecimento. Sistematizam fragmentações e principalmente no tocante a cadernos escolares revestem-se de um aspecto particularizado muito forte de identidade. Com isto ganham força e significam espaços privilegiados na relação escolar.

"o jeito de se organizar é dividir caderno, sim. Todo mundo faz isto e é necessário. Tirar da estante e ir trabalhando um a um. Por que não? **Diz a profa. Maura.**

Uma outra tentativa de fragmentação/não fragmentada, **relata a *Vilma*:**

"Eu não divido. Por sinal eu uso dois cadernos, sempre. Um para Português e outro para Matemática. Um para Ciências e outro só para Geografia. Mas tem hora, igual hoe: eu trabalhei calendário. Aí tem o dia da mulher. Eu já comecei o trabalho no caderno de Matemática mesmo. Se eu mudar de caderno, vira aquela bagunça... será que eu é que sou confusa?".

Dividem-se horários e o tempo talvez seja um dos indicadores mais padronizados pelo racional. O relógio é forma de repartir conteúdos, vivencias.

SOUZA (8) lembra que:

"O processo de racionalização da escola primária desencadeado no século 19 gerou uma nova ordenação do tempo escolar. As necessidades de controle e organização do saber (matérias de ensino) e das atividades de professores e alunos transformaram calendários e horários em importantes registros de ordenação do tempo. Um tempo que haveria de ser maximizado, aproveitado, tornado útil. Nisso se pode ver toda a maquinaria da precisão do tempo moderno embutida nas concepções de organização da educação popular".

Esta racionalização da categoria *tempo*,é nuclear na idéia da regularidade. Não mais o tempo natureza, mas o tempo trabalho, o tempo relógio. Tornam-se fundamentais na organização escolar, horários e calendários, sempre cientificamente administrados de acordo com as contribuições médicas. SOUZA (9), lembra que existem dois princípios salutares para isto:

- *"em primeiro lugar, a necessidade de interrupções freqüentes e intercaladas, entre trabalho e descanso, atividade e recreio;*
- *em segundo lugar, o pressuposto de que algumas matérias exigiam maior dispêndio de energia cerebral (especialmente linguagem e cálculo), por conseguinte, deveriam ocupar o início do tempo escolar enquanto as outras matérias mais amenas deveriam ser ministradas nos períodos subseqüentes".*

A elaboração dos horários e calendários talvez seja a expressão mais requintada da arquitetura temporal escolar e reforça o caráter *regular* padronizador e disciplinador das atividades.

Este perfil é da maior importância em termos de estruturação de vidas humanas. Escolano (10) e Hall (11) observam que os calendários e horários constituem as primeiras pautas reguladoras do tempo vivido na infância além do tempo cultural (o despertar, a alimentação, o dormir), e, portanto, são estruturadores da vida humana, correspondendo à contenção dos impulsos, à obediência, à sincronia dos ritmos, aos hábitos de ordem e trabalho.

Isto tudo consagra a formatação do *regular* em um dos seus vieses mais importantes, o *tempo* que instaura/restaura e é portanto um dos portões abertos para novas configurações de um *regular* a ser tramado.

As vozes de professores reafirmam:

"Eu só trabalho com Português e Matemática. Geografia, História e Ciências eu deixei de lado. Pra ser sincera, deixei de lado mesmo. Porque eu achei que eles precisavam mais do Português e da Matemática, do que da História e da Geografia e Ciências. A História eu sempre dava as datas comemorativas. Procurava enfatizar isso. As Ciências quando surgia algum assunto na sala de aula, então eu pegava o assunto. Mas assim, seguir à risca o conteúdo da quarta série dessas matérias, não. Porque eu achei uma perda de tempo, porque eles não dão conta.", **diz a profa. Edite.**

O depoimento de Aída, diz:

"Eu separo os horários e os conteúdos. Quando vou dar um assunto novo, eu sempre começo, nunca deixo para depois do recreio. Porque tira a atenção e todo dia um pouquinho de cada coisa para não cansar. Então eu não fico assim, só no português, só na Matemática.

Quando vejo que estão cansados, aí eu paro, pego outro assunto, e no outro dia eu continuo. Sempre um pouquinho de História, Geografia, ditado, um pouquinho de cada coisa".

Sandra comenta que:

"Eu faço assim, tem dias da semana no começo do ano que eu dava Ciências. Depois eu deixei de lado e comecei só com Português e Matemática. Dois dias de Português, um de Matemática. Porque se der também horários pequenos e poucos, não resolve. Tem que fazer muito, que pegar muito, concentrados para aprender".

Tatiana garante que:

"é Português e Matemática mesmo. Não sei se é certo ou errado, mais o fato é que eles estão lendo, interpretando e a matemática é que eles vão ver a vida toda, né?".

Dividem-se espaços:

Espaços são também manifestações culturais que revelam crenças, valores e sistematização de vivências. Bachelard (12) ensina que: "O espaço habitado transcende o espaço geométrico". Isto inspira uma reflexão sobre o uso desta categoria em termos da regularidade em análise. Na mesma linha, Hall (13) alerta para a "linguagem silenciosa" destes usos diferenciados no cotidiano escolar.

Os arranjos físicos denotam uma racionalidade funcional que uniformiza, diferencia mantendo hierarquias, poderes e possibilidades próprias.

Nos relatos de professor, algumas regularidades espaciais podem ser percebidas, sempre no enfoque da categoria em movimento:

- *"A gente trabalha assim: divido o quadro em três: passo exercício para os mais rápidos, os mais ou menos e os que não lêem nada, aí eu vou lendo para eles."* **(Mirtes)**
- *" Arranjei um jeito ótimo: no quadro eu passo exercício para todos (mas não são todos, não. São só os mais rápidos. Vou passando de carteira em carteira e vou puxando os mais ou menos para leitura comigo. Os fracos de vez, já sentam na fileira do canto e eu comprei por minha conta, um quadro e preguei na parede do fundo. Já mando eles virarem para a parede do fundo e para eles a dose é menor."* **(Eliana)**

- *"O jeito que eu organizo a sala é dividir os alunos em duplas. Círculo eu usei duas vezes e foi o maior reboliço. Nessa eu suei, mas eles gostaram. Sento muito no chão. rodinha no chão. Vou lá fora da sala também. Eu não fico quieta. Eu não consigo ficar lá na frente e eles... sem fazer nada"*, **diz a experiência de Maura**

A questão do espaço como forma de trabalho é bastante interessante. Há arranjos físicos que facilitam uma maior comunicação. Mas há também disfarces de participação, quando a sala está organizada em círculos e meio círculos, mas o trabalho decretado e mecânico não foi alterado. Maquiagens de realidade que nem sempre representam intenções, desejos e propostas.

Uma professora disse: falam em *salas-ambiente*, mas tudo isto só confunde. Arrumei os meus alunos como numa sala ambiente (uns de frente para os outros) e só deu indisciplina.

O interessante a notar é que a expressão *sala-ambiente* utilizada como recurso apropriado para desenvolver materiais e cantos de trabalho para os conteúdos de cada disciplina em questão, foi tomada ao pé da letra, como ambiente social e a utilização sem qualquer esclarecimento por parte desta professora, esvaziou ou melhor deturpou completamente o significado da expressão.

Dividem-se funções, atribuições e responsabilidades:

Para dar conta dos alunos com dificuldade, uma das saídas mais comuns e uma espécie de válvula de escape, é escorregar do pedagógico para outras dimensões que estariam fora do alcance do professor.

Assim, Laura afirma: *"Os alunos com dificuldade não dependem do pedagógico que a gente sabe fazer. Aula de reforço, acompanhamento individual isto a gente faz. O monitoramento entre colegas a gente propõe. A gente busca com os colegas, conversa, trabalha, reparte dificuldades na reunião. O pedagógico é lógico que eu não vou falar que faço tudo, que com certeza tenho os meus erros, mas o possível, deu para a gente fazer mesmo. O que falta é o além. Teria que ter outros acompanhamentos de especialistas".*

Outra dimensão é lembrada no **depoimento de Maria de Lourdes:**

"Eu acho que a escola precisaria, no mínimo de um psicólogo, para dar assistência diária, porque nessa parte por mais experiência que a gente tem, tecnicamente a gente é leigo, e

como agir em determinados momentos. E isso está vindo de uma forma muito intensa pra nós. Cada vez mais".

Consuelo lembra ainda, de uma forma muito dolorosa e com uma sensação de impotência, que:

"A gente fica até meio perdida diante dos problemas que não são só pedagógicos. São todos tipos de problemas. E os alunos descarregam tudo aqui na escola. A gente tem que saber lidar e às vezes a gente não está preparada para lidar com estes problemas. A única opção é xingar. Para eles até isso não adianta mais. A gente xinga e eles riem, eles falam, eles debocham".

Com tanta diversidade**, a profa. Teresa, diz**: *"eu acho que essa é uma idéia que tem que dar. Tem que ter treinamento para os professores, para saber lidar com este povão. Isto tem que ter na escola regular. Que ela ta recebendo menino de tudo que é jeito, não aluno padrão. Não tendo aluno padrão ela tem que saber trabalhar com todos. E isto a gente não sabe. Tá faltando* ***a chavinha mágica*** *para chegar neles".*

Descosturando/Costurando... ou
Qual será esta chavinha mágica?

Outras táticas e visões vão emergindo, ajudando a implodir o diversificado como o diferente fragmentado, numa tentativa de abrir portas. A chave? Ou chaves possíveis?

No depoimento de Cátia:

"Ao estar estudando há muito tempo a alfabetização, já percebi que as diferenças vão existir. Não é preciso um trabalho diferenciado, como todo mundo acredita. Essa é a minha prática. Não é preciso. O que eu tenho, é que respeitar as respostas. Eu posso fazer a mesma atividade para todo mundo. Acontece que as perguntas que eu vou fazer para um, eu não preciso fazer para o outro. E ao avaliar as respostas, eu sabendo exatamente o que a criança está operando com as perguntas que fiz, eu vou saber quais serão as próximas perguntas".

E a professora Cátia continua: *"A dinâmica de como que se aprende, esta é a questão. Se você não intervir adequadamente, o aluno vai ficar por aí. Ele vai ficar. Se você não fizer a pergunta certa, se você não colocar a interrogação certa para aquele momento, ele fica ali. E se você colocar uma questão muito difícil, ele desanima e pára por ali mesmo. Ele pensa assim: eu*

pensei que era isso, e essa mulher mandou eu apagar tudo! Quer dizer, se ele construiu uma coisa, você não pode destruir. Então a sua pergunta tem que ser a pergunta certa, pro momento certo. E é aí que a gente precisa estudar. Saber como é que se faz, que perguntas eu faço".

(link – com vídeo na sala da profa. Cátia)

Nesta compreensão de diversidade, aparecem outros ares.

São sinais de um pensar que não confunde a diversidade com o diferente fragmentado.

Outra professora, **a Moema, expõe** também seu jeito de pensar e de trabalhar:

"Tem que saber o aluno que se tem. Uma atividade que dei por exemplo, neste final de semana. Pedi a todos que lessem um livro de literatura. Cada um escolheu o seu, dentro do nível deles. Todos levaram o livro para casa. Quando voltaram, eu pedi pra que cada aluno fizesse a apresentação do seu livro, mais de acordo com o que ele sabia e dava conta. Então para um que tem dificuldade de falar, ele fazia mímica. O outro ia dramatizar, porque tem muita expressão. O outro desenhou no quadro a história sem falar, e eles interpretavam. O outro contou o pedacinho que mais gostou. O outro quis fazer um comentário. Então tudo isso faz com que eu alcance o que eu quero e eles se sintam bem. Porque a auto-estima do aluno é muito importante. Porque se ele foi lá e foi aplaudido, porque eles aplaudem mesmo, então fez bem".

(LINK COM INTERVENÇÃO – NO VÍDEO DA PROFA. Moema)

Estratégias configuradas, práticas sempre ensaiadas.

Confirmação de padrões, busca de referências.

Sabores e ranços de racionalidades técnicas, certezas científicas, modos mecânicos e repetitivos no conforto do já conhecido, testado, útil e funcional. Mas ao mesmo tempo, busca do novo, do inusitado, da solução ainda não encontrada.

Os relatos de professor ensaiam criatividades e abrem alternativas de trabalho:

Laís afirma que o dia a dia é sempre repleto de surpresas e é preciso estar atento para o que surge, para a variedade, o interesse dos alunos: *"Aproveitar sempre o que está acontecendo". Abrir-se sempre para a escuta das experiências que os meninos trazem todo dia".*

Mariana lembra que cada projeto que inventa com os meninos é sempre um sucesso. *"Falta registrar. Quantas e quantas vezes a gente abre revistas, vê contar experiências e a gente se encontra em tantas delas e não encontra tantas que a gente fez e poderiam estar lá".*

***Taís* se anima** contando um método que criou com a alfabetização: *"no trabalho com consoantes, elaborei jogos, figuras, leituras e deu super certo. Já passei para outros colegas e eles amaram e aí inventaram mais figuras, mais histórias, mais jogos. Uma paixão".*

São muitas histórias vividas, discursos tecidos e tramados, textos feitos e refeitos, evidenciando chaves que são mágicas, porque são reais.

Construindo caminhos

Nas brechas do cotidiano é que se instauram as possibilidades que abrem, desnorteiam, desfazem cristais e criam contornos diferentes.

São situações em que os professores em toda regularidade existente, buscam criar formas próprias, jeitos de fazer, inovações e formas de trabalho originalmente produzida por eles.

Trata-se de vivenciar possibilidades a partir das diferenças vivas e sentidas. Esta postura é diversa de atitudes que se tomam pelo viés de pseudo-necessidades.

Pseudo-necessidades, por que?

São pseudo, porque não nascem do projeto peculiar de cada escola.

Pseudo porque são trazidas de fora para dentro e se padronizam nas entranhas capilares dos sistemas de ensino.

Pseudo porque falseiam as necessidades efetivas. São proclamadas, festejadas, mas por serem transplantadas, acabam resguardando a escola do jeito que ela está sendo e com isto, cristalizam ainda mais o *ethos* escolar. Mais uma vez, penduram-se "flores nas grades", como diz o Prof. Miguel Arroyo. Mas as grades permanecem imexíveis, intangíveis. Por sinal, de pseudo em pseudo-necessidades, as grades da escola estão provavelmente bastante floridas, mas esta florada não desmonta a perversidade do *regular* que não é de todos.

Estas pseudo-necessidades, e porque não dizer pseudo-políticas, com todas as boas intenções do politicamente correto, calçam a escola, sustentam-na e com isto contribuem para enrijecer grades, muitas vezes em nome de todo amor do mundo, de busca de harmonia, de prevenção de desequilíbrios.

Mas a complexidade, tessitura maior da existência humana conclama a vivência fecunda entre desequilíbrios/equilíbrios, que são a mola de qualquer processo de desenvolvimento humano. **(LINKAR BLOCO DA CIENCIA NA COMPLEXIDADE)**

Uma sala de aula olhada pelo viés da diversidade, confirma a existência de necessidades especiais em todos os alunos. Enquanto discurso, não há o que se questionar. O desafio se instaura, quando existem alunos que provocam atendimentos diversificados, muitas vezes alunos oficialmente considerados especiais, mas outras vezes sem este rótulo de classificação e o desequilíbrio instaurado concorre para que o professor ganhe qualidade no processo de ensino e de aprendizagem, porque quebram-se normatizações e esquemas rígidos.

O professor que aprende a trabalhar com os desequilíbrios/equilíbrios, ganha muito em relação de interação com todos os alunos, porque todos são especiais e ele muitas vezes não se dá conta disso, pois está atravessado culturalmente pelo caldo da racionalidade técnica.

No entanto, a mesma situação pode ser vivida por um professor que diante do desafio, tenta doma-lo pelas ordens do padrão e com isto a desestabilização caminha para o caos, pelo não atendimento e conseqüentemente pela total exclusão do aluno na inclusão proclamada.

Isto significa que nos embates do cotidiano, boas intenções apenas não são suficientes para dar conta da diversidade a ser atendida. Pode-se muitas vezes querer ultrapassar modelos, padrões, mas não se rompe de fato, com práticas excludentes, que são sutis, por serem legítimas, que são óbvias por serem culturalmente aceitas.

Exemplos infinitos se alastram pelos tecidos e redes escolares: desde a insistência inóspita e científica em querer classificar os alunos, agrupar salas homogeneamente, adotar provas padrões, dividir tempos e espaços de forma aritmética até permitir-se a desatualização dos professores, o tratar o aluno como obstáculo e não como desafio, muita exclusão se legitima com o consentimento tácito dos personagens.

São situações moleculares que teimam em permanecer: fileiras e filas infinitas, olhares discriminativos, verdades instaladas, apelidos mal amados, bodes expiatórios arranjados, tudo isto conspira para uma exclusão inclusiva ou inclusão exclusiva.

Mudam-se os fios de tecelagem, mas não se mudam as padronagens dos tecidos.

Os professores podem até estar conscientes da necessidade de mudança, mas inconscientes das posturas que adotam e qual significado possuem no quadro da vida. A

impressão é que as águas turbulentas envolvem a gente, aprisionam, machucam e impedem o rompimento do círculo vicioso mais cruel.

Neste sentido, várias razões concorrem para essa situação. Duas delas podem ganhara maior destaque: de um lado, a falta de uma maior clareza de postura filosófica e de qual tessitura epistemológica está se alimentando a construção do conhecimento; - de outro lado, a limitação de visão embaçada pelos contornos *regulares*, que insistem em se proclamar como únicos e com isto, afastam possibilidades de projeto de vida em todos os sentidos.

Outra reflexão a se feita nas aprendizagens com o cotidiano, é que não se trata de operar julgamentos morais ou pedagógicos e muito menos taxionomizar em classificações descritivas: olhares clínicos para serem considerados bons ou ruins, melhores ou piores ações ou tentativas de rótulos em tendências pedagógicas de diferentes nuances.

São jeitos próprios e *maneiras de fazer* que buscam dar conta da diversidade crescente que cada vez mais afronta a sala de aula e o professor acuado na sua docência, tenta inventar, ultrapassar a rotina, superar os problemas apresentados.

Terreno fértil por excelência, o cotidiano alimentado pelo que se quer alcançar, sonho embalado nos contornos de uma escola de verdade, ganha ares de canteiro produtivo onde mestres e alunos se alimentam mutuamente.Aqui nascem táticas estratégicas, possibilidades mil de organizar tempos e espaços e o trabalho flui de forma interessante na medida em que as diversidades são trabalhadas não de forma dividida e ilusoriamente atendidas, mas as diferenças comparecem para produzir ritmos e linguagens diversas as propostas pedagógicas para todos.

Ousam outras configurações, porque rompem paradigmas e desestruturam o que as estruturam de forma limitadora. Não se trata de uma desobediência civil simples no nível de mero consumo passivo das práticas culturais. São novos desenhos e novas configurações pois há uma clareza das diferenças dos alunos, das mudanças da sociedade e principalmente da necessidade de se considerar cada aluno como uma individualidade.

Quando estas práticas tomam conta do fazer e do pensar do professor, elas vão se incorporando, vão tomando forma mais consistente e indicam sinais preciosos no sentido de que é preciso estar alerta para:

- o reconhecimento da diversidade não apenas como o diferente fragmentado, mas principalmente como um campo de possibilidades que constituem uma *Ciência do singular*, como diz Certeau, em toda sua gama de variedades e multiplicidades;

- a constatação de uma lógica processual e articulada, diferente da formal estabelecida e que se situa nos entrecruzamentos de vozes, de experiências, de relatos e não como receita pronta;
- a consciência da impossibilidade de continuar olhando para os alunos como um grupo *regular*, que em média aprende assim e comporta-se assim, e que tem uma linearidade lógica que deve conduzir aulas padronizadas, tempos estandartizados e espaços formatados;
- a total impossibilidade de executar modelos *a priori*, ou situações decretadas que performam realidades, fazendo a escola esquecer de acontecer;
- o trabalho em direção a uma escola para todos, não pode se revestir de cânones do neoliberalismo que advoga tratamento igual para todos, e com isto dilui numa abstração total, impedindo que cada pessoa humana seja compreendida em sua diferença e aí sim tenha a sua igualdade respeitada, ou como dizia Betinho, "ser igual é ser diferente";
- a compreensão de todo ser humano como complexidade na complexidade e o direito de querer ser tratado como tal, sem linearidades padrões; o encantamento em interagir com os alunos todos diferentes, e nem por isso "horrorosos", porque se enxerga claramente que cada um é cada um e que esta diversidade não pode ser diluída, mas sim trabalhada e enriquecida, e principalmente que todos somos especiais;
- em nível de escola e de sistema é impossível também aceitar a permanência desta dualidade perversa que estigmatiza o excluir e o incluir, mantendo os dois tipos de ensino regular e especial, e com isto assinando embaixo de fragmentações engessadas.

Estas características reforçam um perfil da ESCOLA, como uma realidade forte, como um único substantivo, nomeado e batizado e que não pode ter adjetivos que o expliquem fora do seu significado, eixo existencial.

Escola, simplesmente Escola.

ESCOLA com todas as letras e implicitamente como lugar de educação, lugar de humanidade, lugar de qualidade, não cabendo pois nenhum complemento que ao se anunciar já se assume como tipologia, fragmento e como tal insuficiente.

Não faz sentido ser uma Escola que comporte em si uma divisão nascente, dual e discriminativa, como por exemplo: escola regular e escola especial.

Isto significa admitir que os seres humanos são de duas naturezas e que elas são dicotômicas e precisam ser estandartizadas em dois compartimentos. Isto equivale à defesa de privilégios, tratamentos desiguais e principalmente que os seres humanos são moldados em categorias naturais e ahistóricas.

Tudo isto representa o oposto do que as conquistas científicas, filosóficas, antropológicas e sociológicas tem evidenciado. Manter estas estruturas excludentes no sistema escolar significa admitir que o paradigma da modernidade, da racionalidade técnica é o que dá conta da natureza humana e manter-se sob sua égide, embora criticando-o de forma abstrata e meramente teórica. Significa também, desconhecer todas as descobertas sobre o ser humano na contemporaneidade, todos os sinais de novos paradigmas que emergem no contexto da complexidade.

A incoerência está instalada quando, pessoas até mesmo letradas, cientistas ou filósofos de carteirinha se arvoram em teorias mil sobre a diversidade, sobre o multiculturalismo, sobre os paradigmas do milênio e estando em contato com as Pedagogias da vida, e não apenas as teóricas, não admitem que os alunos tidos como especiais, freqüentem a escola regular, numa postura nitidamente dualista.

O que preocupa sobremaneira é que a discussão de uma Escola para todos está aberta a partir da defesa de posturas inclusivas que atravessam o cotidiano das escolas chamadas *especiais*. Vinda nesta direção de mão única, não quebra o engessamento dual que o sistema escolar teima em manter.

Mas a discussão irá permanecer virtual ou abstrata, enquanto não romper os domínios da dita escola *regular*. Esta problematização precisa estar acontecendo nas "veias abertas" não simplesmente da América Latina, mas de todas as escolas do mundo. E não se trata de uma problematização virtual ou abstrata. Precisa ser rompida pelas vias de fato, com o concreto da situação de desafio, do saudável desequilíbrio/equilíbrio existente nos alunos todos diferentes e nas possibilidades a partir do cada dia da nossa escola, porque a escola nossa é de cada dia.

Aqui uma ressalva importante para clarear horizontes e processos em movimento: Iniciativas para caminhar em busca de escolas abertas à diversidade passam pela defesa da escola inclusiva, mas que fique sempre em alerta que este é um passo do processo, uma transição, para

que se dissolvam definitivamente as dicotomias entre ensino regular e ensino especial, que pertencem ao paradigma da modernidade decrépita.

(LINKAR BLOCO – FAZENDO CIÊNCIA NAS TRAMAS DA COMPLEXIDADE)

Ensaiar outras práticas escolares, passa pela diversidade de possibilidades, e torna-se impossível modelar um único caminho. Seria, inclusive incoerente, quando se advogam plurais.

Escolas abertas à diversidade, como diz Maria Teresa Eglér Mantoan, *"são aquelas em que todos os alunos se sentem respeitados e reconhecidos nas suas diferenças, ou melhor, são escolas que não são indiferentes às diferenças. Ao nos referirmos a essas escolas, estamos tratando de ambientes educacionais que se caracterizam por um ensino de qualidade, que não exclui, não categoriza os alunos em grupos arbitrariamente definidos por perfis de aproveitamento escolar e por avaliações padronizadas e que não admitem a dicotomia entre educação regular e especial. As escolas para todos são escolas inclusivas, em que todos os alunos estudam juntos, em salas de aula de ensino regular. Esses ambientes educativos desafiam as possibilidades de aprendizagem de todos os alunos e as estratégias de trabalho pedagógico, são adequadas às habilidades e necessidades de todos"*. (14)

Não se trata também de adotar uma atitude de espera para que o sonho chegue por conta própria, argumentando inclusive que as escolas atuais não estão preparadas para isto.

Maria Teresa Eglér Mantoan, faz uma constatação a partir de sua prática, de forma contundente:

> *"Apesar do comprometimento de todos os países no sentido de não excluir as crianças da escola e da sociedade, há ainda muito a fazer. Sabemos que a inclusão é um caminho sem volta e que já existem muitas experiências que estão dando certo, mas há pouca divulgação dessas práticas de sucesso, que podem derrubar os argumentos de que as escolas não estão prontas para a inclusão e que certas condições são indispensáveis e precisam ser atendidas como um pré-requisito, entre as quais a formação específica dos professores"*.
>
> *Nossa experiência educacional nos fez concluir que era preciso virar a escola do avesso e cortar pela raiz os seus grandes males, caso quiséssemos realmente uma escola para todos e um ensino de melhor qualidade.*
>
> *Aprendemos com nossas escolas que não é o dinheiro e nem a falta da existência de legislação ou outros obstáculos à inclusão, mas as atitudes negativas de certos pais, professores,*

autoridades educacionais e instituições especializadas em pessoas com deficiência, políticos e líderes comunitários que duvidam dessa inovação". (15)

Esta é a "sindrome do ainda não", bastante perigosa para conter as possibilidades de transformação efetiva.

Escola um terreno aberto, um tecido a fazer, porque não possui uma identidade abstrata em categoria totalizante, mas tem uma identidade mutante, nos contornos do "está sendo" que permite todo o vir a ser da natureza humana.

(LINKAR BLOCO A ESCOLA NOSSA DE CADA DIA)

ESCOLA como tal em suas possibilidades pedagógica, filosófica, afetiva, social e em todos os domínios possiveis da natureza humana.

Este é um jeito de mergulhar no/do cotidiano da escola.

Este é um jeito de viver e de pensar

Não o único, com certeza.

Qual é o seu?

ABRIR LINKS PARA DEPOIMENTOS E TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Notas

(1) cenas do cotidiano escola no universo delimitado das seis escolas da pesquisa

(LINKAR COM BLOCO CONTEXTUALIZANDO TRES CORAÇÕES)

(2) CERTEAU, M. 1999, p. 42

(3) PESSOA, Fernando, 1977, p. 204

(4) CERTEAU, 2001, p. 21

(5) as entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado, com a seguinte proposta:

a) a partir do tempo de experiência como professor, você enxerga diferenças no aluno de hoje? Na família? Na sociedade?

b) Quais os principais desafios a serem vivenciados na sala de aula atualmente?

c) Como você organiza o seu dia a dia? Em termos de tempo, de espaço, de conteúdos, técnicas utilizadas?

d) A turma que você trabalha é homogênea ou heterogênea? Qual sua opinião sobre isso?

e) O que você faz com o aluno que não aprende?

f) O que você faz com ritmos diferentes de aprendizagem?

Perspectivas e alternativas diante do contexto atual para o ser professor.

(6) CERTEAU, M. 2001, p. 22

(7) ESCOLANO, 1992 apud SOUZA, R.F.1998, p. 236

(8) SOUZA, R. F. 1998, p. 213

(9) Ibidem, p. 215

(10) ESCOLANO, 1992, apud SOUZA, R. F. 1998, p. 222

(11) HALL, 1959 apud SOUZA, R. F. 1998, p. 222

(12) BACHELARD, 1989, SOUZA, R. F. 1998, p 122

(13) HALL, 1959, apud SOUZA, R. F. 1998

(14) MANTOAN, M.T. 2001, p. 51

(15) MANTOAN, M.T, 2000, p. 1

RÉGULA, REGULAR, REGULA...(1)

"**RÉGULA**" – ou regulete – pequena moldura chata e estreita para separar portas, almofadas, etc bastante utilizada no século dezenove. (2)

(linkar – dicionário etimológico da Nova Fronteira)

Um jeito de separar uma coisa de outra e que organiza pedaços e tipos.

Só objetos?

E quando pessoas são objetos?

Podem também ser separados, organizados em termos dos que cabem, pertencem ou não cabem e não pertencem?

Quais pessoas pertencem a esta ou outra categoria? O que iguala? O que diferencia? Crianças que aprendem e crianças que não aprendem. Mulheres e homens. Pretos e brancos. Gente pobre, gente rica. Aluno obediente e aluno rebelde. Classes homogêneas e classes heterogêneas. Escolas do centro e escolas de periferia. Escolas públicas e escolas particulares. Crianças normais e crianças com necessidades educativas especiais Só estas as possuem? E as outras? Quem tem religião e quem não tem religião. Crianças que trazem material e crianças que não trazem material.

Etc... e não etc....

RÉGULA, REGULAR, REGULA. - A régula cria o "regular" – modalidade de ensino que se refere aos normais, aos comuns, aos iguais ao "nós" hegemônico.

O regular organiza em categorias, o que a "régula" separou ou agrupou: - os que aprendem e os que não aprendem. Historicamente chamados "excepcionais", "especiais", ou portadores de necessidades especiais".

Há que se legitimar tipologias de ensino diferentes, para os que não cabem nos compartimentos normais. São os que tem ritmo próprio? São os agitados? São os que respondem de forma diversa ao padrão? Ou são os que não reagem aos modelos ditos racionais e científicos?

"Régula" colocada significa instauração de critérios que dividem, instauram-se compartimentos, gavetas. Dualidades que evidenciam tipos estanques. O regular é um dos tipos. O regular não é o TODOS. O regular são alguns.

Na etimologia da palavra, "REGULAR" vem de "regra" – aquilo que regula, dirige, rege ou governa. Do latim: **regula – ae**

Como verbo: regrar = submeter à regra ou regular = dirigir, regrar.

Como adjetivo: regular = que é ou que age conforme as regras;

No dicionário do Aurélio (3), encontra-se, posto como adjetivo, nas seguintes acepções: 1- relativo a regras; 2- que é ou que age conforme as regras, as normas, as leis, as praxes; 3- bem proporcionado, proporcionado, harmônico; 4- disposto simetricamente, equilibrado; 5- que se repete a intervalos iguais; 6- exato, pontual; 7- que está no meio termo; mediano, médio; 8- diz-se de figuras geométricas que têm lados e ângulos iguais entre si; 9- (religioso) diz-se de todos os religiosos que professam numa determinada regra especial, numa ordem, congregação ou sociedade.

Como verbo, o dicionário do Aurélio, abre as seguintes possibilidades: 1- sujeitar a regras, dirigir, regrar; 2- encaminhar conforme a lei; 3- esclarecer e facilitar por meio de disposições (a execução da lei) regulamentar; 4- estabelecer regras para, regularizar; 5- estabelecer ordem, parcimônia, em; 6- ajustar, acertar; 7- conter, moderar, reprimir; 8- conformar, aferir, confrontar, comparar: cada um deve regular as ambições pelas próprias limitações; 9- estar conforme; trabalhar ou funcionar com acerto, precisão, regularidade; 10- Ter sanidade mental (nesta acepção é mais usado negativamente; 11- servir de regra; 12- ser ou valer aproximadamente, orçar.

Nas acepções postas pelo dicionário do Aurélio, como em outros (4) uma ênfase na ação do "REGRAR".

O regular se instaura.

Torna-se regra. Aceita-se como referência. Padrão. Modelo.

O regular se normaliza. Tudo o que foge à sua tipologia, é irregular, anormal, atípico, não comum. A dualidade é posta a priori, e as pessoas se dividem em estes ou aqueles, em X ou Y, em isto ou aquilo. Ser ou não ser. Estar ou não estar. Incluídos ou não. Excluídos ou não.

RÉGULA, REGULAR, REGULA.

A Régula que cria *o regular*, REGULA.

REGULA, o que?

Atos, leis, procedimentos, regras, realidades existentes ou decretadas que se configuram nos tipos ditos e preditos.

Normatização do existente. Políticas públicas. Legislações do sistema educacional vigente.

Divisões decretadas. Régulas em exercício. Regulares criados, sustentados e mantidos. Não regulares postos em categorias à parte.

REGULA, a estrutura e funcionamento (dois termos já separados *a priori*) das escolas, do cotidiano e naturalizam as dualidades. Fazem visões de mundo, garantem pensares e fazeres. Internalizam valores e expressam possibilidades. Abrem caminhos.

Engessar é conter e plantar implosões ao mesmo tempo.

Engessar acomoda e incomoda, com certeza.

Como engessar identidades, por exemplo?

O que fazer com a diferença?

Cada pessoa é uma. Cada pessoa é uma vida, uma história, um texto, um discurso. (ou vários) Como teorizar, generalizar? O que fazer com diferenças de família, de cultura, de raça, de etnias. Alteridades insubmissas, rebeldes que desautorizam padrões.

É melhor admitir formalmente a "ideologia das diferenças individuais" e administrar generalizando, padronizando, legitimando régulas, regulares e utilizar toda racionalidade científica para burocraticamente lidar com formas, deixando conteúdos de molho; explicar causalidades pelo linear direto de causa e efeito; lidar com objetividades quantificadas, científicas e pelo menos assepticamente prometidas como neutras.

Quais são estas roupagens? Vestes, vestimentas do real, que confundem o olhar, fazendo pensar que estas formas, apenas estas formas são o ser por inteiro. E por que não perguntar? E o conteúdo? Qual corpo nú? Quais outras roupagens possíveis? E por que não estas roupagens e não outras?

Enfim, RÉGULA, REGULAR, REGULA...

Entendendo CATEGORIAS...

Regular, enquanto uma categoria, pertence a um universo conceitual que não ganhou existência gratuita ou aleatória, mas é trama tecida fio a fio nos contornos dos espaços/tempos.

É importante clarear universos semânticos, porque isto significa dar conta de categorias inventadas e não, referências naturais e eternas. Problematizar o sistema conceitual é uma das prerrogativas da Filosofia desde Aristóteles que se preocupou em classificar, organizar e categorizar. Passa por momentos cruciais na construção do pensamento humano e encontra em Kant um dos expoentes mais significativos. No século 20, é Wittgenstein que contribui com uma virada semântica, lingüística e filosofal, por excelência e vai balançar o mundo das certezas absolutas.

A compreensão de uma categoria no universo lingüístico e cultural, não é prerrogativa do campo filosófico. É questão premente introjetada no senso comum de uma ingenuidade a toda prova. Categorias são utilizadas a torto e a direito por todos os mortais, sem ter consciência alguma do significado latente e muito menos da historicidade existente, o que as transformam em abstrações metafísicas e se naturalizam, internalizando e externalizando jeitos de pensar e de fazer.

Em termos de paradigmas clássicos, uma categoria parece se revestir da coisa em si. É como se existissem classes naturais demarcadas e bem definidas e principalmente universais a todo ser humano. Neste sentido utiliza-se uma razão transcendental e o léxico gramatical é forma pura com existência inerente e imanente.

Nesta abrangência semântica de uma categoria há que se compreender uma cosmovisão que retrata um conceito de conhecimento, de homem e de mundo enquanto realidade e que conduz inevitavelmente a uma concepção de verdade.

São abstrações que geram abstrações. O conhecimento se configura como puro e independente de mundos culturais e lingüísticos. Se todos usam a mesma categorização e a universalização de formas, isto redunda em deformar conteúdos e alcançar ares angelicais de uma categorização imune aos caldos humanos.

Tudo se transforma em representações e a própria linguagem é mero veículo condutor que não altera conteúdos e também não se altera, buscando sempre uma preocupação asséptica universalista.

Aí mora o perigo. Lidar com categorias naturais significa ignorar culturas, diversidades, histórias e experiências humanas. O sonho de um idioma universal reside numa concepção deste tipo. A realidade afronta e derruba estes devaneios, porque faz emergir as múltiplas variações, os contornos dos espaços e dos tempos o que autoriza a uma rejeição a este sistema conceitual de categorias abstratas e universais.

A categoria do *regular* não está fora deste universo. Quando tributária desta concepção de mundo e de homem, ela resiste e insiste em absolutizar a relação humana e no caso particular, os contornos escolares.

Esta categorização do *regular* como uma teoria, uma verdade inquestionável garante descrições fiéis de limites, de contornos *a priori*, estandartizações de mundo e principalmente legitima os elementos que pertencem ou não pertencem à categoria em questão. Ela representa uma lógica – a única, que se sustenta numa visão mecanicista do conhecimento e numa racionalidade cultivada pelos parâmetros da Ciência moderna.

E a Modernidade?

Modernidade entendida aqui, como um jeito de se viver à luz dos paradigmas da Ciência e que tem contornos muito interessantes.

Modernidade não é um bloco homogêneo de características, mas uma denominação abrangente para uma rede de pensares e fazeres que denotam estilos, perspectivas, valores de espaços/tempos em compassos multidimensionais.

Não surge do nada e não se configura como um decreto filosófico ou cultural. É gestada nas continuidades/descontinuidades dos movimentos do mundo que vêm à tona principalmente a partir do Século dezesseis e constitui-se numa forma de vida e num pensar antagônico aos tempos antecedentes medievalistas.

A linguagem da Pintura, como expressão de mundo nos ajuda a compreender melhor os ares culturais a que os textos escritos se referem, quando contrapõem o pensar Medieval ao nascente cunho do Moderno que se espraia.

Duas telas aqui comparecem para trazer sentimentos e não apenas descrições acadêmicas. A primeira delas, representando o auge do humanismo medieval, é a do artista Antonello da Messina que data aproximadamente de 1460 a 1475, intitulada ***São Jerônimo em seu gabinete de***

trabalho, e que possibilita conversar com o scriptorium medieval que tem o intelectual em sua mesa de trabalho, em atitude tranqüila, consultando o texto sagrado, em meio aos objetos mundanos e cercado de outras obras enciclopédicas de consulta. O quadro abre também para uma representação de transição, inédita nos quadros da época sempre feitos exclusivamente em ambientes internos e fechados. Esta tela possui janelas, paisagem de mundo, possibilidades abertas. Como diz Hilsdorf ao analisar esta obra, *"o humanismo está todo aí, enquanto perspectiva que, a partir do homem, reconecta-o ao mundo"* (5)

A outra tela (6) que permite clarear as perspectivas renascentistas, é artisticamente confeccionada por Giorgione, entre 1508 e1510, com o nome de ***Os três filósofos,*** evidenciando a Filosofia no mundo e a representação das 3 correntes filosóficas predominantes naqueles anos: o aristotelismo tomista, o oriental e o jovem que segura alguns instrumentos de medida, da nova ciência quantitativa. São ares culturais, sociais, filosóficos e científicos diferentes e criam um novo clima.

O *modus vivendi* da modernidade se produz/reproduz na constituição das cidades, no desenvolvimento do comércio e no mercantilismo, na troca entre civilizações, nas influencias culturais diferentes, nas invenções emergentes que marcam um antropocentrismo reinante e vigoroso e principalmente no abalo de velhas convicções que rondavam o teocentrismo absoluto.

Estes novos ares se espalham e se retratam nas Artes, na Religião, na Moral e em nova forma de Ciência que se inaugura.

O importante a assinalar no contexto da regularidade a ser capturada, é que *"as práticas sociais ligadas à passagem do medievalismo à modernidade estão relacionadas com a construção, difusão e imposição dos padrões e instrumentos de medida, da contabilidade de dupla entrada, do estabelecimento de novos moldes vinculadores e sistematizados. (...) Os conceitos e procedimentos hoje, cotidianos, óbvios e naturais são fruto de uma dolorosa revolução intelectual e tecnológica, ligada aos processos histórico-sociais que se produziram na passagem do medievalismo à modernidade. Os homens do Ocidente atravessaram vários séculos de transformação de seus valores, de modos de representação, dos sistemas de vínculos, dos estilos cognitivos, de suas perspectivas teóricas e estéticas. Essas mudanças estiveram indissoluvelmente ligadas com profundas modificações nas instituições religiosas, profissionais, legais, políticas e sociais que conduziram a uma nova ordem social: a modernidade. Este processo teve lugar tanto no imaginário como no tecido social e pôde emergira a partir de uma*

mudança de sensibilidade ligada à aparição de novos modos de representação e de novas formas de relação social". (7)

Algumas expressões em diferentes campos do conhecimento podem ser assinaladas: na pintura, o desenvolvimento da perspectiva linear, na música, uma métrica diferente passa a imperar, a matematização é a ênfase na Ciência emergente, na filosofia, uma revolução cartesiana, na física a influência de Newton e Galileu e assim por diante.

Alguns pontos geradores de uma nova sensibilidade e de atitude de mundo podem ser contextualizados e compreendidos na temática do *regular* que se coloca nesta perspectiva, configurado em uma expressão de conhecimento dominante naquele contexto:

- em primeiro lugar, a matematização do espaço físico, como única forma de representação verdadeira e válida;
- o conhecimento é sempre reflexo da realidade, uma imagem virtual;
- o sujeito é entidade à parte: não interfere e não é afetado pelo objeto de conhecimento;
- a medida do espaço e do objeto é desejada e contemplada como uma forma nova de sensibilidade. A medida é entendida aqui, diferente do contexto grego onde se localizava como ordem e harmonia, mas agora é tomada como fonte única de conhecimento, exteriorização e quantificação necessárias ao domínio do objeto;
- sistematização e padronização dos instrumentos de medição para a necessária estereotipação;
- o tempo como categoria importante nas relações quantitativas e com perspectiva bastante diferente da cosmovisão antiga e medieval. Passa a ser um instrumento de controle também quantificável;
- neutralidade do sujeito em relação ao objeto que se diz e se persegue como entidade à parte, totalmente quantificável e isento de qualidades subjetivas;
- a existência de método para sistematização e padronização do conhecimento e a certeza de que com a adoção de mecanismos controlados, a verdade absoluta será atingida;
- a linguagem representativa destas formas é com certeza, também impessoal e genérica, adotando como regra a terceira pessoa, impessoal;

- o sistema mecânico da metáfora mecanicista do relógio leva a configurações interessantes: compõe-se de elementos estáticos; a soma das partes é igual ao todo; o todo pode ser desmontável e a existência de independências absolutas explicam sistemas fechados que dão conta de explicar a vida;
- defesa da explicação desmontável, ou seja, o todo para ser explicado deve ser dividido em compartimentos estanques;
- estandartização da produção e do trabalho com a criação de padrões gestados em categorias explicáveis e virtuais que passam daí a dirigir o mundo e se naturalizam na eternidade dos gestos mecânicos que deslocam o homem de suas questões subjetivas e fazem com que a dimensão objetiva passe a explicar a vida para ele e para todos.

CATEGORIAS AO AVESSO?

Mas e aí?

Cultos devem ser feitos e mantidos à luz destes parâmetros positivistas que harmonizam mundos e não autorizam o diferente, o antagônico, o plural, o complexo?

Contribuições de várias áreas têm sinalizado a construção de novos olhares e sentires na total expressão de um *Sentimento do Mundo*, como diz o poeta Carlos Drummond de Andrade. (8)

Estas compreensões colocam o universo das categorias em um contexto diferente de mundo, de conhecimento e de pessoas: originam-se lógicas difusas que rompem com o exato e o simples e abrem para a complexidade e para a necessidade de historicizar e contextualizar.

Perdem então as categorias o status natural e eterno.

O *regular* ganha movimento e não se explica mais por contornos dados e apriorísticos.

Estes pensadores oriundos de campos de conhecimento os mais diversos pesquisam o mundo nas adjacências da transdisciplinaridade. Alguns autores podem ser lembrados como

representativos de novos paradigmas no horizonte contemporâneo: Varela, Prigoyne, Maturana, Morin, Castoriadis, Guattari entre outros.

A concepção das categorias se expressa agora bem diferente da teoria clássica:

- "não se aceita a idéia de que existam categorias ou classes naturais
- as classes não apresentam necessariamente limites definidos. Os limites das categorias podem ser: difusos, flexíveis e retráteis;
- não é necessário que tenham uma propriedade comum a todos os seus membros; é suficiente que existam "semelhanças de família", para que agrupemos certos elementos em uma categoria";
- muitas categorias têm estrutura interna: há uma hierarquia de exemplaridade e/ou pertinência. Há membros "privilegiados", "protótipos", "paradigmas", elementos "gerativos". (9)

Estes enfoques diferentes a partir de outro paradigma, o da complexidade **(LINKAR COM O BLOCO FAZENDO CIENCIA NAS TRAMAS DA COMPLEXIDADE)** , demonstram que o pensamento cognitivo humano existe em contextos específicos, datados e situados e em contínua interação com o mundo e com as pessoas dos cenários em questão. Isto significa desnaturalizar as categorias.

Garante assim o pensar e o fazer do *regular* como uma complexa construção mental, uma rede de interações, histórias, costumes.

Isto significa que é possível falar de regularidades, estudá-las sem confundir com a universalização das mesmas, sem perder o rigor científico (agora em outros patamares), mas sempre admitindo a incompletude e as limitações.

Padronizar é possível sem, no entanto, recorrer à naturalizações estanques, garantindo significados em movimento.

Historicizar e contextualizar são recursos metodológicos importantes para a compreensão do universo conceitual e categorizado que habita sempre os terrenos e tessituras humanas.

Puxando os fios da História

Este ideário da Modernidade gestado, contextualizado e historicizado é referencial importante para a compreensão do *regular* em termos de vida escolar.

É contorno básico para explicação de rituais e configurações no universo pedagógico, sem cair nos decretos apriorísticos da teoria clássica de categorias.

A história da gestação da instituição escola é momento privilegiado para se compreender a ação da régula, regulete teimoso que insiste em continuar intervindo no mundo atual.

A evolução pedagógica é brilhantemente analisada por Durkheim (10) , em texto escrito em 1935 e publicado no Brasil em 1995. O fio condutor em cenário de França é bastante explicativo do nascedouro das categorias tão preciosas ao ensino regular. O autor vai percorrendo os vários períodos históricos até chegar ao pós-Renascimento, onde a instituição Escola se configura mais próxima da estrutura atual, permitindo uma compreensão mais significativa da contemporaneidade.

Outro autor, Philippe Ariès (11), no seu encantador livro *História Social da Criança e da Família*, analisa brilhantemente na segunda parte desta obra: A vida escolástica e a questão da tradição de uma escola única sem divisão por classes ou por idades. Faz depois todo o percurso até a invenção de uma Instituição nova: o Colégio, onde a questão Idade passa a existir. Neste texto clássico de compreensão humana, o autor irá contribuir para as relações entre Escola e Infância e a historicização de categorias, hoje enxergadas como óbvias e atemporais.

Duas Telas (12) nos ajudam a enxergar estas diferenças nos agrupamentos dos alunos sem o critério de idade e depois da adoção do mesmo. O primeiro pintor é Albert Anker e o quadro é intitulado ***Escola rural*** e é datado de 1848, e a sala de aula é como se fosse um palco de teatro. Todos em cena e o professor tenta por ordem. O segundo artista, é de J. Geoffroy e se intitula ***En classe, le travail des petits*** datado de 1889, retratando que no século 19, tenta-se organizar as classes por idade e destinar uma sala e um professor a cada classe. Depois de introduzir a matéria nova aos alunos, a professora consegue se dedicar a cada aluno nos exercícios escritos.

No que tange à questão da Escola Regular como o nascedouro das divisões, classificações, homogeneizações e padronizações, Philippe Ariès, indica claramente a adoção histórica de organizações que têm uma origem no tempo e no espaço e que vão gestando categorias, que muitas vezes se naturalizam e absolutizam modos de pensar.

Em termos de Brasil, esta gestação é bastante nítida quando se compreende a categoria da escola *regular* em ritmo de processo. Não se trata de um descolamento ou deslocamento. É rede complexa que remonta aos primórdios da educação brasileira, em terreno jesuítico e que torna-se bastante clara no texto original do *Ratio Studiorum*. (13)

A *Organização e Plano de Estudos da Companhia de Jesus* para as terras do Pindorama é expressão tácita de sistematizações e padronizações em tempos de racionalidade científica à luz de uma Missão de conquistar os ímpios e ateus, com certeza, não tão convictos.

Ela se configura em regras para cada um dos elementos que compõem a instituição Escola. O índice do texto, revela cada segmento com suas regras específicas. Na parte referente à Regra dos Alunos Externos da Companhia, há exemplos interessantes do padrão hegemônico que prima pela disciplina, obediência e humildade:

No item 10- Tranqüilidade e Silêncio – está escrito: *"Nas aulas não vão de um para outro lado; mas fique cada um no seu lugar, modesto e silencioso, atento a si e aos seus trabalhos. Sem licença do Professor não saiam da aula. Não estraguem nem manchem os bancos, a cátedra, as paredes, as cadeiras, portas e janelas ou outros lugares, com desenhos ou escrituras com canivete ou de outra maneira."*

Nas Regras de qualquer dos Professores, das diferentes disciplinas, tomadas uma a uma separadamente, aparece sempre o tópico: Divisão do Tempo. Por exemplo, na do Professor da Classe Inferior de Gramática, está dito:

"O tempo dividir-se-á do seguinte modo: na primeira hora da manhã, recitação de cor aos decuriões, de Cícero e da gramática, correção pelo professor dos trabalhos escritos recolhidos pelos decuriões, enquanto os alunos se ocupam em outros exercícios mencionados na Regra 4. Na segunda hora matutina, repetição rápida da última preleção de Cícero, explicação, por meia hora, da nova que será logo, objeto de interrogação, e finalmente ditado do tema.

Na última meia hora da manhã, explicação ou repetição às duas subdivisões, de algum ponto do primeiro livro da gramática que lhes couber, o que se poderá fazer em dias alternados".

O texto continua minuciosamente a dividir as horas do dia, os dias da semana e os horários de todas as disciplinas.

Estamos em pleno vigor das idéias fortes de uma racionalidade científica a toda prova, que referenciam o padrão, a estandartização e o *regular*.

A divisão classificatória por idades, a existência das classes aqui chamadas de inferiores e superiores e a avaliação punitiva que regula a aplicação de castigos até mesmo corporais é brilhantemente explicada neste texto da época.

Os contornos da regularidade não surgem do nada e nem são decretados aleatoriamente. Fazem parte de um paradigma, de uma visão conceitual, de um lógica clássica de categorias, que engessam e cristalizam as realidades.

As representações de imagens não se circunscrevem apenas ao olhar: falam mais fundo, comunicam sensações, criam climas culturais. Três pintores (14) aqui comparecem para discutir estes contornos:

- a primeira figura, distante no tempo é uma ***gravura*** em Madeira, datada de 1592 e identifica o professor buscando padronizar, nem que seja com os necessários castigos;
- a segunda é próxima, quase que contemporânea e retrata os mesmos ingredientes perseguidos pelos valores da cientificidade racional: padronizar, estereotipar e homogeneizar. Fala forte? Ela é do artista Peter Tilberg e está no Museu de Estocolmo e ao retratar a escola dos nossos dias, se intitula ***Será que um dia você vai trazer benefícios para nós;***
- O terceiro artista é Oskar Schelemmer e sua tela está no Museu de Stuttgart – Alemanha (1928) e se intitula simplesmente ***Aula.*** A figura do professor domina o espaço e todas as interpretações se abrem para as possibilidades do padrão existente nos bancos escolares.

Chegando mais perto dos contornos da escola contemporânea em termos de Brasil e nos meandros do século 19 e 20, a análise do *regular* também se apresenta mais configurada na invenção da instituição mais conhecida entre nós como o GRUPO ESCOLAR.

Nos mesmos compassos agitados por Ariès, o Brasil também desenha perfis mais nítidos de padronizações, estandartizações e classificações, quando a instituição escola se organiza nestes moldes.

Modernidade buscada, proclamada e principalmente conquistada como está dito nos discursos republicanos. A educação que se consolida à luz do ideário liberal dos republicanos paulistas e mineiros, representa uma política e um projeto social que se alavanca na crença do poder redentor da educação e da cidadania.

Esta educação é tributária da valorização da Ciência e da cultura letrada e representa as luzes necessárias em direção a qual a sociedade brasileira deve caminhar. A civilização passa nestes pensares por uma educação dos costumes, alfabetização e pela formação intelectual e moral do povo.

"A instrução do povo é, portanto, sua maior necessidade. Para o governo, educar o povo é um dever e um interesse: dever, de formar escolas; interesse, porque só é independente quem tem o espírito culto e a educação, cria, avigora e mantém a posse da liberdade" (15).

A escola primária, torna-se assim importante instrumento cívico e moral para representar avanço em relação aos ranços imperiais e se identificar com os arautos da modernidade do novo século.

Os exemplos em diferentes países do projeto liberal acenam para a necessidade da construção deste perfil escolar que se consolida em uma escola graduada em lugar das escolas avulsas, sem uniformidade que teimavam existir nos tempos e espaços do Império que se esvaiu.

A criação dos Grupos Escolares representa assim uma das mais importantes inovações em matéria de organização escolar e representa a sistematização mais sofisticada da regularidade, pretendida em ritmo de paradigma da Ciência racional e positivista.

As origens históricas da chamada Escola graduada, ajudam a entender importantes características da escola regular.

Buisson (16) em seu Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire, em edição primeira datada de 1874, aponta no verbete sobre organização pedagógica, o seguinte: *"um conjunto de regras que determinam racionalmente e de forma precisa o modelo de funcionamento das escolas, a saber: as condições de admissão dos alunos, a maneira de classificar, os programas de ensino e o emprego do tempo a consagrar a cada uma das matérias que estes programas comportam".*

No Diccionario de lãs Ciências de la Educacion (17), os termos "escolas centrais, escolas graduadas e grupos escolares são usados no mesmo sentido, *um sistema de organização vertical do ensino por cursos ou níveis que se sucedem e que possuem as características principais, a saber:*

a) agrupamento dos alunos segundo um critério nivelador que pelo geral é a idade cronológica para obter grupos homogêneos; b) professores designados a cada grau; c) equivalência entre um ano escolar do aluno e um ano de progresso instrutivo; d) determinação prévia dos conteúdos

das diferentes matérias para cada grau; e) o aproveitamento do rendimento do aluno é determinado em função do nível estabelecido para o grupo e o nível em que se encontra; f) promoção rígida e inflexível dos alunos grau a grau."

Está explicada de forma retórica e letrada, a utilização do regulete, não apenas uma expressão metafórica, mas que na prática, discrimina, exclui, padroniza e divide.

Em seu belíssimo texto *Templos de Civilização*, Rosa Fátima de Souza (18), faz uma análise exaustiva e contundente da regularidade que caracteriza a escola graduada, os grupos escolares ou outra denominação qualquer, mas que em síntese se pautavam por alguns princípios régios de organização:

- a classificação igualitária (homogênea) era *"a essência mesma da escola graduada e juntamente com ela surgem as noções de classe e série. (...) No plano pedagógico, o estabelecimento das divisões nas escolas possibilitou um rendimento melhor da instituição escolar, porém, em contrapartida, a escola tornou-se mais seletiva, porque o agrupamento dos alunos em classes homogêneas supunha o favorecimento dos melhores em detrimento dos mais fracos. Além disso, a classificação em cursos gerou o aperfeiçoamento dos exames e criou a noção de repetência, que viria a se constituir em um dos maiores problemas do ensino primário em todos os tempos. Assim, a racionalidade e a eficiência do ensino simultâneo geraram o que a educação possui de mais perverso: a sublimação do indivíduo em prol do coletivo e a individualização que seleciona e pune."*

A noção de repetência, é idéia nuclear no conjunto da regularidade e torna-se mola propulsora das organizações escolares. Ela legitima classificações ditas não discriminatórias e embute valores de visão de mundo, de homem e de educação.

Trata-se de um pensar que mede produtos, numa linha de estandartizados e criva o desempenho em momentos localizados, ignorando tessituras, redes e enfatizando desempenhos.

Na escola *regular*, a repetência é pois uma categoria básica. O sentimento do aluno reprovado estampa-se com sutileza ímpar na representação do pintor Würtenberger (19), que se intitula ***Na banca da escola/aluno ficando retido***. É gestação nos tempos e nos espaços e não simplesmente uma política isolada ou mesmo articulada a projetos específicos de países e governantes.

O tempo é a outra categoria importante e absoluta na lógica da racionalidade científica que preside a organização escolar. Inexistem os tempos individuais, o ritmo próprio, o tempo do

aluno. Nesta compreensão, Carlos Drummond de Andrade, ajuda a pensar de forma melancólica, esta relação tempo/aluno/escola, na poesia intitulada *Professor (20)*

O professor disserta
Sobre ponto difícil do programa.
Um aluno dorme,
Cansado das canseiras desta vida.
O professor vai sacudi-lo?
Vai repreende-lo?
Não.
O professor baixa a voz
Com medo de acordá-lo"

Para a modernidade, inexistem estas temáticas. Tudo deve ser medido e a questão quantitativa é da maior importância. Determinam-se horários, intervalos, descansos, cadências e ritmos. Decretam-se os momentos e padronizam-se vidas. Com isto evidenciam-se valores relativos à menor ou maior duração ou ainda o que vem primeiro e o que vem por último. Tudo tem significado implícito na medida em que os acontecimentos se pautam por vieses não inocentes.

Portanto, classificar, categorizar, graduar, selecionar, classificar, repetir e temporalizar são os verbos mais significativos no léxico da escola graduada. Não é gramática ingênua, mas configuração de um jeito de pensar e de fazer.

No mesmo livro Templos de Civilização (21), a autora faz um passeio histórico em diferentes países evidenciando esta lógica da regularidade, até chegar ao Brasil. Em São Paulo, a escola graduada de ensino primário organizada em múltiplas salas de aula, várias classes, alunos e professores aparece na escola pública, na década de 1890. Na escola particular, experiências isoladas se constituem, e um dos arquivos mais interessantes como linguagem de época, é sem dúvida, *O Ateneu* (22), de Raul Pompéia. Este texto, traz significados bastante contundentes à idéia de estrutura escolar e é consulta obrigatória, para as compreensões do universo pedagógico. Ele é datado de 1888, numa referencia ao Colégio Abílio existente na época e na qual Raul Pompéia estudou. No entanto, a expressão artística, humana e de sentimentos múltiplos não tem

idade marcada.Ela extrapola calendários e traz à tona toda regularidade de um momento pedagógico e literário.

Contemporaneamente, na década de oitenta do último século vinte, um *clip* musical do conjunto inglês *Pink Floyd*, intitulado ***The wall,*** traz brilhantemente imagens, poesias, letras e música, fazendo respirar esta mesma marca sintomática da regularidade.

Voltando aos contornos datados e situados, em Minas Gerais, a reforma da instrução pública sob a batuta republicana, é de 1906 e espelhou-se na experiência paulista (23) Outros estados também gradativamente adotam e educadores paulistas são chamados a participar da reforma escolar em todo o Brasil.

São, no entanto, acontecimentos ainda isolados, porque em sua maioria, predomina a escola unitária, mais econômica, popular e menos revolucionária na sua proposta embrionária.

Mas devagar e logo a seguir, a implantação dos grupos escolares vai se alastrando principalmente no contexto urbano, sempre em detrimento da experiência rural. Em poucos anos, o modelo vinga e a idéia da regularidade em sua plena acepção, ganha formatação mais acabada.

"O processo de construção do grupo escolar como uma nova organização administrativo-pedagógica do ensino primário concretizou-se em poucos anos. Uma escola urbana, moderna e de melhor qualidade. A reunião de escolas trazia todos os princípios fundamentais que propiciaram as mudanças no ensino primário: a racionalização e a padronização do ensino, a divisão do trabalho docente, a classificação dos alunos, o estabelecimento de exames, a necessidade de prédios próprios com a conseqüente constituição da escola como lugar, o estabelecimento de programas amplos enciclopédicos, a profissionalização do magistério, novos procedimentos de ensino, uma nova cultura escolar."(24)

Mas esta formatação, não se faz como movimento isolado, soberano e sem qualquer resistência. Esta mesma autora lembra alguns revezes que contrapõem a voz instauradora de mão única. Afinal a realidade é rebelde. Estes revezes se devem à dificuldades financeiras e também problemas de ordem pedagógica, *"relacionados com a dificuldade de execução do programa, e a aplicação do método intuitivo, a questão da seletividade e a baixa produtividade das escolas em termos de aprendizagem, em especial a alfabetização no primeiro ano."* (25)

Afinal, lembra esta mesma autora: *"a uniformidade e a padronização, dois grandes pressupostos caros à escola graduada, eram difíceis de serem alcançados em uma organização*

de ensino dominada pela heterogeneidade, com diferentes tipos de escolas primárias, diferentes programas de ensino e diferentes níveis de formação de professores" (26)

Danada é a realidade a ser domada.
A diversidade precisa ser homogeneizada.
Haja espírito, haja coração!
Coitado do humano...

Estes pensares/fazeres, indicam claramente que o *regular* decretado como padrão único de configuração, ou melhor falando, uma escola regularizada, mata as iniciativas, elimina as diferenças e claramente se coloca como uma escola excludente, porque não atende a todas as possibilidades de se fazer humano. É vida morta, por mais paradoxal que pareça.

Este *regular* precisa ser descascado, desmobilizado e despatenteado, para ir identificando os sinais necessários à construção de uma prática não discriminativa.

Em cada canto de escola, em cada sala de aula, práticas que:

- dividem conteúdos, cadernos, horários, saberes, precisam ser exorcizadas;
- rotinas imexíveis, livros prontos, ditados e pontos a serem copiados são mortes de iniciativa;
- disciplinas estanques, disciplinas com maior valor que outras, grades curriculares que sejam postas para correr;
- tarefas divididas na sala que discriminam, sejam sacrificadas;
- planos de aula únicos e fixos que sejam abolidos;
- salas homogeneizadas por inteiro, ou salas heterogêneas suportadas porque dentro delas se dividem em fortes, fracos e médios, que sejam engolidas pelo inferno;
- misturas inconseqüentes de métodos, procedimentos e intervenções de professor com desconhecimento de quais aprendizagens precisam ser trabalhadas, sejam condenadas eternamente;
- espaços mal vividos e padronizados, sejam eliminados!
- Avaliações arquitetadas e elaboradas em função de erros e de castigos, sejam condenadas;

- Solidões pedagógicas dos professores sejam dissolvidas pelo exercício do estudo em grupo e pela troca de experiências continua;
- Escolas que não sabem o que querem pois a proposta é só de papel, que o diabo cuide delas !

Tomara que todas estas fragmentações inconsistentes sirvam de alavanca para avançar no sentido de uma ESCOLA diferente. A poesia nos ajuda a pensar esta ultrapassagem nos versos de Cecília Meirelles, que diz, *"aprendi com as primaveras, a me deixar cortar, para renascer inteira"*.

Que fique claro portanto, que a escola *regular* não dá conta da diversidade. Portanto falar da ESCOLA dita para todos, é impossível nos contornos desta escola que está aí, resistindo e insistindo nos meandros das dualidades de um ensino regular e de um ensino especial.

Buscando uma outra forma de compreensão...

Aproveitando os contornos históricos e valendo-se da diferença existente nas diferentes situações escolares, é preciso buscar uma compreensão do *regular* que não esteja atrelada a teoria clássica das categorias imexíveis.

A compreensão do *regular* precisa estar aberta a explicações que vão além das óticas quantitativas próprias do rescaldo da modernidade.

(LINKAR COM FAZENDO CIÊNCIA NAS TRAMAS DA COMPLEXIDADE)

Torna-se necessário escapar da concepção ingênua do processo cognitivo em geral e da crença em mecanizações e imagens totalizantes. Os movimentos em diferentes segmentos nas últimas décadas têm ajudado a desconstruir estes formatos estanques, padronizados e hierárquicos.

Estes pensares e fazeres têm vindo não só da filosofia, mas são oriundos da Física, da Biologia, da Química, da Lingüística evidenciando todos a trama de uma complexidade que não se reduz a explicações quantitativas e muito menos reflexos de uma realidade estática.

Da Arte vem também apelos sensitivos para se reconfigurar as estruturas cristalizadas da categoria regular dentro de outros contornos. O artista Karl Hubbuch (27), faz uma crítica ácida a este perfil e expõe seu quadro de uma perspectiva que privilegia o mundo, a rua, as casas em

detrimento da aula. Seu quadro pintado em 1923, intitula-se ***Na escola do povo.*** Conversar com ele, faz bem a alma e ao coração.

Outra expressão clássica, de libertação de sufoco, de desejo de mundo está expresso, no artista Waldmüller (28) que faz irromper nas crianças, toda a alegria ao sair da escola. O quadro não poderia deixar de se chamar ***Após a aula***.

Uma expressão mais abstrata nos faz sentir a mesma fuga, o mesmo desejo de movimento, a mesma sensação do formal/informal que existe no REGULAR. O artista Losert Kornhaus (29), expressa o fulgaz e a tela se chama ***Alunos correndo***. Fica em aberto todo sentimento de mundo escolar.

Tudo é visto em termos de redes, relações, conexões.

LINKAR COM O BLOCO O CADA DIA DA NOSSA ESCOLA

Não é difícil se render a estes encantos que chegam mais perto do humano em toda diversidade e pluralidade.

No caso do *regular*: ele não se esgota nas hierarquias de um organograma, ou nos contornos de uma estrutura. Ele se insinua nas múltiplas tramas de espontaneidades e informalidades não previstas. O paradigma anterior não conseguia dar conta destes vieses porque o que não era visto, medido ou quantificado não contava.

Os óculos da modernidade ainda continuam muito fortes nos olhares humanos. Ainda é muito difícil não se deixar de ver como parte, como elemento isolado. Fica ainda por conta de ilusão achar que a soma das partes não é o Todo e que o Todo pode ser descolado das matemáticas elementares. Não se acredita ainda no que não é quantificável. Fica sempre aquele ranço de achar que o dado subjetivo não é conhecimento. Em termos de escola, valores às Ciências Exatas rondam a organização de horários e práticas escolares. Enfim, o próprio Conhecimento humano ainda é debitário de compartimentos estanques que se chamam disciplinas.

A metáfora da rede utilizada por Morin ajuda bastante a compreender as relações e conexões entre parte e todo, entre estanques divisões, abrindo possibilidades de ultrapassagem no mar da complexidade.

Aparece assim uma outra concepção de observador e de realidade que remete ao SUJEITO entendido não como uma entidade estática, algo que é, mas uma unidade heterogênea, "organização emergente da interação e de sub-organizações entre as quais se destacam a

cognição, a emoção e a ação, que são formas de interação do sujeito com o mundo. O sujeito não é um ser; uma substancia, uma estrutura ou uma coisa, senão um devir nas interações. (...) é através dos vínculos sociais de afeto, de linguagem, de comportamentos que o sujeito vai se auto-organizando. (30)

"Não devemos confundir o sujeito com a subjetividade. Esta é a forma peculiar que adota o vínculo humano-mundo em cada um de nós, é o espaço de liberdade e criatividade, o espaço da ética. Mas o sujeito não é somente onde se assenta a subjetividade, senão uma organização complexa capaz também de objetivar, quer dizer, de se compor, de estabelecer acordos no seio da comunidade, de produzir um imaginário comum e, portanto, de construir sua realidade. O que os positivistas chamavam "o mundo objetivo" é para as ciências da complexidade uma realidade construída a partir de um imaginário social compartilhado por sujeitos que são parte indissociável desse mundo. O mundo em que vivemos é um mundo humano, mundo simbólico, mundo construído em nossa interação com o real, com o que está fora da linguagem, com o mistério que opõe resistência às nossas criações e ao mesmo tempo é a condição de suas possibilidades." (31).

E aí?

O passeio pelos caminhos do *regular* se faz continuamente e não acaba nunca em termos de existência humana. Também tem trilhas e subtrilhas que deslizam, confundem e clareiam o passear.

É tessitura complexa, pois os fios escapam, voltam, compõem e descompõem o cenário. Mas provoca as vontades e intenções, mexe com o corpo que caminha, com os pés descalços e com sapatos, delineiando jeitos de caminhar.

Há locais iluminados, outros sombreados, contornos mais perto, paisagens à vista, intempéries e tudo isso interage com o caminhante ou caminhantes, na solitária/solidária aventura humana.

Neste passeio pela escola *regular* datada e situada no universo em questão, estar à escuta do dia a dia em cada instituição escolar, é o desafio permanente. Ler rostos, cadernos, livros, paredes repletas ou vazias, sentir os pátios, corredores, falar com as pessoas, ouvir vozes, prosear sobre a vida. Sentir cheiros, sabores, odores, emoções.

O mergulho no/do cotidiano da escola nos permite tudo isso e muito mais: ele abre sensibilidades, acorda sensores, mexe com valores. Qualquer pessoa que se preze como educador, não pode se furtar ao estar na escola com todas as conexões e relações em aberto.

Os discursos se evaporam, os paradigmas *"sólidos se desmancham no ar"* e a complexidade se escancara nas provocações mais gostosas e insólitas que se pode imaginar.

As vivências até mesmo exaustivas e por que não doídas, não nos habilitam a ser donos de uma tese única, total e completa. Pelo contrário, são sempre precárias, incompletas, mas nem por isso menos sérias e competentes pelo menos com todos os esforços e boas intenções.

O *regular* aberto em suas múltiplas redes de fios, em suas trajetórias inusitadas aguça nossa razão/emoção para estar aprendendo algumas coisas com ele.

Em primeiro lugar, ao ser enxergado como um contorno inevitável e aconchegante do sistema, permite o exercício e cumprimento tranqüilo de estruturas engessantes.

É desta forma que a gente esquece das origens, se esquece da complexidade em movimento e trabalha com ele como o dado posto e acabado.

Neste sentido ele é caprichoso. Insinua-se pelos meandros do tempo e do espaço e vai se espraiando pelos perfis escolares. Acomoda-se nos ditames legais, nos parâmetros nacionais e vai decretando as realidades. Afinal de contas, quem é que pode duvidar da inocência dos horários escolares, dos calendários e das classes seriadas?

No pensar eterno dos sonos embalados, o *regular* é assim, porque a natureza humana é assim e o mundo é assim, ou até fazer vôos metafísicos para achar que Deus também quer assim.

Em todas as posturas existentes no cotidiano da escola, esta formatação cultural, histórica está disseminada e gesta pensares de acordo que são fortes e cada vez mais fortes, na medida em que se esquecem origens de paradigmáticas que poderiam desmanchar os nós do tecido.

Ir fundo nestes teares do *regular*, faz vir à tona, jeitos de dividir o dia, ênfases que se dão às disciplinas, impossibilidade de integrar conteúdos entre eles e com a vida, separação entre fortes e fracos na sala de aula, apego ao programa. São procedimentos *estratégicos* do lugar comum, que seguem a lógica da racionalidade técnica.

LINKAR COM O CADA DIA DA NOSSA ESCOLA

Estas molduras da padronização precisam ser clareadas, para não serem executadas em nível inconsciente, mesmo que com toda a boa vontade do mundo.

São *estratégias* bastante estandartizadas e que não sendo percebidas no universo do paradigma a que pertencem, continuam a se repetir, invocando impossibilidades, resguardando medos e conformismos e a realidade escutada e transpirada é bastante pródiga da incidência destes padrões.

A impressão que se tem é que se ficar neste nível, a escola decretada, esquece de acontecer em seu organismo vivo, pois apenas cumpre papéis, ordens, burocracias, técnicas e metodologias apriorísticas

Notas

(1) ROCKWELL, Norman. Outside the Principal's office, p. 38 In: MARKER, 1995

(2) CUNHA, A. G. In:Dicionário Etimológico Nova Fronteira, 1982, p. 672

(3) HOLLANDA, In: Dicionário Básico da Língua Portuguesa, 1988, p. 559

(4) CALDAS AULETE, In: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – volume IV, 1980, p. 3124.

(5) HILSDORF, M. Lúcia, 1998, p.18

(6) Ibid, p.34

(7) NAJMANOVICH, 2001, p.13

(8) ANDRADE, Carlos Drummond, 1955, p.129

(9) NAJMANOVICH,2001, p.37

(10) DÜRKEHIM, E. 1995

(11) ARIÈS, P. 1978

(12) WINKELER, H.S. 1999, p.101 e p. 110

(13) FRANCA, Leonel, 1952

(14) WINKELER, p. p.67, p.143, p.147

(15) REIS FILHO,C. 1981, p.51

(16) SOUZA, Rosa de Fátima, 1999, p. 32

(17) Ibid, p. 32

(18) Ibid, p. 35

(19) WINKELER, p. 138

(20) ANDRADE, Carlos Drummond, 1997

(21) SOUZA, Rosa de Fátima, 1999

(22) POMPÉIA, Raul, 1989

(23) FARIA FILHO, 1996

(24) SOUZA, Rosa de Fátima, 1999, p. 52

(25) Ibid, p. 53

(26) Ibid, p. 60

(27) WINKELER, p.140

(28) Ibid, p. 137

(29) Ibid, p. 141

(30) MATURANA, 1998

(31) NAJMANOVICH, 2001

O *REGULAR* REGULADO - O DISCURSO DOS ARQUIVOS

O *regular* se faz presente em múltiplos aspectos e vestimentas. Muito há para ser dito, sobre o *regular* do regular e não existe a pretensão de esgotar revelações, esvaziar significados, mas apenas é uma questão de ir iluminando facetas, leituras, textos que se fazem e são gestados no cotidiano miúdo da escola.

Nesta história do dia a dia, em que se destacam aspectos por vezes óbvios, irrelevantes mesmo para a historia oficial, o olhar atencioso e sensível sobre fontes escritas, arquivos documentais é material rico e significativo para tecer a rede das *representações* dos profissionais da educação acerca da rotina ritualística do que regula a vida da escola.

A expressão *representações,* permite compreender as relações entre discursos e práticas. As *representações,* conforme Chartier, são *"práticas culturais"*, isto é, *elas são estratégias de pensar a realidade e de construí-la. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outras, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas."* (1)

Este olhar importante que Chartier configura, recebe mais força ainda quando Certeau, ao diferenciar *estratégias* e *táticas (2)* ***LINKAR para parte referente a Estratégias e Táticas,*** vai permitir revelar sensibilidades às diferenças e às formas repentinas, não engessadas que a criatividade dos indivíduos e dos grupos faz emergir.

Com isto vai se evidenciando na cadencia dos registros, dos textos e das letras e palavras congeladas em papel, e também nas práticas que se arvoram em discursos vivos, uma gramática, uma sintaxe, que decreta cotidianos e faz até acreditar em generalizações estruturantes que marcam um *ethos* constituinte da regularidade assumida como padrão.

Esta regularidade corta existências, atravessa corpos e espíritos, na frieza do "*é assim*", ou do "*tem que ser assim*", ou "*sempre foi assim*", "*e que seja assim*", mesmo invocando Deus como testemunha e sujeito volitivo.

Há portanto uma **racionalidade** que transparece nos poros do real, nas microfísicas do poder e nas metanarrativas das leis e textos normativos.

Os arquivos documentais a serem ouvidos, são versões materializadas do discurso no cotidiano, expressas aqui em forma escrita, e é nesse domínio que as subjetividades se relacionam, se expressam em identidades e diferenças que fazem perfis significativos.

Tomar contato com as fontes escritas, vivenciar espíritos, sentir saberes e por que não, sabores, é mais do que um ato de leitura. É criação na medida em que produz o próprio objeto. É questão de identidade.

Daí a importância do resgate desta documentação escolar: buscaram-se dados no órgão do sistema pertinente – a 41ª Superintendência Regional de Ensino de Varginha, e nos arquivos de cada uma das escolas de Três Corações, delimitadas no universo a ser pesquisado.

Em nível do sistema – na 41ª Superintendência Regional de Varginha, encontramos as legislações complementares e cópia dos regimentos escolares. Foram obtidos apenas dados de criação, autorização de funcionamento das unidades escolares e a indicação de que os documentos relativos à cada escola, encontravam-se guardados nas unidades escolares.

Desta forma a pesquisa documental foi direcionada à leitura de todo arquivo existente em cada uma das seis escolas em análise, no período eleito para análise (pós LDB 9394 de 21 de dezembro de 1996 – período letivo de 1997 a 2000).

Estes registros foram encontrados nas seguintes fontes: livro de atas do Colegiado Escolar, livro de Termo de Visitas dos Inspetores escolares, Livro de Atas de Reuniões Gerais, fotos, vídeos, projetos escritos, Livro de Atas de Reuniões Pedagógicas, Fotografias e Vídeos, Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE, Regimento Escolar, Arquivos de correspondências recebidas e Arquivos de correspondências enviadas por cada uma das unidades.

Chegar perto destas fontes escritas permite evidenciar aspectos da cultura escolar (3), entendida como *"práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos, a historia cotidiana do fazer escolar – objetos materiais, função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento... e modos de pensar, bem como significados e idéias compartilhadas"*.

Esta leitura e análise documental não teve como objetivo o resgate de uma história institucional de cada uma das escolas em questão, mas sim o de trazer à tona, o estrutural estruturante da regularidade dos cotidianos miúdos, conforme proposta desta tese.

Há que se considerar também todo e qualquer documento a partir do olhar inspirador de LE Goff (4), que os enfatiza, como *"sinais, resquícios, impressões e que devem ser*

compreendidos no seu âmbito próprio, como vozes, expressões e discursos, resguardando evidentemente possíveis limites, quais sejam o de óticas contaminadas e impregnadas de vícios legalistas e culturais".

Daí a necessidade de outras sintonias abertas nas múltiplas facetas do caleidoscópio que a realidade compõe contempladas nas outras escutas deste trabalho **(LINKAR vozes de professores, textos das entrevistas, vídeos, fotos, telas, etc) – ANEXO 1 (versão impressa)** que ajudam a leitura e criação do real.

No mergulho no/do cotidiano, a leitura dos **Termos de Visita dos Inspetores Escolares** que pertencem ao Sistema Estadual de Ensino, lotados na 41 ªSuperintendencia Regional de Ensino de Varginha permite identificar alguns contornos interessantes dos padrões do *regular.*

Os livros iniciam as visitas geralmente no mês de fevereiro e a análise percorreu portanto, todos os Termos de Visita no período 1997 a 2000. Foram lidos 341 Termos nas seis escolas em questão.

Há uma Sintaxe presente com certeza,

Há estilo literário.

Há revelações de padrões, paradigmas e valores embutidos que moldam o cotidiano das escolas.

Senão vejamos:

Termo de Visita - Escola Estadual 5 (5)

Horário: 13:05 h às...

Atividades:

Entreguei material relativo ao Colegiado Escolar (fascículos 1 e 2) e impressos (Escola Pública: participe e melhore o aprendizado do seu filho.

Conversei com a Especialista ....., a Sra. Diretora e Sra. Vice-Diretora sobre o início das atividades de reforço aos alunos do CBA- Projeto Emergencial, onde estão sendo atendidos 68 alunos no turno da tarde. Discutimos sobre a necessidade de utilizar atividades criativas que despertem o interesse do aluno e assegure sua aprendizagem e desenvolvimento. A escola designou 01 professora recuperadora e conta também com uma professora designada pela Escola Estadual ZZZ que atende 28 alunos deste estabelecimento. Reforcei que a carga horária a ser cumprida pelo professor recuperador do Projeto Emergencial é de 20 horas e regência semanais e 04 horas para planejamento.

Elaboramos a Emenda ao Regimento Escolar em atendimento às Resoluções 7915/96, 7943/97 e 7950/97.

Assinei contagem de tempo já verificadas anteriormente e copias do QI- cargo – função publica que serão arquivados.

Constatei que houve a publicação da mudança de tipologia da escola para 0.2.0.A- MG 10.04.97

Recebi a sra. ... Diretora da EEQQQ.

Conversamos sobre a necessidade de registrar os desempenhos dos alunos do CBA – Projeto Emergencial, bem como fazer o controle da freqüência dos mesmos.

Recebi documentos para serem protocolados na 41 ªSuperintendencia Regional de Ensino.

Constatei que o lixo da escola é acondicionado em latões não sendo utilizado sacos plásticos. Portanto, a coleta e feita normalmente, sem deixar resíduos na rua que possam poluir o local.

Retificando informação citada em visita do dia 10.04.97, a servidora X localizou seu Informativo de Inscrição. Para regularizar a publicação do seu Masp, a Superintendência solicitou a copia de seu I.I. que será encaminhado à ela.

Três Corações, 24 de abril de 1997

.....(assinatura da Inspetora)

.....(ciente da Diretora)

Esta transcrição aqui no próprio texto tem como objetivo sentir um pouco o formato e o clima existente em cada um dos 341 termos analisados, lidos, sentidos e pensados. Desta experiência de leitura, nasce uma gama de facetas interessantes a destacar:

A primeira observação a ser feita é relativa à forma dos Termos de Visita. Em todos eles, o tratamento padronizado, convida à impessoalidade. A linguagem adotada é sempre a de parágrafos curtos, registrando as atividades de forma pontual. Esta característica dos textos, compreendidos à luz do significado de práticas culturais, reveste-se com certeza, de um viés próprio dos tempos atuais, contrapondo-se a uma linguagem mais prolixa e com textos mais

longos encontrados nos relatórios de inspetores do início do século XX. No livro Templos de Civilização, a autora Rosa Fátima de Souza (6), traz algumas amostras destes textos, que revelam outros tempos, outros pensares e fazeres, outras *não pressas* embutidas.

No contexto atual, em todos os Termos de Visita, escutados, lidos e sentidos, o que se percebe é a inexistência de estilos próprios em qualquer das diferentes escolas e dos diferentes inspetores em questão. Há uma modelização nas produções de texto e uma espécie de assepsia semântica.

A linguagem utilizada e a forma empregada nos verbos e substantivos imprime sempre um cunho de autoritarismo velado, de um jeito de ser pronto, *a priori*, que decreta realidades e faz de conta que as leva em consideração, que não é traço peculiar a um ou a outro, mas caldo cultural social e também do ambiente escolar formatado ao longo de uma gestação pedagógica.

Neste sentido é bom escutar, a Inspetora Z que diz:

"o PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola deve ser discutido na próxima reunião do Colegiado. Depois de elaborado, ele precisa ser colocado em pauta, para aprovação e para constar em ata".

Outras vozes (7) e (8) *de inspetores, nas múltiplas e infinitas atas lidas e escutadas podem trazer um pouco mais à tona, deste jeito de ser e de estar.* – **ANEXO 2 (versão impressa)**

Há um ir e vir do desejo democrático que faz as oscilações entre discutir e elaborar entre fazer e constar, entre viver e decretar.

Mesmo quando a utilização de verbos de natureza democrática e coletiva se fazem presentes, como DISCUTIR, SUGERIR, QUESTIONAR, há sempre uma composição de um produto pronto que impacientemente ouve o processo, para no final se transparecer soberano.

A esse respeito, por exemplo, a inspetora X diz: *"levei a instrução normativa sobre a composição do colegiado. Discutimos o assunto e depois de ouvir a sra. Diretora ficou acertado que os tópicos da Instrução serão adotados na seqüência certa para atender a legislação em questão."*

Em termos de forma, há o predomínio de um estilo enxuto, lacônico, muitas vezes em tópicos (9) e (10), que revela sempre uma modelização engessada. – **ANEXO 3 (versão impressa)**

- Em segundo lugar, o comentário da incidência de assuntos tratados nestas visitas, priorizando o burocrático, o administrativo e principalmente neste universo, os assuntos

funcionais. Dos 341 termos analisados, 270 fazem referencia a eles, em 101 aparecem as questões pedagógicas num viés sempre de documentos e exigências, em 24 acontecem visitas à salas de aula, por demanda dos projetos do sistema em curso. Questões disciplinares estão postas em 12 deles e apenas em 8 durante os quatro anos e nas seis escolas, a proposta de cada escola é tratada, mas mesmo assim como uma solicitação das políticas públicas em questão na conjuntura do sistema estadual, que privilegiou a elaboração dos PDEs – Planos de Desenvolvimento da Escola (11)

A visualização desta incidência de temática fica deveras interessante, quando analisada em linguagem vertical (12):

(link ..... quadro 1- gráfico de barra – predominância quantitativa das matérias nos termos de visita) – ANEXO 4 (versão impressa)

Em terceiro lugar, cabe uma observação, ainda quanto ao conteúdo retratado nos respectivos Termos de Visita. Ênfases aparecem numa leitura sensível e cuidadosa da análise documental:

- O predomínio de assuntos administrativos, é de cunho funcional (13), – **ANEXO 5 (versão impressa)**

entendido enquanto aspectos relacionados à vida profissional, contagem de tempo, cargos, carreira. Há mesmo uma exacerbação destes aspectos em detrimento dos outros. É praticamente lugar comum em todos os termos de visita, a preocupação com contagem de tempo, enquadramento, licenças , nomeações, estagio probatório, designação, quadro do quantitativo de pessoal, leilão de vagas, avaliação de desempenho exigida pela Estado e nem sempre bem entendida no contexto da escola. É um ritmo frenético de autorizações prévias, horários a serem cumpridos, convenio com IPSEMG e toda uma nomenclatura própria de quadro de carreira e de contratados. Existem termos de visita das inspetoras às escolas que se limitam a isto, sempre com a sensação do dever cumprido, evidentemente.

Ouçamos a inspetora W:

"estive na escola e assinei as contagens de tempo que já havia conferido na visita anterior. Alertei para a avaliação do estagio probatório. Atendi a profa.B para observações quanto ao Masp. Encaminhei solicitação de licença médica...".

Estas atividades todas permitem pensar no quanto existe de caráter profissional de um despachante (14), (15) e (16) – **ANEXO 6 (versão impressa)**, desempenhado por especialistas que possuem formação pedagógica em nível superior, pois o cargo de Inspetor Escolar, exige a graduação em Pedagogia, aqui se tornando inócua para o desempenho em questão.

Ainda falando sobre o Conteúdo dos Termos de Visita, há uma freqüência muito grande de instrumentos legais que são levados à escola para normatização (17) e (18) da vida escolar: são circulares, avisos, portarias, resoluções que fazem do inspetor uma espécie de carteiro do sistema. – **ANEXO 7 (versão impressa)**

A lista de Instruções que a escola recebe e a preocupação de legalização se faz sentir, por exemplo, nos aspectos da Tipologia da escola, alterações na tipologia quando a escola deixa de ter turmas de pré. Quadros informativos, quadros de freqüência, livro de pontos, siglas e mais siglas: CDE, Sedine, QF,QI, QC entre outros mais. Há uma ênfase muito grande nas orientações para preenchimento destes quadros, dos diários de classe, dos históricos escolares e de toda a documentação. Um início de informatização destes Quadros aparece e aí todo o treinamento necessário vai se desencadeando.

Atualização de regimento, estatuto do colegiado é também um assunto freqüente. Verbas, dinheiro para caixa escolar, campanhas de arrecadação de dinheiro, prestação de contas, planilhas, repasses e balancetes assumem também grande parte do trabalho do inspetor com a escola. Informações quanto à alterações nas leis, portarias e resoluções são também bastante citados.

Há casos de legalismo (19) – **ANEXO 8 (versão impressa)** muito interessantes. Por exemplo, a inspetora Y diz: *"constatei a existência de um recesso na escola que não foi comunicado à Superintendência"*.

Ainda neste sentido, outro exemplo: A inspetora Z atende mãe de aluno que não tem sete anos e com isso está impedido de se matricular no primeiro ano de escolaridade. Esta é uma questão proposta e a inspetora se dispõe a pensar, para resolver o que faz.

Em outra ocasião, a inspetora Q se depara com um problema: a aluna com sete anos já lê e a escola encaminha para a inspetora, para ver se faz remanejamento!. Os pais são chamados e com autorização deles, a aluna é reenturmada. Tudo respira padrão (20), e a diversidade precisa ser homogeneizada sempre. – **ANEXO 9 (versão impressa)**

Ainda em outra situação, a escola X resolve encaminhar para o Fórum local, a lista com nome de alunos evadidos (21), para que uma solução jurídica aconteça.

Entrando neste aspecto, as questões disciplinares internas (22) e (23) – **ANEXO 10 (versão impressa)** são também levadas pela escola, aos inspetores para que alunos com problemas de comportamento sejam resolvidos. Durante o relato dos 341termos de visita, pelo menos 1 ou 2 casos por escola, de aluno e também com professores é tratado neste nível burocrático.

Na Escola Estadual 5 pelo menos um caso por ano, apareceu pedindo a intervenção da inspetora. Nesta mesma escola, há o caso do pai que reclama da professora (24) no ano de 1999 e a professora promete melhorar. – **ANEXO 11 (versão impressa)**

Na escola estadual 1, no ano de 1998, um caso de indisciplina geral de uma sala de quarta série, leva os pais a solicitar o afastamento da professora. Vários termos de visita vão tratar do assunto e também vai ser registrado nas atas do Colegiado. O caso termina com o reaproveitamento (25) da professora em outra função na escola. – **ANEXO 12 (versão impressa)**

Há uma incidência muito grande em informações que o inspetor leva para a escola, sobre Concursos e Iniciativas de premiação conferindo ao processo escolar uma marca de eventos chamativos fetichizando as ações pedagógicas. Alguns deles podem ser evocados aqui para imprimir maior concreticidade do apelo total: Premio de Incentivo à Educação Fundamental; - Programa Adote uma escola; - Projeto Gente Consciente; - Concurso Professora Maluquinha; - Concurso Nacional de Gestão Escolar; Campanha de Prevenção de Acidentes na infância e na adolescência, Concurso Criança e Cidadania; - Premio – parceria empresas e Fiemg e até um interessante Concurso Importância do Mar para o Brasil , lembrando que Minas Gerais não tem mar. Além disso, entrega de vários cartazes: 500 anos Brasil, Cantinho de Leitura, Campanha contra Drogas, Dia Legal, Pintura Infantil. Etc.

O pedagógico (26) – **ANEXO 13 (versão impressa)** aparece relativamente pouco nas preocupações evidenciadas pelos Termos de Visita. Torna-se quase um personagem ausente, considerando a natureza de uma instituição escolar. Quando aparece, possui entre outras, duas roupagens interessantes

Na primeira roupagem, vem carregado de versão legalista e em forma de uma Instrução, Circular ou Resolução. Assim é bastante freqüente que a lembrança pedagógica venha escrita da seguinte forma:

Entrega de circular sobre alfabetização do portador de dificuldade,

Ou ainda:

Entrega do material sobre escolha do livro didático;

Ou:

Leitura das instruções sobre projeto emergencial do CBA

Ou:

Circular sobre alfabetização do portador de dificuldades.

Na segunda roupagem, vem representando a adoção das políticas adotadas pelo sistema e implementados em todas as escolas, como mostra a visualização das temáticas no quadro comparativo. (27) – **ANEXO 14 (versão impressa).** Não é nunca a realidade vivenciada em cada escola. É sempre, numa coincidência interessante, o assunto na ordem do dia, decidido pelos padrões do *regular.* Assim por exemplo, através da análise documental fica evidenciado que: **(LINKAR O QUADRO COMPARATIVO NUMERO 2)**

- em 1997 os Termos de Visita em todas as escolas deram ênfase ao Projeto Emergencial do CBA, que entre outros denominadores comuns existentes, foi o ponto alto das preocupações das visitas e dos registros;
- em 1998, o Pedagógico, fala pouco deste Projeto Emergencial e já se desloca para a elaboração do PDE- plano de Desenvolvimento da Escola;
- em 1999, o Pedagógico tem continuidades pouco expressivas nestes projetos iniciados e mesmo no destaque ao PDE. Há que se considerar que é um ano onde houve a Mudança no Governo Estadual e a adoção da filosofia de trabalho, intitulada Escola Sagarana. Aborda a questão de implantação dos Ciclos e tem como ênfase, principalmente no segundo semestre o deslocamento da ação pedagógica para a questão da Eleição do Diretor;
- em 2000, há o destaque para o NAI- Núcleo de Aprendizagem Intensiva, que acabou por não ser implantado de fato e a ênfase evidenciada é para a elaboração da Proposta Politico-Pedagógica à luz dos princípios da Escola Sagarana, diferenciando o perfil do Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE que pertencia à proposta do Governo anterior.

Estes movimentos, ondas e oscilações fazem transparecer uma outra característica marcante do conteúdo dos Termos de Visita: a não seqüência das iniciativas das políticas públicas implementadas no cotidiano pedagógico. Se num ano a prioridade é o projeto emergencial do CBA, no ano seguinte a preocupação do sistema, evidenciada nas visitas à escola, pelo inspetor seu representante, apresenta-se outra e a descontinuidade instala-se de forma mais favorável.

Outro traço interessante a ser registrado no perfil da função do inspetor escolar ,é a quase ausência de situações vivas do pedagógico durante a visita. Em todos os 341 Termos de Visita analisados, o relato da atividade do inspetor ir às salas de aula, apareceu apenas em 24 relatos. Em estar presente à alguma atividade da escola (festa, comemoração, dia escolar) em apenas 4 situações..Vale destacar que o estar na sala de aula, começou a aparecer no momento em que o sistema solicita acompanhamento dos projetos que as políticas públicas estavam implementando: o emergencial, a aceleração. Enquanto não existia uma programação sistêmica, a visita do inspetor mantinha o seu caráter burocrático, circunscrita às salas do diretor, do especialista, da secretaria, mantendo e reforçando o traço legalista que esta função insiste em manter.

A cultura de engessamento do pedagógico é algo que atravessa a sociedade e as instituições escolares. A roupagem oficial, sistêmica mexe com o esqueleto social. A sensibilização para as questões pedagógicas fica prejudicada pela ênfase do burocrático e desemboca na não valorização dos espaços possíveis de estudo e de aprendizagem permanente na escola.

Por exemplo, na Escola Estadual 5, a diretora pede à inspetora que faça uma reunião com os professores para sensibilizá-los (28) – **ANEXO 15 (versão impressa)** para a necessidade de cumprir o módulo II (horário de estudo dos professores incluso na jornada de trabalho) e em outra ocasião para motivá-los a fazer o PROCAP – Programa De Capacitação de Professores instituído pela SEE-MG em 1997.

Não se trata aqui de buscar bodes expiatórios, mas sim em constatar a cristalização de horários e atividades, onde a rotina impera e faz perder o humano que todos buscam e teimam em viver mesmo inconscientemente.

O arquivo das escolas possui também um outro componente bastante interessante: vídeos, fotos e alguns projetos registrados aqui ou ali de forma ainda incipiente e esporádica, como se

eles não fizessem parte do *ethos* da escola. Estes registros informais, ficam por conta de criatividades não articuladas e ganham vida em tentativas *táticas*, por parte das escolas.

No entanto, é neste campo que se pode detectar um pouco da singularidade amassada que teima em existir e faz a diferença entre realidades, pessoas e revelam identidades.

É interessante observar que as fotos documentam sempre eventos, festas, comemorações, auditórios, exposições e projetos especiais. O cotidiano quase não possui fotos, registros. Neste sentido a opção em se fazer vídeos do dia a dia, tornou-se uma necessidade, pois a escola costuma documentar em vídeos e fotos, apenas o inusitado. **(LINKAR EDIÇÃO DE IMAGENS... O COTIDIANO DAS ESCOLAS)**

Cabe aqui outra observação, quanto aos registros: uma prática cultural que colabora ainda mais para a estandartização é a anotação por parte das escolas e dos professores, apenas do aspecto formal e burocrático. Desta forma, o resgate das vozes das escolas pela pesquisa documental, evidencia que os documentos escritos são apenas os exigidos pelo sistema, limitando-se ao que é de praxe, obrigatório, e ainda por cima nos formulários e modelos dados.

A respiração própria e criativa das *táticas* exercidas fica quase sem registro, sem troca de experiências, sem divulgação das tentativas, ensaios e resultados alcançados.

Se a história da escola ficar restrita a ser contada pelas fontes dos arquivos escolares, corre o risco de aparecer apenas o padrão, as diversidades somem e as criatividades inexistem, e a tendência a se olhar para uma Escola – abstração, se instala de maneira absoluta: os alfarrábios escolares, são cinzentos e monótonos...

Os acontecimentos singulares, táticos, limitam-se na maioria das vezes ao arquivo visual e muitas iniciativas ficam sem registro, perdendo muito da beleza estética e ética revelada nas ocasiões onde os alunos e professores mais se empenham e ganham cidadania.

O registro escrito mesmo quando documentado por produções de alunos, não fica para a memória escolar. Encontramos poucas professoras que sistematizam a sua prática, os projetos que realizam e insistem em registrar possibilidades de construção do conhecimento.

O que se encontra nos arquivos escolares em forma escrita é na quase totalidade das situações, o burocrático, o exigido por lei, o solicitado pelas políticas públicas e ainda mais interessante é que estes registros existentes, os formais, praticamente passam ao lado desta riqueza escolar manifestada nas muitas táticas e práticas pois raramente proseiam com eles, ou são atravessados pela riqueza desses acontecimentos.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

O registro de fotos e vídeos das 6 escolas pesquisadas, revela cor, movimento, saberes e sabores humanos que os livros não contemplam e mesmo os projetos escritos nos formulários oficiais não dão conta.

Na EE 1 – fotos revelam....

Na EE 2 – fotos revelam

Na EE 3 – fotos revelam...

Na EE 4 – fotos revelam

Na EE 5 - fotos revelam

Na EE 6 – fotos revelam

Esta vida revelada, perseguida, querida e pretendida para se reconhecer como ser humano, parece ser uma forma de sobrevivência ao regular exigido e decretado.

Cada escola se revela, se esmera e o esforço e compromisso dos professores aparece sempre nestes momentos fulgazes em que a vida teima em acontecer.

O professor Miguel Arroyo, costuma dizer estes momentos esporádicos, projetos isolados que as escolas desenvolvem, "*são flores penduradas nas grades das escolas*", pinduricalhos intrometidos no *regular* regulado.

Mas esses episódios todos não quebram o esqueleto milenar do *regular* gestado ao longo dos tempos e só se permitem acontecer para talvez, quiçá, justificarem a presença do humano.

Tentativas aparecem neste sentido, no entanto, não apenas para comemorações, festas e excursões. A escola está buscando sobreviver ao regular decretado que não é a realidade, mesmo que teime em ser, em programações diversas, para atender às diversidades existentes, teimosas e que estão agredindo cada vez mais aos padrões de uma proclamada normalidade.

Por exemplo, para dar conta dos alunos que não lêem em anos de escolaridade mais avançados: no caso da Escola Estadual 2, adotou-se o esquema para ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem ou mesmo para os não alfabetizados de sensibilizar pessoas, professores aposentados ou disponíveis para se engajar no *Programa Amigos da Escola*, através desta forma de prestação de serviços voluntária; - A Escola Estadual 1, adotou uma outra forma *não governamental*: fez uma campanha para arregimentar Padrinhos que contribuem com no mínimo R$10,00 (dez reais) por mês, para fazer frente ao pagamento de professores - recuperadores que em outro horário funcionam com um trabalho paralelo à sala de aula.

A EE.3 no ano de 2000, arrumou uma parceria com o Conservatório Musical de Varginha, para vivenciar um projeto de educação musical para professores e alunos, dentro de uma perspectiva ética e estética, patrocinados durante um ano pelo próprio sistema estadual que abriga uma iniciativa de um programa intitulado PAIE – Programa de apoio à inovações educacionais, que desenvolve projetos no estado inteiro em caráter ainda bastante episódico, mas com iniciativas bastante interessantes.

Enquanto uma *estratégia devidamente estruturada,* o problema se constitui na adoção de ações que efetivam/desefetivam continuamente. Nestas posturas oficiais, algumas características ficam esquecidas, outras são exibidas.

Este projeto do Conservatório por exemplo, durou apenas o ano de 2000. Em 2001 ele buscou patrocinadores e acabou sendo deletado da realidade escolar, em detrimento de outras prioridades que a escola precisou bancar ela própria para fazer face à diversidade do real: esta escola precisou também remunerar professores –recuperadores para tentar dar conta dos meninos que em anos avançados não conseguem ler, pois não se comportam como o padrão dos figurinos pedagógicos que reservam a alfabetização de forma quase exclusiva para o primeiro ano de escolaridade.

O que significa, portanto e muito o *ethos* escolar são também, as *táticas* diversas que vão se costurando ao longo do miúdo escolar. Estas não abandonam o que é significativo. Continuamente buscam e rebuscam o tentar dar conta do processo de ensino e de aprendizagem. Não são modismos ocos. São natureza vivida e pensada. Elas independem das políticas públicas adotadas ou não. Resultam de compromissos, de valores de jeitos de ser. Não estão registradas nos Termos de Visita mas existem e podem ser apreendidas nos discursos vários que o texto escolar faz transparecer.

O *regular* possui uma alimentação muito forte nos padrões, na legislação, no contorno do paradigma da generalização, do deve ser, do *a priori*, e da visão teórica que cria realidades e acredita piamente que as realidades são assim.

Daí a leitura dos discursos oficiais registrados nas visitas dos inspetores escolares às escolas permite identificar contornos, organizar uma *Ciência do Singular*, como diz Certeau (28). Os registros trazem estes olhares estruturados, sempre numa postura do *a priori*, da teoria decretada, mimética e descolada da realidade que se supõe existir.

O discurso dos arquivos, vozes latentes, fortes e significativas não se esgota por aqui. Existem outras nuances a percorrer:

Do ponto de vista das vozes arquivadas em mais um texto tecido pela escola, enquanto instituição: - o Arquivo de Correspondências (29) – **ANEXO 16 (versão impressa)** é também uma escuta privilegiada: - evidencia as ênfases nos assuntos tratados tanto nas documentações emitidas, como nas recebidas. Existe uma predominância horizontalmente demonstrada em todas as escolas e em cada um dos anos analisados, que privilegia sempre os assuntos de pessoal de natureza burocrático-administrativa. Eles representam em termos de porcentagem a incidência quase que absoluta na existência da documentação. Predominam as porcentagens de mais de 70% deste material no universo pesquisado, e com isto preocupações, valores e significados ficam patentes na organização escolar **(LINKAR – QUADRO – PASTA DE CORRESPONDENCIAS)**

Enquanto registro de um coletivo da escola, outra fonte de pesquisa interessante é a da instância relativa ao Colegiado. Na política pública estadual, este órgão consultivo-deliberativo existe há muitos anos. Na década de 80 muitas escolas já o possuíam e foi sistematizado enquanto política estadual no ano de 1992 e reformulado no ano de 2000. Todas as decisões escolares importantes estão centralizadas neste órgão, conforme indica a legislação em vigor. Várias resoluções e pareceres na política mineira já trataram da criação, desenvolvimento e atribuições do Colegiado. As últimas legislações sobre o assunto (30) informam as principais atribuições deste órgão. – **ANEXO 17 (versão impressa)**

Nas 6 escolas pesquisadas, duas situações diferentes apareceram relativas ao Colegiado. Em uma delas, a EE 6, os arquivos destruídos pela enchente de janeiro 2000 não puderam ser lidos, restando apenas a leitura do ano 2000.

A outra situação, ficou por conta da Escola Estadual 5, que possui livro de atas do colegiado, de forma bastante interrompida, sem continuidade e seqüência, e a diretora nova que assumiu em 2000, ignora o que a administração anterior fez com este livro nos anos passados.

No entanto o material pesquisado foi bastante rico para sinalizar os cânones do *regular* regularizado. Foram lidas 344 atas do Colegiado Escolar, quase todas elas no formato de praxe:

Ata de reunião do Colegiado

Aos.....dias do mês..... do ano de .....às ..... horas, reuniu-se o Colegiado da Escola Estadual....., presidido pelo Sr....., para tratar dos seguintes assuntos:.....Verificando o número de pessoas presentes, o Sr. Presidente do Colegiado, deu inicio a reunião. Fizeram-se presentes as seguintes pessoas;.....o primeiro assunto a ser tratado foi..... Em seguida, ...Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a reunião, agradecendo a presença de todos. E para constar, eu .....lavrei a presente ata, que será assinada por todos os presentes se estiver conforme.

Roupagem oficial de tantas histórias, este jeito sacramentado de se registrar o cotidiano de uma instituição, este estilo padronizado é uma busca de objetividade, forma asséptica de neutralidade e principalmente tentativa de garantir concreticidade, respeito e imparcialidade.

Cenário mudo de conteúdos latentes, a escrita oficial atravessa o tempo e o espaço buscando autenticidade no refúgio das generalidades.

Tanta vida escondida atrás das letras, das linhas e entrelinhas, tanto esforço para ser igual, regular, normal, de todos, enfim, comum.

Neste refugio morfológico, é preciso escutar o silencio escondido, latente e significativo. No inicio das leituras, a tentação de se achar que nada de original, de vivo pode ser encontrado nestes mares e oceanos.

De repente, não mais que de repente, uma ata se revela vida, depois outra e assim por diante.

Personagens se compõem, situações se estruturam e há que se escutar o que cada registro tem a dizer.

Nas 344 atas lidas, enquanto forma expressa, o estilo literário não apresenta variação. Já está padronizado e tudo parece serial, insípido e inóspito.

Mas a própria forma, mesmo que reprimindo o fato, o ato, o vivo, fala e revela jeitos de pensar e de fazer. O conteúdo parece atropelar o modelo básico de escrita oficial e o caleidoscópio vai se compondo aos poucos.

Algumas observações interessantes sobre o *regular* regularizado aparecem e fazem a escola se contentar com o padrão, com o modelo posto e reposto infinitamente. Mas uma vez, a sensação fria e ácida que percorre o leitor e o observador sensível, é a de que a escola esquece de acontecer.

Das 344 atas de reunião lidas sobre o (31) funcionamento do Colegiado – **ANEXO 18 (versão impressa)**, 235 foram realizadas para aprovação de verbas, balancete de caixa escolar numa espécie de ritual técnico necessário para legitimação de atos escolares. Isto representa quase 70% das reuniões para tratar de assuntos pró-forma. Nas demais reuniões, assuntos burocráticos também foram priorizados. Em 30 delas, as questões pedagógicas aparecem como detalhamento de aprovação de grade curricular, de calendário, de reposição de dias de greve e a discussão de uma proposta pedagógica apenas comparece nas reuniões formais em que o sistema pede aprovação legal do Plano de Desenvolvimento da Escola – o PDE como exigência administrativa e mais uma vez de caráter burocrático. **(LINKAR O GRÁFICO DE BARRAS EVIDENCIANDO ESTAS ENFASES)**

A incidência de temáticas do Colegiado (32) – **ANEXO 19 (versão impressa)** também pode ser evidenciada, quando se traça um quadro horizontal da predominância de conteúdos **(LINKAR O QUADRO HORIZONTAL – ATAS DO COLEGIADO)**

A análise que pode ser feita deste perfil é significativamente a mesma para todas as escolas em questão, pois a formatação do sistema faz com que a escola proceda o cumprimento do que se solicita dela e cumpra as exigências que o sistema determina. Aqui existe um componente autoritário, de viés de cima para baixo, que faz com que a escola tenha um caráter de dependência e de passividade.

Ao mesmo tempo, isto não justifica o uso que cada escola pode conferir a este espaço coletivo de gestão, pois há uma margem de manobras, de posturas e principalmente de uso tático não registradas nos diferentes contextos, deixando com que as estratégias formais dominem o cenário. As razões que podem conduzir o não uso do colegiado para assuntos vitais, podem ser elencadas na gama cultural, social, política e pedagógica de cada instituição e da sociedade em geral.

Não cabe aqui discutir possibilidades inerentes a esta passividade sistêmica, mas o registro desta ausência é importante e principalmente um traço diferenciador em relação ao espaço/tempo que cada professor exercita no contexto de cada sala de aula.

Nestas instâncias burocratizadas (33), a vida fica mais longe e a representação teatral burocrática exigida cobre todas as manifestações possíveis e desejáveis. – **ANEXO 20 (versão impressa)**

As atas em sua maioria, seguem o formato já exposto e via de regra, registram apenas a aprovação de verbas como já foi dito. Algumas amostras aqui se apresentam: uma delas, segue a tradição desta prestação de contas; - em outra, o motivo da reunião fica por conta do desaparecimento do boné de um aluno da escola; - uma das reuniões, como foi evidenciado o motivo é a aprovação do Plano de Desenvolvimento da Escola já elaborado e apenas como ritual a cumprir. Seguem ainda mais dois casos, sendo uma a aprovação do professor que irá trabalhar com o Procap, e o outro exemplo é uma ata que aborda problemas de comportamento disciplinar de alunos, com uma conclusão que extrapola à própria escola: encaminhar para o Conselho Tutelar.

Todas as vozes aqui trazidas e registradas se limitam aos contornos do burocrático e apelam para os padrões existentes e insistentes.

O que fica distante realmente, é o resgate de uma gestão coletiva a partir de propostas da própria realidade da escola. Novamente a impressão da vivencia de um regular demonstra o decretado e a nítida sensação que a escola esquece de acontecer, vivendo categorias e formatações que ditam um deve ser em detrimento do concreto existente.

Outras possibilidades de escuta dos arquivos da escola se abrem na análise de documentos de caráter mais pedagógico. São os livros de Atas de Reuniões Gerais e de Reuniões Pedagógicas. (34) **(LINKAR OS QUADROS DE ATAS DE REUNIÕES GERAIS E PEDAGÓGICAS) – ANEXO 21 (versão impressa)**

Neste caso há que se registrar que a não exigência de formalizar estas ocasiões diferentemente das exigências das reuniões de colegiado, imprimem uma espontaneidade maior em fazer ou não fazer estes documentos.

A análise de incidência destas Atas não obrigatórias, mostra nitidamente a inexistência de registros na maioria das escolas analisadas. Nas escolas onde o livro acontece, as temáticas

pedagógicas são tratadas de forma muito burocrática e a falta de respiração mais vital no cerne da ação educativa se faz sentir.

Aqui neste tecido fértil, onde o pedagógico acontece, poderia ser palco de relatos de mil possibilidades de vida. No entanto, mesmo aqui, o pedagógico ganha roupagem artificial e impede que experiências importantes sejam relatadas, levando a uma constatação inevitável: O portifólio da instituição escolar não existe.

Isto contribui em termos institucionais para a não publicação de experiências, ou pelo menos a inexistência de troca de vivencias que enriqueceria sobremaneira a ação pedagógica.

Contribui também para a oficialização de um *regular* produto, categoria decretada aprioristicamente e que não recebendo o tratamento processual deixa de respirar os ares das possibilidades, das categorias históricas e contribui para a hegemonia dos padrões enlatados.

Esta cultura lacunar prejudica sobremaneira o incentivo de mais *táticas*, de crença nos *praticantes do ordinário* e empobrece sobremaneira uma *Ciência das práticas singulares.* (35)

Há que se incentivar estes ares, estas respirações e estes impulsos revitalizando assim as práticas sociais que fortalecidas neste sentido passam a transparecer e se fortificar, derrubando limites determinados que são tênues porque inexistem, mas são fortes porque se pensam existentes.

Esta análise dos registros assume aqui ares importantes para consciência do formal existente e com isto clarear aberturas e alternativas para o *regular* regularizável ou não.

Cada uma das escolas, enquanto uma voz existente no coro geral de cada arquivo analisado, comparece emitindo os sons da sinfonia em questão. Enquanto um agente da música do *regular*, torna-se interessante, não perder de vista, o perfil de cada um dos cantores.

Enquanto instituição escolar, as vozes enunciadas nos diferentes arquivos, compõem este perfil, enquanto uma escola em questão.

Este conjunto não pode ser perdido de vista, na medida em que configura traços estruturais e conjunturais das seis escolas analisadas nos diferentes alfarrábios escolares.

O perfil de cada uma (36) é resgate de identidade e ajuda no quebra-cabeças da composição da sinfonia que está sendo composta, orquestrada, ouvida e sentida. – **ANEXO 22 (versão impressa)**

Rege. Regimento. Regula?

Na análise dos Regimentos Escolares (37) **LINKAR REGIMENTOS ESCOLARES DE CADA UMA DAS ESCOLAS – ANEXO 23 (versão impressa)**, uma garimpagem se coloca como necessária: a de descobrir as identidades de cada Instituição. Afinal de contas, seja em legislações federais como nas estaduais, o *"regimento escolar é o documento que define os ordenamentos básicos da estrutura e do funcionamento da escola, devendo conter os princípios educacionais que orientam as atividades de cada nível de ensino oferecido, bem como registra o compromisso formal dos diferentes segmentos da escola para com a comunidade na qual está inserida e as relações entre eles. O Regimento Escolar expressará a efetiva autonomia administrativa e pedagógica da escola, construída coletivamente. Referir-se-á tanto ao perfil da instituição e às suas características permanentes, para garantir à comunidade normas estáveis de funcionamento da escola, quanto à proposta pedagógica da escola"*. (38)

Esta é, pois a proposta e o contorno básico onde a existência dos Regimentos se insere. Uma lista de sugestão de aspectos é colocada pela legislação para ser atendida pela escola e os órgãos do sistema, cuidam também de orientar todas as legislações pertinentes (39) – **ANEXO 24 (versão impressa)** em cada um dos aspectos para que a legislação menor não se indisponha com as premissas dos instrumentos legais maiores.

"É recomendável que o Regimento Escolar seja elaborado com a participação de todos os segmentos da escola e aprovado por seu órgão colegiado, quando houver, ou pela entidade mantenedora, se for o caso, entrando em vigor no período letivo subseqüente ao da sua aprovação".(40)

Os Regimentos Escolares analisados na realidade das seis escolas em questão, foram elaborados dentro destes contornos, chegando mesmo a permanecer comportados no modelo outorgado. Neste sentido, são poucas as variações que aparecem nos Títulos, Capítulos e Seções em que estão constituídos.

Para uma reflexão conseqüente, em cada uma das escolas, foi elaborada uma espécie de Tábua de Análise dos Regimentos Escolares. (41) **(LINKAR AS TÁBUAS DE ANÁLISE DAS 6 ESCOLAS EM QUESTAO) – ANEXO 25 (versão impressa)**

Em cada uma das partes, às observações pertinentes estão ao lado. Ao longo da leitura e da escuta, podem se destacar as seguintes considerações:

- Na Introdução, pequenas nuances revelam o *ethos* da escola, mas a linguagem padronizada, faz esquecer realidades diferentes;
- No Título I – Da Educação em que se contemplam os princípios, fins, objetivos, (42) – **ANEXO 26 (versão impressa)** organização e política da escola, os aspectos gerais estão devidamente transcritos da lei maior da Educação, a LDB 9394/96, e no tocante à especificidade de cada escola, a política educacional registrada segue modelos e não contempla propostas próprias;
- Nos demais Títulos a padronização comparece em massa: poucas mudanças e praticamente os regimentos vão passando de assunto em assunto, atendendo as legislações maiores, mas inovando pouco em relação às realidades concretas;
- Nos Títulos referentes à Organização Didática e Avaliação Escolar, algumas diferenças aparecem sem comprometer o esqueleto geral da instituição escolar bastante generalizado. O quadro comparativo de análise dos Regimentos Escolares (43) – **ANEXO 27 (versão impressa)** ajuda a visualizar bastante esta quase que absoluta padronização.

Esta voz legalista representada pelo documento Regimento Escolar confirma a estrutura do *regular* posta *a priori* e conduz a escola ao cumprimento de papéis, funções, ordens, normas sempre num movimento inverso à validação de autonomias e identidades que caracterizam a personalidade de propostas pedagógicas próprias, nascidas de contextos vivenciados, discutidos, assumidos e comprometidos.

Não se trata aqui de prescindir da norma de conduta, das regras de convivência que nascem de uma ética, como reflexão dos costumes e não de um moralismo consuetudinário que caracteriza a omissão de cidadanias de fato.

Toda a ênfase dada pela LDB 9394/96 ao Regimento Escolar a função de criar com força de lei, o organismo escolar e no âmbito da escola, expressar a cultura que lhe é própria, da mesma forma que a lei é expressão de uma sociedade civilizada, fica descaracterizada na medida em que os modelos engolem a especificidade de cada contexto.

Na ótica de invenção do cotidiano, a legislação é também um *lugar próprio*, que serve de base a uma gestão das relações de força. Costura-se mais uma vez, uma vitória do espaço sobre o

tempo, no dizer de Certeau, "*elaborando lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos, onde as forças se distribuem*".(44)

Não se trata de enxergar a legislação, na dualidade entre situação ideal e real, ou entre teoria e prática. Na tessitura das redes, são pois estratégias, que ajudam a sustentar a regularidade insistida e pretendida, mas que não existem isoladas das táticas que vivenciam estes contornos e que dão tonalidades diferentes à estas realidades.

Daí a necessidade de escuta cuidadosa de vozes e mais vozes, para não se contentar com uma abordagem que até tenta homogeneizar, mas que está nos embates contínuos das diversidades.

Escutando as vozes dos arquivos do pedagógico

"Dispersar. Disseminar. Proliferar. Multiplicar. Descentrar. Desestruturar. Desconstruir. O significado. O sentido. O texto. O sujeito. A subjetividade. O saber. A cultura. A transmissão. O diálogo. A comunicação. O currículo. A pedagogia."

(Tomaz Tadeu da Silva)

OU ???

"Juntar. Centralizar. Unir. Estruturar. Construir. Regular. O significado. O sentido. O texto. O sujeito. A subjetividade. O saber. A cultura. A transmissão. O diálogo. A comunicação. O currículo. A pedagogia".

(o discurso das escolas)

As estratégias do sistema e das políticas públicas configuram muito do que se vivencia no dia a dia das escolas. Os registros sistemáticos, as reuniões acontecidas, as atas, os planos, planejamentos e pensares se ocupam destes traços que evidenciam uma generalização, por que não dizer, excessiva.

De repente, querer escutar a escola, no significado do seu fazer e pensar, é atravessado por coincidências, por conformidades, regularidades que não deixam, na maioria das vezes, o *ethos* da escola , vir à tona.

A leitura dos arquivos outros existentes na escola, passou sempre ao largo das questões ditas como pedagógicas. Privilegiaram também um perfil burocrático, legalista e administrativo.

A esperança do resgate do significativo, do processo do vir a ser do ensino e da aprendizagem em livros pedagógicos, ou melhor dizendo, das atas das reuniões consideradas pedagógicas fica em aberto até a consumação das leituras efetuadas. Foram lidas 67 atas de reuniões nas 6 escolas em questão, durante os 4 anos pós-LDB 1996, propostos para análise (período de 1997 a 2000) e em sua maior parte reuniões com professores e especialistas. Apenas em algumas escolas aparecem registros de reuniões de pais.

Reuniões de alunos inexistem enquanto práticas culturais sistematizadas e registradas nos ambientes escolares.

Um passeio pelas histórias contadas pelos registros pedagógicos faz emergir uma escuta interessante:

Em primeiro lugar, a preocupação em sentir cada uma das escolas e as histórias que elas têm a contar, vai permitir que se apreenda um movimento peculiar de existência.

Nas atas das reuniões, o ano se inicia sempre com as recomendações de praxe, inerentes à prática do planejamento escolar. O tom de cada ata é sempre expositivo e em forma de palestra, para não dizer sermão. O diretor em questão, planeja sempre um resgate de significado, de forma outorgada.

Vejamos este relato de uma das atas das escolas (45) em questão: – **ANEXO 28 (versão impressa)**

Não há nenhum registro de reuniões que privilegie como ponto de partida, o PENSAR ou o REPENSAR a partir das pessoas, ou de cada uma das pessoas presentes à reunião..

Mesmo quando as atas dizem que o assunto foi aberto para a discussão, a plataforma inicial colocada de forma expositiva, geralmente pelo diretor, circunscreve com certeza, as delimitações necessárias e o registro sempre termina em consenso.

Não há nenhum registro da diferença, da multiplicidade de pensares e de possibilidades abertas diferentes das propostas colocadas no inicio das reuniões. Estas propostas são sempre oriundas de políticas públicas do momento histórico em que se está vivendo.

Decretar que as vozes são em uníssono seria ingenuidade no mínimo. Mas a uniformidade burocrática mata e elimina qualquer respiração, suspiro ou insinuação de ousadias ou pelo menos de opiniões várias.

Os registros sempre optam pelas linhas assépticas do consenso.

Tomando como base os acontecimentos em uma das escolas, pode-se configurar o perfil de todas as outras, quanto à seqüência, programação e detalhamento das atividades pedagógicas. Senão vejamos:

Início de um ano escolar:

Após as recomendações de praxe do período letivo (atribuições do professor, avisos gerais relacionados à disciplina, ao compromisso, à necessária qualidade, às mudanças políticas em curso, as expectativas relativas à estas mudanças, abre-se para o planejamento dos conteúdos e materiais, delegando daí esta parte para o contato de cada professor com o respectivo supervisor, geralmente agrupados por ano de escolaridade em que se trabalha.

Tomando como referencia, a escola X, no ano de 1997:

- o ano se inicia com os avisos e recomendações sempre de plantão permanente – **ANEXO 29 (versão impressa)**;
- entra em pauta a questão da Avaliação de Desempenho, apresentada pelo Sistema e que irá ocupar lugar em várias reuniões (explicação da legislação pertinente, elaboração de fichas a partir de sugestões dadas);
- retomada do significado do Ciclo Básico de Alfabetização, com vários momentos em questão, envolvendo professores, pais e alunos
- comemorações e festividades que vão pontuando as diferentes reuniões, adquirindo mesmo um caráter sazonal: dia das mães, dia dos pais, dia da criança, dia do professor, encerramento dos semestre, festa do final de ano. Estas datas vão sempre rechear as discussões sobre as atividades da escola e as preocupações com o processo pedagógico em questão;
- apresentação de legislações que surgem. Neste ano em questão, dá-se ênfase ao processo de municipalização que está em curso; - a proposta do PROCAP- programa de capacitação de professores que o sistema estadual organiza a partir do ano seguinte ao que está se analisando; - a legislação sobre os ciclos no sistema mineiro de educação, organizando os anos escolares em 2 ciclos, 4 anos iniciais do ensino fundamental e os 4 últimos, de acordo com o que está proposto nos PCNS;
- o ano em questão termina com reuniões para organizar a missa do final de ano, a festa de encerramento, a coleta de sugestões para horário dos professores no ano seguinte

(atendida na medida do possivel, como faz questão de assinalar a ata); os critérios de designação para pessoal a ser contratado...

Este perfil por escola, repete-se de certa forma em moto contínuo em todas as escolas.

Uma configuração de praxe permeia todo o desenrolar dos registros. Existe pois, uma simultaneidade de situações, eventos, estudos de legislações, políticas públicas decretadas. É o que se percebe na leitura de cada uma das escolas em cada um dos anos analisados em questão. São 24 contextos escutados: seis escolas em seus registros durante os 4 anos (1997- 2000)

Não se trata portanto de coincidências por obra do acaso. Uma regularidade permeia *a priori*, a possibilidade do ser e acontecer escola

A leitura torna-se um tanto quanto previsível e é preciso sensibilidade atenciosa para escutar diferenças que aparecem com certeza e que se insinuam em termos de papel um tanto quanto tímidas.

Por exemplo, em se tratando das comemorações e festividades, a variação aparece, apenas na data do aniversario da escola, peculiar a cada uma delas, com certeza.

A leitura das atas dos livros de reuniões pedagógicas e gerais, permite pois, visualizar uma temática comum, um denominador decretado pelo sistema, assim configurado: – **ANEXO 30 (versão impressa)**

- No ano de 1997, os assuntos predominantes foram: avaliação de desempenho, retomada do CBA, Qualidade Total, abertura da proposta do PROCAP;

- Em 1998, ocuparam a cena das reuniões de escola: PDE- Plano de Desenvolvimento da Escola; - criação do Conselho de Classe e ainda a Avaliação de Desempenho;

- O ano de 1999, com a mudança do governo estadual, representou um tempo de expectativas, ansiedades e de discussões sempre provisórias: foi aberta a possibilidade pelo sistema estadual de escolha da organização do tempo escolar: série ou ciclo. A proposta de estudo da Escola Sagarana, logomarca do sistema estadual entra em ação. Os PDEs ficam esquecidos e agora trata-se de elaborar o PPP- Proposta político Pedagógica da escola. Aparece também no segundo semestre a agitação com a eleição dos diretores e com mudanças no regime deste processo eletivo;

- O ano de 2000, traz como tônicas do cenário pedagógico: as comemorações dos 500 anos de Brasil, a proposta de se criar o NAI – Núcleo de Aprendizagem Interativa , com o

objetivo de atender as crianças e adolescentes com dificuldade escolar, mas que acaba não se concretizando, obrigando as escolas a criar recuperadores próprios com diferentes táticas adotadas para isto. Em algumas escolas, criou-se o sistema de padrinhos da escola, para mobilizar recursos financeiros para o pagamento destes professores; - em outras, entrou em ação o voluntariado, no esquema de Amigos da Escola: em outras aparecem rifas, festas e campanhas para arrecadar os fundos necessários. No segundo semestre de 2000, aparecem, subsídios para a vivencia dos ciclos, organizados em fascículos e vídeos da Escola Sagarana para fundamentar e enriquecer a organização dos tempos escolares, que ganhou no Estado, quase que em sua maioria a opção Ciclo. Em Três Corações, as escolas em questão, optaram todas por ciclo.

As reuniões em todas as escolas, registradas nos livros de ata, cuidam de relatar que os professores assistem as fitas, lêem os fascículos e debatem. O que se lamenta nos registros é a perda da multiplicidade de opiniões, é o registro de diferenças possíveis, porque todas as atas lidas limitam-se a dizer, por exemplo:

"Foi trabalhado o vídeo com o Prof Miguel Arroyo. Em seguida, dividiram-se os professores em grupo, para leitura e discussão do Fascículo 1- Organização dos tempos escolares, da Escola Sagarana.

Após a leitura e discussão os professores levantaram os pontos positivos e negativos existentes e também as lacunas encontradas no material

Após estas discussões, encerrou-se a reunião.

Nada mais havendo a tratar, eu..... lavrei a presente ata, que será aprovada após a leitura de todos"

E AS PROPOSTAS PEDAGÓGICAS DAS ESCOLAS?

Em dezembro de 1996, a lei 9394 – LDB, determina em seu artigo 12, entre vários itens, o seguinte: *"Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e aos do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: 1- elaborar e executar sua proposta pedagógica";*

Neste sentido, as escolas em 1997 deveriam explicitar a proposta pedagógica que norteia os trabalhos, pelo menos, por força de lei. No entanto, nos tempos e espaços pós-LDB, as

articulações necessárias, as explicitações possíveis ficam em compasso de espera, para ver e sentir esta obrigatoriedade nacional.

Em 1997, nenhuma das escolas em questão, possuía esta Proposta por escrito, discutida e consolidada. Iniciativas do sistema estadual de Minas abriram discussões sobre a necessidade de um Plano geral de escola.

Na política mineira de educação, administração 1995-1998, este documento passa a ser obrigatório em 1998, através de um Manual de Gestão – Elaborando e vivenciando o Plano de Desenvolvimento da Escola – o PDE. (46)

Este manual foi elaborado, discutido de forma coletiva pelos técnicos e consultores do sistema e fez parte do Programa Proqualidade, financiado pelo Banco Mundial e que objetivava melhorar a qualidade das escolas e o ensino e a aprendizagem dos alunos.

O Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, em seu Parecer 1132/97, também enfatiza a importância da Proposta Pedagógica da Escola, ao ressaltar, "*é um trabalho pedagógico construído e vivenciado em todos os momentos por todos os envolvidos no processo educativo da escola*".

A partir de debates, dias de estudo com participação coletiva de toda comunidade, os PDEs foram ganhando vida e registro em cada uma das escolas mineiras. O Manual instrumentalizava conceitos básicos de planejamento e representou uma concreticidade interessante.

No entanto, como toda ferramenta de trabalho, pode representar uma mecanização das atividades e um esvaziar de significados, na medida em que passa a ser mais uma obrigatoriedade do sistema e principalmente com a facilidade de formulários a serem preenchidos de forma padronizada em anexo ao respectivo Manual, engessaram por vezes este cumprimento de exigência, na medida em que os órgãos gestores incentivavam esta prática meramente burocrática..

Desta forma, a partir de 1998, toda escola mineira pertencente ao sistema estadual de educação, ganhou o respectivo PDE, fruto de maior ou menor participação coletiva, conforme as gestões dos respectivos diretores e o grau de conscientização das comunidades escolares.

Na escuta das propostas das escolas, o PDE é documento obrigatório (47) a ser lido, consultado e analisado. – **ANEXO 31 (versão impressa)** Em todas as escolas ele foi fruto de dias

de debate, chegando mesmo a existir o "Dia do PDE", onde as análises, diagnósticos, prioridades se encontravam em momento de participação.

As práticas culturais ajudam a entender as diferenças de processo em cada uma das escolas, mesmo com as mesmas normas decretadas e formulários adotados. Não é objetivo deste trabalho este tipo de análise, mas não se pode prescindir do registro das diferenças que aconteceram em todas as realidades escolares.

Há casos de PDE, feitos apenas pelos especialistas e apresentado apenas para cumprimento de exigências sistêmicas e para ser validado no respectivo Colegiado. Outras escolas, aproveitaram a oportunidade dada para se debruçar nas dificuldades enfrentadas, nas prioridades necessárias e realizaram um trabalho significativo.

Enquanto escuta dos documentos tidos e consolidados como em vigor por 5 anos, os respectivos PDEs das seis escolas em questão (48), se abrem para observações interessantes: – **ANEXO 32 (versão impressa)**

- há que se lembrar sempre que a diversidade dos contextos e clientelas destas escolas existe e caracteriza perfis muito diferentes pelos bairros de Três Corações;
- a utilização dos questionários propostos no Manual de Gestão da SEE-MG, padronizou a forma e a estética dos pontos consolidados. Em todos eles, os itens foram seguidos quase que em sua integra, com pequenas variações não significativas na sua totalidade;
- a Folha de Rosto adotada foi a do padrão estabelecido pela Secretaria de Estado. Apenas duas escolas, acrescentaram uma Justificativa como introdução ao documento, parte esta, não obrigatória nos formulários;
- o tópico elencado em segundo lugar pelo Manual, era o de estabelecer a Missão da escola. Esta terminologia MISSÃO, em uso neste contexto, por influencia de teorias administrativas de empresa, soava um pouco estranho nestes rincões escolares. O Manual salvava as dúvidas, dando um exemplo do que seria uma Missão da escola: *"Somos uma escola que tem como objetivo principal oferecer um ensino de qualidade para que o aluno possa ser crítico e participativo na sociedade. Pretendemos tornar-nos uma escola-referência pela qualidade dos serviços que prestamos"*. (49)

A partir deste exemplo dado, os PDEs analisados das escolas, apresentam altos índices de coincidências e de linguagem padronizada. Ouçamos alguns registros da Missão postos pelas escolas. Por exemplo:

"A escola que pretendemos para a nossa comunidade é a escola crítica, criativa e de qualidade, espaço de cultura e de conhecimentos, capaz de formar o cidadão crítico e consciente, transformador da realidade em que vive. Cabe a ela contribuir para a formação da cidadania, apresentar soluções para os problemas fundamentais da sociedade, planejar, executar e avaliar a prática educativa.

Cabe à escola também zelar pelo bom relacionamento entre as pessoas e os grupos, valorizar as relações interpessoais, repensar a atuação dos educadores e a democratização do saber".

Nas 6 escolas analisadas, a **proposta da Missão da escola** é bastante semelhante e recebe com certeza, influencia do Manual proposto pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. Em todas elas, o desejo de formar um cidadão crítico aparece em termos de participação na comunidade e desenvolvimento da cidadania. Em quatro delas, o termo QUALIDADE aparece em consonância com paradigmas gerais das legislações e parâmetros nacionais existentes. A preocupação com relações humanas aparece em duas delas e a postura de necessária intervenção e transformação social também em duas.

Dados diferentes que particularizem realidades diferentes na MISSÃO proposta pelas escolas são apenas três e são os seguintes:

- redefinição do educador;
- preocupação com a educação de todos e não só dos alunos;
- ensino abrangente para explorar em todos os níveis as capacidades individuais.

No tocante ao **Objetivo Geral**, apenas duas escolas explicitam e redundam em conteúdo a Missão explicitada. Em uma delas, a mesma de onde transcrevemos a Missão acima exemplificada, ele está assim redigido:

"Permitir aos alunos da Escola, um ensino de qualidade pautado nos princípios de formação do cidadão crítico, criativo e participativo na sociedade em que vive".

O **DIAGNÓSTICO** apresentado por todas elas foi elaborado a partir das orientações do Manual. Duas escolas se preocuparam em seguir ponto a ponto, as sugestões do documento e as outras quatro fizeram uma síntese das características do perfil da escola, elencando diretamente os Pontos fortes e fracos das realidades, conforme encaminha o documento.

Estas características detalhadas nos respectivos documentos, encaminham para o Plano de ação propriamente dito, ou **Desenvolvimento do PDE.**

Alguns tópicos comuns colocados pelas escolas nesta parte do Plano, são interessantes para destacar:

- falta de participação dos pais e desinteresse pelos filhos na escola, aparece em todas as realidades;
- baixo rendimento escolar e dificuldades de aprendizagem atribuídas ao meio social das crianças aparece em 4 delas;
- necessidade de um Colegiado mais pedagógico, "embora se desculpe ao mesmo tempo esta ação por ser um órgão sem conhecimento técnico", é destaque em duas delas;
- necessidade de estudo dos professores e problemas de horário para as reuniões, é o lamento profundo de três das escolas;
- tópicos de necessidades de rede física, são extensos em uma delas, e aparecem de forma esporádica em outras quatro escolas;
- ausência de professor recuperador para dar conta da não aprendizagem das crianças é o murmúrio de duas das escolas em questão.

Outras carências esporádicas demandando ações nos Planos são:

- evasão regular;
- dificuldades em Matemática e raciocínio lógico;
- indisciplina dos alunos;
- necessidade do conselho de classe;
- falta de estímulo para trabalhar com valores;
- avaliação necessitando de ressignificação.

Todas estas ações ganham **objetivos, metas e atividades** elencadas de acordo com o quadro proposto no Manual do PDE. A partir daí os **cronogramas de tarefas e responsáveis** aparecem em todas elas.

No tocante à **Avaliação e Monitoramento**, todas as escolas se limitam a listar os instrumentos mais comuns da cultura escolar: observação, questionário, auto-avaliaçao, reuniões, etc.

Os PDEs terminam o texto, deixando em aberto a conseqüente ação escolar que irá ou não legitimar os esforços de planejamento, reflexão e registro.

O registro e análise dos PDEs formatam as realidades. O fato de existir formulários que oportunizem redações conduz a linguagens estereotipadas e padronizadas.

Ler qualquer um dos Planos de escola ,é com certeza, ler os outros todos também. Fica difícil extrair táticas dos documentos regulares. Eles são muito fortes na configuração das realidades e intimidam outras formas de registro mais espontâneo.

Se isso apenas limitasse o esforço de produção do texto, seria prejuízo menor.

No entanto, a ação padronizadora é mais devastadora. Ela acaba cumprindo a profecia anunciada no início desta reflexão, epigrafada pelo Prof. Tomaz Tadeu da Silva. E como fica a questão do desafio de uma Escola para Todos, que se contraponha à toda fragmentação, esfacelamento, discriminação e exclusão? Como inverter verbos, substantivos, realidades, pensares e fazeres para uma abertura em direção a:

> ***"Junta. Une. Generaliza. Centraliza. Estrutura. Constrói. O significado. O sentido. O texto. O sujeito. A subjetividade. O saber. A cultura. A transmissão. O diálogo. A comunicação. O currículo. A pedagogia".***

Fica o desafio para dar conta da diferença, como diz Tomaz Tadeu da Silva.

E muito mais que isto: *"Celebrar a multiplicidade em vez da diversidade. Fazer proliferar o sinal de multiplicação. A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é um fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças – diferenças que são irredutíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera e dissemina. A diversidade é um dado – da*

natureza ou da cultura. A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o idêntico". (50)

Ressuscitar as realidades escolares, ou gestar projetos próprios, propostas inusitadas, ousadas e diferenciadas vai depender de escolas fora do padrão existente, que não se configurem pelo regular para todos e de todos, mas que contemplem o múltiplo, o plural e gestem universos sem memória do passado engessante.

Há necessidade de se incentivar as vivências etnopedagógicas (51). **(ABRIR PARA O SITE NA INTERNET DE EDGAR MORIN)**

Estas vivências são ricas em organização de tempos e espaços de trabalho como expressão de manifestações individuais e coletivas.

Dentro de um paradigma da complexidade as experiências de organização de espaços de vivencia, presencial e virtual promovem encontros que estimulam a formação de Centros de Documentação, gerados pelas criações dos participantes: livros de vivencia, fichários, dossiês, projetos, biblioteca de classe, bancos de dados eletrônicos, *e-books*, livretos temáticos.

Todas estas organizações produções precisam também serem divulgadas, socializadas em nível interno, externo e de mídia e neste sentido os meios de comunicação coletivos são canais importantes do cotidiano: murais, jornais, exposições, portais e *sitesweb*, correspondências interescolares, fóruns temáticos.

No entanto, quando a regularidade é decretada aprioristicamente e sem historicidade e contextualização, acontece um empobrecimento do cotidiano escolar.

Registros de diferença recebem tratamento geralmente discriminativo, não como postura consciente por parte das pessoas ou das escolas, mas como oriundo de práticas culturais que não admitem a heterogeneidade.

Por exemplo, nos registros de atas lidos (52), quando aparecem alunos problemáticos, estes casos são discutidos nas reuniões pedagógicas e também nas de colegiado, quando chegam ao extremo limite. – **ANEXO 33 (versão impressa)**

As atas em todas as escolas quando abordam os problemas disciplinares optam por legalizar sempre, a impossibilidade da permanência da criança no contexto da escola regular. Pode-se argumentar que seriam os casos limites apenas, os registrados. Mas há com certeza, a

postura do padrão que impera e da cultura harmônica que não está instrumentalizada a trabalhar com a diferença.

Os casos relatados são vários e em diferentes escolas: aluno com problemas comportamentais comprovados por laudo psicológico da APAE, recebe uma indicação para suspender provisoriamente o garoto das aulas. Passados alguns meses, em setembro do mesmo ano, a inspetora escolar pergunta sobre o caso deste aluno e a escola responde que ele permanece em casa, recebendo tarefas escolares. A inspetora alerta que esta situação não pode permanecer e diz da necessidade do aluno voltar para a escola. Infelizmente os registros escolares não falam o final da história. A diretora atual quando perguntada, apenas disse que o aluno desistiu de estudar.

Casos como estes se repetem em todas as escolas e em todos os anos.

Outras e outras historias se desenrolam neste sentido.

A diferença também é tratada de forma discriminativa, por exemplo quando, em reunião pedagógica, para trabalhar um projeto de Educação Musical, a diretora pede que todos os professores encaminhem os alunos com jeito para música.

Boas intenções vão mais longe. A boa vontade da supervisora escolar de uma das escolas, a mesma onde a diretora pede os talentos musicais, solicita que cada professor deve fazer tantos planos quantos necessários no dia a dia, para atender às diferenças dos alunos.

É uma questão cultural: tratar a diferença como diferente e com isto não conseguir uma proposta de enriquecimento heterogêneo e congelar possibilidades sem qualquer abertura para planejamentos afins.

Ainda neste sentido, em outra escola no ano de 1998, em reunião do dia 12 de novembro, os pais solicitam ao colegiado (53) que a enturmação da escola atenda critérios de homogeneidade. – **ANEXO 34 (versão impressa)**

A discussão relatada em ata não evidencia qualquer questionamento, deixando a entender que a escola acatou o pedido dos pais, em nome de uma maior facilidade de trabalho com as crianças.

Como é difícil trabalhar a heterogeneidade!

Como é difícil entender que ser igual é ser diferente, como dizia Herbert de Souza, o Betinho.

E quem quiser que conte outra !

Relate a sua experiência.

ABRIR PARA POSSIBILIDADE DE ENVIAR EMAIL...

Notas

(1) Chartier, 1990, p. 17

(2) Certeau, 1999, p.97

(3) Frago, A V. apud SOUZA, R.F.1998

(4) LE Goff, apud...SOUZA...

(5) Livro de Termos de Visita – EE 4, p. 8 e 9, 24/4/97

(6) SOUZA, R.F. 1998

(7) Livro de Termos de Visita, EE3, p. 59 verso –4/2/97

(8) Livro de Termos de Visita, EE2, p. 26, livro 1, 14/3/97

(9) Livro de Termos de Visita, EE1, p.34, 9/3/99

(10) Livro de Termos de Visita, EE4. p. 9verso

(11) Durante os anos de 1997 e 1998, a Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais, no programa Proqualidade investiu em livros e recursos para elaboração do Plano de Desenvolvimento das Escolas.

(12) Gráfico – Incidência quantitativa dos assuntos predominantes nos Termos de Visita do inspetor escolar

(13) Livro de Termos de Visita, EE3, p.77 de 5/3/98

(14) Ibidem, p. 64 verso, 4/4/97

(15) Livro de termos de visita, EE1, p. 16, 21/3/97

(16) Ibidem, p. 29 e 29 verso, 7/8/98

(17) Livro de Termo de visita, EE3, p. 63 verso, 20/3/97

(18) Livro de Termo de Visita, ee5, p. 19 e 19 verso, 15/6/98

(19) Livro de Termo de Visita, EE2, p. 22, livro 1, 17/2/97

(20) Livro de Termo de Visita, EE5, p.33verso, 17/4/00

(21) Livro de Termo de Visita, EE1, p. 30, 26/8/98

(22) Ibidem, p. 30 e 30 verso, 5/10/98

(23) Livro de Termo de Visita, EE5, p.13 verso, 27/4/99

(24) Livro de Termo de Visita, EE5, p. 24 e 24 verso, 6/4/99

(25) Livro de Termo de Visita, EE1 p. 31 e 31 verso

(26) Ibidem, p. 21, 9/10/97

(27) Quadro comparativo das temáticas dos termos de visita do inspetor escolar

(28) Livro de Termo de Visita, EE5, p. 14, 25/5/97

(29) Quadro Comparativo das temáticas dos Arquivos de Correspondência

(30) Resolução 7943/97 – estabelece normas complementares para a constituição e o funcionamento do colegiado nas escolas estaduais de Minas Gerais de 23/1/97 e publicado no Minas Gerais de 1/3/97 e Resolução 147 de 17 de outubro de 2000 – dispõe sobre a constituição e o funcionamento do colegiado nas escolas estaduais de Minas Gerais, publicado no Minas Gerais de 18/10/97;

(31) Gráfico sobre incidência de temáticas nas reuniões de colegiado

(32) Quadro das temáticas do colegiado

(33) Diferentes atas de exemplo de reuniões de colegiado

(34) Quadro comparativo de Atas das reuniões gerais e pedagógicas

(35) Certeau, 2000, páginas 17 a 37

(36) Quadros com perfis de todos os arquivos por escola

(37) Regimentos escolares de cada escola

(38) Parecer 1132/97 – dispõe sobre a Educação Básica nos termos da Lei 9394/96 do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais;

(39) Lista de legislações pertinentes aos aspectos dos Regimentos Escolares de Minas Gerais elaborados pela Secretaria do Estado de Educação e o outro pela Superintendência Regional de Ensino de Carangola, MG

(40) Parecer 1132/97 – CEE- MG

(41) Tábua de Análise de cada regimento escolar

(42) Quadro comparativo do Título I – dos regimentos escolares – quanto à política educacional de cada escola

(43) Quadro comparativo dos regimentos escolares em geral

(44) Certeau, 1999, p. 102

(45) Livro de Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas, EE1, p. 75 e 75 verso, 9/12/97

(46) Manual para elaboração do PDE – SEE-MG

(47) Plano de Desenvolvimento de Escola de cada uma das escolas

(48) Quadro comparativo de análise dos PDEs das escolas

(49) Manual do PDE- SEE – MG - 1998

(50) SILVA, Tomaz, Tadeu, 2000.

(51) MORIN, Edgar – site de pesquisa Internet

(52) Ata da EE 1 – p. 84 e 84 verso e 87 verso

(53) Ata da EE 1 – p. 98 verso de 12/11/98

FAZENDO CIÊNCIA NAS TRAMAS DA COMPLEXIDADE...

Um dia escolar

Faltam 10 minutos para as 7 horas da manhã que já começa quente a se espreguiçar. Os alunos começam a chegar na Escola, e vão beirando o muro alto que protege a escola do mundo.

O passeio estreito (nome dado para a calçada, no jeito mineiro de nomear), embola meninos e meninas e na rua de asfalto, mais e mais grupos vão chegando para margear a escola.

Tem corre-corre, pois um xinga o outro e este xinga a mãe. Um pouco de tumulto, e a professora que vem mais atrás, grita para apartar o inicio da briga. Mais na frente, outra professora que encosta o fusquinha bem diante do portão da escola, puxa o dito cujo pela manga e diz: *"sossega menino, que a aula nem começou!"*

O portão se abre neste instante, porque a mando da diretora, não pode arregaçar as portas muito cedo, porque senão, *" vão depredar a escola"*, diz ela.

Os meninos descem a escada que existe logo na entrada, assim que se abre o portão, para ter acesso à escola aterrada. Nesta hora dá até para abrir uma discussão, aterrada em que sentido? Do ponto de vista fisico? Psicológico? Social? Ou está se forçando interpretações virtuais?

Restam ainda 10 minutos ou quiçá 7... para uns dedos de prosa, tanto dos professores que vão adentrando a sala de reuniões e dos alunos que invadem o pátio pequeno e acinzentado pela pouca claridade que passa com os muros altos e imponentes que isolam corpos e pensamentos.

Não há merenda na entrada, e alguns estômagos barulhentos chegam até a incomodar seus pequenos donos, mas o jeito é esperar o cheirinho bom da comida que virá pontualmente às nove da manhã.

Bate o sinal, campainha poderosa que arrebenta até os contornos dos timpanos mais sensíveis. A sirene é implacável e delimita tempos e espaços.

Na sala dos professores, alguns se levantam rápidos, mesmo com o movimento incessante do mostruário que reluz bijuterias e corre pela mesa do café, incentivado pela voz insinuante da Josefa, professora do ciclo intermediário e que tem talento comercial insofismável. Vende e revende todo dia, para completar a renda financeira.

Os que levantam primeiro para ir à luta da aula, movidos quiçá por o que se pode batizar, por um bom *"furor pedagógico"*, são na mesma hora, esfriados por aqueles que morosamente espreguiçam e dizem: *"este fogo de palha de ir para a sala de aula, vai passar.... podem esperar"*. Uma espécie de *concupiscência pedagógica* parece atravessar o ar da maioria que ainda espicha minutinhos na compra da bijuteria para ganhar tempo.

Os alunos aguardam no pátio em fila por turma, num cenário que beira quartéis ou outras lembranças não menos alviçareiras. Cada professora chega perto da sua turma e não perde a chance de dar uma caprichada no pessoal. *"endireitem a cabeça, tomem distância, andem rápido.. João vá na frente que hoje é seu dia de ajudante. Abra a porta e espere todos entrarem para então fechar"*.

Enquanto isto, a diretora vai percorrendo os corredores para ver se todos estão entrando direitinhos e providencia que dois alunos dos maiores, sejam mandados para sua sala, para uma conversinha que está precisando acontecer.

Na sala da professora Joana, o Joãozinho fechou a porta, quando todos adentraram e o dia começa implacável.

"Atenção, meninos! Caderno de exercícios na carteira. Vamos copiar o cabeçalho. Capricho na letra. Eu quero ver o de cada um. Estou atenta, não se esqueçam".

Na sala de aula em silencio, até as paredes se comportam e os poucos cartazes que estão pendurados meio sem graça de acontecer estão aquietados pela monotonia da ação diária.

No fundo da sala, tem uma mesinha com um filtro e as canecas dos meninos, que quando a sede chega lá não vão precisar sair da sala. Na frente, fica o quadro verde e um flanelógrafo com figurinhas meio desbotadas.

As carteiras são todas diferentes. Parecem que elas têm o direito de ser o que os alunos não o têm. Elas procedem de marcas diferentes, anos de uso desiguais, meio quebradas, consertadas, remendadas, chegam até a ser feias, mas são o que são.

A mesa da professora tem apagador e giz. Tem até uma caixa grande de giz de cor! Um vaso solitário à espera de uma flor está mudo e desgostoso como se há muito não fosse habitado.

Na parede da direita, um alfabeto padrão com letras pequenas que lá do fundo da sala não se enxerga, mas ele faz questão de marcar presença.

Enquanto as crianças copiam o cabeçalho, a professora faz a chamada e vai advertindo os desatentos. Depois disso, explica que vai dar o ponto de geografia, que ontem não deu tempo para

copiar: "*como eu estava dizendo, os pontos cardeais são quatro e....*" despejando o conteúdo cartesiano das verdades absolutas e implacáveis.

As crianças copiam e após o ponto de Geografia, é hora de leitura.

E a aula se arrasta, por aqui e por ali, até chegar a hora da merenda, que já faz tempo se insinuou pelo ar afora, porque a sala fica bem em frente da cozinha. Nisto não se pode negar, a dona Francisca é cozinheira de mão cheia, e a canjiquinha é um sucesso.

Antes é o rodeio dos banheiros. Um alvoroço. Fila por turma e as duas serviçais ficam a postos, uma no banheiro dos meninos e a outra no das meninas, para não ter sacanagem e sem-vergonhice.

Só depois de lavar as mãos é que a fila vai para o refeitório.

As professoras deixam os alunos lá e se dirigem para a sala de reuniões, onde a canjiquinha delas fumegante as espera.

Depois do recreio, nova fila, arrasta-se a procissão de novo, volta a cena da sala de aula. Novo conteúdo, ponto no quadro, outro caderno, a professora vai correndo as fileiras. Os alunos um atrás do outro, enxergam nucas, pescoços, cabelos e chutam por baixo da carteira, para ver se provocam algum movimento que valha a pena.

Exercícios para casa. Arrumação da mochila. Ansiedade dos últimos minutos que não passam e o sermão da professora para aqueles que já acabaram a tarefa e cuidam de importunar os que não acabaram.

Sirene desmedida, destemperada, tumultua o silencio e dispara os corações. Correria na escada, muros que quase tremem com tanto barulho e agitação e a rua ganha cor, correria e corações acelerados.

Fica para trás a escola silenciosa. Lá dentro do prédio só a faxina acontece, aguardando o turno da tarde que vai entrar daqui uma hora. Fica também mal estares e alegrias contidas e acontecidas esperando outras tantas esperanças adentrarem no seu mundo.

(1) (LINKAR COM IMAGENS DO COTIDIANO ESCOLAR – EDIÇÃO GERAL E IMAGENS DA REGULARIDADE)

E aí?

Descrição de movimentos de vida que tudo têm para ser compreendidos, interpretados por diferentes possibilidades, tentando dar conta de significados tão importantes, quanto humanos.

Do ponto de vista de uma **racionalidade técnica,** poucas informações consistentes, pois o texto "não registra objetividade" e quantificação de dados. Para se "entender" esta realidade, o registro carece de ser organizado considerando principalmente:

- a lógica da organização que preside uma escola: quais configurações, legislações, normas e regras a serem prescritas para que o dia a dia seja entendido à luz de contornos sistematizados;
- em segundo lugar, para entender o comportamento dos alunos e dos professores em questão, somente a apresentação em porcentagens de incidência e de outras variáveis possibilitariam a generalização das realidades escolares. Por exemplo, na entrada dos alunos quantos % chegam adiantados, quantos % chegam na hora, quantos % chegam atrasados. Levantamento igual em números de o que fazem os alunos ao chegar na escola, antes do sinal. Em relação aos professores e o tempo anterior à aula, idem. Quantidades de desempenhos X ou Y nas diferentes outras situações;
- além disto, após generalizações devidas e afastando ocorrências indevidas, torna-se necessário validar para as outras realidades escolares, para considerar se são relevantes ou não estas informações e principalmente garantir que a incidência tenha contornos atemporais que permitam que isto possa ser dito para não apenas o dia de hoje, a data X mas que sejam realidades visíveis não só em todos os espaços, mas principalmente para diferentes tempos;
- para dar conta de explicar os alunos e os professores, é preciso sistematizar um estudo comportamental que identifique as variáveis em termos de causa e efeito. Assim sendo há que se dividir em compartimentos de análise, as questões pertinentes a variáveis de aluno, em outro as referentes a professores e assim por diante;
- um dia escolar para ser entendido devidamente, deverá ser dividido também em segmentos. Por exemplo: fatores externos, depois, fatores internos. Ou

ainda uma outra taxionomia interessante: fatores fins X fatores meio. Ou ainda uma outra classificação possível: fatores sociais, econômicos, pedagógicos, administrativos, etc e cada um deles receber uma análise para decompondo o todo, cada parte seja melhor entendida;

- importante ainda, que o observador ou pesquisador em questão se isente de sentimentos, percepções estéticas, sensações e se limite a registrar o que é comportamental, visivel para que se garanta a interpretação científica pertinente. Afinal, o objeto em estudo, no caso, um dia escolar tem existência isolada do sujeito que está estudando e deve permanecer sempre como uma realidade neutra e assim garantido.

Para atender a todos estes quesitos, o texto-pretexto inicial precisa ser reformulado para ganhar consistência à luz do paradigma da Ciência generalista e quantitativa. Reescrever o texto, torna-se necessário:

Um dia escolar à luz da racionalidade técnica

O dia escolar numa escola de ensino fundamental apresenta algumas características interessantes que podem ser generalizadas para melhor compreensão do comportamento de professores e alunos. Pesquisa feita na Escola Estadual X, com professores, alunos e funcionários. Foram utilizadas as técnicas de observação com os alunos e entrevistas com professores. Foram ouvidos 50 % dos professores existentes e observados 10 dias de aula em seqüência. A pesquisa apresentou os seguintes resultados quanto à rotina de um dia letivo:

- 50% dos alunos chegam antes do horário de aula
- 35% chegam bem antes do horário
- 15% chegam minutos depois que o portão da escola já fechou e precisam de justificativa especial para entrar

A escola só abre o portão 10 minutos antes do horário. As causas levantadas para este procedimento, segundo entrevistas feitas são: medida educativa para que os alunos aprendam a respeitar horários; - evitar depredação do patrimônio interno da escola; - atendimento à uma solicitação de órgãos superiores que cuidam da segurança da escola.

Antes de entrar na escola, os alunos permanecem nas proximidades da escola e observou-se que: 60% ficam conversando nas calçadas, 20% ficam correndo na rua; 10% provocam brigas e bate-bocas e 10% ficam comprando guloseimas.

Quando o portão se abre, ainda existem 10 minutos para permanecer à espera do sinal: os alunos ficam no pátio e não há tempo de elaborar jogos ou brincadeiras. Permanecem 50% sentados e 50% correndo.

Os professores na sala de reuniões executam as seguintes atividades: 40% falam da novela; 20% compram e vendem bijuterias e lingeries; 10% falam da vida alheia; 20% falam da família, filhos e empregadas e 10% falam de questões pedagógicas.

Quando o sinal bate, os professores assim se movimentam:

40% se levantam imediatamente

20% continuam proseando

10% vão ao banheiro

30% se atrasam para levantar e ir para as salas de aula

No pátio, as filas são feitas e há um aproveitamento organizado em torno de 60%. Alguns professores já questionaram a necessidade da fila, e a diretora argumenta que segue uma resolução normativa da secretaria de educação.

Em cada sala de aula, o dia escolar começa e pode ser assim seqüenciado de acordo com as porcentagens obtidas quanto aos hábitos diários dos professores:

40% - colocam o cabeçalho no quadro

20% fazem oração

10% planejam com a turma o que será feito no dia

10% - começam a ditar

20% mandam tirar os livros e cadernos para iniciar a escrita

Em cada sala de aula, o espaço interno apresenta as seguintes características: 70% possuem filtro de água; 20% possuem biblioteca; 30% possuem cartazes nas paredes; 10% possui algum tipo de recurso áudio-visual mais sofisticado; - 10% possui plantas e outros materiais concretos e em 100% delas existe o quadro, caixa de giz e apagador.

Quanto ao tempo de aula podem ser observadas as seguintes características: 80% dos professores trabalha Português e Matemática nos primeiros horários; 50% possuem um horário fixo para cada atividade e respeitam o relógio.

Quanto aos hábitos do cotidiano, pode-se afirmar:

80% deixam os alunos ir ao banheiro cada qual seguindo um tipo de costume;

100% dos professores passa dever de casa

40% deixa sair para a merenda à medida em que as tarefas vão sendo executadas;

60% trabalham com Geografia, História ou Ciências após o recreio;

20% costuma desenvolver atividades fora da sala de aula, utilizando o pátio, o jardim ou outro espaço externo;

30% admitem utilizar de "castigo" para quando o aluno não faz dever ou faz bagunça durante o horário;

20% deixa os alunos irem saindo ao final do dia, se terminam as atividades em ordem.

Todas estas observações permitem tirar conclusões sobre a rotina do dia escolar: elas são repetitivas, os professores não tem criatividade e o modelo tradicional impera nas escolas.

A obediência às leis e normas é uma constante e os conteúdos escolares possuem horários privilegiados conforme a importância das matérias.

As principais causas deste típico dia escolar podem ser levantadas como hipóteses para um estudo subseqüente: comodismo dos professores, má remuneração, desinteresse dos alunos, não participação da família, legislação fora da realidade e ausência de material didático.

Portanto...

Este relato de um dia escolar à luz da racionalidade técnica indica que, cuidados científicos foram tomados, resguardando alguns pilares básicos da racionalidade que explicitam o paradigma científico dominante: generalização, divisão de partes e redução do todo, causalidade, separação entre sujeito e objeto, universalização no tempo e organização de categorias lógicas que harmonizam a ordem implícita na realidade. Pode-se então afirmar que o dia escolar está devidamente analisado e explicado, e principalmente compreendido? Será?

Em cada uma das categorias devidamente respeitadas, deu-se conta de compreensão das pessoas em questão? Do todo que não é simplesmente a soma das partes analisadas? De se perceber as interações e conexões entre pessoas, estratégias e táticas utilizadas? De se criar conhecimentos realmente científicos mediante a adoção de métodos tidos como científicos? De se captar a natureza humana, a ética e o compromisso no dia a dia escolar? De se constatar que a teoria organizada a partir das observações consistentes não é o real, porque não existe reflexo em si, mas uma forma de percepção, uma das possíveis linguagens? Os dados estatísticos e quantitativos autorizam a descobrir que não existe uma teoria absoluta? De se aceitar que esta percepção feita num tempo e num espaço é biodegradável enquanto teoria? De se dar conta que um único olhar, ou uma única vertente especializada não explica este dia escolar?

Enfim, esta incursão metodológica e científica permite afirmar que qualquer fenômeno não é simples e que nada é simples, pois inexistem categorias absolutas, ahistóricas e metanarrativas?

Se este dia escolar cabe em análises estatísticas em teorias condensadas e descritivas sobre como é um dia escolar, legislações que determinam o que deve ser feito e abominam o que não deve ser feito... Se isto está a contento, então, o paradigma em curso, dominante desde que a ciência se deu o direito de entender que é um reflexo do real e como tal é e pode ser objetiva, neutra e universal, está suficiente e irá permitir que os entendimentos do conhecimento humano continuem se contentando com estes tipos de abordagem.

É uma proposta de fazer Ciência, referendada por crenças e valores com certeza. Como diz Morin (2) *"até o início do século XX – quando ela entra em crise – a Ciência "clássica" se fundamentou sobre quatro pilares da certeza que têm por causa e efeito dissolver a complexidade pela simplicidade: o princípio da ordem, o princípio de separação, o princípio de redução, o caráter absoluto da lógica dedutivo-identitária"*

O mesmo autor em textos anteriores consolidou em diferentes momentos um conjunto de idéias organizadas em "princípios" ou em outros agrupamentos de tópicos, esta análise referente aos comportamentos de uma ciência dona de uma racionalidade técnica, hegemônica e absoluta.

A opção por este texto que organiza em pilares da certeza acontece em razão de ser o texto mais novo de Edgar Morin publicado acerca destas descrições de uma cultura científica não humanista, como ele mesmo configura.

Estes quatro pilares não se limitaram apenas às Ciências exatas e físicas. Expandiram-se para todos os outros campos do conhecimento, da produção e da cultura, *"e desse modo esse império cresceu nas dimensões do mundo contemporâneo"*, arremata Morin (3)

O pilar da "ordem" baseia-se num Universo regido por leis imperativas e na crença de um mundo concebido como engrenagem, metáfora nostálgica do relógio cartesiano. Harmonia absoluta e a rejeição da desordem enquanto desvios de um percurso predeterminado, performam realidades e fazem emergir conceitos e idéias aprioristicos que formatam o real.

Assim se expressa Morin (4): *"Até Newton, é a perfeição divina que garante a perfeição das Leis da Natureza. Depois com o reenvio de Deus ao desemprego tecnológico pela ciência do século XIX, a Ordem se fundamenta sobre ela mesma, ou melhor, é o mundo concebido como máquina perfeita, que adquire o absolutismo arrancado de Deus"*.

O segundo pilar, o da separabilidade é a certeza que para resolver qualquer problema deve-se decompô-lo em partes, em consonância com os conselhos de Descartes nas regras do Discurso do Método. Esta idéia se impôs na Ciência via especializações que chegam às raias do excesso fragmentário, que invalidou diálogos entre disciplinas, entre contextos, entre sujeitos e objetos e deformou a comunicação entre Ciência e Filosofia. Morin alerta principalmente para que neste quadro, *"os conjuntos complexos como a Natureza ou o ser humano foram fragmentados em partes não comunicantes"*. (5)

O terceiro pilar, o da redução – acredita que tudo pode ser levado ao extremo do mais simples e que o conhecimento dos conjuntos e dos processos é secundário. Isto desemboca na conseqüência perigosa do factualismo mensurável e quantificável. *"Daí então a redução ao quantificável condena à morte qualquer conceito que não se traduza por uma medida. Ora nem o ser, nem a existência, nem o sujeito conhecedor não podem ser matematizados nem formalizados"*, alerta Morin (6)

O quarto pilar é o da lógica indutivo-dedutivo-identitária identificada com a razão. *"Restringindo-se unicamente à dedução e à indução, a lógica clássica põe fora da lógica aquilo que opera a invenção e a criação (...) Uma tal lógica é estritamente aditiva e não pode conceber as transformações qualitativas ou as emergências que sobrevêm a partir das interações organizacionais. Ela fortalece o pensamento linear, que vai da causa ao efeito e faz obstáculo à inteligência da retroação do efeito sobre a causa. É uma lógica da Ordem que fortalece o determinismo ao mesmo tempo que ele a fortalece. Ela expulsa qualquer contradição, aí*

subtendido o exame racional de um fato da experiência como signo de um erro no raciocínio. O princípio de identidade constituiu um embasamento ontológico metafísico para a razão e para a ciência ocidentais, a identidade das coisas, elas próprias constituindo de alguma maneira seu próprio ser." (7)

É uma formatação de mundo, de razão, de ciência, de filosofia e de vida: os quatro pilares, como lembra Morin, são interdependentes e se reforçam um ao outro cristalizando realidades e humanidades.

Enquanto Conhecimento sistematizado e validado, a Ciência tem um poder muito forte sobre as óticas e vivências das sociedades. Ao se resguardar enquanto um discurso neutro e objetivo, retirou do campo da Ciência uma discussão da Consciência e de responsabilidades.

, *"Porque a responsabilidade não tem sentido senão com relação a um sujeito que se percebe, reflete sobre si mesmo, discute sobre ele mesmo, contesta sua própria ação. Ou o conceito de sujeito não tem nenhum lugar justamente nos princípios do conhecimento científico: ser cientista é ser literalmente irresponsável por profissão! Isto não quer dizer que o cientista não seja responsável. Ele se sente responsável. Mas ele deve tratar esse problema da responsabilidade como qualquer cidadão, com aquela diferença que o faz trabalhar justamente em alguma coisa que pode produzir vida e morte, sujeição e liberação".* alerta Morin (8)

Todos estes pensares e fazeres se reportam a uma visão de mundo, de homem e de Ciência tributária de um paradigma que se pode dizer ainda dominante em termos de muitos contextos e tradições.

A idéia de **paradigma** aqui é trabalhada para ajudar a entender uma formalidade nas práticas sociais: - explicita pensares e fazeres hegemônicos é uma destas construções que precisa ser vista como relações estabelecidas na tessitura do real.

Edgard Morin (9) colabora com esta análise e delimita a idéia/realidade de que" *o paradigma significa um tipo de relação muito forte, que pode ser de conjunção ou disjunção, que possui uma natureza lógica entre um conjunto de conceitos-mestres. Esclarece ainda que o paradigma primeiro impõe conceitos soberanos, e impõe, entre esses conceitos, relações. Um paradigma privilegia algumas relações em detrimento de outras, o que faz com que ele controle a lógica do discurso. Seria uma noção nuclear ao mesmo tempo lingüística, lógica e ideológica."*

Este enfoque representa uma ampliação de uma idéia anterior enunciada por Thomas Kuhn (10), em que o conceito de paradigma é visto como uma definição , ou seja,

"a constelação de crenças, valores e técnicas partilhada pelos membros de uma comunidade científica"

Estas análises podem ainda ser enriquecidas. Maria Cândida Moraes (11), afirma:

"a compreensão do conceito de paradigma com base em um enfoque relacional, em que conceitos e teorias soberanos convivem com teorias rivais, abre a possibilidade de reconhecer que mudanças paradigmáticas convivem, simultaneamente, com outras experiências, teorias, outros conceitos ou fenômenos recalcitrantes que não se ajustam facilmente ao paradigma vigente"

. A autora acrescenta ainda:

"Acreditamos que a interpretação de Morin vai um pouco mais além do que a teoria de Kuhn e oferece uma idéia mais completa da evolução do conhecimento científico, que, além de crescer em extensão, também se modifica, transforma-se mediante rupturas que ocorrem na passagem de uma teoria à outra"..

Paradigmas ensaiados e configurados fazem parte das ***estratégias*** que delimitam um "próprio", uma configuração, uma extensão de hegemonia e domínio ou mesmo uma modelização.

São ações revestidas de sistemáticas, "discursos totalizantes", respaldados pela legitimidade e pela aceitação do *status* científico, religioso, político e social.

Acontecem entretanto, entremeados nas águas navegáveis de práticas sociais que são caudatárias também de ondas, estilos e movimentos próprios, táticas, e em nenhum momento isto pode ser esquecido.

Participando da conversa é a vez de Boaventura Souza Santos (12), que aponta algumas características básicas do paradigma dominante nos dias atuais, enfatizando um pouco mais os saberes e sabores detectados nos pilares que sustentam uma visão de Ciência mecanicista:

- racionalidade científica que nega o caráter racional a todas as outras formas de conhecimento, tornando-se um modelo totalitário e único;
- postura de neutralidade sistemática e rigorosa, dá ênfase no dado quantitativo, eliminando qualquer subjetividade intrusa;

- redução da complexidade, o conhecimento é desmontado e reduzido para se chegar ao simples;
- conhecimento causal, estabelece apenas relações de causa e efeito;
- busca de generalização e formulação de leis, a partir de um concreto quantificado e abstraído;
- mecanicismo, que leva a um determinismo, pois tudo se explica na metáfora do mundo-máquina, do relógio cartesiano.
- Utilitário e funcional, como critério de validade e de verdade reconhecido no terreno do social.

Um outro texto significativo para participar desta análise é o de Fritjof Capra, que em 1982, com a publicação do livro *Ponto de Mutação* (13), defende uma tese básica: a de que as diferentes crises que o mundo atravessa, são facetas diferentes de uma só questão: uma crise de percepção.

Maria Cândida Moraes volta à cena, e corrobora com esta análise, fazendo um percurso histórico que localiza a origem da atual forma de pensamento, valores e percepção. Trata-se de uma associação de várias correntes de pensamento da cultura ocidental, dentre elas, a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial, presentes a partir do século 16.

Antes disto, como bem lembra a autora, a visão de mundo que prevalecia era orgânica, assentada no naturalismo aristotélico e na fundamentação platônica-agostiniana. Mais tarde, tomista, sustentando a vivência da natureza como entidade sagrada e cabendo ao homem um papel meramente contemplativo. Com esta postura teocêntrica, a organização social se configurava também autoritária, respaldada por um respeito cego à autoridade e aos textos bíblicos e gregos.

Esta visão orgânica de mundo começa gradativamente a ser substituída por uma noção de "mundo-máquina" (século 16 e 17), pois um reposicionamento do homem e um deslocamento de referencial teocêntrico para uma ênfase antropocêntrica assumem a liderança de contornos sociais, políticos, econômicos, científicos e geográficos.

Explicações racionalistas, empiristas e idealistas irão respaldar a mentalidade moderna como formas de racionalidade científica e como epistemologias de realidade. Todo projeto filosófico desenvolvido na Idade Moderna privilegia o sujeito no processo de conhecimento, embasando a

sistematização de um projeto iluminista que reconhece a experiência sensível, mas apóia-se na razão e eleva a Matemática como modelo mais forte de representação da realidade.

Em se tratando da escola, as características do pensar hegemônico encontram contornos próprios, traduzidas em uma regularidade insistida e que se alimenta de "costuras" organizadas e sistematizadas em práticas e manifestações de alguns pressupostos de padronização e uniformização.

(LINKAR COM O BLOCO RÉGULA, REGULAR, REGULA)

Daí fica fácil entender a insistência em se enxergar o texto-pretexto que abre esta discussão como inconsistente do ponto de vista científico e reinvidicar insistentemente a presença dos pilares da certeza para documentação da análise do dia escolar.

No entanto...

Se houver um descontentamento quanto à compreensão da realidade, evidenciando que as análises estatísticas, quantitativas e de mensuração objetivas neutras e que dicotomizam sujeito e objeto não satisfazem uma postura científica que acredita em outros contornos necessários ao resgate da humanidade, aí então os sinais explícitos de exaustão deste paradigma estão postos de forma muito consistente.

Se a famosa frase de Lévi-Strauss, *"a finalidade das ciências humanas não é revelar o homem, mas dissolve-lo"*, faz sentido na busca de um Conhecimento que se pauta pela complexidade, outro paradigma enseja lugar na aventura humana e se insinua cada vez mais alimentado por descobertas científicas nas mais diferentes contribuições.

O movimento da história das práticas sociais é caudatário de transformações/ estabilizações, confirmando que só o que muda, permanece. Este perfil de modernidade, de paradigma dominante da razão técnica, não é mão única na explicação do real. Há sinais explícitos de exaustão, que podem ser sentidos como sinais dos tempos e dos espaços em questão. É o próprio Boaventura Souza Santos (14) que sintetiza esta crise nos seguintes indicadores:

- O próprio avanço do conhecimento foi revelando sua fragilidade teórica (ex: o tempo e o espaço absolutos de Newton são derrubados por Einstein)
- as novas contribuições da Física Quântica evidenciaram a insuficiência de modelos que trabalham com estruturas e não com processos;
- o questionamento quanto à formulação de leis e da causalidade formal, que fazem análises lineares e que não dão conta de expressar a realidade;

- a preocupação mais com a forma do que com o conteúdo, acabando por desqualificar ao buscar incessantemente uma quantificação rigorosa;
- a neutralidade da ciência inexistente pelas amarras evidentes com o poder.

Maria Cândida Morais (15)) lembra ainda aspectos críticos importantes ao processo em curso do paradigma da racionalidade científica, que confirmam exageros e menoridades:

- fragmentação do pensamento e unilateralidade da visão de mundo;
- ênfase na vida competitiva, no individualismo e no progresso material ilimitado e na monetarização da sociedade;
- exclusão do pensador de seu próprio pensar;
- erosão nos alicerces religiosos, sustentáculos de valores da civilização ocidental;
- um processo de alienação do homem em relação à natureza, ao trabalho, a si mesmo e ao outro;
- quebra da unidade existente entre o microcosmo e o macrocosmo.

Na tessitura da instituição escola, a tentativa de ser neutro e objetivo, evidenciou lacunas incríveis, pois nas questões humanas a subjetividade é colocada à mostra de forma muito mais contundente.

Há um esgotamento visível de uma camada superficial de ditames generalistas, causais e formais, sentido na pele, quando se trata de situar cada sujeito, cada processo de ensino e de aprendizagem e tudo isto desafia, com certeza, as leis do absoluto.

A própria Ciência foi dando o respaldo necessário na medida em que novas descobertas foram sendo feitas, abalando os conceitos absolutos e as verdades decretadas e um saber se construiu em movimento contínuo, explicações transitórias, estruturas de conhecimento em redes e conexões devidamente incrustrado numa totalidade indivisível.

A invenção do cotidiano é com certeza, arte maior. A realidade é rebelde aos esforços de impor organização sistemática e padronizada.

Michel de Certeau (16), afirma que:

> *"a razão técnica acredita que sabe como organizar do melhor modo possível pessoas e coisas, a cada um atribuindo um lugar, um papel e produtos a consumir. Mas o homem ordinário escapa silenciosamente a essa conformação. Ele inventa o cotidiano, graças às artes de fazer, astúcias sutis, táticas de resistência pelas*

quais ele altera os objetos e os códigos, se reapropria do espaço e do uso a seu jeito. Voltas e atalhos, maneiras de dar golpes, astúcias de caçadores, mobilidades, histórias e jogos de palavras, mil práticas inventivas provam, a quem tem olhos para ver, que a multidão sem qualidades não é obediente e passiva, mas abre o próprio caminho no uso dos produtos impostos, numa ampla liberdade em que cada um procura viver do melhor modo possível a ordem social e a violência das coisas."

Em termos da instituição escola, trata-se de ir identificando sinais de exaustão de práticas e representações meramente mecanicistas e de um cientificismo asséptico e ir percebendo, ouvindo e registrando outras manifestações que ensaiam uma orquestração múltipla e diversa.

No ritmo da interlocução estratégias/táticas novos sinais vão sendo delineados pelo ritmo e pelos espaços vivenciados. Boaventura Souza Santos (17) acena para os seguintes traços indicadores novos sinais "Estratégicos", embalados pelas trajetórias de táticas mil, e que se caracterizariam como um possível paradigma emergente:

- Todo conhecimento científico natural é científico social: caem as fronteiras entre exatas e humanas, entre razão e emoção Não existe oposição entre ser humano e sociedade. A Ciência por exemplo, coloca em questão a distinção entre orgânico e inorgânico, vivo/não vivo. É Gramsci que alerta já no início do século 20, que "*o saber sem emoção é pedantismo e a emoção sem o saber é um caos*";
- Todo conhecimento é local e total: Tólstoi, já dizia, "se você quiser ser universal, cante o seu quintal". A arte já ensina isto há muito tempo... é o rio que corre na minha aldeia, de F. Pessoa, "*o meu sertão é do tamanho do mundo*", no dizer de Guimarães Rosa. Constitui-se em redor de temas que em dado momento são adotados por grupos sociais concretos, como projetos de vida locais. A fragmentação pós-moderna não é disciplinar e sim Temática.
- Todo conhecimento é auto-conhecimento: a Ciência moderna consagrou o homem enquanto sujeito epistêmico, mas expulsou-o (A Deus também), como sujeito empírico. A pós-modernidade engata a importância da subjetividade, nas pesquisas participantes, na insegurança assumida e gerenciada.

- Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum: existe uma necessidade de dialogar com todas outras formas de conhecimento e valorar características incríveis do senso comum tais como a intencionalidade, a criatividade, o transparente, o prático junto com o pragmático, o superficial e o profundo, o indisciplinado e O metódico, o retórico e o metafórico. O senso comum deixado a si próprio pode ser totalitário, prepotente e altamente conservador (idem

a ciência isolada), mas andando juntos, podem ser muito significativos.

Na escola, a vivência das práticas sociais vai evidenciando necessidades na construção do paradigma educacional emergente, de acordo com a análise de Maria Cândida Moraes (18) no sentido de se buscar:

- totalidade indivisa, pois não existem partes e sim fios de uma teia inseparável de relações;
- pensamento sistêmico, onde a idéia de sistema conforme Morin (19), não é simplesmente um todo constituído de partes, mas é algo que tem qualidades próprias que somente emergem quando o sistema se constitui;
- um mundo em holomovimento, ou seja, um movimento contínuo, indefinível e imensurável;
- pensamento em processo, pois tudo é fluxo e nada é fixo;
- conhecimento em rede, pois as coisas existem em razão de suas relações mutuamente consistentes, e nenhuma das propriedades de qualquer parte é em si fundamental;
- unidade do conhecimento, desfazendo a separação entre sujeito e objeto em termos epistêmicos, pois o ato de observação altera a natureza do objeto, existindo interdependencia entre ambos;
- teorias transitórias, pois a ciência está sempre em processo de revisão e não é mais um conjunto de verdades absolutas;
- auto-organização recursiva, pois o organismo depende do meio ambiente e "*onde os efeitos e os produtos são necessários para sua própria causa e sua própria produção, que produz uma organização em forma de anel* – Morin (20);
- integração do qualitativo ao quantificável, pois o que se busca é a compreensão da natureza humana de forma holística.

Nas tramas da complexidade

"Nunca acreditei em verdades únicas. Nem nas minhas, nem nas dos outros. Acredito que todas as escolas, todas as teorias podem ser úteis em algum lugar, num determinado momento. Mas descobri que é impossível viver sem uma apaixonada e absoluta identificação com um ponto de vista.

No entanto, à medida que o tempo passa, e nós mudamos, e o mundo se modifica, os alvos variam e o ponto de vista se desloca. Num retrospecto de muitos anos de ensaios publicados e idéias proferidas em vários lugares, em tantas ocasiões diferentes, uma coisa me impressiona por sua consistência. Para que um ponto de vista seja útil, temos que assumi-lo totalmente e defende-lo até a morte. Mas, ao mesmo tempo, uma voz interior nos sussurra: Não o leve muito a sério. Mantenha-o firmemente, abandone-o sem constrangimento." Brook – (21)

Este paradigma que se constitui em ritmo de contemporaneidade precisa ser entendido à luz de fundamentos de compreensão não só do Conhecimento de mundo, mas também do próprio homem.

Trata-se de reinvidicar a postura de uma "*inteligência da complexidade*" que respalde as análises em questão. Muitos autores têm construído ao longo da história do pensamento humano, contribuições significativas para esta análise nos mais variados campos do saber.

Adentrando no espírito complexo, Morin lembra que a questão quando perguntada a uma criança numa escola, encontrou a seguinte resposta: "*Complexidade é uma complexidade que é complexa*". E o autor comenta: *"É evidente que ela havia tocado o cerne da questão." (22)*

Na verdade, continua o autor: nenhum fenômeno é simples. A complexidade aparece à primeira vista, como irracionalidade, incerteza, confusão e desordem. Ela parece desafiar o modo de compreensão das coisas e precisa ser entendida muito mais como "*uma noção lógica do que uma noção quantitativa*". (23)

Por pensamento complexo, Morin define: "*é a viagem em busca de um modo de pensamento capaz de respeitar a multidimensionalidade, a riqueza, o mistério do real; e de saber que as determinações – cerebral, cultural, social histórica – que se impõem a todo o pensamento co-determinam sempre o objeto de conhecimento."* (24)

Morin (25) utiliza-se também de um exemplo valendo-se da metáfora de uma tapeçaria onde delineia três etapas para o desenvolvimento desse tipo de pensamento: **(LINKAR UMA IMAGEM DE TAPEÇARIA)**

"Consideremos uma tapeçaria contemporânea. Comporta fios fé linho, de sedo, de algodão, de lã, com cores variadas. Para conhecer esta tapeçaria, seria interessante conhecer as leis e os princípios respeitantes a cada um destes tipos de fio. No entanto, a soma dos conhecimentos sobre cada um destes tipos de fio que entram na tapeçaria é insuficiente, não apenas para conhecer esta realidade nova que é o tecido (quer dizer, as qualidades e as propriedades próprias para esta textura) mas, além disso, é incapaz de nos ajudar a conhecer a sua forma e a sua configuração.

Primeira etapa da complexidade: temos conhecimentos simples que não ajudam a conhecer as propriedades do conjunto. Uma constatação banal que tem conseqüências não banais: a tapeçaria é mais do que a soma dos fios que a constituem. Um todo é mais do que a soma das partes que o constituem.

Segunda etapa da complexidade: o fato de que existe uma tapeçaria faz com que as qualidades deste ou daquele tipo de fio não possam todas exprimir-se plenamente. Estão inibidas ou virtualizadas. O todo então é menor que a soma das partes.

Terceira etapa: isto apresenta dificuldades para o nosso entendimento e para a nossa estrutura mental o todo é simultaneamente mais e menos que a soma das partes.

Nesta tapeçaria, como na organização, os fios não estão dispostos ao acaso. Estão organizados em função da talagarça, de uma unidade sintética em que cada parte concorre para o conjunto. E a própria tapeçaria é um fenômeno perceptível e cognoscível, que não pode ser explicado por nenhuma lei simples".

Interessante notar ai como lembra Petraglia (26): *"nesses termos Morin, tece críticas ao "holismo", enquanto uma concepção que julga reducionista. Afirma que a explicação holística, que é globalista, promove o todo, mas rejeita as partes, ignorando que nestas operam-se transformações. Remete as partes ao todo, isolando-o; e isto também é um reducionismo."*

Daí o pensamento complexo não pode ser linear, dicotômico ou reducionista. Isto pode parecer complicado, *mas complicação é um emaranhado de inter-retroações,* no dizer do próprio Morin.

Do ponto de vista de um pensar cartesiano, admitir a complexidade seria um regresso na constituição da Ciência. Daí por exemplo, toda uma reação quando a Física Quântica balançou as estruturas de certeza da Física de Newton. Mas foi necessário o êxito operacional desta física quântica para que se compreendesse que a incerteza é um progresso no conhecimento do mundo.

Daí: "*a idéia da complexidade é uma aventura. Eu diria mesmo que só podemos entrar na problemática da complexidade se entrar na da simplicidade, porque a simplicidade não é tão simples quanto parece.*" (27) Assim é preciso captar "*os mandamentos*" do pensamento complexo, para pensar complexamente e conseguir superar os mecanicismos de pensamentos apriorísticos que decretam o real. Estes saberes-sabores vão ajudar a compreender, comprometer e responsabilizar pessoas e mundos na vivencia do humano.

Pensar e sentir complexamente vai exigir que cada uma das características comentadas é necessária, mas não suficiente e precisam ser interagidas continua e ininterruptamente.

- o geral, universal, as leis maiores só se manifestam e acontecem em elementos em interação no contexto singular, local e portanto não podem ser desconsiderados. A escola que se vive, se constrói existe na medida em que as interações acontecem, partículas vivas em gravitação e não abstrações que escapam. Cada contexto é um contexto, com luzes, cores, vida própria e principalmente energias, vibrações que não cabem nas estatísticas generalizantes. O mais importante é sentir que o geral é singular e o singular é geral;
- tudo acontece no tempo, na história, numa época, num aqui, agora gestado no ontem, grávido de amanhãs. A termodinâmica ajudou muito a se consolidar esta vivência, demonstrando que não era uma questão meramente de divagação filosófica. Só o que muda, permanece é o desafio em questão;
- tudo que é um elemento, uma parte menor, um átomo ou até redução a menos do menos, não é elemento em si. Tudo é conexão, interação. Como diz Morin, todo elemento é um acontecimento. Isto nos resgata fluxo, processo vivo por ser total e elementar ao mesmo tempo;
- a existência de ordem, leis é uma idéia necessária, mas insuficiente como todas as outras. Ordem e desordem são complementares na ótica da complexidade. Daí a impossibilidade de fixar categorias absolutas ou princípios últimos que

descansam mas fogem da raia. Daí no processo vital, em qualquer nível a relação ordem-desordem-organização não é simplesmente um antagonismo; - é também necessidade de complementação;

- causas e efeitos não são relações lineares, mas em círculos contínuos. Procurar sempre enxergar em espiral, endógena e exógenamente em virtualidades de desenvolvimento múltiplas;
- o conhecimento não se interrompe portanto: neste sentido as qualidades e propriedades que nascem de um conjunto retroagem sobre este mesmo conjunto. Daí uma riqueza de situações que quando se pensa na realidade humana, significados e valores são fortalecidos: nasce no pensar de Morin, a idéia de auto-organização, de recursão e outras tantas possibilidades para compreensão das pessoas e instituições;
- jamais se permitir enxergar separado do objeto em questão. Não se pode disjuntar, separar os seres vivos do ambiente. Sentir-se sujeito do mundo e o mundo no sujeito, pois as interações explicam dimensões incríveis do processo humano;
- finalmente, clarear que o trabalho do pensamento é criador, consiste em fazer saltos, transgressões lógicas, que pode até se valer de induções e deduções, mas nunca se reduzir a elas, ou a soma delas. A contradição é fundamental na complexidade.

Exercitar este modo de pensar em cada situação, realidade, problema e desafio é realmente provocador. Olhar a escola enquanto tecido que trama, é tramado, interage e provoca continuamente, faz com que a postura científica em questão não possa se limitar aos cânones mecanicistas.

Esta não é uma questão de opção de uma postura aleatória ou parte de um repertório de escolhas independentes. É uma coerência que nasce da sustentação de uma epistemologia da complexidade.

Esta epistemologia, tem uma base bioantropológica: a estrutura hipercomplexa que é o cérebro humano. O cérebro é um e múltiplo. Qualquer imagem, palavra, representação coloca em cena milhões de neurônios, sinapses nos hemisférios que o compõem.

A própria estrutura do cérebro que se encontra dentro do crânio e que não tem comunicação direta com o universo, mas é mediado pelas terminações sensoriais vão conduzir à uma constatação biológica de que tudo que se projeta nele é representação, pois ele não é um espelho do universo.

Como diz, Morin: "*nossas visões de mundo são as traduções do mundo. Traduzimos a realidade em representações, noções, idéias e depois teorias (...) Por conseguinte, do exame bioantropológico do conhecimento se depreende um princípio de incerteza fundamental: existe sempre uma relação incerta entre o nosso espírito e o universo exterior*" (28)

Está plantada a incerteza: Princípio básico de compreensão na construção do conhecimento e do homem, enquanto ele próprio uma aventura da linguagem e da ciência.

"*Não existe trono soberano, mas uma pluralidade de instâncias. Cada uma dessas instâncias é decisiva: cada uma delas é insuficiente. Cada uma dessas instancias comporta seu princípio de incerteza*". (29)

Este princípio da incerteza, com base bioantropológica é expandido também em termos de uma sociologia do conhecimento, pois como diz Morin, não é apenas uma questão individual, mas uma tarefa social.

Quando se coloca a questão do conhecimento, da ciência, do homem, fica impossível ações isoladas, petulantes e mesmo prerrogativas de arrogância acadêmica não se justificam.

"*O fato de ser difícil informar-se, conhecer-se, verificar-se, etc, não elimina esses problemas. É preciso, com efeito, dar-se conta de que é muito difícil e de que não é uma tarefa individual – é uma tarefa que necessitaria de encontro, de intercâmbio entre todos os pesquisadores e universitários que trabalham nessas áreas disjuntas, que, infelizmente, enclausurando-se como ostras. Ao mesmo tempo, devemos saber que não existem mais privilégios, tronos ou soberanias epistemológicas. Os resultados das ciências do cérebro, do espírito, das ciências sociais, da história das idéias, etc, devem retroagir ao estudo dos princípios que determinam tais resultados. A questão não é que cada um perca a sua competência, mas que cada um a desenvolva o suficiente para articula-la a outras competências, que, ligadas em cadeia, formariam um círculo completo e dinâmico, o anel do conhecimento do conhecimento. Eis a problemática da epistemologia complexa e não a chave mestra da complexidade, cuja característica, infelizmente, é não fornecer a chave mestra.*" (30)

Estas reflexões todas à luz do pensamento complexo que Morin sistematiza, dão sustentação a uma abordagem científica que trabalha com o cotidiano na dimensão da metáfora de REDE. **(LINKAR UMA IMAGEM DE REDE)**

Este é um apelo feito por diferentes pensadores de diferentes campos do conhecimento, na tentativa de chegar mais perto de uma aproximação não linear, não dogmática da realidade. Todos eles tentam uma abordagem caleidoscópica, à luz do paradigma emergente que visa ultrapassar o precário conteúdo do paradigma mecanicista.

Assim encontramos:

- em Latour, quando fala das diferentes ciências (31)... "*um mesmo fio conecta a mais esotérica das ciências e a mais baixa política*"
- em Foucault , quando faz discussões sobre a microfísica do poder: "*deve-se considera-lo (o poder) como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir*". (32)
- Boaventura Souza Santos, quando fala da relação sujeito/história diz... "*em termos gerais, todos nós, cada um de nós, é uma rede de sujeitos em que se combinam várias subjetividades correspondentes às várias formas básicas de poder que circulam na sociedade*" (33)
- Norberto Elias (34) ao discutir as relações sociedade/indivíduo, procurando entende-las não como campos opostos, já que ambos só são possíveis quando pensados juntos, admite "que o que nos falta são modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensível no pensamento, aquilo que vivenciamos diariamente. Este autor vai se expressando através da metáfora da rede: "*rede de dependências, tecido de relações sociais, rede de funções no interir das associações humanas, rede funcional complexa e altamente diferenciada*", e assim por diante., mas alerta ainda que a rede é uma imagem, e como tal pode correr o risco de ser um modelo estático e com isto retornar ao que se critica. E aí propõe: "*a rede em constante movimento, como um tecer e destecer ininterrupto das ligações*"
- É talvez de Walter Benjamim (35), a mais poética das metáforas, quando ao falar da arte de narrar diz: "*contar histórias sempre foi a arte de contá-las de*

novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história (...) Assim se teceu a rede em que está guardado o tom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual".

- Miguel Arroyo, em uma palestra feita no sul de Minas no ano de 2000, lembra a necessidade da educação não ser vista como rede ferroviária que são caminhos fixos e predeterminados. Mas que o processo de educação seja uma rede do nordeste, aquela tecida artesanalmente com as infinitas possibilidades da criação e de construção contínuas

Esta metáfora legitimada por vários autores têm a mesma preocupação e a mesma inspiração: conseguir dar conta da complexidade, das interações, e principalmente expressar o vir a ser, um processo aberto e com tantas matizes, fios, tessituras, espaços, não espaços em tempos diversos.

E a coerência Metodológica, como fica?

Esta abordagem do cotidiano, necessita ter uma abordagem metodológica coerente e consistente, pois em caminhos abertos existe o pressuposto filosófico do vir a ser, do otimismo colocado numa epistemologia de processo e movimento.

Aqui entra o fazer ciência na trama da complexidade pautado principalmente pela contribuição de Michel de Certeau (36). As razões são as seguintes:

- o cotidiano da escola precisa ser considerado como um tecido no espaço/tempo de produções, enredamentos de saberes, imaginações, táticas, estratégias, criações, memórias, projetos, artimanhas, representações e significados;
- um espaço/tempo de ações diversas e no qual nós, pesquisadores, estabelecemos também rede de relações, pois fazemos parte dele e agimos e retroagimos neste contexto;
- mergulhar no cotidiano para encontrar o aluno, o professora, a pessoa humana, que não cabem nas explicações científicas;

- crença na atividade criadora dos *"praticantes do ordinário"*; como se expressa Certeau, colocando em evidencia as *"maneiras de fazer"* em detrimento de uma filosofia de consumo passivo e apenas reprodutivista das práticas sociais;
- possibilidade de identificar uma lógica própria nas práticas do cotidiano que não é preexistente, mas se tece nas artimanhas desse real;
- exercício de uma sensibilidade para perceber práticas invisíveis ao olhar totalizante;
- mergulho no cotidiano para permitir uma compreensão e não um mero entendimento de razões abstratas. Neste sentido a profa. Nilda Alves (37) enuncia quatro aspectos importantes a serem trabalhados na complexidade:

• sentir o mundo e não só observa-lo. Daí a distância científica é impossível: preciso ter claro os limites e trabalhar com eles também;

• "virar de ponta cabeça" no sentido de apoio de paradigmas e fundamentações. Ter referencias de início, mas ir tecendo sustentações ou não à medida em que o cotidiano se apresenta;

• "beber em todas as fontes" – significa aceitar outras fontes de conhecimento como dignas de fé e não só a veia racional técnica tradicionalmente aceita como única de crédito científico;

• narrar a vida e literaturizar a ciência – no sentido de achar outras formas de escrita, utilizando a narrativa do romance e da sensibilidade;

- Na pesquisa no/do cotidiano coerente com a mudança de paradigma, há o imbricar das práticas metodológicas com as metodologias da pesquisa, necessitando fazer caminhos ao caminhar, no dizer poético de Antonio Machado (38)
- Abdicar das lógicas abstratas e das categorias da Escola/conceito totalizante;
- Trabalho com a incerteza, como categoria construtora da Ciência em ritmo de complexidade;
- Definição de eixos de pesquisa que explicam o campo da investigação e não de hipóteses *a priori* que muitas vezes conduzem e decretam realidades perseguidas;

- Enfim, quando se escolhe uma metodologia à luz das reflexões de Michel de Certeau, é uma questão de sensibilidade estética, e isto só é possível quando a gente se torna participante do cotidiano para compreender a escola com ela é, e não de como se pensa que ela é. Daí não existe um único caminho, mas caminhos complexos, plurais que não se esgotam nunca e a rede de conhecimentos sobre qualquer realidade está sempre aberta.

E Certeau nos ajuda a pensar, quando diz: "*nossas categorias de saber ainda são muito rústicas e nossos modelos de análise por demais elaborados para permitir-nos imaginar a incrível abundancia inventiva das práticas cotidianas. É lastimável constata-lo: quando nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos OBSCUROS HERÓIS do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros, leitores e sonhadores, pessoas obscuras da cozinha. COMO TUDO ISTO É ADMIRÁVEL!* (39)

(LINKAR COM O VÍDEO – O REGULAR DA ESCOLA REGULAR.... DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA PARA TODOS)

E VOCÊ?
COMO ESTÁ CONSTRUINDO CIÊNCIA?
ENVIE SEU DEPOIMENTO

Notas

(1) Edição de imagens do cotidiano escolar no universo delimitado da pesquisa. **(LINKAR COM O BLOCO CONTEXTUALIZANDO TRÊS CORAÇÕES)**

(2) Morin, 1999, p.95

(3) Ibid, p. 95

(4) Ibid, p.95

(5) Ibid, p.96

(6) Ibid, p. 96

(7) Ibid, páginas 97 e 98

(8) Ibid, páginas 34 e 35

(9) MORIN, E. apud MORAES, Maria Cândida, 1999

(10) KUHN, Thomas, 1969 apud MORAES, Maria Cândida, 1999

(11) MORAES, Maria Cândida, 1999

(12) SANTOS, Boaventura Souza, 1999

(13) CAPRA, Fritjof, 1982

(14) SANTOS, Boaventura Souza, 1999

(15) MORAES, Maria Cândida, 1999

(16) CERTEAU, Michel de, 1999

(17) SANTOS, Boaventura Souza, 1999

(18) MORAES, Maria Cândida, 1999

(19) MORIN, E.1999

(20) Ibid, 1999

(21) Brook, apud ALVES, Nilda, 2000, página 13

(22) MORIN, E. 1999, página 45

(23) Ibid, p. 47

(24) MORIN, E. 1990

(25) PETRAGLIA, Izabel Cristina, 1999, páginas 103 e 104

(26) Ibid, página 52

(27) MORIN, 1999, p. 48

(28) Ibid, páginas 63 e 64

(29) Ibid, p. 68

(30) Ibid, p. 69

(31) LATOUR, Bruno apud ALVES, Nilda, 2001

(32) Foucault, Michel, 1982, p. 8

(33) SANTOS, Boaventura de Souza, 1997, página 197

(34) ELIAS, Norberto, 1994, páginas 16 e 35

(35) BENJAMIM, Walter, 1994, p. 205

(36) A contribuição de Michel de Certeau para inspiração metodológica na construção da Ciência, está consubstanciada principalmente nos dois volumes de A invenção do cotidiano publicados no Brasil pela Editora Vozes em 1999 e 2000

(37) ALVES, Nilda, 2001, páginas 13 a 38

(38) MACHADO, Antonio, apud ALVES, Rubem, 2001, p.11

(39) CERTEAU, Michel de, 2000, páginas 341 e 342

TECENDO OS FIOS E MEXENDO OS PINCÉIS...

(CONCLUSÃO?)

"O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este ***mundo memória,*** *segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. (...) O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível. Não tão invisível assim...."(1)*

Tecer os fios do cotidiano (2) que parecem fios soltos.

(LINKAR IMAGENS DO COTIDIANO)

Tomar os pincéis que parecem impacientes porque desconexos.

Esta é a proposta do participante do cotidiano. Sentir cada vivência, escutar o falado e o silêncio, olhar com olhos de sensibilidade, enfim ligar todos os sensores que conectam à vida.

A multiplicidade das práticas embaça olhos e principalmente razão e coração. São tantas, parecem de inicio até decepcionar, como diz Certeau, porque *ordinárias*, mas de repente caquinhos de vidro se encaixam, se revelam e começa-se a montar um caleidoscópio, um mosaico onde cada peça se expõe e se esconde ao mesmo tempo, e os pormenores vão ganhando sentido, na percepção de atividades singulares plurais e plurais singulares.

É preciso um olhar vigilante para escapar das generalidades que totalizam e abstraem e de *"uma ESCOLA-CONCEITO, que no entanto não consegue excluir da vida, a escola real, os movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico, sob os discursos que a ideologizam"*(3)

Estar atento portanto, às microdiferenças dos *"viajantes do ordinário"*, que podem ser compreendidos com a ajuda da metáfora do "bricoleur", comentada por Lévi-Strauss (4):

"(...) a poesia do ***bricolage*** *lhe advém, também e sobretudo, do fato de que não se limita a cumprir ou executar, ele não "fala" apenas com as coisas, (...) mas também através das coisas: narrando, através das escolhas que faz entre possíveis limitados, o caráter e a vida de seu autor. Sem jamais completar seu projeto, o* ***bricoleur*** *sempre coloca nele alguma coisa de si."*

Na atividade de mergulhar no cotidiano da escola, qual o sentido destas microdiferenças? Afinal de contas variações possíveis/impossíveis, visíveis/invisíveis, lógicas/não-lógicas podem ser atribuídas à tradições familiares, ou mesmo pedagógicas? Ou são uma questão de hábitos de gerações? Podem ser compreendidas como circunstanciais, ou ainda ideológicas? Muitas leituras podem ser feitas e é preciso descobrir que as táticas utilizadas pelos praticantes, possuem uma formalidade própria, referendando-se no que Certeau chama de *uma ciência prática do singular.*

Daí ser possível identificar no pulular de procedimentos singulares e plurais, a presença também de uma regularidade existente que não é apriorística, mas que é vivenciada estrategicamente em táticas peculiares a cada um dos personagens.

Daí como diz, OLIVEIRA (5), *"O estudo desses modelos de ação onde se incluem práticas e táticas da vida cotidiana, permite ampliar a compreensão das práticas, não apenas enquanto heterogeneidade e singularidade, como um conjunto de ações e maneiras de estar no mundo e de fazer que se produz segundo uma lógica que lhe é própria."*

A pesquisa no/do cotidiano das escolas em questão, num espaço/tempo configurados permite tecer os fios e mexer os pincéis.

Nas muitas entrevistas **(LINK – com entrevistas na integra)**
feitas com professores e especialistas, 11 delas foram escolhidas como relatos que continham um maior número de dados que evidenciavam praticantes com mais táticas do que estratégias e também aqueles relatos que num olhar apressado, nada evidenciavam de posturas singulares e que representavam um desafio a comprovar: - afinal a passividade é característica de praticantes do ordinário? Certeau se inspira na invenção do cotidiano só por alguns?

São estes os fios soltos e os pincéis impacientes que precisamos atar para desatar realidades nestas 11 entrevistas transcritas a seguir. Elas foram redigidas à luz do paradigma da complexidade, em detrimento de abordagens do paradigma da racionalidade técnica. **(LINKAR COM O BLOCO FAZENDO CIÊNCIA NAS TRAMAS DA COMPLEXIDADE)**

Primeiro relato

Nair– profa. Da E.E 5

Nair, é professora há quinze anos. Aparência jovem, rosto de menina, guarda nos olhos a expressão marota de brincadeiras da infância. Batalha jornada dupla, ou melhor tripla: de manhã trabalha na escola do Estado, à tarde é professora na Prefeitura com o seu "prèzinho" adorado e à noite, ainda sobra tempo para ser dona de casa e mãe de dois filhos. Um casal.

No contorno infantil de rosto, tem também uma certa aura de lmaturidade e já se arvora a dar opiniões sobre como está o mundo hoje, mudando por demais. Acha por exemplo, *"as crianças estão vindo sem maturidade, estão chegando diferentes à escola, pelo fato de chegarem na primeira série com 6 anos, porque os pais não dão importância para colocarem os filhos no pré. Deixam para a última hora..."*

Mesmo assim, a criança vem sabendo algumas coisas e outras que são necessárias à escola, não. Continua dizendo: *"eu acho que a Tv deveria investir nessa parte, já que eles assistem tanta TV. Ela deveria ajudar mais nesta parte. Passar mais programas educativos. Eu vejo as vezes menino de 6 anos, que não sabe as cores básicas. Daí eu acho que vindo uma boa parte bem imatura".*

Vai falando e discorrendo, revelando um conceito de imaturidade que tem a ver com o saber letrado e ter ou não ter imaturidade estaria se amarrando por aí.

No tocante à alfabetização, acha que os meninos estão chegando à escola com mais dificuldade do que antigamente. Acrescenta ainda que esta história de não ter mais reprovação na escola, confunde a cabeça das crianças que não estão levando a sério, pois não têm mais medo de tomar bomba.

No seu jeito de ser professora, busca táticas que dêem conta da diversidade dos meninos. Quando perguntada sobre o que faz com os alunos que não aprendem, diz com toda firmeza: "eu sempre ponho os meninos pra ajudar um, ajudar outro."

Questionada, se eles ajudam mesmo, ela completa *"Ajudam. Eu ensino desde o começo do ano como ajudar o colega. Criei uma técnica própria. Ensino a cantar dentro da cabecinha, quando o colega não responde e eles têm a tentação de falar pelo outro. Lá dentro da cabecinha, vem a músiquinha... lá..lá...lá....não pode fala.... a letrinha....tem que ensiná.... o que? O que? O sommmmmmmmmmmmm da letrinha....lá....lá....lá....."*.

Ainda falando do seu dia a dia na sala de aula, Nair divide o dia sem dividir. Para ela não existe o horário, nem o relógio. Existe o assunto, o interesse dos seus 32 aluninhos.

"Gosto de integrar os conteúdos. Então sempre quando eu vou dar alguma coisa de Ciências, eu integro com Português e um pouco de Matemática. Mas, mais é com Português. Agora eu to trabalhando já com o Natal (a entrevista foi em novembro de 2000), então eu to puxando os textos de Natal. Então eu gosto de integrar, eu acho que fica mais fácil.

Na sala de aula sintoniza os interesses, descobre coisas. Outro dia, as crianças se encantaram com um formigueiro na porta da sala. Eles ficam toda hora lá vigiando. Então eu já tinha trabalhado animais, mais eu voltei nos animais. Então eu to sempre voltando. Aí eles plantaram feijão, aquela experiência do feijãozinho e aí teve um menino que foi lá e cortou o pé de feijão e todo mundo ficou torcendo para o pé de feijão nascer de novo. E nasceu e foi uma festa. E tem mais, no caso da formiga, por exemplo. A gente não pode jogar veneno nas formigas, porque a gente fala para proteger os animais. E aí tem prosa pra danar... e eles adoram...., então eu acho que integrando é melhor.".

Nair conta ainda, que neste final de ano, tem ainda três alunos que não conseguem ler legal: uma que lê mais ou menos e outros dois que estão começando agora. Eu até me surpreendi, fala...e os olhos brilham quando dizem isto: *"de setembro para cá, eles deram um avanço muito bom".*

Fala ainda que a sala dela na escola é considerada fraca: era formada por alunos que em sua maioria não fizeram o pré. E eles deram uma avançada, que até a surpreendeu: "eles melhoraram muito. A gente fica mais animada, eu não esperava, porque você vê o desenvolvimento e se for comparar com agora é muito bom".

Segundo relato:

Carmen da E.E. 1

Carmen se orgulha de estar há 23 anos em sala de aula e nunca ter desejado sair dela. Não aceita nem mesmo ser eventual. É questão de honra. Estar em batalha, sempre: *"é um trabalho que até hoje eu me sinto gratificada, estando com os meninos. Aquela resposta que eles dão, a diferença que eu fico observando, né?"*

Nestes 23 anos de relação pedagógica, admite que mudou. Quem não muda? Assim se expressa: - eu mudei também o meu jeito de trabalhar: *"Hoje em dia, a relação com eles assim é uma relação de amizade, de mãe, de poder trabalhar com eles, de aprender. Não só ensinar, aprender também"*.

São 38 alunos numa "quarta série" adiantada. A escola costuma separar assim. (embora se diga oficialmente que a enturmação é heterogênea)

Conquistou o seu lugar ao sol: virou professora "famosa". Pega sempre a primeira sala e a escola não abre mão dela. Foram anos sempre de muito compromisso e de muito trabalho. Sempre fez questão de planejar, de levar tudo a sério, de corrigir caderno todo dia.

Aliás, começa sempre o seu dia assim: corrigindo o exercício do dia anterior. Vai passando pelas carteiras, olhando cadernos e isto cria um ritual de não poder deixar de fazer o dever.

Durante todo o dia intercala atividades individuais, com duplas: - *"é muita gente na sala, não dá para fazer trabalho de grupo"*. A gente brinca com esta idéia e lembra uma máxima mineira do Tancredo Neves, que dizia que *"em Minas, mais de dois é comício"*!!!

Gosta sempre de terminar o dia de aula, trocando experiências: um painel, uma exposição de trabalhos, alguma coisa para *"coroar"* o dia no dizer de Carmen.

Seus alunos são muito ativos. Ela costuma dizer que *"não existe mais na cabeça do aluno aquela de chegar na escola para ficar quietinho. Eles exigem muito e os pais também"*.

O tipo de alunado que ela tem é com certeza privilegiado no perfil da escola. Acredita que trabalhar com turmas relativamente homogêneas é melhor, embora nunca tenha experimentado trabalhar de forma heterogênea. Acredita que é possível, mas nunca tentou.

De início era uma coisa padronizada: *"Tudo, inclusive eu também. Eu já sabia o que ia acontecer. E hoje todo dia tem novidade"*.

Dentro do seu jeito de trabalhar, costuma se dizer *"enjoada"*, no sentido de exigir sempre as coisas do seu jeito. Costuma criar formas de fazer projetinhos que duram três a quatro dias e que vai incrementando conforme os alunos vão trazendo materiais e solicitações várias. Não tem um horário fixo e procura ir associando uma matéria na outra. Diz: às vezes, começar com História, leva você para a Matemática e assim por diante. Inventou por conta própria um *"estudo de vocabulário"*: às vezes traz palavras, outras são as crianças que trazem e com isto enriquece demais o vocabulário possível e impossível.

Estas formas de inventar, diz Carmen, *"a supervisora tem levado com ela para usar em reuniões" Parece que são boas*", diz arrematando um jeito humilde de falar, bem ao tom da pessoa bem comportada e politicamente correta.

Não senta nem um minuto em sala de aula. O tempo voa. O interesse é sempre muito bom. Com esta experiência de estar trabalhando com crianças sempre de bom nível, defende a importância da auto-estima, da não reprovação e principalmente acredita que todas as crianças são assim. *" É uma questão da gente conseguir se conectar com elas"*, finaliza dizendo.

A postura de corpo, o brilho no olhar fazem com que a gente acredite nela. Prá valer!".

Terceiro relato

Consuelo da E.E.6

Consuelo é professora jovem: de idade e de experiência de magistério. Completou 29 anos e tem apenas dois anos e seis meses de sala de aula. O olhar é velho, cansado e de descrença. Durante todo o tempo da entrevista passa também um pouco de angústia. O que fazer diante das crianças que não querem nada, é a mensagem no ar, durante todo o tempo da conversa.

Começa dizendo que neste ano pegou uma primeira série com dificuldades. *"Se na escola tem duas primeiras séries, a outra é a boa, a minha só pode ter problemas".*

Aí está o ponto de partida das explicações do ponto de vista dela.

Nestes dois anos e pouco de trabalho, acha que os alunos pioraram demais. Dá para sentir o desinteresse e a desmotivação. Conta assim: *"tem uns que chegam e não fazem nada e passam o tempo todo sem fazer nenhuma atividade. Por mais que a gente fale, fale, não está adiantando nada. Sinto eles totalmente desmotivados com a escola, já com 7 anos de idade."*

Explica que tenta trabalhar de maneira diferente para ver se motiva, mas nada acontece. Ao mesmo tempo, lembra um jeito que achou para deixar eles quietinhos: compra pirulito nas lojas de R$1,99 e uma vez por semana toma leitura deles. *"Compro um saquinho de pirulito, deixo em casa. Só trago cinco. Aí em sala, mando dez alunos lerem. Os cinco melhores ganham o pirulito. Não é todo dia, não. É uma vez por semana. Senão eles ficam mal acostumados. Mas está incentivando o dia da leitura. Eles ficam louquinhos para ler. Está dando certo por enquanto".*

Perguntada sobre como trabalha no dia a dia, diz que trabalha com três turmas: uma é boa, outra é mais ou menos e a outra não sabe nada. Daí vai dando exercícios na dose certa.

Sobre o que acha possível fazer para melhorar esta situação drástica das escolas, diz que é necessário três coisas, que ela fala não de uma só vez. Vai surgindo conforme o rumo da conversa e principalmente quando questionada com e aí? Em primeiro lugar, acredita que toda escola precisa ter professores recuperadores o ano todo. Conta que na sua sala apareceu em outubro uma Amiga da Escola, que todo dia sai com os alunos fracos para eles melhorarem. *"Deu uma melhorinha"*, arremata.

Em segundo lugar, as salas de aula precisam ter menos alunos. *"É um sufoco trabalhar com mais de 30. E isto o Estado não vê e cobra da gente uma maravilha".*

E a terceira coisa: *"é ter apoio de especialista, para dar conta destes meninos que não querem nada com nada e já vem todos com problemas"*. Dá um exemplo, de um garoto de 7 anos: *"ele é violento, agressivo, e me manda bilhetes pornográficos". Chamei a mãe e ela na frente do menino disse que ele não quer nada com nada, e só quer ficar na rua, e ela vai deixar que fique na rua. Não adianta."*

Consuelo verbaliza o sufoco de muitos professores que tentam dar conta de viver o estrutural de forma estruturante. *"Não há saída"*, diz ela. O tempo todo da entrevista, compartilhamos com ela do mal estar, mas sempre ao final de cada questão, quando a gente perguntava: o que acontece com os professores que dão certo, para colocar alguma poeirinha no ar, a resposta vem pronta: *"a classe deles é melhor que a minha. Ninguém nunca pegou uma primeira série como esta. É questão de sorte!"*

As três alternativas indicadas por Consuelo, pertencem ao terreno do outro e não ao dela. Mas mesmo viajante anônima desta caminhada, mostrou que no seu caminho, busca formas de manter os meninos quietos, interessados como é o caso do pirulito. Seriam astúcias? Poderiam ser enxergadas como táticas desesperadas e desesperantes diante das estratégias melancólicas do sistema?

No final da entrevista, surpreende dizendo: *"às vezes a gente consegue, não custa tentar. Vou buscando, buscando. Uma hora eu acho uma certa"*, configurando um certo ar de surpresa e de crença no impossível que possa vir mesmo não se tentando o possível.

Quarto relato

Marly – E.E. 1

Quinze anos de experiência conferem a Marly, um ar de *expert* em educação. Bastante prosa, fala muito e tem opiniões bastante formadas sobre as questões pedagógicas. Por exemplo: *'construtivismo é bom para crianças de nível socioeconômico melhor; - com crianças pobres falta ajuda e base e aí não dá para construir nada; ciclo e a não reprovação é a mesma coisa, pois com os pobres só dá desinteresse.'*

Preocupa-se muito com eficiência e eficácia e tem um estilo próprio na sala de aula: respeita rigidamente os horários, dá ênfase a Português e Matemática, porque é nestas matérias que as crianças se mostram; - dá ajuda individual a cada aluno e cobra de cada um o que é possível realizar. Assim por exemplo, um rende 100%, já o outro se fizer 80% é o seu melhor desempenho e assim por diante.

Preocupada em fazer trabalhos diferentes com alunos diferentes, diz: *"aquele aluno que não tem condições em casa, aí eu já cobro diferente. Se ele sabe fazer um desenho, eu digo: olha, como você é um artista a tia vai te pedir para fazer um cartaz, ta? – já para um outro que escreve bem, digo: quero uma produção de texto, jóia, ta?"*

Com isto acredita que contribui para não rotular e arremata, dizendo: *"prá mim todo mundo é igual"*.

A partir destas crenças de vivência, vai referendando agires e pensares e não questiona se isto é bom ou ruim. Defende estes pontos de vista, com uma segurança muito grande e acha que está certo e pronto.

Gosta de envolver os alunos que são problema. Por exemplo: quando vai sair da sala e há sempre aqueles indisciplinados que irão fazer bagunça, sai dizendo: *fulano, vamos lá com pa tia, vamos apostar corrida pra ver quem chega primeiro? Com isto ele até gasta sua energia e não atrapalha.*

Nesta questão de rótulo, diz que *"não se rotula só o aluno; a escola rotula os professores também, sem saber que está rotulado. E isso aí não está certo, não. Como professora nunca fui perguntar para as outras professoras quem é aquele aluno que agora está comigo. Isto cria coisas ruins. O importante é trabalhar o aqui e o agora."*

Quanto à escola em que está diz, que sempre pegou turmas boas, excelentes. Este ano está com uma turma heterogênea e acha que está sendo muito melhor. Diz: "*na sala heterogênea, um aluno ajuda o outro e isto é surpreendente. Tinha que ser sempre assim. Mas na realidade das escolas, o que costuma acontecer é os professores bons pegarem as melhores turmas e tinha que ser o contrário.*" Este ensinamento ela aprendeu com uma antiga professora sua quando fez magistério, e é uma verdade que a prática constata.

Diz também que convida freqüentemente os pais a assistirem a sua aula e não é pra marcar data não. É só ir chegando e ir assistindo. Alguns pais aparecem e diz que é um jeito muito bom de ganhar os pais para o seu lado. "*Eles passam a ver o lado da gente e ganha-se um aliado*".

Disciplina tem que ser na dura mesmo e não se pode conceder brechas. Nestes quinze anos de trabalho, nunca tive problema de disciplina". Os meninos de hoje são melhores de trabalhar, porque são mais ativos e informados, mas precisam ficar sempre nos limites, senão perde-se o respeito e isto eu não admito".

Quinto relato

Joana – E.E. 1

Joana este ano trabalha com uma das turmas consideradas das melhores na escola que diz que organiza de forma heterogênea. Faz 19 anos que é professora e já trabalhou com turmas muito difíceis, segundo ela. Hoje tem 37 alunos ótimos no segundo ano de escolaridade. Todos lêem e ela é uma professora muito exigente, diz ela.

Começa o dia com oração e faz o ritual como deve ser. Diz que no ano passado usou muita dinâmica, mas que isto não dá certo. A sala era em círculo, tudo em grupo. Joana fala: *"Este ano já estou mais determinada. Não tem essa de ficar deixando escolher lugar, sou eu quem vejo que precisa ficar mais na frente, mais atrás. Mas a gente está estabelecendo regras juntos, sim. Estou indo mais devagar, porque depois que eles tiverem aquele hábito de ouvir, aprender a falar, daí vai pro grupo. Se você começa só com grupo, eles pensam que tudo é festa".*

Trabalha o dia com a sala toda, de forma dialogada. Os alunos trazem muito material, solicitam muito e de uma música, vira um projetão. Lembra o exemplo do dia de ontem: a música era Aquarela do Toquinho e hoje eles já acharam outras músicas do Toquinho, já foram estudar a época, já sabem o tipo de música, etc. Isto virou cartaz, produção de texto e tudo o mais.

Sente também os pais mais próximos e participativos. Cobram muito da escola, mas acompanham muito também. Acha que o problema é mesmo de nível sócio-econômico e diz que o mais difícil para o professor e para o supervisor (porque também já exerceu esta função) é dar conta de trabalhar diversificado.

Afirma solenemente: *"quando o professor diz que trabalha diversificado, é uma ilusão. Ele está é mesmo, trabalhando dividido e isto discrimina mais ainda".*

Cada ano que pega uma nova turma, começa do zero: diz *que "é preciso ir vendo e revendo com eles, cada detalhe, desde o jeito de organizar o caderno e só depois é que pode ir soltando as rédeas".*

Acredita que quando a escola e o professor ajudam a acompanhar cada aluno, ninguém fica para trás. Só mesmo se for caso de deficiência e aí não tem jeito mesmo. A escola precisa respeitar o ritmo destes alunos e *"ir cozinhando o galo". São crianças que ao invés de aprender com seis ou sete anos, vão aprender com doze ou treze anos.*

Manifesta-se contra a reprovação e acha que não ensina ninguém. *"o que ensina é compromisso do professor com cada aluno e não deixar ficar sem aprender."*

Trabalha com projetos, mas não tem um planejamento fixo. Com crianças de nível bom e com muito material, diz que cada dia de trabalho termina sempre diferente do que pensou que iria ser.

A habilidade que acha mais importante no professor é saber aproveitar cada oportunidade para fazer as coisas acontecerem e com isto os alunos aprenderem de fato.

Sexto relato

Vilma - E.E. 1

Vilma afirma com convicção, *"estou na profissão certa. Faço tudo com muito carinho"*. Este ar de certeza é também confirmado no seu olhar brilhante e na cara boa que tem diante da vida.

É pessoa que lutou muito e vem de família pobre. Estudou com dificuldade e sabe dar valor a cada pedaço de experiência que passou. Família pobre, pais analfabetos, as letras sempre a encantaram. O sonho de criança virou realidade: tornou-se professora. Lembra-se até hoje da emoção que sentiu quando pegou seu diploma de magistério e o quanto custou pagar o seu anel de professora. *"É uma espécie de talismã. Não ando sem ele, pra nada. Parece que dá sorte!"*.

Professora por convicção, por vocação e com anel. É com esta garra toda que ela proseia e vai contando com toda sensibilidade as coisas que descobre, os "lances" e as ocasiões imperdíveis nas trajetórias escolares. Por exemplo, é nítido para ela, que não se trata de olhar as mudanças nos outros simplesmente. Diz: *"você vai aprendendo. Cada ano você aprende mais a lidar com as crianças. Uma coisa que você fazia, não dava certo, de repente, começa a fazer e de repente as crianças também começam a mudar. Quem muda não são as crianças. Mudamos todos nós"*.

Neste ano está trabalhando com 38 crianças em um terceiro ano de escolaridade, com níveis muito diferentes. *"tem criança de todo jeito. Tem aquela que tem mais facilidade, até mesmo nas turmas consideradas muito difíceis. É ótima na produção de texto, mas tem coisa que não sabe em matemática. E eu trabalho com esta situação, que eu falo que é o anjo da guarda. Um que sabe, ensina aquele que não sabe. Mas o que é importante mostrar, que é sempre uma troca. Quem está ensinando, tem hora que vai estar aprendendo com o colega do lado. Pra não ficar aquela imagem de sabe tudo"*.

Neste fazer constante de trocas e de aprendizagens, Vilma percebe com seus sensores, algumas coisas muito interessantes. Ela continua contando: *"eu reparei, que tem aquela criança que aceita ajuda. No começo fica receosa. A que aceita, logo desabrocha e vai longe. Agora tem aquela criança que não consegue ver o erro, e até diz: eu sei, tia, eu não preciso do outro. Aí é mais difícil andar. Tem até crianças que até hoje eu não consegui juntar. Já experimentaram com vários colegas e não conseguem. E essa criança demora mais para aprender. Elas são mais*

resistentes à ajuda. Não percebem o erro e aí não querem ajuda. E o professor precisa estar atento a isto, porque é fundamental trabalhar com a criança para que ela saiba onde está e para onde precisa ir".

Vilma conta ainda como é o seu dia a dia. Fala: *"não tenho uma forma certa de trabalhar. É importante saber o que você quer da criança, senão você se perde. Mas sempre sai diferente. Saiu algum assunto de interesse, você aproveita e vai".*

Um dos pontos chaves para o professor nesta diversidade é não perder o aluno de vista. Daí ela diz que: *"o importante é sempre olhar todos os cadernos. Há dias que eles próprios corrigem, mas quando você pega o caderno é sempre importante dar uma folheada para trás. Porque a criança pode não ver que errou e diz que está certo. Pode às vezes também querer enganar a gente. Mas o que não pode é ela querer enganar a si própria".*

Quanto ao jeito de trabalhar, diz que conseguiu restringir tudo a dois pequenos – grandes cadernos. *"São chamados os cadernos da vida e no fundo é tudo um só. Ainda não consegui chegar a um só. Pode ser que até chegue. Eles ainda são dois para facilidade de levar e trazer. Mas trabalho sempre com eles, que tudo é aprender o mundo".*

Nos cadernos da vida, como ela chama, envia também recado aos pais. Para comunicar. Só. Diz que não acha certo passar para os pais o que eles não podem e não sabem fazer. Não concorda com os professores que transferem tudo para a família. No jeito de ela ver, diz assim: *"às vezes faço observações no caderno: o seu filho está com dificuldade nisso ou ele precisa treinar isso. Mas sei que o trabalho é meu. Eu fui preparada para trabalhar com a criança, para ajuda-la a se desenvolver. Eu falo para o pai acompanhar. Mas o pai não tem que se envolver nisto".*

Quanto a trabalhar com turmas heterogêneas, acha melhor, mas diz que é preciso cuidado para não colocar alunos muito diferentes em dupla, senão um acaba matando o outro, ou fazendo pelo outro.

Outra coisa importante, é trabalhar no ritmo de cada aluno e dentro dos limites de cada um. E neste sentido a turma heterogênea ajuda porque na vida, *"não se pode pensar só no conteúdo. A criança precisa aprender a respeitar o outro. Se tem uma criança mais lenta, precisa aprender a esperar. E estas aprendizagens são tão importantes quanto fazer continhas e nisto todo aluno pode ensinar e aprender com o outro. Em reunião de pais, mostro que não estou*

preocupada só com a quantidade. E aí é preciso acreditar que todo dia na sala é hora de formação".

Quanto aos trabalhos de grupo, age assim: *"todos tem que anotar e pode fazer anotações cada um do seu jeito. Não pode ser parasita. É interessante como é difícil trabalhar em grupo, mas precisa ir fazendo e aprendendo em pequenas doses. Costumo dar pequenos trabalhos de grupo, com uma só pergunta, para ir treinando onde é diferente e onde é possível e necessário ter consenso".*

Acredita firmemente que na maioria das vezes que uma criança não faz uma coisa, é porque ela não sabe como fazer. Daí completa dizendo: *"e já que está nas nossas mãos, nós temos que trabalhar isso. É um ambiente de formação. E no exemplo nosso e também com os colegas."*

Sétimo relato

Moema – E.E. 3

A Moema é aquele tipo de professora que quando começa a falar dos alunos, não pára mais. Enche a boca, enche os olhos e as palavras são música no ar. Conhece cada um deles, dá notícia de tudo e a sua prática na sala de aula é bem por aí. A entrevista verbaliza, o dia a dia onde tudo importa para todos.

Começa o dia, resolvendo junto com os alunos o que vão fazer. Cada um chega contando mil coisas, todos ouvem e depois decide-se junto por onde começar.

Na sala de aula tem mil materiais feitos pelos alunos, projetos em andamento, e cada aluno pode prosear à vontade no espontâneo do desenrolar do dia, mas precisa estar atento às atividades quando são faladas não só pelo professor, mas também por cada colega.

As horas de escuta são tão importantes quanto às horas de fala.

Tudo acontece num só caderno, e tudo se registra de forma integrada. O estudo de sólido, passou pelo Egito, viu Cleópatra, virou produção de texto e desembarcou na Geometria.

Moema diz que o importante é que numa mesma atividade, o professor saiba trabalhar diferente: *"é preciso saber perguntar diferente conforme o nível de cada aluno e saber avaliar no ritmo de cada um". Só assim você não discrimina. O danado é que muitas vezes os professores enxergam que trabalhar diversificado é dividir o bolo em dois ou três ou mais pedaços e cada um fica olhando para o pedaço do outro. Isto não dá certo".*

Por exemplo, conta que uma vez deu como dever de casa, levar um livro de literatura para ler: *"Cada um escolheu o seu dentro do nível deles. Dei o prazo de dois dias. Daí em sala, pedi para que cada aluno fizesse a apresentação do livro dele, de acordo com o que ele sabia fazer melhor. Usaram mímica, outro usou desenho, o outro leu o pedacinho que mais gostou, o outro quis fazer uma crítica, e assim por diante. Tudo isso fez com que eu alcance o que eu quero e eles se sintam bem".*

Na sala desenvolve vários projetos: o de livro de receita, que é um troca-troca generalizado e eles amam; - outro é o do jornal escolar, onde os alunos utilizam o jornal da TV, fazem jornal de TV na sala, lêem jornais escritos, redigem notas para pendurar nos murais e assim por diante; - outro projeto é o da horta escolar, onde os alunos trabalham em rodízio durante o período e fora do horário também.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

De uma coisa ela tem certeza: *"se eu ficar nos programas, nas seqüências, nos horários, tudo já pronto, não consigo atingir nenhum aluno. Mas também não pode deixar estar para ver como é que fica. Aí é o danado: saber aproveitar cada momento, saber muito de cada aluno, saber muito de como trabalhar em cada nível. No final do dia a gente fica até meio zonza, de tanta conexão!!! Uau!"*.

Outra coisa fundamental para Moema, é o jeito de se relacionar com o aluno: *"eles precisam saber que você está de fato interessado no que acontece com eles. E tem que ser de verdade porque não dá para enganar. Por exemplo: às vezes eles vão ao banheiro e demoram para voltar. Vou até lá porque preciso saber se eles não estão passando mal, se aconteceu alguma coisa. Não vou lá para repreender e dizer que eles estão fazendo coisa errada ou perdendo tempo. Estou lá porque estou preocupada com eles e isto faz uma grande diferença na relação."*

Sentir sempre a responsabilidade com eles, diz Moema é também fundamental. Outro exemplo: *"brinco sempre com eles, olha não tem prazo, mas tem prazo, tá, que nós temos que trabalhar outras coisas, então vamos ver se a gente consegue. E é preciso fazer andar pelo interesse"*.

Moema também acha importante, trabalhar todas as linguagens de expressão em todas as atividades. Diz ela: *"não tem este negócio de usar artes só em geografia e história. Tudo pode ser cantado, representado, apresentado"*. Ir na sala de Moema é sentir isto ao vivo. A gente chega lá e os alunos querem apresentar alguma novidade, mostrar o que estão estudando e logo se organizam para falar, cantar, representar e com um brilho nos olhos que dá gosto.

Fotos registram muito dos projetos da sala de Moema. Ela só queixa que não dá tempo ou quem sabe falta é o hábito de registrar todos os projetos, para contar experiências, para trocar com os colegas e assim muita coisa se perde.

Ela mesma se dá um puxão de orelhas e promete que para a próxima vez, vai ter muita coisa escrita, mas pede sorridente: *"você pode ir mais vezes lá na sala e ajudar a registrar, tá?"*

Oitavo relato

Taís- E.E. 6

Taís é professora batizada e tarimbada como alfabetizadora. Afinal de contas, mexe com isto há 22 anos. Logo de início, a partir desta experiência que é sua marca maior, diz que: *"a maior dificuldade é lidar com criança que vem do pré já alfabetizada por pressa dos professores, mas que muitos conceitos ficaram queimados pelo meio do processo. Isto acontece tanto na língua materna como na matemática. Sabem mexer com números, por exemplo, mas não tem o pré-requisito anterior de compreender maior ou menor, quantidades, direita ou esquerda, etc".*

Daí acredita que o trabalho com material concreto é fundamental tanto para a aprendizagem conceitual como também para o nível operatório de atividade das crianças. Fala que: *"as crianças estão bem mais espertas e muito mais ativas e precisam desenvolver todas as linguagens e possibilidades".*

Outra coisa que acha fundamental e que *"não pode abrir mão é a questão da auto-estima, muito machucada hoje pelas condições de vida. É preciso trabalhar direto com isto e ajudar a criança neste lado do afetivo."*

Neste ponto de trabalho com as diferenças, a sala heterogênea para ela é uma arma de dois gumes: se bem trabalhada vai ser uma ajuda legal não só para os conteúdos escolares, mas principalmente para a vida. Mas se for trabalhada na base do confronto, das comparações indevidas, a sala heterogênea vira uma forma de reforçar as discriminações. Daí, *"eu digo para eles, um vai ajudar o outro, mas não tem ninguém nem melhor, nem pior. Cada um sabe uma coisa e crio um desafio: o que é que eu sei bem? E o que é que cada colega sabe bem? Fizemos até um cartaz na sala, e cada um ajuda a preencher. Fica muito legal, porque todos sabem alguma coisa e fica exposto o que sabem legal".*

"O mais difícil é saber trabalhar estas diferenças todas sem se perder", avisa Taís. Neste sentido, costuma dizer da importância do professor estar estudando, mas estudando sempre e sem parar.

Por último, depois de mostrar cadernos, contar um pouco de cada aluno, Taís completa dizendo: *"quando a gente consegue atingir o aluno na sua diferença, ele responde! E como! Uma beleza!".*

Nono relato

Edite – E.E. 5

Aparência bem cuidada, trajes formais beirando o clássico ou quiçá o *démodé*, Edite é uma professora bastante contida e com todas as boas maneiras de direito e porque não de dever.

Gosta de ser professora e logo vai dizendo que: *"antes de entrar neste sistema de ciclo que não reprova, eu falava que não queria aposentar. Que eu ia morrer na escola. Agora não, estou contando o tempo"*.

Para justificar esta postura clara e decidida desde o início da entrevista, Edite nos conta que sente os alunos completamente desmotivados, desrespeitosos, agressivos e que os pais não contam mais. *"há alunos, que nem conheço pai nem mãe. É um total desinteresse"*.

Na sua sala de aula deste ano, um quarto ano de escolaridade com crianças difíceis, e a mais fraca da escola, tem 28 alunos: *"até que não são muitos, mas dão o dobro do trabalho e nesta altura do campeonato, quase final de ano, tenho só 10 alunos que eu mandaria para a quinta série. Os demais não sabem nada, não adianta mandar fazer, refazer, são completamente analfabetos"*.

Neste sentido, o que sente falta na escola é de professor recuperador para fazer o que tem de ser feito com estes alunos: ensinar a ler e a escrever, como diz Edite. *"sem estar alfabetizados eles não aprendem geografia, história, nada mais"*.

Conta também que organiza o seu dia a dia fazendo acontecer só Português e Matemática. *"Os demais conteúdos já larguei mão. Adianta aluno ficar falando de história e geografia e não sabem nem escrever direito. Assim na primeira parte do dia é Matemática e depois do recreio é Português"*.

No caderno de plano, faz um só geral, mas na prática, acaba criando três tipos de atividade para poder dar para os mais fracos, os médios e os fortes. *"Crio um jeitinho para adaptar"*, diz ela, *"sem a necessidade de escrever três vezes no caderno de planos"*.

Com todas estas dificuldades, diz que quase não dá tempo de atender a todos os alunos. Perguntada se um aluno pode ajudar o outro, para fazer parcerias, diz que não acredita em trabalho em grupo e que na sala dela não dá certo. Explica que: *"já tentei de várias formas, até mesmo com trabalho de pesquisa, mas não dá. Justamente porque tenho na sala uma turma que*

lê e outra que não lê. Coloco junto um de cada turma e eles ficam zoneando e gritando, dizendo que o outro não sabe nada e isto discrimina, né?".

Na sala de aula tem muito material, diz ela: "*esse não é o problema. Tem cantinho de leitura, tem muitos dicionários, etc. Mas material não ajuda nada. O problema é de miolo, mesmo*", diz ela.

Com todo este desafio que está vindo quanto ao tipo de aluno que está chegando na escola, é defensora feroz de salas homogêneas porque o professor não dá conta de tanta diferença para ser trabalhada. "*É melhor agrupar, para render mais*", explica Edite.

Argumenta ainda dizendo: "*acho que ficaria tão difícil para os alunos, quanto para os professores. Porque aqueles que não sabem nada iam ficar no meio daqueles que sabem e eles iam ficar prejudicados e também os que sabem iriam ficar atrasados. E o professor um perdido no meio desta confusão toda*".

Diz que para manter a disciplina e a moral em sala de aula, é tida como muito exigente, costuma desenvolver muitos trabalhos individuais e cobra muito estudo e desempenho no individual. Assim ninguém engana ninguém. "*tenho muitas idéias para deveres e exercícios individuais. Já cheguei até a pensar em escrever um livro com toda esta experiência. Olho para os livros publicados e eu nestes anos de experiência toda, já juntei muito mais modelos do que todos que eu já li*", conclui reafirmando toda a sua base de convicção e de certeza.

Décimo relato

Marina – E.E.4

"Hoje está muito difícil ser professor", começa dizendo, Marina. *"Os alunos não querem nada com nada, os pais só alguns chegam na escola e o professor não sabe o que fazer com tanto desinteresse"*, diz ela.

Este ano Marina completa 24 anos de magistério e trabalha atualmente com um terceiro ano de escolaridade e tem 30 alunos em sala. Continua contando: *"esse ano, eu tenho uma turminha: as meninas são comportadas, mas os meninos não. Tem uma turminha assim: eu viro para o quadros eles estão conversando, termino de falar que não pode conversar. Vou explicar a matéria e eles estão conversando. Não chega a ser uma falta de respeito grande, que eu não deixo também, né, mas se a gente não ficar firme, não obedece, não"*.

Além disso, Marina se queixa que tem aluno na sala que não escreve e nem lê. *"Tem um tal de Diogo, que já passou por todas as professoras e ele não consegue ler nada e escreve tudo emendado. O jeito é dar alguma coisa para ele ficar quieto. Mas o pior é que ele é um dos mais danados e a família não se importa"*.

Quando se pergunta, como ela trabalha o dia a dia, diz: *"eu sinto muita dificuldade, porque eu tenho que cumprir o programa e tenho que olhar um pouquinho por eles também, né, então eu pego uns livros, assim, mas não rende muito, não sinto que ta bom, não"*.

Explica ainda, que outro dia numa reunião de professores junto com outra escola, ela escutou uma professora dizer uma experiência dela tentando dar conta de uma turminha que não sabia nada e ela resolveu voltar no ba, be bi, bo, bu e então aqueles outros que estavam bons, ficaram pintando na sala e ela largou mão. E eu fiquei pensando com meus botões: *"nossa, ela largou mão, deixou pra lá. Ai meu Deus, o mesmo jeito meu. Ela tentou. E fiquei muito angustiada, também"*.

Não enxerga saída e quando se questiona com ela se não há outro jeito, ela se desculpa e diz que já tentou tudo. *"A única coisa que eu consigo é que eles não me xinguem e não me desrespeitem. Daí eu até dou balinhas, quando eles ficam quietos"*, completa, finalizando a entrevista.

Décimo primeiro relato

Sandra – E.E. 4

Sandra é uma professora que se diz bastante exigente e se auto-define assim: *"em sala de aula gosto de manter a disciplina e o que eu não gosto em sala de aula é de crianças conversando"*.

Por este jeito de ser, e sendo alfabetizadora há 22 anos e diz que consegue alfabetizar praticamente todos que já passaram por suas mãos, defende o uso da cartilha. *"é isto mesmo, da cartilha"*. Não acredita em construtivismo e mostra muitas formas de trabalhar as páginas de uma cartilha, que não é fixa. Ela recorta de várias cartilhas as páginas e exercícios que considera as melhores, xeroca, e vai montando com as crianças a nova cartilha no caderno de cada um. Diz que a cada ano vai aperfeiçoando mais e mais *e "não há criança que resista"*, diz ela.

É professora de um segundo ano de escolaridade e acompanha esta classe desde o ano passado. Os alunos no seu jeito de ver estão muito desinteressados e a família está longe. Conta que ao chamar uma mãe, para dizer que o filho havia faltado, a mãe simplesmente diz que ele acordou tarde e quis ir para a casa da tia.

"é o fim do mundo", diz ela. *"e a mãe fala com a maior cara de pau. Acho que não está mais se dando valor para a escola"*.

Aí vem uma questão complicada. Na análise de Sandra não há mais valores cultivados. *"os alunos não respeitam os outros e com a gente é na base da ameaça para ficarem quietos e aprenderem a cartilha"*.

No dia a dia, ela diz que divide a classe em duas turmas: uma com mais dificuldade e outra com menos e vai dando atividades para os dois grupos. Divide o quadro em A e B e cada um sabe qual lado vai copiar e fazer. Além disso deixou de dar Ciências e agora no segundo semestre está se concentrando em Português e Matemática e com mais aulas de Português porque os alunos precisam de mais cartilha.

No seu entender, o sistema de ciclo complicou mais ainda o desinteresse dos alunos e quanto aos professores é um tal de empurrar com a barriga, que todos os alunos acabam passando sem saber o que deveriam saber.

Quanto ao jeito de trabalhar esta tal cartilha ela explica e mostra todo o material: parte da vogal, da letrinha, com brincadeira, musiquinha, jogos e aí eles vão decorando e aprendendo.

"Esses livros que já vem com texto logo no inicio não dão certo. Tem que ser da letrinha mesmo. Afinal é a mais fácil, não? Para que complicar?".

Quando se pergunta, o que ela faz com o aluno que não acompanha os outros diz: *"deixo para trás, naquela parte que ele não conseguiu até ele aprender"*.

Acha muito difícil trabalhar com duas turmas, porque no dia a dia não tem sossego e assim mesmo não dá para atender a todos. Por isto é defensora da sala homogênea que atende melhor alunos e professores.

VAMOS TECER OS FIOS?

Os onze relatos apresentados trazem à tona observações, prosas e práticas e é possível perceber vivencias singulares/plurais que permitem tecer fios, para compreensão de uma escola *regular* decretada ou possível de ser ensaiada à luz de táticas e estratégias.

Todas as professoras aqui trazidas para serem ouvidas e sentidas, trabalham com turmas numerosas (em torno de 35 a 37 alunos). Apenas Edite tem 28 alunos em sala.

A média de anos de experiência docente entre todas elas é de 18 a 20 anos. Só aparece o caso de Consuelo, como exceção que faz o seu relato com dois anos e meio de experiência.

Todos os depoimentos são femininos, por uma única razão: não existe em nenhuma das escolas públicas pesquisadas, um professor do sexo masculino que atue nos anos iniciais do ensino fundamental.

Todas elas são casadas e mães de família, com exceção de Consuelo, a mais nova delas que é ainda solteira.

Das 11 professoras entrevistadas, 8 possuem curso superior e as demais fizeram o curso de magistério, inexistindo professores leigos nesta realidade das escolas públicas de Três Corações.

Nestes perfis das histórias escritas a partir das entrevistas e da observação, configuram-se professores que insistem em permanecer nas *estratégias* da vida e outros ousam mais em termos de *táticas* até quase *insuspeitadas, (6)* como diria Certeau.

Nesta divisão dualista aparente de perfil, de um lado os que são estratégicos e de outro os que são táticos, a realidade bate de frente e evidencia o que Certeau em seu olhar de sensibilidade sinalizou.

Não se pode reduzir pessoas a classificações engessantes.

A prática do cotidiano afronta estas simplificações reducionistas.

Até mesmo nos professores considerados mais resistentes, cristalizados, que desenvolvem o regular, regulado e até mesmo engessado, cada professor tem *táticas* singulares. O uso passivo de consumidores de leis, parâmetros e outras coisas mais do universo pedagógico, não existe.

A existência de professoras que aparentemente seguem rituais parecendo não buscar alternativas e que resistem incólumes às investidas das demandas da realidade é uma ilusão. Elas

também são *praticantes do ordinário*, e como tais não se caracterizam pelo mero consumo passivo das estratégias decretadas.

Nos relatos isto fica evidente, quando Edite afirma que possui técnicas próprias para manter cada aluno em trabalho individual na sala de aula. Exatamente para ir contra ao trabalho de grupo, ela afirma até que já pensou em publicar as variações que vem criando. Quando Sandra, diz que a cartilha é o melhor método de alfabetizar, vai insinuando uma cartilha própria tecida nos fragmentos rasgados entre páginas e páginas de outras situações.

Outras professoras por sua vez, que se enxergam em mudança e incorporam os desafios a partir delas, fazem emergir mais possibilidades táticas e nitidamente fogem à regras do *regular* regulado.

Elas não conseguem viver sob a batuta do programa a ser cumprido, dos horários divididos, dos cadernos separados. Cada uma delas vai contando como cria projetos a partir dos questionamentos de classe, mostram que iniciar o dia escolar é com a participação do aluno, ou ainda estão dissolvendo pouco a pouco as fragmentações de material e de tempo no uso dos cadernos e dos horários.

Há, portanto, uma regularidade ensaiada em novos contornos e que abre chances de se pensar uma escola *regular*, não regular, pois os desenhos táticos permitem luz própria e principalmente o olhar de sensibilidade que desvia de óticas totalizantes.

Em todos os relatos aqui trazidos os professores se mostraram *praticantes do ordinário*, criando astúcias nas artes de fazer até mesmo o usual, o trivial e o banal.

Todos trazem vozes anônimas que contam muito do jeito de pensar e fazer a escola do/no cotidiano. Práticas próprias, estratégias meramente cumpridas e jeitos inéditos de tatear, mas que possuem até mesmo neste nível de táticas uma regularidade que emerge e que precisa ser sempre revelada, questionada e validada nos caminhos que se fazem ao caminhar.

VAMOS MEXER OS PINCÉIS?

Mergulhar neste universo pode ter a ajuda da compreensão de Certeau, quando abre para a diferença entre *estratégias* e *táticas*. Esta diferença é trabalhada por este autor e ajuda a superar os limites do atual modelo científico e estatístico dominante, prisioneiro do paradigma dominante.

Chamando o próprio Certeau para participar da discussão, pode-se ouvir a voz autorizada, dele próprio que diz:

> *"Chamo de **estratégia,** o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. (7)*
>
> *As **estratégias** são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem".*

As ***estratégias*** estão no domínio da configuração, dominação, modelização. Existem em qualquer lugar: na escola, nas ruas, etc. Uma lei é uma estratégia, por exemplo. Elas estão mais estabelecidas em um dado lugar. Deixam vestígios.

As ***estratégias*** possuem um "próprio" e estabelecem sempre, relações espaciais, reduzindo as relações temporais à uma questão de lugar. Como diz Certeau, é "uma *vitória do lugar sobre o tempo*".

Ao se instituírem, as ***estratégias*** escondem sob "*cálculos objetivos*" a sua relação com o poder que as sustentam e são resguardadas pelo institucional que as legitimam.

São roupagens de uma racionalidade que se espraia em gestos de modernidade científica, política ou militar, e elas se *"põem a vagar por toda a parte num espaço que se homogeneiza e amplia, ignorando o heterogêneo e contribuindo, portanto, para perpetuar realidades até um tempo, um espaço ou um destino quiçá, ignorados."*

Por sua vez, as ***táticas*** são mais sutis, insubmissas, rebeldes e se exercem no pleno sentido de abrir caminhos próprios, fugir mesmo das estruturas das estratégias. Não são de um lugar próprio. São relações de alteridade, estão no lugar do outro. Trata-se de uma dimensão mais do tempo que do espaço. Certeau, assim as define:

> *"Denomino, ao contrário,* ***tática*** *um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O* ***próprio*** *é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato do seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para* ***captar no vôo*** *possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em* ***ocasiões.*** *Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos, mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a* ***ocasião."*** *(8))*

Usando ainda as palavras de Certeau:

> *"as* ***estratégias*** *apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as* ***táticas*** *apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que*

apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder". (9)

Este é um referencial que enriquece a pesquisa do cotidiano escolar e que permite costurar/descosturar o *regular* no dia a dia.

Abrindo mão da insistência em ver totalidades generalizantes, este caminho metodológico assume a complexidade das práticas, com seus usos, táticas, estratégias, ações, corpo e espírito, rede de fazeres e pensares em contínuo dinamismo.

"O cotidiano das escolas, no qual os sujeitos tecem suas redes de fazeres, onde vivem, agem, sentem, sofrem, amam, os seus ***praticantes ordinários****, só existe onde cessa a busca da visibilidade* ***panóptica*** *de uma escola abstrata, vista do* ***alto****"* (10)

Afinal, a quantas anda o olhar totalizante de cada um de nós?

O convite a mergulhar no dia a dia escolar é o desafio proposto.

A tendência primeira é a de se ver rotinas e mais rotinas, rituais consagrados e instala-se a monotonia e porque não, a melancolia: as ações dos *praticantes do ordinário*,são invisíveis aos olhares da racionalidade científica.

A ciência do geral, que cria a escola-abstração exige ignorar os desvios, os jeitos próprios de fazer, as insistências teimosas que poluem o declarado e o decretado.

QUAL A SUA HISTÓRIA?
QUAIS ESTRATÉGIAS VIVENCIADAS?
QUAIS TÁTICAS?

ESCREVA

Notas

(1) CERTEAU, 2000, p. 31

(2) Imagens do cotidiano escolar no universo das seis escolas delimitadas na pesquisa **(LINKAR COM O BLOCO CONTEXTUALIZANDO TRES CORAÇÕES)**

(3) OLIVEIRA, Inês. In: ALVES, Nilda, 2001, p. 40

(4) LÉVI-STRAUSS, 1989, páginas 36 e 37

(5) OLIVEIRA, Inês. In: ALVES, Nilda, p.46

(6) CERTEAU, M., 1999, p. 4

(7) A análise das estratégias está explicitada principalmente a partir da página 45 do volume I – do livro A invenção do Cotidiano de Michel de Certeau

(8) Ibid

(9) Ibid, A comparação entre estratégias e táticas está contemplada principalmente a partir da página 99

(10) OLIVEIRA, 2001, p. 50 . In: ALVES, Nilda, 2001, p. 50

ACHADOS E PERDIDOS.....

(REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS)

Fontes Manuscritas

- **Livros de Termos de Visitas dos Inspetores Escolares** – período: pós LDB- 9394/96 a ano 2000 - (Escolas Estaduais Bueno Brandão, Clóvis Salgado, Franco da Rosa, Jorge Avelar, Monsenhor Fonseca e Olímpia de Brito).
- **Livros de Ata do Colegiado Escolar** – período: pós LDB- 9394/96 a ano 2000 - (Escolas Estaduais Bueno Brandão, Clóvis Salgado, Franco da Rosa, Jorge Avelar, Monsenhor Fonseca e Olímpia de Brito).
- **Livros de Atas de Reuniões Pedagógicas e Gerais** – período: pós LDB- 9394/96 a ano 2000 - (Escolas Estaduais Bueno Brandão, Clóvis Salgado, Franco da Rosa, Jorge Avelar, Monsenhor Fonseca e Olímpia de Brito).

Fonte Eletrônica

CD-Rom – Visual Class Multimídia 6.1 – Software para criação / Celso Tatizana, São Paulo: 2000.

Ofícios e Correspondências

- **Pastas** no período: pós LDB- 9394/96 a ano 2000 - (Escolas Estaduais Bueno Brandão, Clóvis Salgado, Franco da Rosa, Jorge Avelar, Monsenhor Fonseca e Olímpia de Brito).

Arquivos Escolares

- **Fitas de vídeo e fotos** - período: pós LDB- 9394/96 a ano 2000 - (Escolas Estaduais Bueno Brandão, Clóvis Salgado, Franco da Rosa, Jorge Avelar, Monsenhor Fonseca e Olímpia de Brito).
- **Documentos** referentes às Escolas Estaduais existentes na 41ª Superintendência Regional de Ensino de Varginha – MG.

Fontes Impressas

- **Planos de Desenvolvimento das Escolas** - período: 1998 a ano 2000 - (Escolas Estaduais Bueno Brandão, Clóvis Salgado, Franco da Rosa, Jorge Avelar, Monsenhor Fonseca e Olímpia de Brito).
- **Regimentos Escolares** - período: pós LDB- 9394/96 a ano 2000 - (Escolas Estaduais Bueno Brandão, Clóvis Salgado, Franco da Rosa, Jorge Avelar, Monsenhor Fonseca e Olímpia de Brito).

Bibliografia

ALVES, Nilda. (Org.). *A invenção da escola a cada dia.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

---------- *O sentido da escola.* Rio de Janeiro: DP&A,2000.

----------(Org.). *Pesquisa no do cotidiano das escolas – sobre rede de saberes.* Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.* Campinas: Papirus, 2001.

ANDERSON, P. *Balanço do neoliberalismo.* In. Sader, E. et. alii (Org.) *Pós-neoliberalismo – as políticas sociais e o Estado democrático.* 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ANDRADE, Carlos Drummond. *A senha do mundo.* Rio de Janeiro: Record, 1997.

----------*Fazendeiro do ar & poesia até agora.* Rio de Janeiro:José Olympio, 1955.

ANDRÉ, M.E.D.A. (Org.) *Pedagogia das diferenças na sala de aula.* Campinas: Papirus, 1999.

----------*Etnografia na prática escolar.* Campinas: Papirus, 1995.

AQUINO, Júlio (Org.). *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas.* São Paulo: Summus Editorial, 1998.

ARENDT, Hanna. *Entre o passado e o futuro.* 3.ed. São Paulo: Perspectiva,1992.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre – imagens e auto-imagens.* Petrópolis: Vozes, 2001.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento.* São Paulo: Martins Fontes, 1990.

---------- *A chama de uma vela.* Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1990.

---------- *A poética do devaneio.* São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. *Aula.* 6.ed.São Paulo: Cultrix, 1997.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre Nada.* 2.ed. São Paulo:Record, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e cultura: ensaios sobre literatura e história da cultura.* 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar – ética do humano – compaixão pela Terra.* Petrópolis:Vozes, 1999.

BÓRON,A *O pós-neoliberalismo é uma etapa em construção.* In. Sader,E. et alii. (Org.) *Pós-neoliberalismo – as políticas sociais e o Estado Democrático.* 7.ed. São Paulo:Paz e Terra, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Lições da aula.* São Paulo: Ática,1988.

----------*Razões práticas – sobre a teoria da ação.* Campinas, Papirus, 1994.

----------.(Org.) *A miséria do mundo.*Petrópolis, Vozes, 1999.

BRANDÃO, Denis; CREMA, Roberto. *Visão holística em psicologia e educação.* 2.ed. São Paulo: Summus, 1991.

BRANDÃO, Z. (Org.). (1994*). A crise dos paradigmas e a educação.* 3.ed. São Paulo: Cortez.

BRASIL. *Lei 9394 de 20.12.96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional,* In: Diário Oficial da União, Ano CXXXIV, n.248,23.12.96, pp.27.833-27.841.

CALDEIRA, A. M. S. *A apropriação e construção do saber docente e a prática cotidiana.* Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 95, p. 5-12, nov. 1995.

CALVINO, Ítalo. *Palomar.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994

---------- *As cidades invisíveis.* Companhia das Letras, 1991.

----------*Seis propostas para o próximo milênio.* São Paulo: Companhia das Letras,1991.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.* São Paulo: Cultrix,1998.

----------*O ponto de mutação – a ciência, a sociedade e a cultura emergente.* São Paulo: Cultrix,1982.

----------*Pertencendo ao universo – explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 1991.

----------*Sabedoria Incomum.* São Paulo: Cultrix,1988 .

CARVALHO, Rosita Edler. *Removendo barreiras para a aprendizagem – educação inclusiva.* Porto Alegre: Mediação, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural.* Campinas: Editora Papirus, 1995.

----------*A invenção do cotidiano – 1- Artes de fazer.* 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

----------*A invenção do cotidiano – 2 – Morar, cozinhar.* 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

----------*A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações.* Rio de Janeiro: Difel, 1988.

COLL, C. *Psicologia e currículo- uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. São Paulo: Ática, 1997.

COMENIUS, J. *A didática magna.* 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1957.

CONDORCET, M.J.A.N. Caritat. *Réflexions et notes sur l'éducation*. Nápoli: Bibliopolis, 1983.

CORTELLA, Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento – fundamentos epistemológicos e políticos.*2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.) *Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *A era da consciência.* São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997.

DEMO, Pedro. *Dialética da felicidade. Olhar sociológico pós-moderno* – volume I – Petrópolis: Vozes, 2001.

DIAS, Maria Helena Pereira. *Hipertexto – o labirinto eletrônico – uma experiência hipertextual.* Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2000. 130 p. (Tese de doutorado em Educação).

DORÉ, Louise. (1997*). Des gens comme tout le monde*. Collection "L'Éducation en mutation" – ISBN 2-89035-053. Montréal/Québec: Éditions coopératives Albert Saint-Martin.

DRAIBE, S. *As políticas sociais e o neoliberalismo.* Revista da USP. São Paulo, n. 17, 1993.

DURKHEIM, Emile. *A evolução pedagógica.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ELIAS, Norberto. *A sociedade dos indivíduos.* Rio: Jorge Zahar, 1994.

FARIA FILHO, L.M. *Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte. (1906-1918).* São Paulo: 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

FAZENDA, I. (Org.) *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.* Campinas: Papirus, 1999.

----------*Metodologia da pesquisa educacional.* São Paulo: Cortez, 1989.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico.* São Paulo: Unesp,1997.

FOUCAULT, Michel. *A palavra e as coisas.* São Paulo: Martins Fontes, 1980.

----------*A ordem do discurso.* 5.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

---------- *Microfísica do poder.* 3.ed.São Paulo: Graal, 1982.

----------*Vigiar e punir.* São Paulo: Vozes,, 1991.

FRANCA, Leonel. S.J. *O método pedagógico dos jesuítas.* O ***Ratio Studiorum*** – Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos.* São Paulo: Unesp, 2000.

----------*Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa.* 8.ed. São Paulo: Paz e Terra,1998.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *História social da infância no Brasil.* São Paulo: Cortez, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra.* São Paulo: Fundação Peirópolis, 1999.

GARCIA, Regina Leite. *Múltiplas linguagens na escola.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GHIRALDELLI, Paulo. (Org.) *Infância, escola e modernidade.* São Paulo: Cortez, 1996.

GROSSI, Esther (Org.). *Construtivismo pós-piagetiano. Um novo paradigma sobre aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. 3.ed. Campinas: Papirus, 1991.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M.. *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é caleidoscópio*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *Pensando a educação nos tempos modernos*. São Paulo: Edusp 1998.

HOFFLING, E.M. *A FAE e a execução da política educacional*. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1993, (Tese de doutorado em Educação).

KUENZER, Acácia Z. *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LACERDA, Nilma Gonçalves. *Manual de tapeçaria*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

LARROSA, Jorge; PÉREZ de LARA, Nuria (Org.) *Imagens do outro*. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998.

LARROSA, Jorge. (Org.) *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.

---------- *Pedagogia profana – danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

LELOUP. J.; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem.Campinas: Papirus, 1989.

LINHARES, Célia Frazão et.al. *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. 2.ed.Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOCKE, J. *Tratado sobre o governo*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1998.

LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte: Autêntica,1998.

MANHÃES, Luiz Carlos Siqueira. *Angra das redes: formação de educadores e educadoras no sul fluminense*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999, 267 p. (Tese, Doutorado em Educação).

MANTOAN, Maria Teresa E. *Por uma escola para todos*. Texto digitado. Campinas: Unicamp, 1999.

----------(Org.) *A integração de pessoas com deficiência – contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnon, 1998.

----------(Org.) *Pensando e fazendo educação de qualidade.* São Paulo: Moderna, 2001.

----------*Quem tiver que conte outra!* Texto digitado. Campinas: Unicamp, 2000.

----------*Ser ou estar – eis a questão. Compreendendo o déficit intelectual.* Rio de Janeiro: WVA, 1997.

----------(Org.) *Inclusão: um guia para professores.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

----------*Por uma educação que caminha para o futuro – breve ensaio sobre perspectivas e redimensionamentos da escola e do papel do professor.* In: VALENTE, José Armando. O professor no ambiente LOGO, Campinas: Papirus, 1996.

----------*O verde não é o azul listrado de amarelo: considerações sobre o uso da tecnologia na educação.* Espaço Informativo Técnico Científico do INES. Rio de Janeiro, n.13, p. 55-69m 2000.

----------*Caminhos pedagógicos da inclusão.* Recurso, Belo Horizonte, v. 2, p.25-42, 1998.

----------*Ensino inclusivo – educação (de qualidade) para todos.* Integração, Brasília, v.7, n.19, p.72, 1998.

----------*Integração X Inclusão – educação para todos.* Pátio – Revista Pedagógica, Porto Alegre, n.5, p. 48-51, 1998.

----------*Projet Kaléidoscope: inractivité virtuelle et présentielle dans la formation continue d'enseignants.* Revue Francophone de la Deficience Intellectuelle, Quebec, v.9, n.especial, p.27-30, 1998.

----------*Novos cenários de compreensão da aprendizagem.* Revista Educação Em Foco. Juiz de Fora, v.4, n.2, p. 13-25, 2000.

----------*Inclusão: um guia para educadores.* Pátio – Revista Pedagógica, Porto Alegre, v.3, n.11, p. 67, 2000.

----------*Interatividade virtual e presencial na construção de conhecimentos de professores e alunos da escola fundamental – um estudo exploratório.* Revista de Educação da PUCCAMP, Campinas, v.3,n.7, p.52-57, 1999.

MARKER, Sherry – *Norman Rockwell,* London: Magna Books, 1989.

MASINI, Raquel. S. *Ensino regular e ensino especial: relação de complementariedade pedagógica ou de legitimação da seletividade?* – São Paulo: Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica, 1993, 133 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

MAZZOTTI, Alda. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender.*2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MINAS GERAIS. Secretaria do Estado da Educação. *Plano de desenvolvimento da escola. Manual de gestão,* Belo Horizonte,1997.

----------. *Resolução 7943 de 23.01.97,* In: Minas Gerais, 03.0397.

---------- *Resolução 147 de 17.10.00* In: Minas Gerais, 18.10.00.

----------Conselho Estadual da Educação. Parecer n.1132/97. *Dispõe sobre a Educação Básica nos termos da Lei 9394/96,* Belo Horizonte, 1997.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente.* 3.ed. Campinas: Papirus, 1999.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência.* Portugal: Publicações Europa-América, 1994.

----------*O método: 4- as idéias.* Porto Alegre: Sulina, 1998

----------*Edgar Morin.*[on line]. Brasil, 2001, Disponível em: http://sites.uol.com.Br/vello/morin.htm[consulta:10/09/01]

----------*A cabeça bem feita.* Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

----------*A inteligência da complexidade.* São Paulo: Peirópolis, 1999.

----------*Amor, poesia, sabedoria.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

----------*Os sete saberes necessários à educação do futuro.* São Paulo: Cortez, 2000.

NAJMANOVICH, Denise. *O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano.* Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NETO, Alfredo Veiga. (Org.) *Crítica pós-estruturalista e educação.* Porto Alegre: Sulina, 1995.

NÓVOA, Antonio. (Org.). *As organizações escolares em análise.* 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

----------(coord) *Os professores e a sua formação.* Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). *Pesquisa no do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes.* Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Rosiska de *O elogio da diferença.* São Paulo: Brasiliense, 1998.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar.* Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

----------*Pedagogia diferenciada – das intenções à ação.* Porto Alegre:Artes Médicas, 2000.

----------*A Pedagogia na Escola das Diferenças- fragmentos de uma sociologia do fracasso.* 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

----------*Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza.* 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

----------*Avaliação – entre duas lógicas.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PESSOA, Fernando. *Obra poética.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença – uma introdução.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. Edgar Morin – *A Educação e a complexidade do ser e do saber.* 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIERUCCI, Antonio Flavio. *Ciladas da diferença.* São Paulo: Brasiliense, 1999.

POMPÉIA, Raul. *O ateneu - crônica de saudades.* São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

REGULAR. In: Dicionário Básico da Língua Portuguesa. São Paulo: Folha/Aurélio, 1995.

----------In: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete. 3.ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

----------In: Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas.* São Paulo: UNESP, 1996.

RODRIGUES, Neidson. *Elogio à educação.* São Paulo: Cortez, 1999.

REIS FILHO, C. *A educação e a ilusão liberal.* São Paulo: Cortez, 1981.

SADER, E. e GENTILI, P. (Orgs.) *Pós-liberalismo – as políticas sociais e o estado democrático.* Rio de Janeiro: Paz e Terra S.A, 1998.

SAINT-LAURENT, Lise.. *L'Éducation intégrée à la communauté.* Québec/Canadá: LOGIQUES Inc, 1994.

SANTOS, Boaventura Souza. *Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna.* Revista de Estudos Avançados, São Paulo: USP, maio/agosto 1998.

----------(Org.) *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século 21.* Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

----------.*Um discurso sobre as ciências.* 11.ed. Porto: Afrontamento, 1999.

----------,*Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade.* 4.ed. São Paulo: Cortez ,1997.

----------*A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência. Volume 1- para um novo senso comum – a ciência, o direito e a política na transição paradigmática.* São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos. *De como a educação torna-se palco no romance brasileiro (uma tentativa de interpretação de O Ateneu de Raul Pompéia).* São Paulo: Faculdade de Educação da PUC-SP, 154p. 1988, (Dissertação de Mestrado em História e Filosofia da Educação).

----------*Heterogeneidade como experiência de cidadania – relato da inclusão na rede municipal de Três Corações – MG- 1994 –1996* In: MANTOAN, Maria Teresa (Org.). A integração de pessoas com deficiência. São Paulo: Memnon, 1997.

----------*Caminhos interrompidos? Descontinuidades Continuidades: uma análise de políticas públicas em educação.* In: MANTOAN, Maria Teresa (Org.). Caminhos pedagógicos da inclusão. São Paulo: Memnon, 2001 (no prelo).

----------*O Plano de Desenvolvimento da Escola como instrumental de gestão num contexto de autonomia.* In: Escola Pública de Qualidade – PROCAD- Programa de Capacitação de Dirigentes – volume 1, cap. 4, p.53-59, Belo Horizonte: SEE-MHG, 1998.

----------*O plano de desenvolvimento da escola no contexto da Escola Sagarana.* In: Guia de Estudos n.3- PROCAD II, cap. 4, Belo Horizonte: SEE—MG, 2001.

----------*Elaboração do plano de desenvolvimento da escola: identificando necessidades e estabelecendo prioridades e metas.* In: Escola Pública de

Qualidade – PROCAD- Programa de Capacitação de Dirigentes – volume 1, cap. 6, p.63-69, Belo Horizonte: SEE-MHG, 1998.

----------*Implementando o plano de desenvolvimento da escola: programando atividades e definindo projetos prioritários.* In: Escola Pública de Qualidade – PROCAD- Programa de Capacitação de Dirigentes – volume 1, cap. 7, p. 71-78 , Belo Horizonte: SEE-MHG, 1998.

SASSAKI, Romeu Kasumi, *Inclusão. Construindo uma sociedade para todos.* Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHNITMAN, D.F. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade.* Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença- a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000.

----------. *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação.* Petrópolis: Vozes, 1994.

---------- *Documentos de identidade.* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

----------*O currículo como fetiche.* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

----------*O sujeito da educação – estudos foucaultianos.* 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

----------*Manifesto pós-estruturalista.* Texto digitado. Porto Alegre, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo.* São Paulo: Unesp, 1999.

STAIMBACK, Susan e STAIMBACK, William (Org.). *Inclusion – a guide for educators.* Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes publishing Co.1997.

THERBORN, G. Pós-neoliberalismo – *a história não terminou.* In Sader E. et alii (Org.) *Pós-neoliberalismo – as politicas sociais e o Estado democrático.* 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TORRES, Rosa Maria. *Educação para todos. A tarefa por fazer.* Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

TOURAINE, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes.* Tradução Jaime Clasen e Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

----------*Igualdade e diversidade.* Bauru: Universidade do Sagrado Coração. 1997.

VALLE, Lílian do. *O mesmo e o outro da cidadania.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VASH, C. *Enfrentando a deficiência*. São Paulo: Pioneira, 1988.

VIDAL, Diana; SOUZA, M. Cecília. *A memória e a sombra – a escola brasileira entre o império e a república.* , Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WINKELER, Horst Schiffler. *Tausend Jahre Schule – Eine Kulturgeschichte des Lernens in Bildern.* Zürich: Belser Verlag, 1999.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SUMÁRIO

VOLUME II

Anexo 1 01

Escola 1 01

Escola 2 34

Escola 3 66

Escola 4 105

Escola 5 115

Escola 6 144

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

ANEXO 1

ESCOLA ESTADUAL 1

Professora: Carmem

T: Carmem, você tem quantos anos de escola?
C: Tenho 23 anos de sala de aula. Esse é o 24°. Ano de sala de aula. Nem eventual, eu nunca quis ser. Nunca pedi para ser. No Estado não.

T: Você sempre gostou de estar na sala de aula.
C: Gostei. Inclusive, o ano passado eu ia trabalhar como eventual. Fiquei uns dois dias. Mas eu me sinto bem estando numa sala de aula. É um trabalho que, até hoje eu me sinto gratificada, tendo trabalho com os meninos. Aquela resposta que eles dão, a diferença que eu fico observando, né. Eu mudei também muito o meu jeito de trabalhar. hoje em dia, a relação com eles assim, é uma relação de amizade, de mãe, de poder trabalhar com eles, de aprender. Não só ensinar, aprender também. Então, essa relação, eu acho que mudou muito. No início, eu achava que eles estavam muito, só ouvir, era uma coisa um pouco padronizada. Eu já sabia o que ia acontecer. E hoje em dia, todo dia tem novidade.

T: Você acha os meninos de hoje diferentes? Eles são diferente?
C: São mais ativos.

T: Esse valor não padronizado, significa que não vem mais modelinho,né? Como é que você vê eles hoje.
C: Não. A criança já tinha uma visão de escola diferente, né. Eles sabiam que tinham que chegar e ficar sentadinhos e falar só na hora que fossem questionados. Hoje em dia não.

T: Ele chegam de um jeito que não são mais para ficar parados, né? Passivo.
C: É. E é assim, tudo muito inédito. Cada dia tem uma coisa diferente, que de repente, a gente muda a postura na sala, muda o que foi planejado.

T: A flexibilidade tem que ser muito maior, né.
C: Tem. Eu já tenho assim, esse jogo, porque a gente já tem experiência e também sabe conviver melhor. O ser humano está mudando. A gente vai mudando também. A cabeça vai mudando e tudo.

T: Você trabalha com que sala esse ano. Sua turma qual é.
C: Vou falar 4°. Ano. 4°. Ano antigo.

T: Este seria o 1°. do intermediário.
C: O 1°. do ciclo intermediário.

200233419
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

T: A Sua Sala Aqui Na Escola, Ela É A Primeira? Como É Que Ela É.
C: é A Primeira. É Uma Sala Muito Boa. Eles são excelentes em todos os aspectos. Eu tenho poucos alunos que precisam de mais apoio. A sala está muito cheia.

T: Quantos alunos você tem na sala.
C: Tenho 38. Está muito cheia. Eu gosto de estar corrigindo tudo, todo dia. Então, tem que ser esperta para dar conta.

T: Como é que você faz. Como é que você divide o dia a dia. Porque a gente está querendo saber muito do dia a dia. Como é que você monta um plano. Você divide horário. Como é que é o seu dia a dia. Como é que você trabalha.
C: Ah, geralmente eu monto assim, para a semana. Para três, quatro diad. Já monto assim, já faço um projeto. As idéias já são lançadas. Mas eu modifico, porque eu peço coisas para eles também. E aí, as vezes, eu vou acrescentando.

T: Isso. Do que eles traem, né?
C: Isso. Fica assim. Sempre em aberto. Hoje mesmo, ontem, eu pedi para eles trazerem qualquer coisa, sobre o dia da mulher. Aí, hoje já apareceram várias idéias lá. Tem que ser esperta para poder ler e já aproveitar aquilo ali. Ver o que vai dar para aproveitar, para poder trabalhar nessa semana. E enriquecendo o que eu tenho também. Que as vezes, o que eles tem é bem melhor do que o que eu preparei. Eu uso coisas que eles trouxeram, inclusive, até vi um texto hoje, muito bom. Poema sobre a mulher, excelente. Mostrei para a Gilda, a Cristina já me pediu emprestado. Tem coisas muito boas.

T: Ah, legal. Tanto aluno na sala, por exemplo, não dá muito para trabalhar grupo, né. A sala tá lotada. Como é que você faz.
C: É dificil. Eu prefiro trabalhar com dupla. Quando eu faço grupo maior, é mais atividade. Quando a gente já está terminando uma atividade.

T: Isso. Para fazer um final.
C: É. Aí, vai fazer um painel, ou vai fazer uma coisa que já está bem mastigada, que eu sei que eles vão dar conta.

T: É mais para repartir a experiência de todos.
C: Isso. Eu sei que eles já estão bem por dentro. Agora, quando eu vou trabalhar uma coisa nova, que eu já separo em grupos, aí custa para sair qualquer coisa.

T: Como é que você divide o seu horário, por exemplo. Você trabalha português primeiro, matemática. Como é que você faz isso, no seu planejamento.
C: Eu procuro fazer o meu planejamento da semana. Uma coisa puxando a putra, né. Eu vou vendo o que de história, geografia, que combina com português. A matemática as vezes fica um pouco de fora, mas as vezes dá para aproveitar também. Euprocuro fazer assim, e toda semana dá. Eu começo, as vezes com português, ou com a matemática, com a história. E sempre falo para eles, que na história, a gente está vendo o português, está vendo a ciências, está tudo junto. No início, a gente faz a correção de um dever. Aí eu peço para ir no quadro, eu vou olhando os cadernos. Enquanto tem alguns fazendo, eu passo correndo olhando caderno. É uma correria louca.

T: É. Você não para sentada na sala.
C: Não dá tempo não. Agora, hoje eu estou assim tranqüila, que eles querem trabalhar o livro que a gente recebeu. É a primeira vez que a gente trabalha o livro hoje. Apesar que eu já deixei.

T: O livro de que.
C O livro didático.

T: Ah, o livro de leitura, português.
C: É leitura.

T: Ele é integrado? Como é que é.
C: Ele é só português. A gente tem o de português, o de matemática, de história e geografia, inclusive o livro é novo. E tem o de ciências também. Nós estamos iniciando com o livro. Eu apresentei, tudo, deixei levar para casa, para encapar, eles escreveram o nome deles lá. Eles são os primeiros a usar o livro. Então, "tia vamos trabalhar". Mas eu gosto muito é de montar as minhas coisas. Eu sou meio enjoada.

T: Legal.
C: Eu gosto de pegar artigo, as coisas, eu monto tudo. Aí, eu monto um estudo de vocabulário. As vezes partem deles as palavras. Mas eu também já tragao as minhas. O estudo de texto, uma produção que dá para fazer, eu já vejo se dá para integrar com história, geografia, ciências.

T: Certo. Você acha mais fácil trabalhar com uma turma mais homogênea?
C: É Uma vez você passou uma experiência prá gente. Eu não sei se foi no tempo da faculdade, acho que foi, que as dificuldades tem que ser proximas.

T: É. Aquela história do relativamente homogênea e relativamente heterogênea.
C: É. Então, quando a sala está desse jeito, é bem melhor. Eu tenho dificuldades. Eles estão muito bons, mas eu tenho dificuldades na produção, porque agora, a gente cobra mais, no 4°. Ano, mais a parte escrita. É o que eles produzem ali, depois de tanto ler, de tanto conhecer as regrinhas que a gente vai passando, desde o 1°. Ano. Então, eu ainda percebo na minha sala, meninas que não sabem empregar a pontuação direito, parágrafo. Então, eu tenho que trabalhar isso com eles. Mas são poucos.

T: Todos já são alfabetizados? Não tem ninguém que não lê?
C: Todos. Não, todo mundo já faz texto com seqüência lógica, tem criatividade. Todos eles. Tem esses problemas de organização, isso é normal, né.

T: Carmem, como é que você vê os pais. Os pais ajudam.
C: A gente está começando agora, né. Então eu estou percebendo que a maioria, quase todos participam sim.

T: A sua experiência mesmo, não só na sala desse ano. Você acha que os pais que você tem aqui na escola, são pais que acompanham.
C: Eles são preocupados. As vezes eles não têm tempo. De repente, numa reunião, eu pergunto: "Alguém quer participar de algum trabalho na escola, vir aqui me ajudar a fazer uma atividade,

alguém quer vir para passar uma experiência?" Então, eu percebo que eles são ocupados. Acho que a maioria trabalha. Mas eles vêm a importância da escola.

T: São interessados.
C: São. Os filhos vem diariamente. Quando faltam, sempre mandam avisar. Ligam para a escola. Então, eles estão interessados sim. Tem as dificuldades deles, mas são interessados.

T: Carmem, você acha que a escola, do jeito que ela está hoje, por exemplo, os rumos que ela está tomando, a questão do ciclo, não reprovar. Você acha que é por aí mesmo a escola.
C: Eu acho. É porque eu já comecei a mais tempo. Então, quando eu trabalhava, quando eu comecei, eu trabalhei com alfabetização. Eu trabalhei uns dois anos com alfabetização. Aí, hoje em dia, eu já trabalhei com todas as turmas.

T: Isso te ajuda, por exemplo, na 4ª., você acha?
C: Muito, muito. E esse fato de eu ter iniciado, então, esse ano, eu não vejo problema algum do menino apresentar essas dificuldades. Que eles apresentam. Porque a alfabetização, eu acho que ela é longa mesmo. Tem criança que já é dela e domina rápido, né.

T: Certo. Tem uns que são mais lentos.
C: Eu acho muito justo esse sistema de não reprovar. Eu acho justo porque, quando eu comecei, eu não queria reprovar, mas tinha um teste com a supervisora, você lembra? Aí, o menininho descia, ia fazer a leitura, a supervisora reprovava. E a gente não podia falar nada. Aí, eu não achava certo não. Então, eu concordo. Eu acho que é muito bom para o ser humano, prá auto estima. E um dia na vida ele vai acertar. Ele acha o caminho dele. Mas quando é criança, eu acho muita judiação a gente ficar segurando o outro. Tem que trabalhar com o menino. Ah, só porque vai passar, também vou deixar. Não pode. A gente tem que trabalhar, tem que Ter consciência. E eu acho que hoje em dia, eu tenho mais consciência disso. Acho que tem que trabalhar mesmo, com a criança. Principalmente com quem está com mais dificuldade.

T: Carmem, obrigado. É por aí mesmo que eu queria. Como é que é, como é que é o dia a dia.

Professora: Ceila

T: Diz prá mim primeiro, você trabalha com qual sala?
C: Com 3°. Ano.

T: 3°. Ano do ciclo básico.
C: É.

T: A sua sala é a melhor? É a primeira?
C: Não. A minha não. Ela deve estar no meio.

T: Não é nem tão boa, nem tão fraca.
C: Não.

T: Quantos alunos você tem.
C: 32.

T: Você tem aluno que não sabe ler, por exemplo?
C: Não. Todos lêm.

T: E como é que você faz no dia a dia. Com 32 meninos na sala, para atender todo mundo, porque eles não são iguais. Como é que você trabalha. Explica para mim o seu dia a dia.
C: Eu procuro ver a individualidade de cada um. Respeitar a individualidade de cada um. Como eu tenho alunos que vieram de fora, de outras cidades, de outras escolas daqui mesmo da cidade, então, eu estou procurando atender, na medida do possível, as dificuldades de cada um. Porque eu notei que eles estão vindo com bastante dificuldade.

T: Você prepara uma aula, você faz plano de aula primeiro prá todo mundo, depois você vai na carteira. Como é que você faz isso.
C: Eu vou. Eu procuro ir de carteira em carteira.

T: Primeiro você faz uma aula geral.
C: Isso. Uma aula geral. Lógico que dentro do possível. Então, eu procuro também, mandar aqueles que tem mais facilidade, ensinar o coleguinha que está com mais dificuldade

T: Isso dá certo, por exemplo, um menino ensinar o outro?
C: Dá. Com a minha experiência, eu já senti isso. Ele usa a linguagem dele mesmo e o colega, as vezes, até entende melhor. No caso da subtração, eu notei que eles estão com dificuldades na subtração. Então, eu procuro ver aqueles que já tem mais facilidade, ensinar o coleguinha. E já notei um bom resultado nisso aí.

T: Legal. Quanto tempo você tem de professora.
C: 22 anos.

T: Nesses 22 anos, você acha que os alunos de hoje são diferentes?
C: Bem diferentes.

T: No que você vê a diferença.
C: Eu acho em tudo. Eles são mais vivos. Os alunos de antigamente, quando eu comecei, eles eram mais apáticos. Não participavam tanto da aula. Agora, os alunos de hoje, já são mais vivos. Tudo que a gente fala, eles já vão bem mais longe do que a gente.

T: E aí. Você acha isso bom para a sala de aula?
C: Ah, eu acho.

T: Você acha melhor lidar com isso.
C: Ah, eu acho bem melhor.

T: E os pais. Você sente diferença nos pais?
C: Os pais, eu notei uma diferença nos pais. Não sei. Pode ser que as outras não discordem.

T: Mas aí, é a sua maneira de ver isso.
C: Na minha maneira de ver, os pais deixaram muito por conta da escola. Eles abandonaram. Antigamente, eles se preocupavam mais com os filhos. Agora, eles já deixaram mais por conta da escola. Já empurraram mais a responsabilidade para a escola.

T: Você sente eles mais ausentes.
C: É, ausente.

T: Voltando para a sala de aula. Então você dá aula, depois você tenta acompanhar, você divide o seu horário, por exemplo, você põe o português na frente, como é que você faz.
C: Divido. Um dia eu começo com português. Outro dia eu começo com matemática. Então, eu vou alternando os horários. Procuro fazer um horário para eles.

T: Para eles também seguirem horários.
C: Também já irem aprendendo a seguir horários.

T: E o que você acha, da sua experiência, esse negócio de não reprovar, o ciclo. Você está com os meninos do 3°. Ano. Você acha isso bom?
C: Ah, tem os pontos positivos e tem os negativos. Eu não sei, por um lado eu acho bom, porque levanta a auto estima do aluno. Aquele aluno que vem sendo reprovado. Mas por outro eu já não concordo muito com essa idéia não. Eu já sou meio contra essa idéia.

T: Você acha que chaga para você aluno sem saber muita coisa.
C: É, sem saber.

T: Se tivesse reprovado, tinha seguro lá.
C: Se tivesse reprovado tinha sido bem melhor.

T: Certo. Na escola de hoje, você acha que ela está certa? A maneira como vocês estão trabalhando? Ou você daria alguma idéia?
C: Eu, sinceramente, acho melhor agora, do que quando eu comecei. Porque agora, a gente procura trabalhar em conjunto. Acho que há mais união entre as professoras. A gente procura sempre trabalhar em conjunto, principalmente aqui.

T: Certo. Me diz uma coisa. Você teria mais alguma coisa para falar, que você pensou em dar como depoimento?
C: O que eu não me preocupo, é com a quantidade. Porque tem professora que se preocupa demais com a quantidade. Eu procuro aprofundar no que eu estou trabalhando. Principalmente nesse tipo de sala que eu pego, que são salas mais fracas. Então, eu não me preocupo em correr com a matéria. Eu tenho que vencer isso. Eu procuro ir devagar e aprofundando bem.

T: Ir no ritmo desses alunos.
C: Sim. Ir no ritmo deles.

T: Você, na sua sala, tem algum aluno com necessidade especial? Você tem algum aluno diferente, ou não?
C: Não. Todos são normais.

T: è isso só que eu queria. A sua experiência. Você que já trabalhou com escola de periferia e trabalha agora, com escola do centro. É diferente?
C: Eu noto a diferença sim. Tem uma diferença. Principalmente a 22 anos atrás, né. Então, eu acho que tem diferença demais. Era muito fofinha, muito, a coitadinha. Era o que eles viam em casa. Como eles vivem em casa, eles vêm para a escola. E vivem na escola o que eles vivem em casa.

T: Certo. E aqui, o ambiente é diferente.
C: Aqui já é diferente. Lógico que tem as esceções. Tem. Mas são raras. Já não são assim, como na escola de periferia.

Professora: Rosa.

T: Rosa, diz uma coisa. Você na sala de aula, em termos de sala de aula, você por exemplo, sente que o aluno... Quantos anos de magistério você tem;
R: 33.

T: Uau. Está ótimo para falar. Você acha que nesse tempo de magistério, o aluno é o mesmo? Você sente, a turma que você dava aula antigamente, você vê diferença hoje?
R: A diferença é muito grande. O aluno de hoje exige muito mais da gente. Exige mais, porque o aluno, antigamente, era passivo. E o de agora, é de uma atividade que você, é, eu me sinto assim, as vezes, até sem fôlego para acompanhar.

T: De tanta energia.
R: De tanta energia que ele trás. De tanto conhecimento que ele trás de casa.

T: Você está dando aula em que turma, agora.
R: 1°. ano.

T: 1°. ano.
R: Só que eu estou dando aula no 1°. Ano, mas eu afastei muito tempo. Porque eu dava aula no 2°. Grau, no ensino médio.

T: Ah, tá. Eu lembro. No curso normal.
R: No curso normal.

T: Isso. Exato.
R: Então. Você está lá, trabalhando no ensino médio. Eu era professora de matérias pedagógicas.

T: Isso. Eu lembro bem.
R: É uma vivência. Que eu passava para elas, uma teoria. Você não vivia a prática. Fiquei afastada da prática muito tempo. Não me foi oferecido, em tempo algum, um treinamento.

T: Certo.
R: Principalmente, o que eu tenho muita dificuldade hoje, trabalhar com a Maria do Carmo Vila. Que eu gostaria. Eu tenho loucura para conhecer o programa dela.

T: De matemática, né.
R: Eu não tive essa oportunidade em matemática. E aqui, agora, está pedindo. Então, eu estou entre a cruz e a espada.

T: É. Tem que correr atrás.
R: Tem que correr atrás.

T: Você acha que o menino é diferente? Quer dizer, além de ele solicitar mais, dele querer mais, ele vir com mais coisas. Você sente outras diferenças na clientela de hoje, por exemplo? Do aluno que está na escola?
R: É mais levado.

T: É mais levado. Ele não para muito quieto não.
R: Não. É mais levado e eu te falei. Ele faz umas perguntas assim, que antigamente, era tudo passivo. Você falava, ele aceitava. Agora ele questiona.

T: Certo.
R: O aluno agora, questiona muito.

T: Exato.
R: Eu estou tentando lembrar o que aconteceu na minha sala ontem. Tipo assim, coisa que o aluno questionou comigo. Eu não estou lembrada no momento.

T: Depois surge. O Rosa, conta uma coisa para mim. Os seus alunos são de classe mais pobre, mais... Como é que é o seu grupo.
R: Mais pobre.

T: Mais pobre. Você pegou um 1°. Ano mais pobre. Fizeram pré ou não.
R: Fizeram. O ano passado, eu peguei a última turma.

T: Sei.
R: Então, são crianças que vieram de creche. Trouxeram muitos problemas. Bem diferente da escola particular. Eles não tinham material. Eu tinha que ficar correndo atrás de material para eles. A escola também, não tinha muita coisa para me oferecer.

T: Certo.
R: Eu ainda estava engatinhando, porque eu vim lá do médio, com aquela dificuldade toda.

T: É, exato.
R: Aí, esse ano, já me deram uma sala melhor. Com um nível sócio-econômico melhor. Mas eu ainda estou adaptando.

T: Rosa, e essa parte da família. Do ano passado para cá, que você está voltando, você sente a família... Qual a diferença da escola do passado, e a família hoje. Você acha que a família está mais próxima. Como é que você sentiu a participação da família, nessa experiência de agora.
R: A família participa mais, quando existe a família, né. Porque as vezes falam, é uma pseudo família. Pai e mãe separados, trás muitos problemas

T: É. Não é mais aquela família padrão, que a gente tinha.
R: Não. Não é mais aquilo não. Agora, por exemplo, ontem mesmo tive um aluno que não entrou de jeito nenhum. Problema de separação de pais. Isso eu tive muito o ano passado. Os alunos ficam agressivos.

T: Certo. Você sente o reflexo, então..
R: Muito. Eles não querem a saída do pai de casa.

T: Principalmente os pequenos, né.
R: que eu estou te dando do ano passado prá cá.

T: Isso. Quantos alunos você tem esse ano, na sua turma.
R: 30.

T: E como é que você faz prá trabalhar, tanto aluno diferente. Porque uns vão estar sabendo mais, outros vão saber menos. Como é que você trabalha no dia a dia. Como é que é o seu jeito de ser.
R: Eu faço assim, vou de carteira em carteira, no geral. Vou detectando as falhas, o que eles tem e vou tentando agrupar e atendendo. Mas só que o tempo é pouco. Quando a gente vê o relógio, já passou.

T: Certo. Já passou.
R: Mas eu estou tentando trabalhar em grupo, reunindo na sala as dificuldades mais ou menos parecidas. Mas o psicológico me atrapalha muito.

T: Certo.
R: O que eles trazem de casa, dá muito problema prá mim.

T: E esse ano que você mexe com eles, o 1°. Ano é o ano que você alfabetiza.
R: É.

T: Você mexe com alfabetização.
R: É. Com alfabetização.

T: Você acha que, até nessa linha de ciclo, os meninos estão chegando ao final do 1°. Ano, alfabetizados?
R: Não.

T: Não.
R: Os meninos do ano passado não chegaram alfabetizados.

T: Sei. Como um todo. Você tem um ou outro, ou a maioria da sala não lê mesmo.
R: Do ano passado, foi a maioria. A maioria. Foi a turma toda que eu peguei eu peguei agora eu peguei uma turma melhor. E eu já tenho aluno que está lendo. Semi analfabeto.....

T: Como é que você explica que no ano passado, os alunos só alfabetizavam na 1ª. Série. Se não alfabetizasse, repetia. Agora, você acha que o ciclo empurra, deixa pra outro lado, por exemplo, dá mais tempo. Como é que é isso.
R: Eu acho. Eu acho que dá mais tempo.

T: Não tem aquele sufoco de ler num ano só.
R: Não.

T: Você acha que isso é bom, dar esse mais tempo, ou atrasa?
R: Se o professor seguinte estiver com espírito de ciclo, dá. Mas se ele estiver com aquele espírito de antigamente, que era receber o aluno prontinho, o ciclo morre ali.

T: Morre ali, certo.
R: Morre ali.

T: Rosa, você, na sua maneira de ser na sala de aula, em relação ao aluno, por exemplo. Você tem algum aluno com dificuldade especial, algum aluno que você diria que é até de integração, aluno com alguma deficiência. Você tem na sua sala esse ano?
R: Tive o ano passado. Esse ano não tenho não. Tinha o ano passado, que era caso de APAE mesmo. Daí a gente foi estudando, estudando a menina e depois, no finaç, ele foi encaminhada para a APAE.

T: Você acha que o menino, quando é especial assim, quando tá na sala regular, é bom prá ele, ou você acha que não.
R: Não. Pela experiência que eu tive o ano passado, ela ficou desajustada. Então, ela avançava, batia nas outras crianças.
T: Tava agressiva, né.
R: É. Pegou agressividade. Apesar de que eu conversava muito com a mãe, e a mãe falava prá mim, que ela era agressiva em casa. E aqui na escola, ela continuava com a agressividade. Porque eu acho que era falta de remédio também.

T: Rosa, agora, quando você trabalha o dia a dia, que você tenta atender todos os meninos, você divide o horário? Por exemplo, como é que você organiza, português num horário, matemática. Como é que você reparte o tempo, espaço. Você reparte a sala, faz os grupos, etc. Como é que você reparte o tempo.
R: O tempo, eu tempo trabalhar integrado. O português, a matemática, vou puxando o português na matemática, a geografia, história, ciências.

T: Certo.
R: Tudo ali. Integrado.

T: Isso.
R: E não tem instante não. Primeiro, só português, depois matemática, depois...

T: Não precisa mexer com horário. Pode fazer essa flexibilidade.
R: Não, não. Pode fazer.

T: E você acha que rende melhor do que você conhecia do ano passado?
R: Rende. Eu acho que rende muito mais.

T: Certo.
R: O aluno ficou com mais conhecimento. Porque uma coisa vai puxando outra.

T: Isso. Eles ficam mais interessados, porque têm uma visão geral, né?
R: Ficam.

T: Rosa, você diria, por exemplo, até como última coisa que eu vou te perguntar. Você acha que a escola de hoje, ela tem saída? É por aí mesmo que ela tem que ir? Essas modificações todas que você vem vivendo, sentindo, você acha que é por aí?
R: Terezinha, eu acredito muito no ciclo. Mas, é o que eu falei antes. O professor também tem que acreditar. Porque se ele não acreditar, se ele não trabalhar em espírito de ciclo, se ele quiser voltar, falar que está no ciclo, mas trabalhar seriado, aí não tem como.

T: E acontece muito isso. O nome é ciclo, mas trabalha seriado.
R: Mas trabalha seriado.

T: Certo. Você acha que esse negócio de aprovar e reprovar, de ter tirado isso, atrapalhou a escola, por exemplo? O menino sabe que não vai ser reprovado.
R: Não. Desde que o professor faça um trabalho de consciência, disso, que ele tem que viver isso aí. E que vai Ter oportunidade, que está oferecendo outra oportunidade. Só que eu acho que os professores não estão trabalhando oportunidade. Estão dizendo, "Não, pode deixar que vai embora prá frente, vai continuar". Pelo que eu estou vendo, ouvindo e sentindo.

T: Certo. Rosa, valeu. É bem isso aí. O que você tá sentindo, como é que você vê. Ainda mais você, que tem uma experiência de 33 anos. As diferenças que você sente. Teria mais alguma coisa que você gostaria de falar, como depoimento de vida, de professora. Porque o nosso objetivo era ver se era diferente a escola, como que é o aluno, como é que está chegando.
R: Ah, eu só sinto, prá terminar, porque eu acredito que saio esse ano.

T: Sei Ah, é! Você está achando que aposenta.
R: Eu tô vendo. Que, de eu não Ter tido oportunidade de cursos, de um treinamento. Eu não tive essa oportunidade. Isso me atrapalha muito.

T: Que coisa, né? A gente passa as vezes assim, a vida tão correndo, de repente você fala, puxa, eu podia Ter, paralelamente da experiência, né.
R: É. Se eu tivesse tido, o tempo que eu estive no ensino médio...

T: Certo. Mas agora você tem que andar atrás e ir buscar.
R: Tem que correr atrás. Pelo menos boa vontade eu tenho.

T: Valeu. Rosa, obrigado. Gostei da sua espontaneidade.

Professora: Marly

T: Marly, você está com que turma esse ano.
M: 2ª. Série

T: 2ª. Série, tá. Quantos meninos.
M: 37.

T: Uau, 37.
M: Hoje chegou mais um prá mim. Acho que vou ficar com 38.

T: E são crianças melhores.
M: Minha sala é uma sala boa, sabe. Hoje em dia não tem mais sala homogênea. Eu tenho alunos muito bons, tenho os mais ou menos e tenho os alunos fracos também.

T: Você acha melhor trabalhar assim de forma heterogênea, ou no passado, você punha só os fortes de um lado, era mais fácil trabalhar. Como é que você vê isso.
M: Não. Eu gosto muito de trabalhar de forma assim. Sabe, eu acho assim, porque eu, aqi no 1, eu já pequei tudo quanto é tipo de sala. Salas boas, salas assim, de nível mais baixo, entendeu. Então, eu acho que a gente trabalhando com sala heterogênea, você cresce mais.

T: Você acha que para os alunos, também é crescimento.
M: Muito melhor, assim, depende do professor.

T: Isso. Da maneira de trabalhar.
M: Tem que trabalhar, a maneira como o professor trabalha. Porque tem professor que, assim, vai levando. Vai com os que querem e deixa prá trás os que não querem. Então eu acho, que isso ai é muito de cada um. Eu procuro dar a maior assistência prá tudo quanto é tipo de aluno. Principalmente para os que estão mais, sabe.

T: Como é que você divide isso, por exemplo, no dia a dia da sala de aula. Você te três níveis diferentes. Os mais, os mais ou menos. Como é que você passa pela sala, como é que você organiza o seu trabalho.
M: Você quer ver, eu dou exercício. Eu vou corrigindo. Então, os que não fazem, aí eu vou ajudando, porque eu tenho aluno assim também. Eu ajudo, eu mostro como que eu quero, entendeu. Dou assistência individual, enquanto isso, os outros vão fazendo.

T: Você vai ajudando. Então você não para.
M: Não paro. Mas eu paro assim, o importante prá mim, não é o aluno, por exemplo, eu não sou de comparar alunos. Certo?

T: Certo.
M: Então, as vezes, um dá 100% e se o outro deu 80%, tá ótimo. Então, vamos supor, se aquele que deu 100%, claro que ele tá conseguindo fazer tudo. Se o outro ainda está no 2°. Exercício, eu prefiro que ele fique no segundo, até ele fazer bem feito, do que ele fazer tudo correndo e fazer tudo errado.

T: Só prá poder acompanhar.
M: Não. Isso aí, prá mim, não tem dentro da sala. Certo? Inclusive, você um dia, se você tiver oportunidade, você pode ir lá prá você ver, que os cadernos, não são iguais não. Desses que são mais prá trás. Agora, eu cobro muito a leitura, porque a leitura, Terezinha, isso é um fracasso.

T: Certo.
M: Tá mesmo... Eu peguei uma ótima sala o ano passado, que eu debati leitura o ano inteiro. Sabe. Até, inclusive, foram alunos prá mim, que vieram de ótimas professoras também, como esse ano. Mas você tem que pedir, e aí, como é que eu começo a trabalhar na leitura. Porque as vezes você fala e a criança não entende o que você está falando. Então, eu já comecei a fazer um trabalho anteontem, para eles assistirem qualquer tipo de notícia do dia, certo. Prá eles passarem pro caderno de dever, a notícia do dia, e prá eles me explicarem. E dali, eu peço prá todos os alunos, qual a notícia que eles acharam mais interessante. E dali, fazerem uma ilustração sobre aquela notícia. Já é a produção de texto, por escrito.

T: Você já está trabalhando, entende, interpreta, escreve, da comunica. Certo.
M: Da comunica. Mas teve aluno, que ainda não conseguiu fazer. Entendeu. Isso aí com o professor, que quer ver o trabalho, porque eu acho muito fácil, Terezinha, o professor trabalhar numa sala ótima.

T: Ah, sim!
M: O ano passado, na sala que eu trabalhei, tudo o que eu pedia, era na hora. Então, parece assim Terezinha, por mais que você queira fazer alguma coisa, entendeu, você tá sempre, um nível muito bom, nível sócio-econômico, então não tem problema. Agora, já esse tipo de sala que eu estou esse ano, apesar de ser boa, já tem esse problema aí, entendeu. Então, você vê o seu trabalho no final do ano, o fruto que deu. Eu estou com um aluno este ano, ele tá comigo até 6°. Feira, prá ver como é que ele está indo. Isso prá mim vai ser um desafio. E eu vou ficar com ele na minha sala. Nós tivemos uma reunião, "oh, Marly, você vê, você não é obrigada a ficar". Mas assim, vai ser um desafio prá mim, que esse menino, ele vai aprender! Então, isso aí, prá mim, é que trás retorno. Porque o bom, já é bom mesmo, fica cada vez melhor. Tem ajuda em casa, tem aula particular se precisar.

T: Isso. O Marly e quanto tempo você é professora já.
M: 15 anos.

T: 15 anos. Você sente que nesses 15 anos, os meninos de hoje, a classe de hoje, ela é diferente de quando você começou?
M: Ah, muito diferente!

T: Aonde você vê a diferença.
M: Eu vejo diferença assim, em tudo, principalmente nos pais. Sabe. Assim, os meninos, quando eu comecei, você podia chamar a atenção, você podia ser mais enérgica, você podia exigir mais, apesar de que eu, apesar da educação estar muito mudada, de que muita coisa mudou, Terezinha, eu particularmente, acho que tem coisa que você não pode mudar. Eu sou totalmente a favor da mudança de tudo isso.

T: Mas eu acho que as vezes o povo confunde, Marly. Falar que muda, daí é prá largar mão. Eu tenho medo disso também.
M: Isso. Eu sou muito exigente, entendeu. Eu acho assim, que eu exijo o mínimo. Então, tem pai assim, antigamente, os pais falavam assim: "Não Marly, você aperta mesmo, é meu filho, é levado". Então, eles têm consciência.

T: E você acha que hoje é diferente.
M: Ah, hoje é. Hoje você não pode falar pro menino, que pai vem te cobrar. "Ah, você falou desse jeito com meu filho". Você quer ver um negócio? Eu sou muito assim, mãe. Apesar de eu ser muito brava, eu sou muito carinhosa. Eu beijo, eu pego no colo, eu abraço, eu tenho isso comigo. Entendeu? Então, no ano passado, eu tinha um aluno que vinha no frio, sem blusa de frio. Vinha só de camiseta. E eu ficava preocupada, porque chegava à tarde, na hora da gente ir embora, já estava frio. Porque muda o horário. Então eu escrevi no caderno de dever: "Manda um agasalho para o seu filho, porque na saída tá muito frio." Aí chegou uma mãe aqui e falou prá mim na porta, assim:" Você não acha que está tendo um excesso de preocupação, não? Você preocupa mais do que eu, que sou mãe."

T: Ela achou que você estava preocupando demais.
M: Achou que eu tenho um excesso de preocupação. Então, tem umas que acham ruim, as outras acham bom. Mas a maioria dos pais, hoje em dia, não gostam não.

T: Você acha que o pai acoca mais o menino.
M: De muito mais. E isso aí, prá gente, é horrível. Isso é péssimo.

T: Marly, então você acha que eles acocam mais.
M: è mais difícil você trabalhar com os pais do que com os alunos. Porque os alunos, é assim, você chama a atenção, não pode, choram, acham ruim. Então, isso aí, eu acho que prejudica demais.

T: E os meninos, você acha que eles também estão diferentes?
M: Ah, tão, lógico. Totalmente diferentes. Outra educação. Tem menininhos, que se você não for firme, eles abusam dentro da sala de aula.

T: Você acha que nesse ponto, por exemplo, assim, de limites, de respeito e de disciplina, eles estão completamente mais soltos do que no ano passado.
M: Muito mais ,nossa! Não tem nem comparação.
T: E estudo, por exemplo, você acha que o povo de hoje estuda mais?
M: Eu acho que os meninos de hoje, assim, eu não sei se é porque a gente tá muito avançado, eu acho a cabeça mais aberta.

T: Certo. Mais informado, né.
M: Mais informado. Não tem esse medo de falar, não tem medo de perguntar. Já no passado, os alunos tinham medo de abrir a boca.

T: Eram mais recolhidos, né.
M: Isso. Ficava cada um no seu lugar, quietinho, né. Hoje não. Hoje eles trabalham de tudo quanto é jeito. Um ajudando o outro, entendeu. Então, isso aí é ótimo.

T: Marly, você, por exemplo, acha que com todos esses desafios, você acha que hoje o pessoal está mais vivo, mais dinâmico, mais...
M: Muito melhor de trabalhar. Mesmo até o nível, porque na minha sala tem todos os níveis. Mesmo até o mais baixo, são crianças bem informadas.

T: Bem informadas. Isso. Diz uma coisa, e tempo. Como é que você reparte o tempo na sua sala. Você atende os meninos individualmente, tenta ver, etc. Você reparte português, matemática, você consegue dividir o dia de uma forma que produz, como é que você faz isso.
M: Consigo. Eu faço na 2ª. Feira. Eu dou a metade do tempo, tudo cronometrado, português e matemática. Certo? Aí, quando tem os dias de ensino religioso e educação física, nós ainda não começamos com as outras matérias. Só português e matemática, o básico. A sondagem, né. Geralmente no português e matemática e dever. E dá prá fazer tranquilamente, só que você tem que rodar o tempo inteiro. Agora, tem uma coisa muito importante, Terezinha. Mesmo os alunos, eu, na minha sala de aula, mesmo os alunos que eu vejo que tem muita dificuldade, eu nunca deixo ninguém perceber. As outras crianças.

T: Certo. É uma habilidade de você estar ali.
M: Prá não rotular aquele aluno.

T: E não discriminar, né.
M: Não discriminar. Porque isso aí é muito importante, sabe. A criança de hoje é muito viva. Então fica: "Ah, é mais atrasado..." Então, isso aí, eu vou na carteira, discretamente, eu procuro ajudar. "Olha, que coisa seu caderno tá muito..." as vezes tá horroroso, dá vontade até de chorar, mas vamos fazer mais bonito. Tem uns que até falam: "ah tia, eu posso tirar a folha e fazer de novo". Nossa, que ótimo, assim mesmo tira e faz de novo, entendeu. Agora, já tem pai que não gosta disso aí. Entendeu, Terezinha. Então, aqui no 1, a gente é muito cobrado.

T: Os pais aqui estão mais perto. Porque tem escola que o pai está mais longe. Aqui você sente o pai mais perto.
M: Sinto. Nossa! Aqui é demais. Aqui, em todos os sentidos. Você fez uma coisinha, de todas as maneiras.

T: Tanto de bom, como de ruim, ele está do lado.
M: Está. Agora, eu sou muito aberta a pai. Eu deixo o pai vir assistir a minha aula, a falar o que não está bem. Porque é um direito deles também. Porque, não é porque eu sou a professora, que eu sou a dona da verdade. Então deixo vir. Esse ano, porque eu não dei a primeira reunião, mas as minhas coisas, é tudo abertamente. Eu não gosto que pai marque o dia que vem. Porque senão, se marca, é muito bonito você fazer uma aula bonita, né. Então, eu gosto que venha. Fala: " hoje eu vim", e eu sou mesmo o que eu sou, e cobro se tiver que cobrar. E não tenho medo não. Apesar de ser difícil.

T: Você acha, Marly, vou perguntar duas coisas prá você, em termos até da sua vivência. Você acha que essa questão de não aprovar, reprovar, ciclo, ajudou o trabalho do professor, ou deu uma atrapalhada no jeito.
M: Eu acho que deu uma atrapalhada. Sabe porque, Terezinha? Um aluno de uma classe média, entendeu, por exemplo, tipo eu. Eu tenho uma filha. Graças a Deus, modéstia a parte, ela é muito inteligente. Eu falo que eu sou esforçada, mas ela puxou pro meu marido. Ela é muito inteligente.

Mas eu, você vê, eu que luto, eu não teria condição, se ela não fosse uma menina boa, de pagar uma aula particular prá ela. Certo? Agora, essa mudança aí, para o aluno, coitado, porque a gente tem aquelas salas, porque você sabe que existe em todas as escolas, que o povo que está lá fora, acha que só existe no 1. E existe, porque eu já trabalhei em última sala de uma escola. Então, geralmente, esses alunos de última sala, são meninos, porque que eles já não vêm bem. O meio em que vive, o nivel.

T: Certo. Problemas sociais todos.
M: Problemas sociais, econômicos, tudo, entendeu. Então, eles já vem com aquilo na cabeça. Que ele é pobre, que ele é menos do que fulano, sabe como? Então, ele não tem, as vezes não tem televisão, apesar da gente estar muito avançado, existe aluno que não tem televisão. O povo não acredita, mas se rodar, vai ver que não tem.

T: Com certeza.
M: Então, eu acho isso aí, isso é um problema muito sério. Então, essa mudança de ciclo, esse problema de não Ter a bomba prá esses alunos, isso aí é muito doloroso prá eles. Porque o construtivismo, uma criança do nivel, do médio prá cima, é ótimo. Vai pesquisar, eu não tenho, vamos ali, eu compro. Na minha casa eu assino jornal, revista.

T: Tem apoio em casa.
M: Tem apoio. E nessas vilas, como é que fica. Então, isso aí, eu acho que, prá criança, bem claro, prá criança, que realmente mora numa vila, que não tem como pesquisar, isso aí é triste. E isso aí, o professor tem que tomar muito cuidado com isso aí. Porque até em sala boa, a gente tem aluno que mora em vila, que não tem condição. Então, até nisso aí, o professor tem que procurar entender o outro lado.

T: E equilibrar.
M: Equilibrar e dosar. Eu, quando passo um trabalho prá todo mundo, eu não falo "você não precisa fazer". Mas o pouco que ele vem, prá mim já é muito.

T: Você vai considerar em função do que você sabe que ele pode produzir.
M: Toda vida eu fiz isso. E outra coisa, eu acho assim, que aquele aluno que não tem condições em casa, aí eu já cobro dele, de uma outra forma. Se ele sabe fazer melhor um desenho, " olha, o outro a tia vai pedir isso aí, agora, como você é um artista, a tia vai te pedir um desenho. Você vaai fazer prá mim o desenho". O outro que escreve bem, "você vai fazer uma produção de texto". Então, eu faço trabalhos diferentes.

T: Você vai aproveitando o que cada um pode produzir.
M: Prá também, não rotular, em questão de classe social. Porque aqui, prá mim, todo mundo é igual.

T: Legal;
M: Sabe. Isso aí é muito sério. As vezes há pessoas que não aceitam, né Terezinha.

T: Nossa. Não é brincadeira.
M: E as salas hoje, está tudo assim, viu. Tudo misturado.

T: Você sente que essa diversidade de criançada tá cada vez maior, né. Porque antigamente você tinha uma classe na escola, né. Hoje você tem....
M: Hoje você tem um monte de gente. Você recebe um monte de gente, entendeu.

T: Você acha mais difícil manter a disciplina.
M: Não. Disciplina, não. Eu não estou falando, na referência à minha pessoa, né. Eu, graças a Deus Terezinha, nesses 15 anos que eu trabalho, esse problema de disciplina eu nunca tive, entendeu.

T: Sei. Sempre teve manejo de classe.
M: Isso. Eu acho que eu manejo, em primeiro lugar. O professor que não tem manejo, ele, não adianta. Não adianta que ele não vai. Porque, como é que o aluno vai render. Então, o professor, ele tem que Ter manejo. Primeira coisa que ele tem que ter numa sala de aula. Depois que ele conseguiu, é onde a gente fala, nesse mês de fevereiro, eu até sou meio brava, porque eles estão vindo da primeira série, e tá acostumado. Porque 1ª. Série, você não pode, então inclusive, até eu falo. Uma porque eu não gosto de e outra que eu sou muito enérgica. Então, nesse mês de fevereiro, eu sou ali, mesma coisa de uma faculdade. Você entra, depois que a turma pegou respeito em você, aí pronto. Você vai embora. Eu nunca tive problema nenhum. E vou te falar outra coisa. Toda vida aqui, eu sempre peguei alunos bons e alunos levados, que davam trabalho.

T: Aí você consegue acertar as contas, nas regras do jogo.
M: Eu pego aquele aluno que é levado, por exemplo, eu estou com um menino esse ano, Terezinha, e esse é outro desafio. Mas esse é assim. Esse é a 1000. Esse é terrível.

T: Mas você vai enfrentar.
M: As vezes eu saio da sala e não tenho alguém para ficar lá prá mim. Correndo, as vezes eu tenho que vir aqui, eu falo: "O fulano, vamos lá com a tia, vamos apostar corrida prá ver quem chega primeiro". Porque se eu largar ele lá, o que é difícil de acontecer, mas esses dias, eu precisei vir aqui correndo, porque não pode deixar ele sozinho na sala. Mas uma coisa rápida. Aí eu vim com ele correndo, fomos, num minuto voltamos.

T: Até é bom para gastar um pouco da energia dele.
M: Mas sem ele sentir, porque se ele fica na sala, ele bate, Terezinha.

T: Você tem que ser meio artista mesmo, né.
M: É. Você tem que trabalhar, você tem que Ter energia. Agora, eu acho que todo professor, ele tem que pegar e trabalhar, com tudo quanto é tipo de sala. Tem que Ter rodízio.

T: Porque fica aquele professor que só pega as melhores salas, entre aspas, e aí só sabe mexer com isso.
M: eu não concordo com isso não, Terezinha., fugindo um pouco do assunto.

T: E no fundo também, ele tinha que Ter as melhores, né. Não, mas eu acho que é por aí, é.
M: É muito fácil você, é muito bom você ser bom, numa sala boa. Agora, eu quando era aluna da D. Maria Augusta, eu aprendi uma coisa com ela, que eu nunca mais esqueci. As melhores professoras, deveriam ficar nas piores salas. Porque nas piores salas é que você mostra se você realmente é boa. Inclusive, até lá fora, na rua, eu sou muito de mostrar o meu trabalho, no

decorrer do tempo. Mas então, até que você não mostre, vamos supor, se você fica só com aquele tipo de sala, você fica rotulada lá fora. Isso é um problema muito grave.

T: Exato. É. Mas é verdade.
M: As vezes, a própria escola rotula o professor, sem saber que está rotulando. E todo mundo lá fora rotula. Então, isso aí não está certo não.

T: O rótulo é ruim para o aluno, para o professor, para a escola também, porque de repente ela...
M: Justamente. Quando eu pego os meus alunos, eu peguei minha lista, né. Maria José deu no primeiro dia de aula. Eu nem sabia quem eu ia pegar. Aí, vem os nomes das professoras
Eu nunca cheguei num professor prá perguntar como é que é aquele aluno. Prá ela já não rotular o menino. Porque as vezes ele foi quieto no ano passado, esse ano ele é levado, ou vice versa. Ou se o menino o ano passado ele era mau e esse ano ele amadureceu.

T: Certo. Você tem que olhar o menino como se fosse a primeira vez que você está olhando para ele e tocar prá frente.
M: E tocar prá frente.

T: Certo.
M: Eu faço muito isso. Mas eu acho que o rodizio, ele tem que ser feito. Não pode ser só aqueles a vida inteira não. Sabe porque? Porque senão chega amanhã, seu filho vem prá cá, da maneira com que o professor é visto lá fora, até o professor te mostrar, até você mostrar pro pai do aluno que você é bom, tem que passar um tempo aqui na escola, você trabalhando com ele.

T: Aí perde o filho, perde todo mundo.
M: Então o que acontece. "Ah, me falaram que você é boa, mas prá domar". Quer dizer, prá domar não, né? Esta é uma palavra muito forte, né? Então, eu acho que não é por aí não. Isso aí, eu acho que isso até desincentiva o professor.

T: Desincentiva. É verdade.
M: Sabe, é a mesma coisa, você fala para um aluno, você não aprende, porque existe, é uma realidade nossa.

T: Você fala e o menino vai projetar essa imagem.
M: Se ele projetar isso, pior ele vai ficar.

T: É questão mesmo de como se enxerga, de auto estima.
M: Eu achei um negócio, uma coisa, anteontem eu derramei lágrimas na sala. Tem 15 anos que eu dou aula. Pela primeira vez então, eu falei: "Olha, vocês aqui são muito bonitinhos, estão numa sala muito boa. Agora, se vocês não trabalharem junto com a tia e cooperar, aí vocês vão ficar para trás." Aí um menininho, de um nível mais pobre, falou: "Tia, eu posso falar?" Eu falei: "Claro que pode, Francisco." Ele falou: "Não é a gente , não é a sala que é boa, é você que é ótima."

T: Gracinha.
M: Prá você ver, um menino de 2ª. Série. Esse menino é rico!

T: É, nossa!
M: Olha prá você ver a resposta do menino. E as vezes, essa classe, que a gente considera baixa, eles trazem muito mais coisas prá você, do que meninos do nosso nível.

T: Com certeza. Mas é verdade.
M: Muito mais. Então, isso assim, sabe, te levanta. Ele é lindo, o menininho. Tem uma inteligência Terezinha. Se você pegar o caderno dele, você baba.

T: Que gracinha. Vale a pena.
M: Vale a pena.

T: Marly, valeu o depoimento.

Professora: Joana

T: Joana, esse ano você está com qual série. Qual ano você está trabalhando.
J: 2°. Ano do 1°. Ciclo.

T: Isso. 2°. Ano. Quanto tempo você tem de professora.
J: 19 anos.

T: Que isso!
J: Fiquei 10 anos no Olímpio de Brito e prá cá eu vim em 92.

T: Certo. Joana, e você. Nesse tempo de professora, você sente que a criança hoje, na sala de aula, é diferente da criança de antigamente, de quando você começou?
J: É. É diferente. Porque antigamente, não é tão antigamente assim, mas é quase duas décadas, né.

T: Isso. Exato.
J: Então, a criança, até os próprios pais, eles consideravam a escola, aquele lugar que tinha que Ter um respeito. A escola era quase que a única fonte de informação, de conhecimento.

T: Era meio que sagrada, né.
J: Era sagrada. E tinha aquele respeito, né. A família ensinava os filhos a respeitar os mais velhos, aqueles valores que hoje, pelo fato das crianças ficarem mais sozinhas e quase sempre, pai e mãe trabalham fora, é só televisão. Então, hoje, essas coisas de crianças respeitarem os mais velhos, esperarem a vez de falar, isso aí está caindo. Porque? Porque é a realidade deles.

T: Vai mudando a relação deles na sociedade.
J: Então, antes, você era meio dono do mundo. Hoje não. A criança já trás muita informação. Muita informação. Prá escola, ela não é mais a que passa informação. Inclusive, a gente tem até que pensar no que discutir, porque não tem verdades eternas, né.

T: Certo.
J: Então, hoje a gente trabalha assim, mais com coisas que eles trazem prá gente. Eu, esse ano, por exemplo, comecei com a música "Aquarela". Dali, eles já trouxeram mais composições de Toquinho e Vinícius de Moraes, e já estão vendo de que músicas que gostam mais, sabe? Então, rende muito mais agora.

T: Rende. Muito mais. A sua sala, é uma sala boa, ou mais fraca. Como é que é.
J: Boa. Ela é muito boa.

T: Boa. Certo.
J: Todos estão lendo e escrevendo.

T: Certo.
J: Eles estavam, mais no final do 1°. Ano, do 1°. Ano do ciclo, eles já estavam completamente alfabetizados. Mas agora, no 2°. Ano, o que é normal né, eles já estão naquela transição da fase alfabética, para ortográfica. Então agora que a gente vai começar a trabalhar, prestar atenção na ortografia. Então, o próprio nome dos autores, o nome da música, através disso que eu estou mostrando as diferenças.

T: Certo. Você tem quantos alunos na sala.
J: 37.

T: Como é que você trabalha? Você tem, por exemplo, como é que você divide o tempo e o espaço, todo dia. Como é o seu trabalho todo dia.
J: Olha, agora, nesse mês agora, a gente está fazendo uma sondagem, né. Então, a gente ainda não esquematizou geografia, história, ciências, ainda não entrou. Nós estamos pesquisando a escrita, a oralidade, o raciocínio lógico em matemática, onde que está,como é que está, os conceitos que a gente já possui. Então, eu estou trabalhando português e matemática, todo dia. E eles tem educação física e educação religiosa.

T: Certo. E como é a sua rotina do dia.
J: A gente chega, faz uma oração. O ano passado eu comecei com muita dinâmica, sabe, Terezinha. E trabalho em equipe, a sala em círculos. Mas foi uma coisa que a gente, você aprende, você estuda muita coisa, e você quer por aquilo na prática. Mas, você imagina bem. Uma sala desse tamanho, o ano passado eu tinha 38 alunos. Colocamos as carteiras em círculos. E depois prá voltar. Então, a primeira semana o ano passado, eu comecei com muita dinâmica e eu achei que não foi legal. Então esse ano, eu comecei de um outro jeito. Eles escolhendo os lugares, a gente vê quem precisa ficar mais na frente, com problema de visão, essa coisa. Então, eu estou mais devagar. A gente está estabelecendo regras, juntos. E estou começando mais devagar, porque depois que eles tiverem aquela rotina, aquele hábito, aquele aprender a ouvir, aprender a falar, aí a gente vai pro grupo. Se você começa só em grupo, eles acham que tudo é festa.

T: Certo. O Joana, e aí então, normalmente é atividade que você faz. É com a sala toda e eles acompanham.
J: É com a sala toda, é junto é dialogado.

T: E eles acompanham
J: Eles acompanham.

T: Estão mais ou menos no mesmo ritmo.
J: No mesmo ritmo.

T: Então dá prá puxar numa coisa.
J: è, alguns, lógico, eu já estou começando a perceber as diferenças. Então, quando a gente percebe que o menino precisa de mais assistência individual, você puxa ele mais prá perto. Você já fica mais de olho. Eu já estou começando a perceber.

T: Certo. Joana, você acha, por exemplo, a questão dos pais. Dessa turma que você está agora, e mesmo a sua vivência, na relação com os pais, eles também mudaram? Você disse que os alunos mudaram e a fanília também mudou.
J: Mudaram Terezinha.

T: Como é que você sente eles hoje.
J: Hoje eles conversam com a gente assim, amigos mesmo, eles cobram o serviço. E eles questionam, eles querem entender porque, eles dão sugestões. Por exemplo, você vai organizar uma festa. Até certo tempo tinha uma festa de 4°. Ano. Então eles queriam a opinião dos alunos, eles achavam que os alunos deveriam decidir o que eles queriam e não a gente tomar as decisões. Sabe. Então eles estão muito mais próximos.

T: Próximos.
J: Tem aqueles que são alheios, mas eu, particularmente, assim, eu nunca tive problemas com pais não. Sempre a gente conversa, eu me coloco à disposição, a gente tem sempre um contato através do caderno. Eu sou muito de escrever. Escrever o elogio, escrever se precisa atenção. É o meu jeito de ser.

T: Joana, você pegou turma melhor, ruim demais, você teve experiência de pegar turmas fracas?
J: Não. Eu já peguei, quando eu vim prá cá em 92. Eu cheguei aqui, tinha um medo do 1, porque aqui, tem uma aula, né, aquela coisa. Escola do centro, muito exigente, muito isso. E é o que eu queria mais. Eu lembro que eu ficava aqui na praça e não tinha coragem de subir. Prá pedir mudança, prá conversar com a Maria Helena, antes de pedir, lógico. Aí, o primeiro ano que eu vim para cá, a Maria Helena me deu uma primeira sala. Eu emagreci de preocupação. Porque a metodologia aqui, era diferente da que eu estava acostumada. Não que eu não soubesse, mas aqui era tudo mais organizado. Era diferente. Então, penei. Mas foi tudo bem, tudo ótimo. Mas foi um sofrimento meu, né. Quando foi no ano seguinte, ela me deu a última sala. Ai eu levei um choque. Voltei prá casa, na hora que eu peguei a lista, falei: "Gente", tinha acho que uns 30 meninos e 13 meninas. E ainda era época de série. Então tinha aqueles meninos de 14, 16 anos, uns com problema de fala, todo tipo de comportamento, tudo que você pensasse. E era um 2°. Ano. Meninos mais velhos, aqueles meninos maiores. Falei: "Meu Deus, o que que eu vou fazer". Aí, cheguei em casa chorei, chorei e falei o que eu fiz de errado. Liguei para a Maria Helena, aí ela me falou: " Olha, o professor tem que ser testado em todas as salas. Você saiu muito bem com a primeira sala. Agora, eu quero ver como você vai sair com a última. Não aconteceu nada." Eu falei: "Não aconteceu nada?" Ela: "Não." Falei: " Então tá, tudo bem." Aí, eu lembro que eu cheguei, chegava uma professora na minha sala, olhava: " Nossa, aquele ali é filho de, o pai é

presidiário. Aquela ali é isso, aquea ali é isso. Falei: "Aqui gente, eu não quero saber. Chega, não quero saber." E aí, menina, eu comecei a trabalhar com eles assim, do jeito que eu achava que tinha que ser.

T: A partir deles ali.
J: É, do jeito que eu achava que tinha de ser. Eles não tinham o hábito de organizar um caderno, entendeu. Aí eu comecei a fazer isso com eles. E o que eles não sabiam, eu ensinava, sabe. E a gente foi criando laços. E eu não tive nenhum problema, Terezinha. Nem um problema. No final do ano, foi uma coisa que me marcou muito. Porque, no final do ano, eu me senti muito melhor do que no ano anterior.

T: Sei. O desafio foi maior.
J: É. E no final do ano, sempre aqui no final do ano, eles fazem uma reunião, prá gente escrever num papelzinho, a preferência para o próximo ano. Eu pedi a última sala de novo. Aí eu fui pedindo a última, a última, a última. Até eles me pedirem prá voltar prá primeira. Aí eu não quis. Mas é que valeu a pena. Depois a gente senta... mas foi uma coisa muito boa. Então eu conheço a última e a primeira. O ano passado, o ano atrasado,, eu peguei a supervisão aqui. E peguei 1°. Ano. Supervisionar 1°. Ano. Então, aí, quando você está dando aula, você conhece a sua sala. Mas quando você entra em contato com oito turmas, você sente a diferença.

T: Supervisão de todas as turmas, é. Você acha que funciona esse negócio de agrupar a última turma, a primeira turma, ou a experiência de fazer salas mais heterogêneas funciona. Como é a sua posição nisso?
J: Olha, Terezinha, eu tenho 19 anos que eu trabalho. E uma das coisas que eu acho que é mais difícil, como professora, é trabalhar de maneira diversificada. Prá mim, é o mais difícil. Outros podem até Ter facilidade. Mas que realmente funcione, que me prove com resultados que funcione, eu tenho medo, sabe. Agora, hoje, o ano passado por exemplo, eu estava no 2°. Ano também. Não era homogênea. E até hoje não existe o homogêneo.

T: Isso. O homogêneo mesmo.
J: O homogêneo, não tem não. Você tem alunos ótimos, excelentes, você tem aqueles mais devagar, você tem aqueles fracos. Agora, pensa bem. Você pega uma sala, 2°. Ano, que já está lendo, escrevendo, que está indo embora, que está afim demais, e você põe ali, um menino que não consegue, como é que fica. Prá mim, eu não sei não, eu não sei trabalhar. E quando a diferença é muito grande! Eu penso que prá mim é um grande.....

T: Certo. E nesse ponto agora, com as mudanças que o Estado fez, questão de aprovar, reprovar, preocupação de ciclo, você acha que isso é o caminho certo? Ou você acha que o ciclo, no fundo, no fundo, ainda tá só no nome? Como é que você vê isso? Ciclo, série.
J: Ah, Terezinha, antigamente já teve o ciclo básico. A proposta dele, a idéia dele, era excelente. Todo mundo falou que não deu certo, porque ninguém fez do jeito que era prá fazer. Então, eu acho que é muito cedo prá gente falar se está certo ou se não está. Agora, que eu acho que ele é muito mais justo, ele é. Sem dúvida. Esse negócio de repetir, tem que Ter muita consciência. A gente precisa continuar, de onde o aluno está, né.

T: O conhecimento, né. A maneira de saber o que você faz com o aluno, o estado em que você pega ele.
J: Agora, eu, mesmo quando estava em série, por exemplo, se o menino não sabia uma coisa, vai, eu estou aqui prá que? Prá ensinar, né. Então, eu vou ensinar aquilo que ele precisa. Então, prá mim, pro meu jeito de trabalhar, não notei muita mudança não. Porque eu já pensava assim.

T: Você já achava que tinha de partir do menino e não da série padrão, né?
J: Acho. Inclusive, repetir eu acho cruel. Você vê um filme outra vez? Se você para o filme naquela parte, você continua vendo. Você pegar todo dia, de novo, né. Tadinho. Eu tinha pena. Essa turma mesmo, que estava comigo, essa que eu te falei que me marcou tanto, tava naquele negócio de repetir, repetir, repetir.

T: É. Joana, você aqui na sua experiência, nas salas que você já pegou, etc. Então, quando um menino é muito diferente, por exemplo, você pega um menino até especial, ou com uma deficiência. Você acha que na sala comum, é muito difícil ele adaptar, quando a diferença é muito grande?
J: Ah, Terezinha, eu acho que a professora tem que ser muito capaz. Porque se não for...

T: Acaba piorando as coisas.
J: Acaba piorando. Eu acho. Esse ano que a gente estava, que eu fui supervisora aqui, eu até coordenei, a Maria Helena, pediu prá eu coordenar as reuniões com os pais, prá gente montrar a proposta da escola, se preferia ciclo, ou série. Então, quando você começava a falar, o que eles mais, a resposta que você tinha, era o que: eles queriam nota. O aluno que não soubesse, não podia passar. Eles querem uma escola que fazem os filhos serem uma pessoa de bem. Por isso que esta escola é muito procurada. Aquela visão de que aqui, o filho vai sair com um futuro. Então, a gente estudava muito. Eu coloquei até em números. Eu lembro que a gente tinha 8 turmas, tinha quase uns 250 alunos de 1°. Ano. E desse 250, tinham, com problemas de dificuldade mesmo, para aprender a ler e a escrever, 25. Então, a gente tinha um projeto paralelo, de assistência para essas crianças. Então seria 10% de 250. Desses 25, 5 não conseguiram aprender a ler e a escrever.

T: 20 foram.
J: 20 foram. Então, em 250 alunos, 20 não conseguiram.

T: É. È um resultado muito bom.
J: E a gente fazia de tudo, sabe.

T: E esses 5 que não aprenderam. O que que era. Era deficiência deles mesmo?
J: É. Eram muito carentes, Terezinha. Era carência de tudo> Você entendeu? Inclusive, tadinho, eu olhava a merenda, eles comiam, era fome. È carência de tudo. De estímulo, de brinquedo, de presença, de tudo. Muito pobres.

T: Nem mexeram com outros módulos, nada. Eles não deram conta.
J: Não. Tinha dia que eu ia paracasa, e dizia que eu me sentia como se fosse um médico que não soubesse cuidar daquele paciente. Você fazia tudo pro menino entender o que era "a", recortava, colava, montava. Era joguinho, tudo que a gente podia, numa salinha assim, de 5 em 5 alunos.

Trabalhamos só, você entendeu. Passava um minuto, você perguntava que letra era essa: "Não sei". Então, isso dói.

T: É, dói. A gente se sente assim, impotente.
J: Dói. Me dá uma angústia. Mas, se você for pensar em tamanho de escola. Mas a gente ainda preocupa.. Agora, eu acho que esses meninos, eles tinham que Ter uma assistência maior, além do que a escola normal pode dar.

T: Diz uma coisa. Você, até uma opinião sua. O que está chegando, eu tenho conversado com professores de 5ª. a 8ª. Da prefeitura, que eu estou voltando agora. Todo dia de manhã, eu estou em uma escola. Porque que tanto menino da 5ª. Série, chega sem ler.
J: É o caso desses meninos. Aqui, tentou, tentou, tentou. Tinha uns até que estavam no 4°. Ano, Terezinha. Eu já tinha trabalhado com eles, eu já tinha dado reforço prá eles, no 1°. Ano, que eu te falei. Eles começaram a entender, a entrar na cabecinha, quando eles estavam na 4ª. Série Tem um processo aí de vago, de ritmo devagar deles. Então, eles estavam começando, a gente estava tentando.

T: Que talvez então na 5ª., se pegasse por aí...
J: Pois é, mas existem esses meninos que tem esses problemas. Existem. Eles vão aprender. Ao passo que a minha filha, meus alunos vão aprender com 6,7, anos, eles vão aprender com 12, 13. Agora, acontece o seguinte, chega na 5ª. Por exemplo.

T: As vezes eles são excluídos, porque falam "não sabem ler".
J: Se ele não sabe ler, nem escrever, o ciclo não é para acompanhar o ritmo de cada um? Então eu tenho que dar aquilo que ele precisa.

T: Exato. Pegar o menino do pé que ele está e...
J: Porque a escola aqui, você não pode segurar. A Maria Helena, as vezes, já teve brigas homéricas, de ver que o menino não podia ir. É até um problema de consciência da gente. Mas o Estado breca. Não pode, você sabe como é que é. Mas existe.

T: Certo. O Joana, valeu. Acho que todas as opiniões, esse jeitão que você veio. Bom que você teve, foi supervisora também, tem essa visão também, não só de uma turma, mas também do fluxo todo, né, da escola. Legal. É por aí mesmo que a gente queria, prá ver o que vale, o que que funciona, como é que você sente.

Professora: Helena

T: Helena, você é professora, esse ano, em qual turma.
H: Eu estou com o 1°. Ano do ciclo intermediário.

T: 1°. Ano do ciclo intermediário. Quanto tempo você tem de professora?
H: 6 anos.

T: Certo. Nesses 6 anos de experiência, você sempre trabalhou com criança dessa idade, ou sua experiência variou.
H: Não, variou. Eu só não trabalhei com 3°. Ano do ciclo. Mas eu tenho experiência com 1°. Ano, três anos de 1°. ano do ciclo básico, com 2°. Ano também trabalhei três anos e com o 4°. Ano, aqui na escola, principalmente, é meu terceiro ano. Mas eu já trabalhei em outras escolas com o 4°. Ano. Só que assim, 6 anos, porque eu trabalhei em escolas em dois turnos.

T: Em dois turnos, certo. Helena, me diz uma coisa, você, nesse tempo de experiência, você está vendo as crianças, são 6 anos, é até bom para fazer a comparação. Você acha que as crianças hoje, são diferentes de quando você começou, a 6 anos atrás? Parece pouco tempo, mas como é que você vê isso.
H: Eu acho que são diferentes, principalmente na parte dos limites. Eu acho assim, que hoje em dia, elas são mais, com relação a antes, elas são mais agitadas, tem mais dificuldade de se concentrar.

T: Nesses 6 anos, você já sentiu diferença.
H: Já senti diferença. E a parte da aprendizagem também, parece que antes elas pegavam com mais facilidade. Agora eles são mais dispersos. Mesmo porque, eu acho assim, que a escola, ela fica muito a desejar na parte,... a criança tem computador em casa, televisão, e a escola ainda é meio, com relação a isso, é paradinha ainda. Não é sempre que a gente pode passar um filme. Nem sempre a escola tem um local disponível.

T: Você acaba achando que a sala de aula é aquém da realidade da criança.
H: Eu acredito que sim. Porque muitas vezes a gente dá um deverzinho, por exemplo, o aluno trás aquele dever no computador. Mesmo aqui que é uma escola estadual.

T: Pública, mas tem uma clientela que tem computador.
H: Então, a gente sente que a sala de aula, aquilo é pouco para ele.

T: Certo. Helena, me diz uma coisa. A sua sala, ela é 1°. Ano do intermediário. Ela é a sala melhor, pior, como é que é. Quem são os seus alunos.
H: Não. Os meus alunos eles, eu considero a minha turma, uma turma boa, muito boa. Mas ela não é a primeira sala. Se for comparar, aqui ela é a terceira sala. Mas eles são de um nível bom de aprendizagem. Tem dificuldades sim, mas não é uma sala ruim.

T: Quantos alunos você tem.
H: 37.

T: Como é que você faz para lidar com 37 alunos no dia a dia. Como é o seu dia. Conta um pouco para mim do seu dia.
H: Bom, assim, no caso quando aparecem dificuldades no trabalho, eu procuro trabalhar de forma diversificada. Eu até me considero criativa. Então, eu procuro assim, tem dias que eu trabalho aula tradicional, outro dia eu já procuro inovar com jornais e revistas, livros. Outro dia, se é possível passar um filme, eu passo. Se é possível fazer um trabalho fora da sala de aula, extra classe, eu faço, trabalho em equipe. Eu vou sempre procurando mudar sim . Agora, quando eu encontro, no dia a dia, um aluno que tem dificuldade de aprender aquilo que eu estou trabalhando, eu vou gradativamente.

T: Você tem um plano, quer dizer, você chega, tem uma aula estruturada, ereta, você tenta que a classe acompanhe. Quem não acompanha é que você vai fazer um atendimento.
H: Aí eu faço esse atendimento. Aí eu procuro também, de diversas formas. Eu tenho um roteiro de trabalho e vou seguir aquele roteiro, em primeiro lugar. Então, eu dou a minha aula de acordo com o que está ali, naquele papel. Se eu observar que o aluno não aprendeu, eu procuro novamente daquela mesma forma. Porque as vezes, naquela hora, ele está meio desligado. Se eu percebo que daquela Segunda tentativa não foi possível, eu mudo o meu jeito de explicar, mudo o jeito de trabalhar. Se aquela aula foi espositiva, procuro fazer em equipe, eu procuro ir na carteira, eu procuro fazer assim. Se mesmo assim, não foi possível, eu tento trabalho dois a dois. Então, eu vou jogando: dois a dois. Equipe, de mais alunos, atendimento individual na minha carteira, eu vou fazendo assim.

T: E como é que você vê os pais, eles acompanham? Os pais dos seus alunos. Você sente eles presente na escola? Como é que você vê isso.
H: Bem, desde que eu trabalho aqui, nessa escola, eu peguei uma clientela bem participativa. Nos últimos três anos, eu peguei salas de pais que participam, que acompanham o caderno, a gente observa. Dão uma olhadinha pelo menos no dever. Reunião eles estão sempre presentes. O que a gente pede, o que a gente solicita, eles tem colaborado bastante.. Com relação a isso, eu não tenho do que reclamar.

T: Helena, me diz uma coisa. Você na sua sala, dos 37 alunos, que é uma sala que você considera boa, tem alunos muito fracos, quer dizer, tem algum tipo de desnível, por exemplo? No geral eles são bons, mas você tem pontos de estrangulamento?
H: Não. Eu tenho alunos mais fracos, mas muito fracos, não.

T: Você não tem nenhum tipo de aluno que você consideraria totalmente especial.
H: Não. Na minha sala, não. Estão todos ali, no mesmo patamar.

T: Você não tem nenhum diferente totalmente, dentro da sua turma.
H: Não. Todos eles estão dentro do nível. Tem alunos que escrevem melhor, tem alunos que escrevem pior. Mas eu acho que isso é bem normal. Tem aluno que pega com mais facilidade, tem aluno que demora mais um pouquinho. Mas não tem nenhum caso especial não.

T: Você não tem nenhum aluno que não seja alfabetizado.
H: Não. Não tenho nenhum. Inclusive, naquela parte que você me perguntou como é que eu faço no trabalho com eles, quando algum apresenta alguma dificuldade, eu também, depois de várias tentativas, eu também recorro na escola, à supervisão. Porque a Gilda, ela ajuda bastante a gente. Então, se é necessário, ele tira, ela orienta a gente, no caso, a professora. Ela trabalha também, diferente com o aluno. Porque, as vezes, uma outra pessoa, tem uma outra maneira de ajudar, fora da sala. Porque as vezes, o próprio colega explica na linguagem da gente, do professor também, né. As vezes explica na linguagenzinha dele. Mas, as vezes, ele acompanha a minha linguagem. Então, as vezes a Gilda me ajuda também. Ela está sempre presente ali.

T: Helena, qual é a sua opinião, nessa estrutura da escola hoje, na questão de não reprovar, do ciclo, como é que você vê isso?
H: Olha, eu acho assim, Terezinha, uma opinião bem particular. Eu acho que tem casos que não tem como, que teria que reprovar mesmo. Na minha sala, eu não tenho desses casos. Mas eu vejo

as minhas colegas aqui, e eu não sei como elas trabalham. É milagre até que fazem. E mesmo assim, no final do ano, ainda não tem aquele resultado. Porque eu acho que antigamente, na minha época, quando reprovava, a gente tinha o tempo de se preparar melhor, com uma outra turma, que estava no nível da gente. Que a gente estava no nível da turma. Porque essa história de não reprovar, eu acho que ela só atrapalha. No final, eu acho que ela não tem resultado. Um resultado satisfatório. A criança, ela fica assim

T: Você está falando do ponto de vista do professor. E para a criança? Você acha que reprovar é bom?
H: Eu acho.

T: Em que sentido, Helena.
H: É uma chance que ele tem de fazer melhor aquela série, de aprender mais. Porque quando ele vai adiante, quando ele não é reprovado, prá ele é uma situação ruim do mesmo jeito. Porque ele chega na série adiante e ele tem que ficar. Tem que ter com ele, um trabalho paralelo. Tem que trabalhar devagarinho. Muitas vezes ele sente que é por causa dele. Não que a professora vá fazer aquilo, já para o aluno sentir que é por causa dele. Mas a criança não é boba. Então, na minha opinião, eu acho que a reprovação é importante sim. Não no sentido de castigar, é para aprender. Eu acredito que sim.

T: Helena, como última pergunta. Você acha que a escola hoje, no mundo de hoje, com esse tipo de comentário que você fez, que as vezes ela está até abaixo do desenvolvimento da sociedade, não é, o que ela está fazendo é suficiente? O que mais a escola deveria fazer, no mundo de hoje. Qual seria da escola. O que você acha. O que você enxerga.
H: Ah, eu acho assim, que a escola, como é que eu digo meu Deus. Bom, ela tem que entrar mais no desenvolvimento tecnológico.

T: Certo. Ela tem que acompanhar mais.
H: Tem que acompanhar mais. Até mesmo porque, nessa parte que eu falei, que os alunos tem computador e tudo, não é só o computador. Mas é um exemplo. Eu acho que ela ainda está...

Professora: Vilma

T: Vilma, você está com que turma esse ano.
V: 3°. Ano

T: 3°. Ano do ciclo básico. Quantos anos de professora você tem.
V: 15 anos.

T: Quando a gente começa perguntar, né. 15 anos. Então. Você vê diferença, de quando você começou e agora? Os alunos são diferentes?
V: São. Eu vejo diferença tanto na prática da gente. A cabeça da gente vai abrindo. Muita coisa que a gente não entendia. Por sinal eu penso assim, que o magistério, na hora em que você está madura, está na hora de você sair. Eu penso assim. Você vai aprendendo. Cada ano você aprende

mais a lidar com as crianças, a manejar. Uma coisa que você fazia, não dava certo, de repente, você começa a fazer e de repente as crianças também começam a mudar.

T: Quem muda não são as crianças. Mudamos todos nós.
V: Sim. Todos nós, a sociedade.

T: Certo. Você viu hoje, a realidade dos seus alunos, diferente. Como é que você diria que os alunos são hoje, na sala de aula. Como é que você sente eles.
V: Eu acho, que a cada ano que passa, é mais difícil. Não adianta você querer ser autoritária com as crianças. Eles dominam mais, eles cobram mais. Agora, tem a questão da falta de limites também. Porque a criança cobrar, é uma coisa boa. Mas tem um lado negativo também. Eles não sabem esperar a vez, não entendem a situação do outro também. Que o outro também tem o mesmo direito que ele.

T: Também quer falar na mesma hora as vezes, né.
V: Eu acho que a cada ano está mais difícil trabalhar com as crianças.

T: Trabalhar, para administrar o coletivo, né.
V: Isso. E a gente tem que trabalhar muito o coletivo. Cada vez mais.

T: Vilma, a sua turma de 3°. Ano do ciclo básico, aqui na escola, é a primeira classe? Os seus alunos são mais ou menos, como é que é.
V: De médio para melhor.

T: De médio para melhor, tá. Você não tem nenhum aluno que não saiba ler.
V: Não tenho.

T: Todos lêem.
V: Todos lêem.

T: Níveis diferente.
V: Níveis diferentes. Tem criança de todo jeito. Mas eu penso assim. Tem aquela criança, que tem mais facilidade. Eu sempre vi isso até em turmas com bastante dificuldades, que eu já trabalhei. Ela sempre é boa em alguma coisa. Tem criança que é ótima em português. Desenvolve uma produção de texto excelente. Mas tem alguma coisa em matemática, que ela não sabe. E eu trabalho com aquela situação. Que eu falo que é o anjo da guarda. Um que sabe, que tem facilidade, ensina aquele que não sabe.

T: Isso funciona na sala de aula? Essa dupla que você põe, um ajudando o outro?
V: Só que eu tenho que mostrar, que vai ter um momento, que vai haver uma troca. Quem está ensinando, vai Ter uma hora, que ele vai aprender com o colega do lado.

T: Prá não ficar aquela imagem de que um sabe tudo.
V: É. Eu sou fraquinha, eu preciso do outro.

T: Isso precisa ser bem trabalhado, né.
V: Eu acho. E ele tem que saber, que tem alguma coisa que domina. E nós temos que observar, para descobrir isso.

T: Para até todo menino Ter alguma coisa para ensinar ao outro.
V: E agora eu reparei, é muito interessante, que tem aquela criança, que aceita ajuda. No começo fica receosa. A que aceita, logo ela desabrocha e vai longe. Agora, tem aquela que não consegue ver o erro. "Eu sei tia, eu não preciso do outro."

T: E esse daí não anda, então.
V: É mais difícil. Eu tenho crianças desse ano, que até agora eu não consegui ajuntar. Ela já experimentou vários colegas. Eu não obrigo.

T: Vários parceiros. Porque as vezes encaixa com um e não encaixa com outro.
V: É. Tem criança que já experimentou vários e não achou ainda. O colega do lado não gosta de ficar com ele, e ela também dá um jeitinho de separar. E essa criança demora mais para aprender. Eu tenho dois nessa situação esse ano.

T: Olha que interessante. Eles são mais resistentes à ajuda. É mais difícil de encaixar.
V: E ele não percebe o erro. Eu notei isso. Tem criança que não percebe o erro.

T: Ela não percebe o erro. Então, ela não quer ajuda.
V: E é uma coisa fundamental você trabalhar. A criança tem que saber aonde ela está errando, para ela conseguir melhorar.

T: Exato. Você vê, na vida da gente, quando a gente se sente certo, a gente não cresce. A pessoa auto suficiente, né. Não está nem aí, né. Vilma, como é que você trabalha todo dia. Quantos alunos você tem na sala.
V: 34.

T: Como é que você trabalha. Você dá uma aula geral, vai de carteira em carteira. Conta para mim o seu dia a dia.
V: Eu acho engraçado, que eu não tenho uma forma certa de trabalhar. A gente tem que saber o que você quer da criança, porque senão você se perde. Mas sempre assim, saiu alguma coisa diferente, eu aproveito aquilo. Eu sei o que eu tenho que trabalhar na 3ª. Série. Surgiu algum assunto de interesse, eu aproveito aquilo e focalizo o que eu tenho que trabalhar. Agora, eu acho que o professor tem que olhar o caderno das crianças. Mas é impossível olhar todos os cadernos, todos os dias. Hoje, estou trabalhando o calendário com eles. Enquanto eles faziam, eu comecei a ver o dever. De repente, não deu. Eles terminaram e começou aquela agitação. Aí, corrigi o dever no grupo. Então, um pouco eu corrijo no caderno, um pouco no quadro, uma criança corrige do outro. Então, tem várias formas de correção. Mas a gente está sempre olhando. Quando eles corrigem, a gente dá uma olhadinha. Mas não consegue olhar de todo mundo. Isso não adianta. Mas eu gosto de ver todos os cadernos, e eu dou também, uma folheada para trás. Porque tem criança que tenta enganar a gente.

T: As vezes não faz de propósito.
V: As vezes eles dão certo e a gente ainda não corrigiu. Aí eu pergunto como eles sabem que está certo.

T: E o que eles respondem.
V: Pode ser auto confiança. "Tia, mas eu sei que acertei. Não tia, eu não vi que a senhora ainda não tinha corrigido."

T: As vezes é distração, as vezes até auto confiança exagerada. Você divide português primeiro, depois matemática, no horário?
V: Eu não divido. Por sinal, eu uso dois cadernos. Um para matemática e outro para português. Um para ciências e outro só geografia. Mas tem hora, igual hoje. Eu trabalhei calendário. Aí tem o dia da mulher. Eu já comecei o trabalho de pesquisa, no caderno de matemática mesmo. Se eu mudar de caderno, vira aquela... Será que eu sou confusa...

T: Porque na realidade não é repartida. A escola é que...
V: Tem hora que eu me cobro "será que eu não estou confundindo a cabeça das crianças?" Porque que eu vou mudar de caderno, se aqui nós grifamos o dia internacional da mulher. Agora eles vão fazer um trabalho de pesquisa, que vai entrar história, português e tudo, mas eu posso ficar nesse. Então eu mostro para as crianças, gente é tudo junto. Quando eu estou escrevendo em palavras os números por extenso, eu estou usando o português. E no português também, a gente usa a matemática, né.

T: É. Tem um pouco de cada conteúdo, mas também está muito ligado um ao outro.
V: Mas eu reconheço que tinha que ser um caderno só.

T: E você conseguiu integrar em dois já.
V: Em dois.

T: Está chegando lá. Porque tem professor que tem dez, né.
V: Então.

T: Vilma, e os pais. Como é que você sente os pais. Na sua experiência mesmo. Não só os desse ano, porque desse ano, você os conhece pouco, porque esyá começando. Mas como é que você vê a participação dos pais no mundo de hoje.
V: Sabe o que eu penso? Primeiro, eu acho que, eu tinha mania "ah os pais não ajudam, os pais não fazem isso, deixam por conta da gente." Realmente, cada dia que passa, está mais por conta da escola. Estão jogando tudo em cima da escola. Mas tem certas coisas que não adianta você cobrar dos pais. Eu converso com os pais, eu peço, olha, seu filho está precisando disso."

T: Para ele até estar acompanhando, né.
V: É. As vezes eu faço uma observação no caderno: " o seu filho está com dificuldade nisso, ele precisa treinar isso." Mas eu sei que o trabalho é meu. Eu fuipreparada para trabalhar com a criança, para ajudá-la a se desenvolver.

T: Isso é interessante, porque geralmente, o professor joga para o pai. Ele é que joga, né.
V: Então, eu acho que não adianta eu cobrar do pai. Eu tenho que mostrar para ele.

T: Tem. Ele tem que saber o que está fazendo falta.
V: Sim. Eu pergunto, procuro ver em que o pai pode me ajudar, e muitas vezes ele fala que vai ajudar e não ajuda. Mas eu não culpo. Eu acho que o pai não tem preparo para ajudar. Eu reparei que as crianças estão na 3ª. Série, e tem dificuldade na caligrafia. Não é uma coisa essencial, mas eu tenho que trabalhar com eles. Eu penso assim, né. Como que um pai vai trabalhar caligrafia. Será que ele sabe o traçado direito? Ele vai olhar, vai ver. Porque tem criança que é muito lenta e a gente vai observar, é o traçado da letra. Ele faz tanta volta no "o", no "d". E você olhando, parece que a letra é certinha. E não é.

T: Não é. Porque, as vezes, na hora de traçar, ela ficou...
V: É um trabalho que eu tenho que fazer. Eu posso pedir para o pai ficar com a criança. Igual nos deveres de casa, trabalho de entrevista, que tem que fazer com o pai. Mas os trabalhos que eu dou, eu só falo para o pai observar o capricho da criança, o cuidado. Mas o pai não tem que se envolver.

T: Como professora, Vilma, você acha mais fácil trabalhar com turmas relativamente homogêneas, ou quando você tem crianças muito fracas e muito fortes, ajuda.
V: Olha, até o ano passado, eu peguei um aluno, que estava numa sala, com bastante dificuldade. A minha turma, o ano passado, era bem heterogênea. E era esse trabalho, um ajudando o outro.

T: Certo. Você acha que funciona.
V: Eu acho que funciona. Só que eu acho, que não pode Ter muita diferença. Aquela criança, que pega tudo no ar, e aquela que tem dificuldade.

T: Acaba uma matando a outra.
V: É. Agora, se tivesse menos alunos, seria mais fácil. Mas não adianta você pensar no "se";

T: É. Tem que ver o que você tem na frente.
V: Mas com muita dificuldade, você consegue trabalhar bem. Tem um aluno, que ele dava trabalho na outra sala. Tinha dificuldade. E um dia eu vi ele e falei: "Vou pegar ele para mim". Não que ele acompanhou a minha turma. Mas, o pouco que ele fazia, eu achei que ele rendeu. Dentro da capacidade dele. Porque tem gente, quando vai trabalhar com a criança que tem mais dificuldade, todas elas, você tem que ver a capacidade dela. A criança boba, você tem que puxar muito. Não adianta você contentar com o que ela faz. Tudo bonitinho, certinho. Você sempre tem que ir além. E o mais fraquinho, você tem que respeitar o que ele faz. Então, dentro do limite dele, eu achei que ele evoluiu muito na minha sala.

T: Se você pega uma turma, a primeira da escola. Só aluno bom. Você acha que eles rendem mais do que se tivesse misturado? Heterogêneo?
V: Eu acho que ajuda muito. Primeiro, porque a gente não tem que pensar só no conteúdo. Porque se você for pensar em quantidade, você só colocar conteúdo para ele aprender, pesquisa, vai render mais. Mas a criança tem que aprender a respeitar o outro. Se tem uma criança mais fraca, ela vai Ter que esperar. As vezes, eu falo com eles, eu terminei a atividade, tem criança que ainda não terminou. É a questão do respeito, do trabalho em grupo, saber o limite do outro.

T: Você está falando isso, eu estou lembrando que, eu sempre falo, antigamente, quando não havia computador, não havia nada disso, a escola tinha que, realmente, dar aquela quantidade de conteúdo. E os melhores saíam na frente. Mas hoje, se você precisa de quantidade, você tem máquinas que te dão isso.
V: Eu não preocupo com quantidade. Eu falo para os pais. Eu não tenho pressa.

T: Mas você está trabalhando não só o conhecimento.
V: É a criança como um todo. A formação, o respeito entre eles. Eu não aceito que colega fofoque de colega. Vocês são amigos. Eu posso corrigi-los. Esse negócio de anotar nome de colega. As vezes eu preciso sair: "Tia eu posso anotar o nome?" Eu não aceito. Vocês são amigos.

T: Vilma, você acha, com os seus 34 alunos que você tem lá. Dá para trabalhar em equipe com eles? Ou como tem muita gente, no máximo dupla? Como você mexe esse coletivo.
V: Eu gosto muito de trabalhar em equipe. Se bem que eu acho que precisa do individual, também. E, as vezes, no trabalho em grupo, se é para conversar e discutir, cada um tem que fazer a sua anotação.

T: Isso. Para não ficar no parasita, né?
V: É isso mesmo. E o que eu percebo, que eles estão em grupo, mas cada um por si. Cada um escreve uma coisa. Eu acho que na 3ª. série, eles ainda não têm noção. Mas eu estou trabalhando, ajudando a formar. Então, eu observo muito essas coisas. Eu dou muito essa orientação. As vezes não chega naquele resultado que você quer. Uma apresentação de trabalho perfeita. As vezes sai sim. Mas eu sei que, as vezes, é um ou dois, num grupo de cinco. Mas acaba cada um fazendo a sua coisa. As vezes, eu peço trabalho em grupo para apresentar lá na frente, Cada um faz a sua coisinha. Mas eu aproveito tudo para orientá-los. O grupo não é assim. Se você não está concordando com o que ele está fazendo, você tem que entrar num consenso.

T: Isso tem que ser trabalhado no dia a dia, porque senão, vira ficção, né. Faz de conta que foi grupo, mas não foi.
V: E eu acho, que na 3ª. Série, a gente está ajudando a trabalhar em grupo. Eles ainda não sabem. Não é fácil. Você sai da sala meio zonza. Mas é a hora que você vai ensiná-los. "Gente, tem que falar baixinho." Ou quando você sai para fazer um trabalho lá fora. Você tem que orientar. "Os outros estão estudando, nós também estamos estudando, não é brincadeira." Você vai aproveitar isso para ensiná-los a trabalhar em grupo.

T: Você acha que esta questão das regras em sala de aula, todo dia tem que estar insistindo, né?
V: Todo dia. É uma coisa que leva tempo.

T: Porque não adianta pendurar o cartaz, né?
V: Não adianta. E eu paro a aula mesmo. O ano passado, tinha um menino que falou assim, só para chamar a atenção: "Tia, eu estou com fome." No recreio, deixei ir. Depois eu falei assim: "Bem, eu acho que você usou de falsidade com a tia, você tinha lanchado. Você acha que é certo?" Aí eu parei a sala todinha. Porque senão, eu ia conversar com ele, e você não pode deixar para depois. "Alguém já usou de falsidade com você?" "Não, tia." "Então, você é uma pessoa de sorte. A tia gosta muito de você..."

T: Ele sabia o que era falsidade? Quando você falou em falsidade, o que é isso?
V: Aí, nós começamos a conversar. Olha, você não foi sincero com a tia. Porque eu costumo trabalhar as palavras.

T: Isso! Porque alguns podem saber e outros podem não saber, né.
V: Aí, depois, passou um tempo, falei, eu não lembro direitinho.

T: Mas você aproveitou a situação e trabalhou.
V: É. As vezes, fica até falha, certas coisinhas. Depois ele: "Tia, tal pessoa usou de falsidade sim. Ele falou que eu tinha feito isso, e eu não fiz." Aí, o outro gritou: "Isso aí não é falsidade. É levantar falso testemunho." Aí, eu já comecei a trabalhar com eles a questão da falsidade, do falso testemunho.

T: São trabalhadas de forma concreta na sala.
V: É. Como que o outro se sente. Eu expliquei para ele, como que eu havia sentido. Se alguém tivesse feito com ele, como que ele sentiria. Então, eu aproveito essas situações.

T: Vilma, você como professora, dentro de uma sala de aula. Você acha que fazendo esse tipo de situação por situação. A sala de aula é um ambiente de formação. Você acredita na escola?
V: Acredito.

T: Você acredita que a escola pode formá-la.
V: Claro. Com certeza. E é aquilo, a Eliane que falou esses dias. "Gente, a criança, quando não faz uma coisa, é porque ela não sabe como fazer." E já que está nas nossas mãos, nós temos que trabalhar isso. É um ambiente de formação. E no exemplo nosso também, com os colegas. Eu acho muito importante, acho gostoso o jeito que a gente trabalha, troca. É um exemplo para as crianças.

T: Acho que dá para perceber que você gosta de ser professora.
V: Gosto, gosto. Eu estou na profissão certa. Faço com carinho.

T: E aproveita cada momento, cada situação. Legal, Vilma. Valeu.

ESCOLA ESTADUAL 2

Professora: Silvia

T: A conversa, o objetivo seria pensar um pouco os desafios da escola, o que você acha, que a escola está diferente, está tendo outros desafios hoje, mudou?
S: Ela está bem diferente, é uma coisa muito boa, a gente está tendo mais autonomia, eu acho que ainda falta, Terezinha, jogar os pais para dentro da escola, mais ainda porque eu acho que a partir do momento que eles participam as coisas acontecem, eu tenho experiência nesse ano que já teve uma abertura dos pais, de se oferecerem de fazerem homenagem para mim, porque nunca tinha sido comemorado o aniversário, eu falei não nós temos que fazer alguma coisa, eu fui atrás, fui ver a data, até já sabia, porque eu estava na vice, mas é uma coisa, a gente quer fazer uma coisa, mas pode até incomodar, nós fizemos foi uma coisa muito boa, os pais você precisa de ver, eu chorei tanto no dia, porque eu não sabia que ia ser homenageada, começou em maio isso, o aniversário foi em junho, eu fiquei muito emocionada, uma mãe fazer um depoimento para mim que logo no início da minha gestão, a escola já deu uma mudada e a secretaria também está dando essa autonomia para a gente, essa abertura, eu acho que mudou, está mudando e a tendência é melhorar cada vez mais.

T: Silvia, você começou na direção esse ano, antes você tinha quantos anos de vice, de supervisão, como é, quantos anos você tem de experiência para trás?
S: Como regente 18 anos, 7 anos na supervisão, 3 anos de vice, então como eu te falei eu fui subindo, então eu acho que isso que me deu um respaldo muito grande, pra que eu tentasse, porque você sabe que são desafios que nós enfrentamos dia-a-dia, então eu que respaldo que eu tive, esses degrausinhos que eu fui subindo, que me encorajou a tentar, e acho que às vezes eu faço a minha auto avaliação a gente não é perfeita né Terezinha, mas eu já consegui muita coisa, graças á Deus.

T: Silvia, você com todo esse tempo de experiência, deu para você sentir a escola, ai como você fala, a escola mudou, você acha que ela mudou positivamente, ainda tem um caminho para terminar que seria a participação dos pais. Que tipo de aluno que a escola recebe? Você quando começou lá trás como professora, o aluno que você recebia no passado, sei lá 10, 15 anos atrás esse aluno que está chegando na escola hoje, você acha que é o mesmo tipo de aluno, como que é?
S: Não é o mesmo, né Terezinha, já mudou muito.

T: O que você percebe, que tipo de mudança?
S: Eu acho assim, a família sabe hoje em dia, devido a situação que a gente se encontra, está muito desestruturada, porque a minha clientela é bem de periferia, assim eles são o fruto do meio, então eles vêm com muitos problemas, sabe parece que os problemas agora, até já existiam, mas parece que tem mais, que estão mais fortes.

T: E você vê esse tipo de problema de questão familiar, de questão social, em termos de escola, eles repercutem no que, por exemplo?
S: Na aprendizagem, no modo de agir, tem criança que fala cada coisa, que você fica assustada.

T: Você acha por exemplo, que a criança está chegando diferente, na maneira de ser, nos hábitos, e até nas dificuldades de aprendizagem, você acha que a escola, ela tem a ver no sentido que ela está lidando como se a criança fosse do passado, e agora ela está lidando como se a criança fosse do mesmo jeito.

T: Eu creio que sim, porque as coisas mudaram de uma tal forma que derrepente por isso, que eu questiono com as meninas, a postura nós temos que mudar, nós temos que dançar conforme a música, nós temos que ver o que realmente esses alunos que chegam para nós o que eles estão precisando, nós não podemos agir como nós agíamos à 10,15 anos atrás, a gente tem que sondar, porque essa mudança deles que eles têm agora, eu acho que até porque tem tanto é negativo quanto positivo, porque agora eles são questionadores, se eles não estão gostando daquilo eles falam mesmo, ai que nós temos que mudar a postura, você não pode agir com um aluno quer falar que não gostou, você não pode falar para ele fica quietinho, igual era Terezinha, a tempos atrás, professor era o dono do conhecimento, não é por ai mais.

T: Você acha Silvia, por exemplo, nesse ter que agir diferente a escola teria que pensar realmente o que ela tem que fazer na sala de aula de forma diferente, você acha que o fato de ser ciclo que é uma organização diferente do tempo escolar você acha que o ciclo mudou o cotidiano da sala de aula ou ele ainda é uma mudança de intenção, vamos dizer.
S: Eu acho que ainda é de intenção,

T: Atravessar a sala de aula ainda não atravessou.
S: Ainda não, porque eu já até comentei com você, agora que está tendo referência sobre como trabalhar com esse aluno porque isso é o que eu já te falei, enquanto o professor não mudar a postura, não enxergar que aquele aluno está querendo aquilo ali e que para ele de repente tem que ser aquilo que ele quer e não por tempo, esse aluno porque ele tem o direito de às vezes ele não consegue aquilo agora, mas a semana que vem, então a gente não pode estabelecer então é aonde que o professor tem que mudar a postura, agora a gente está tendo referência.

T: Silvia, está tendo referência no que por exemplo?
S: Quanto a filosofia do ciclo.

T: E aonde que estão essas referências, quem que está dando.
S: Olha, a semana passada nós já tivemos uma fita passada pela superintendência, Neidson, Rudar, o Arroio, a Constância, então está dando referência para nós.

T: Está passando elementos.
S: Está. Depoimentos, caminhos porque modelo, receita não tem, né Terezinha. Como o Neidson falou, gente eu não posso falar você vai fazer isso, que isso dá certo. Você tem que ter referência e saber que tem vários caminhos e reconhecer, conhecer cada aluno seu.

T: Você sente por exemplo, que as idéias que já vão circulando, mas em termos da escola configuração, grade, programas, conteúdo, você acha que ainda a escola regular está muito presa a modelo, a patrão.
S: Está muito, Terezinha.

T: As próprias maneiras.
S: Isso, não tendo que fazer, já vem tudo pronto. A gente sabe, tem questionar, ir em busca, não deu certo aqui, vamos procurar ali. Agora a gente recebe pronto. Por exemplo, esse formulário, que eu te falei, do histórico que veio aquilo, você quer tentar fazer alguma coisa, quer tentar mudar, se deu pra gente liberdade pra gente falar, porque de repente a gente não concorda que a realidade da gente é uma.

T: Essa questão da autonomia ainda está no papel. O tempo de chegar na escola, e ela poder fazer, ela ainda está presa.
S: Ainda está presa. Porque nós recebemos, já a semana que vem nós vamos ter esse treinamento. Então já vem, não adiantou nós reunirmos, ainda está faltando.

T: Tem ainda uma espécie de formatação.
S: Que dizer já até começou uma iniciativa, nós vamos ter 3 fitas, hoje nós vamos assistir outra. Então eu acho que está bom. Porque eu sinto o interesse nas professoras, como eu já te falei, eu estou aqui com elas, a gente questiona. Alguém fala alguma coisa, eu falo vamos pára, debater. Ai eu interrompo, vamos discutir. Vocês ouviram o que o Neidson falou, ai a gente questiona. Eu estou percebendo o envolvimento delas, sabe Terezinha.

T: Você sente isso, você acha que o professor está buscando entender esse aluno, se não ele não dá conta da aprendizagem.
S: Graças a Deus, eu acho que elas estão entendendo. Porque até então era aquilo artificial.

T: E às vezes até achava que era assim mesmo. Já não tinha uma outra busca.
S: Agora uma coisa eu te falo, a partir desse ano, não sei nem se faz parte dessa entrevista.

T: Não na hora, em que nós formos fazer o texto, eu vou até junto com você, que coisa que interessa para a escola, nós vamos colocar.
E como eu disse pra você, se usar como depoimento jamais vamos nomear, isso aqui foi a Silvia que falou. Não.
S: Isso mesmo. Porque eu acho que é uma coisa mais pessoal. Eu gosto de conversar com gente que entende o que eu quero. Terezinha, essas reuniões do módulo 2, aqui na escola não aproveitava. Você sabe, que toda semana a gente faz. Não tem como, porque eu já conhecia a clientela, os professores a gente sabe, ainda mais eu que tenho uma história, fui supervisora de quase todo mundo, então eu sei o que é o limite. Eu não sei tudo, mas algum referencial que você me perguntar de fulano eu sei pra te falar. Não era aquele estudo, mas ainda está faltando Terezinha, mas eu acho que a partir desse ano, eu jogo pra cima vamos estudar tem que estudar, nós não podemos ficar sem estudar mais, tem alguma troca de experiência essa semana, tem alguém que tem alguma coisa que aconteceu essa semana, que foi boa.

T: Você acha que as pessoas estão trazendo experiência, estão trazendo problema, por exemplo de aprendizagem, o que eu faço com o aluno que não aprende.
S: Gente, o que vocês acham, porque a escola não é só minha. Eu sou igual a vocês, nós estamos aqui direcionando o trabalho.

T: Essa liberdade do professor chegar, e falar eu não estou conseguindo dar conta de um aluno, isso é fundamental no grupo de estudo.
S: O que eu posso fazer, gente que idéia que vocês têm.

T: Vocês estão reunindo toda semana.
S: Toda semana, e de 15 em 15 dias, nós reunimos na Sexta, porque ai pode dispensar os alunos, direitinho. Para nós fazermos esse estudo ai. Então, menina eu acho que está fluindo bem, graças à Deus.
T: Esses problemas de aprendizagem você acha que é mais na parte de alfabetização. E isso repercuti nas outras disciplinas?
S: Nas outras disciplinas, sem dúvidas.

T: Silvia, depois eu vou perguntar para as professoras mais o que elas fazem no dia-a-dia dentro da sala de aula com seus alunos. E como diretora, qual a postura da escola em relação aquele aluno que não aprende, não é tido como regular, ele foge dos padrões. O que a escola faz.
S: Sabe o que eu tomei a iniciativa esse ano. Você deve conhecer "amigos da escola", que a gente tem que se inscrever, mas só que eu não fiz a inscrição lá não, eu acho que é a longo prazo. E eu estava precisando com urgência. Porque é assim a empresa que se interessar vai lá, agora você vai esperar o povo fazer isso, não. Sabe o que eu fiz tem ex-alunos que passaram por aqui que estão bem, não só estes. Mas mesmo com a simplicidade convidei, tem o Joca que estudou aqui, tem o Dr. Roberto, pai dele lá da Logus, o Sr. Sonja, mandei um convite para eles. Eu tenho 16 amigos. Eu taxei amigos, sem aquela coisa.

T: Você não fez o programa dos "amigo oficial", fez aqueles amigos intimos da escola.
S: Ai, Terezinha eu bati os convites, mandei, eles vieram, quem não veio telefonou, queriam saber direitinho o que eu queria. Expliquei, falei vocês não acham que é viável. Eu estou com uma turma de 4° ano, 1° intermediário. Tinha um aluno que não lia nada, o que eu acho um desrespeito. Chegou no 4° ano sem ler. Mas cada um, cada um.

T: Chegou tem que estar ai.
S: Eu não posso chorar o que passou eles falaram o que você precisa, eu falei que eu preciso de uma professora recuperadora, para atender com urgência essa turma. Isso foi no começo de março.

T: Você pegou logo no começo do ano.
S: Logo no começo, porque assim que eu falei vamos fazer um diagnóstico das turmas, como é que está isso? Detectou que tem outras que precisam mais essa estava berrante então vamos lá. Até a Trectur está ajudando, e eles me ajudam mensalmente com essa colaboração.

T: E essa professora recuperadora é alguém que entende de alfabetização?
S: É a Beth, minha cunhada.

T: Ah tá porque realmente se a pessoa não entende de alfabetização não adianta, ela pode dar horas de recuperação.
S: Porque quando eu tracei eu já pensei em alfabetização. Então porque a Beth tem uma vida de experiência de alfabetização, não tinha pessoa melhor. Aí eu falei pra ela – Beth você aceita, olha é um salário mínimo, não posso te pagar mais. – Silvia imagina, eu vou até como voluntária.

T: Eu acho até um sentido de profissionalizar o horário ajuda e deixa uma coisa certa e como é que está o resultado?
S: Fluiu muito bem. O aluno que não lia nada já está lendo só que é aquele negócio, ele não tem condições ainda de uma 5ª série.

T: Que pegou agora o movimento, você acredita que mais um ano chega lá?
S: Acredito. Você vê que em pouco espaço de tempo ele conseguiu a ler. Ele não lia nada Terezinha.
T: Quer dizer que não era só culpa do menino?
S: Eu acho isso um desrespeito. Eu não deixo, esses quatro anos eu não vou deixar acontecer isso. Esse era mais gritante. No fim os outros nem fazia reforço diariamente. Esse teve que fazer.

T: No começo quantos você diagnosticou?
S: Ela olhou todos pra ver aonde a gente ir começar. No começo ela pegou uns 10.

T: Esses 10 conseguiram andar.
S: Agora ela até ajuda as outras professoras.

T: Nos casos mais leves.
S: Porque eu tenho professora muito interessada, sabe a Marise dá conta todos, um não está sabendo uma divisão, ela fala Beth o que você pode me fazer, a Beth olha direitinho. Então eu acho que caminhou bem, eu tenho proposta para o ano que vem, já até conversei com a Neusa isso eu vi na TV Cultura, um depoimento da professora pedindo ajuda, eu esqueci até o nome da Educadora, Terezinha, eu falei pra Neusa (Inspetora) eu tenho que por isso na minha proposta pedagógica, se não eu vou ficar louca. Conversando com a Neusa, parecia quando eu vi a educadora falando, você já deve até saber, da gente 3 vezes na semana, descobrir uma professora que tenha facilidade na alfabetização esses alunos saem do recreio, volta pra sala. Porque eu acho se agente consegui resolver isso paralelo, desde o início.

T: Você não vence. Dá percebe com essas idéias, você quebra os horários formais, você tem que flexibiliza, você tem que abri outras formas de agrupar, outros espaços, outros tempos, que acaba sendo a filosofia do ciclo, você fazer o ritmo do aluno, que fica ciclo de nome, mas o ritmo fica dentro da série.
S: Mas eu acho que é por aí.

T: Silvia, até me dando mais um depoimento no sentido de até depois encaminhar para professor, você acha que quando você me diz que os professores estão interessados, estão buscando, ele tem tido, você percebe que há professores que são mais criativos, ai saem do formato, do livro e fazem outras coisas, você acha que os professores saem do formal, buscam coisas mais espontâneas.
S: Está sim, está acontecendo, como eu te falei eu gosto muito do pedagógico, muito mesmo, eu gosto de ajudar, então Terezinha, teve uma passagem aqui, que tinha terminado o recreio, ai a professora me procurou, eu nunca tinha visto isto, aqui aconteceu porque ela saiu da sala, foi lá onde eu estava, me mostra uma atividade que o aluno tinha feito que ela tinha tido a idéia. Eu falei epa, o negócio está ficando bom, porque ela era no cantinho dela, sabe Terezinha, a Marise no cantinho dela sempre, fez um trabalho muito bom dentro de sala e eu não via criatividade.

T: Sempre tudo certinho, arrumadinho.
S: Porque Terezinha, é o que eu falo pra você massagear o ego, você conquista muito mais, você fala poxa vida que coisa ótima que você fez com seus alunos, ai na mesma hora, ela me mostrou, ai eu falei espera que eu vou lá na sua sala. Porque eu já tinha elogiado, mas ela estava vendo que eu ia lá e elogiava, mas ela nunca me mostrou, mas eu estava vendo porque a supervisora olha as atividades , e leva pra mim, porque eu quero olhar tudo, na medida do possível, dou uma idéia essa frase num ficava melhor assim, não é que eu saiba tudo, estou aprendendo. E sempre o olho dela e das outras professoras enchia da água, eu falei estou no caminho certo, eu tenho que conquistar essa turma minha, fui na sala, falei vocês estão de parabéns, mas a professora também merece muito, ela está procurando coisas diferentes, ela teve a idéia, pra vocês.

T: E você acha que essas idéias estão dando certo, essas idéias que estão sendo buscada, são idéias que tem essa marca de fazer diferente, atendendo os alunos diferentes.
S: Fez, ela sente a necessidade dele ali.

T: Então essas atividades são as que atendem a diversidade dos alunos.
S: Então eu acho que cada vez vai melhorar mais, se todo mundo, tiver com esse pensamento. Eu acho que a minha presença conta muito, porque ai ela vai procurar, falar eu estou sendo reconhecida, eu vou fazer o melhor pra ele eu vou conhecer o que realmente ele está precisando.

T: Isso é um estímulo. Silvia para encerrar o teu depoimento que a saída, a busca é realmente enxergar, escutar o aluno na sua diversidade.
S: Tranqüilo, Terezinha . Porque de repente assusta, como numa sala eu vou ter que atender, mas se você começar a enxergar de uma forma diferente o aluno, as coisas vão caminhar, é claro que não é de um mês pro outro, as coisas você tem que ir buscando.

T: Agora, eu lembrei de uma coisa, eu tinha te falado que era a última, mas vou te amolar mais um pouco. Silvia como é que aqui na escola, por exemplo já que o aluno está vindo diferente, já que ele vem com mais necessidade de aprender, já que tem toda uma clientela que é muito diferente de um tempo atrás, como é que em termos de escola você trabalha em questão de heterogêneo, homogêneo como é que são suas salas, você agrupou por idade, por heterogeneidade, por nível de rendimento, como é que estão organizadas.
S: Por idade, estou seguindo o regimento.

T: Por idade, por exemplo você tem 5 1ª séries, tudo de 7 anos, tudo 1° ano, tudo bem. Você tem a classe, piorzinha, a melhorzinha.
S: Tem. Ai o que a gente faz por idade. Eu pretendo no mês de fevereiro fazer um diagnóstico, por exemplo tem 4 da mesma idade, mas eles não estão dando conta. Nós vamos procurar, para poder fazer essa proposta que estou pretendendo, para facilitar o trabalho para a professora. Ai a gente vai heterogêneo.

T: Por exemplo todas na idade de 7, você agruparia a classe com mais dificuldade, e a com mais facilidade. Você acha que facilita mais.
S: Uma vez eu escutei, mas isso empobrece o ensino, eu falei não se a gente pensar de uma forma diferente, não vai empobrece, você vai atender, ele vai conseguir acompanhar os outros, só que vamos mais devagar, mas ele não vai deixar, se fizer um bom trabalho, logo logo ele alcança.

T: Você acha que a sala mais parecida, relativamente anda mais?
S: Eu acho, Terezinha, a gente pode até estar enganada, mas a gente vai tentar se por caso a gente vê que aquilo não dá funcionando, a gente vai reunir coletivamente e vê o que funciona, é o tal negócio são desafios.

T: Eu conheço experiências relativamente homogêneo, relativamente heterogêneo , que a gente faz uma das opções e conheço até de professores que defendem que o heterogêneo mesmo, que desafia mais o aluno mesmo, o aluno mais forte na sala, ajuda o mais fraco e o contraste na sala anda mais, como é que você vê isso.
S: Você sabe eu acho isso ai um pouco complicado.

T: Porque teria que saber trabalhar isso.
S: É exatamente. Por exemplo agora que nós estamos tendo referência . Eu acho meio complicado.

T: O que a gente tem de referência do aluno, é que mais ou menos é o que o aluno é menos forte, vamos dizer com os iguais ele tem poucos desafios e quando você tem a turma heterogênea mesmo, você teria habilitando o professor a trabalhar diferenciado então acho assim quando o professor sabe trabalhar diferenciado, as salas heterogêneas andam mais, mas quando você coloca um professor homogênio na sala heterogênea, daí perdeu.
S: Po isso que eu te falo, eu acho um pouquinho complicado ainda.

T: Você acha que está no momento de passagem.
S: Eu acho, porque de repente apesar se você percebeu um problema, vamos parar e ver , mas sei lá a gente indo devagar, o trabalho não vai ter tanto perda pelo caminho.

Professora: Laura

T: Bom, Laura nós estamos naquela proposta de escutar, o que realmente você está sentindo vivendo como professora na escola de hoje. Você é professora a quanto tempo, Laura.
L: 14 anos.

T: E nesse 14 anos que tipo de série, escola.
L: Os 10 primeiros anos foi com a pré escola, e os últimos 4 entre 3ª e 4ª séries.

T: Ai, você trabalha tanto na rede Estadual como na Municipal. E no começo você é só rede.
L: Só rede municipal, mas a diferença é só de 2 anos, porque eu 14 de municipal e 12 de estadual.

T: Então veja só você tem 14 anos de experiência se for contar dobrada 12 anos. Eu acho que você tem muito a contar pra gente, você sente que o aluno hoje, é o mesmo tipo de aluno, você sente novos desafios, o que você sente na sala de aula.
L: Com certeza ele mudou, porque agora ele participa do mundo, porque antigamente a gente entrava na sala era a dona do conhecimento, agora ele tem uma carga uma bagagem muito grande, ele tem um universo, a gente tem que ter um jogo de cintura, porque ele vem com bagagem, às vezes nós preparamos uma aula, e de repente são tantas perguntas, outras coisas, que de repente você fecha o plano de aula que você planejou e, fala vamos debate o que está mais de

interesse deles, então você tem que está atenta a tudo que acontece, de todos os âmbitos, mesmo que sejam alunos, longo tempo, até os meus alunos de pré queriam saber, então independente da faixa etária, eles mudaram sim. Eles receberam carta de informações, houve uma mudança muito grande.

T: E essa mudança você acha que é no sentido deles serem mais participativos, mais ativos?
L: Ouve isso, e ouve uma parte negativa que eu sinto. Que a parte, assim interesse maior não tem mais, os meus alunos do começo eles tinham mais interesse pelo acadêmico pela parte do ler, escrever, de vir para a escola, do gostar da escola, hoje eles não tem mais isso, eles tem uma bagagem de informação, mais eu acho que o gostar da escola não é mais o mesmo, o interesse, você, é uma luta por exemplo, para se dar um dever, uma tarefa de casa antigamente não, você dava tarefas, eles faziam, hoje não você tem que estar buscando, e não só os alunos, os pais também você vê uma mudança.

T: E como que você vê essa mudança nos pais?
L: Não sei justamente por causa da questão sócio - econômico que também mudou, então hoje em dia você não conta com a ajuda dos pais, eu geralmente trabalho com salas mais difíceis, então numa sala de 28, quando eu preciso fazer uma reunião, são 5 pais que aparecem e são sempre aqueles mesmos e sempre os pais que eu mais preciso, não podem ou não querem, sei lá estarem presentes.

T: Quando você fala salas mais difíceis, o que é por exemplo?
L: São salas que estão vindo com dificuldades de aprendizagens acumuladas, durante esses anos aí.

T: Daí esses alunos que estão com mais dificuldades de aprendizagens, eles estariam nesse tipo de sala que daí vai pro...
L: Agora a gente tem feito, de uns 2 anos pra cá, a gente tentou mudar, que antigamente a gente concentrava, agora a gente tentou mudar, não fazer uma sala assim, colocar dificuldades mais próximas.

T: O que você acha que dá para fazer, quer dizer você tem esse aluno diferente, esse pai diferente você vê alguma pista que dá para você mexer com esse aluno e esse pai, o que dá certo, a escola tem que mudar, o que dá para fazer, você acha que tem alguma perspectiva?
L: Eu acho que nós não podemos ficar sozinhos, nós professores, porque em qualquer área, se nós formos usar uma comparação num hospital por exemplo, não tem um tanto de especialista para tratar de um doente ou da saúde de uma pessoa, eu acho que na escola o professor está muito sozinho, existem áreas que a gente não domina, então eu acho que nós precisaríamos ter um psicólogo, ter um médico para nós dar apoio, então eu me sinto muito sozinha, porque às vezes existem tipos de problemas que eu não dou conta, eu como professora não fui preparada, e por mais que eu busque, que eu vou atrás, eu não consigo, então eu acho que a partir do momento que a sociedade envolvesse mais, trabalho mais coletivo.

T: E com os pais o que você acha que dá para fazer?
L: Eu acho que também é justamente isso, porque os pais de hoje é cheio de problemas, então os filhos estando aqui na escola eles se preparam, porque a gente acaba tomando conta de tudo, porque como eu falei, o aluno hoje é diferente, às vezes você vê lá um aluno que não dá dando

conta, de fazer as coisas, você vai conversa com ele, está diferente, vai ver ele passou por mil problemas na casa dele, então eu acho que quando eu falo desse trabalho é com os pais e com os alunos.

T: Laura, o que você faz por exemplo, você tem uma sala mais difícil, você tem alunos que aprendem e tem alunos que não aprendem, o que você faz com o aluno que não aprende.
L: Mesmo nessa sala mais difícil, tem alunos diferentes, tem alunos que conseguem caminhar e os que não conseguem, então é como eu falei, eu sinto dificuldade com aquele aluno que não aprende porque eu sinto que a dificuldade dele é real é além, teria que ter outros acompanhamentos.

T: Então não depende do pedagógico que você sabe fazer?
L: Não depende. Aula de reforço, o acompanhamento individual a gente faz, o monitoriamento entre os colegas a gente propõe, então o pedagógico eu busco, vou atrás das minhas colegas, a gente conversa, trabalha, principalmente aqui nessa escola, o trabalho é muito bom, nós colocamos as nossas dificuldades nas reuniões, então o pedagógico é lógico que eu não vou falar que eu faço tudo, que com certeza eu tenho os meus erros, mas o possível, deu para fazer a gente faz mesmo, o que falta é o que é além.

T: Como dar conta de uma coisa, que é além de uma alçada de vocês. Me diz uma coisa Laura, no caso que agora é ciclo, o ciclo abriu, flexibiliza tempo, mas mas você acha que o ciclo mudou a sala de aula?
L: Não. Porque nós também entendemos o ciclo errado, houve porque o ciclo veio com aquela parte legal que aconteceu da aceleração, então confundiu se o ciclo com a aceleração, então agora com esses fascículos que nós estamos estudando, então eu acho que agora que nós vamos começar a atender e começar a mudar a nossa prática, porque é ciclo e a gente ainda tem muito de seriação, porque a gente fica muito preocupada ainda, se o aluno não deu conta desse conteúdo e como é que faz, e no ciclo a gente não teria que ter essa preocupação, porque tem o ciclo todo para desenvolver, mas a gente ainda fica muito presa, nós já até vimos na fita da semana passada, que o Arroio falando sobre isso, que a gente está muito preocupada, com que o aluno não dê conta, então a gente viu na fita professores perguntando justamente disso, e se o aluno não aprender como é que eu faço, a gente ainda está muito enraizada na seriação, na organização por conteúdo, por bimestre, por semestre, por ano, a gente ainda não consegui sair disso.

T: Me diz um coisa na parte de avaliar, o aluno tem esse ano agora que está terminando, você está em que ano agora.
L: 3°.

T: Eles vão para o 4°, estão terminando o básico e entrando no intermediário, todos vão, como é que é todos sabem ler, como é que você lida neste final de ano, com os alunos seus.
L: A minha avaliação é global, como é que nós vamos fazer, todos os alunos vão, porque eu não tenho nenhum aluno que não atingiu o nível alfabético.

T: Todos estão no nível alfabético.
L: Mas com dificuldades.

T: Você teve caso que precisou da recuperadora que trabalhou.
L: Justamente isso que me ajudou e que tem ajudado, e esse trabalho que com certeza, todos os alunos vão continuar aqui, nós vamos dar continuidade a esse trabalho.

T: Para que o ano que vem, eles se deslanchem mais.
L: Isso. Então todas as dificuldades são anotadas, agora no final nós vamos fazer uma ficha descritiva, nós acostumamos fazer uma ficha bem detalhada que aquele aluno interpreta texto pequeno e já outros que interpreta maior, aluno que precisa trabalhar a auto-estima, então tudo isso vai ser colocado e o trabalho vai ser continuo, então a gente optou para que todos alunos fossem, porque eu não tenho nenhum que não seja alfabético.

T: Me diz uma coisa, no dia – a – dia da sala de aula, como é que você organiza o seu horário com eles, porque como você diz o aluno está muito mais encantado pelo mundo do que pela escola, como é que você trabalha regras ali com eles, como é que você divide o seu horário, por disciplina, como é que você trabalha, para que eles queiram trabalhar com você todo dia.
L: Como eu disse, a minha sala é difícil porque são aqueles alunos que entraram na aceleração, no início eu não entrei como uma 3ª, porque tinha aluno que ainda não era alfabético, mas nós conseguimos. Pensando agora, primeiro eu chego converso, deixo eles colocarem como foi o dia deles ontem. Falo, hoje eu preparei, programei isso.

T: Então quer dizer, você faz um ponto de partida com eles, um planejamento com eles.
L: Eu falo, eu planejei isso daqui, nós vamos fazer isso, tem alguém que tem alguma coisa diferente que dá para encaixar aqui ou vai ter que deixar para a próxima aula. Eu vou fazendo eles participarem.

T: E você acha que eles gostam disso.
L: É uma sala que eles não assentam o tempo todo. Se você coloca eles na fila, a hora que você vai ver está uma fila tudo torta. Então é uma sala de movimento o tempo todo. Eles não conseguem.

T: Você mesmo já providencia para que eles não fiquem...
L: Porque se deixar eles não caminham, se ficar só num tipo de aula, eles cansam. Se ficar só eu escrevendo, aí tem que mudar, é dupla, é equipe.

T: Então você vai diversificando o trabalho, o dia todo.
L: Tem que ser.

T: Então você acha que por aí atende eles. Laura uma última coisa, o seu depoimento de todo dia. Você acredita que o aluno diferente, família diferente, que o dia – a – dia diferente, que com essas mudanças, você acha que a educação vai achar ruim.
L: Tenho que acreditar. Porque eu sou professora, porque eu gosto, porque é o meu caminho. Então eu acredito sim, mas não sozinha, porque se a escola continuar sozinha, pegando responsabilidade sozinha, porque hoje nós escovamos os dentes, nós temos a responsabilidade de levá-los ao oculista, levá-los ao médico, então se não houver o envolvimento da sociedade na escola, a escola vai acabar, eu acredito, porque nós não vamos dar conta, porque existem problemas amplos, que nós não damos conta, principalmente eu que fui formada faz tempo. Eu estudo, leio, corro atrás, mas mesmo assim.

T: Não faria parte da pedagogia.
L: Não faria. Eu acho que tem solução, tem caminho, mas não sozinhos, afastados a escola e a parte, a comunidade tem que participar, eu acho que "os amigos da escola" é um caminho, foi um caminho que foi achado. Mas tem que ter mais profissionais envolvidos, um médico, um psicólogo, para poder dar apoio para a gente, às vezes a gente até dá, você pode perguntar para as outras professoras, que elas até sabe que tipo de problema que cada aluno tem, mas a gente não sabe resolvê-lo.

T: Esse tipo de especialista até talvez mais ajudar o professor como lidar na sala de aula, do que atendimento de caso, porque o atendimento de caso, o aluno é atendido lá e volta para a sala de aula.
L: Eu também acho que é por aí.

T: Especialista, quando você joga um aluno pra ele, ele até resolve lá, mas quando o menino volta e você não sabe como lidar com ele.
L: Às vezes a gente até manda, aí não tem retorno como fazer.

T: É o professor que tem que está fazendo isso. Laura, Obrigada. Eu senti o que você está enfrentando, eu acho que essa questão do sozinho é muito importante.

Professora: Sílvia

T: Silvia, é bem como eu disse o depoimento que nós estamos pedindo para vocês. Você como supervisora aqui na escola, como é que você está sentindo a escola hoje, que tipo de desafios que está vindo para a escola, em termo de aluno, de aprendizado, como é que você está sentindo isso. Quanto tempo de supervisora você tem?
S: Eu tenho 10 anos.

T: Antes você era professora.
S: Era.

T: Então quanto tempo de escola você tem. Quantos quilômetros rodados?
S: Uns trinta e pouco.

T: Eu acho que você tem uma visão de como as coisas vem vindo, você acha que mudou, está diferente?
S: Ah, mudou muito.

T: Onde você vê essas mudanças mais fortes?
S: Terezinha, eu acho que do sistema tradicional para o ciclo, então está tendo uma mudança muito grande, eu acho que a gente está enriquecendo muito.

T: Você acha que essa mudança para ciclo, vai responder melhor.
S: Vai.

T: Onde que você acha que o aluno está diferente, como é que está sendo esse aluno, que está vindo?
S: Eu acho que o próprio aluno está trazendo muita coisa, e eles estão querendo saber mais, eles estão desafiando até a gente tem hora, questionando muito.

T: Eles não são mais parados?
S: Não, estão procurando, querer saber, eles vão buscar, eu acho.

T: E a aprendizagem, você acha que tem mais problemas de aprendizagem, com esse aluno de hoje?
S: Ainda tem, né Terezinha, aluno que tem dificuldade, a família está muito distante nessa parte, para não acompanhar, ajudar a gente no dia – a – dia dele ali. Então afasta um pouco disso aí.

T: Me diz aí como que é que está diferente o aluno, diferente a família, você em termos de escola, a escola está mudando, para atender essa necessidade desse aluno, ou a escola ainda é a mesma?
S: Não, a escola está integrando, buscando a família e a escola, que a nossa intenção é essa, trazer os pais para dentro da escola.

T: Está conseguindo, ou ainda está difícil?
S: Aos poucos, ainda não está aquele ideal, o nosso caminho ainda está meio distante para eles, mas a gente está tentando, procurando os recursos que a gente tem para aproximar mais.

T: Como supervisora, como é que você vê, faz com os alunos que não aprendem?
S: A gente tenta todos os meios que a gente tem, até na minha área mesmo, a gente está procurando a recuperação, atender a solicitação do professor, na dificuldade do aluno, a gente traz para a sala da gente, tenta recuperar, a escola tem nos oferecido a recuperadora, que tem nos ajudado tanto, que recuperou muitos alunos, solucionou muitos casos, recuperamos muitos alunos com a Beth aqui com a gente.

T: E aí o que você acha no dia – a – dia da sala de aula com o ciclo dentro da sala, você acha que mudou, ou ela ainda é enfileirada?
S: Ainda não está o ideal.

T: Você acha que ainda tem muito do tradicional?
S: É ainda tem, a gente vai tentando conseguir para que fique igual como deve ser feito, mas já conseguimos alguma coisa.

T: Como é que as professoras, no dia – a – dia, você como supervisora, elas têm um plano, um roteiro, elas têm um horário, como é que elas fazem a divisão de horário, divide o português, a matemática, como é que é feita essa divisão no dia – a – dia. Como é que você orienta, como é que você trabalha isso com elas?
S: Bom elas fazem, a gente conversa muito.

T: E esse plano é semanal?
S: É, elas fazem o plano, o roteiro de acordo com os módulos que elas têm. Porque tem o módulo de Educação Física, Educação Artística e tudo. Então tem certos conteúdos que ocupam a semana toda às vezes até mais, dependendo da reação, da cobrança dos alunos.

T: Mas eles têm um horário por exemplo português, geografia, matemática, como é que é trabalhado?
S: Não, vai de acordo com a necessidade da turma.

T: Então ela não tem um horário rígido, dentro da sala?
S: Não. A gente não atende aquele mais horário, não.

T: Mas, tem módulo que tem um horário marcado que tem que obedecer?
S: Certo, se a criança está precisando de uma assistência maior na parte de português. Vamos dizer assim, a gente fica mais tempo com ele, se ele está integrado, a gente vê em português a matemática junto, na geografia a história junto.

T: Me diz uma coisa nessa divisão de horário, você fala integrado, então a preferência é no português e na matemática?
S: Certo.

T: E como que vocês trabalham por exemplo, se tem 5 1ª séries, aí como é que agrupa, naquela questão de ser sala mais ou menos parecida, para poder render?
S: Primeiro, vamos falar de 3ª e 4ª e tem uma de 2ª. Então nós temos 3 salas de 3ª série e uma sempre sai melhor do que as outras. Então elas procuram a gente, a gente se integra no grupo, para poder ver, então uma sempre sobressai, as outras vão dentro daquele planejamento, mas sempre devagar para atender as necessidades das crianças.

T: Mas, como que vocês agruparam no começo do ano, vocês agruparam por idade, mas vocês também colocaram os mais parecidos?
S: Eu não posso te falar, porque o ano passado eu não estava aqui, então eu não posso te dizer como foi feito esse agrupamento.

T: Mas você, sente que tem a sala mais forte, a sala mais fraca.
S: Tem, de um ano para o outro elas continuam. Mas parece que esse ano nós vamos dar um mudadinha, uma mexidinha.

T: Sílvia, para encerrar o seu depoimento, você acredita que com essas mudanças, com esse aluno diferente, com a família diferente, com as tentativas, que a escola está fazendo, você acredita na educação, o que você acha, que há saídas, que por onde tem que ir para continuar mudando?
S: Mas nós estamos sempre tentando, os desafios estão acontecendo, mas eu acho que se a gente unir, fazer um trabalho de qualidade, a gente vai conseguir muita coisa, que a educação vai chegar um ponto bem claro, bem transparente, para a gente.

T: E quais seriam por exemplo, me dá 3 exemplos, 3 coisas concretas, precisa fazer isso, 3 recomendações.
S: Primeiro eu acho a postura do professor, pode vier o material que for, as palestras, todos esses conteúdos aqui para a gente, se ele não mudar, a gente não vai conseguir nada.

T: Mudar primeiro a postura.
S: Agir, aprimorar dentro do nosso trabalho e continuar estudando, porque eu acho que o estudo para a gente é infalivel, porque a gente tem que estar junto com ele. Eu acho até que esse ano a gente já melhorou muito, cresceu muito, nesse tempo.

T: Você acha que é uma alternativa esse grupo de estudo?
S: Eu acho, que deve continuar. Esses formulários até foi uma sugestão do nosso 1° fascículo, que continue, mas no começo do ano, porque a gente está com a mente mais aberta, tendo condições de aprender mais, no final do ano a gente já está cansado.

T: Obrigada, pelo depoimento.

Professora R:

T: Eu estou pegando geralmente assim, o que você está sentindo como professora, na realidade do tipo de aluno que está chegando, no tipo de escola que você está atuando. Quanto tempo de professora você tem?
R: 10 anos.

T: E sempre trabalhando de 1ª à 4ª?
R: Sempre.

T: E nesse tempo em vários tipos?
R: Muito pouco, o que eu passei mais tempo foi com o 3° ano.

T: E aí me diz uma coisa, nesse tempo que você tem de professora, você sente alguma coisa no aluno, no ano de 2000. Me conte os pontos mais críticos.
R: Muito diferente, apesar do meu pouco tempo, a gente sente uma diferença muito grande, por exemplo hoje eles questionam, querem saber mais, não é igual no meu tempo que era aquele medo pelo professor, mas apesar de que não era sé medo, a gente tinha respeito, por ele é o que não acontece hoje em dia, é um ponto negativo, que eles são alunos mais ativos, mas em compensação não tem respeito nenhum, está muito difícil essa parte.

T: Então você acha que tem esse lado negativo, que o aluno chega mais participativo, mas tem esse lado também de atitude, de respeito, está diferente e como é que você faz como professora se você tinha aluno que era de um jeito, hoje ele é diferente, o que você faz para dar conta?
R: Nessas diferenças, né. O meu trabalho é quase que igual, porque a gente tenta que um aluno puxa o outro e geralmente não é a sala toda, é uma maioria muito boa, que eles se espelham neles.

T: Essa minoria por exemplo, mais desobediente, vamos falar o que faz com ele dentro da sala?
R: Muito carinho, atenção, para poder cativar, superar essas diferenças.

T: Na sala de aula, o dia – a – dia, quando você está trabalhando como é que você divide o povo, um vai mais rápido, o outro mais lento, como é que você trabalha isso?
R: Olha, na minha sala por exemplo, eu tento fazer com aqueles que são mais rápidos ajudem os mais lentos, que ajudem um aos outros, a gente faz muito esse trabalho, e eles adoram, eles me ajudam muito, isso faz com que eles se sintam mais importantes, cresçam cada vez mais.

T: Você acha esse lado de trabalhar com eles, funciona. E com o que não aprende, o que faz com ele. Porque tem aluno que não aprende?
R: Eu ainda não peguei esse aluno que não aprende. Todos eles aprende alguma coisa.

T: Então você acha um absurdo falar que tem aluno que não aprende, que alguma coisa ele aprende?
R: Eu acho que todos são capazes, depende do professor, da escola, da família, desenvolver nesse aluno essa capacidade.

T: Como é que você divide o seu horário, como é que você faz o seu dia – a – dia, você tem um plano?
R: Bom, às vezes eu até faço o plano todinho, mas depende do que a sala pede, às vezes eu até mudo, tem plano que às vezes nem era para dar naquele dia.

T: Você tem aqueles horários fixos, que é os nobres, mas fora disso você tem a liberdade de mudança?
R: Tenho.

T: A tua sala é mais difícil, esse ano você está mexendo com 3ª, como é que é a tua sala? Porque na escola tem mais 3ª, você sente a tua sala com mais dificuldade, ou menos.
R: Não, a minha sala é muito fácil de trabalhar, eu tinha uns alunos que não acompanhavam, que agora já estão no padrão dos outros, eles são participativos, são aquelas crianças elétricas.

T: Todos estão lendo?
R: Todos.

T: Você acha que tranqüilamente acompanham o 4º ano?
R: Acompanham o intermediário, bem. As dificuldades maior, que eu vejo em alguns é a ortografia, que agora é só com o tempo.

T: Você acha com esse tipo de aluno, mais ativo, qual a saída para o professor, quer dizer quem quer continuar a ser professor, no que ele tem que apostar.
R: Apostar na capacitação, muito treinamento, muita força de vontade, de buscar inovações, de aprender.

T: Você acha que não dá para o professor parar, mesmo diplomado?
R: De jeito nenhum, está mudando mesmo, mesmo plano de aula vai ter quer mudar, estudar uma outra forma, porque o aluno de hoje não aceita essa passividade.

T: Você acha que ciclo, mudou o ciclo no sistema, você acha não só você a escola, que o ciclo mudou a sala de aula, ou ainda é série, ainda é enfileirada.
R: Mas eu acho que não poderia ter sido lançado da maneira que foi, porque os professores ainda não estavam preparados, e a criança, os pais também não. Eu acho que o Brasil de uma forma geral, não estava preparado para essa mudança. Eu acho que foi mal interpretado lá no começo.

T: E hoje?
R: Hoje, a gente está começando a entender mais partindo de campanhas do governo, de trabalhos.

T: O entender que a sala de aula não pode ser mais a mesma. E a família, como é que você vê a família de hoje, como é que você vê os pais?
R: Terá que fazer um trabalho com os pais, muito maior que com o professor nesse momento, porque eles estão jogando para a escola, toda a responsabilidade, essa questão do ciclo mesmo, eles têm que trabalhar em cima disso também com os pais para eles entenderem mais, porque eles acham há o meu filho não vai ter nota mesmo, para que eu vou dar atenção, então com isso tirou mais atenção dos pais com os filhos que já não estava tendo.

T: E você não acha que a escola ajudou a passar essa imagem. Por que a escola não estava entendendo, também?
R: Pois é. Até que agora já está tendo uma mudança aqui na escola, eu vejo principalmente os pais estão acompanhando mais, eles estão mais presentes na escola, nas reuniões, estão por dentro dos termos que se usam.

T: E você acha que a mudança é por aí mesmo?
R: Acho.

T: Não adianta querer aquela escola do jeitinho que era?
R: Ah, não dá, não tem nem condições de voltar mais.

T: Você acredita na educação?
R: Muito, demais, ainda mais que é aonde eu estou, eu amo a profissão, não pretendo sair nunca, tenho que acreditar.

T: Acreditar, mudando junto?
R: É, e o que eu gostaria muito fazer é cursos e mais cursos.

T: Muito Obrigada, pelo seu depoimento.

Professora R:

T: Então, como a gente estava colocando lá no recreio, recreio nosso hábito de escola. O que a gente está querendo é que você conte um pouquinho. Quantos anos, tempo, de professora você tem?
R: Vou fazer 20 anos.

T: 20 anos é uma vida, sempre professora nas 4 primeiras, você variou a série, o ano, como é que você trabalhou em todo esse tempo?
R: Variei, no começo trabalhei um ano na 1ª série antiga, trabalhei na 2ª, depois um bom tempo na 3ª, fui vice-diretora uma época, e depois voltei para a sala e estou no 4° ano antigo, agora 1° ano de ciclo intermediário, já faz uns 10 anos.

T: E aí nesse tempo todo de escola, você sente hoje o aluno diferente?
R: Ah, muito.

T: No que você sente a diferença?
R: Em vários aspectos, para começar antigamente, nossa 20 anos já é antigamente, era aquela criança que nem abria a boca, você chegava na sala não escutava nem barulho de mosquito, era um silêncio total, como eu fui também quando era aluna. A gente não tinha liberdade de falar, estou falando isso como aluna. Então a experiência que eu tinha como professora era essa, no começo você sabe, você repete aquilo que você aprendeu, e o curso de Magistério, você sabe, que ele não te dá.

T: Ele acaba repetindo a teoria.
R: É, ainda mais a 20 anos atrás, então hoje eu sinto que o aluno é mais questionador, ele não é da geração da repressão, a gente era muito reprimido na nossa época, então eu acho isso um ponto positivo.

T: Você acha isso melhor.
R: Melhor nesse sentido, porque o aluno questiona, que participa, a gente também que teve uma mudança de postura, agora você sabe ouvir, você questiona eu ainda acho que a gente pode melhorar mais, incentivar mais para poder atender as necessidades desse aluno de hoje, então eu acho que sem querer a gente ainda tem um pouco daquela postura, eu trabalho muito isso, da minha postura, porque a gente trabalha todo dia, mas eu ainda sinto que a gente pode melhorar mais para atender esse aluno, mas ao mesmo tempo esse aluno agora, que é tão questionador, que eu acho bom, não tem mais valores, que aqueles alunos que tinham o lado negativo que eram passivos, mas eles tinham respeito, amizade, mais solidariedade com os colegas, eu acho que o aluno de hoje, está muito agressivo. Mas eu acho que é pelo próprio sistema, social, família, por exemplo eu fui criada numa família estruturada, arrumadinha, mamãe dentro de casa, não trabalhava fora, não tinha que compensa nada, porque estava lá o tempo todo.

T: Você acha que hoje é diferente?
R: Ah, você vê nitidamente a criança que está sendo recompensada, ela é agressiva, ela é egoísta, a gente trabalha muito isso, nossa Terezinha no começo do ano, quando nós fomos trabalhar em equipe, eu levei o maior susto, ah eu não quero fazer com o fulano, ah eu não quero sentar com sicrano, sabe como, aquela rejeição, ah eu quero fazer sozinho, então essa dificuldade de trabalhar esses valores com o aluno, eu falo com a Silvia, antigamente aqui na escola, teve uma turma, aí teve uma um tal de marimbondão na cidade, não sei se você ouviu falar, uma gangue que apareceu aí, que estava fazendo um terrorismo, as crianças estavam tudo com medo, aí eu fui ver a tal turma do marimbondão, que tinha uns que tinham sido alunos daqui, sabe quando você se sente frustada, a gente trabalha, passa tantos valores, mas parece que não está conseguindo passar, a preocupação da gente é tanta, aí eu falei se você fala aluno cidadão, que aluno cidadão se ele não é solidário, se você vê um cara que passa no vestibular de medicina, e marca, tá lá no

cinema e outro lado, que só conhecimento não, que ser humano que é esse que a gente está formando. Então eu achei essa idéia boa, essas sacudidas, aquele procap eu achei que foi uma sacudida, teve uma mudança de postura muito grande com a gente. Agora esses ciclos forma jogados, no começo jogou aí todo mundo apavorou, agora que a gente está mudando, está tendo referências.

T: Então você acha, que agora que está começando mesmo?
R: Então eu acho que agora que vai conseguir resgatar esses valores que estavam esquecidos, por mais que você trabalha, a gente não estava conseguindo chegar até a criança, atingir esse objetivo.

T: Então você acha que para continuar sendo professor, tem que fazer o que?
R: Mudança de postura.

T: E não tem o que falar mais, e tem que continuar estudando?
R: Tem que estar estudando, estar atualizando e tem que fazer uma reavaliação todo dia para você ter uma mudança de postura, porque o professor de hoje, não pode ser aquele mais, não tem nem como e se você não ler, não estudar, se você não fizer cursos, você não vai se atualizar, então eu acho que quanto mais vier para a gente melhor e a gente está sempre cobrando que a gente não tem muito, que a gente tem que ir para fora.

T: E com esses cursos, na sala de aula passa também a ficar diferente.
R: É claro, porque se você não aplicar não adianta nada. Por isso que eu te falei que eu achei bom esse trabalho que você está fazendo, porque você vai fazer depois uma mostragem disso aí, então a gente vai trabalhar em cima disso. A gente vai fazer cursos, estudar em cima disso. Então, Terezinha eu até acho que a nossa criança rende muito, porque se você for ver a realidade dela, for dar uma voltinha na casa dela.

T: Na campanha eleitoral, eu conheci Três Corações, porque eu andei pelas ruas toda da cidade, vi coisas que eu nunca tinha visto na vida.
R: O pessoal falava e eu não acreditava, quando eu fui candidata para diretora aqui na escola, aí que eu fui, sempre eu fazia, mas só com os meus alunos, aí nossa Terezinha, eu vi o que essas crianças vivem, então é isso o social que também está, é o sistema que, nós somos uma parte.

T: Quando a gente enxerga essas coisas, a sensação que me dava era que a escola estava trabalhando com um aluno que não era. A escola fazia de conta que era um aluno e não era, era outro. A sensação que eles tinham, era que eles passaram pela escola e a escola não passou na vida deles.
R: É o que eu estou te falando, a gente sente quando você está fazendo esse trabalho, como eu faço esse trabalho. Gosto de fazer logo na primeira semana, é ir visitar eles na casa deles, para conhecer, saber porque quando ele dá um problema lá dentro da sala, eu sei porque está acontecendo aquilo.

T: E depois, até manter essa visita?
R: E também para depois poder ajudá-lo nesse lado, que eu estou te falando que a gente quer.

T: Você acha diferente ir na casa da criança do que o pai vim aqui?
R: Muito diferente, porque o pai vem aqui e te conta uma história, você chega lá e quase morre de susto. Uma vez teve um caso aqui de uma menina, ela tinha 7 anos, estava no 1° ano, ela entrou na sala e passou por cima das carteiras, a professora quase morreu, aí eu falei para ela, vai na casa dela, aí sim. Lá na casa dela tinha um fogão, a cama, a geladeira, então ela tinha que passar por cima de tudo para chegar na cama. Então ela não sabia, ela não tinha noção, então olha para você ver, como a gente tem que ir lá. Às vezes eles vêm aqui conversa, até desabafa, mas quando você vai lá, aí você encontra cada coisa, aí você vê quem é o aluno de verdade. Esses dias, eu estava falando com a Silvia, e falei para ela até que eles rendem muito, pelo o que eles têm, a vida que eles levam, pelo lado social deles.

T: E o que você faz na sua sala com o aluno que não aprende, porque tem o aluno que está dando conta, o que não está dando, o que você faz?
R: Ah, Terezinha, desoriento, fico doida, coloca a Silvia, a Silvia, a Beth desorientadas, aula de reforço. Se eu vou na casa e vejo que o problema não é lá, que está ao meu alcance, porque igual ao que te falei, eu tenho uma menina que tem desritmia, ela desmaia muito, ela falta muito. Então o que eu posso fazer, o que eu vejo que eu dou conta, eu tiro da aula de Educação Física uma semana, vou atrás da supervisora, tento fazer de alguma coisa para ver o que ele render.

T: No teu dia – a – dia, o teu horário de trabalho, como é que você faz, tem que dar matemática, português, como é que você divide isso, como que você dá conta disso?
R: Não, eu só dou matemática e ciências.

T: Ah, vocês fazem por conteúdo. E nesse horário que você vai?
R: Mas, eu trabalho tudo, eu não consigo trabalhar só matemática, porque eu trabalho subsídio de texto, então se eu estou trabalhando português, aí eu pego texto dentro da ciências, do matemático, eu trabalho geografia e história.

T: Então você sabe o que a outra professora está trabalhando?
R: A gente está sempre conversando para poder trabalhar junto, a gente faz esse intercâmbio, esse ano ainda ficou um pouco falho.

T: A sua sala é forte, como é que é?
R: As minhas 2 salas, são níveis médios. São 3 salas aqui, mas tem uma que é a mais fraca, essa não dividiu professor.

T: É o 4° ano.
R: É o antigo 4°. Então eu dou matemática e ciências e a Isa dá português, geografia e história. Então nós começamos a fazer esse trabalho de integração, aí a gente reuni toda semana na casa de uma, montamos o nosso projeto em cima daquilo a gente trabalha, aí eu tirei férias prêmio, veio outra no meu lugar, agora eu voltei, a Isa tirou, então eu estou trabalhando com uma outra pessoa que eu não conhecia, que eu nunca trabalhei antes, então eu estou achando mais difícil, então eu falei para a Silvia que eu queria fazer um trabalho com uma pessoa que estivesse mais ou menos a mesma cabeça que eu, entendeu, para a gente poder fazer esse trabalho que eu quero nós duas, mas bem integrado. Porque tem gente que é mais difícil. Não estou falando que ninguém é melhor ou pior não.

T: São formas diferentes de trabalhar.
R: Tem gente que acha que a gente é muito moderna, respeito se ela acha que o aluno está rendendo daquela maneira, mas eu queria uma pessoa que nós estivéssemos mais ou menos a mesma linha de trabalho, porque eu acho que a gente ir render muito mais.

T: Você na parte do trabalho na sala de aula, todo dia você acha que o professor por exemplo, na avaliação, como é que você consegue.
R: Ah, ela vale todo dia, tudo. Eu acompanho o tempo todo, por exemplo se eu dou uma atividade, eu fico andando o tempo todo, então eu sei o aluno que aprendeu o que não aprendeu, o que está com dificuldade.

T: Aí, você já vai ali e socorre?
R: No mesmo momento, dou mais uma voltinha, aí se eu vejo que eu não estou conseguindo fazer, eu peço para um colega ajudar.

T: Para não acumular atividade.
R: Isso, e essa avaliação é boa, porque às vezes você dá uma prova e ele não vai bem, mas eu sei que ele é capaz, alguma coisa aconteceu naquele momento, ou ele estava nervoso, ou ele estava chateado, então eu dou outra vez aquele mesmo exercício para ele, ele sai bem, porque eu conheço o meu aluno.

T: Então tem que acreditar que o aluno não é só aquela prova?
R: De jeito nenhum, então eu avalio o tempo todo, se você for lá eu te falo, esse aluno tem dificuldade nisso aqui, aquele ali tem dificuldade em outra coisa. Eu tenho 57 alunos, são 2 turmas.

T: Você tem que acompanhar os 57?
R: Com certeza.

T: Me diz uma coisa, para encerrar o seu depoimento, você acha que a educação está tomando um rumo certo?
R: Acho que melhorou muito.

T: Esse lado de flexibilizar?
R: Dessa autonomia, eu achei, no começo eu era muito contra ciclo, mas é porque a gente não tinha referência, não estava entendendo, mas agora eu entendi que eu trabalhava competência com o meu aluno, e não sabia que era competência.

T: A gente não sabia dar nome as coisas.
R: Então eu acho se essa linha for bem estudada, com bastante curso, atualização, igual está sendo agora. Porém eu acho que veio na hora errada, muito no final do ano, a gente já está cansada, o material tão bom.

T: Eu acho que o ano que vem vai render mais.
R: É. Eu acho que a linha é essa.

T: Você acha quem quer continuar sendo professor, tem que mudar, tem que entrar nessa.
R: Tem. Mudança de postura de 360º, muita disponibilidade, gostar muito do que faz, saber dominar o conteúdo básico de tudo, não é saber tudo, mas não é ficar assim, eu sou professor de matemática tenho que saber tudo, tem que estar bem atualizado, para poder fazer esse jogo que eu estou te falando, que é a interdisciplinalidade. Desde que saiu, eu trabalho muito em cima dos parâmetros, eu gosto, eu acho que ele me dá muita segurança, referência, é uma linha muito boa. Então eu tenho trabalhado muito em cima dele, eu acho que foi um material bom que veio para a gente. Eu sou muito positiva, não sei se deu para você perceber, eu gosto muito do que faço, então eu vou atrás, vou com as meninas de outras escolas, sempre procurando o melhor para o aluno, a minha preocupação é o meu aluno, então eu vivo em função dele. Lógico eles têm defeito, mas eu estou procurando mudar a minha postura, já mudei muito em 20 anos, mas ainda tenho muito que mudar.

T: Às vezes a pessoa fala que tem 20 anos, mas está parada, devagar quase parando. Obrigada pelo seu depoimento, eu acho que a gente está pegando a voz do professor no decorrer do depoimento.
R: Eu acho isso muito importante, porque a gente sempre vem de cima para baixo, agora não, nós estamos indo daqui pra lá. Eu acho que tem tudo para melhorar com essa integração, se Deus quiser a gente vai melhorar esse ensino, a qualidade que a gente quer tanto.

Professora Cida:

T: Como a gente disse lá no intervalo Cida, a gente vai pegar bem o depoimento, quantos anos de professora você tem?
C: 30 anos.

T: Sempre de 1ª à 4ª?
C: Sempre.

T: Variou.
C: Eu já peguei 1ª, mas peguei pouco, porque eu gosto de 2ª, 3ª. Então 1ª eu peguei 2 anos, quando eu comecei no estado, mas eu já peguei todas, 4ª vários anos, 3ª, 2ª, então eu tenho experiência com todas.

T: Bem, nesse tempo todo como professora, você acha que o aluno mudou?
C: Mudou bastante.

T: Como é que você sente, que diferenças, como é que você pode falar que estão?
C: Eu diria assim, a parte social, eles estão mais desajustados, porque antes a família se preocupava mais com os filhos, hoje eles largam tudo por conta da escola, e todos os problemas eles trazem, e a gente às vezes vê uma criança, hoje ela está tranqüila, chega amanhã ela já está diferente, eu própria tenho uma menina na sala, que a mãe até conversou com a Silvia, então você vê nitidamente que ela trouxe o problema de casa, aí fica desajustada, não quer fazer nada, então você ver que quando vai bem em casa, aqui vai tudo bem.

T: Você acha que o aluno mudou nessa parte social, família. E a aprendizagem, você acha que eles têm mais dificuldades hoje?
C: Eu acho que tem, porque eles estão mais dispersos, então a gente tem que fazer mais para conseguir a atenção deles, porque eu acho assim que os meios de comunicação está sempre além, então tem que tentar acompanhar, tem que dar atividade interessante, porque eles estão muito distraído.

T: O que você faz por exemplo com o aluno que não aprende, o que não quer nada com nada?
C: A maneira que eu estou fazendo é conversar, se é disciplina, eu converso, eu agrado porque se não fizer assim não consegue.

T: E tem dado resultado?
C: Eu acho que tem. Porque se a gente deixar piora, então é a gente conversar, pedir com carinho, eu acho que ajuda muito. Acompanhando na carteira, mostrando que a gente está bem pertinho, eu acho que isso ajuda muito.

T: Você está terminando o ano, você tem aluno sem ler?
C: Eu tenho 2, não que não lê muito, mas que não mostrou tanto rendimento, mas eu acho que melhorou muito do ano passado pra cá.

T: Então por exemplo, o aluno no início do ano é pior do que agora?
C: Bem pior, inclusive tinha uma menina que não escrevia nada, e esses dias ela escreveu 2 folhas, não é perfeito, mas a gente vê que se interessou.

T: Me diz uma coisa nesses alunos por exemplo que não estava conseguindo, você teve apoio, ter recuperador na escola ajuda?
C: Esse ano ainda não, porque para a minha turma não teve. Porque teve para as turmas mais fraca. A da Laura é mais fraca.

T: Você é 4° ano?
C: Não. O meu é 3°.

T: Você das turmas do 3° ano, pegou a mais forte?
C: Não, eu peguei a média, eu sei que dentro da média, tem aluno que precisa, que é mais fraco, mas eu estou dando atenção individual, estou fazendo o que eu posso, e eu acho que está indo. Não foi como poderia ter sido, se estivesse uma recuperadora, mas porque não teve condições, porque tem turma necessitando mais.

T: Como é que você faz o seu dia – a – dia, você divide horário, você separa conteúdo. Como é que você faz?
C: Separo, eu divido horário. Quando eu vou dar um assunto novo, eu sempre começo, eu nunca deixo para depois do recreio. Porque tira a atenção, e todo dia um pouquinho de cada coisa para não cansar. Então eu não fico assim, só português, só matemática, quando eu vejo que estão ficando cansados, que eu fui além. Aí eu paro ali, pego outro assunto, aí no outro dia eu continuo. Sempre um pouquinho geografia, história, ciências, ditado, sempre eu pego um pouquinho de cada coisa.

T: Certo, você vai adequando ao dia. E a parte ligada á avaliação como é que você trabalha?
C: Eu trabalho assim, eu dou um assunto novo, faço perguntas em cima daquilo, faço perguntas oral antes de entrar em um assunto, exploro bastante eles, para ver o que eles sabem, porque às vezes o aluno surpreende a gente, eles prendem muito você acha que esse aluno não sabe nada disso, aí a hora que você faz as perguntas, eles sempre respondem. Então a avaliação é continua, diária.

T: Você acha que o ciclo mudou a sala de aula?
C: Eu acho que mudou bem, mas a criança ainda está...

T: Ainda permanece muito série por exemplo?
C: Ah, permanece. A sala não está bem preparada para o ciclo não.

T: Então está mais uma mudança de nome?
C: Eu acho que a gente vai conseguir, mas primeiro a gente tem que saber bem o que é ciclo.

T: Saber bem o que tem que fazer?
C: É.

T: Você acha por exemplo, como professora você tem 30 anos, mesmo você ou alguém queira continuar a ser professor o que tem que fazer para dar conta dessa criançada, dessa família, qual é a do professor?
C: Eu acho que o professor tem que ter muito jogo de cintura, sempre teve, mas eu acho que agora está exigindo mais.

T: O que você fala que é esse jogo de cintura?
C: Ver o que cada aluno está precisando, dar uma atenção individual, conversar, não ficar distante, dar bastante carinho que eles precisam muito, a gente percebe a carência, porque tem carência na família, então eu acho que na escola...

T: Então você acha que o professor, esse lado do relacionamento humano.
C: A criança precisou, você tem que estar ali, então ela tem que senti que o professor está ao lado dela, porque se ela senti que o professor está distante dela, parece que ela não se interessa.

T: E o que mais se um aluno fala quer ser professor, o que você fala para ele, primeiro esse lado que você falou, estar muito perto, muito ligado, o que mais você diria que um professor precisa?
C: Eu acho que estar sempre estudando, pesquisando.

T: Mesmo que tenha 30 anos de Magistério?
C: Ah, mesmo porque eu acho que a gente tem que estar sempre aprendendo.

T: Não pode parar.
C: Não. Você tem que estar sempre buscando experiências de outro, passando as suas, porque eu acho que ajuda muito.

T: Você acha que o grupo de professores, na escola ajuda e tem que repartir as experiências?
C: Eu acho que a gente sempre tem que reunir, vê o que cada um está fazendo , trocar experiências, porque a gente mesmo com 30 anos a gente precisa. Porque às vezes a gente tem um tipo de aluno, que o ano passado não teve, então muda muito.

T: Então você acha que o caminho é esse que o professor que quiser entrar, continuar e por aí
C: Eu acho. Tem que estudar muito e dar muito amor que eles precisam demais, você vê que a família hoje em dia não está se preocupando.

T: E você acha que a família hoje em dia tem solução, o que a gente faz com a família.
C: Eu acho que a gente devia trazer mais, a família para dentro da escola, que primeiro tem que ensinar a família, porque está difícil.

T: Você acha que tem que colocar a família para ir aprendendo junto?
C: A família distante eu acho que atrapalha demais, para saber o que a gente quer do aluno e ensinar também porque a família. Ensinar a educar, às vezes eu falo isso em reuniões para eles.

T: E a família que vem na escola será que é diferente conhecer ela em casa, como que é ela vive lá, porque quando ela chega na escola é diferente como é que você vê isso. Como que você acha que nós podemos conhecer melhor a família?
C: O negócio é a falta de tempo, porque eu acho que seria uma solução a gente estar sempre perto da família, ver o que está acontecendo, mas infelizmente.

T: Não tem tempo, tem que ser aqui?
C: A gente tem que chamar a família para conversar, porque eu acho que resolve, às vezes um pouquinho de tempo que a gente tem em reuniões a gente conversa, percebe que ajuda, que muda, porque às vezes a criança é carente e a mãe não percebe, porque a criança está precisando dela. Fica muito distante dos filhos acha que é só dá alimentação, mandar para a escola é o suficiente.

T: Você acha como professora, que trabalhar numa sala mais ou menos parecida é melhor ou você acha que trabalhar com heterogêneo é melhor. Só agrupa por idade, por exemplo.
C: Eu acho que do mesmo nível é melhor, mas a gente não pode pensar só assim, eu acho que você não pode agrupar só os ruins. Porque geralmente os alunos fracos eles têm muito problemas e não tem interesse esse ano veio um da Laura para mim, eu achei que ele melhorou, integrando nos melhores, eu acho assim não tudo misturado, mas um ou outro.

T: Mas relativamente heterogêneo.
C: Não só bons e não só fracos, mas assim um ou outro já dava uma misturada.

T: Obrigada pelo seu depoimento.

Professora: Maria Carminha

T: Então, Maria Carminha é um depoimento bem no sentido da realidade. O que a gente está perguntando é por exemplo você como professora, quanto tempo você tem .
MC: 22 anos.

T: Sempre mexendo de 1ª à 4ª.
MC: Sempre.

T: Passou por vários tipos de 1° ano, 2° ano?
MC: Todas as séries, quando era seriada, e por todos os tipos de sala quando havia definição de sala.

T: E agora, você está trabalhando qual?
MC: O 2° ano.

T: 2° ano do ciclo básico?
MC: Isso.

T: Nesse tempo todo de experiência, você acha que hoje os alunos estão diferentes.
MC: Olha, Terezinha. Eu acho que eles estão chegando diferentes para a gente, a tempos atrás a gente recebia meninos com dificuldades de aprendizagens, mas era assim um ou dois meninos, num universo de turma.

T: Eram poucos.
MC: Agora hoje, você está recebendo muitos meninos, não só com dificuldades de aprendizagens, mas também com as dificuldades emocionais.

T: Sei. Está vindo para a escola aluno com problemas além do pedagógico?
MC: É aí que eu encontro a maior dificuldade.

T: Essa parte emocional o que seria, me dá um exemplo de problemas?
MC: Olha, é a desestruturação familiar, principalmente o pouco apoio da família que a gente professor encontra e também assim o desorientamento do aluno em relação a tudo. Esse ano eu estou com uma 1 turma que você não consegue resolver o problema dentro da sala para que ele possa render o mínimo possível de aprendizagem, ele chega tão desorientado que ele não consegue se concentrar naquilo que você está propondo para ele.

T: O seu 2° ano, é uma turma mais fraca, mais forte, como é que é?
MC: Bem, mais fraca.

T: E quantos alunos você tem na sala?
MC: Eu tenho agora 26 alunos.

T: Em que nível que eles estão, no silábico, alfabético?
MC: Eles estão agora no silábico.

T: Então eles vão terminar o 2º ano sem estar lendo.
MC: Com leitura bastante silábica ainda, e tenho aqueles que ainda não conseguiram.

T: O que você faz durante o tempo todo, se o aluno estiver uma dificuldade ali na hora, na sala todo dia?
MC: Eu tento de toda maneira que ele consiga alguma coisa, aí eu me sinto incapaz de resolver isso, isso me frusta muito.

T: Aí na sala você tem cada um de um jeito, e como é que você faz isso, vai de um em um?
MC: Aí que é a minha maior dificuldade, porque isso agora gera indisciplina, ele já é um menino indisciplinado pelo o que ele já traz. Então não acompanha, e principalmente por não acompanhar. E quando uma turminha vai conseguindo alguma coisa, e 1 percebe que ele vai ficando para trás consequentemente a indisciplina acontece. Então você tem que procurar uma coisa que ele dê conta de fazer, para que ele se sinta ocupado, valorizado e também assim que ele perceba que ele dá conta de fazer alguma coisa e para que ele possa dali ir para frente.

T: Não desanimar.
MC: Mas, é muito difícil. Eu acho que a escola, que nós professores hoje, a nossa incapacidade é de resolver esse problema social. Eu acho que a escola precisaria, no mínimo de um psicólogo, para dar uma assistência diária, porque nesse parte por mais experiência que a gente tem, tecnicamente a gente é leigo.

T: Como agir em determinados momentos?
MC: E isso está vindo de uma forma muito intensa para nós, cada vez mais. Porque quando você resolvia 1,2 problemas, você tinha tempo até para estudar, o que você ir fazer. Agora todo dia, toda hora por exemplo ali na minha sala 26 alunos, cada um com uma coisa. Então não dá nem tempo para fazer uma análise específica de cada caso, para você ver como você vai agir. E de repente a gente até toma atitudes erradas, que não precisa da gente agir daquela maneira, poderia agir de maneira melhor, então se a gente tivesse na escola esse tipo de profissional para nos ajudar, eu vejo essa necessidade.

T: Então você sente uma necessidade, o que você faz com o emocional da criança.
MC: Porque o pedagógico você até dá conta, mesmo com a criança que tem dificuldade de aprendizagem, o que você não tem uma habilitação específica para isso. Mas o professor consegue dar conta dele, mas essa parte do social da criança que está vindo de uma forma muito intensa, essa parte a gente não está dando conta, eu acho que aí. Apesar de achar que nós precisamos estudar cada vez mais em cima disso aí, para tentar resolver mais essa situação, mas eu ainda me sinto muito incapacitada nessa área.

T: Você acha que a escola que está recebendo esse aluno com esse tipo de diferencial, o que faz com a família, se as famílias estão tão desestruturada, você acha que a escola tem alguma coisa que se possa fazer.
MC: Eu sempre tive esta questão, o que a gente pode fazer porque eu sempre me senti limitada quanto a isso, mas agora, esse ano principalmente, não é a turma desse tipo que eu pego, mas no meu amadurecimento, eu acho que nós temos que procurar uma postura, não de suprir não, mas de atender de uma forma melhor. Antes a gente, vamos dizer, o caminho da escola era transmitir o conhecimento. Eu acho que a escola tem que mudar é aí, não é só transmitir o conhecimento, já

que está sendo, que está vindo para nós isso, então nós temos que trabalhar em cima disso, assumir isso de uma forma melhor.

T: Trabalhar esse dado, porque está vindo diferente?
MC: Isso. Buscarmos uma maneira de trabalhar esse dado que está vindo diferente.

T: Então quer dizer que não pode trabalhar com a escola como era antes, aos uns 10 anos atrás.
MC: Não. Porque antes a gente dava conta do pedagógico, tinha bons ou maus professores, mas você dava conta dele. Um supria o outro, mas agora está uma coisa muito difícil.

T: Você acha que pelo o que você falou no seu depoimento, que o dia – a – dia hoje ele está o mesmo ou ainda está dando aquele compasso, mudou, como que ele está?
MC: A escola, a gente está buscando, mas ainda está encadinhando.

T: Está muito presa a escola antiga, e aí talvez fique o descompasso?
MC: Está. Eu estou falando isso por mim, porque eu estou me sentindo encadinando em relação a isso, a gente está muito presa ao padrão, a série, ao conteúdo, ao horário.

T: E assim o aluno fica diferente, aí não dá conta?
MC: E a gente fica querendo resolver tudo, e a gente não consegue. Aquela ansiedade de querer dar conta do recado, aí você bate de frente e não dá conta, aí causa a insatisfação.

T: Como opinião final sua, se você quiser continuar sendo professora, ou quem quiser continuar a ser professor, aonde que tem que ir, que alternativa que tem. O que você fala?
MC: Principalmente se humanizar, tem que entender o lado humano.

T: A sala não é mais um grupo só de conhecimentos.
MC: Não. Principalmente a humanização e em seguida o estudo, a busca.

T: Mesmo quem tem 20 anos?
MC: É. E inclusive não só pedagogicamente. Nós temos que ter psicologia, e até um pouco mais, não diria lógico, mas a gente tem que entender um pouco de Neurologia.

T: De estudos, dificuldades, do psicopedagógico.
MC: Exatamente. Para a gente poder no mínimo, saber com que está lidando, porque eu acho que a partir do momento que você toma consciência de com quem você está lidando, a sua postura já é diferente. Porque às vezes você vê um menino e fala esse menino é isso é aquilo até conhecer o menino, a partir do momento que você conhece o menino e vê a história dele, a sua maneira de lidar com o menino muda, então eu acho que é por aí que o professor tem que buscar maior conhecimento para poder lidar com um número maior de dificuldades, que ele possa se encontrar.

T: Obrigada pelo depoimento.

Professora: Carminha

T: Carminha, é aquilo que a gente falou no intervalo, a proposta da gente é conversar, porque até mesmo o seu depoimento de vida, a sua experiência. Então você aqui no Clóvis Salgado, como supervisora. Há quanto tempo você está como supervisora aqui?
C: Há 1 ano.

T: Ah, tá, entrou esse ano, e antes você tinha trabalhado de supervisora, ou só professora?
C: Só regente.

T: E quanto tempo você tem de professora?
C: Eu tenho 21 anos.

T: E sempre trabalhando com as 4 primeiras séries?
C: Mais a 3ª e 4ª. Eu nunca trabalhei com a alfabetização, estou trabalhando agora na supervisão.

T: E sempre aqui no Clóvis Salgado. Como é que é?
C: Eu trabalhei 10 anos com a Cléria no Coelho Neto, 1 ano lá no Peró no Nosso Senhor Fonseca e 10 anos aqui.

T: Com esse tipo todo que você tem, com esse caminho, esse tempo todo que você tem. Como é que você sente hoje a escola, como é que ela está por exemplo o aluno que está chegando para ela é o mesmo?
C: Não. Há muita mudanças a cada ano. Mas eu acho que a educação agora está partindo para melhor, de uns 3 anos para cá, a postura do professor não está mais naquela avaliação de conhecimento, de cobrança. Agora nós estamos partindo da realidade do aluno, para trazer ele para a escola com a família, eu acredito que nós não estamos bem não, mas com a mudança que está ocorrendo seja boa para a educação.

T: E quando você fala que esse aluno está diferente, no que ele está diferente, que caracteristicas que você percebe hoje nele, que não era assim no passado.
C: Pra mim, eu acredito que seja a família, o desenvolvimento familiar deles, na questão financeira que a gente vive, no aspecto ruim, porque o mundo de hoje, não é o de antigamente, nós estamos partindo mais para a independência de mulher, de pai, muitos casos de separação, isso tudo influencia, acho que o meio, a realidade do aluno que está tendo uma transformação.

T: E ele chega aqui na escola, como que ele é?
C: Ele chega a própria família, a própria realidade.

T: Porque você está falando isso?
C: Porque ele acha que a escola vai resolver os seus problemas, e não é isso, então ele tem um choque e a gente como não tem apoio da família, às vezes é um aluno desinteressado, às vezes há evasão, há repetência.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

T: Você acha que esse aluno está chegando cobrando da escola uma coisa que ela não atende?
C: Às vezes nem tem. Eu acredito que a maioria espera muito da escola. Às vezes a escola pode dar, mas o professor que trabalha ali com ele, às vezes não era o que ele desejava, então por isso que às vezes dá muito atrito eu acho que é isso que está acontecendo.

T: Então esse aluno que chega esperando uma coisa da escola que a escola não é, como é que ele é na sala de aula, a maioria?
C: O desinteresse, a falta de querer crescer, querer estudar.

T: Está desmotivado.
C: A motivação dele já vai partindo...

T: Você acha que tem mais problemas de aprendizagens hoje, do que tinha lá no passado?
C: Eu acho que a aprendizagem hoje, está mais difícil.

T: Mais na parte da alfabetização?
C: Ah, eu acredito que seja, alfabetização, na parte da leitura, não é o que vai, mas a alfabetização é o básico, porque às vezes chega criança no 1° ano intermediário sem ter uma leitura correta.

T: Você acha que da parte da escola, por exemplo, sabendo que o aluno está vindo diferente, vem com outro tipo de futuro, a escola não tem insistido em tratar ele do mesmo jeito e aí deu mais problema?
C: É eu acho que a escola agora, a partir de uns dois, três anos acordou; e tem feito esse trabalho e está sendo feito esse tipo de recuperação dele. Eu acredito que no ano que vem já vai ser melhor. Na nossa escola já tivemos experiências ótimas esse ano. Nós já mudamos a postura do professor, estamos tentando a do aluno atingir mais a realidade. Agora é um aluno ótimo. Este ano foi um sucesso.

T: E no caso desses alunos por exemplo, que tem dificuldade no aprendizado, na sala d aula tem uns que vão, tem uns que não vão. O que a professora assim como supervisora, você que acompanha, o que a professora acaba fazendo todo dia? Como ela trabalha esse menino que não fez nada lá? O que ela faz lá?
C: Eu acho que ela procura dar alguma coisa que atinja ele, mas eu acredito que não é muito porque são trinta alunos, trinta e cinco não tem como, às vezes eu acho que ele passe por despercebido dependendo da postura da professora. Mas eu acho que o que precisa ser integrado é a gente melhorar o nosso tempo escolar, nós temos que adequar a escola na realidade do aluno e nesse tempo escolar, que se eu trabalho de uma maneira boa eu posso ajudar outros de outras salas, mais aí existe um horário, uma adequação com a professora, com a supervisora. Quer dizer, ele produz comigo e com a própria supervisora não. Então eu acho que se tivesse essa integração nós teríamos mais resultado.

T: Como é que seria isso na prática?
C: Acredito que é assim. Eu trabalho muito bem com o português, tenho afinidade com o português. E a professora está vendo que o aluno não está produzindo no português, eu acredito que a gente fazendo um horário, um tempo pra ele, que eu possa doar para ele, que ele deseja, eu acho que isso vai produzir mais, mas isso depende do horário.

T: Então, teria até que flexibilizar para que os alunos não ficassem sempre na mesma sala?
C: Não. Eu acho que mudando até seu próprio ambiente, ele tenha um reflexo de mais interesse, eu acho que esse tempo escolar, seria um próprio passo que a escola teria que trabalhar bastante.

T: Que no momento mesmo com o ciclo, ainda permanece o horário?
C: Os horários, o número de alunos, eu acho que se a gente trabalhasse com essa questão que já está sendo feita, o trabalho do ciclo, a postura do professor, a maneira de trabalhar está mudando muito no professor, o professor está adaptando mais a realidade do aluno, mas eu acho que esse tempo escolar, que esse dia – a – dia do professor tem que ser modificado, porque eu acho que ainda está preso naquele horário formal, nos conteúdos, porque às vezes dá aquela dosagem imensa para o menino e o básico ele não sabe, não interessa, eu acredito que nem outro professor que está fazendo um trabalho de equipe do próprio colega ajudá-lo, eu acho que a nossa educação seria melhor.

T: Você acha que no momento, que está hoje, com os desafios que estão aí, com o mundo que está, com os alunos que estão chegando, o que tem que fazer para quem quer continuar ou quer ser professor?
C: Eu acho que é entender realmente o que é um educador, porque às vezes o professor não é um educador, que é primeiramente a postura do professor.

T: Primeiro se concretizar do que é professor?
C: Eu acho que tudo envolve na postura, na realidade do aluno e no tempo escolar, que com essas 3 coisas, nós teríamos uma educação melhor.

T: E essa consciência de mudar o tempo, a postura, a realidade, isso vai repercutir no jeito dele fazer o dia – a – dia?
C: É. Assim teremos mais sucessos com a nossa educação, eu acho.

T: E você acha que o professor está a fim de mudar?
C: Eu acho que uns 70%, que ainda tem uns que é difícil. Mas eu acho que a própria geração que está vindo, eles têm que mudar.

T: Então alguns permanecem, e o próprio desafio na sala de aula dele?
C: Mas ele tem que mudar, mas é difícil, eu acho que o papel de especialista e da direção está sendo muito difícil, porque às vezes a gente quer mudar, mas tem gente que continua persistente. Eu acho que precisa muito de leitura, de muito conhecimento, de muito conhecimento, muito estudo, muita informação. Eu acho que esse estudo é válido, que está chegando agora para nós. Porém não deveria ter vindo agora, teria que ter esse tempo escolar para o professor. No início do ano, se estivéssemos esse esclarecimento, às vezes quantos alunos poderia receber a professora.

T: Mas você acha que esse tipo de estudo para o início do ano que vem, já vai ajudar?
C: Ah, é uma das sugestões que eu e a outra supervisora demos para que esse estudo seja mais aprofundado e no início do ano, não agora cobrando de uma maneira inadequada, porque você quer assim correndo, quer ponto positivo, você quer negativo, eu acho que a gente teria que ver a fita, retornar, vamos pára, discutir.

T: Aplicar alguma coisa na sala, algum trabalho. Vamos fazer uma das idéias, todo mundo faz na sala, e cada um conta o que achou.
C: Vamos agora partir para o fasciculo, o que vocês acham. Eu acho que tudo dessa maneira fica difícil, mas eu acredito que já partiu assim, já tem uma idéia que seja melhor, eu acredito. Eu acho que o ano que vem deveria ter mais estudo.

T: Você acredita que o caminho da educação, está certo?
C: Eu acho, está mudando muito, e o que vai ter que mudar é a postura do professor, vai ser através desses debates, dessas palestras, sínteses, dessas fitas à qual a gente nem assistia, à 10-20 anos atrás, a gente tinha uma linha de planejamento fixa, que você teria que dar aquilo, até o supervisor...

T: Você acha que esse ensino padronizado não dá mais conta dos meninos?
C: Não. Eu acho que tem que partir do universo, da realidade.

T: Me fala um coisa, como última opinião tua, aqui na escola por exemplo, tenta até ajuntar os meninos mais ou menos, para a sala não ficar forte ou fraca, então faz um arranjo relativo, você acha que isso é melhor do que fazer a sala heterogênea mesmo, aquela que não fez nenhum arranjo é heterogênea mesmo?
C: Eu sou a favor dela, eu acredito que nós estamos partindo para isso, no meu ponto de vista teria que ser assim, em questão do professor, do aluno em ajudar a professora, porque você vai ter alunos bons, alunos fracos. Não vai ficar aquele padrão de sala.

T: E por que o professor não aceita isso? O professor tem uma cabeça mais ou menos parecida e melhor.
C: Não sei, porque a maneira seria melhor para ele trabalhar.

T: Talvez ele não saiba trabalhar a diversidade, sabe trabalhar só aquela sala que é do jeitinho dele?
C: É isso tem que mudar, gente. Eu estou com 2 2ª séries boas, no ciclo básico. Talvez teria que fazer igual você está falando, chegar ali jogar ali, falar esse vai aqui, aquele vai ali, independente de quem seja, a não ser que a gente olha alguns alunos que tem problema de disciplina.

T: Para não juntar com outro que tem.
C: Mas eu já conversei com a Silvia, para ver se põe bem diferente as salas.

T: Porque na medida que o professor, que não pode jogar sem que o professor esteja preparado, mas acho que o professor sabendo trabalhar o diferente.
C: O diferente vai se tornar bom.

T: Incentiva.
C: E o próprio aluno ajuda.

T: O professor vai ter que repartir o trabalho/
C: Agora nós temos essa visão, de que a criança entra no pré-escolar e vai até a 4ª série com essa turma, eles criam os mesmos hábitos, a liderança você vê na 4ª série, o 1° ano aqui criança que lidera, você vê o meu sobrinho que lidera, é ele que manda deste o 1° ano. Acaba que a criança se

anula, cria os bons, os levados, os que sabem, os que raciocina. Eu dei aula para o meu sobrinho, ele lidera, eu passei uma questão no quadro, todo mundo: O Júlio qual é a sua resposta. Eu fiquei assustada com aquilo, me abalou, eu falei, mas Júlio você não vai abrir a boca, mas tia eu falo para todo mundo, então ele lidera, eu acho que igual essa sua, heterogênea, seria fantástico, mas se o professor ainda não tem a postura de...

T: Inclusive, nós até percebemos quando nós fizemos aquela inclusão de alunos da APAE, que vinham para nós, eles melhoraram demais nas salas regulares, aprendendo, porque eu falo que fraco com mais fraco, dá fraco e meio.
C: Agora você acredita, falando em outro assunto, porque a minha menina estuda na APAE, eu acho que teria que trazer ela para o meu ensino, na hora em que ela foi alfabetizada lá.

T: Eu acho que até o apoio especializado pode ter em uma instituição que precisa, ter fonoaudiólogo, fisioterapeuta, essa coisa. Mas na escola regular, os 3 anos que nós fizemos o PROEBE aqui, gente até o aluno surdo começou a falar, falar assim no sentido de articulações, que a surdez dele era só no ouvido, que ele tinha o aparelho fonador perfeito, na hora em que ele começou a ficar na frente dos meninos, a surdez dele era 30 %, ele não falava, a gente tivemos um caso de menino no dia das Mães cantar, articular fala, que na APAE não falava.
C: Aí entrou na escola, produziam da maneira que era possível.

T: Todas as diferenças que eu vejo. Não pode jogar o professor sem estar preparado. Porque o grande problema é saber trabalhar diversificado, o professor tem que saber trabalhar heterogêneo, para ele pegar uma sala heterogênea, porque se pega uma sala heterogênea e trabalha padronizada, ele mata todos. Mas se ele sabe trabalhar, olha, como é que você põe um menino para olhar outro? Como é que você pode fazer pequenos grupos? Como é que você pode fazer atividade de círculo e a outra em carteira, dando técnicas para que ele trabalhe o dia?
C: Eu acho que a gente tem que mudar muito, eu acho que a educação, a preocupação da educação teria que ser o professor, o trabalho a ser realizado com o professor fazer ele sentir que tem que trabalhar dessa maneira que aí nós vamos ter logicamente vem a educação, ou nós vamos. Porque nós vamos trabalhar.

T: Então tem solução?
C: Ah, tem. É por aí, bem professor mesmo, tem dia que desanima a gente, né?

T: Não eu acho legal.
C: Tem dia que a gente desanima.

ESCOLA ESTADUAL 3

Professora: Moema

R: O Marcelo por exemplo, já escreve texto, eu dou uma gravura ele já escreve pequenos textos. E eu já, já que a minha turma foi, agora no final de ano eu voltei com o Marcelo de novo, pra ele integrar com a turma. Eu comecei a dar assim mais coisa da 1ª série, puxando um pouquinho pros outros, mais as perguntas, os questionamentos são mais de 1ª. Porque a gente separando, apesar de não separar mais, separando assim por menos dificuldade. Então por exemplo eu trago pra eles uma tela. Como eu trabalhei com eles sobre Monê, então eu trago um documentário sobre Monê, eu tô atendendo os outros né, lá a gente comenta, vê sobre a vida dele, faz as operações: quantos anos ele teria hoje, quantos anos ele morreu, a Matemática, a parte de geografia. Então todo um trabalho integrado, e pra ele o que é que vai acontecer, quando eu for fazer as minhas perguntas, eu vou perguntar quais são as cores que tem nessa tela. Tem uns que chegam até a reclamar, "ah! professora, tá muito fácil!" É lógico que tá fácil, aí eu falo "que é isso, quem não sabe responder as cores pode largar mão". Então brincando com eles, levando um pouquinho, e não falando que eu to fazendo por causa dele. Então ele tá se sentindo muito importante, porque ele tá conseguindo fazer, o que o outro está fazendo. As operações ele teve muita dificuldade de aprendizagem, como eu tive com outros meninos. Eu tive um caso de um outro menino que teve problema seríssimo, ele teve problema na infância. O pai dele morreu ele tinha 2 anos, até ele também passou no psicólogo; Eu tenho um monte na 1ª série. Eles mandam tudo pra mim, porque eles dizem que eu do jeito. Aí esse menino, teve dias dele se machucar. Ele pegou o lápis e furou a mão dele. Eu tive que tomar o lápis dele porque o sangue desceu. Ele pegou um clips e colocou na boca e furou a boca dele. Ele já chegava na sala chutando as carteiras. Um olho de gente ruim. Amarelinho. Eu até pedi par levar o menino no médico. Aí ele olhou e disse: "não ele não nada, é ele mesmo que é assim." Nisso o menino me deu muito trabalho, ele tem dificuldade de aprendizagem.

T: Ele tá com você na 2ª?
M: Todos, eu não deixei ninguém pra trás, não quis que tirasse menino nenhum. Já que eu vou continuar com uma turma eu não vou selecionar menino. Então meus problemas de 1ª série, tão lá, a mesma coisa.

T: E esse menino melhorou?
M: O Lelis, ele melhorou. A parte dele assim de nervosismo, mais ele ainda não tá assim não.

T: Mais tá lendo?
M: Ele lê. Todos eles lêem. Só um o Marcelo já lê, ele tá dando retorno pro escrito. O outro lá, ele era ótimo, a parte cognitiva dele, excelente, só que é um menino que tem problema comportamental. Então de tudo isso eu tinha que tá de olho nele, eu tinha que controlar o humor desse menino, porque a hora que dava um negócio nele, ele saia levantando e batendo em meia dúzia de pessoas. Então pra tudo tem que ter humor. Porque não sou só eu que dou aula lá. Tem Educação Física, e até que ele me atende bem. No recreio uma vez, ele saiu, brigou, aí eles foram lá, acudiram, e eu fui atrás, porque aí eles vieram correndo pra mim, porque é a única que ele

obedece. Aí eu fui, ele veio de gatinho, lá de baixo do pátio, engatinhando, passo o corredor inteirinho igual cachorrinho, e eu de pé andando, e ele igual cachorrinho até na sala. Foi pra debaixo da carteira e eu continuei a aula normal como se nada tivesse acontecido. Os outros não falam, na minha sala é proibido falar mau dos outros. Então ninguém fala nada, porque eu trabalho ética também. Então ele ficou quieto, embaixo da carteira e eu puxei um assunto que pra ele era interessante. Então ele foi sentando, quando vê ele estava participando da aula, normal, tal. Mais nesse meio tempo, eu fico tensa também, porque eu não sei qual vai ser a reação dele lá naquele lugar. Que ele pode levantar e bater, e meu braço não alcança tão rapidamente assim. E hoje como tá minha sala, eu acho tá uma sala muito boa, eu alcancei os objetivos que eu queria, de acordo com os limites de cada criança, porque cada um tem seus limites.

T: E é interessante isso que você fala, às vezes na mesma atividade pra um você faz uma pergunta, pra outro, outra. Porque você, se na mesma atividade quiser padronizar, você não tá fazendo o trabalho da diferença.
M: Não tem como. Eu não posso fazer isso.

T: E aí em função disso, você pode avaliar, porque se ele respondeu a pergunta que ele pode responder, ele alcançou, se você fizer uma pergunta que ele não sabe, ele é fraco.
M: Mesmo quanto eu to querendo fazer uma avaliação, porque não faço só avaliação no dia-a-dia, eu também dou uma avaliação por escrito, porque eu acho que tem que ter. Eu procuro dar também avaliação por escrito, às vezes em grupo, às vezes sozinho, porque o menino tem que passar por todos os tipos, porque a vida dele não vai ser em grupo a vida inteira. Então todo mundo fala assim: "deixe os meninos só trabalharem em grupo." Não é por aí. O dia que eles ficarem sozinhos, eles vão ficar inseguros. Então na vida deles, quando eles forem fazer um vestibular, a gente fala assim: " a Escola não tá pra preparar o menino pro vestibular." Mais tá também. Faz parte da vida dele. E hoje em dia eu to trabalhando mais uma 1ª série, mesmo nas operações eu busco puxar um pouquinho, vou lá, mais venho aqui, tal, pra ver se eu alcanço e todo mundo consiga atingir.

T: Moema, de todos esses casos que você contou, eu acho interessante, porque é o que a gente quer do professor, porque mostra o trabalho que você faz pra atender o tipo de aluno que a Escola tá recebendo hoje e as diferenças que tão vindo. Você acha então que como professor, pra estar tendo aprendizagem, pra estar tendo realmente um bom trabalho, o professor tem que trabalhar diversificado, tem que estar buscando?
M: Tem que saber o aluno que ele tem. A clientela que ele tem na sala. Uma atividade que eu dei por exemplo, eu pedi a todos que lessem um livro de literatura, cada um escolheu o seu, dentro do nível deles, tal. Todos levaram o livro pra casa. Aí leram, dei dois dias pra ler. Não passei dever nesse dia. Porque eu dou dever até na sexta-feira, não tem esse negócio de dia santo, porque o serviço de casa a gente não para, o serviço não para, porque a Escola não tem que ter. Bom, aí eu pedi pra ler. No outro dia, no dia da atividade eu pedi pra que cada aluno fizesse a apresentação do seu livro, mais de acordo com o que ele sabia, que ele dava conta. Então pra um que tem dificuldade de falar por exemplo, ele fazia mímica. O outro ele ia dramatizar, porque ele tem muita expressão. O outro, que desenhava bem, ele desenhou no quadro a historinha, sem falar, então eles interpretavam. O outro contou um pedacinho, contou o pedacinho que ele mais gostou. O outro quis fazer um comentário, porque eu sei que ele tem facilidade, então fez uma crítica. Então tudo

isso faz com que eu alcance o que eu quero e eles se sintam bem. Porque a auto-estima do aluno é muito importante. Porque se ele foi lá e foi aplaudido, porque eles aplaudem, então ele fez bem. Porque se fosse diferente, eles iam dar uma vaia.

T: Então você acha que se ficar no programa, se fica no plano padrão, e você querendo que todos façam aquilo que o programa pede....
M: Ah! Não tem como, não tem. Inclusive quando eu recebo o planejamento que hoje, dizem que a gente não recebe, mais recebe, bonitinho, prontinho.

T: O que você faz com o plano pronto?
M: Eu até gosto em termos, só que eu não fico com aquilo ali estanque. Eu chego na sala, eu leio, e no início do ano eu comento com os alunos o que a gente vai estudar durante todo o ano. E ali dentro do que a gente vai estudar durante todo o ano, eu vou fazendo com eles um planejamento do que que vai acontecer. Então por exemplo, agora nós vamos trabalhar as vogais, então os meninos me dão um pouco de retorno. É lógico, numa 1ª série, eles estão começando, então eles ainda tem um pouquinho de dificuldade, mais eu vou orientando, vou empurrando pra sair, porque eles se sentem importantes com isso. Eu dou muito valor com o que o aluno tem .

T: Já que você tá colocando que o aluno se envolve no planejamento que tá pronto, mais que é deles também, como você começa todo dia a aula, o dia-a-dia, você chega e faz o que?
M: No primeiro momento de sala de aula, não falo nada, eu cumprimento e deixo, porque eles chegam cheinhos de novidades.

T: Você não precisa falar que sai coisa.
M: Não, eles chegam. Já põe a mochila, eles conversam, eu deixo, só não pode gritar. Conversar a minha sala é à vontade, eles podem conversar a aula todinha se eles quiserem, só que é num tom mais baixo.

T: Pra não atrapalhar e todo mundo se ouvir.
M: Isso. Agora é lógico, se é uma atividade que exige que ele fique quieto, aí eu dou um toque: "olha se sabe muito bem que eu não proíbo fala...". Eu acho que a gente não pode entrar numa Escola das 7 às 11 e ficar tudo quieto. Ficar numa aula sentado, pregado, que nós não vamos morrer tudo sentado. Pode conversar, mais será que é momento, será que agora não é o momento da gente parar, ler, pensar. Na hora de pensar como é que eu vou pensando e falando, incomoda o colega, a gente tem que pensar no outro também. O outro é importante, aí eles é mesmo tia, eu quero que ler isso aqui.

T: Eles se sensibilizam....
M: É a responsabilidade daquilo. Por exemplo, eu estou dando aula, e o menino tá assim: "deixa eu ir no banheiro?" Eu não proíbo, eles pedem pra gente não deixar, eu deixo todos os momentos, só que eu falo: "Ó tá perdendo aula." Então o que eu faço, eu jogo a responsabilidade para ele.

T: E se ele está evoluindo na atividade, ele nem lembra de banheiro.
M: Eles viram correndo.

T: É só se precisa mesmo.
M: E eles pedem quando precisam, é o mais interessante. Quando demora eu vou atrás. Demorou um pouquinho eles sabem que eu vou atrás. Porque às vezes tá passando mal. Eu vou por esse lado.

T: Você está interessada no que tá acontecendo com eles.
M: Mesmo que eu pense assim, ele deve tá...., eu vou atrás: "Ô meu filho, se tá passando mal?" Então eu não levo pra ele que tá fazendo alguma coisa errada.

T: Você chega preocupada.
M: Eu chego preocupada. Nossa! A gente vai ajeitando as coisas.

T: Você separa seu horário: português, matemática ...
M: Não. Inclusive eu quando peço caderno, eu peço um caderno. Porque eu não dou aula separada. As minhas aulas acontecem todas misturadas.

T: Ano que vem, na hora que eu tiver mexendo com aluno eu vou querer até ver caderno. Porque eu acho legal quando o professor faz esse tipo de trabalho que a gente não encontra muito por aí. E é importante pegar esse tipo de atividade.
M: Pode pegar. E quando eu começo por exemplo, da 2ª agora eles tão indo pra 3ª, quando eu começo com 3ª série, que eles já tem mais condições, são aluno que eu conheço, então tem uma diferença. Uma sala que você não conhece, você não sabe o que tá acontecendo, você não conhece a criança. Eu conheço meus alunos todos. E sei quando ele tá com dor, com tudo, com problema. Eu sei porque eu conheço muito, eu converso muito, eu sento muito com eles. Eu não sou professora de ficar lá na frente, eu vou lá, faço o que tenho que fazer, volto e sento com eles. Sempre tenho uma cadeirinha ali, vou puxando pra lá, pra cá, e to no meio. Então nesses momentos eles contam as coisas da vida deles. A mãe não sei o que, o pai não sei o que lá, o irmão. Então eu conheço a vida de todo mundo, e o ano que vem eu conheço eles da 1ª, da 2ª e na 3ª eles até já sabem, eu já comentei com eles que eu vou trazer o tal do planejamento né, e nós vamos discutir na sala. Além do que uma 1ª série faria, nós já vamos começar fazer um planejamento maior, por escrito, tipo um projeto. Nós vamos começar a montar os projetos dentro da sala de aula. Então vamos separar aqui, vamos ver o que tem de matéria, o que vai ter, os conteúdos.

T: Eles ajudam a pensar.
M: Ajudam a pensar. E no quadro um escreve, o outro copia e nós vamos montando no quadro. "Então nós não vamos é lógico estudar tudo de uma vez. Então vamos ver o que a gente vai estudar agora, nesse momento." Aí a gente vai montando. "Desse assunto aqui, o que a gente pode trabalhar na matemática? Vamos integrar aqui, vamos ajeitar ali." E inclusive material deles, se a gente vai estudar isso alguém pode trazer uma poesia que fale sobre isso, entendeu.

T: Daí vai fazendo o projeto com eles. E não traz um projeto pronto.
M: E estipulando assim: "olha não tem prazo mais tem prazo, que nós temos que trabalhar outras coisas, então vamos ver se a gente consegue."

T: Você faz eles andarem pelo interesse.
M: Pelo interesse deles. E as aulas tem que ter tudo, tudo envolve. Por exemplo, se eu to trabalhando lá, agora eu trabalhei figuras sólidas, então revimos a parte de planos, pedi que eles trouxessem materiais que são planos. Aí aparece folhas, eles desenham. Depois daquilo eu comecei a ver na sala com eles o que tem daquelas figuras. Então eles viram. Nesse ponto, a gente vai copiando, vai anotando. Então esse registro é português. Depois disso eu comecei a trabalhar com eles as figuras que são sólidas. E na sala o que tinha, e no quadro eu fui passando pra eles o nome, porque isso eles não tinham; então fomos escrevendo: prisma, paralelograma... e foi embora. Depois eu pedi que eles trouxessem as caixinhas de casa. Abrimos, vimos os pedacinhos que formam as planas. Aí eu passei pra eles dobradura, aquelas figurinhas prontinhas, aí eles recortaram, montaram: os quadrados, pirâmides...

T: E viram sólidos.
M: Isso. Aí eu já dei pesquisa. Trouxe um documentário sobre pirâmides, trouxe um filme, eles trouxeram até uma tal Cleópatra, coitada. Comentamos, fizemos e tal. No documentário, aprenderam bastante sabe, aí depois disso, o que eles fizeram, montamos casinhas, e no chão eu fiz com papel pardo, emendei uns nove, aquilo ficou imenso, todo mundo em volta, nós fizemos uma cidade, com todas as casinhas. Aí, o que nós vimos: as ruas, nós vimos bairros, nós vimos que ali tem que ter um hospital, pra que serve aquilo. Tudo isso já entrou em Estudo Social. Bombeiros, sinais de trânsito, onde tem Escola o que deveria ter, placas, os jardins das casas, as cores.

T: Pra você ver, num sólido, saiu tudo isso.
M: Então. Inclusive eu tenho a fotografia, porque eu vou tirando foto.

T: Ah! Moema, o ano que vem com certeza eu vou tá voltando pra pegar umas coisas, porque eu acho muito interessante.
M: Aí depois disso trabalhamos música com isso da casa. Depois que eu fiz, nós começamos trabalhar dentro da casa. A família, os cômodos, o que tem dentro de um quarto, dentro de uma cozinha, uma cama não pode tá dentro da cozinha. E a família, a importância da família. Porque hoje é diferente, mais o professor eu acho que tem a obrigação de mostrar que uma família "direita" é muito importante. Então eu faço isso, eu valorizo essa família. Falo da outra mais valorizo. E trabalhamos, sai de tudo né, aí saí o pai que tem não sei quantos filhos não sei com quem, tem não sei o que com o irmão. Aí já falei sobre os preservativos já. No 2° ano então, eu não tenho limite de conteúdo.

T: O que vai surgindo....
M: Ah! Eu to no 2° ano, não vou trabalhar. Isso vai surgindo, vai acontecendo. Aí, o que eu pedi para eles: "olha nossas casas, tem um montão de utensílios domésticos, tem enceradeira, tem isso, tem aquilo. Mais tem um monte de coisa que a gente ainda precisa e que não foi inventado. Então amanhã, vocês vão me trazer um montão de sucata, traz tampinha." Aí no outro dia, nós fomos inventar coisas que não foram inventadas e precisa. Então cada um veio com as idéias, as idéias que batiam aí a gente foi juntando, fazendo equipes com os que não tinham. Aí fizemos 11, 12 equipes. Cada uma fazendo o seu. Então eles inventaram coisas.

T: Mais você escreve essas coisas todas que você vive Moema? Porque se você escrever isso...
M: Mais eu não tenho tempo Terezinha.

T: Mais as 11 coisas que eles inventaram você sabe né?
M: Sei. Fotografei.

T: Mais nesse curso, na sua experiência de magistério, pelas coisas que você faz, com certeza daria um artigo de revista.
M: Inclusive o pessoal de Varginha quer que eu escreva. Aí eu falo "me deixa em paz, que eu não tenho tempo."

T: Não, o ano que vem, você vai prometer uma coisa, você não vai jogar fora, não vai. E aí nós vamos até esquematizar, porque tem que incentivar a produção. Você tem muita coisa interessante menina. Tem professora que eu fico 10 min porque não tem o que falar entende. Agora quando a pessoa cria, quando a pessoa trabalha o diverso, quando ela não vai com olhar padronizado, daí tem coisa.
M: Agora, fazer esse trabalho é muito complicado.

T: Nesses casos todos, como professora mesmo, o que você acha que é complicado, o que você falaria pra uma pessoa que quer ser professor ou que quer dar certo como professor?
M: Primeira coisa que ele se entregue, que tenha comprometimento. Essa semana mesmo, eu falei com a Eliana, esse povo tá muito descomprometido com a Educação. Eu sou mesmo de falar.

T: E depois Moema, o que você falaria, se trabalha, esse jeito que você fala que eu acho que é fundamental, enxergar o aluno na sua diferença e saber trabalhar a diferença na sala de aula. Se não trabalhar isso, os meninos não aprendem. Aí você joga o problema para o aluno.
M: Aí você fala assim: "a culpa é dele, ele não aprendeu coitado, tá lá." E aí todo mundo fala assim: "esse menino é um capeta." Na minha sala não tem problema de disciplina.

T: Como você tá fazendo? vai buscar idéias? Como é que você se fez professora, você lê, você busca idéias?
M: Eu leio, leio muito.

T: Então você acha que isso no professor é fundamental?
M: Em primeiro lugar eu leio muito. Ultimamente eu não tenho podido ler coisas que eu quero. Eu quero ler aquele livro que tá lá em casa "O corpo que fala", ele tá lá, eu olho pra cara dele e quero ler, mais eu não tenho tempo porque eu estou fazendo pós-graduação né.

T: Se está fazendo pós no que?
M: Em Educação Infantil. Tudo o que eu fiz foi pra educação infantil que é a área que eu gosto.

T: Legal. Então você continua estudando, buscando. Quer dizer, você não tá lendo fora do curso, mais no curso está lendo.
M: Eu estou falando assim, eu não tenho opção pra ler literatura.

T: Você tá sem tempo pra ler fora da pós.
M: Mais eu tenho lido muito sobre o que eu tenho que fazer aqui para a Escola. E eu assisto muito documentário, eu tenho gravado de TV Escola, quase tudo.

T: Porque você acha as idéias interessantes?
M: Eu gosto, muito. Eu assino a revista Mestre, eu assino a revista Nova Escola, e não posso. Eu acho que o Governo peca nisso, porque ele exige do professor o que ele não tem como. Eu gostaria muito de fazer um mestrado, isso vai ficar só no gostaria, porque aonde que eu vou arrumar R$ 800,00 por mês, se eu só tenho um ?

T: Mais você não tira da meta não, não tira pelo seguinte, que eu acho que as tendências dos cursos é quando sai, sai caríssimo, depois vem esquemas, vem em forma de incentivar professor, vem, até barateia. Porque uma pós quando começou era uma loucura, ninguém falava na especialização latu-sensu. Hoje ela já virou comum. Então você pode botar o mestrado aí.
M: Comum. Eu quase morri pra viajar até lá pra fazer.

T: Não. Comum em relação ao mestrado.
M: É um problema danado. Porque a maioria dos professores que formam, na Faculdade, eles não fazem seus trabalhos.

T: Eu sei disso. Tem indústria de trabalho.
M: É uma indústria pesada, e o povo não faz.

T: Moema, até o PROCAP o povo pagava pra fazer.
M: É um absurdo.

T: Quando eu soube disso, quando uma aluna minha veio falar que estava fazendo trabalho para os outros, eu falei, minha filha eu não posso discutir sua subsistência, eu não posso nem te julgar. Mais eu acho um absurdo o professor que te pediu pra você fazer isso.
M: Eu fico impressionada. Por exemplo, eu a Sueli. Sueli é aquela menina que tem problema de deficiência visual. Nós duas fizemos faculdade, e faço até hoje a pós-graduação.

T: Sueli é irmã da Teté.
M: É. Agora esse ano não, esse ano eu faço Educação Infantil e ela faz Educação Especial.

T: Vocês fazem onde?
M: Em Jaboticabal. Todo mundo malha, mais pra mim, como eu estudo, pra mim é importante. Só não adianta nada o outro tá aqui numa maravilha, e não sabe fazer nada.

T: Exato. O aluno faz a Escola.
M: Então o que acontece, eu faço o trabalho dela com ela e ela faz o meu comigo. E atrás dela tem cinco, que nem nunca leu, se pedir pra falar o que eles estudaram...

T: Eles não sabem nem qual o assunto tá tratando.
M: Supervisores de escola...

T: É eu sei.
M: Aqui, gente que eu sei, porque eu que bato, eu que bato todo dia lá fulano de tal, fulano de tal. A pobre da Sueli, eu e ela, nós duas.

T: Moema, eu te conheci, de conhecer, mais eu estou surpreendida de ver como é que você tá achando coisas pra trabalhar em sala de aula. Olha já conversei com não sei quantos professores nessa pesquisa que eu estou fazendo.
M: Aquele lá eu nem terminei, ainda tem o resto, a propaganda que eles fizeram do trabalho deles, tudo isso, como funciona, tem que escrever o texto.

T: A partir dali, você ainda chegou em tudo...
M: Tudo, na matemática, quanto vai custar esse trabalho.

T: Aqui, acabou o projeto, o que eles escreveram você junta numa pasta, pra você, isso que é o trabalho. Pra você, depois você faz uma introdução colocando o que você queria, a tua proposta e depois faz uma conclusão. Porque o miolo do registro hoje, eu falo, que em didática antigamente, a gente dava muita importância para o plano, tudo vinha no papel, no papel aceitava tudo e não fazia nada na sala. Hoje o que vale em didática, é o que tá acontecendo na sala de aula. Pega isso, cata, coleta, registra e o professor organiza para poder alguém saber: isso segue 1°, isso depois, isso depois. Você tá com o artigo pronto. Você vai me prometer, que o ano que vem você não joga nada fora. Não joga fora a dos meninos. Aí por exemplo, você vai fazendo a pasta, este foi o trabalho de sólidos, esse foi o trabalho disso, entende. E juro mesmo vou te incentivar a escrever.
M: Nossa Senhora.

T: Vou te incentivar.
M: Terezinha, ??? vai me matar, me tira dessa.

T: Não. Hoje eu não vou te deixar contar o fim da sala de aula porque o ano que vem eu vou ficar no aluno, no que tá acontecendo. Esse 1° contato com o professor é pra descobrir onde eu vou catar coisa, entende, e você pode saber.
M: A tá. Pode vir, pode acompanhar.

Professora: Lúcia

T: Quantos anos você tem de professora?
L: 21 anos.

T: Sempre trabalhando com alfabetização. Dizem que você é boa em alfabetização.
L: Mais com alfabetização.

T: Você nesses 21 anos, você tá percebendo que o aluno está chegando diferente na Escola
L: Tá.

T: Onde você vê a diferença?
L: Anteriormente, a 10 anos atrás, os pais acho que tinha mais compromisso. Havia mais compromisso.

T: Então, você acha que a família era mais ligada e participava mais?
L: Mais participativa.

T: Hoje você acha que a família tá largando pra Escola?
L: Eu acho sim. De uns tempos pra cá eu estou achando que a família tá jogando pra escola essa responsabilidade.

T: Os menino chegam na Escola e tem mais dificuldade de aprender?
L: Eu acho que sim.

T: Principalmente você que fala do seu pedaço, de alfabetização, o que você acha que está acontecendo com os meninos?
L: Eu acho que fatores extra classe, tipo econômico, problema que acontece na família.

T: Problemas social, familiar?
L: Eu estava até comentando com a Sonia, Supervisora, que tá havendo um bloqueio, não sei como, porque, porque dessa dificuldade. A gente faz tudo, eu uso todas as minhas estratégias, porque quando eu vou começar a 1ª série de alfabetização, eu vejo na linha, a estratégia que eu vou usar. Tá rendendo, tá. Então alguns rendem, mais outros não, então não é essa. Eu procuro a universal. O construtivismo, até agora eu estava anteriormente no sistema tradicional. É lógico que com essas mudanças eu tive que mudar minha postura. Eu era tradicional mesmo, até uns 10 anos atrás. Agora tanto a minha postura como a Escola, na sala de aula eu mudei. Então eu uso as estratégias, esse tá dando? Não. Então eu misturo, igual aquela salada mista, em termo vulgar, tipo: construtivismo misturado com música, é, silabação, é talvez fono, quando eu estava dando aula pra uma menina no DA, que eu tive que mexer com a parte de som, com gesto, gestual também eu uso muito, então eu vejo qual é que tá dando certo. Então eu entrei com 40 alunos. Quando eu digo que na zona é mais fácil, porque tinha tipo 25, até 15 alunos em uma sala, mesmo que era diversificada, a diversidade: 1ª, 2ª 3ª série juntas, mais dava pra mim dar conta porque são menos alunos, e eu sou muito de ir na mesa, eu não sou professora de ficar atrás da mesa, eu ajoelho até, eu fico na carteira, eu vou atrás dele, aonde que tá a dificuldade, aonde tá precisando ai eu vou, usando as estratégias.

T: Você sente que tem um aluno que precisa de uma coisa e outro que precisa de outra?
L: Isto. Aquele que sabe, lá na zona rural, eu achava, eu pensava que na zona urbana as crianças tinham mais facilidade, e eu acho que houve uma mudança. Eu acho que salas com poucas crianças, mais fácil da gente ter o manejo, com a aprendizagem, aquilo era mais fácil porque eram menos alunos.

T: Eu já trabalhei na zona rural também, na zona rural além de você ter poucos alunos. Você acha que o aluno de zona rural é mais fácil de trabalhar do que na zona urbana. A zona urbana é mais agitada. Você vê isso ou não?

L: Um pouco. Zona urbana é um pouco mais agitada. Eu acho que a convivência é maior né. Lá eles não tem convívio, é uma casa aqui, outra acolá né, então é mais tranquilo a vida.

T: E isso reflete na tranquilidade deles também né?
L: Eu achei que são mais família. E a Escola pra eles era tudo.

T: Eles dão valor.
L: Quando eu vim pra cá, faz quatro anos que estou na zona urbana, então eu vi que 40 alunos em uma sala de aula, aí eu falei a estratégia eu vou ter que mudar mesmo.

T: Então no dia-a-dia, você não tem uma aula igual pra todo mundo? Você dá uma aula igual?
L: Tem. Igual mais, aí tem...

T: Um acompanhamento separado.
L: Fragmentado. Fragmentado não, eu já tenho um já. O que eu vou dar, já sei, já trago de casa, os caminhos. Chega nessa sala de aula eu falo, não eu vou ter que mudar por causa do menino que não está com a aprendizagem caminhando com os outros. O que eu faço, sempre eu pego os outros que estão já aprendendo melhor, porque não dá tempo pra eu atender os 40, um fica com o outro, pra atender as necessidades daquele.

T: Voc6e trabalha muito com dupla, monitoria?
L: É.

T: No teu dia-a-dia você separa a aula de português, matemática? Como é que você faz isso?
L: Não. Eu dei um texto "A ariranha" né, o texto da ariranha é um animal brasileiro que está em extinção né, então ali eu trabalhei a matemática, quantos metros, a localidade, região Sul, nós fomos ver o mapa, aonde que tem, porque passou no Globo Repórter, foi o dia-a-dia deles. Nós trabalhamos matemática, trabalhamos ciências, trabalhamos a geografia, a história.

T: Você tá esse ano com que série?
L: 3ª.

T: E a tarde que você dá o reforço?
L: É. É assim que eu trabalho. E depois eles fizeram um resumo, eu falei vamos fazer um resumo, igual o que eu faço na Faculdade. Pego as idéias principais e faço um resuminho. Depois a gente refaz, vejo os erros, e a gente refaz. Teve uma avaliação de matemática, que eu vi que eles estavam com dificuldade em..., eu tenho a impressão que é prova, ainda é coisa assim, fala prova, avaliação mais é um exercício que nós já fizemos. Ainda tem aquela história assim de dor de barriga, é isso, é aquilo, aquela coisa que a gente tem. Que é história, é uma tradição. Então a coisa mínima eles erraram, eu falei: "gente, olha a coisa que nós fizemos ontem. Mais eu não estou preocupada com nota, to preocupada que vocês saibam. Então vamos refazer, eu não tirei, eu perdi não, nós vamos refazer. Aí nós refizemos.

T: E você acha que funcionou com eles também?
L: Funcionou. Eu acho que tá funcionando.

T: Porque é aquele detalhe né Lucimar, a gente tem que fazer o aluno aprender, não me interessa se ele tira 3 pendura na caderneta 3, tira 4, e passou.
L: Gostei daquele BM. "Mais o que é esse BM aqui tia? É bom."

T: Exata.
L: "Média. Mais vamos refazer. Eu tenho certeza que você sabe."

T: Ele não tem vale isso, vale aquilo.
L: "Quanto que vale?" "Não importa" eu falo pra ele. Mais eu sempre tive essa postura. "Não importa o tanto que vale, o importante é que você me entenda". Entenda. Eu coloquei aqui pra eles achar e se ele chegou aqui é porque ele tem que saber, que aqui tem 4 unidades, aqui tem 5 dezenas, aqui tem 6 centenas, e assim por diante. Não adianta eu colocar 143 milhões, oitocentos e setenta e seis..., a criança não sabe. O valor posicional do número aqui é saber quanto que ele vale aqui. Aí eu falei: "Vamos refazer?" Refizeram, acertaram.

T: Você coloca essa postura importante de trabalhar com o aluno, usando todos os recursos, usando coisa de música, coisa de som. Você tem até seu rumo na sala, mais de você chegar perto dele pra poder ver o que precisa um, precisa outro.
L: É. Isso que eu faço.

T: Você tá com o 3° ano, você tem aluno que não sabe lê com você lá?
L: Tenho. Tenho o Dioguinho só.

T: E ele tá vindo fazer reforço à tarde?
L: Não. Aí é que eu falo da falta de compromisso né. Até o pai veio hoje, a gente explicou pra ele. Perguntou se ele vai passar, a gente explicou pra ele que a gente não tem né, com o sistema de ciclo, que ele vai, só que ele deveria... Desde o 1° ano eu já tinha falado com ele, que ele tinha firmado um compromisso, que ele tinha que vim no reforço. Eu estava aqui.

T: E ele não está vindo?
L: Não está. E ele disse que o menino desde a 1ª que ele não gosta de aula. E aí eu falei não. "Mais eu não quero que meu filho seja um pedreiro, um pintor como eu sou, eu quero que meu filho almeje alguma coisa melhor na vida." Aí eu falei: "então você tem que ter mais compromisso com o seu filho e não deixar que ele faça só o que ele quer." "O pai deixa eu ir pro serviço hoje com o senhor?" "Não filho, vai pra Escola." "Tem que incentivar seu filho". Aí ele fez como um turista, praticamente uns 6 meses de aula. Eu trabalhava com ele, ele já sabe juntar as sílabas, já começa ler texto, mais tá defasado, porque a assiduidade dele foi pouca.

T: Quer dizer que o problema dele foi faltar?
L: Isso.

T: Nesse tipo de trabalho, dia-a-dia de trabalho, você já me disse como é que você trabalha. Você disse que trabalha interdisciplinar, até já mostrou a maneira que você tá avaliando. Você hoje, como você acha, que pra ser professor e pra dar certo, o que precisa ser? O que um professor precisa?

L: Abraçar a profissão e ter compromisso. Essas 3 palavras: Gostar da profissão, sem títulos. Abraçar a profissão e ter compromisso, eu resumo isso.

T: No jeito que você trabalha, gostando, tendo compromisso, abraçando a profissão, mais recebendo esses alunos tão diferentes, e tão com problemas de aprendizagem, você acha que o professor precisa estar estudando, ir buscando? Se ele tem compromisso ele vai buscar competência pra poder ser um bom professor, porque o que ele aprende na hora do diploma, não vai dar conta, porque ele vai precisar estudar mais. E essa mudança que tá aí na Escola e nos rumos que ela está tomando, essa questão de ciclo, você acha que ciclo mexeu mesmo na salinha do professor?
L: Mexeu.

T: Em todo?
L: Você quer dizer geral?

T: Assim, adotou o ciclo. Ao adotar ciclo, o professor na sala de aula continua série, continua padronizado, a maioria dos professores, ou ele tá fazendo o ciclo no ritmo do aluno na sala?
L: Ele tá fazendo o ciclo com o ritmo do aluno na sala. Eu acho o ciclo viável.

T: É. Você acha que é. Então você acha que as mudanças na Educação estão no rumo certo?
L: Eu acho que sim. Pra atender esse tipo de aluno.

T: Pra atender essa Educação.
L: Isso também tem o compromisso do professor né. Eu acho que ciclo é viável sim. E tendo esses atendimentos que a Escola fez esse ano, que eu achei muito bom, mais essas crianças que vieram, a alfabetização de 3 anos, eles sanaram em 6 meses essas dificuldades.

T: Se tivesse sanado essas dificuldades lá atrás, ela já estava...
L: Isso. Foi com a ajuda, e juntamente com a professora, a gente tá trocando idéias, e a menina conseguiu pelo menos a leitura.

T: Nesses alunos que você tá recuperando na alfabetização, você sentiu resultado mesmo?
L: Senti.

T: Você trabalha desde março com eles né, e você sentiu que alunos da 2ª, 3ª e 4ª que não liam conseguiram ler?
L: É. Só que teve o problema, um problema só, com ???, ele até foi pro psicólogo, alguma coisa tá bloqueando o menino. Eu usei todos os tipos de estratégias, mais tem alguma coisa que bloqueia.

T: Só um caso que você sentiu?
L: É. Esse menino eu não sei, a gente fala uma coisa ele entende outra. É completamente diferente, ele é alheio ao que a gente tá falando.

T: Ele tem algum tipo de problema que tá segurando ele?
L: É, e o psicólogo...

T: Esse menino é de 4ª?
L: É de 4ª série. Daqueles meninos que chegaram na 4ª, eles estão sabendo o mínimo. O mínimo que eu to falando é a leitura, não é todo.

T: Na sua experiência de todo dia, de lidar com as crianças, essa questão então de fazer um trabalho individualizado, tentar chegar no aluno, usar todos os recursos, é por aí que quem quiser ser professor tem que usar né?
L: É por aí.

T: Se não, não tem jeito?
L: Se ficar naquelas famosas ????, ficar na sala de aula e não ter...

T: Ficar no planinho padrão. Se eu der aula, faz um plano, põe na sala e mando todo mundo copiar igual, você acha que os meninos vão no mesmo ritmo?
L: Não. Você tem que ser flexível, tem dia que você pode até ter...

T: Atividade pra trabalhar todos juntos.
L: Hoje por exemplo é o Natal, eu dei um texto de Natal e todos se interessaram, comprei aquele pisca-pisca musical e aí a leitura tinha tudo a ver, então deu.

T: Mais tem atividade que não dá pra fazer tudo junto.
L: Aí já é diferenciado.

T: Lúcia, você lembrou um ponto que eu acho importante que muitas vezes as pessoas confundem que atender o aluno seria deixar fazer o que quer.
L: Eu acho que tem que por o limite. Atender diferenciado não é deixar fazer a bagunça.

T: E esses limites você combina com eles?
L: Falo, "agora nós vamos fazer uma parte em grupo, onde nós vamos estabelecer regras na sala. Quem tá fazendo alguma coisa diferente, tá atrapalhando os alunos na sala e a aprendizagem não está indo bem." Então a gente tem que impor limites, manter a disciplina.

T: Trabalhar dentro dos conformes.
L: E vai atrapalhar se não estiver assim. Eu sou muito exigente, neste ponto eu sou.

Professora: Tatiana

T: Tatiana você é professora aqui no Escola Estadual 3 em que série?
Ta: Sou no 1° e 2°.

T: Aqui de manhã você tá com o ...
Ta: 2°.

T: E a tarde que você pega o 1°. Quanto tempo você tem de professora?
Ta: 15 anos.

T: 15 anos. Então já é uma história. Eu acho que 15 anos dá pra perceber como é que as coisas estão mudando, como a Escola tá indo. Você acha que os alunos hoje são diferentes do que a 15 anos atrás?
Ta: Eles são bem diferentes.

T: No que você vê diferença?
Ta: Parece que eles são mais assim agressivos, menos interessados, motivados, a gente por mais que tenta motivar, antigamente você fazia uma motivação e você via todo mundo participando. Hoje você tenta, em um, dois, três que não tem... A minha turma de 2°, foram meus o ano passado, eu tenho três alunos que eu não consegui ainda nada com eles, eu não atingi, parece que eles estão num ???, quietinho, num cantinho. Você tenta de um jeito não dá, você tenta de outro, e os pais também não interessam.

T: Você acha que os mais mudaram também nesses 15 anos. 15 anos atrás a relação com os pais era outra?
Ta: Era outra. Agora parece que ele jogou toda a responsabilidade pra gente. Existe exceção pra todos os casos.

T: Mais já predomina a clientela afastada?
Ta: A clientela daqui, eu acho, os pais não estão muito interessados não.

T: No caso, se tá recebendo alunos que você caracteriza apático, desmotivados, não tão muito ligados na Escola. Isso é maioria nos alunos?
Ta: Não, no meu caso não. Esse ano eu fiquei com 35 alunos, continuo com a turma, e são três. Os três é que não consegui, os outros vão bem.

T: Mais você acha que mesmo assim, os outros, a maioria, eles são diferentes de 15 anos atrás?
Ta: A são. São bem diferentes. A maior responsabilidade são os pais, parece que eles estão desmotivados até pro estudo.

T: Parece que não dão valor.
Ta: Não dão aquele valor pra Escola, pro professor, no estudo, parece que pra eles, tem uns que eu brinco com eles, "escuta será que eu tenho que te pedir pelo amor de Deus pra você aprender?", porque você fala e ele não escuta, não tão nem ai.

T: Nem chegando perto, nem falando?
Ta: Não. Eu sento com ele, se dá um tempinho eu puxo minha cadeira, tento conversar. No horário de fisica ontem, eu fiquei 50 min conversando, nada de Escola, tentando ver se eles se abriam comigo.

T: Você acha que com esse tipo de fator que dificulta, complica as coisas pra Escola, como é que faz com o aluno na sala que não aprende? Você tem 35 na sala.
Ta: Exatamente, dá um trabalhão.

T: Como é que você trabalha o dia-a-dia, pra gente interessa saber o dia-a-dia. Como é que você separa, reparte?
Ta: O dia-a-dia é difícil. É o que eu converso com a Soraia, não há um remanejamento, eu também sou contra, e parece que nada dá certo, mais tudo tem os pontos negativos e positivos. O negativo é que eles ficam meio, quando sobra tempo você dá uma assistência individual, sobrou um tempinho eu vou pra carteira deles. Aí sempre tem hora que eu do uma atividade bem fácil, pra todos não precisarem de ajuda, porque aí eu fico com eles com outra atividade, que mesmo mais fácil, que a considero fácil, pros outros 3 não é. Aí com eles é diferente, eu trabalho com massinha, com recorte, até alfabetizar, eu não sou muito construtivista não, eu jogo de tudo um pouquinho.

T: E os outros estão lendo?
Ta: Estão. Lendo e lendo muito bem. Eu estou feliz da vida com isso.

T: E esses três não deram conta de ler?
Ta: Não. Tem um que já começou a lê sílaba com sílaba, um deles eu falei com os pais, que desde o ano passado que eu estou brigando com a família, chamando. Esse ano o menino sumiu mesmo da escola, e eu mandando recado. Aí um dia o pai apareceu, e falou: "ah, ele me falou que não tava tendo aula no Escola Estadual 3". Aí depois de um mês. Aí depois ele sumiu uns 15 dias de novo. O que o menino fala o pai acredita. Não parece ser um homem tão ignorante não, sabe. É de tá mesmo...

T: No caso, esses meninos no dia-a-dia, você consegue dar uma atividade pra sala, como maioria, e só esses três é que estariam...
Ta: Eles não gostam. A gente tem que saber conversar.

T: E há atividades que eles fazem todos juntos, há coisas que eles acompanham?
Ta: Acompanham. Eles fazem cópias. Na matemática certas atividades eles fazem, separar sílabas, algumas coisinhas eles fazem.

T: Alguma coisa dá pra fazer junto.
Ta: Dá. Mesmo assim eu falo vocês sabem, olha vocês sabem, aí eles fazem.

T: E no dia-a-dia como é que você reparte seu horário. Você põe matemática primeiro, depois português, como é a rotina do seu dia?
Ta: Eu gosto de começar com a matemática. Mais eu gosto de variar, porque senão fica enjoativo. Quando eu vou introduzir alguma coisa de matemática, que eu acho que precisa mais de raciocínio, cabecinha fresca, eu dou no primeiro horário. Mais eu gosto de variar, não gosto de seguir horário não, porque senão fica aquela rotina. Ciências gostam muito, mais História, Estudos Sociais não. Então a gente tem sempre que dar uma motivação maior.

T: Na turma que você trabalha, você dá mais ênfase em Português e Matemática
Ta: Português e Matemática. Não sei se é o certo ou errado, mais porque eles estão lendo, interpretando a matemática, e eles vão ver isso a vida toda né. Vai aprofundando, só tô dando mais uma noção.

T: Desse meninos que não aprendem, é coisa de desinteresse ou você acha que tem algum problema psicológico?
Ta: Eu tinha um e fizeram teste na APAE, na época eu estava de licença e não vi o resultado. A Sonia falou que o pai disse que era vista. Não é, porque o que eu já testei o menino desde o ano passado, o menino enxerga. Se fosse vista, ele não faria cópia do quadro, e faz com a letrinha bonitinha. Aí você vai, construtivista tentei tudo, aí eu fui na cartilha mesmo. Aí você lê com ele, eu consegui que ele aprendesse o alfabeto. Ele reconhece as letrinhas, a gente faz aquela historinha, brinca, aí ele lê. Eu fico animada, mais no outro dia ele já não sabe mais nada. Ele não grava. Aí eu acho que de repente você chega ele lê, aí depois esquece. Então eu acho que é algum problema sim.

T: E a avaliação, como é que você faz com os meninos?
Ta: Eu não aplico prova não. Eu faço dia-a-dia. Eu não deixo o caderno, pelo menos fileira por fileira cada dia eu olho mais um. Quando eu quero avaliar, eu procuro, prova eu não aplico não. Esses dias eles estavam me cobrando, aí eu disse "gente não usa mais prova". Aí eu falei que ia dar e acabei não dando.

T: Mais você sabe o que cada um sabe ali dentro?
Ta: Sei.

T: Você conhece bem cada um.
Ta: Conheço.

T: A questão do ciclo, você acha que o ciclo mudou a sala de aula, ou permanece a sala de aula do mesmo modo e apenas espichou o tempo?
Ta: Eu acho que esse problema do ciclo, é onde caiu a reprovação. Eu acho que é esse desinteresse dos pais. Porque os pais, eu acho que pra eles, o importante pra eles era eles não tomarem bomba.

T: Tinha isso aí como forma deles acompanharem?
Ta: Eles se preocupavam com aquilo: o filho tomou bomba! Eles assustavam né, mais agora né sabe que vai passar. É difícil, algum pai chegar e falar: "mais não deveria". Mas o mais querem que passem, que vai pra frente.

T: Você acha que as salas, sua, dos outros, ela é do mesmo jeito de ser do passado ou mudou? A sala de ciclo é diferente da sala de série?
Ta: Eu acho que não tem não.

T: Não é não né? Apenas mudou o nome.
Ta: Mudou o caso, mais é igual.

T: Como professora que você é, os desafios que você enfrenta, a pessoa que quer ser professora hoje, o que tem que fazer pra dar certo?
Ta: Eu acho que em primeiro lugar, tem que amar muito a profissão, tem que gostar mesmo, porque você tem muito aborrecimento. Tem dia que você tá lá embaixo. Eu tenho mania de deitar, deixar uns minutinhos pra eu fazer uma reflexão. Tem dia que eu tô lá embaixo, eu sou péssima, eu tô no lugar errado, aí no outro dia eu venho toda animada. E gostar muito de criança, eu adoro criança, gosto de ficar com eles.

T: E você em 15 anos de trabalho, se acho que tem que estudar, procurar coisas todo dia?
Ta: Eu acho que é bom, eu te falo que não tenho muito tempo não, a gente dobra, é dona de casa. Tem muita coisa que a gente fica pra trás. Como em todas as profissões, eu acho que a gente tem que...

T: Tem que tá olhando o que tá acontecendo.
Ta: Isso. Tem que acompanhar, olhar uma notícia, outra, mesmo livros. O pouquinho de tempo que a gente tem, tem que olhar.

T: Ver as experiências, assistir vídeos, na TV.
Ta: Tem muita coisa boa. E também a criança muda né, é o que eu falo, então tem uma fita que eu tô começando esse ano, é do ano passado, um professora de física, é muito inteligente, mais ela tá horrorizada, que na época que ela estudava, os alunos de 2° grau dominavam e que hoje não. É o que eu falo, hoje tudo mudou, e a gente tem que mudar também né.

T: E vem vindo um tipo de aluno diferente, que você tem trabalhar diferente?
Ta: Saber trabalhar diferente. Não é como no meu tempo, que a gente ia fazer o 2° grau, o professor não tinha trabalho nenhum.

T: Você tem alguma coisa mais pra falar, que eu não perguntei, do seu dia-a-dia, que às vezes eu deixei de perguntar?
Ta: Não

T: É bem esse depoimento que a gente quer, como cada um tá lidando na sala de aula no seu tempo de trabalho.
Ta: Eu acho que tem que ter as diferenças, esse ano eu recebi alunos das outras salas, inclusive eu recebi um que mal conhecia as vogais, o menino tá lendo, é uma gracinha, não deixa ser preguiçoso. Então eu me pergunto, eu acho que tem alguma coisa, tinha que ver, porque como é que os três não conseguiram, dois anos. Eu acho que a APAE fala que o menino é normal.

T: Não tem deficiência física. Às vezes o bloqueio seja emocional.
Ta: Então eu acho que a gente deveria ter um treinamento assim com os alunos. Eu tô tentando, mais eu não descobri ainda.

T: Seria aprender o que você faz com o aluno que não aprende né?
Ta: Seria o caso disso, já que eles não vão ficar na APAE, eu acho certo, mais a gente professora deveria ter pelo menos um treinamento, o que fazer, e pensei até em fazer uma vista na APAE, vou conversar, mais não sobra tempo.

T: Eu acho que essa é uma idéia, que tem que ter na Escola regular. Que ela tá recebendo menino de tudo que é jeito, não aluno padrão. Não tendo aluno padrão ela tem que saber trabalhar com todos.
Ta: É. Joga numa sala 35 alunos, 3 diferentes, a gente tem que saber né. A tarde tem um que é da APAE né, ela também não tô conseguindo nada.

T: Não tá conseguindo acompanhar?
Ta: Eu falei pra Sonia hoje, eu não sei como fazer, sinceramente, eu não sei.

T: Eu acho que essa é uma idéia interessante. Até em termos de alternativa, rumo de Educação, aonde deveria tá investindo em treinamento do professor. Que às vezes métodos novos, o povo já tá com bastante idéia, eu acho que tá faltando um pouco de aprofundamento no como fazer o aluno aprender.
Ta: Antigamente quando eu comecei, a criança tinha problema, iam pra APAE e ficavam lá. Então eles devem ter um treinamento né? A gente não tem. Aí eles mandam pra gente....

T: Porque se não vai pra APAE e fica na Escola regular, a Escola regular tem que saber tratar né?
Ta: E a gente fica de consciência pesada, às vezes acha que eu não tô fazendo nada por eles.

T: É, tá parado. O que eu posso fazer, a gente queria ter uma chavinha mágica pra chegar nele.
Ta: É tinha que ter, tá faltando.

Supervisora: Soraia

T: Soraia, eu falei pra Eliana, bem naquele sentido de pegar os depoimentos, o uqe vocês tão enfrentando todo dia, de como está sendo a Escola regular hoje. A Escola de vocês aqui, você trabalha como Supervisora, e quanto tempo você já tem na sua função? Quantos anos de escola você tem?
S: Ah, de Escola eu já tenho 31 anos. De supervisão 20 anos.

T: Certo. Sempre de 1ª a 4ª né Soraia?
S: Sempre de 1ª a 4ª. Nunca trabalhei de 5ª a 8ª.

T: Nessa experiência toda que você tem, como é que se tá vendo os meninos, a clientela, os meninos, como é que tá a Escola hoje? Você acha que os meninos tão chegando diferentes ou é tudo igual desde que você começou você acha a mesma coisa? Como é que tá o menino na Escola hoje?
S: Diferente eu acho que não tem. Eu acho que a diferença que exista talvez está na família, nos valores que as crianças trazem hoje. Porque como eu te falei eu comecei a trabalhar a 30 anos, 31

anos atrás, porque eu fiquei 11 anos na regência e depois é que eu passei pra Supervisão. Os pais, eles davam mais valor pros alunos. Os alunos tinham mais respeito. O problema da aprendizagem talvez seja a mesma coisa, mais a maneira deles viverem na Escola, deles enfrentarem o dia-a-dia, era mais fácil de você lidar com a criança, era mais fácil. Hoje os pais não tomam conhecimento nenhum. Inclusive eu tô enfrentando problemas, chamando os pais, pra ver se a gente consegue uma avaliação psicológica, pra poder fazer um acompanhamento melhor das crianças, e naquele tempo os pais participavam mais.

T: Você acha que mudou a clientela, você acha que os meninos de hoje tão chegando mais pobres?
S: Não. Eu acho a mesma coisa.

T: A mesma coisa. Crianças de bairro.
S: Eu era do Luiza Gomes atendia essas mesmas crianças.

T: Então em termos de clientela é a mesma?
S: É a mesma. Eu acho.

T: Os pais mudaram?
S: Os valores que os pais passam hoje, é diferente, porque antes os pais passavam mais valores para as crianças, o da obediência, o da responsabilidade. Hoje tem menos. E isso eles trazem de casa.

T: E nesse sentido é que os problemas de aprendizagem, é que aumentam?
S: Não. Aumentou pelo problema da irresponsabilidade de alunos muito infrequentes. Nesse sentido. Porque se o menino tem problema hoje ou se ele tinha é a mesma coisa. Agora o aluno que os pais não tomam conhecimento, eles não vem a aula.

T: O menino deixa de aprender porque não vem a aula?
S: Porque não frequenta. Fora aquele que a gente tem...

T: Mais esse menino é porque eles trabalham ou porque matam aula mesmo.
S: Eu acredito que não trabalham não. Eu acho que é problema de estrutura familiar. É mais do social do que da Escola.

T: Como é que vocês Escola, tão enfrentando o aluno que não aprende, que tem problema de aprendizagem? O que é que vocês estão fazendo?
S: É justamente isso aí que estou falando. Antes a gente podia reter a criança, agora o ciclo, a gente, não, ele tem a aprovação automática né, mais você não pode segurar, é ciclo, ele tem que vencer. Agora por exemplo, o menino que tem dificuldade de aprendizagem, de alfabetização, ele chega no 3° ano de escola, que é o fim do 1° ciclo sem saber ler. E é isso que eu tô fazendo agora, conseguindo avaliação psicológica, e depois você ainda tem que conseguir isso de graça, porque eles não tem condições de pagar. Pra poder a psicóloga nos ajudar, te orientar em como trabalhar, porque o menino que tem três anos de Escola e não conseguiu aprender, ele tem problema.

T: Você acha que o problema tá no menino e não o método de ensino?
S: Não. Mais num caso assim eu acabei de pegar uma resposta da psicóloga, ela diz o seguinte: que a criança é introvertida demais, é tímida. Se a professora tá trabalhando com 30, 29 aprenderam, só uma não, aí a gente tá pedindo encaminhamento nesse sentido. Uma criança não tem reação nenhuma, fica quatro horas dentro de sala de aula, não participa, não tem reação, sei lá se é só timidez. Aí eu acredito, que se os outros aprenderam, a falha não está no método. Talvez a necessidade que a gente tem, que a Escola do Estado tem, que nós temos são salas numerosas. Como é que a gente vai dar um atendimento individualizado, você com 30 e tantos alunos na sala. Então a gente tenta fazer de outro jeito.

T: Como vocês agrupam a sala? São salas numerosas, como é que vocês trabalham os meninos?
S: Pra agrupar as turmas? A gente respeita a idade primeiro, depois a gente ajusta, por idade, no 1° ano não tem, mais no 2°, 3°, 4° se você vai pegando matrícula nova, você vai ajustando.

T: Mais dentro de uma faixa etária, por exemplo 7 anos, os que tem mais dificuldade você agrupa mais pra lá?
S: Não. A gente tá agrupando mesmo respeitando a idade cronológica.

T: Não facilita mais pro professor uma classe mais fraca, mais forte?
S: Que facilita o trabalho facilita. Mais se você pega as crianças no começo do ano, de 1° ano, nós agrupamos todos por idade, você não conhece ainda, nós não temos pré mais, e depois normalmente.

T: Mais numa 4ª série por exemplo?
S: Esse ano eu agrupei pelo aproveitamento.

T: Só a 4ª ou 2ª, 3ª
S: Não. 2ª, 3ª e 4ª, todo o ciclo. Aí inclusive fiquei com uma 4ª série com quase todos os alunos a nível de 2° ano, de aprendizagem né, com 4, 5 anos de escolaridade. Mais nós ajustamos, justamente porque nós tínhamos que terminar a alfabetização com eles. Então agora o 3° ano, aí nós já não tivemos esse problema, porque os que já estavam chegando no 3° praticamente, só tinham alguns com problemas de alfabetização. E as turmas são numerosas. O 2° ano também, aí ficou com uma sala. De seis 2ª séries fiquei com uma sala, que é essa que inclusive eu tô procurando, com a maioria eu tô procurando uma avaliação psicológica para ver o que eu faço o ano que vem. E essa 4ª série, que é o 1° ano do 2° ciclo, aí nós não podemos segurar, mais eu tô chamando os pais, explicando, porque nós temos mais ou menos cinco alunos, cinco ou seis alunos que não conseguiram vencer. E a professora conseguiu alfabetizar os outros que estavam, que entraram no 4° ano de Escola sem ser alfabetizados. E esses seis, nós estamos chamando os pais para explicar que eles vão, que eles não podem ficar conosco. E vai ter que na outra Escola fazer um acompanhamento, pra ver o que faz.

T: Soraia, você na parte de programação, você acha que o ciclo mexeu com o dia-a-dia da sala de aula ou as salas ainda são séries, apenas chamam ciclo?
S: A, não, eu acho que mexeu sim. Porque no começo quando a gente estava preparando, estudando a legislação, que foi em 98, 99, daí já deu pra entender que se eu for seguir um ritmo de seriação, agora eu ia segurar as crianças, e nós estamos tentando.

T: Isso no final do ano. E no dia-a-dia?
S: A não, é o mesmo. Você tem que trabalhar e dar um jeito de assistir os mais fracos.

T: As professores conseguem trabalhar diversificado na sala? Como é que ele trabalha? Como ele atende um aluno que aprende, que não aprende?
S: Pois é justamente Terezinha, é difícil, porque se fosse salas pequenas, com menor número de alunos, aí tinha condições, porque praticamente é individualizado. O professor enfrenta três, quatro, cinco níveis diferentes lá dentro.

T: Pro professor acaba sendo mais fácil ele por um rumo e aí vai tentando acompanhar?
S: Nossas turmas, com 33, a menor nossa é com 33, é difícil. Então nós fizemos o seguinte, entre nós aqui. Nós arrumamos uma professora que é daqui mesmo. Então ela trabalha de manhã. Nós fizemos a parceria entre nós. Então cada um colabora, quem pode dá um pouquinho, e ela trabalha à tarde reforçando os alunos que estudam de manhã. Pra poder depois equiparar os meninos. E de manhã vem uma, que trabalha com os da tarde.

T: E você acha que esse acompanhamento vem do ano todo?
S: O que trabalha à tarde está desde março. E a do segundo semestre, como ela ia trabalhar mais com os meninos do 1° ano, então a gente tinha que detectar primeiro as dificuldades. Então ela começou em agosto.

T: E você acha que deu resultado esse trabalho paralelo?
S: A dá. Dá porque aí por exemplo, ela entra em contato com a professora da turma, e ela manda direitinho, fulano tem que trabalhar isso e isso, pra aí ela poder...

T: O Soraia uma última questão pro seu depoimento, você que mexe com Educação, que tá aí vendo todos os problemas, tentando enfrentar, você acha que a Educação tá indo no rumo certo?
S: A eu acredito. Não sei se todo mundo pensa como eu, mais eu acredito que por exemplo, esse problema do ciclo que surgiu essa polêmica, mais eu acho que tá certo. Se a gente for analisar, o objetivo é ótimo, aonde eles querem chegar. Eu acho que todo mundo que tá na Educação, temos que vestir a camisa da educação, abraçar, pra gente conseguir chegar lá. O rumo é certo.

T: Quando há esse tipo de aluno, esse tipo de problema, você acha que na Escola Tradicional, que trabalhava padrão, série, ela não dá mais conta hoje?
S: Bom pode dar. Eu acredito que podem dar. Essa mudança que estão fazendo, eu acho que vai melhorar, porque vai dar mais oportunidades para o aluno. Eles estão tentando dar todas as oportunidades. Eles estão querendo trabalhar com os alunos de acordo com a faixa etária, e não com o rendimento. Então eles estão procurando atender a todos. E o problema da retenção. É lógico que tem caso que às vezes seria necessário, mais acontecia muitas vezes do aluno perder o

entusiasmo, desmotivar com a Escola, ficava desmotivada. E os pais acabavam até no abandono. É lógico que não é essa nova linha da educação, que nós vamos fazer o menino que tem problema aprender, a gente tenta trabalhar o menino. Nós não podemos julgar, falar esse menino é um menino problema. Ele tem um problema de aprendizagem e às vezes até é de comportamento, e nós aqui na Escola não temos condições de resolver esses problemas. É o que nós estamos pedindo uma avaliação do psicólogo pra ele, ele tem condições de avaliar.

T: No caso dos meninos que não aprendem. A Escola já fez as coisas e aí um problema é localizado no menino que precisa ser consertado.
S: Se é uma criança apática, hoje ela trabalha com métodos. Você sabe a professora na sala de aula ela faz tudo, ela faz mímica, ela faz palhaçada, ela faz tudo pra ela motivar a aula. Uma criança que não se motiva com nada, ela tá quietinha, ela tem alguma coisa. É isso que estou buscando nos psicólogos, um caminho pra gente, qual a maneira que nós vamos trabalhar com esse tipo de criança.

T: Essa ajuda desses psicólogos, você conseguiu aonde?
S: Com a Prefeitura, através daquele postinho lá da cotia, no São Francisco. Já ontem nós conseguimos já mais avaliações lá, que nós não temos condições de pagar. E lá na APAE, através da APAE a gente consegue avaliações, sem pagar, só que depois ela não dá o acompanhamento não, só quando a criança foi de lá. Inclusive a menina que esteve lá ontem, eles pediram pra procurar a do posto São Francisco que é da Prefeitura. Mais só de ajudar a gente, dar a primeira avaliação já está bom.

T: Você acha que esse caso, os meninos que tem necessidade de acompanhamento especial, caso de APAE, quando eles estão aqui, você acha que eles rendem na sala comum ou não?
S: Isso é muito relativo. Porque nós temos dois alunos aqui agora que já foram da APAE, e hoje eles, dizem que já estão aptos ao ensino regular. Já estão reintegrados, mais até hoje, ainda não mostraram rendimento.

T: Estão reintegrados na sala?
S: Estão. Mais não estavam aptos pro ensino regular, então já foi integrados, não sei nas outras escolas, mais esses dois por exemplo, você trabalha com a criança lá, explica, mostra, ensina tudo, o aluno reconhece. No dia seguinte cedo a professora volta, lógico com outro exercício, mais da mesma coisa que ensinou hoje, aí eles não sabem. Quer dizer que ainda não está acompanhando, mais vamos esperar né, mais esse ano inteirinho eles ficaram conosco.

Diretora: Élida

T: Élida você aqui na Escola na Direção, você começou esse ano?
E: Esse ano.

T: E antes de você ser Diretora, como foi sua vida em termos de Escola?
E: Olha, eu trabalhei na regência 14 anos, direto em sala de aula e fiquei 3 anos na vice.

T: Aqui na Escola mesmo?
E: Aqui na Escola.

T: E professora você trabalhou...
E: Eu trabalhei 3 anos em São Bento Abade, trabalhei na Mª José Coelho Neto dois anos, depois eu vim pra cá, continuei na regência e fiquei 3 anos na vice.

T: Esse tempo todo de Escola e experiência de Escola, com relação ao aluno que a Escola tá recebendo hoje, nesses 14 anos de experiência você tem, mais vice, mais Direção, você acha que os meninos tão chegando diferentes, tem alguma coisa que tá mudando?
E: Eu acho Terezinha, uma coisa que me preocupa demais é o social, é a disciplina. Cada dia que passa eles tão mais agitados, mais nervosos, aí a gente chama os pais porque eu não tenho orientadora né, de 1ª a 4ª não tem, aí eu chamo os pais, eu vou conversar e o que é: Pai desempregado, pai que mexe com drogas, a mãe bebe, familia sem estrutura.

T: Esse tipo de problema você acha que aumentou?
E: Nossa, de mais da conta. Então eu converso com as professoras, com a Soraia que é minha Supervisora, gente do céu. Porque sem disciplina não tem rendimento. O menino vem pra Escola sem estrutura, ele não vai render. Então a gente chama os pais é tudo isso: desemprego, falta de estrutura, é o social mesmo. E cada esta dia pior.

T: Nesse percurso que se já tem, você sente que isso tá aumentando mesmo?
E: Aumentando mesmo.

T: E esse menino então, com esse lado social, com esses aspectos que você vai percebendo em termos de problema, aqui na Escola, a questão da aprendizagem fica comprometida. Essa aprendizagem, esse menino então, você acha que as dificuldades de aprendizagem aumentaram?
E: Aumentaram. Cada vez mais.

T: E no caso aqui que é de 1ª a 4ª, essas dificuldades aparecem mais na alfabetização?
E: Mais na 1ª série. Na 1ª série é um caso sério. Então esse ano nós montamos sistema de parceria, pra recuperação. Porque nós não temos a recuperadora do Estado, fizemos parceira. Inclusive a Lucimar, ela trabalha de manhã como professora efetiva e à tarde ela é recuperadora. Cada uma dá uma parcela, a gente faz o pagamento pra ela, parceria mesmo. Pra trabalhar já pra sanar a 1ª pro ano que vem, já diminuir na 2ª, e assim por diante.

T: Quer dizer que vocês arrumaram uma forma de atender melhor as dificuldades entre vocês mesmas?
E: Isso mesmo.

T: Vocês rateiam e aí pagam uma parte pra ela?
E: Eu ainda comento Terezinha, que é muito bonito o Tony Ramos falar: "Amigos da Escola", lindo, maravilhoso na televisão, mais a realidade é diferente. Então nós pagamos a Lucimar, nós temos a parceria com ela à tarde e de manhã tem outra. Cada professor me ajuda. Cada professor me dá uma quantia de dez reais, eu, a Soraia, todo mundo.

T: Faz um mutirão e aí paga. E aí a Lúcia atende à tarde e você tem uma recuperadora de manhã?
E: Isso, e uma de manhã. Então de manhã atende 1ª e 2ª série. E a Lucimar a tarde atende 3ª e 4ª.

T: Então quer dizer que você está pegando as dificuldades de alfabetização não apenas no 1° ano, mais meninos que não lêem até a 4ª série?
E: Isso. Inclusive eu tenho um problema sério na sala da Mª Helena Esteves da 4ª, aluno que chegou na 4ª série e não está alfabetizado. É o caso que a Lucimar é muito boa, é excelente, dedicada, então a Lucimar está salvando os alunos de 3ª e 4ª.

T: E essa idéia começou quando? Esse ano?
E: Esse ano.

T: Mais logo no começo?
E: O ano passado, teve sistema de parceria, mais assim, os pais devam cinco reais. Cada pai deu cinco reais. E só que tinha pai que dava, pai que não dava, então os professores desanimaram.

T: Então não podia contar.
E: Então esse ano eu assumi. Eu tenho um caderninho de controle, sai o pagamento o professor me paga. Se o professor tá sem dinheiro, eu dou um jeito, eu empresto e depois ele me dá outro sabe, eu controlo direitinho.

T: E começou no início do ano?
E: No início do ano.

T: E os meninos que não liam, você sentiu resultado?
E: Houve rendimento. Inclusive essa 4ª série, que eu estava preocupadíssima, porque a Soraia tentou agrupar de acordo com a dificuldade e ficou uma sala muito pesada, então só uma professora não ia dar conta. Foi onde eu pensei na Lucimar. E o resultado tá sendo bom. Eu acho que de toda sala uns cinco ou quatro estão com mais dificuldade, o resto deu. A gente dividiu o horário de 12:30 às 2:30 uma turma e 2:30 às 4:30 outra.

T: Aí ela fica com uma turma e depois fica outra?
E: Isso. Salinha reservada, atendimento mais individual, graças a Deus. Essa recuperação da 1ª série, o ano que vem já não vai ter tanto problema na 2ª.

T: Já começou a atacar o problema bem cedo.
E: Bem cedo.

T: Diz uma coisa, já que você tá colocando a questão da sala, diante desse desafio, que a Escola recebe os meninos com mais problemas e aí repercute na aprendizagem, em termos de organização da Escola, você tenta agrupar as dificuldades para que os professores atuem de uma maneira mais apropriada, cada ano que você tem, por exemplo de 1° ano?
E: Eu tenho 18 turmas. Esse ano eu estou mandando quatro 4ª séries. E tô recebendo quatro 1ª séries.

T: Agora pra você dividir, mais ou menos você divide de uma forma agrupando dificuldades?
E: Olha o ano passado, até nós fizemos uma reunião, até uns 15 dias atrás, eu conversei com os professores até pra ver, a Escola ficou dividida Terezinha. Uma turma acha que tem que ser de acordo com as dificuldades, outra que tem que ser misturado. No caso s Supervisora tentou agrupar, mais mesmo assim não fica igual. Então tem professora que defende: "não eu quero sala misturada", que é um desafio, é sensato, e tem professora que diz: "não eu prefiro uma sala bem fraca, que eu sei que é fraca, então eu sei onde que eu vou pegar." Então tá dividido aí. Mais no início do ano de 2000, no início a Supervisora dividiu, tentou dividir de acordo com o rendimento. Só que no decorrer dos meses você vê que já não fica, quer dizer que não existe sala homogênea.

T: Mais você tem, por exemplo, como você falava, na 4ª série uma sala que é mais fraca?
E: Tenho. Esse ano. Eu já acho que no ano que vem já não vai ter tanto problema.

T: Sei. Porque se você vai fazendo uma atitude preventiva, a tendência é não ter sala nenhuma fraca.
E: Nenhuma. A recuperação tá firme. Inclusive agora tá tendo recuperação. É uma salinha pequena que eu tenho, ela serve de sala de recuperação, serve de barzinho, serve de tudo. E a gente conta com a boa vontade das professoras, inclusive Terezinha é um salário baixo mais é o que a gente pode pagar.

T: Vocês pagam igual ao salário delas?
E: Não. Inclusive a Lucimar ganha salário mínimo. Cento e cinquenta reais.

T: Isso aí, acaba fazendo até mesmo por amor, por gostar.
E: É por parceria mesmo, então ela trabalha de manhã no cargo efetivo dela, já fica direto aqui na Escola e trabalha com a carinha boa, alegrinha, com o mesmo entusiasmo.

T: Ela topo a parada né.
E: Topo, assumiu mesmo.

T: Me diz uma coisa, e quanto aos pais, o que você acha da participação deles, como você acha que tá?
E: A nossa clientela aqui é de classe baixa. Agora eu me relaciono muito bem com os pais, tanto é que o ano passado teve eleição, eu fui muito bem votada, com uma diferença muito grande graças a Deus. Eu fiquei com 75% dos votos.

T: Nossa. Isso então é um referendo de apoio muito grande.
E: Eu sabia, porque eu me relaciono muito bem com eles, do tempo que eu fui professora, fui vice. A Magda brincava comigo, que era uma luta, porque os pais queriam que os filhos ficassem comigo. A Magda, a Maria José Sonja, depois eu vim pra vice. Só que Terezinha, eu percebo que eles não tem tempo pra Escola. Então você chama pra uma reunião, e no dia seguinte eles chegam: "você me desculpe, é que eu fui trabalhar, eu não podia faltar. Eu tinha uma faxina."

T: Tem até boa vontade, mais não tem tempo mesmo.
E: Não tem como, tem que salvar o lado financeiro. Então tem mãe que se justifica: "Eliana eu tive uma faxina naquele dia." Mais eu marco assim 18:00, 19:00 horas da noite, mais "ah! eu estava apanhando café, catando batata, cheguei de noite da roça". Então a gente percebe que eles tem boa vontade, mais não tem muito tempo. Agora nós temos uns pais também que não estão nem ai.

T: Você acha que a maioria, em termos de uma porcentagem se der pra fazer uma estimativa, esses pais de boa vontade que mesmo sem tempo, que se pronunciam, chegam, eles são maioria?
E: De boa vontade uma minoria. A maioria é que não quer nem saber. Ou por falta de tempo ou por acomodação.

T: Você acha que os pais hoje, não vamos nem julgar, não é questão de achar o mérito, se acha que os pais, pode ser por falta de tempo, por questão financeira, você acha que eles estão entregando pra Escola e largando mão mesmo?
E: Eu acho. Tem mãe que chega aqui Terezinha e fala: "Eliana, eu não aguento mais, vê o que você pode fazer pra mim." Agora a mãe não agüenta, o pai não agüenta, então a professora tem que pular. Então se vê tem mãe que não gosta de férias, que vai dar trabalho, vai fica o dia todo com o filho. Greve, Nossa Senhora, não pode nem falar em greve, porque vai dar trabalho. Então eles estão entregando a responsabilidade para a Escola em todos os sentidos. A parte de saúde, o filho vem doente pra Escola, eu mando a serviçal levar no postinho de saúde. Manda remédio, mais tudo bem, se mandou remédio a professora dá, tudo bem. Mais manda o filho doente e mando o bilhete: "Por favor, encaminhar pro médico." Eu tenho três serviçais de manhã, e tenho 300 alunos de cada turno.

T: Tem que correr de lá pra cá.
E: Nossa. Então assim eu termos de saúde, de material, o que sai de material daqui por dia, lápis, borracha e caderno nossa, mais o que mesmo a parte psicológica, eu já falei que a gente é enfermeira, orientadora, a gente é tudo.

T: Você falou que o aluno que não aprende, esse aluno com complicação, vocês acharam uma forma, de na dificuldade de aprendizagem estar socorrendo na parte de alfabetização. A outra maneira que vocês arrumaram foi na maneira de agrupar a sala. Você acha que a questão de ciclo que entrou no Estado de Minas, ele mudou a realidade da sala de aula ou ainda não entrou na sala de aula? A sala ainda é série vamos dizer assim?
E: Tem professor que já encara como ciclo e tem professor que tá no sistema antigo ainda.

T: Quando você fala encara, é que faz alguma coisa na sala que no momento é...
E: Isso, eu tenho professor que já entrou naquele sistema do ciclo, ele trabalha com o ciclo, assistência individual, vai vencendo as etapas. Agora eu tenho professor mais tradicional que é mais difícil, tem o lado positivo e negativo, cada um justifica. Tem professor que fala Eliana no tempo da seriação o aluno era reprovado, começava da estaca zero. Aí vem a outra e diz, a série não, ele não vai voltar da estaca zero, ele vai partir dali pra frente. Aí gera aquela polêmica, sabe. Agora eu acho que aquele professor que arregaça as mangas que veste a camisa da Escola, ele tem

mais é que trabalhar com ciclo. Ele vai partir de onde o outro parou e trabalhar, e não voltar da estaca zero.

T: Não preocupar em aprovar e reprovar, mais preocupar em fazer aprender.
E: Em aprender. O nosso básico aqui o que é: leitura, interpretação e as quatro operações. Preparar o aluno pra vida e não ficar dando regrinha. Aqui na Escola, elas estão trabalhando, já em equipe direto. Sistema um, equipe grande, ou várias equipes, elas tão trabalhando muito já.

T: Isso que você fala é dos professores ou em relação aos alunos?
E: Dos professores.

T: Eles estudam entre eles?
E: Isso. Tá tendo bastante estudo sabe.

T: Você acha que os professores estão motivados pra buscar soluções?
E: Eu acho que sim.

T: Porque ele tá recebendo um aluno que é problema?
E: Isso. Então ele tem que ir a luta.

T: Buscar soluções. E essa busca você acha que passa pelo coletivo da Escola?
E: Eu acho. A maioria.

T: Vocês reúnem toda semana?
E: Toda 4ª feira das 17:00 às 19:00, hoje é dia da Pedagogica. E tem também de 15 em 15 dias, o estudo ciclo. Graças a Deus minha Escola é assim, a turma é muito boa, muito unida, tem uma ou outra que tá com a cabeça assim, mais fechada, mais no geral é muito boa.

T: Você acha que a questão burocrática, formal, essência de conteúdo, de programa, atrapalha o professor na sala de aula?
E: Tem professor que fica ansioso, ele quer dar conta da matéria, e aí é uma loucura, e já tem outros que são mais maleáveis, vai na medida do possível.

T: Aí nessa questão de organização pedagógica, depois eu vou até conversar com a Soraia, porque cada um tem seu jeito de organizar sala. Então em relação a Supervisão e ao professor, que a gente vai perguntar mais é sobre o concreto, da sala, o concreto do pedagógico né.
E: Do dia-a-dia.

T: Eliana, então a Escola com os desafios que ela tá enfrentando hoje, com as possibilidades que vocês tem na mão, você acha que a Educação tá tomando o rumo certo, tá enfrentando de maneira adequada ou tá perdida, teria outra coisa pra fazer?
E: Eu acho que a gente fica sem direção às vezes, em determinados momentos eu sinto segura: é isso e acabou, em outros eu fico insegura. Primeiro ano de direção né, é muito diferente ser vice e ser diretora. Mais voltando a sua pergunta, eu acho quanto a Educação que tem muita coisa ainda que ser trabalhado. Porque a gente tenta melhorar, tenta fazer o certo, mais nem sempre a gente

consegue, e vai acontecendo tantas coisas, por exemplo, a parte burocrática, chega tanto papel de Varginha, tanta cobrança que às vezes eu não tenho tempo de acompanhar o pedagógico.

T: Fica por conta da papelada.
E: Hoje mesmo eu tô preocupada, tem que resolver inventário pra Varginha, tenho que mandar o QPA. Sabe, fico presa a parte burocrática e não tenho tempo de ver o pedagógico, não posso ajudar muito no pedagógico. Mais na medida do possível a gente ajuda. Quanto aos rumos da educação me preocupa muito, a gente tem muito que ver ainda, a gente quer sempre acertar.

T: Você tem alguma alternativa que se você apostasse nela dava certo?
E: Eu acho Terezinha, primeira coisa é conscientização dos pais. Os pais precisavam estar firmes com a gente aqui na Escola. Em todos os sentidos. Porque se não tem ajuda em casa, a diretora luta, a professora luta, mais chega em casa, não tem, é complicado. Então eu acho que a partir do momento que a família ajuda, se a família é carente, não tem condição financeira, mais a presença, eu canso de pedir as mães em reunião. De participar do recreio, ajudar no recreio coletivo, trabalhar na parte esportiva, elas não tem tempo, elas não vem. Então eu acho, que a partir do momento que o filho vê a mãe na Escola, ele quer mostrar serviço, ele quer mostrar que é capaz.

T: Essa questão das mães estarem aí, é uma forma de estar ajudando a disciplina, ajudar os meninos a sentirem que a família e a Escola estão juntos.
E: Junto. Aquela parceria. Inclusive Terezinha, eu tenho aluno indisciplinado, ele era indisciplinado, quer dizer no começo, aí eu chamei a mãe, conversei, aí a mãe começou a ajudar no recreio, o menino mudou. Mudou porque a mãe está ali, a mãe tá conversando com a diretora, com a supervisora, com a professora, então ele não quer fazer feio. Mais infelizmente essa mãe tem que trabalhar, não pode tá aqui. Mais eu acho em primeiro lugar a família tinha que dar a mão pra Escola. Família e Escola caminhar em rumo de uma boa educação.

T: Pra poder enfrentar o mundo. Me diz uma coisa, como último depoimento teu, você que é diretora, pra ser professora hoje, quem tá aqui e quer continuar sendo professor significativo, ou quem tá aqui e quer ser professor hoje. O que é fundamental pra ser um professor hoje, o que precisa pra ser um bom professor hoje?
E: Antes de tudo tem que gostar, tem que ter amor a profissão. Tem que gostar, antes de tudo, antes até da competência. Não adianta nada um professor muito competente se ele não gosta. Agora aquele que gosta e até não é muito competente, pelo amor a profissão ele vai lutar, e vai se esforçar, vai ler, vai buscar, vai fazer curso pra ser um bom professor. Porque você sabe, financeiramente não compensa, e é muito desgastante. Chega final de ano, os professores estão esgotados. Então se não gostar, não funciona.

T: Essa parte você acha básica?
E: Eu acho. Amor a profissão, vestir a camisa da Educação, da Escola, sem discriminação. Eu acho.

Professora: Rosa

T: Rosa, você trabalha aqui no Escola Estadual 3 com qual série?
R: Trabalho com 2° ano. Trabalhei ano passado no 1° e agora acompanhei a turma.

T: Quantos anos você de professora?
R: Quase 20 anos.

T: Uma vida. Quilômetro rodado. E nesse tempo todo de professora, você olha tua sala hoje, que tá na sua mão hoje, você acha que os alunos mudaram?
R: Mudaram. Mudaram bastante.

T: Quando você deu aula a 20 anos atrás, a sua salinha de aula, teus alunos que tavam lá, você acha que hoje eles são diferentes?
R: Porque antigamente os alunos eram mais apáticos, tinham interesse, mais o sistema antigo, a gente contava história e eles não podiam participar. Eram mais passivos. Agora, hoje em dia, eles até mesmo, já trazem bagagem de fora. Chegam contando da novela, contando histórias. Eu sempre começo minha aula, sempre faço minha oração, aí sempre tem alguém pra falar uma coisa nova. Então se eu vou dar um texto, eu uso o livro didático, mais se eu vou dar um texto, antes de começar, se eles falam alguma coisa sobre geografia, história eu já começo, eu aproveito o que eles trouxeram pra começar a aula.

T: Então você acha que esse aluno hoje é mais falante, participativo. Você acha isso melhor pra trabalhar?
R: A eu acho isso melhor, porque a gente sente o interesse do aluno, sempre tem um mais difícil, mais...

T: Você acha que predomina o aluno mais interessado?
R: Mais interessado.

T: Rosa desses alunos que você tem com você hoje, que você acompanhou 1° e 2° ano, estão todos lendo?
R: Não. Tem uns 8 mais ou menos que até agosto, ainda não estavam, agora já estão. Agora só tem mesmo dois, assim silábicos. Mais como nós temos nossa recuperadora, a Lucimar, e ela falou que é mais pela maturidade, mais devagarinho, mais estão conseguindo. Agora a escrita já tão mais difícil, porque a leitura é mais fácil né.

T: Como que você faz, por exemplo, você tem alguns, uns dois ou três que estão sem ler, dos oito aí, mais ou menos, uns que andam mais rápido. Como que no dia-a-dia você dá conta, tudo diferente?
R: A gente trabalha assim, passa exercício no quadro para os que estão mais rápidos, então no livro mesmo, e depois eu vou tomando a leitura, passando o exercício, fazendo a avaliação e mais com o reforço né. Aí por exemplo, quando tem lá, aula de Educação Física, eu pego ???????

T: Na hora da sala com todo mundo, não dá tempo.
R: N hora, às vezes não dá tempo de fazer de todo mundo, mais aí eu sempre fico depois da aula. A aula termina 11:25 mais eu saio daqui sempre 12:00.

T: Você pega um aluno pra poder trabalhar com ele?
R: E ajudo. Procuro porque às vezes em casa fica mais difícil né, o pai, a mãe, eles não tem ninguém.

T: Falando em pai e mãe, como você vê a família? Hoje eles são diferentes da família de 20 anos atrás?
R: Os pais de antigamente tinham .... eles eram mais enérgicos né. Eu falo pros filhos né, a gente fala, mais as crianças não dão muita atenção pra gente.

T: Você acha que a disciplina afroxou?
R: Eu não sei se é devido a evolução. Aí confundem.

T: Começam a ficar sem limites.
R: Por exemplo, no meu caso é porque eu fiquei viúva né Terezinha, tem um ano e pouco. Então eles sentem muita falta do pai. Eles falam pros colegas assim: "minha mãe é forte, minha mãe faz isso..." Mais é Deus que me ajuda. Porque tem muitos alunos meus que tem problema em casa, por causa do pai e a mãe separados. Inclusive eu tenho um aluno hoje ele nem veio, a uns dois, um mês mais ou menos, ele mudou de novo, e a mãe dele, largou, arrumou outro namorado, foi morar junto e agora a mãe aparece grávida. Nossa, mais deu uma revolta, ele ficou até agressivo. Aí ele vinha à aula fazia um pouquinho, depois não queria mais. Aí eu falei "Meu Deus". Aí eu fui estudar o caso, ele foi contando, a gente não precisa nem perguntar, ele mesmo foi contando. Esses dias a mãe veio aqui e tá mesmo. E tem ele, uma menininha, e mais o menorzinho com outro pai.

T: O Rosa, essas coisas todas de família acabam influenciando?
R: Não, é o que eu tô falando, toda família tem, mais é um caso difícil.

T: Me diz uma coisa, você acha que nessa mudança, que o aluno que vem diferente, às vezes até como mais ativo, mais passivo, você acha que a mudança pra ciclo é uma boa? Você acha que o ciclo ajudou a sala de aula no dia ou apenas mudou o prazo, deu mais tempo pra aprender? Como você vê a questão do ciclo?
R: Em certos casos é bom. Mais esse negócio de passar que não usa né, passou pro segundo, passou pro terceiro, aí tem uns que são mais fracos, aí não conseguem acompanhar. Eu acho que em certos casos não foi muito bom não. Porque depois o aluno chega na 5ª série, aí tem professor que diz que o primário é que foi falho. Mais não é isso, a ordem vem lá de cima e a gente tem que acatar as ordens. O que a gente pode fazer aqui no primário a gente faz. Mais e agora, aqueles que são mais fracos, lá na 5ª série eles não podem, não tem condições de dar essa continuidade.

T: Você que é professora, já passou esse tempo de vida como professora, o que você acha importante se a pessoa quer ser professora, ou quer se manter um bom professor, o que é fundamental na carreira do professora hoje.

R: Eu acho que acima de tudo a vocação. Tem que ter amor, e não pensar porque é claro que a gente trabalha, e ninguém trabalha de graça, mais a gente não pode visar só o salário. Porque se a gente for pensar no que a gente ganha pra ensinar o aluno, a gente não da conta. Mais primeiramente, a gente tem que ter vocação, porque hoje em dia não é fácil.

T: O professor hoje, você acha que precisa estudar, do jeito que eles tão falando?
R: A precisa, sabe porque, eu tenho 20 anos e não tinha faculdade. Não tinha devido ao recurso. Agora eu fiz vestibular e tô me sentindo uma adolescente. Com 40 alunos eu passei em 13°. Então faz 25 anos que eu parei a Geografia, agora por causa do plano de carreira e para futuramente eu ter melhores condições para os meus filhos. E eu gosto, sempre que posso eu leio revistas, jornais, livros, gosto de ver jornais.

T: Você acha importante não parar?
R: Se a gente puder continuar. O problema às vezes é financeiro, mais a gente dá um jeitinho.

T: Tem momentos mais apertados, o filho vai crescendo, mais...
R: A gente tem que procurar melhorar, evoluir. A gente não pode ficar parado.

Supervisora: Ângela

T: Aqui no Escola Estadual 3, você trabalha como Supervisora à tarde?
A: Não. Meu horário é alternado. Eu trabalho três dias à tarde e dois dias de manhã.

T: Ângela, tá começando a supervisão esse ano?
A: O ano passado eu trabalhei também, em São Bento Abade, trabalhei de 5ª a 8ª, na Escola Estadual.

T: E antes disso, você trabalhava só como professora. Quantos anos você tem de profissão, de professora?
A: Ah!, sete anos mais ou menos porque foi muito picado né.

T: Nesse tempo que você tem de experiência de sala, que você conhece dos alunos, do que você conhece da realidade, porque eu não vou fazer pergunta pra você sobre supervisão, mais muito mais. Você tá atuando como Supervisora?
A: É, aqui eu peguei agora em Agosto. Já peguei o barco andando.

T: Ah, isso que Eliana falou que se tem pouco tempo. Então não é muito da função de Supervisora a pergunta, é muito mais em termos da Escola, da realidade de hoje, do que você conhece, do tempo que se tá trabalhando na Escola. Você acha que os alunos tão mudando, tão chegando diferentes na sala? Por exemplo, a sete anos atrás quando você chegava na sala, com os alunos, você lá trabalhando, e hoje no ano 2000, você acha que eles são diferentes?
A: A, eles são bem diferentes. Hoje eles estão mais a vontade, pra mostrar o que eles sentem, o que eles querem, então eles brigam mais por aquilo. Dá mais trabalho pra gente.

T: Você sente eles muito mais ativos?
A: Muito mais ativos, muito mais críticos, e ao mesmo tempo não muito aquele acompanhamento dos pais. Eu acho que a Educação mesmo de berço. Tão muito mal educados, muito indisciplinado. É lógico que nessa faixa etária é normal, o aluno não parar quieto numa carteira, e não é isso que eu quero também, mais eu vejo que eles tão bem mais soltos do que antes.

T: Quase que beirando o sem limite.
A: Isso. Muito sem limites.

T: Então se ele chega na Escola mais ativo, mais crítico, trazendo mais, falando mais, você acha em termos de aprendizagem, você acha que ajuda, complica? Como você acha que essa mudança tá refletindo na aprendizagem dos meninos?
A: Eu acho que complica mais. Se você não tiver uma organização na sala, você não consegue ensinar pra eles. Então se não tem limite de nada, não sabe a hora de sentar, de prestar atenção, não sabe separar, não tem aquela seqüência, então fica mais difícil da gente ensinar, complica muito mais o planejamento.

T: Como supervisora no 2° semestre, inclusive você acompanhando as salas aqui da turminha de 1ª a 4ª que você pega?
A: Eu tô só com a 2ª. Ajudo muito a Soraia, mais...

T: Nessa 2ª, você percebe que esse grau de dificuldade reflete na alfabetização, nos resultados? Tem menino que não aprendeu no 2° ano, 2° do ciclo né, tem problemas de alfabetização?
A: A, em termos assim...

T: Você tem quantos meninos no 2° ano que não lê?
A: Que não lê, varia muito. Tem uma turma que tem quase metade, aí juntou tudo numa turma só, meninos mais problemáticos. Tem turma que te meia dúzia.

T: Quantas 2ª vocês tem aqui?
A: Seis.

T: São todas à tarde.
A: Não. Quatro à tarde e duas de manhã. Por isso que eu venho assim. E tem outra turma com quatro. Uma só que tem mais.

T: Mais é porque concentrou?
A: Concentrou mais o grau de dificuldade.

T: Se acha que pra o professor concentrar a turma com mais dificuldade é melhor pra trabalhar, pra atender as diferenças?
A: Eu acho que depende do grau de dificuldade. Se for aquele bem mais acentuado...

T: Pensa, na tua realidade, no concreto que você tá, essa turma que tá com quase metade sem lê, pra professora tá sendo melhor ela tá com essa turma toda com ela lá?
A: Ela acha que sim. Mais no meu ponto de vista não. É muito desgastante. Você vai, faz as atividades, você monta trabalhos e parece que você não vê resultado, parece que não tem incentivo.

T: Às vezes o professora tem mania de achar que tudo igual numa sala facilita, mais o lado, principalmente, quando você junta os fracos num lado é dose né?
A: É bem mais pesado. Fica sem estímulo.

T: Eu costumo falar, fraco no meio de fraco, dá fraco e meio. Eles ficam sem incentivo em relação ao colega mesmo, esse é mole, esse não é, esse é lento. E fica nesse marasmo.

E essa sua experiência de supervisora, mesmo de professora, porque a experiência sua de passado nunca fica pra trás. Esses alunos que estão chegando com muita solicitação, diversidade mesmo, os meninos vem vindo de culturas diferentes, famílias diferentes, não tá chegando mais pra Escola um aluno padrão, tá chegando cada um de um jeito. Como é que você acha da parte psicológica, como você vê as professoras trabalharem? Como você e as professoras trabalham as diferenças na sala de aula? Ela pode montar um plano só? Porque a didática fala pra fazer um plano. E como faz isto na sala? Tem um que aprende, um que não aprende, um que anda rápido. Como é que ela no dia...
A: Aqui a gente trabalha assim, a professora monta vários planos, de acordo com os alunos. Aqueles que estão melhores ela monta um plano, aqueles que estão mais ou menos outro plano, e aqueles que não sabem monta outro. Então eu acho que dificulta mais, e eu acho que até o rendimento da sala não é muito bom. Agora quando a sala tem menos alunos com dificuldade, eu acho que ela tem mais tempo de dar atenção.

T: Não divide tanto.
A: Mais muitas vezes eu acho que acaba enrolando como se diz.

T: Acaba dividindo o tempo né?
A: Acaba acompanhando a turma maior mesmo.

T: Faz pouco tempo que a questão do ciclo foi implantado. Implantou o ciclo, colocou três anos, fez a divisão: básico, intermediário, avançado. Então em termos de organização da Escola é ciclo, mais se acha que a sala de aula, se você chegar nunca Escola e entrar, ela mudou a cara ou é série do mesmo jeito?
A: É do mesmo jeito a sala de aula.

T: Eu faço essa pergunta sempre.
A: Eu acho que não mudou nada. Só no papel. Tipo agora é ciclo, mais se o ciclo funcionasse mesmo igual tá no papel, a gente ia ter um resultado muito bom.

T: Porque a proposta do ciclo, até de fazer o atendimento, a continuidade, diferenciado, tempos diferentes para alunos diferentes, aí teria que estar com outra organização de horários, de espaço.
A: Menor quantidade de alunos.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

T: Menos alunos na sala.
A: E as salas geralmente são superlotadas. A 1ª série, a gente tem 30 eu acho um nº grande, a 2ª nem se fala, 35, 37.

T: Vocês tem classes aqui bem cheias né?
A: Tem que ter um jogo de cintura muito grande e a disposição do professor.

T: Do ponto de vista do professor, que você trabalha com professores, você acha que os professores diante desses desafios que vem vindo, uma criançada que desafia, vem vindo uma realidade difícil, você acha que os professores, acabam ficando cristalizado ou a tendência é ir buscar outras alternativas? Uma forma é ficar tradicional.
A: A maioria tá meio cristalizada.

T: Acaba ficando até na defesa.
A: Às vezes tenta demonstrar que não está, mais a gente percebe que tá.

T: Faz umas tentativas assim e tum, puxa né.
A: Mais tem uns ainda que procuram, enfrentam. Ainda bem que a gente tem.

T: E se acha que esse professor que busca trazer outras alternativas e que vai a luta, ele tem melhores resultados, a classe responde melhor?
A: Sem dúvida. A classe responde melhor. Aí ele tem uma aparência diferente.

T: A postura dele.
A: Porque assim, acho que ele trabalha, ele desgasta em termos né. Ele fica cristalizado, ele tem desgaste e ele não vê resultado. Aí fica de mau humor e põe a culpa em tudo, na carreira, no quadro. Agora aquele professor que vai a luta, se desgasta também, mais vê o resultado, então fica satisfeito.

T: É um tipo de cansaço diferente né.
A: É diferente.

T: Na sua posição de Supervisora, que vê aí os professores, os desafios aí pra ele enfrentar, essa coisa toda, os alunos que não aprendem, aqui parece que tem o sistema de uma recuperadora para aqueles não alfabetizados. Você entrou agora em agosto, mais do que você observou, você acha que esse atendimento, no outro horário, com recuperador, ajudou essa criançada que não lê? No seu caso, o 2º ano teve gente que foi pro recuperador?
A: Teve bastante.

T: Se é de manhã eles vem à tarde, e se estuda à tarde vem de manhã.
A: A, eu acho que ajudar ajudou sim, mais não tanto quanto a gente esperava. Eu acho que esses alunos que tem dificuldade mesmo, eu não sei, acho que já é um problema mais difícil de trabalhar, não seria só a recuperadora.

T: Não é um problema só pedagógico.
A: É, não. Teria que ter um acompanhamento mais amplo.

T: Você não acha também que esta questão. Às vezes eu fico pensando e às vezes eu preocupo, o professor tem que estar cada vez mais sabendo lidar com as dificuldades na sala e não jogar pra fora, ou seja...
A: Se eu concordo?

T: Não. Se você não acha isso, quer dizer, se o professor mesmo ele sabe resolver as coisas ali na sala, funciona mais do que com outra pessoa.
A: Ah! Eu acho que sim. Ele estando ali com o aluno na sala, ele conhece, ele vai trabalhar mais perto e aí mandando pra recuperadora, eu não sei, dá impressão de que cruza os braços.

T: Que ele não deu conta.
A: Ele fala: "a já que tá pra recuperadora mesmo, deixa lá, ela tem que se virar. Se não aprendeu vai ser culpa dela mesmo."

T: Porque a gente percebe que há pessoas, já professora até no 4° ano, que tem mesmo, não alfabetizado, que ele dá conta de alfabetizar, ele na sala. Montando atividades, quer dizer eles tem um jogo de cintura na sala que sabe fazer e acontecer. Porque o povo tem mania de falar que alfabetizador era só do 1°, aí o do 2°, 3° e 4° é muito mais fácil jogar.
A: Jogar os conteúdos, só. Venceu o planejamento pode ir embora.

T: Nessa parte de conteúdo, plano, se acha que os professores ainda estão muito amarrados nisso. Eles se preocupam em cumprir o planejamento?
A: Nessa caso, eu tenho notado que eles não tão muito apegados não, preso naquele plano não. Agora com essa proposta do ciclo, eles visam mais a alfabetização, eles querem mais o aluno alfabetizado, lendo e escrevendo.

T: E os professores trabalham com horário, primeiro português, segundo matemática, como é que é o dia, como eles dividem o dia na 2ª série?
A: Aí fica por conta deles. Trabalham mais o português, fica mais a critério do professor, mais a linguagem mesmo. Agora o de 4ª série divide. Aí tem os horários direitinhos. Porque começa a trabalhar os alunos pra aquela troca de professores de 5ª.

T: Até 3° é o mesmo, e você percebe que os professores tão dando mais ênfase pra tá dando conta de lê e escreve.
A: Para alfabetização. Mais leitura e a escrita.

T: Você acha que na tua vivência aqui, pra atender esses alunos, pra interessar, você acredita na metodologia de projeto, que os alunos façam o projeto junto, se acha que isso acontece na prática, ou a gente só vê em livro isso?
A: Acontece. A gente tem caso de dois professores que trabalham muito o projeto, a gente vê que vai pra frente, que dá resultado.

T: É são essas professoras que conseguem o envolvimento melhor dos alunos?
A: São. Agora, as outras trabalham mais na linha tradicional, então eles dão resultado. Às vezes quem passa fala, essa professora gosta de enrolar, e a gente vê o trabalho e não é, dá mais resultado. E pelo passo da gente conversar com os alunos, a gente nota diferença.

T: Porque a tendência é de quem está de fora é achar que a sala dele é uma bagunça
A: Aí a gente passa na outra eles tão quietinhos, sentadinhos, aí fala, a, essa tá trabalhando. E às vezes é ao contrário. É mais da impressão do que do envolvimento do trabalho.

T: Você que já foi professora, tá atuando como Supervisora, pra ser professor hoje, pra ser bom, significativo, quem até quiser ser professor hoje, o que você acha que é fundamental, o que precisa um professor?
A: O que precisa um professor?

T: Porque só o diploma não basta, ele sai lá formado e habilitado, e aí jogou ele dentro da sala de aula, o que seria a exigência básica pra no dia-a-dia ele ser um professor que dê conta?
A: Ele tem que ter muito jogo de cintura, persistência, força de vontade, além de conhecimento, tem que tá sempre buscando coisa nova, nunca acomodado, tradicional, tem que tá sempre inovando.

T: E se acha que pra isso você considera essencial que o professor continue estudando, grupo de estudo, vocês fazem grupo de estudo aqui, planejam juntos, como é que é isso?
A: Ah, não faz não.

T: Cada um faz seu planejamento?
A: Cada um faz seu planejamento. Eu acho que tá muito individual, a gente alega muito que o salário é pouco, falta tempo , que tem que dobrar às vezes pra ter um salário razoável.

T: E se acha que se juntasse experiência, ajuda isso?
A: Ah, ajuda muito. Às vezes a gente fica insegura de alguma coisa que a gente faz, a gente conversa, troca idéia, vê o trabalho do outro, a gente adquire experiência, ou então até muda. Tem sempre que tá mudando, inovando. Agora a gente trabalhar no individual aí é mais difícil.

T: Pro professor hoje, ele tem que tá buscando, achando alternativa e principalmente como o aluno tá muito diferente, talvez o desafio é maior, então ele tem que procurar alternativa né. Lembrei de uma coisa que você falou no começo, você acha difícil trazer a família pra Escola?
A: Eu acho. Às vezes a gente até escreve no relatório que a família participa, mais no meu ponto de vista, não participa não, participa 10, 15%.

T: O grau de participação é muito baixo.
A: Muito baixo.

T: E se acha porque? Tenta pensar a causa. Primeiro lavar as mãos, questão de entender que Educação é Escola e que mais?
A: É a vida sócio-econômico. No tempo antigo dos avós da gente, eles não tinham aquele compromisso de trabalhar, de se desdobrar como a gente desdobra hoje. Então tinha mais tempo pra família.

T: Muita gente trabalha?
A: A maioria trabalha fora. Então os filhos ficam sozinhos. Então é uma questão assim, nível de vida. Então pra trazer eu acho difícil, a mãe trabalha fora, chega cansada, ou a patroa não libera. Eu acho muito difícil nesse ponto. Então é o nível econômico que dificulta isso.

T: Mesmo assim você ainda acredita na Educação, que ela tem rumo, ou o rumo que ela tá tomando tá certo ou tá perdida?
A: Eu tô muito desacreditada. Dá pra gente querer abandonar a profissão tem hora.

T: Tem hora se olha será que tem solução né, os desafios tão muito grandes né e a Escola não é um problema isolado né, você não pode jogar para a Escola que ela que tem que resolver.
A: E hoje a família joga tudo pra Escola.

T: E quando tiver uma sociedade complicada, como é que vai ser?
A: Tem criança que chega antes do meio-dia sendo que a aula começa meio-dia e meia. Eu pergunto "porque você veio pra Escola agora?", aí o menino responde "a minha mãe mandou eu vim, porque ela ia trabalhar, ou não tinha ninguém pra fica comigo em casa." A criança fica jogada aqui na Escola.

T: E quando eles chegam mais cedo aqui, como é que eles fazem, tá aberto ou fica na rua?
A: Fica na rua, às vezes acho o portão aberto.

T: Porque a Escola fecha 11:30 e abre 12:30.
A: Geralmente eles entram, e a gente pede pra eles ficarem lá fora, porque eles andam pra cá, correm pra lá, a gente tem medo de machucar. Outro dia o menino quebrou o braço no murinho. Isso acontece mesmo, não tem como a gente vijiar 100, 150 alunos de uma vez. Então eles chegam mais cedo ficam brincando, e aí acaba ficando um, dois, não é muito exigente naquilo de fechar o portão, não deixar entrar. E a gente fica com dó também da criança. O pai joga pra rua e aí a Escola joga pra rua.

T: O maior desafio tá sendo é achar a alternativa de trabalhar esse tipo de criança, que tá desmotivada, esse é o desafio nosso. Tínhamos que arrumar uma forma, quebrar o horário de aula, aprender em projeto mais soltos, pra ver se os meninos se interessam mais, porque eu acho que do jeito que ainda tá gradeado a gente té segurando, parece que tá segurando com a mão.
A: Esse ano que a gente tá trazendo com o pessoal do Conservatório de Varginha de Música, cantando na natureza, aí eu tive algum resultado em termos de disciplina, terminou ontem.

T: Que legal, eu não conheço não. Mais vocês fizeram onde, em Varginha?
A: Não, a professora vem pra cá. Eles fazem o módulo aqui, atividades, brincadeiras...

T: Quem que promoveu o curso?
A: Foi no curso da PAIE(???) projeto. Aí a Eliana acho que solicitou lá. No início veio a Luci Manes.

T: A Luci é daqui de Três Corações.
A: E agora no 2° semestre foi "Cantando e Aprendendo Português." É um trabalho assim com música, aprender ritmo, entonação, então eu acho que isso ajuda muito na disciplina.

T: A gente fica desanimado com o cotidiano, mais quando a gente começa a perceber que tem umas coisas que acende o interesse dos meninos, nós estamos naquele ritmo assim, acalma o menino, ordena as idéias, porque eles ficam agitados.

E digo que antigamente a Escola dava conta de trabalhar só a cabeça do aluno, então só memória etc..., o menino hoje, ele tá com o corpo inteiro saindo pelas comportas, vamos dizer assim. Então a sala de aula se não trabalhar em harmonia, ele tá se desenvolvendo inteiro, não é mais só memorizar porque a ciclonização não é mais só cabeça.
A: Ela tá se vendo gente.

T: Tá se vendo gente, inteiro. Então eu tava até comentando na turma do mestrado meu mesmo que eu do aula. Tem dois meninos do vôlei, o Felipe e o Marquinho técnico, eles estavam fazendo mestrado e até o Felipe tá fazendo uma tese lá no mestrado interessante. Ele tá mostrando que mais de uma hora sentado a pessoa perde a concentração, até o adulto, ele vai fazer isso na graduação e ele faz isso comigo no mestrado. A gente tinha que dar aulas seguidas. Passada uma hora, eu fazia assim pro Felipe. O Felipe fazia exercício pro povo, até o Zé Maria era meu aluno, tava na sala. Exercício de alongamento, fazia uns troços lá, uns aquecimento e ali ele tava falando pra fazer observação do que melhorava, de rendimento, porque o menino não aguente, se o adulto não aguenta, imagina o menino. Então eu acho que tem que ter umas atividades que mexam com o corpo. É canta, dança, a professora movimente. Então eu acho que tem que começar a criar outras coisas pra Escola ficar interessante.
A: Isso aí eu acho que funciona sim, mais numa classe grande, número grande...

T: Um dia desses você estava falando justamente isso, maneira de trabalhar na sala, questão mais prática você estava começando a falar e eu cortei.
A: Eu estava conversando do projeto né, de música, a alternativa de trabalhar corpo, mente. Isso funciona muito, a gente vê resultado. A Lucimar fez uma apresentação com os alunos dela.

T: Aí depois você estava falando, depois da sala.
A: Isso. Eu acho que isso funciona mais em salas menores, em salas maiores funcionaria também, mais é muito mais difícil.

T: Questão do espaço?
A: É, ter espaço pra todo mundo, pra dar atenção pra todo mundo.

T: E a Escola tem poucos espaços fora, ela tem que fazer um rodízio muito bem organizado, porque de repente se todo mundo resolve sair pro pátio, não pode né. Dos espaços pequenos mesmo que existe, tem que arrumar formas de no horário mesmo da Escola, cada hora, dia uma

sala pode... Vamos ler um livro lá fora, achar outras formas. Os momentos de ficar mais desanimados aparece, mais aí tem você, que tá começando

ESCOLA ESTADUAL 4

Professora: L

T: Você aqui na Escola Jorge Avelar, tá como coordenadora e ocupa também a função de professora. Como professora e até mesmo como coordenadora a gente não separa toda a experiência que a gente tem de educação. Eu vou te perguntar algumas coisas para você me dar um pouco da realidade que vocês estão vivendo.
Quantos anos você tem de Educação, de Educadora?
L: Dezessete.

T: Dezessete. A maior parte como professora?
L: Metade.

T: Certo. Depois de professora, você foi o que?
L: Mais secretária, eventual, sempre cargos administrativos, serviços administrativos.

T: Esse ano a sala que você tá em aula.
L: 1°. Ano do ciclo intermediário.

T: Com todo esse tipo de experiência, essa história toda de Educação, você acha que os alunos hoje são diferentes dos alunos de antigamente?
L: Muito.

T: Como é que você percebe essa diferença. No que eles são diferentes?
L: Primeira coisa pelo ciclo, a diferença maior é em aprendizagem, eu não vejo interesse dos alunos em estudar, porque ontem mesmo um falou assim: Não tem bomba. Que ele faça ou que ele não faça a lei permite que ele passe, entendeu. Então o que eu sinto mais dificuldade é o desinteresse. Não ;é de todos né, sempre tem aqueles...

T: Esse povo desinteressado é a maioria dos alunos, uma grande parte.
L: Uma grande parte.

T: Os que querem realmente estudar seriam alguns.
L: Isso.

T: Você nota diferença também na família, na vida deles econômica, social. Dezessete anos atrás o aluno que se tinha na sala e hoje que você tem na sala é diferente?
L: Sim. A família é muito importante. Eu acho que a Escola não caminha só professor e aluno.

T: A família tá presente na Escola.
L: Os alunos que as mães estão presentes, são sempre os melhores que nós temos.

T: Quando a família tá distante, é exatamente aquele aluno que mais precisara.
L: Que mais precisaria.

T: E nesse conjunto de alunos que você tem, você acha que a, esses que a família tá junto, também são a minoria.
L: São a minoria.

T: E sente que a família antigamente ligava mais pra Escola, ou estava mais perto da Escola, importava mais com os filhos ou não. Qual a diferença da família dezessete anos atrás e hoje?
L: Tinha. A família era responsável só que era assim, era aquele sistema, não que eu seja a favor de bomba, mas o aluno tinha aquela responsabilidade de querer, de aprender, de buscar, hoje, eu não sinto isso de pesquisar; era do próprio aluno isso aí, mesmo que a família não interferisse tanto, existia essa vontade de buscar.

T: Hoje ele tá mais desinteressado.
L: Mais desinteressado.

T: E em termos desse desinteresse, você acha que os problemas de aprendizagem hoje são maiores?
L: Muito, muito, muito. E ainda sobre o ciclo, que o ciclo você não pode segurar, não pode reter o aluno, que é por etapa, tá certo que o aluno não vença uma etapa em um ano, que ele vença em dois, três anos. Só que eu acho que chegou no final da etapa, ele não venceu aquela etapa, eu acho que deveria segurar um pouco, porque tem o aluno que ele vai até de imediato. Eu tenho aluno agora nesse meu ciclo que antes de introduzir qualquer assunto, eles já sabem, deduzem por eles mesmos, chega a dedução tia é assim, mais tem alunos que, e o ciclo, eu não sou contra o ciclo não, viu Marina, eu acho que deveria dar oportunidade assim, que a criança fique dois, três anos, que fique, que não tivesse esse problema lá na 1ª., 2ª., 3ª. Série, e que o professor fosse treinado, conscientizado pra isso, porque a nossa dificuldade maior, que eu sinto, não sei a opinião das outras, é que a gente pega o professor resistente, que ele acha que ele tem que pegar o menino que tá no 2°. Ano digamos assim, ele acha que ele tem pegar aquele aluno prontinho de 2°. Ano. Pra mim não existe isso, então resistência de professor.

T: E aí você percebe que o ciclo mudou no papel, mais na prática, tá seriado
L: Isso.

T: Continua o seriado, achando que o de 2°. não alfabetiza, quem alfabetiza é a do 2°?
L: Que se chegar pro professor do 2°. Ano e falar você vai ter que começar lá do BAB, lá do zero, para alfabetizar, é difícil, na nossa realidade que eu sinto isso, não em todos os professores.

T: Aqueles mais resistentes.
L: Eu acho que isso aí dificulta mais ainda o trabalho do ciclo.

T: Vocês estão com uma sala de 2ª., outra de 3ª. E uma que seria a antiga 4ª.. Nessas três turmas que você tem, que são quatro salas, você teria alunos que estão na 4ª., na sua salinha e não lê?
L: Graças a Deus este ano não. A dificuldade maior com eles foi a matemática, mais a leitura não, dominam.

T: E o que a Escola faz, vocês como grupos de professores, se você tem um aluno em qualquer das salas, que não tá acompanhando, não tá aprendendo, o que o professor faz?
L: Na minha sala eu trabalho o individual. Eu trabalho em grupo. Os melhores ajudam, eles tem aquele controle todo, e eles se sentem satisfeitos de terem ajudado, eles falam, "oh tia fulano aprendeu, ou ainda precisa isso aqui, tá chegando", eles mesmos fazem essa avaliação pra mim.

T: E isso funciona? O aluno ajuda o outro.
L: Funciona muito. E eu gosto de trablhar jogando a responsabilidade pro aluno, não dou nada pronto não. Trago a pesquisa, eles tem que fazer, tem que apresentar, e dali é que eu vou partir, das dificuldades que eu encontrei para mudar o meu trabalho.

T: As salas são heterogêneas.
L: São.

T: Se não agrupo sala melhor, sala pior.
L: Não tem nem como. É uma sala praticamente.

T: Qual turma que você tem duas.
L: 2°. Ano.

T: 2°. Ano você tem duas turmas. Como é que você dividiu?
L: Não dá pra fazer uma divisão, porque já veio do ano passado também, à partir de agora que eu vou distribuir as turmas. Mas deu pra formar uma turma mais homogênea e uma de 2°. Ano que não sabe ler e não sabe escrever.

T: Então quando se teve mais de uma você juntou aquelas que dão mais conta e os outros pra poder...
L: Infelizmente sim.

T: Quando separa assim, você acha que ajuda o trabalho do professor.
L: Ajuda.

T: E os alunos mais fracos quando ficam para um lado assim, eles não ficam desestimulados, de ficar tudo fraco em uma sala?
L: Numa sala não. Eu vejo assim, eu trabalho assim, que eles são capazes de melhorar, eles não são fracos, eles são alunos que tem, que são mais lentos para chegar junto com aqueles. Então eu trabalho assim de incentivar, que eles são capazes também e que eles vão conseguir chegar lá. O trabalho que a gente faz com eles é esse aí. Repito outra vez, a nossa maior dificuldade é o professor não aceitar que ele tem aquele aluno e não partir de onde ele está.

T: Querer o aluno pronto.
L: Pronto. E que não existe isso.

T: Que não existe. Então ele entra na sala e quer o aluno do 3°. Ano mais o aluno do 3°. Ano não existe. E isso é interessante. Diz uma coisa, Você com sua experiência de professora, de coordenadora, para ser professor hoje, o que precisa para dar certo como professor?

L: Pra dar certo, como professor, é ter amor, gostar da turma, ter paixão, eu tô soltando uma turma assim maravilhosa que eu falo pra eles é uma turma que me ajudou, porque eu comecei sem secretária, sozinha em cima, em baixo, e alunos assim que eu deixava fazendo uma atividade, atendia pai, atendia telefone, e quando eu voltava eles, sabe responsáveis. Mas isso aí é amor, é dedicação mesmo, tem que gostar, e eu gosto do que eu faço.

T: Então se acha que o básico do professor é ele tá envolvido, gostar e querer. Se acha que esses desafios da aprendizagem que estão aparecendo, que estão ficando mais difíceis exige que o professor esteja estudando, buscando, ou que ele vem da faculdade é suficiente.
L: Não. Eu acho, porque nós já temos professor com 20, já quase saindo, 18, meu caso, 17, que fosse assim feito, é como se fosse uma injeção de ânimo, de mostrar, então nós tivemos um treinamento em Varginha de dois dias sobre Gestão Escolar, que foram mostrados uns trabalhos lindos de Escola de Sobradinho. Uma Escolinha, mais com professores que tem assim, injeção ânimo, tem tcham, tem tesão, e que fosse feito um trabalho para esses professores, porque eles convidam Diretor.

T: Porque para você chegar e repassar aquele clima que você viveu, você não repassa, né?
L: Quando você chega aqui e vai falar, aí o desânimo, sabe.

T: Não são as mesmas condições. Por mais que você repita o que você teve lá, não é o curso. E vai repassar em 1 hora, em 2.
L: Eu acho que deveria ser feito esse trabalho com professor, o especialista também ajuda um pouco, mais que o professor também participasse, pra ele ter essa injeção de ânimo, de ver o que mudou, porque tá mudando, mudou mesmo, e não existe mais essa realidade de série, eu tô na 3ª., tô na 4ª., eu quero a 5ª., não tem isto.

T: Legal esse depoimento seu, é isso que eu queria, o que você tá vendo, que você tá sentindo dificuldade.

Professora: Te

T: O seu seria o último ano do básico
Te: Isso.

T: Quantos anos você tem de profissão?
Te: Esse ano eu tô completando 24 anos.

T: Olha, quilômetro rodado, heim Marina. E nesses 24 anos você acha, quando você olha o aluno hoje na sala ele é diferente daquele aluno que você começou?
Te: Ah, é diferente. Muito.

T: O que ele é diferente. Me conta assim uma característica.
Te: A responsabilidade, a maturidade também.

T: Você acha mais ou menos.
Te: Ah, menos, muito menos.

T: Você acha que o aluno não tem tanta responsabilidade?
Te: Ah, eu acho.

T: Não tendo responsabilidade, como é que ele é, como é o comportamento hoje, na sala, dos alunos, num modo geral.
Te: Esse ano eu tenho uma turminha, as meninas são comportadas, mas os meninos não. Tem uma turma muito assim, eu viro pro quadro eles tão conversando, termino de falar que não pode conversar, que você vai explicar a matéria e eles tão conversando. Não chega a ser uma falta de respeito grande, que eu não deixo também, né, mas se a gente não ficar firme, não obedece não.

T: Tem que ficar segurando
Te: E tem pais também, tem pais que eu nem conheço, que não vem nas reuniões.

T: Isso que eu ia perguntar, questão de família, se acha que antigamente elas participavam mais.
Te: Mais um pouquinho. Eu já tive sala eu fazia reunião e vinham quase todos; porque eu faço a lista de freqüência, eles assinam, né. Mas vêm muito poucos hoje, não vem muito não.

T: As pessoas continuam a dizer que a família está entregando para a escola. Você concorda?
Te: Ah, eu acho. Aqui na nossa Escola tem. Tem uns que participam, vem trazer todo dia, perguntam, são interessados, mas tem uns que a gente nem conhece. Pode chamar que não vem. Nem com bilhetinho, porque a gente não marca reunião sem avisar, eu mando bater o bilhetinho assino, ponho horário, tudo direitinho, mas não vem. Eu tenho exercícios de Abril, pra você calcular, eu guardei né, mas não viram. Mesmo que não tenha prova eu faço uma avaliação sempre para mim ver. Porque tem pais que não aceitam de você só avaliar no caderno.

T: E no dia-a-dia na sala de aula, a sua turma, você tem aluno bem diferente.
Te: Tenho. Eu tenho aluno que não lê e não escreve direito. O Igor, então, um menino que eu tenho lá, esse menino já é um problema de muitos anos já, sabe Marina. Ele, pelas professoras dos anos anteriores de 1ª. E 2ª , ele não faz mesmo, você não consegue ler uma palavra do que ele escreve, escreve tudo imendado e você não lê nem uma palavrinha, nem casa você não lê.

T: Quando você tem esses alunos tão diferentes na sala, como você trabalha todo dia, como você dá conta. O que você faz.
Te: Eu sinto muita dificuldade, porque eu tenho que cumprir o programa e tenho que olhar um pouquinho por eles também né, então eu pego uns livros, assim, mais não rende muito, não sinto que tá bom ou não.

T: Você acha difícil, porque o programa pede uma coisa e eles são outra.
Te: Eles são outra. Os que acompanham você vê que segue o programa direitinho, agora aqueles que estão ruins, não conseguem não.

T: No dia-a-dia você divide, se tem horário de português, horário de matemática, como você faz no dia-a-dia.
Te: Tenho. A gente tem que dar história, geografia também, ciências, agora religião que tem a professora.

T: Vocês tem módulo de Educação Física e Religião.
Te: ais o português e a matemática, agora no 2°. Semestre eu já estava fazendo assim: dois dias de português e três pra matemática, de tão fracos que eles são.

T: Aí se faz o horário. Precisa dar mais importância para o português e a matemática para eles darem conta.
Te: É muito difícil. Chega no fim a gente fica cansada e parece que tá faltando alguma coisa. Eu olho pra eles e falo: Meu Deus, não é possível uns tão bem, se olha, pelo menos em cima do que você ensinou, e outros daquele jeito, eu fico triste.

T: Esses alunos diferentes que estão na sala, como é que faz pra avaliar, como é que se vai dar nota para um que sabe, um que não sabe.
Te: Ah, Marina, é conceito que a gente põe, não é mais nota. Eu escrevi na minha ficha, que a gente não tem que fazer ficha, que não tem condições, mais agora os pais é que dão a última palavra.

T: Essa questão de módulo, você acha que mexeu com a postura dos alunos?
Te: Não, eles gostam.

T: Não, desculpe, eu falei módulo e é ciclo, quando entrou você acha que é bom pro aluno aprovar, não reprovar, como você sente esse mudança de série para ciclo?
Te: Eu não achei bom não. Parece que...

T: Ficou alguma coisa.
Te: Tem uns que falam: "Ah, mas não tem bomba" até pra gente.

T: Aí eles acabam não levando a sério, porque não tem bomba.
Te: Ah, eu acho.

T: Me diz uma coisa, a última coisa que eu vou te perguntar, como professora hoje, que se tá na sala de aula, e até para as pessoas que querem ser professoras, o que você acha que um professor precisa ser hoje para agüentar o desafio da realidade?
Te: Tem que ter muito amor na profissão, senão não tem jeito, Marina.

T: Se não gostar não dá conta da sala de aula.
Te: Não tem jeito. Ali dentro eu esqueço de tudo e mesmo eu me esforçando todo dia eu saio chateada.

T: Porque você acha que não deu conta.
Te: Tem uns que não fazem o dever, a gente reclama, manda bilhete e nem resposta tem, então fica.

T: Você percebe a sala, os meninos sendo tão diferentes, você faz a aula, mas não chega em todos.
Te: Em todos não. Não tem jeito, né Marina. Engraçado né Marina, a gente faz nossas reuniões de ciclo lá no Franco da Rosa, e uma professora lá contou, que a gente tem crianças tão diferentes, desse jeito, e ela contando lá, que ela tentou uma experiência dela, que ela tentou

voltar com essa turminha que não estava acompanhando né, uma turma muito boa e tinha um tantinho lá que não estava e ela tentou voltar no ba, be, bi, bo, bu então aqueles outros que estavam bons ficavam pintando dentro da sala. Então ela largou mão, não conseguia, deixou para lá. É muito difícil.

T: Tá buscando uma forma de que você faz com os diferentes.
Te: Quando ela contou a experiência eu fiquei quieta, ai meu Deus o mesmo jeito meu, ela tentou.

T: Você acha bom quando junta os professores, um conta uma coisa outro conta outra, essas reuniões que vocês estão fazendo no Franco da Rosa?
Te: Eu acho boa. Agora 2ª. Feira é a última.

Professora: M

T: Você tá esse ano aqui no Jorge Avelar com que turma.
M: 2°. Ano.

T: Esse 2° teu, aqui tem 2 segundos, né?
M: Tem 2.

T: A Dalva me disse que tem uma turma que está com mais dificuldade, e uma que não. O seu é qual?
M: É o que estão com mais facilidade.

T: Mais adiantados.
M: Eu vim com eles desde a 1ª. Série.

T: Então você acompanhou, e agora está na 2ª. Todo mundo tá lendo?
M: Estão todos lendo.

T: E você, quanto tempo de profissão você tem?
M: Tem uns 17 anos.

T: Nesse tempo todo que você tá de professora, você acha que os alunos mudaram?
M: Mudaram muito.

T: Você sente o aluno na sala de hoje muito diferentes?
M: Muito diferentes. Eles estão sem interesse, estão muito..., eles não têm mais o apoio dos pais em casa, que a gente naquele tempo, que a gente começou, tinha. Que os pais davam atenção, que ajudavam, muitas tem dificuldades. Uns não, não são todos né, uns vão muito bem. Mas 40% tem muita dificuldade.

T: E sente esse povo que é desinteressado, que tem dificuldade, também esse pessoal que a família tá longe.
M: É família que não dá assistência em casa.

T: Você acha esse desinteresse dos alunos, essa desmotivação, na questão da disciplina, dos valores, eles acabam não tendo esse valores.
M: É verdade. Isso mesmo. Porque uns não respeitam os outros. Próprios colegas, então querem sempre brincar na sala, se não trouxer no duro, no cortado, eles não vão pra frente. Se deixar por conta deles, não tem interesse.

T: Como professora, como você dá conta desses meninos na sala de aula, um quer, outro não quer, outro quer mais ou menos. Como você organiza seu dia?
M: Eu organizo assim, tiro os que estão com mais dificuldade, vou na carteira, põe separado. Tem criança na minha sala que veio da outra sala, que entrou agora, no final do ano, que tá na cartilha ainda. Então eu vou lá, tomo a leitura, separado, é muita dificuldade, mas tem que fazer, porque eles não acompanham os outros e mando copiar, mando fazer exercícios, interpretação de texto mais simplezinho, assim tem que fazer a parte. E é muito difícil.

T: Você acaba tendo duas atividades ao mesmo tempo.
M: Duas ao mesmo tempo. Enquanto uns tão fazendo uma coisa, eu tô pegando com a outra que tá com dificuldade.

T: Você acha que essa divisão de atividade na sala, um ajuda o outro se precisar, ou se vai ajudar atrapalha.
M: Se vai ajudar atrapalha, Marina, porque um acaba fazendo o que sabe e o outro fica boiando do mesmo jeito. Não adianta.

T: Tem que você ir lá.
M: A gente que tem que ir. Por que senão aquilo acaba em conversa, em brincadeira e não resolve.

T: No caso, como é que você divide o horário, você põe português primeiro, matemática, como é que se faz a divisão de aula.
M: Eu faço assim, dias da semana, no começo do ano eu comecei a dar ciências, depois eu deixei um pouco de lado e comecei mais português e matemática. Dois dias português, um dia matemática. Porque se der também horários assim poucos, não resolve. Tem que fazer muito, que pegar muito, concentrados pra aprender.

T: E essa experiência agora da Escola fazer ciclo, de não reprovar, 1°., 2°., 3°. Você acha que isso ajudou o professor, ajudou a Escola, ou acaba atrapalhando?
M: Eu acho que atrapalhou muito.

T: Atrapalha, porque o aluno não dá importância.
M: Não dá importância, ele acha "ah, eu vou passar mesmo de ano", os pais também né, eles querem é passar os filhos, principalmente esse meio nosso aqui, uma Escola de crianças mais simples, famílias mais humildes, elas querem passar o menino de ano, não querem saber se sabem ou se não sabem e na 2ª. Série, tem criança aí, não da minha sala que todos tão lendo, que não lê a palavra babá, dado.

T: E como é que faz, daí o ano que vem a professora que pegar tem que fazer o que?
M: A professora vai ter que alfabetizar, eu acho que a professora não dá conta. E com isto também, Marina, que tem muita professora que vai deixando passar, vai encostando, empurrando com a barriga, se não aprender aqui mesmo, vai aprender lá com a outra, a outra que se vire. Tem esse problema também.

T: Tem disso também.
M: Tem, eu acho que tem. Eu, no meu caso não, porque eu faço tudo que eu posso, mas tem muita gente que faz isso. Que deixa correr.

T: Sandra, no caso de hoje, você que tem 17 anos que está na sala de aula, pra ser professor hoje, pra conseguir ser professor, que de conta, o que precisa, se alguém quiser ser professor, que conselho você dá para o povo.
M: Para alfabetizar, por exemplo, eu acho que esse método aí moderno de coisa da criança aprender por ciclo, não sei como é que eles falam aí.

T: Construtivista.
M: Construtivista, isso não dá certo, Marina, eu consegui, eu falei não importa os meios, até eu estava conversando com a Sônia nossa Supervisora aí, ela falou, Sandra, lá na minha Escola eu sempre cito você como exemplo, você tem que pegar, tem que ser o método antigo mesmo Marina, não tem jeito, eles tem que aprender quais são as vogais, como que junta as vogais primeiro, pra depois formar as palavrinhas. Esse negócio da criança de adivinhar, não sei como é que é.

T: Partir do todo.
M: Do todo, esse negócio não dá certo não.

T: No dia-a-dia se percebe que se começar da letra, da vogal, funciona melhor.
M: Da letrinha, da vogal, com brincadeira, pode entrar um pouquinho desse construtivismo, mas não assim, do jeito que eles tão sabe, não dá certo não.

T: Você sempre mexeu com alfabetização?
M: Sempre.

T: E a sua experiência de alfabetizadora, você acha que é por aí?
M: É pela cartilha que dá certo. Esses livros que já vem com texto, com coisa para criança, isso aí não dá certo.

T: E na sala de aula, quando você faz esse tipo de trabalho, letra, vogal, cartilha, se o menino aí não acompanha. Igual ano passado, ano passado você estava começando com eles, quando você começa aí um vai, o outro não vai, e esse que não vai, o que você faz com ele?
M: Eu deixo pra trás. Lá naquela parte que ele não conseguiu, até ele aprender.

T: Quer dizer que em termos do programa, em termos de cartilha, ele pega uma parte dos alunos, mas não pega todos. Não são todos iguais.
M: Não são todos iguais. Mas a gente consegue muito, eu sempre consigo.

T: O Sandra, você quando agrupa sala, uma com um pouco mais de dificuldade, você acha que facilita o trabalho do professor fazer essa separação?
M: A não facilita não, dificulta, né. Mas tem que fazer porque não tem outro jeito, né. Mas é difícil, fica mais difícil, a gente tá dando assistência, porque enquanto os de cá tão chamando, tão querendo sua presença ali para ver, porque criança que se olha, dá certo, essas coisas deles.

T: Qual seria a sala melhor para o professor trabalhar, que os alunos fossem parecidos, assim do mesmo nível, essa seria mais fácil de trabalhar?
M: Mais fácil. Mas infelizmente a gente não consegue.

T: Não consegue porque não existe.
M: Não existe.

T: Não existe total semelhança.
M: Uns tem mais facilidade, outros mais dificuldade, toda vida teve isso aí, então tem que fazer uma ginástica pra dar conta.

T: Sandra, em questão dos pais, os pais tão perto da Escola, participam, você falou eles ficam mais longe, mas na sua sala hoje, você tem a maioria dos pais quando você chama em reunião?
M: Chamo, marco reunião, mando bilhetinho para todos.

T: Qual a porcentagem mais ou menos que vem.
M: Ah! vem o mínimo, minha sala...

T: Quantos alunos você tem esse ano?
M: Estou em 28. Apareceu 6,7. Tem pais de alunos que desde a 1ª. Série, final da 2ª. Série, primeiro ano que chamam agora, eu nunca vi, nem a mãe, nem o pai dele. Não conheço.

T: E se tivesse junto você acharia realmente mais fácil?
M: Mais fácil, porque traria a dificuldade do menino, pedia pra dar um reforço em casa, o que pode dar, mas não aparece, eles não aparecem, a gente ir atrás de cada um também não tem jeito. E eles faltam muito também, Marina, os pais não tem aquela responsabilidade de mandar a criança para a Escola. Você pergunta no dia seguinte: "Porque você não veio?" "Ah, minha mãe acordou tarde, minha mãe foi visitar minha tia eu fui com ela", umas coisas sem necessidade.

T: Mostra que não tá valorizando a Escola.
M: Não tá valorizando. Eu acho que o principal, que professor nenhum tá satisfeito, Marina, é esse negócio de ciclo.

T: De não reprovar, não aprovar.
M: Porque a criança não aprende mesmo, tem menino na 3ª. Série que não lê. Tem várias Escolas que a gente tem reunião de professores que tá chamando que tem criança de 4ª. Série que não assina o nome.

T: Você acha que isso dificulta o trabalho de cada um.
M: Dificulta.

ESCOLA ESTADUAL 5

Diretora: Elza

T: A gente está querendo conversar um pouco com você, até na sua experiência mesmo. Você assumiu a direção esse ano, mais tudo o que você já conhece de Escola, como você está sentindo os maiores problemas da Escola hoje? Como os alunos estão chegando hoje? Você acha que a Escola mudou, o mundo mudou? Como você sente isto?
E: O mundo mudou, as crianças mudaram, cada criança é cada uma. Mais eu acho que hoje as crianças são muito mais ativas, participativas que antigamente, elas cobram mais, exigem mais, não são mais aquelas crianças, que você fala e aceita. Pelo menos aqui temos crianças que pesquisam muito, interrogam muito. Lógico, temos aquelas que também estão ainda apáticas, que é o meio que vivem. Eu acho que depende muito do meio social dela. Aquelas que se nota um meio melhor um pouquinho, elas também saem melhor.

T: Você acha que esta questão do meio realmente influencia?
E: Tem as de meio bem mais pobre que saem bem também, mais por ela já ser uma criança mais inteligente, ou mais ... que já tenha mais curiosidade.

O professor que chega mais perto dessas crianças, a criança sai melhor. Já tive experiência de uma meNair de um meio paupérrimo, o ano passado a meNair não sabia nada, nada no 2° ano e até a maneira dela se vestir era bem pobre. Então o que eu fiz para ver como ela se saía: coloquei ela numa sala com um nível bom, e se você ver a diferença da meNair hoje, até eu não acredito. A higiene é outra, o modo dela, a postura dela, ela era mau educada, uma meNair grossa; hoje ela mudou, ela conversa, a postura dela mudou, e até a aprendizagem dela é outra. Esta saindo. Então eu acho que falta muito incentivo dos professores, da comunidade dentro da Escola, a colaboração e a ajuda. Se não ajudar... e se for depender dos pais também desiste. Você tem que procurar seu meio e seu caminho sozinho. Porque contar com pai e mãe não dá

T: Então a Escola que cria condições, à Escola cabe(?)?
E: Sim eu acredito. Se a gente se empenhar, a Escola se empenhar, as crianças vão pra frente. Somente aqueles que realmente tem problemas, que precisam de ajuda neurológica, psicológica...

T: Aqueles que tem déficit mental.
E: É. Quando é dela mesma. Um caso de médico mesmo, de tratamento médico. Não na Escola, mais patológico.

T: O psicológico a Escola mesmo da conta de ajudar e resolver.
E: Sim isto dá. O psicológico dá. Um problema em casa, uma separação, isto a Escola querendo, com jeitinho dá. Mas de doença, este, não dá.

T: Aí tem que ter outro tipo de ajuda.
E: Ah! Tem que ter.

T: Elza, você acha que na sua realidade de Escola, aqui você tem recebido esses casos que são de déficit, de casos neurológicos, de saúde? São muitos aqui na sua Escola?

E: Não, não são muitos. Esses casos não. Exagerados não. Tem uma meNair que não fala direito, a gente não entende o que ela fala; de audição e de visão foi constatado agora na 1ª série. Teve 25 casos. Nós constatamos 25 e o médico 22. Na 1ª série, até que acho que não é um nº tão grande.

T: Você tem quantos na 1ª série?

E: São 5 1ªs séries de 30. Um total de 150 alunos. Tá bom. Não está tão exagerado.

T: Você acha que esses alunos que estão chegando, que você fala que pedem mais, solicitam mais, você acha que do jeito e a Escola tá arrumada hoje, do jeito que a Legislação pede que a Escola se organize, dá chance de trabalhar com eles, ou o que a lei pede é diferente do que eles pedem.

E: Eu acho que é diferente, a Escola ainda não se organizou da maneira que eles estão pedindo. Por falta talvez de elementos, de espaço. Porque a gente está pensando no ano que vem. A gente faz assim, uma reorganização de turmas, uma maneira nova de trabalhar para ver o que acontece. Fazer uma experiência. Mas agora nós vamos ter que montar um projeto, um programa bem elaborado e ver se a gente vai ter condições. Ver se vamos ter elementos para isso. Por que de repente o que a gente pensa, não depende da Escola.

T: Você acha que deveria ter mais pessoal? Que tivesse mais pessoa que entendessem o trabalho?

E: Que entendessem talvez bem do assunto. Não adianta a gente falar que vai trabalhar com artes, se eu não sei, não entendo nada. Trabalhar música, mas eu não sei. Como que vou trabalhar?

T: Do jeito que as classes estão arrumadas hoje, estão divididas: horário marcado, tudo certinho. Isto não atende a diversidade que vem vindo? Ela vai ter que mudar?

E: Ela vai ter que mudar. Esta reorganização do jeito que é hoje, não é a que eles falam. Porque eles falam, mas se a gente for pensar bem e analisar, nós estamos na série.

T: A tá. Mudou o nome, mais ainda mantém a seleção.

E: É. Isto não mudou ainda. E como dizem até alguns professores até daqui mesmo: eles pediram uma coisa antes de preparar o professor. Primeiro tinham que ter preparado o professor e não já mudar uma coisa sem o professor estar preparado.

T: O que você vê que ainda tem cara de série. Por exemplo, onde você sente que mesmo tendo mudado o valor pra ciclo, se sente que no fundo é a serinha lá?

E: Por exemplo: você coloca uma sala onde você tem meninos que lêem, meninos que não lêem. O professor não aceita. Ele acha que não dá, que não vai, que não consegue trabalhar no heterogêneo. "Não, vamos, põe ele naquela sala que as vezes da certo".

T: Tem a sala melhorzinha, a piorzinha...

E: O professor ainda não aceitou isto ainda.

T: O professor não sabe lidar com as diferenças?
E: Não sabe lidar com as diferenças das crianças dentro de sala. Acha difícil.

T: Enquanto ele quer uma sala melhor e uma sala pior ele volta na série.
E: Isto. Ele volta na antiga série. Não está trabalhando com as diferenças individuais.

T: E é isto que você fala. A meNair é ruimzinha, e se ela está numa sala ruimzinha, ela é ruimzinha e meia. Mas se ela vai para uma sala boa, ela melhora.
E: É, aqui ela melhorou. Mas aí o professor acha dificuldade, ele acha muito difícil. Aí eles estão sempre falando: "fulano e fulano pode por o ano que vem numa sala boa; fulano e fulano média; fulano e fulano..." É até hoje isto ainda.

T: Quer dizer, ainda mantém aquela estrutura da sala melhor e a sala pior.
E: A sala homogênea e a heterogênea. É isso. O professor ainda não concordou com isso.

T: Mesmo com o nome de ciclo, mesmo com isso, no fundo está amarradinho no tipo.
E: Sim. No tipo de aluno. Quer ver outra coisa também que eu acho que ..., é o conteúdo. O professor ainda não está bem preparado para trabalhar, ainda tem a mania de: agora aula de português, agora aula de matemática, agora história... ainda não está preparado para colocar tudo ali, sem que o aluno nem perceba o que é que está estudando: ah! Aquele ali que estou fazendo é matemática. O professor não está preparado para isto ainda.

T: O professor continua amarrado no horário.
E: Tá amarrado no horário, no conteúdo ...

T: No pré-requisito, na freqüência, no programa...
E: Isto, no programa ...

T: A dificuldade de trabalhar esse jeito interdisciplinar é grande né Elza?
E: Por que se trabalhasse sem especificar o que estaria trabalhando seria mais fácil.

T: O menino entendeu.
E: E, ele é que iria perceber, e , outra coisa, sem perceber, ele passaria a gostar da matemática, da história, da ciência, sem ele ver o que fez. De repente ele diz: "é isso que eu fiz? ah! não gostava!" Tem menino que você vê, nota: "ah! eu não gosto de matemática, ah! eu detesto português... " Porque tem os horários certos.

T: Quer dizer que esse negócio de horário realmente, por mais que mude o nome, o professor se pauta por isso aí, né?
E: Sim. Ele fica preso, porque não consegue falar ou pensar, "não eu tenho que trabalhar". Penso o que o professor esquece de parar 10, 15 min pra falar de ética, da moral, com os meninos. Formar os meninos. Se você colocar no conteúdo, aí eles falam: "hoje é dia de ética".

T: Mais a ética não está atravessando os conteúdos, né?
E: Não. Eles esquecem de pequenos comentários.

T: Olham para ela como se ela fosse mais um conteúdo. "Hoje não é dia dela." (Riso)

E: É. Não, não dá. "Nós temos muitas coisas pra falar". E muitas vezes, tá falando pouco da higiene. Às vezes tá falando da própria ciência, e não é capaz de lembrar que isto tem conseqüência pra vida do menino. Eles vão demorar pra mudar.

T: É Estão muito amarrados no modelinho tradicional de ser professor. Agora, você tem professores com mais facilidade?

E: Agora, quando você passa uma fita, que você tem que montar, tem que trabalhar, não são todos os professores que vêem aquilo com bons olhos. Não vêem que é aprendizado. Sabe o que eles falam? "isto não vou não. Isto é um violão(?). Estão cansados de saber, já tá falando isto a muito tempo. Mais não adianta tá falando se é ele que tem que mudar.

T: Porque a sala dele não mudou né? E aqueles que mais reagem são os que menos mudam, né?

E: Ah, é. Aí eu falo: "mais meu Deus!"

"Ah! isso aí já é velho, é antigo, já falou isso a muito tempo.". Mas não é capaz de compreender que se tá falando é porque não mudou ainda. Tá precisando falar ainda porque, a hora que mudar, não vai precisar falar mais.

T: Vai mexer com outra coisa.

E: Vai mexer com outra coisa, vamos esquecer isto aí. Vamos mudar alguma outra coisa. Então eu acho, é a resistência do professor que é grande. É muito grande. São poucos...

T: Que tem uma cabeça mais possível de mudança né?

E: São poucos professores ainda. Você nota aqui. Agora, mais isso, é a experiência de cada um. Mas se percebe professor que se imaginava antigo e hoje ele entra e trabalha a mudança. Já.

T: Quer dizer que não depende da idade e não depende de quantos anos ele tem de professor.

E: Não , não depende.

T: Tem formadinho novo e engessado.

E: Tem. Tem gente até aqui eu notei, que é muito antiga. Que eu achava: "ai meu Deus, vai ser um transtorno"; e mudou como se ... Eu não sei, às vezes eu penso: será que a formação dele, mesmo sendo formado antigamente, mais, a formação dele foi talvez mais global, mais humanista? Ele tá vendo que a coisa mudou. Ele é capaz de enxergar. E tem gente que não vê, não enxerga. A turma que é daquele jeito, acabou, tá pronto, não adianta. É complicado.

T: Pro aluno né, esses professores que aceitam mais ou menos. Como é que é, por exemplo, vocês aqui tem alunos especiais. Alunos considerados de APAE, vamos dizer assim. Aqui tem alunos?

E: Tem.

T: Tem né. E aí, o professor aceita legal, trabalha legal?

E: Aceita. Trabalha. Eu tenho 3 que vieram de lá. Eram para continuar lá. A mãe não aceitou, não concordou, mando pra cá. Então estão se desenvolvendo numa boa, mas tem uma coisa, ninguém nota, ninguém percebe. E o professor também tá trabalhando na medida do possível, e eles estão conseguindo. Agora tem um da APAE que está aqui da 1ª série, não conseguiu nada ainda. Mais é o 1° ano, então temos que dar um tempo pra ele e ver.

T: E são crianças com um déficit real mesmo. Deficiência física.
E: Não.

T: Só dificuldade de aprendizagem.
E: De aprendizagem.

T: Mais lento.
E: Um, esse da 1ª, ele é assim, raquítico, falta de alimentação....

T: Aí ele fica mais lento.
E: Então, ele é bem miúdo, bem raquítico, esse na aprendizagem não, mas no comportamento ele já melhorou. Porque quando ele veio, não tinha noção de nada e já começou a ter noção. Já viu que a sala de aula é a sala. Pra ele, antes saia, ficava lá fora, achava que podia fazer o que queria. Não, já começou a ter um comportamento. Já melhorou.

T: Elza, você falou de pais. Os pais geralmente ficam mais longe das escolas. A participação dos pais é mais colegiado aqueles que ajudam mais. Mais a maioria dos pais não tem muito envolvimento na Escola?
E: Este ano eu estou percebendo que eles estão chegando. Eu já tive mãe se oferecendo, mãe que já vem apresentando teatro, teatro de fantoche. Ela já apresentou. Tem mães que já estão se oferecendo pro ano que vem, então tá dando pra perceber que elas estão vendo que está aberto, que a Escola está aberta, que mudou. Isto eu acho que elas já perceberam, então daqui pra frente, o ano que vem também vai melhorar mais.

T: Tem que ir criando o hábito.
E: Tem que criar. E principalmente com esta eleição do colegiado que já mudou. É uma coisa boa, pelo menos já nota que tem uma maior participação dos pais. Eles tem que vir pra cadastrar, vão ter que apresentar a proposta deles, então acho que isto já muda. Já vi bastante pais, mães se oferecendo, então é o começo. Esta começando a entender que pode ajudar.

T: E em relação a leis, sistema, como você sente a Escola. A Escola tem que cumprir um monte de coisa, a parte burocrática habitual. Como você sente? O que o sistema pede, ajuda a Escola, ou tem muita coisa que....
E: Acho que tem muita coisa que podia ser mais simples. Eles complicam muita coisa que não tinha tanta necessidade.

T: Ainda permanece muito papel.
E: Muito papel. Eu penso também que lá na Delegacia, mesmo a Secretaria, eles teriam que chegar na Escola e ver, teria que vir aqui. Não sei se você assistiu a palestra do Rudá(?), ele ainda falou pra nós lá: "vocês não tem que vir aqui na Superintendência, a Superintendência é que tem que ir lá." Eles é que tem que ir, a criança tá lá, então é o caso da Secretaria de Educação, eles falam lá e montam. Mais eles não conhecem aqui. Não sabem como funciona. Tem coisas que eles falam lá que a gente já tá fazendo aqui a muito tempo. Então não tinham que estar falando. Tinham que mandar um elemento fazer uma pesquisa, passar pela Escola, assistir uma aula, ficar mais perto.

T: Lá na Secretaria é diferente, né.
E: A! muito diferente. Não vê a realidade não, não conhece. Então acho que se eles viessem mais, mesmo o pessoal da Superintendência, que é mais perto, mais próximo. Mais eu acho que elas ficam muito afastadas.

T: Quer dizer fica só através dos papéis.
E: Do papel, é.

T: Você acha assim, uma última coisa, em termos de professor. Você sente que os professores, eles tem um programa pra seguir, tem um conteúdo, tem tudo isso, todas as coisas que a Escola cobra né, que tem os formatos. Os professores a maior parte vive dentro daquele formato. Mais você acha que tem professor que consegue até ser mais criativo, ir além, sai disso, e aí eles dão mais conta? Aqueles que não ficam tão presos a esta burocracia?
E: Ah! tem. Tem professor muito criativo.

T: Aí não fica preso naquela obrigação.
E: Aí eu acho que tem até um número bom de professores que já estão assim.

T: Você acha que são esses que atendem mais aos alunos.
E: Eles atendem mais o aluno.

T: O que solta mais é o que dá mais conta, do que o que está preso.
E: Eu acho. Porque hoje o aluno, se você deixa, eles são capazes de fazer, e muitos dos professores não acreditam no aluno e dá pra eles, faz pra eles, não tem paciência de esperar.

T: Ele atropela o aluno.
E: Isso. Ele passa por cima. Então dá pronto. Esse é o mal da gente, até a gente....

T: A gente foi criado assim.
E: Foi, até em casa, a gente é mãe, então em vez de deixar ela fazer, não, você até fez, não deixa. Então ainda existe também isto.

T: Que enxerga o aluno, você aprontando ele, e não ele se aprontando.
E: Às vezes até acredito que ela é capaz, mais parece que tem pressa, tem que fazer, que dar conta, passar na frente e não dá tempo pro menino.

T: Tem que apressar. Ainda naquele tempinho que tá marcado.
E: Isso, não dá tempo.

T: Pra você ver, isso contraria até o ciclo, porque o ciclo é o ritmo próprio né?
E: Também. Pra você ver que é sério, porque o ciclo, o menino tem um tempo dele, e tem então que dar o tempo pra ele.

T: Tempo de aprender, e não tempo de aprovar ou reprovar.
E: De receber pronto. Não deixa o aluno aprender sozinho.

Diretora: Érica

T: Você tem quanto tempo na Supervisão?
E: Vai completar 1 ano.

T: 1 ano. Antes você era professora, e você trabalhou sempre em que turma?
E: Eu, estava trabalhando de 5ª a 8ª e à tarde hoje ainda eu do aula, mais de 8ª série. E Supervisão foi o 1° ano que eu peguei, e que comecei a trabalhar com criança de 1ª a 4ª série.

T: A tua graduação foi no que, você dá aula na 8ª do que?
E: História.

T: Depois de História, você fez complementação pedagógica e supervisão?
E: É.

T: Então agora que você tá pegando. Como supervisora você pegou contratada.
E: É.

T: Tá esperando um concurso?
E: É, to esperando.

T: Quanto tempo você tem de magistério, de experiência de Escola?
E: 10 anos.

T: E nesse tempo que você tá, e como você foi 10 anos de professora você acha que a Escola, que a Escola mudou, o tipo de aluno que ela tá recebendo, o que você sente nisso?
E: Mudou, mudou, demais. Eu acho, assim, como eu sou designada, cada ano eu to numa escola, todo ano eu sinto uma mudança. Aqui eu estou de 1ª a 4ª. O que a gente pode perceber desses meninos, desde a primeira série, é o problema de alfabetização: leitura e escrita. De 1ª a 4ª série tá nesse pé. Por exemplo, na outra Escola já não é esse problema, já são outros problemas.

T: Mesmo de 1ª a 4ª, ou não?
E: De 5ª a 8ª.

T: Então na realidade de 1ª a 4ª, você acha um do problemas sérios é a alfabetização
E: Sim, é a alfabetização. Esta mais prioritário.

T: Porque você acha que esse problema da alfabetização tá tão sério. Que será que acontece com esses meninos.
E: Antigamente, quando eu estava estudando, era diferente. O ensino lógico era diferente. Eu acho que a gente aprendia mais que hoje.

T: Porque? Que você acha de bom naquele período, que agora você acha que não tem mais, e que tá pior.
E: Eu acho que os sistema de reprovação que foi abolido.

T: Você acha que os meninos estudavam.
E: Antes eles estudavam mais. Não sei se há uma incoerência. Por exemplo, você tá aqui e acabou a avaliação, acabou reprovação, acabou estudo. Aí você vai até o Ensino médio nesse pé. Chega lá o menino vai ter que fazer Vestibular pra ele ser aprovado. Quer dizer vai ter que ser avaliado através do Vestibular. Então, estamos formando ele plenamente, culturalmente que é o objetivo nosso. Mais se não der um patamar pra ele chegar e ser aprovado em qualquer concurso, mesmo que ele tire a 8ª série e não vá estudar mais, ele vai ter que passar por um concurso. E eu estou achando os meninos muito distantes, eles já falam mesmo pra gente: "ah! não existe reprovação, não existe repetência." Então é difícil trabalhar com eles assim.

T: Então sem a aprovação e sem a repetência você acha que...
E: não que a gente quer reprovar todo ano . Não como antigamente, que qualquer coisa era bomba.

T: Tirou a aprovação e a reprovação, você acha que tirou a avaliação?
E: Acho que tirou. Nós ficamos assim sem autoridade.

T: A gente ficou sem autoridade.
E: De 1ª a 4ª ainda é mais fácil de você controlar, porque os meninos são crianças, você lá avaliando todo dia, você sabe o menino que sabe e o que não sabe.

T: A avaliação tá tendo, só não está e a aprovação e reprovação?
E: E aqui, por exemplo, a gente tem meninos que tem problemas com alfabetização. Nós contratamos um professor alfabetizador, ele vem todos os dias das 7:00 às 9:00 para trabalhar com esses meninos. E deu resultado. Então, tem menino que com dois meses já conseguiu ler. Foi gratificante.

T: Foi uma boa solução. Esse ano foi a primeira vez?
E: Foi a primeira vez.

T: Quer dizer que pra esses meninos, que não estão aprendendo, vocês acharam a solução.
E: Sim. Achamos essa solução

T: Esse professor vem de manhã. Isso é por conta da Escola? Não do Estado.
E: Da Escola.

T: E esse professor vem de manhã. E o aluno que estuda à tarde, ele vem com esse professor também?
E: Aí a tarde a Supervisora da tarde que faz esse papel. Nós conseguimos essa moça e ela é muito boa; e ela está alfabetizando, dando mais apoio particular para esses meninos, de português e de matemática.

T: Eliana, você levantou que o maior problema que você sente na Escola hoje, é que os meninos não sabem ler, tem dificuldade na alfabetização.
E: Sim, interpretação etc...

T: Isso. Então a primeira causa seria essa, de não estar tendo a reprovação. Você acha que complica. Você acha também que tem outra coisa que também atrapalha na alfabetização ou seria só o problema da reprovação?
E: Não. Salas muito cheias. Aqui até que não está tendo esse problema. Tem mais ou menos 25, 26, 27. Mais tem salas super lotadas. Como uma pessoa vai dar atenção pra 40 alunos. Eu acho complicado.

T: E o meio social dele, família, você acha que também interfere?
E: Influi. Tem criança que não tem nem revista em casa. No Estado não tem o Pré, então eles já vem pra 1ª série, então tem 1ª que a gente faz tipo um Pré, pra eles começarem com coordenação motora, trabalhar com esta parte que eles não tiveram, Então, eu acho que isso vem da família também. Aqui já é uma escola mais carente, tem menino que não tem revista, não tem brinquedo, é uma ou duas salas que são melhores.

T: As salas em termo de alfabetização, vocês agrupam pra poder ficar mais fácil?
E: A 1ª série de manhã não está assim, tá bem heterogênea, inclusive tem menino de 10 anos, na 1ª. Aí nós fazemos um remanejamento deles pra ver.

T: Tem quantas 1ª de manhã?
E: Só tem uma

T: À tarde?
E: A tarde são 4 séries de 1ª.

T: De manhã ficou mais misturado e a tarde separado?
E: À tarde está mais selecionado. De manhã ficou menino de 5, 6 anos e tem de 10. Tem um menino que vem e não sabe nada, vem mais por vir pra Escola. E esses de 10 é que corremos com eles, pra não deixar eles ficarem pra trás.

T: Esses alunos que tem dificuldades, na sala, o que você trabalha com as professoras, o que elas fazem com os meninos? Tem professora que ajuda, mas e enquanto eles estão na sala lá?
E: Elas dão trabalhos que já são planejados. Aqui tem material pedagógico que são muito bons. Elas trabalham com eles, tem bastante material didático. Aqui não falta material.

T: Em sala os meninos que são mais lentos ficam fazendo outras coisas ou tentam acompanhar?
E: Não, eles acompanham.

T: Tem que ir fazendo junto.
E: É. Eles fazem junto. Só tira eles desses horários que eu te falei, quando vêm com esses professores e depois voltam a rotina.

T: E esses professores atendem individualmente ou um grupo?
E: Um grupo de 8 ou 7, depois forma outro grupo.

T: Quanto tempo eles saem da sala pra vir pra ele?
E: Português das 7:00 às 8:00, uma hora; depois 8:00 às 9:00 matemática. E depois eles retornam a atividade normal deles.

T: E nesta hora a sala tá tendo Português também?
E: É, geralmente é. Porque, o que estava acontecendo: eles estavam ficando na sala, por exemplo, na aula de Português, o professor estava dando uma atividade mais lenta pra eles, ou então a mesma, e eles não estavam conseguindo. Então nós pensamos assim, já que eles não estão produzindo aqui, vamos separar eles e deixar eles fazerem a parte. E foi o que deu resultado. Tem menino ali que não sabia ler, não sabia nada e agora já está lendo, escrevendo direitinho. Foi um ponto positivo.

T: Como você sente os pais dos meninos que tem mais dificuldade?
E: Por exemplo, hoje tem até um caso. A outra professora propôs a ficar depois do horário da aula pra poder ajudar mais os alunos. Mandou bilhete pros pais, os pais autorizaram. O que aconteceu? Os meninos não vieram a aula. Então eu falei, manda outro bilhete perguntando porque o menino não foi. Eles autorizaram, mais na hora de mandar não mandaram. Os pais eu acho que eles também estão muito distantes.

T: Não entendem muito o que esta acontecendo e o porque da necessidade né?
E: Não. Não sabem. Igual tem menino aqui de 14 anos e está na 4ª série. Aí ele quer trabalhar. O negócio dele é trabalhar e ser independente. Nós chamamos a mãe. A mãe mexe com Igreja Presbiteriana. A mãe toca órgão muito bem. Então eu falei: deixa o menino estudar a noite o ano que vem e arruma um emprego, porque parar de estudar também não pode.

Então ele vai estudar a noite e de dia ela vai arrumar um emprego para ele que é o que ele quer. Eu falei: não deixa parar de estudar, já é difícil com estudo, imagina sem.

T: Eliana, você é Supervisora das quatro séries. Você tem dificuldade de alfabetização também nas outras séries: 2ª, 3ª, 4ª?
E: É tem.

T: E eles vão pra esse mesmo professor pra tentar não trazer essa dificuldade na 4ª, pelo menos pra ver se consegue lê?
E: Sim. Tinha menino de 3ª e de 4ª que não sabia lê. Ela tem 15 anos, a Edna. Ela está na 4ª série, ano que vem já vai pra 5ª. Ela copia, mais não lê nada. Então como que esta meNair vai pra 5ª série o ano que em. Aí colocamos ela junto no reforço, e agora ela esta lendo, então ela conseguiu acompanhar. Então de 1ª a 4ª o problema de leitura e escrita foi solucionado.

T: Você acha que nas quatro séries que você lida, na turma da manhã, você tem aluno especial, aluno de APAE, que dá dificuldade na turma?
E: Tem o que era da APAE. Veio pra cá, mais fisicamente é normal, mas ele estudou na APAE. Aí tirou ele de lá pra vir pra cá e ele até melhorou. Mais ele é lento.

T: Mais na sala regular ele melhorou?
E: Melhorou sim. E tem esses meninos de 1ª série, tem casos que era para ser pra APAE e o pai não deixou. Mais eles estão indo de vagar.

T: Você vê diferença, o fato de não ter aprovação e reprovação, caracteriza que é ciclo né? Agora você acha que o tipo de trabalho na sala é o mesmo? Qual a diferença do ciclo, é só aprovar e reprovar?

E: Está mudando aos poucos. Tem professor que está começando e outros que estão aposentando. Então os que estão aposentando, eles são mais radicais, já é mais difícil deles mudarem. E os novos já tem a cabeça mais aberta, quer dizer, já aprenderam assim né. Mais todo mundo está tentando acompanhar o ciclo mesmo. Se ele não aprendeu na 1ª ele tem a 2ª, a 3ª pra ele aprender. O que a gente pode solucionar a gente vai ajudando. Agora se não tiver, pelo menos o tempo até a 3ª ele tem, ele tem esta oportunidade. A gente não precisa descabelar.

T: Você vê a questão do tempo. Tem mais tempo, tem alguma maneira diferente de trabalhar na sala de aula ou isso ainda não muda, é o mesmo jeito do professor?
E: É, muda, mais pouco né. Está tentando mudar.

T: Mais ainda tem muito do que eles estão acostumados.
E: Não é fácil mudar da noite pro dia, é a longo prazo.

T: Você sente mais alguma coisa, que você acha de outros desafios, de outras coisas que a Escola está enfrentando, além da questão da alfabetização, da aprovação e reprovação? Você acha mais alguma coisa?
E: Eu acho que a Escola fica muito amarrada, eu acho que ela tinha que ter mais autonomia.

T: Amarrada em que: papeis, leis ...
E: Em papel, em leis. Cada Escola é uma Escola, é uma realidade, você tem um padrão pra seguir, mas deveríamos ter um pouco mais de autonomia.

T: E autonomia no que? O que você sente que ela quer fazer e não faz?
E: Por exemplo, o projeto ??. Pra começar, pra aprovar demora, nós mandamos um agora esse ano e me parece que em 97, as outras supervisoras, professoras elaboraram um, e não foi aprovado. Mais não porque não estava bom, mais por falta de verba. Agora elaboramos outro projeto, mandamos e ainda não tivemos retorno se vai ser aprovado ou não.

T: Esse projeto seria para conseguir recursos?
E: É, recurso. Ou então, aqui foi diagnosticado leitura e escrita, então a gente ia trabalhar em cima de um teatro. Supondo que até o ano que vem libere, temos um prazo de 2 anos.

T: Você diz autonomia para realizar alguma coisa fora do ritual dela. Criar alguma coisa?
E: Sim. Criar alguma coisa.

T: No dia-a-dia ela fica ali amarrada, mas pra outras coisas às vezes depende de aprovação, que demora.
E: É, não que a gente vai querer virar do avesso, mais um pouquinho de... se soltar mais, ficar menos preso.

Professora: D

T: Quanto tempo tem de professora?
D: 22 anos.

T: A, você tem muita coisa pra contar. Nesses 22 anos você acha que os alunos hoje tão diferentes?
D: Muito diferentes mesmo. Não tem interesses, muito desinteressados, vem na Escola por vir. Não querem aprender. Então junta o desinteresse das mães, que as vezes querem livrar do filho, manda pra Escola. Então há também um desinteresse por parte da família também.

T: A desmotivação não é só da criança, é ...
D: Não só das crianças, dos pais também. É reuniões que a gente faz, eles não se interessam, não vem. Eu tenho aluno que eu não conheço a mãe.

T: Nunca apareceu.
D: Nunca apareceu. Se aparecer vai ser agora no final do ano, pra saber se vai passar. O problema é esse, o que eles querem, se passar, se não vai passar, mais durante o ano a gente faz reuniões, convoca as mães. O aluno que tem mais dificuldade a gente chama duas, três vezes porque tem aluno que a gente vê que precisa se um tratamento neurológico, fonoaudióloga, então isto tem que partir da Escola e os pais também juntos. E a minha sala é muito carente e de difícil aprendizagem.

T: Tem quantos alunos na sala?
D: Eu tenho 28 alunos. Então eu tenho aluno na 4ª série que não lê.

T: São muitos?
D: Não, não. São 3 que não lêem. Então em outubro agora, veio uma professora para dar o reforço, mais esse reforço, veio um tanto tarde. Em outubro. E acho também que essas crianças que mais precisam, são as que mais faltam. Então não tem aquela continuidade do que o professor recupera. Mais já melhoraram.

T: Essa professora que está ensinando, ela sabe alfabetizar?
D: Ela sabe, tá pegando. Melhorou muito. Se esse reforço tivesse vindo desde o começo, a meNair já estaria lendo. Mais já deu um desenvolvimento muito bom.

T: Quando você fala dos alunos que tem dificuldade, tá mais ligado a alfabetização?
D: À alfabetização.

T: A alfabetização vai gerar os outros tipos de dificuldades?
D: É. Porque quem não lê, não faz nada na geografia, história. A matemática não tem condições

T: Aqui de manhã são quantas 4ªs?
D: São 3.

T: Tem uma mais difícil, uma mais fácil?
D: Tem. Então nós separamos, assim: a minha é a última, então tem a mais forte, a média e a minha ficou sendo a última. Que é a mais problemática, que tem mesmo dificuldade na aprendizagem. Então nós achamos mais fácil trabalhar assim. Então eu dou mais português e a matemática, porque é aonde eu achei que eles precisam mais.

T: E a questão de não reprovar. Como você sente isso? Você sempre trabalhou com 4ª.
D: Não. Eu sempre alfabetizei, sempre dei 1ª série. Aí devido a problemas em casa, as diretoras me colocaram... Meu menino ia cedo a escola, eu ia cedo. Ia à tarde, eu ia à tarde. Pra poder facilitar para mim. Mais eu não estou achando bom esse sistema não.

T: A 4ª você pegou a primeira vez esse ano?
D: Não a 2ª vez. O ano passado, também, e peguei uma sala desse mesmo tipo.

T: São alunos que vieram já nesse sistema de não reprovação?
D: É. De não reprovar. Como eu sou uma professora mais antiga, eu estou achando uma coisa fora de série. Eu tenho esses alunos que vão para 5ª série, então eles vão ter muita dificuldade mesmo.

T: Na sua turma hoje de 28, quantos você manda tranqüila?
D: Tranqüila mesmo eu mando uns 10. Que vão dar conta mesmo, só uns 10.

T: Tem alguns que vocês vão segurar mais tempo.
D: Não. Não vamos segurar mesmo. O problema é que não pode.

T: E vai fazer algum tipo de acompanhamento desses mais difíceis ainda em janeiro?
D: A gente tem a ficha deles, aí a professora escreve. Então essas que tem mais problemas a gente escreve. Eu vou escrever, principalmente esta meNair, que começou a aprender agora, então na ficha dela vai: "começou a ler agora."

T: E esta alfabetizadora vai trabalhar com eles até quando?
D: Até o dia 20. Só até o final do ano letivo.

T: O Edite no dia-a-dia da sala, como é que você dá conta desse povo que não dá conta de ler. Como você faz isso?
D: É difícil, é muito difícil.

T: Porque o negócio é dia-a-dia mesmo, não adianta você achar bonito.
D: Ali, então eu do, a gente divide a lousa assim, uma atividade para aqueles que sabem lê, aqueles que não sabem você fica mais na carteira dele, procura dar um atendimento individual, mais perto deles. O que é muito difícil, porque aquela turma termina logo então fica difícil circular em tudo.

T: E como você divide o tempo, horário, horário de português, matemática....
D: Eu sempre começo com a matemática, porque eu acho que eles já vem com a cabecinha mais fresquinha de casa. Então eu procuro, não é todos os dias não, pra não ficar assim muito monótono. Eles já sabem que todo dia é matemática. Eu procuro começar mais com a matemática

mais no começo, porque depois do recreio eles ficam muito agitados, brincam muito, correm muito, vem muito suados; pra raciocinar é mais difícil.

T: E você acha que dá certo na sala trabalho de grupo?
D: Na minha sala não dá certo. Eles não sabem trabalhar em grupo. Nem se eu dou assim um trabalho de pesquisa, eu vejo que eles tem dificuldade, não tem fonte de consulta em casa, tem a biblioteca aqui da Escola, mas eles não vem. Há um desinteresse também por parte deles. Então o trabalho em grupo na minha sala é muito difícil, justamente por isso, porque eu tenho uma turma que lê, uma que lê mais ou menos. Então já tentei colocar um que não lê, aí eles falam: "a mais esse não faz nada, não sabe nem lê." Então discrimina aquele né? Então eu já tentei de várias formas, mais na minha sala não funcionou. Tem que ser aquele trabalho individual mesmo.

T: Você tá vendo de cá e de lá.
D: De cá e de lá.

T: Você tem que fazer plano por dia. O plano é separado ou é um só.
D: Eu faço assim, eu vejo aonde eu parei na aula anterior e continuo, pego um caderno deles, porque um plano só não dá, aí eu teria que fazer 3 planejamentos. Eu ponho um e aí vou lá me adaptando.

T: Você diz que o aluno que tem mais dificuldade é mais discriminado. Você tem aluno ali especial mesmo, que tenha que estar com atendimento especial.
D: Eu tenho. Tenho sim. Esse menino precisa mesmo de um atendimento especial. Ele não consegue aprender a matemática. Ele lê, português, é uma beleza. Mas a matemática, nem com material concreto. Três tira dois não vai. Até pedi pra mãe levar no neurologista, explicar, porque ele ficou três anos comigo, eu acompanhando ele aí. Então agora ele vai ter que ir pra 5ª série, mais com esta dificuldade, ele não consegue aprender a matemática, E o português ele lê, ele interpreta uma beleza, escreve bem, uma caligrafia ótima. Mais a matemática, não consegue.

T: Na sala tua você sente geralmente o fato do menino que não sabe lê, mais agora tem o caso desse de matemática. O que predomina é o que não sabe lê. Agora, você acha que tudo isso está ligado ao nível social?
D: Não. Porque a mãe lê, a mãe escreve, tem um nível social mais ou menos bom. Pra essa meNair não é isso não.

T: E avaliar. Como é que você divide os pontos. Final do mês quantas provas você dá, como você fecha a nota deles?
D: É por letra. A = aprendeu; AP = não aprendeu; NA = não aprendeu nada. Então eu dou sempre uma avaliação do que eu dei durante o bimestre, e avalio aquele que sabe, o que deu conta e aquele que não.

T: Esta avaliação é escrita né?
D: É escrita do bimestre. São 4 avaliações.

T: Aí no final do bimestre, você tem idéia daqueles que realmente deram conta, ao que não deram. No caso de tipo de aula que você trabalha ali na sua sala, você tem algum recurso. Por exemplo biblioteca na sala, não né?

D: Tem. Temos os livrinhos lá. Cada um tem seu livro de português, de matemática, geografia, história ...

T: Essa parte de material eles tem?
D: Tem, tem sim muito material.

T: O que você tem que dar na 4ª série, você acha muita coisa? Como é que cabe no tempo?
D: Acho. Principalmente porque né Terezinha, eles vieram já com uma defazagem, então tive que ensinar a ler. Material de 4ª série mesmo eu não dei. Eu comecei com material de 2ª e estou no material de 3ª série. Então o conteúdo de 4ª série eles não iam aprender mesmo. Então eu parti de onde eles estavam. Primeiro fiz uma sondagem no início do ano, do nível de onde eles estavam e comecei com a 2ª série assim mais forte. Aí depois no 2° semestre eu peguei mais do 3° ano pra depois agora ir com a 4ª.

T: E a geografia, história, ciências, como faz com elas?
D: Eu deixei de lado. Pra te ser sincera eu deixei de lado. Porque eu achei que eles precisavam mais do português e da matemática, do que da geografia, história, ciências. A história eu sempre dava as datas comemorativas, procurava enfocar isso. A ciências, quando surgia algum assunto na sala de aula, uma leitura, então pegava o assunto. Mais assim, seguir a risca o conteúdo de 4ª série dessas matérias, não. Porque eu achei uma perda de tempo, porque eles não dão conta.

T: Esse aluno que não é regular é o aluno que não sabe ler mesmo?
D: Então já que eles estavam na 4ª série, eles teriam que saber pelo menos o básico né. O ler, o escrever.

T: Você acha que se eles tivessem aprendido a ler pra trás seria diferente?
D: Ah! Sim. Bem diferente. Então eu não estou de acordo com este tipo de ensino que esta sendo agora, que vai empurrando.

T: Se você quiser colocar mais alguma coisa, do seu desafio de aula, além daquilo que você falou: do desinteresse do aluno, da família, desmotivado, da questão da alfabetização. Você vê mais alguma coisa que dificulta ser professor hoje?
D: Antes de entrar nesse novo sistema, eu falava que não queria aposentar. Que eu ia morrer na Escola. Agora não, eu estou contando o tempo.

T: Porque o aluno esta desafiando muito mais, porque vem defasado e desinteressado?
D: Sim. Então eu não gostaria que fosse assim não. Eu estou a 22 anos. Pra adaptar a esse novo sistema pra mim está sendo muito difícil, muito difícil. Pegar um aluno assim. Eu fico pensando o que eles vão fazer na 5ª série. E professor de 5ª série é completamente diferente da gente aqui do primário. No primário você preocupa mais com ele, tá mais perto.

T: Fica mais tempo junto né?
D: É, então o professor, não querendo desfazer dele não, mais fica 50 min na sala, sai, entra outro. Então não tem esse envolvimento feito o que a gente tem aqui.

T: Quando você fala que as 4ªs séries são três, a sua é a mais fraca. Se tivesse misturado, você acha que ficaria mais fácil?

D: Não, eu acho que ficaria tão difícil para os alunos, quanto para os professores. Porque aqueles que não sabiam nada iam ficar no meio daqueles que sabem e eles iam ficar prejudicados.

T: Os que sabem mais, pra ajudar, você acha que fica complicado.
D: É complicado. E um aluno, eu acho que não tem esse negócio de querer ajudar os alunos, é difícil. Então se não sabe, eles já dizem: "você não sabe, então não fica aqui não, não vou te ajudar."

T: Pra terminar, o que você acha que é um aluno bom, um aluno regular pra você. O que você vê nele?
D: O aluno bom pra mim, é aquele que lê, interpreta. Na matemática, tem um raciocínio, que saiba a tabuada, que é muito importante.

T: E como pessoa, como você vê um aluno bom?
D: Um aluno interessado, motivado, porque a gente também tem que motivar o aluno. Um aluno que vem pra Escola com aquela vontade de querer aprender alguma coisa, de querer ser alguém na vida. Porque a gente vê agora nos alunos que eles não almejam nada na vida. Pra eles tanto faz, estar aqui ou não. Então eles não tem um objetivo na vida. Tanto faz.

T: Obrigado, esse depoimento de dia-a-dia é que é importante pra nós.

Professora: Dirce

T: Dirce, você trabalha em qual turma?
D: Como eu sou designada, então eu trabalho cada semestre, bimestre em uma. Eu to numa sala por causa de férias prêmio.

T: Esse ano você tá como?
D: Eu já peguei uma 4ª e uma 1ª.

T: Aqui na Escola?
D: É. Aqui.

T: E quanto tempo você tem aqui na Escola? Esse ano é o 1°?
D: Já tem 5 anos. Picados mais tem.

T: E de professora, quanto tempo você tem?
D: Eu já tenho 10 anos.

T: Você trabalhava com 1ª a 4ª. E a sua formação, você tem normal, magistério antigo?
D: É o magistério.

T: Quando você fala que você sendo designada, acaba pegando várias turmas, isto é porque você acaba suprindo a necessidade da Escola?
D: É, da Escola.

T: Você já chegou a pegar um ano mais inteiro?
D: Já. Esse ano é que tá mais complicado né, mais eu já cheguei a pegar direto. Sempre 3ª e 4ª.

T: E nesses 10 anos de experiência de professora, porque a gente vai fazendo né, uma maneira de ver as coisas, quer dizer, o romance na vida. Vai fazendo sua vida. Você acha que mudou a educação, os alunos mudaram, você sente nesses 10 anos que mudou alguma coisa?
D: Acho que mudou, e mudou muito. Antigamente era mais conteúdo, você tá falando de aprendizagem né?

T: E mesmo tipo de aluno. O que você acha que mudou em termos de desafios, aluno, pessoa, conteúdo?
D: Eu acho que mudou bem, e pra melhor. Essa parte de aprendizagem, eu acho que a gente tem os alunos mais espertos, são mais críticos, ativos. Você fala o assunto ele já tá sabendo. A gente trás de casa e a partir daí que você vai administrar as aulas. Então eu acho que mudou muito e pra melhor. Então antigamente ficava aquele menino ali, sentado, parado, passivo, e você nem sabia se aprendeu bem ou não. Agora você vê cada dia dele, você vê que melhorou.

T: Você acha que a realidade tá cobrando da Escola outra coisa?
D: Não. Ela tá dentro.

T: Quantos alunos você tem em sala?
D: São 29.

T: Você tá com...
D: Ciclo um.

T: 1º ano.
D: É, antiga 1ª série.

T: Aí você tem nessa turma aluno com dificuldade, que é lento?
D: A, tenho, tenho. Inclusive eu tenho alunos lá que são especiais né, são alunos que eu tenho que trabalhar separado, ajudando o outro.

T: Como você faz? São alunos bastante diferentes. Então no dia-a-dia na sala de aula, como você faz?
D: Eu acho que um aluno sempre fala a língua do outro, então eu sempre coloco um pra sentar com o outro nas atividades. Os trabalhos não são os mesmos, então você tem que trabalhar a alfabetização primeiro. Uns já lêem, outros não.

T: Como você divide seu dia? Como você divide na sala, você põe o pessoal que sabe mais ou menos?
D: Não, tudo junto.

T: E o horário, você divide a atividade?
D: Não. Integral mesmo. Trabalho assim: aqui, ali.

T: E o que você chamaria de um bom aluno, como seria o perfil dele?
D: Eu acho que não existe o bom aluno. É o que ele aprendeu ali, o que ele conseguiu aprender. A gente não pode né, ele é bom ou ele não é, eu não classifico assim. Pra mim é o que ele aprendeu, o que ele conseguiu aprender até aqui. Então ele vai continuar aprendendo, e vai aprender a vida toda.

T: Você acha que esse sistema de ciclo foi melhor do que série?
D: Acho, acho. Porque reprovação pra mim num ... O ruim é que quando eles entrarem no ensino médio, eles não sabem ler ainda, eles não tem visão assim do que a gente tem, que nós alfabetizadoras temos. Eu acho que vai complicar um pouquinho, mais vai ter que entender né? Tem os cursos, nós fazemos cursos, tem que ter pra pessoa entender, então muito difícil. Nós estudamos em uma Escola tradicional, então mudou de uma hora pra outra. É difícil, mais tem que mudar.

T: Você faz um plano por dia?
D: É roteiro, e as vezes muda.

T: E o conteúdo, você dá português primeiro, depois matemática?
D: Não. Eu do junto. Numa matéria às vezes por exemplo eu já falo da ciências, história.

T: Não tem aquele horário repartido. Uma hora isso, outra aquilo.
D: Não, não tem. E às vezes muda o assunto, a gente muda a aula também. Quer dizer, tem um roteiro pra mim não me perder, mais não sigo aquele roteiro não.

T: Você falou que tem até aluno especial. Os meninos aceitam bem o aluno especial na sala? Ajudam?
D: Aceitam e ajudam.

T: Você acha que se esse aluno especial tivesse em uma sala especial, ele aprenderia mais ou menos?
D: Acho que nem mais, nem menos. Eu acho que ele tem condições de enxergar com o outro que é normal né. Eu acho que ele vai aprender o que ele tem que aprender mesmo, não esse negócio de especial não. A não ser assim, num surdo-mudo. Aí já é mais especial, mais ele é especial na parte assim mental, ele é mais lento, tem mais dificuldade pra pegar as coisas.

T: No caso ainda da Escola, que você acha que mudou e pra melhor. Como é que você vê os pais?
D: Os pais eu acho que continuam os mesmos. Uns ajudam, outros não.

T: Não chegou ainda a assumir.
D: Não, eu acho que não. Como deveria não.

T: Parece que não entraram dentro da Escola ainda.
D: Não, ainda não.

T: Tem reuniões sempre?
D: Sempre, tem sim.

T: E a freqüência é mais ou menos?
D: Não. É muito pouca. Não temos apoio.

T: Sempre é fim de bimestre né, que vocês entregam coisas. Vocês entregam fichas pro pai?
D: Ficha individual, boletim.

T: E essa ficha é da avaliação que você fez durante o mês? Como é que marca as coisas que os meninos vão aprendendo, você dá prova?
D: Prova não. Eu tenho um caderno, que eu anoto a dificuldade dele, o que ele aprendeu, o que ele não aprendeu, o que precisa. Prova eu não dou. E é um caderno só que eu uso. Não tem um caderno de matemática, um de português, história não.

T: Vão fazendo as atividades e já resolvendo ali. Trabalho de grupo, você acredita então? Você acha que funciona?
D: Muito, e muito.

T: Como você faz então, quando tem um grupo que fez, mas que tem dentro do grupo ali, um menino que você sabe que não sabe. Ele leva a nota do grupo? Como fica?
D: Não, a gente só analisa. Quem é que trabalhou, quem é que achou (trouxe) reportagem, a gravura, tal. Mais assim, como eu não mexo com nota, eu coloco, avalio que ele não participou, então ele não vai te o mesmo desempenho que os outros né?

T: Na sala de aula tua, como eles sentam? Como você organiza o espaço: é fileira, mas tem alguma canto que estão, que ficam junto, mexe carteira?
D: Eu trabalho enfileirado. Mais como eu trabalho em grupo, eu coloco de dois, sempre mudo bastante.

T: Eles mexem.
D: Mexem.

T: Tem jeito de mexer. Agora no caso de avaliação. Não tem regime de pontos, é mais observação mesmo. E você marca todo dia as avaliações?
D: Todo dia.

T: Mas como você faz? Você termina a aula e anota?
D: Não, porque a gente sabe mais ou menos. Então eu anoto em casa. Mais em casa.

T: Tem dia que você anota de um, de outro, não de todo dia, todo mundo.
D: É. Não.

T: O horário seu como é que é então? Antes do recreio, depois do recreio. Mais não tem horário de matéria então?
D: Não.

T: Estão direto. O Dirce, você tem mais alguma coisa que você diria, que como professora hoje, depois de 10 anos, você teria alguma observação pra falar? Você acredita na Escola? Pra terminar aí seu depoimento.

D: Eu acredito. Acho que tem sempre que mudar, porque tudo muda né? O mundo não para, então a gente tem sempre que melhorar, tanto professor, pra ensinar melhor. Então tem que ter mesmo essas mudanças.

T: O teu planejamento, você faz sozinha, junto com outras professoras do primeiro, como vocês planejam, tem horário que vocês encontram?
D: Nós temos de 15 em 15 dias uma reunião.

T: Aí vocês fazem por nível, quem tá com o primeiro ano....
D: É. E aí agrupa as salas.

T: Quantos primeiros tem aqui de manhã?
D: É só o meu.

T: À tarde é que tem mais. Então a sua sala é bem heterogênea mesmo.
D: É.

T: E a tarde, os 1°, aí separa melhor, pior, como que fica?
D: Aí eu não sei.

T: Quantas são a tarde?
D: Não sei se são quatro ....

T: No caso os seus, não tem esse negócio de botar mais fraco, mais forte, tá ali.
D: É, tá ali.

T: E você acha que funciona?
D: Funciona.

T: Você já trabalhou com classe homogênea
D: Já.

T: Você já viveu as duas experiências, e sente diferença?
D: Sinto.

T: Porque que tem professor que acha que classe homogênea é melhor?
D: Eu acho que não tem que ter isso. Eu acho que tem que ter por idade. Porque é muito complicado, um tem uma maturidade e outro tem outra. Mais o nível de aprendizagem não.

T: Eles aprendem um com o outro.
D: Um com o outro e ajuda muito.

T: Você tem aluno lá que não lê e tá tendo apoio então agora.
D: Eles tem agora uma recuperadora.

T: É disse que isso começou agora em Outubro.
D: Isso tá ajudando, ajudando muito.

T: É, porque não deixa acumular essa turma como tinha lá na 3ª, na 4ª.
D: Eu tenho aluno que já lê, outros que não sabem nem o a, e, i, o, u, o alfabeto. Então é complicado você tem que ter mesmo uma ajuda.

T: E essa pessoa que tá ajudando sabe bem trabalhar a silábica, o alfabeto? Sabe bem trabalhar os níveis?
D: Ela é uma excelente ...

Supervisora: Ivone

T: Ivone quanto tempo você tem de escola.
I: Tenho 30 anos.

T: Agora aqui você é Supervisora. Quanto tempo você é Supervisora aqui no Peró?
I: Aqui 2 anos. Mais no Estado eu tenho 18 anos.

T: De Supervisão? E sempre de 1ª a 4ª?
I: Não, já fui de 5ª a 8ª; já trabalhei um ano no acertando o passo.

T: E de todos esses anos de experiência, você gosta de ser Supervisora mais de que faixa?
I: Pra mim, eu acho que de 5ª a 8ª. O professor é mais conscientizado, ele não te, ele te dá mais satisfações. O professor de 1ª a 4ª eu não sei que noção que ele tem de Supervisor. Porque o Supervisor de 1ª a 4ª, ele é uma pajem. Ele xeroca, ele mimiografa etc...

T: Ele tem a noção de te aluga?
I: De alugar. E os professores de 1ª a 4ª, eu acho que ele tá com preguiça de pensar, de raciocinar, ele quer tudo pronto. Ele não investiga, e isso lá deixando assim de 1ª a 4ª desgasta muito a Supervisão. Não são todos não, mais a maioria. Você tem que dar tudo pronto

T: O Ivone aqui no Peró você está a 2 anos já e mesmo de ter outra experiência, você acha que a Escola mudou, a vida mudou, o aluno que está chegando na Escola agora é outro? Você sente alguma mudança?
I: Eu sinto. Na minha opinião a família transferiu tudo para a Escola, lavou as mãos. Então você tá fazendo o papel da família, da Escola, o papel de tudo pro aluno. Se você não fizer, coitado, ele não tem onde buscar alguma coisa.

T: Depende só quase da Escola?
I: Da Escola. A Escola virou restaurante, virou tudo. Os pais não estão tendo tempo para os filhos, pra acompanhar. Eles não tem material, alguns vem de qualquer jeito pra a Escola.

T: Então você percebe que é um lavar a mão mesmo?
I: É um lavar a mão, é. Entregou tudo pra Escola. A Escola perdeu aquele sentido dela.

T: De Escola só.
I: É, de Escola só.

T: Ivone você acha que esses alunos que estão chegando na Escola, eles são diferentes também no sentido assim de, uma criança de 10 anos atrás era de um tipo hoje, você sente o aluno diferente?
I: Sinto. Porque o aluno da época que eu lecionei, ele era um aluno limitado. Ele sentava certinho, não abria a boca, não questionava.

T: Era mais passivo né?
I: Passivo. O aluno de hoje, ele não tem limites, ele não sabe sentar direito, ele não tem educação no ser dele todo. Então eu acho essa diferença: o aluno vem sem rédeas.

T: A Escola sabe lidar com esse menino que tá chegando agora?
I: Não, não sabe.

T: Porque a Escola ainda quer aquele menino antigo.
I: Aquele todo tradicional, aquele todo bonitinho, todo sentadinho. Porque é mais fácil lidar, porque você falava e ele era um robozinho. O aluno de agora, o que eu acho que tá dificultando ao professor, é que ele tem que estudar, ele tem que ir além daquele menino, porque ele vem sem limites e não está vindo bobo não. Ele vem todo relaxado, mais ele tem uma leitura de mundo lá fora muito rica.

T: Ele chega aqui na Escola e não é bobo?
I: Não. O professor que não souber ir além daquele menino... Ele tem que ir além, ler, estudar, questionar, porque o menino está sabendo mais do que ele.

T: Se acha, que esse menino que tá chegando diferente, com outro tipo de realidade, de família, a maioria vai bem na Escola? Ou isso té virando dificuldade de aprendizagem também. Ele sabe da vida, mais e aqui na Escola, a maioria se dá bem? Você acha difícil de fazer a alfabetização?
I: Eu to achando mais difícil, porque o professor ainda não se conscientizou do menino que tá vindo agora, do aluno que tá vindo agora. Com a cultura dele, a vida dele, as novas tecnologias que estão por aí. Então o professor acostumou pegar aquele menininho que vinha só responder aquilo que perguntava, só seguindo o livro didático, só o que o professor dava. O aluno de hoje ele não é assim, o professor tem que saber ir além dele, pra trabalhar com ele, não só conteúdo não, trabalhar o menino inteiro, pessoa. Porque cada um é cada um. Antes era todo mundo ali, a gente tinha idéia que era tudo igualzinho e não era.

T: A gente enxergava tudo igual.
I: Agora eles estão se manifestando.

T: Você acha que estas diferenças, estas diversidades, tá aparecendo na Escola agora?
I: Na Escola, e o professor ainda não está pronto para trabalhar estas diversidades.

T: Não está preparado.
I: Não, não está.

T: E não estando preparado, vai dar mais dificuldade?
I: Exato. Apesar de nós termos sido criados assim, naquela, à antiga, no tradicional, eu acho que você pode mudar. Você se adapta às modificações que estão surgindo. Mais tem professor que não modifica. E aí vai a dificuldade da aprendizagem do aluno.

T: Os professores que você trabalha de um modo geral, a maioria tem dificuldade ou predomina quem é mais fácil de lidar? No modo geral, você encontra o professor com mais capacidade de mudar ou mais resistência?
I: Eu encontro professores com mais condições de mudar. Querem mudar, estão buscando, procuram novos livros, novas leituras e isso independente do tempo de atuação do professor, da idade.

T: Tem gente novinha...
I: Tem. Tem professor quase aposentando que estão agarrando, buscando tudo lá em cima para querer dar conta, entender ciclo, e fazer modificações. Professores que atuam de 5ª a 8ª estão com o 2° ano e estão dando um recado enorme. E tem professores chegando agora e não querem modificar.

T: Você acha que os meninos que tem dificuldade, é mais de alfabetização? Onde você localiza um aluno com problema? Na Escola o que tem mais dificuldade, os meninos de hoje?
I: Na alfabetização. O aluno hoje. O pré faz muita falta. Eles estão chegando à 1ª série assim sem pré-requisitos, e o professor, já está tacando de cara a alfabetização, esquecendo que tem certos suportes que vão ajudar aquele menino a chegar na alfabetização.

T: O menino que tem dificuldade, este lado da alfabetização atrapalha, e tem menino não alfabetizado na 2ª, 3ª, 4ª, na antiga série.
I: Um nº mínimo, mais tem.

T: E aí, é a tentativa de alfabetiza lá no 4ª.
I: É aquele menino que foi deixado de lado, ele foi encaixado numa série ou num ano, e quem foi, foi. Quem não foi ele ficou lá. O que a gente tá tentando agora é sanar as dificuldades desse que ficou lá. Resgatar a auto-estima dele, que ele perdeu. O menino fica calado, ele nem fala, tem vergonha de falar, ele não sabe.

T: Você acha que a questão de ter acabado com a reprovação, aprovação, foi boa pra trata com esses meninos, ou piorou? O menino não estuda. Como você tá vendo isso, com relação aos meninos de hoje?
I: A família acomodou, os alunos acomodaram. Eles acham, sei ou não sei, eu vou pra frente. E num mesmo instante eu acho que o próprio professor tá um pouco descansado.

T: Não aprendeu esse ano, aprende o ano que vem.
I: Aprende ano que vem. A gente a uns tempos atrás, a gente tinha aquela preocupação: eu tenho que dar conta disso. Então não está tendo essa preocupação hoje. Eles estão deixando um pouco de lado. Os pais não estão apertando, faz o dever bem, se não.

Professora: R

T: Ao voltar agora depois de 2 anos quanto ao ciclo essa repercussão de aprovar, não se provar como os meninos estão eu causando isso, você acha que ajudou o fato de tirar a aprovação reprovação, como você se coloca diante disso?
R: Eu acho que as crianças, eles são mais naturais, não tem tanta ansiedade.

T: Não tem tanta pressão.
R: É. Para eles não está representando. Porque já faz um bom tempo que está o ciclo, né. Quanto as crianças eu não senti.

T: Você acha que se eles estiverem afim de estudar, eles vão estudar independente de aprovar ou reprovar.
R: Eu acho que sim. Eu acho que depende muito mais da gente trazer, fazer com que esse aluno fique com vontade de aprender, não pra tomar nota, pra ser aprovado, mais pra ele aprender, crescer, ser feliz. Agora a gente não, nós temos muita ansiedade quanto a isso. Porque a gente vem de uma educação né, não preciso nem falar. Aquela educação que a gente tinha que se preocupar com a mera transmissão de conhecimento, e o aluno era aquele serzinho, que o que ele trazia de casa não importava. Então muitos colegas, ainda não sabem. Tem a questão da postura, depende muito da postura. Mas mesmo eu assumindo uma postura que ache que eu penso muito no aluno, eu acho que a Escola precisa mudar muito em relação à entender o que o é o ciclo certo.

T: Você acha que mudou a sala com o ciclo ou só mudou o tempo?
R: Eu acho que não mudou muito ainda não. Eu acho que o dia-a-dia tá muito de série ainda, mudou só o nome.

T: Tá muito de horário. Aquelas coisinhas tudo separadas.
R: É. Tem tudo separado.

T: Como você trabalha todo dia. Você divide, tem horário de Matemática, Português, você separa? Como você organiza seu dia pra dar conta?
R: Não, eu não tenho horário não. Normalmente eu começo com alguma atividade que ficou pra terminar no dia anterior. Porque eu peguei a turma já no final do ano, então nós separamos caderno, todo mundo separa, caderno de matemática, de português, então me dói, ficar: vamos tirar o caderno de matemática... Dá a impressão que tá tudo na estante, mais eu ainda utilizo sim. Eu distribuo o que eu priorizo mais naquela semana, dentro do que os meninos precisam, dentro do que estão trabalhando, do que está sendo dado. Eu to sempre chamando as crianças pra participar das atividades, de fazer no quadro, de fazer muita rodinha, de sentar com o caderno na rodinha, de perceber o que eles estão precisando. Daí então eu priorizo o que precisa mais naquele dia.

T: Sem aquele negócio, passa tantos minutos matemática, tantos português ...
R: Às vezes dependendo da atividade, você planeja demorar determinado tempo e passa. Às vezes você planeja uma aula de ciências naquele dia e acontece um imprevisto, alguma coisa interessante que fluiu da criança, aí a gente aproveita. Hoje mesmo aconteceu. Hoje é dia de ação de graças né, então eles trouxeram de casa orações. Então foi uma atividade extra, e eu aproveitei. Nós fizemos uma oração, cada um fez um agradecimento, nós estamos fazendo um

cartaz. Estamos nesta atividade ainda, então eu aproveitei o que eles trouxeram. Então a aula de ciências que a gente tinha planejado pra hoje, que já estava conversado deles trazerem material também de casa, se não der tempo fica pra amanhã. Mais eu não tenho aquela de vamos guardar o caderno que já acabou a aula. Eu acho que isso no Ensino Fundamental não é tão rígido.

T: E os pais, como você sente os pais?
R: Aqui eu sempre sinto os pais muito ausentes. Eles falam assim "se precisar ficar de castigo, sem recreio a Srª pode deixar". Tem pai que chega até a falar "se você quiser bater.." Eu acho que vai muito da comunidade, do lugar deles. Então eu acho que eles jogam a responsabilidade muito pra Escola. Reunião de pais é um arraso, não sei se só aqui, mais que é um problema complicado. Os pais estão cada vez mais entregando a responsabilidade da Educação dos filhos pra Escola.

T: E tá aumentando.
R: Tá aumentando. Eu acho que eles não estão dando conta. Então esses dias eu trouxe um filme novo, pra eles é novo. A Escola não tem, então eu trouxe o filme. Achei que eles iam ficar super, hiperinteressados, mais eles nem ..., queimei(?), queimei(?), assistiram 20 minutos do filme e não queriam. Perderam o interesse, aí eu comecei a solicitar: olha gente, isso tal, isso tal e eu fiquei imaginando porque será que isso tá acontecendo né.

T: Que filme era.
R: Era o filme do Tigrão. O novo filme do Tigrão, e eles ainda não tinham assistido. E o filme traz uma mensagem muito bonita pra trabalhar. Laços de família, de amizade, que eles estão precisando muito trabalhar, porque as crianças estão muito brigonas, muito violentas. Então eu pensei, vou aproveitar e trabalhar o tema. Ah! Aí eu fiquei imaginando, eu acho que as crianças ficam o tempo na televisão de manhã, então a televisão já não está atraindo. Você acha que tirar da sala e trazer pra televisão vai ser novidade, quer dizer um filme novo; pra televisão não, porque eles já tem em casa, mais uma novidade, mais mesmo assim não tá...

T: Segurando a atenção deles, não tá interessado.
R: Eu acho que a Escola precisa, a gente precisa fazer alguma coisa.

T: Você enxerga algum caminho?
R: Eu acho que a gente precisa tentar conhecer melhor o que a criança gosta hoje em dia. A gente precisa ter mais opções dentre da Escola: artes que a gente não tem, um mini-laboratório. Acho que a gente precisa diversificar mais, a gente tá muito no mundinho sala de aula, de conteúdos que a gente tem que cumprir.

T: Pro professor, a linguagem dele tá pobre.
R: Tá com um conteúdo, mais com aquele conteúdo que não significa alguma coisa pra criança.

T: Com o conteúdo que é pra dá.
R: Que é pra dar. Tem que dar.

T: O que mais você acha, pra finalizar seu depoimento, de você pra ser professor, pra acertar o passo como professor, você precisa tá usando outras linguagens, tem que tá entendendo melhor eles?

R: Além de olhar com olhos de crianças, a gente tem que tá preparada, a gente tá estudando, constantemente estudando.

T: O professor hoje não pode parar
R: Não pode parar.

T: Essa questão do estudo é até uma necessidade. O que você faz com esse povo que tá chegando diferente, que a Escola não tá sabendo?
R: A gente não tá sabendo lidar, a Escola precisa encontrar um caminho novo, diferente.

T: Fica muito mais ligado na aprendizagem que no ensino né?
R: é.

T: Porque ensinar nós já ultrapassamos até da técnica.
R: O PROCAP foi muito bom, apresentou tantas metodologias, tantas idéias. Eu cheguei agora no final do ano, e as reuniões pedagógicas que acontece, é sempre assim, não tem nenhuma contribuição, alguma atividade que vem lá da delegacia de sistema. Então tá faltando mais tempo pra fazer aquele projeto pedagógico da Escola, que tipo de aluno a gente tá querendo formar, o que a gente precisa fazer pra atingir essas crianças

T: Dar mais tempo pra viver a Escola né? Às vezes fica muito cumprindo, agora tem que preencher não sei o que, agora mandar isso ....
R: Ontem fazemos um relatório sobre ciclo, a próxima reunião vai ser outro. Tá certo que são discussões que estão abrindo mais horizontes que precisam ser feitas, mais acho que não é suficiente, ainda falta, ainda tá faltando tempo pra gente montar um novo.

T: Você acha que essa mudança que tá acontecendo, tá surgindo, no fundinho do seu coração, você acha melhor? De tudo da educação, dessas exigências, desses desafios, ou vai afundar a escola no buraco. O que você acha?
R: Eu acho que é pra melhor. Não é possivel que tantas cabeças pensando, vão abrir mais um buraco, não pode. Não pode piorar mais do que está. A gente sabe que nosso país tá lá, e não é só ele também, que a educação não está bem, mais afundar mais não pode. Eu acredito que a gente precisa fazer acontecer, eu acho que a tendência é melhorar. Ontem eu senti na reunião que as cabeças estão ficando muito tumultuadas, da criança, da criança que você tenta atender. Então o que a gente precisa, o que a gente pode fazer então pra atingir essas crianças, a preocupação tá mais. O negócio tá fervendo agora. A gente precisa também aí de um apoio para não deixar..., pra responder, não pode sossegar, tem que.... o fogo tem que continuar aceso.

T: Legal. O interessante é o que você tá vendo, como você achava as coisas, como você achava os meninos. E principalmente essas experiências de que você fala, de que pra dar conta, tem que tá realmente fazendo na sala de aula, diversificar, que a aula padrão não dá.
R: A gente sabe que a aula expositiva é importante, tem o momento dela, mais a gente precisa também ter contato, estar trabalhando junto.

T: Seus meninos trabalham em grupo então?
R: Eu sempre trabalhei em grupo. Este ano eu to tendo dificuldade, eles fazem muito barulho. Então é pouco tempo. Mais eu trabalho toda semana, um dia sim, um dia não.

T: Usa em qualquer disciplina?
R: Uso em qualquer disciplina.

T: Você tem o conteúdo, aí você dá pro grupo?
R: É, eles gostam, eles preferem. Só que tem momento do individual, que eu preciso avaliar. Você precisa tá vendo o desenvolvimento individual.

T: E a tua sala é fácil juntar as carteiras, ou eles ficam enfileirados? Como você arruma espaço na tua sala, pega as duplas?
R: O que eu uso normalmente são duplas, de quatro. Além de grupos de quatro, círculos. Círculos eu usei duas vezes e eles achavam uma coisa do outro mundo, ainda não se acostumaram. Nossa deu aquele reboliço... Nessa eu suei, mais eles gostaram. Sento muito no chão, rodinha no chão. Vou muito lá fora da sala também. Eu não fico quieta. Eu não consigo ficar lá na frente e eles ...

T: É ???, parece que você tá jogando no vazio.
R: É, parece que não tem a troca.

T: O que é o aluno bom pra você?
R: O aluno bom pra mim, é o aluno que não é quieto, que não é aquele aluno passivo. É aquele aluno que pergunta ????, que às vezes te reponde mau, porque às vezes você fica só xingando, perde a paciência, discute, mais ele tenta defender seu ponto de vista. Esse vai dar conta de enfrentar a vida. Ele vai enfrentar tudo que vem pra ele e, só que muito ????. Porque é muito mais fácil você ter aquele aluno quieto ...

NÃO CONSEGUI TERMINAR!!!!!

Professora: Nair

T: O Nair, você tá com que turma agora?
N: 1° ano.

T: 1° ano do 1° ciclo?
N: E de manhã com o pré-escolar de 6 anos.

T: O pré da Prefeitura?
N: Isso.

T: Conta pra mim um pouquinho. Quantos anos você tem de magistério?
N: 15.

T: Uau. Já tá ficando antiga.
N: Já. Só com pré e 1ª série.

T: A é? Sempre com pré e 1ª?
N: É, só.

T: Me diz uma coisa, neste tempo todo de experiência, eu acho que é uma vida pra contar, um romance pra gente viver. Você tá achando que os alunos estão mudando, estão chegando diferentes na Escola? Você tá sentindo a Escola ser mexida ... Como você tá vendo? O aluno de 15 anos atrás é igual de agora, como você tá vendo isso?
N: Eu acho que tá vindo assim uma boa parte sem maturidade, pelo fato de vir pra 1ª série com 6 anos. A questão dos pais não darem muita importância, principalmente pro pré. Eles acham que é uma coisa sem importância.

T: Os pais querem por no pré, mais...
N: Mais não dão a assistência que precisa, e mesmo a questão de tempo, que eles não tem muito tempo pra ficar ajudando. Ao mesmo tempo que eles estão amadurecendo, por um lado a questão da TV e tal, e já tá imaturo, porque perde aquela questão de brincadeira, aquela coisa antiga que a gente tinha. Eu acho que a TV deveria investir nessa parte, já que eles assistem tanta TV, eu acho que deveriam ajudar mais nessa parte, passar mais programas educativos.

T: Pra ajudar os meninos na Escola.
N: É. Porque eu vejo às vezes menino lá de 6 anos, que chega no pré com 5, 6 anos, que não sabe cores, as cores básicas. Então eu acho que tá vindo uma boa parte bem imatura.

T: Você acha que os meninos de hoje tem mais dificuldade pra aprender do que um tempo atrás?
N: Eu to achando que eles tem bem mais dificuldade que um tempo atrás.

T: E você que mexe mais com alfabetização, você acha que tanto na matemática, quanto na alfabetização?
N: Eu acho. Às vezes a gente acha que eles estão muito espertos, mais ao mesmo tempo eles estão meio imaturos.

T: Certo. Você sente que a Escola por exemplo, ela tinha um tipo de aluno 15 anos atrás, e hoje ele é outro?
N: Ah!, com certeza. Eu acho que a questão assim deles próprios saberem que não tem reprovação, não se está levando tão a sério como antes. Eu acho que antes eles ficavam com medo de tomar bomba. Então agora eles mesmos falam: "ah! eu vou passar mesmo!". Então não tá dando muita importância mesmo não.

T: Você tem menino na sua sala de aula que não aprende? O que você faz? Como você dá conta desse menino na sala?
N: Eu sempre ponho os meninos pra ajudar um, ajudar outro.

T: E eles ajudam?
N: Ajudam. Eu ensino desde o começo do ano como ajudar o colega, a questão de não deixar eles falarem a letra. Então eu falo assim: "não pode falar a letra, tem que ser pelo som". Então o colega fala, e tem que escutar, escutar o que o colega está falando. Então eu ensino eles como ajudar o outro.

T: Então se acha que a maneira de dar conta á contar com a ajuda dos meninos.
N: Porque a gente não tem pessoal pra ajudar, então tenho que contar com eles. E eles ajudam.

T: Como você divide o dia? Quantos alunos você tem na sala?
N: Aqui 32

T: Os 32, como é que você faz pra repartir o tempo, pra dar conta do programa? Como que você faz isso no seu dia-a-dia?
N: Eu gosto de integrar os conteúdos. Então sempre quando eu vou dar alguma coisa de ciências, eu integro com português, e um pouco de matemática. Mas, mais é com o português. Agora eu to trabalhando já com o Natal, porque daqui a pouco chega o Natal, então eu to puxando os textos de Natal. Então eu gosto de integrar, eu acho que fica mais fácil.

T: Você tem plano? Você faz plano todo dia? Como é seu sistema de trabalho?
N: Por eu trabalhar dois horários, eu faço sempre no Sábado. Aí eu já faço que dá às vezes pra semana inteira. Às vezes nem dá, falta alguma coisa. Mais sempre pra mudar né.

T: Às vezes da conta, às vezes não dá.
N: Essa semana eles estão encantados com um formigueiro na porta da sala. Eles ficam toda hora lá vigiando. Então eu já tinha trabalhado animais, mais eu voltei nos animais. Então eu to sempre voltando. Aí eles plantaram feijão, aquela experiência do feijãozinho, aí teve um menino que já foi lá e cortou o pé de feijão tudo, aí a gente já volta. E tem um problema sério, porque a gente não pode jogar veneno nas formigas, porque você fala pra proteger os animais e vai jogar veneno? E eles adoram. Então eu acho que integrando é melhor.

T: E eles gostam né? Você acha que quando você não fala a atividade eles se interessam mais?
N: Eu acho.

T: Por outro lado, você acha que essa questão do aluno, agora você tá no final do ano, você trabalha com 1° ano, você tem aluno que não lê ainda?
N: Eu tenho três que tá começando agora. Uma que lê mais ou menos e outros que estão lendo direitinho. Eu me surpreendi, que de setembro pra cá, eles deram um avanço muito bom.

T: A sua sala de 1° ano, é mais fraca, mais forte, como você vê?
N: Tá mais ou menos. Assim, porque eram os mais fracos, porque a maioria não vinha de pré-escolar, ???????, que deram uma avançada, assim, fiquei surpresa de mais, melhoraram muito. A gente fica mais animada, eu não esperava, porque você vê o desenvolvimento, e se for comparar com agora é muito bom.

NÃO CONSEGUI TERMINAR!!!!!!!!!!!!

ESCOLA ESTADUAL 6

Professora: Laís

T: Você dá aula há quanto tempo aqui?
L: Na 2ª série?

T: Quanto tempo você tem de Magistério?
L: Eu formei em 85 e 86, mais ou menos 14 anos.

T: Qual o seu nome inteiro?
L: Laís Pereira.

T: Laís você trabalha só no Estado?
L: Só. Tive uns 9 meses na Prefeitura uma vez.

T: Você ficou mais no Estado. Você trabalha na sua turma esse ano do 2º ano, como é que você está vendo os alunos, que se tá nesses 14 anos de experiência, você acha que esses alunos que você tem hoje, são diferentes dos alunos dos anos passados, você sente diferença? Você acha que o aluno tá chegando diferente?
L: A, bem diferente sim.

T: E onde você vê diferença? Conta pra mim.
L: Eu sou um pouco otimista. Eu acho que se eu for comparar quando comecei a dar aula na 2ª série logo que formei em 85 e fui trabalhar em 86, se eu for comparar os alunos de 86 com esse de agora, eles são mais ativos, mais espertos. Outra coisa mesmo. Isso com certeza. Inclusive porque fiquei um ano afastada da Escola. O ano passado fiquei no Conselho Tutelar e fiquei um ano parada, parece que pude comparar melhor, sentir mais.

T: Sentiu bem amparados e na volta você sentiu mais a diferença.
L: Senti que eles mais pra frente mesmo, não estou sabendo achar a palavra.

T: Nesse tipo de ser mais atirados, mais participativos, você vê vantagem nisso?
L: Claro. Eles investigam mais, indagam mais.

T: Em termos de sala, eles são interessados nas coisas de Escola? Eles gostam?
L: São. Se começar a puxar, eles vem sim.

T: Tem que entrar no nível do interesse também deles. Como é que você faz, eles estão vindo com todo esse tipo de atividade. E nesse tipo de atividade na sala de aula, todo dia, como você faz para dar conta dessa força? Eles são questionadores. Como você divide seu dia? Você trabalha uma atividade só? Como é o seu dia-a-dia?
L: Você deve estar interada no assunto. Na minha sala são três tipos de aluno, quatro tipos: dois que não sabem nem o alfabeto; uma turminha que está deslanchando agora, lendo mesmo. Tem uns que estão lendo mais não estão na 2ª série, e tem os propriamente ditos da 2ª série. Então

aqueles da 2ª série eles tem um gás total, tudo eles vão mesmo, na matemática, português, eu tento fazer a aula ficar interessante pro lado deles, mais tem hora que eu fico meio perdida, mais eles mesmo, tia vamos assim assado... A 2ª série está muito boa. Eles me puxam, me levam.

T: Você acha que esses que estão mais devagar, eles participam da 2ª ou eles fazem atividades independentes?
L: Quando dá para eles participarem, eles participam e vice-versa. Às vezes a turma de lá tá precisando daquilo dos que estão sendo alfabetizados estão tendo. Eles prestam atenção e aprendem também. Estou gostando muito.

T: Você acha que trabalhar esse grupo diversificado é bom, ganha o mais fraco, ganha o mais forte?
L: Tranquilamente.

T: Preferível do que colocar uma sala tudo forte junto?
L: Não, nunca foi a favor. A gente sempre escutou isso.

T: Tem professor que acha mais fácil para ele.
L: Ah! sim, mais fácil pro professor é.

T: Em termos de fazer o aluno andar, você acha que os contrários ajudam?
L: Tranqüilamente, um vai ajudando o outro. Eu vejo muito. Vi a professora vindo, eu peguei a turma há 5 meses, então eu colocava a turma assim de reforço, do lado de cá, ele saia do de lá, e vinha ajudar. Ele vai perguntar, se interessa, interage mesmo.

T: Sem discriminação?
L: De jeito nenhum. Eles não tem esses grilos.

T: Laís outra coisa, como é por exemplo você divide seu horário, quer dizer, português num horário primeiro, matemática em outro, como você faz?
L: Isso é muito importante, tem horário sim, eu gosto de dividir.

T: E geografia, história como que você trabalha com eles?
L: No dia-a-dia, lido com português, com matemática.

T: O próprio texto de geografia ajuda no português e integra?
L: Eu faço assim, trabalho integrado.

T: E os pais, como você sente os pais? Você já teve experiência no Conselho Tutelar, conhece bem a realidade do mundo. Como você sente os pais hoje?
L: Eles estão. Isso varia de turma, eu estou numa turma assim, que os pais entregaram os alunos, chega aqui, eles mandam mesmo, chutam os filhos. Pelo menos desta turma.

T: Você está falando a realidade certa desta turma.
L: Às vezes outras professoras não tem disso.

T: Às vezes você mesmo pode ter tido outras experiências em outras turmas, mais o que se está sentindo é isso. A família lava um pouco as mãos.
L: Lava, principalmente este tipo de turma, eles lavam as mãos mesmo.

T: Reunião, o pai aparece por exemplo?
L: É aquilo de sempre Terezinha, os alunos da 2ª série eles aparecem mais sempre os pais que precisam não vem mesmo. Completamente largados, displicentes.

T: Completamente desinteressados. Laís, você nessa sua vivência de trabalhar com o heterogêneo, você tem alguma coisa que você acha que falaria assim: está certo. É uma técnica que eu até recomendaria para o professor. Quer dizer alguma coisa da sua vivência que você acha que já testou e validou, coisa que funciona em sala de aula. Ou às vezes a maneira de trabalhar, um jeito de premiar, um jeito da técnica que você usa, qual tipo de método na sala que funciona. Tem alguma coisa que chamaria a atenção? Você já falou uma delas que é trabalhar diversificado, isso já é uma técnica. Tem alguma outra coisa que você adota diferente?
L: Não sei.

T: Às vezes o professor até esquece de escrever as coisas que faz, vocês inventam coisa, criam coisas, às vezes na hora falta escrever. Você cata uma revista de Escola, vê o professor fazendo alguma coisa e você fala nossa eu faço tanto isso, só que outro saiu na frente e escreveu, e às vezes a gente despreza as experiências do dia, a criatividade da gente.
L: Eu costumo aproveitar muito, tudo o que eles falam na hora.

T: Como você começa a aula, o começo da aula você abre pra eles conversarem, como encaminha seu dia?
L: Varia muito.

T: Ah!, não tem um jeito só?
L: Às vezes eu resolvo orar com eles, às vezes não, hoje não.

T: Você trabalha em cima de uma variedade, de uma criatividade?
L: Por exemplo, sexta-feira foi o dia Mundial da Aids, nem passava na minha cabeça. O Renan ficou insistindo naquilo, talvez porque ele mora na Feira de Gado, pode estar com alguma dúvida nisso. Então entrei já falando. Vai muito da hora.

T: Esta criatividade é importante.
L: Eu tento aproveitar o que está acontecendo.

T: Laís por último no seu depoimento, você acha ser professor. Você por exemplo já está algum tempo como professora, já sentiu o que está certo, o que não está certo. Você gosta de ser professora, quer continuar ser professora, o que você diria pra você mesma ou pra alguém que quer ser professora? O que o professor no mundo de hoje precisa fazer pra dar certo? Primeiro essa criatividade que você fala. Tem que saber trabalhar como criativo, saber trabalhar diversificado.
L: Ficar mais perto do aluno. Hoje em dia acho isso muito importante.

T: Ficar mais perto, quer dizer enxergar ele como pessoa?
L: Às vezes perco muito tempo na sala.

T: Perde e ganha.
L: Por isso que tem que ter conteúdo total. Porque o que eles põe pra gente eu perco. Mais tá ali, às vezes uma conversa, é até difícil de falar. E tá perto, chegar perto.

T: Ele sente, olha para ele como pessoa, você escuta ele.
L: Ter firmeza Terezinha.

T: Não é aquele negócio de aproximar para zoniar, não. Mais de sentir a presença do adulto perto.
L: O tempo todo saber de tudo, estar ligado mesmo. Embora, vem de famílias, a maioria de meus alunos são da Feira de Gado. Quer dizer, eles estão ativos, espertos, estão ligados no que está acontecendo. Se o professor não estiver ligado ali junto.... Eu acho isso importante. Entre aspas "ligados".

T: Tá ligado, tá perto, fazer uma relação de pessoa pra pessoa.
L: Do lado humano deles.

T: Em termos de sistema tem muito conteúdo, muita coisa pra vocês que tem que trabalhar isso. E nessa hora que vocês falam, parecem perdas.
L: Isso. Tem que estar consciente que não é perda, mais...

T: Às vezes esse tempo que você perde, ganhando outro também que te interessa. Legal, gostei do teu depoimento, principalmente dessa vivência mesmo que você sente que é importante, o que vai dar certo.
L: Pra ser professor tem que ter o dom mesmo, especialmente da 1ª a 4ª série. Hoje em dia especialmente como eles estão vindo para serem alfabetizados até na 4ª série, tem que gostar muito. Eu posso falar que eu gosto mesmo, porque eu tive fora. Porque trabalhar com criança no Conselho Tutelar não era minha praia, vamos dizer, é na sala de aula.

T: Aí você voltou pra sala de aula. Legal!

Professora: Carla

C: Criança mesmo chega e fala tô tão chateada hoje, dormi mal, quer dizer...

T: Você trás aqui uma realidade tua com as crianças.
C: Eu acredito que eles, como eu dou aula algum tempo, eles gostam, entendem quando eu entro na sala, bato palma, a minha aula eu procuro fazer com que eles trabalhem junto comigo, não trabalho sozinho, então sempre trata como uma realidade. Hoje nós rimos, uma turminha no pátio, amolamos com esse yoyô: "Olha Lucas a Lara está querendo um yoyô, que tal, você está atrapalhando a aula com yoyô, dá o yoyô pra Lara?". "A não tia, a Senhora compra um pra ela." E guardou. Quer dizer se eu fosse bater boca com ele, discutir com ele que: "não é hora daquele yoyô, guarda isso, você vai usar na sua casa", eu ia criar atrito lá. Numa brincadeira ele entendeu,

deixa eu guardar porque senão a tia Carla vai levar pra filha dela. Quer dizer você tem que fazer com que a criança...

T: Envolver no raciocinio teu. Carla esse caso que você contou do menino, conta um pouquinho, como o aluno tá chegando, olhando para o professor. Achei muito interessante, você vai contar o caso pra gente.
C: Nós temos um professor assim muito tradicional, ele gosta de conhecimentos, de trocar aquela bagagem com o aluno, imensa e aquele constante e sempre: tendo uma distância entre o professor e o aluno. Um certo dia um aluno chegou e falou com ela: "professora porque a Senhora tem duas caras? Lá fora a Senhora sorri, conversa com suas colegas no recreio, e aqui a Senhora entra e é outra." Ela ficou assustada, até magoada, porque ele atingiu a realidade dela e explicou que não. "Como eu gostaria que a Senhora fosse o que é lá fora, seria muito melhor pra nós."

T: Essa é muito boa. Porque acho interessante, porque ele veio confrontar um modelo de professor tradicional que realmente muitas às vezes a gente até incorporava esse papel, você entrava na sala, tinha que ser sério, entrar na sala e ser bravo. O menino quer dizer: "quem é essa professora se lá fora é outra? ".
C: Ele queria que ela fosse a própria professora lá fora, que seria mais fácil pra eles. Isso te atinge. Eles se entregarem, de saberem, o interesse que tem, ela estava todavia distante deles, então eles não conheciam o sorriso dela às vezes. O interesse dela pela vida, eles não conheciam, conheciam aquela distância. O professor não pode ser distante da educação que é o próprio aluno. O educar o aluno. Como você vai ficar distante dele? É difícil.

Professora: H

T: Bom vamos começar a entrevista. Você é professora de que turma?
H: Da 1ª série.

T: Quanto tempo você tem Magistério?
H: Olha lecionei um ano na Prefeitura, um ano no Estado, mais é 2 anos e 6 meses.

T: Agora você passou só aqui?
H: Só aqui.

T: Diz uma coisa, nesse tempo de Magistério, que você tem, como você está sentindo, é pouco tempo, mais você na sua experiência de professora, você percebe que tipo de realidade você está lidando, que tipo de aluno está recebendo, como você descreveria? Como você explicaria que tipo de realidade, que tipo de aluno?
H: Olha Terezinha, o tipo de aluno que estamos recebendo agora estão vindo muito violentos, eu acho que a própria família passa isso pra eles. Estamos recebendo eles muito violentos, a violência tá muito grande dentro da sala de aula, o desrespeito com o professor, ele já não respeitam a gente mais, sabe, eles já encaram a gente de igual pra igual. Estou falando isso pela experiência que estou tendo agora, que mudou pelo ano que eu trabalhei há três anos atrás. Eu acho que já deu uma mudança.

T: Já deu pra você sentir uma mudança quase de pouco tempo pra cá?
H: Eles assim, a gente fala eles respondem no mesmo tom. Uma criança de 7 anos, eu acho um absurdo. Aprendizagem eu acho que caiu muito, o rendimento por mais que a gente faz, eu estou tirando experiência pela sala, a minha sala é bem carente, bem da periferia, então a aprendizagem é fraquíssima.

T: Aqui quantos primeiros tem?
H: São dois.

T: Como é que juntou, pois mais dificuldade numa, ou , classe melhor, com mais andamento na outra? Como foi dividido?
H: Foi dividido assim: uma tem mais rendimento, é lógico, que na outra tem os alunos que tenham dificuldade também.

T: Concentra dificuldade maior na sua?
H: Maior na minha. Trabalho com uma turma boa, uma turma fraca vamos dizer assim. E há um desinteresse muito grande deles. Tem uns que chegam e não fazem nada, passa das 12:30 até as 17:00 hs sem fazer uma atividade. Por mais que a gente fale, fale não está adiantando nada.

T: Você sente, vamos dizer assim, uma desmotivação, estão desmotivados com a Escola?
H: Totalmente.

T: Com sete anos de idade.
H: Com sete anos. Tudo que a gente tenta fazer, estou tentando trabalhar de maneira diferente, pra ver se eu motivo, se eu incentivo. Está difícil até nesse ponto.

T: Como você divide o seu dia-a-dia? Se tá com aluno com tanta diversidade na sala, como você divide o horário, você põe atividade? Como você organiza seu dia-a-dia dentro de sala pra você dar conta?
H: Trabalho com duas turmas diferentes. Faço três atividades diferentes dentro da sala em Português, que são os bons, os fracos e os fraquíssimos que não sabem nada.

T: Você tem aluno que não sabe ler?
H: Tenho aluno que não conhece uma vogal, um número.

T: Aí, me diz uma coisa, você tenta na sala, tem algum tipo de ajuda, você tem recuperador? Como é isso?
H: Tenho. Na minha sala, apareceu uma amiga da Escola. Apareceu aqui na Escola, e como minha sala é muito fraca, aí a Amélia até me chamou se eu concordava em deixar que ela trabalhasse com a turma boa, ficasse na Biblioteca, eu passando as atividades, dando prontas, só ela aplicar, e eu trabalhava com a turma fraca. Eu fico das 12:30 às 14:00 e eu fico com a turma fraca na sala. Houve nesse período, até que houve uma melhora.

T: Você acha que atendeu um pouco mais?
H: Atendeu.

T: Começou agora?
H: Comecei em Outubro.

T: Esses que tem dificuldade são os fracos, você percebe problema de alfabetização, nível silábica, alfabética, eles estão todos misturados, todos os níveis.
H: Entre esses 15, 5 já deram uma melhora com esse trabalho que estou fazendo. Estou fazendo várias atividades como varal, pra ver se motivo. Então já consegui que 5 que dessem uma levantada.

T: Você acha que o problema da diversidade, quer dizer, o aluno levanta quando atendido no que ele está precisando, ele levanta?
H: Ele levanta, ele tem mais rendimento, e eu consegui com esses 5. Tenho aluno que chupa o dedo o dia inteiro, não conhece uma letra.

T: Esse você não conseguiu atingir ainda, parece que está fora do planeta?
H: Ele não liga para nada. Ele é violento, é uma criança violenta, responde de igual pra igual. Ele é totalmente problemático, traz muito de casa. Porque em casa tive conversando com a mãe dele, ela explicou que passam por muitos problemas, que o pai bebe. Isso tudo colabora pra essa violência na sala. Eles são agressivos um com os outros, são palavrões horrorosos dentro de sala.

T: Você acha então que neste tipo de alunado que está chegando, está chegando muito diferente, muito diverso, e a própria escola não tem como lidar com ele?
H: Acho.

T: A gente fica até meio perdido diante dos problemas que não são só pedagógicos.
H: Fica, são todos os tipos: sociais, educacionais. Eles descarregam tudo aqui na escola. A gente tem que saber lidar, e às vezes a gente não está preparada para lidar com aquele tipo de problema, naquela hora. A gente tem que se virar. Tem alunos bons. Eu trabalho com 12 excelente.

T: E até outubro, por exemplo, esses alunos que tinham mais dificuldades foi mais um trabalho que você fez na sala, você não tinha outra forma de superar. Será que se começasse lá na frente daí, teria rendido mais?
H: Teria.

T: Me diz uma coisa, em relação à família, como você sente. Você foi lá conversar com a família desse menino por exemplo, mas de modo geral, os pais vem, conversam, participam. Como você sente isso?
H: Vou falar da minha sala, a minha sala, os pais são totalmente alheios. Reuniões, eu tenho 28 alunos, reuniões vem assim 6, 7. Dos que não precisam, os que precisam, os pais não vem, são totalmente assim, não ligam, não estão nem aí, nem querem saber se a criança está bem, se melhorou, a minha sala é assim.

T: Como é que fica assim, é um contexto dificil de ser professor!
H: Fica muito difícil.

T: Nesse contexto de ser professor, você acha essa questão de ciclo. Melhorou, piorou? Como você acha isso?
H: Acho que piorou. Eu não sei, eu tenho pouca experiência, pela minha idade, eu ainda sou daquele método tradicional. Eu acho que o ciclo piorou um pouco. Passa a criança, ela vai para a 2ª. Elas entendem como passar, eu vou passar mesmo, ano que vem eu aprendo.

T: Então o ciclo acabou ficando assim, mais uma facilidade para passar, e ele não mexeu na sala de aula, não alterou, a sala de aula é a mesma, a única diferença é o tempo.
H: Não alterou, a diferença é o tempo. Prá gente que é professor, piorou. Na minha opinião.

T: A maneira de lidar, de exigir...
H: Porque eles não interessam, na cabecinha deles, tá assim, eu vou para a 2ª. Série ano que vem.

T: Não tem nada que impeça. No caso dos pais, então, que não participam, o aluno desse tipo, que perspectiva você pro professor hoje, para ele dar conta disso, porque essa vem vindo, como é que nós vamos fazer? O que você acha que ainda seria uma alternativa, seriam pistas, o que é possível como professor?
H: Como professor nas escolas teriam que ter recuperadores.

T: Sempre. O ano todo.
H: Aula não só no final, o ano todo.

T: Para poder dar uma ajuda para o professor, para que menino leia. Muito desinteresse do menino, é que não lê.
H: Ele não sabe ler, não sabe interpretar um cálculo, nada.

T: Ele fica desmotivado também.
H: Aí o que ele vai fazer? Bagunça na sala de aula.

T: Então uma alternativa seria esta parte de apoio, uma recuperadora. Que mais você enxerga que seria uma alternativa? Porque num impasse que estamos vivendo, o que faz né?
H: As salas são muito cheias. Sei que isso é impossível, mas as salas são muito cheias.

T: Muito cheias de alunos. Se diminuísse um pouco, poderia dar mais um pouco de entendimento?
H: Talvez se formasse mais salas com menos alunos, a gente poderia atender aqueles alunos que precisam mais.

T: Você tem alguma alternativa mais que você enxerga? De momento você está colocando um recuperador para um número de alunos. Teria mais alguma coisa que você vê, como que professora poderia fazer?
H: Acho que para mim no momento seria isso. Uma recuperadora para o ano inteiro e mais números de salas com menos alunos, que a gente pudesse atender mais as necessidades. Eles vem trazendo não só necessidades de aprendizagem, são carentes de carinho, eles não têm isso em casa. Eu tive um problema seríssimo com um aluno agora de roubo. Um aluno de 7 anos. Entrou na sala da diretora e roubou várias coisas.

T: Esse problema social todo, então está chegando?
H: Está chegando junto.

T: Você faz magistério aqui?
H: Fiz magistério aqui.

T: Você formou em que ano?
H: Formei em 1994.

T: Quando você formou, já começou a trabalhar?
H: Lecionei na Prefeitura, depois no Estado, depois em Escolinha Particular.

T: Na Prefeitura você lecionou em que ano?
H: Em 1995.

T: Eu estava lá ainda.
H: Estava, exato.

T: Você dava aula aonde?
H: No Cristo, no Pré.

T: Eu vi que era conhecida, mas não estava lembrando.
H: Eu trabalhava junto com a Flávia. Ela num Pré e eu no outro.

T: Não estava lembrando
H: Daquele tempo prá cá já senti bastante diferenças.

T: Você vê como a coisa está muito mais rápido do que antigamente. Você falava que era de geração, hoje é de ano para ano.
H: Eu acho assim, Terezinha. O desrespeito com a gente. Eles não têm mais. Eles desacatam a gente. Acho um absurdo um aluno de 7 anos te desafiar. Eu, como professora, recebi um bilhetinho, porque a criança de 1ª série tem a cabecinha de Pré. Tia eu te amo, tia, você é linda! E eu recebi um bilhetinho de um aluno que nem se identificou, mas a gente conhece pela letra. Eu fiquei simplesmente apavorada com o que ele falou pra mim no bilhete.

T: O que ele pôs no bilhete para você?
H: Tenho até vergonha de repetir, é deprimente. Uma criança de 7 anos.

T: Mas o que ele escreveu?
H: Ele colocou pra mim assim: "Tia Cristina eu te amo." Para começar tudo bem. Depois ele colocou: "Tia Cristina, eu quero te comer com a língua." Eu fiquei apavorada.

T: Ele deve ter escutado isso.
H: Acho que ele escuta em casa e reproduz aqui na Escola. Até minha mãe é professora aqui também. Eu cheguei em casa: "Mãe, estou apavorada. Olha o que eu recebi de uma criança de 7 anos." Escrito direitinho, porque essa é uma turminha boa que eu trabalho na sala. Não se identificou. A tia não vai descobrir. Então é isso que a gente está recebendo.

T: Com quantos anos você está?
H: Estou com 29 anos. Mas tem os bons também.

T: Eu acho, que nesse sentido, a gente tem que estar vendo aonde que pode se apegar, para você numa carreira de professor, continuar. Muitas vezes eu vejo assim a escola, nós ainda estamos amarrados, num jeito como você que a gente estudou, falou querendo trabalhar nesse jeito com alunos que não são mais.
H: Aí fica muito difícil.

T: As alternativas tem que começar a aparecer. O que você faz com uma clientela que é assim. Não é a nossa, que não era a de 3 anos atrás. Isso é da escola. O que ela faz com o aluno que ela tem hoje?
H: É um desafio para nós. Porque nem sempre a gente pega um aluno que quer, uma turma que a gente quer. É uma turma totalmente diferente. A minha turma é muito difícil. Eu fiquei um tempo afastada, fiquei uns 2 anos afastada, eu voltei este ano. Então eu já encontrei dessa maneira, tem coisas desse tipo. Que eu fico apavorada.

T: O desafio que nós vamos enfrentar no ano que vem, inclusive eu pretendo trabalhar com escolas do Município. Estado e Município, é exatamente alternativas na sala de aula com o aluno que vem vindo desse tipo, violento, etc., Para que a gente faça do ciclo não o tempo só, mas o jeito diversificado de trabalhar. Eu acho que o professor muitas vezes, busca alternativas de que você faz com todo mundo lá dentro diferente.
H: É porque cada aluno é de um tipo.

T: Acho que essa é a proposta da gente estar estudando o ano que vem.
H: Você perguntou qual a perspectiva, o que a gente quer? Eu acho que a gente devia ter mais apoio na parte de especialistas dentro da escola, principalmente 1ª série.

T: Especialista que você fala inclusive é:
H: Supervisão e orientação. Acho que a gente precisa de mais apoio, de mais ajuda dentro da sala de aula.

T: Prá você saber o que fazer dentro de sala.
H: O que fazer. Às vezes você convive com certos acontecimentos e na hora você não sabe que atitude tomar.

T: Não sabe o que faz, e você acaba reprimindo. Deu problema lá, você não sabe o que faz, fia quieta.
H: É xingar. Você não tem outra opção. Isso para eles não adianta mais. A gente xinga, eles riem, eles falam, eles debocham.

T: Não adianta mais?
H: Não. Depende do aluno, não generalizando.

T: Você percebe que na maioria eles não se importam mais?
H: Na minha sala, a maioria, eu tenho 16 alunos problemáticos.

T: Que afrontam?
H: Isso. E 12 excelentes. Então, eu acho que tive uma dificuldade grande este ano, pelo tempo que fiquei afastada.

T: Talvez pelo tipo de sala?
H: É. Eu peguei uma sala muito fraca, muito carente esse ano.

T: Este ano você pegou uma sala totalmente diferente do passado?
H: Acho, totalmente. Eu gosto do que faço, gosto de ser professora, mas eu acho uma diferença bem grande, dois anos pra cá.

T: Não sei se essa turma, vamos pensar para o ano que vem, o que você vai fazer. Acho que realmente tem que estar procurando. Este está sendo o meu desafio. Eu tenho conversado com Escola, com os professores, e o que o professor está querendo é achar a forma de trabalhar, que interesse aos meninos.
H: Por mais que a gente tente, eles não se interessam. A minha sala é um desinteresse.

T: Acho que tem alternativa. A troca de experiência é muito importante. Às vezes, você encontra professores que falam os meus se interessam. Então o que está acontecendo, com os seus interessam e esses aqui não. Vamos ver aonde que tem alguma coisa pode ajudar.
H: O modo diferente que eu possa trabalhar. Isto que estou tentando agora, até no fim do ano. Mas eu já consegui que 5 melhorassem. Se eu tivesse feito isto a mais tempo, talvez conseguisse todos. Mas acho que já foi uma grande ajuda.

T: Acho seu depoimento muito importante, Consuelo. Porque você assim tem que colocar o que é, aquilo que eu falei prá vocês. Se chegar lá, falar a minha sala ...
H: Não existe uma sala ótima. Por melhor que seja a sala, ainda tem muitos problemas. E apoio de muitos pais também, né Terezinha. Que a gente não tem. A minha sala não tem apoio nenhum, tudo que vou fazer não tenho apoio. Uma reunião de final de bimestre, não tem apoio dos pais, é um absurdo. Teve uma mãe que teve a coragem de falar pra mim: "eu não ligo mesmo pra ele, ele não quer saber, só quer ficar na rua, então eu deixo ele pra rua." Na frente do menino.

T: E aí quando fala na frente, ainda dá força pro menino.
H: Ele já é um problema. Então eu acho o apoio dos especialistas, uma recuperadora, igual te falei. Acho que tem que ter um conjunto, todo mundo trabalhando junto.

T: O que é difícil, tem que fazer uma junção de esforços para enfrentar.
H: Tem. Porque não é fácil. O dia-a-dia com eles não é fácil não. Inclusive os professores de Educação Física reclamam da minha sala, o professor de Religião reclama. É um problema sério. Eu tento motivar, o que eu faço.

T: Aí tem uma coisa, as expectativas também funcionam, de repente eles já começaram a descobrir que a sala deles é uma sala que todo mundo fala, aí eles começam a fazer a fama também. Porque a criança é danada, quando elas começam a perceber que aquela é a sala que o pessoal reclama, eles vão justificar essa fama, porque a gente faz a expectativa que tá em cima da gente.
H: Eles querem mostrar que são da pá virada. Isso não é fácil não.

T: O seu depoimento foi muito importante.
H: Estou fazendo também, talvez não seja a maneira certa de fazer. É tem dia da leitura, tem o dia de atividades diferentes, então o que eu tô motivando: eu vou nessas lojas de 1,99 compro um saquinho de pirulito e deixo em casa. Trago 5. Naquele dia eu tomo a leitura de 10, os 5 melhores ganham. Eu acho que isso tá ajudando.

T: Eles gostam de pirulitos?
H: Adoram. Aí eles são obrigados a ler, a estudar em casa, para chegar aqui e ganhar. Alguma forma tem que dar certo.

T: Porque eu até gosto de saber as maneira que as pessoas enfrentam. Um conta pra mim essa história do pirulito, outra conta a história não sei de que, é dessa busca de alternativa que a gente precisa trazer à realidade.
H: Às vezes a gente consegue não custa nada tentar. Vou buscando, buscando. Uma hora eu acho uma certa.

T: Essa é a que você arrumou, que está dando certo?
H: Que está dando certo por enquanto. Não é todo dia, é uma vez por semana. Senão eles ficam mal acostumados. Mas está incentivando o dia da leitura. Eles ficam louquinhos para ler.

T: Cada modo próprio de arrumar, é importante. Valeu, Consuelo, obrigada!

Professora: S

T: Você é professora de que ano?
S: Do 1°. Ano.

T: Como é o seu nome inteiro?
S: Taís Maria G. G. Rezende.

T: Nossa, tem nome tão comprido quanto o meu. Taís, faz muito tempo que você trabalha como professora?
S: Trabalho tem 18 anos.

T: Sempre com 1ª. a 4ª. Série?
S: É, mais na alfabetização.

T: Aqui no Olímpio de Brito, faz tempo que você está?
S: Tem 10 anos.

T: Conta prá nós um pouquinho, você acha que o aluno está chegando no 1°. ano diferente do passado? Como é que está vindo? O que você acha?
S: Olha, antigamente os prés né, sem aquele negócio de alfabetizar menino no pré. Então trabalhava aqueles conceitos que deveria trabalhar com a criança. E agora não, o pessoal tá assim

preocupada de alfabetizar a criança no Pré. Então tem uns que vem até lendo, mais tem muito conceitos que ficam queimados.

T: Pula as etapas.
S: Então acho que dificulta.

T: Você chega no 1°. Ano, acha difícil lidar com esse aluno, que veio acelerado. Isso no ponto de vista da aprendizagem, da questão da alfabetização, da leitura e mesmo na matemática também?
S: Na matemática também apresenta demais, principalmente esses problemas da materialidade.

T: Daí já vem mexendo com números e às vezes não tem o pré-requisito anterior. Conta pra mim, e do ponto de vista do aluno, se acha que vem diferente, só na maneira dessa aprendizagem ou você sente o aluno como pessoa diferente, a clientela, ou o tipo de clientela.
S: Com certeza. As crianças estão bem mais espertas, em relação...

T: A criança tá mais ativa. Eles vem querendo aprender?
S: Vem sim.

T: No 1° ano eles querem aprender a ler. Você sente isso?
S: Tem aquelas que a auto-estima está baixa, a gente faz um trabalho.

T: Se acha que eles respondem legal. Você sente que a criança quando ela é olhada como pessoa na auto-estima, ela responde melhor do que quando olha como classe inteira?
S: Com certeza. Tem que trabalhar com as diferenças. Eu trabalho muito as diferenças.

T: Você acha importante trabalhar as diferenças?
S: Demais. Este ano foi uma experiência superada. Eu terminei um curso em Varginha de Formação de Professores, então a gente trabalhou, a diversidade.

T: Ah, você fez aquele da ???, a legal!
S: Então este ano eu pude aplicar mesmo, trabalhei bem diversificado. Tinha um menininho, eu e a supervisora achávamos que ele tinha um probleminha. Primeiro a idade dele ele falou errado. Esses dias nós descobrimos que ele fez 7 anos agora. Não tinha feito o pré. Eu faço um trabalho diferente com ele. Já está lendo, uma gracinha.

T: Que legal!
S: Quer dizer, se eu tivesse rotulado ele.

T: Ele já não ia responder. Diga uma coisa, como você sente a família? O tipo de aluno, tem influência a família, a família também ajuda?
S: A assistência familiar está sendo bem fraca. Não sei, as mães trabalhando fora.

T: O aluno fica bem solto.
S: Acho que tem que ser a gente mesmo. Assim, por na cabeça da criança a responsabilidade, que ela tem que dar conta da sua atividade.

T: Esse tipo de formação que você teve, de trabalhar diversificado de trabalhar as diferenças, você é a favor de sala homogênea, heterogênea, quando você pega uma sala, você pega essa sala é mais fraca, esta é mais forte, você acha que facilita o trabalho do professor?
S: Sabe Terezinha, o que eu acho, vamos supor, mesmo que monte uma sala homogênea, tal, tal mais ela vira heterogênea.

T: Pela maneira que os alunos trabalham.
S: Eu gosto de trabalhar com a sala heterogênea, entendeu.

T: Inclusive os mais ajudam os menos.
S: Ajudam, na minha sala, sem trabalho, um coleguinha ajuda o outro. A gente também tem essa parceria com eles. Conscientização de quem vai ser ajudado, não ficar, não se sentir menos que ninguém, porque lá não tem nnguém melhor ou pior, todos nós somos iguais. Mais cada um dentro do seu trabalho.

T: Me diz uma coisa, no dia-a-dia seu, como você faz para trabalhar essas diferenças?
S: Olha, eu tenho atividades separadas. Igual a turminha que eu falei do reforço, faço recorte, monto de acordo com o que eu estou trabalhando com eles, um método que eu crio. Tenho que xerocar para eles, tomo leitura todos os dias e a outra turma outra atividade.

T: Mesmo tempo na sala, diversificando e você cria atividades diferentes. Você acha que isto dá certo?
S: Super certo. Mais o professor tem que ter um preparo.

T: Ela tem que saber trabalhar diferenças. Você acha que a sua formação foi nesse sentido, trabalhar a diferença, por isso que te ajudou?
S: Porque foi 3 anos de curso, e aos poucos você vai trabalhando.

T: Da sua experiência do dia-a-dia, você criou atividades, você tem alguma coisa para contar, que você acha que você faz e dá certo?
S: Esse método que criei, com a turminha do reforço. Comecei a trabalhar por exemplo: a consoante "b" com vogal "a", a consoante "c" com a vogal "a", "d" com "a", só aquele som terminado tudo com "a", daí eu recorto palavrinhas; monto leituras e deu super certo. Eu passei para a colega, falei para ela, no começo a gente cansa, porque geralmente a crianças que tem dificuldades no aprendizado, ela é meio rebeldezinha no começo, até ter confiança nela, aí depois não, começou a ler.

T: Ela ganha confiança, começa ganhar atenção, porque ela aprendeu a ler.
S: Aí o trabalho fica bem mais fácil.

T: Está terminando o ano, você tem aluno que não lê? Essa atividade que você criou deu certo? Todos os alunos estão lendo?
S: Todos, a turma do reforço eu vou conseguir terminar assim, o simples, as dificuldades ficam para o ano que vem. Vou fazer uma apostila para levar pra casa, aí é legal já estão lendo, então vai do interesse deles. Aí quem sabe retorna...

T: Uma forma deles estarem mantendo. Você hoje, como depoimento final, é professora, está enfrentando desafios. Está achando formas de trabalho. O que você acha que um professor hoje, realmente tem que fazer para dar certo ser professor? O que é fundamental?
S: Agora, o ciclo, até nas fitas que eu estava assistindo, perguntando cadê os livros didáticos? Não existem livros didáticos, existe a forma de trabalhar dentro de sala de aula, então saber trabalhar com as diferenças. Isso não é de 1ª série, é de 1ª. até...

T: Universidade.
S: A gente tem que saber trabalhar as diferenças, ninguém é igual.

T: E o professor, para trabalhar com diferenças, ele tem que estudar.
S: Tem que estudar, tem que se empenhar, procurar a forma. Aqui na Escola um relatando a experiência do outro, e vai recriando, a gente encontra alguma forma para dar certo. Não só reclamar... Vamos tentar uma solução que tem. Tem solução pra tudo

T: Agradeço seu depoimento, principalmente esse seu jeito de estar mostrando, acho muito importante, porque a Escola está recebendo aluno diferente, e às vezes tem que trabalhar diferente. Ela quer trabalhar com aquele aluno, que ela tinha e aí descompasso né Taís?
S: É um choque mesmo.

T: Quando você consegue atingir ele na diferença, ele responde.
S: E como. Uma beleza! Minha sala na terça e quinta-feira é uma alegria, de tomar leitura, antigamente era um horror de tomar leitura

T: Nossa!
S: Tem pirulito, a gente brinca. Também eu não facilito não, tem que ser A+ A e positivo, você aprendeu mais tem que ser positivo. Está a maior alegria esses dias. Pra eu me realizar queria alfabetizar adulto. O meu maior sonho é alfabetizar adulto.

T: Hoje em dia, nós estamos querendo, a Prefeitura tinha um projeto de alfabetização de adulto na administração passada, ele parou! É uma coisa difícil de se achar gente que tem a responsabilidade.
S: Eu tenho maior sonho.

T: Ah!, eu vou lembrar que você gosta de trabalhar.
S: Gosto mesmo. A Verinha está na Prefeitura e falo pra ela: "não conformo a pessoa não aprender gente."

T: Não é possível. O Paulo Freire falava isso: "A gente alfabetiza em 3 e 2 meses, é só pegar o vocabulário dele e à partir dele você tocar." Quem sabe nós vamos lá.

Professora: Mariana

T: Mariana, esse ano você está dando qual turma?
M: 1ª série.

T: Então as dificuldades de aprendizagens aumentaram e os interessem diminuíram. Porque você acha isso? Você conhecendo o aluno, o que você atribui isso?
M: Assim, eu sigo a sala, fico uns dois anos com eles pra terminar a alfabetização. Então acho assim, que a família está faltando, muito apoio da família. Eu vejo aqueles alunos que tem interesse, que tem aprendizagem melhor, ele tem acompanhamento em casa. Aquele mais humilde, você vê que ele tem dificuldade, e não tem apoio. Aí vem o desinteresse, a falta de amor, de carinho, de apoio, e a agressividade em casa, a família, estão agressivos com os amiguinhos dentro de sala.

T: Mesmo os de 7 anos?
M: Mesmo, eu pego os de 6, 7 anos. Esses que estão comigo agora que vão completar 8 anos, tem uns que ainda tem 7 anos.

T: Mariana, você percebe na sala é a maioria?
M: Até que a minha sala não.

T: Seria então uma minoria que teria mais problemas, vamos dizer assim. Como é que vocês agrupam, vocês agrupam por exemplo, tem um primeiro ano mais forte, um primeiro ano mais fraco?
M: Não. Pelo heterogêneo.

T: É heterogêneo, mais tem uma concentração?
M: Eu tenho aqueles alunos bons, aqueles regulares, tenho os fracos.

T: E o outro primeiro é a mesma coisa, ou tem mais fraco do lado de lá?
M: Não. É do mesmo jeito, tem bons, fracos e regulares.

T: Isso. Diz uma coisa, como você faz todo dia, o seu jeitão mesmo de trabalhar no dia-a-dia, pra você dar conta dessas diferenças. Porque você tem aluno de todos os tipos. Como você trabalha com ele? Como você divide o tempo e o espaço?
M: Bem diversificados. Tenho que preparar a aula para aqueles bons, que eles terminam rápido, então vão querer perturbar, então tem que ser bem mais puxado para eles. Os regulares trabalho de um jeito e os fracos eu preparo a aula, estou terminando a alfabetização. Então é feito assim Terezinha.

T: E na hora como você põe, coloca as atividades no quadro para os três, ou entrega atividades para os três, como é isso no dia-a-dia?
M: Os fracos mesmos eu faço xeróx. É xerocado. Os regulares, ele vai acompanhar os bons, mais é por etapa.

T: Nada ainda tão rápido.
M: Hoje ele faz uma parte e aí , amanhã eu termino aquela parte que faltou e aqueles outros eu vou sempre aumentando, as atividades, até os regulares chegarem o ponto de alcançar os bons.

T: Você faz plano todo dia, ou por semana? Você divide os horários, português, matemática, história, geografia, ciências? Como é que é?
M: No dia que eu vou trabalhar com ciências, já trabalho com português e matemática, porque ciências já vai lê textos, vai interpretar o texto já inclui o português. Eles perguntam para mim "tia hoje não tem aula de português?" Eu falo "não tem. Nós vamos trabalhar ciências, mais vocês não fizeram interpretação, não fizeram isso?...". História e Geografia também. Procuro fazer, sempre que dá, eu procuro fazer.

T: Como você vê a participação dos pais?
M: Então, eu tenho pais que participam bem, mesmos aqueles humildes, a minha turma, é a minha turma que os pais são bons mesmos.

T: Você aconselha?
M: Aconselho. São meus amigos, entende. Eles tem liberdade de chegar perto de mim e reclamar, falar se gostou, dou toda liberdade. Eu gosto do trabalho deles junto comigo. O que eu falo pra eles, vai depender de vocês e de mim também. Nós dois.

T: Para poder andar juntos. Me fala uma coisa, agora no final do ano você tem aluno que não lê?
M: Vieram dois. Eu tinha 38 alunos ano passado, só dois meus que eu não tinha terminado com eles a alfabetização. Agora já estão lendo, não estão lendo assim corretamente, mais já estão lendo, estão alfabetizados.

T: Eles estão com você desde o ano passado?
M: Estão.

T: Você recebeu aluno novo?
M: Recebi, um só. Aí são três, mais já estão no nível...

T: Nível de acompanhamento.
M: Não estão muito preparados, mais faz interpretação mais simples.

T: Você, a experiência que tem, o tipo de aluno que está vindo etc. O que você acha, hoje pra dar conta desses alunos, dessa realidade toda, é mais importante o professor fazer , a Escola fazer? O que fazer? Mais pro lado do professor, professor hoje pra dar certo na sala de aula, tem que fazer o que?
M: Esses que tem dificuldades, teriam que ser recuperados. Mais o próprio professor recupera-los, não outra pessoa. Acho assim, fosse uma outra professora pra minha sala e ficaria com os bons. A Amélia fazia isso o ano passado, e eu ficava com os que tinham dificuldades. Porque eu que sei as dificuldades dos meninos.

T: É difícil quando você passa pra outra.
M: Acho que sim.

T: Esse então seria o jeito?
M: A minha maneira de aplicar, gostaria que fosse assim. Porque eu já trabalhei assim quando nós tínhamos o módulo 2 quando eu comecei a trabalhar e funcionava Terezinha, Porque agora só de meia hora hoje na Ed. Física, só amanhã alguma não funciona.

T: Teria que ter essa sistemática. Você viu uma outra para ser professora, pra dar certo, além da fase da recuperação, tem alguma coisa mais que você acha importante. Ele fazendo esse trabalho já vai ajudar?
M: Eu acho que pra mim só isso mesmo, as especialistas ajudam muito a gente, a gente tem muito apoio.

T: Escolhe mais esse tipo mesmo de acompanhamento.
M: Na minha maneira, teria que recuperá-los, não outra pessoa, como recuperadora, ela vai com outra pessoa, ela não sabe das dificuldade do aluno. Como você vê, a minha sala, eu sempre segui a minha sala. Da certo.

T: Esse negócio de seguir dois anos, você acha bom?
M: Eu acho, funciona.

T: Mariana, pra até poder finalizar seu depoimento você acha que nesse tempo de professora, criou algum tipo, alguma técnica, você faz alguma coisa na sala que você inventou e que vai dar certo com os meninos?
M: Faço.

T: Acho que a gente tem o jeito próprio, costumo fazer um jogo, fazer aquilo. Dê um exemplo.
M: Como a Amélia fala a gente faz tanta coisa e não registra.

T: De repente você pega uma revista de Educação e vê uma coisa e fala nossa eu faço isso, até melhor, diferente, mais você não saiu na frente, porque você não registrou.
M: Agora, que nós fizemos o teatro, que a Cristina andou tirando fotos. Mais não registrei, depois eu falo assim: "porque não registrei?" Tenho que registrar.

T: Você costuma fazer muita coisa? Dá um exemplo.
M: Na parte de teatro, em setembro no aniversário de Três Corações, fizeram uma Maquete, dividimos história, geografia. Cada um fez de um bairro, eles que escolheram. Então ficou uma gracinha.

T: Vocês criam um projeto com eles, a coisa funciona, eles gostam? Vocês acostumaram fazer sempre com eles?
M: Funciona sim, eles gostam. Já começo desde a 1ª. Série.

T: E vocês combinam com eles, faz com eles?
M: Deixo eles escolherem, dou o tema, cada um escolhe, em equipe.

T: Eles trabalham bem?
M: Trabalham.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENT
SEÇÃO CIRCULANTE

T: O assunto que eles acham interessante, vão pra frente?
M: É, tem maquete que tem o dedinho do pai ali, mas tem o dedinho do menino que é uma gracinha. Valorizo muito aquele menino.

T: Então você acha que quando o professor cria e faz umas coisas para poder interessar os meninos, eles se envolvem?
M: Sai da rotina. Eu enjoo das coisas massantes, eu não gosto.

T: Em termos de sistema, de Lei, tem muitas coisas que são maçantes, é parada...
M: Em história e geografia, eu trabalho só assim.

T: Aí eles vão fazendo, vão trazendo.
M: Depois coloca lá fora para exposição. A Cristina tirou foto das Maquetes, dos teatros e não sei se mandou revelar.

T: Depois quero ver. Me diga uma coisa, você que está vivendo todo dia dentro da sala de aula, todo esse tempo de experiência, você acha que o ciclo funciona?
M: Até a 2ª série eu concordo. Porque às vezes o menino é muito imaturo com 7 ou 8 anos de idade. Agora que estão começando com 6 anos, eu acho bem mais, até a 2ª série acho bom sim.

T: Depois você acha que deve segurar?
M: Deveria segurar.

T: Do 1° e 2° para dar tempo para a alfabetização?
M: É, para terminar. Sempre trabalhei assim e vejo que dá tempo. O professor querendo dá tempo, Terezinha. Mas o professor também tem que querer, gostar.

T: Aí se deixar vai só passando ... aí não dá.
M: Eu não concordo com o menino da 5ª série não saber nada.

T: Isso aí não pode deixar passar. O menino da 1ª. Série não alfabetizou, a 2ª. Série terá que alfabetizar. Se na 2ª série alfabetizasse?????????????? não tinha problema na 3ª e 4ª
M: Ciclo para mim seria até a 2ª. Série.

T: Mariana, então você acha que a Educação do jeito que ela está trabalhando, todo o tipo de necessidade de estar mudando, se acha que ela tem que mudar mesmo, ela está no rumo certo?
M: Terezinha, eu concordo. Eu comecei a trabalhar na época do tradicional, fase quando eu comecei, mais eu já mudava muito, não aceitava aquilo. Então eu acho que tem que mudar sim, pra melhor, mais tem que ter algumas, como se diz, tem que haver mudanças, mais não totalmente, só até 2ª série.

T: Uma virada de ponta cabeça?
M: O que está acontecendo aqui no ginásio. Eu acho até muito humilhante para o aluno chegar na 5ª. Série e não saber ler. Vejo os meus alunos pequeninos quando alguém fala alguma coisa, já levanta e grita...

T: Numa 5ª série é complicado. Mariana, foi legal. Obrigada pelo seu depoimento.

SUMÁRIO

VOLUME III

Anexo 2 163

Anexo 3 165

Anexo 4 167

Anexo 5 168

Anexo 6 169

Anexo 7 170

Anexo 8 171

Anexo 9 172

Anexo 10 173

Anexo 11 174

Anexo 12 175

Anexo 13 176

Anexo 14 177

Anexo 15 178

Anexo 16 179

Anexo 17 180

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Anexo 18 190

Anexo 19 192

Anexo 20 193

Anexo 21 195

Anexo 22 199

Escola 1 199

Escola 2 222

Escola 3 239

Escola 4 265

Escola 5 280

Escola 6 296

ANEXO 2

Data: 04-02-97
Horário: de 13 h 10 min.

Atividades realizadas:

Reuni com a Diretora e Supervisora Pedagógica para esclarecer dúvidas sobre a Resolução nº 7915/96 - CBA e orientar a realização do diagnóstico que irá consubstanciar a Proposta de atendimento aos alunos do CBA de acordo com a Resolução, diga, Instrução nº 005/97.

Levantei nº de alunos e turmas para confirmar o Quantitativo de Pessoal da Escola e preenchê o Quadro de Pessoal

Repassei a circular nº 17/97 que solicita o envio Curricular do CBA a 4ª série.

Divulguei o Calendário de Recesso Escolar para 1997.

Repassei o Formulário de Oferta de Dados - OE - que deverá ser encaminhado à 1ª SEE devidamente preenchido até o dia 17-02-97.

Observar as instruções da Circular que o acompanha e as orientações do treinamento realizado em 1996 sobre o assunto.

Dei conhecimento da Solicitação da SEE quanto a comemoração festiva da volta às aulas no dia 05-02-97 com a participação da comunidade

Atendi mãe de aluno com idade inferior a 7 anos

Três Lagoas, 04 de fevereiro de 1997

[illegible] Insp. Escolar 580845 Matrículas 183.498.5-02

De cada visita, o inspetor lançará termo, em livro próprio, no qual fará as apreciações, as recomendações e as advertências que julgar oportunas ou necessárias, sob todos os aspectos da vida escolar.

Até o dia ____ de cada mês, o inspetor remeterá ao coordenador de serviço

cópia dos termos de visita lançados no mês anterior, com o "ciente" e a assinatura do diretor da escola.

E. E. Prof. Clovis Salgado.
Horário: 7:45 h às 12:00 h
Atividades

Em visita a este estabelecimento, realizei as seguintes atividades:
- visitei as salas de aulas e demais dependências. Constatei que existem alunos faltosos e solicitei aos próprios alunos que hoje faltam às aulas e incentivar a freqüência dos alunos faltosos. Constatei também que há necessidade de reformar as colunas que sustentam as caixas d'água, pois as mesmas estão enfraquecidas com o peso;
- Entreguei cópia da Resolução nº 2.289/77, sobre a Caixa Escolar, com o objetivo de orientar na eleição da nova diretoria que deverá acontecer em breve;
- Entreguei a Circular nº 039/97, da SDAP, de 06.03.97 - Prêmio Incentivo à Educação Fundamental; Grade Programação da TV Escola - Boletim 01/97 - de 14.02 a 30.04.96, digo 30.04.97;
- Informei à Sra Diretora que: deverá fazer o encerramento do Livro de Ponto /96, deverá atualizar as fichas funcionais de professores e servidores; elaborar a Emenda ao Regimento Escolar, incluindo as alterações ocorridas com a publicação das Resoluções nº 7.915/96 - MG. 24.12.96 (CBB) e Nº 7943/97 - MG. 01.03.97 (Colegiado Escolar); encaminhar à 41ª SEE, a Declaração de Bens e Direitos que deverá ser arquivada em sua pasta.
- Divulguei o Decreto nº 38.688, MG. 5.397, sobre Colegiado Escolar.
- Verifiquei o rascunho do Q.I - Pessoal e Q.I - Turmas e Alunos.
- Entreguei papeletas e IAs para aquisição e/ou corrigir.
- Analisamos a pasta e a ficha funcional da professora Jacqueline do Carmo Jorge. Te de Mª das Graças Oliveira.

Três Corações 14 de março de 1997.

CIENTE - DIRETOR - Nº REG. OU AUT.	ASS. DO INSPETOR	MASP
0991/93 Dom Bosco	MBMoraes	290.919-0-2

ANEXO 3

Três Corações, 09.03.99.
Horário: 14:10 às 16:20

Atividades:

Fiz o repasse do ofício circular nº 020/99, com a seguinte observação: "mudança de carga horária no manual que vigorou até 31.08.93. A partir de 01.09.93 verificar a tabela nova conforme o Decreto nº 40.008/99.

Entregar na 41ª S.R.E. para equipe pedagógica, ata com aprovação pelo colegiado referente ao P.D.E.

Ficou prorrogado para o mês de maio Assembléia Geral do Colegiado, conforme FAX nº 0104/99 de 02.03.99.

Esclarecimentos sobre a Resolução nº 006/99, sobre Férias-prêmios. Cópia do Port. de 23.02.99 de Ana de Lourdes Carvalho, referente a BIM.

Conferência do Quadro de Pessoal.

Inspetora Escolar: Ana Maria 346.849.3
Ana Maria - D3C

Termo de Visita

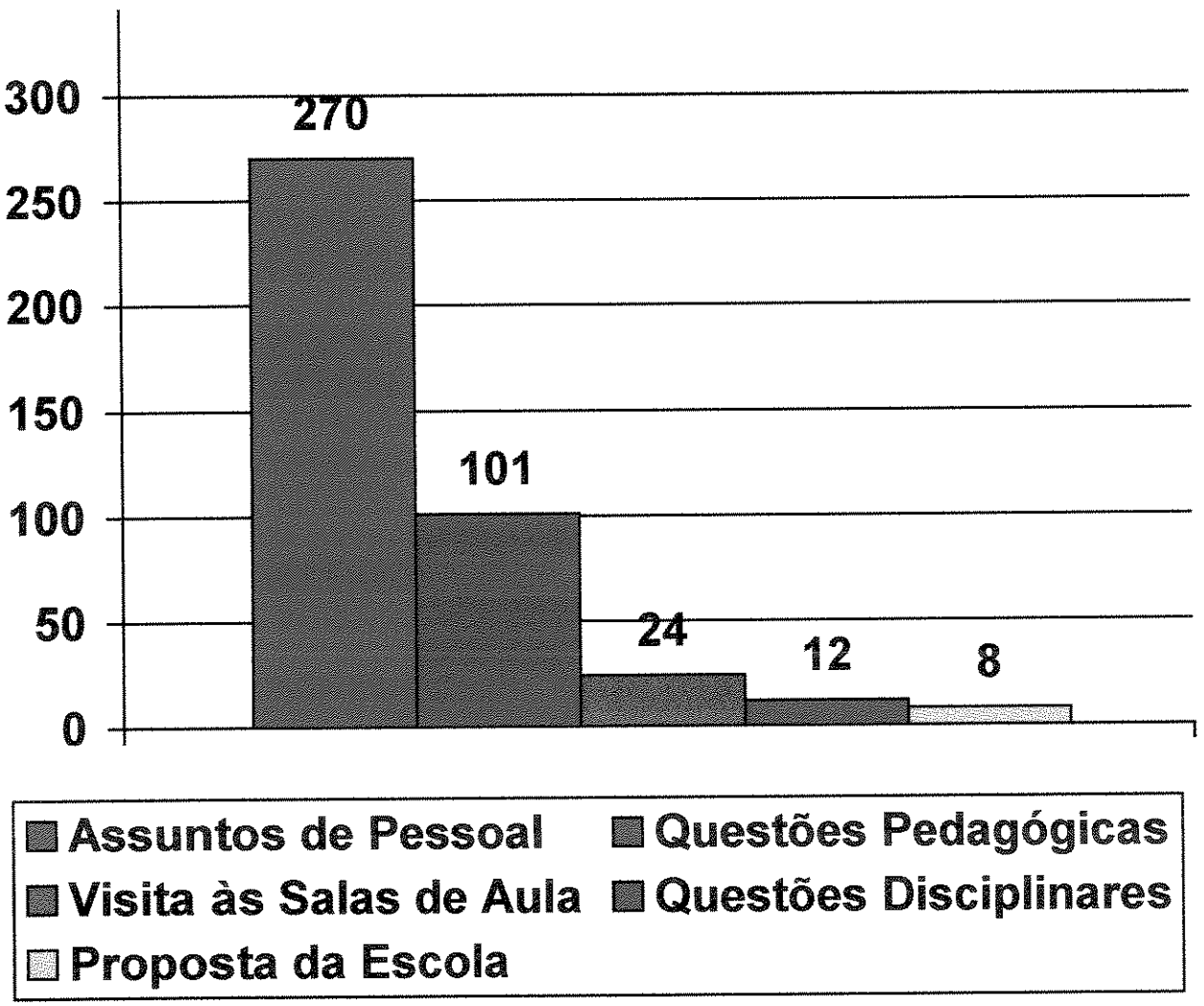
E. E. "Godofredo Rangel", diga, E. E. Jorge Aveliar Neto
Data: 10/08/98
Horário: De 9h 40 min. 10 h e 15 min.

Atividades realizadas:

Formalizei o processo de Avaliação de Desempenho, após correção na tabela de pontos que não continha o nº de itens.
Assinei Histórico Escolar e Ata de alunos maior de 16 anos que solicitou o Histórico para fins de trabalho: Res: 7718/95.
Verifiquei outras questões de pessoal e pedagógicas da Escola.

J. G. Ribeiro - Resp. Escolar - 018044-5
Barros Diretora 114591-1

ANEXO 4
ANÁLISE DO LIVRO
DE TERMOS DE VISITAS



Total de 341 analisados

270 – assuntos de pessoal
101 – questões pedagógicas
24 – visita às salas de aula
12 – questões disciplinares
8 – proposta da escola

ANEXO 5

Três Corações - MG

Data 05.03.98

Objetivos: Acompanhar a composição do Quadro de Pessoal da Escola e outros

Atividades:

- conferência do "Quantitativo do Quadro de Pessoal" com base na Res. 4115/97;
- esclarecimentos sobre faltas (número permitido 2 consecutivas, 29 dias letivos);
- esclarecimentos sobre procedimentos necessários à solicitação de "ajustamento funcional" nos termos da Instrução Normativa 01/96;
- comentários diversos.

J.G. Brasileiro

Marilia das Graças Brasileiro
Inspetora Escolar
Masp. 319.017 - Reg Mec 004 MS

Marilia das Graças

ANEXO 6

Data: 07.04.97
Horário: De 7h e 40 às 10 h 40 min.

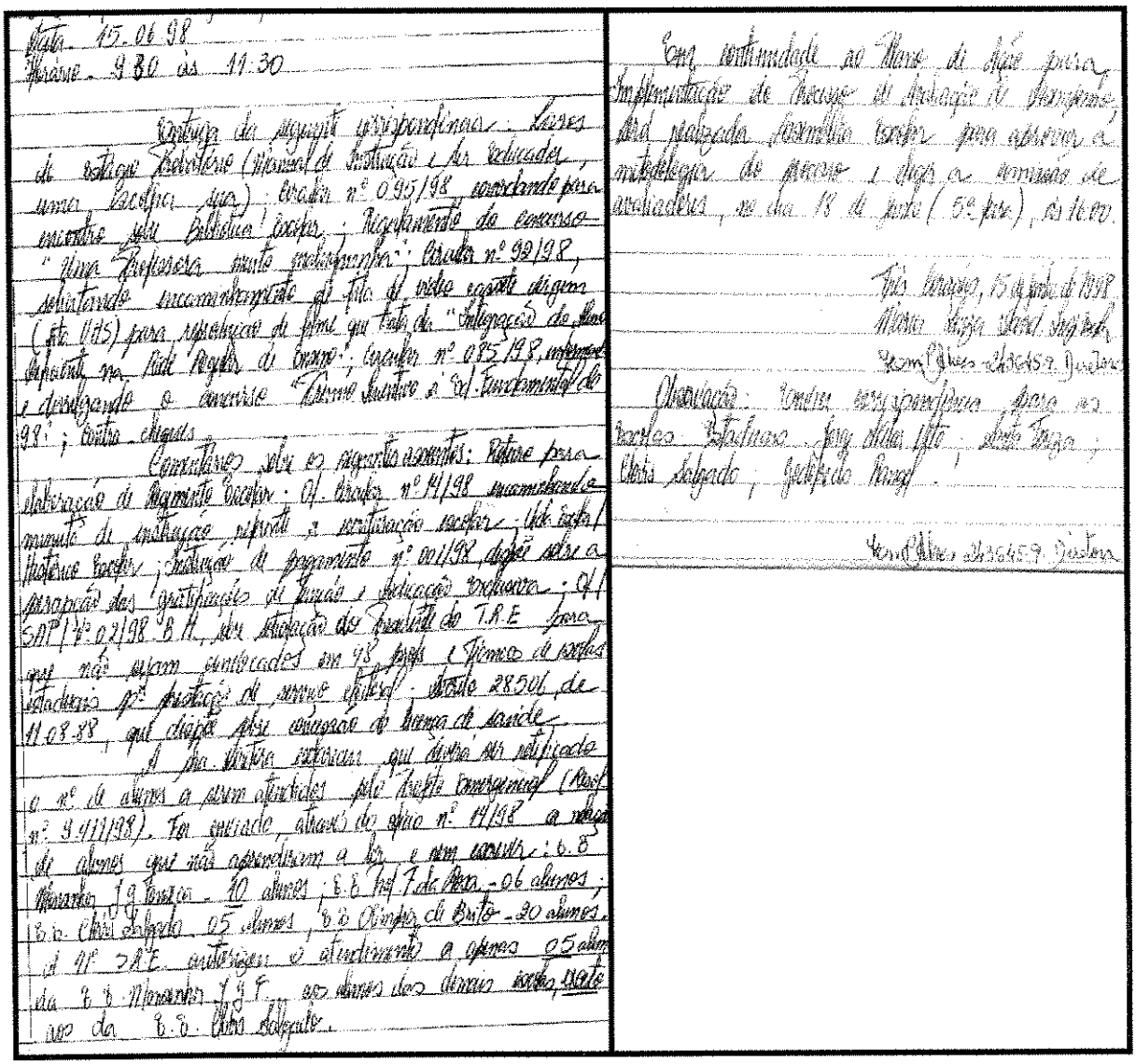
Atividades realizadas:

- Conferi o Formulário Estatístico CDE. 1/97 que deverá dar entrada na 41ª SRE até o dia 11-04-97
- Entreguei o Ofício-circular nº 79/97 da DASEN/Equipe de Aposentadoria e verifiquei que nesta Escola não existe processo de aposentadoria aguardando publicação de benefícios.
- Analisei o Estatuto do Colegiado Escolar, já reformulado tendo em vista as alterações impostas nas legislações específicas. Orientei as alterações pelas quais o Regimento Escolar deverá passar considerando a mudança na legislação.
- Repassei a Circular nº 051/97 da DAP sobre Histórico Escolar.

Três Corações, 07 de Abril de 1997

Rita de Cássia Ribeiro - Resp. Escolar 580849-5
Maria Helena Moraes - Diretora 183.498-5-02

ANEXO 7



Data - 15.06.98
Horas - 9.30 às 11.30

Ordem de trabalhos: Leitura de correspondência (circular da Direcção Regional de Educação, uma Escola sua); Circular nº 095/98, encarregando para encontrar uma Bibliotecária Escolar; Recrutamento de concurso - Uma Professora muito predisposta; Circular nº 92/98, solicitando encarregado de Educação de aluno (fls 1185) para regularizar de forma que tal da "Integração de Alunos deficientes na Rede Regular de Ensino"; Circular nº 085/98, informando e divulgando o concurso "Ciência Viva" 2ª Ed. Encerramento do 98; Outros assuntos.

Comentários sobre os seguintes assuntos: Leitura para elaboração do Regimento Escolar; Of. Circular nº 14/98 encaminhando minuta de instituição referente à constituição escolar; Lei Quadro Educação Escolar; Instrução de programação nº 001/98 dispõe sobre a preparação das qualificações de Direcção e Educação Preescolar; Of. SAP/Nº 02/98 B.H. sobre distribuição dos Produtos do T.R.E para que não sejam contratados em 98 pelas Câmaras de postos Estatutários por prestação de serviço efectivo; Decreto 28506, de 11.08.88, que dispõe sobre assistência na doença de saúde;

Uma Circular referindo que deveria ser retificado o nº de alunos a serem afectados pelo Decreto Regulamentar (Resp nº 9.9.11/98). Foi enviado, através do ofício nº 14/98 a relação de alunos que não aproveitaram a Luz e nem carvão: E.B. Fernando Lopes - 10 alunos; E.B. Frei J. de Alva - 06 alunos; E.B. Chão Salgado - 05 alunos; E.B. Olivais de Baixo - 20 alunos. A DRE autorizou e atendeu-se apenas 05 alunos da E.B. Fernando Lopes os demais ficaram para a E.B. Chão Salgado.

Em continuidade ao Plano de Acção para Implementação de Projecto de Animação de Bibliotecas, será realizada Assembleia Escolar para eleição e constituição de grupos e dias e comissão de coordenadores, no dia 18 de Junho (5ª feira), às 16.00.

Vila Franca, 15 de Junho de 1998
Maria Luiza Abreu Rodrigues
Com Oliveira 2456459 Docente

Observações: Ordem dos trabalhos foram os Docentes Jorge Alves Leite; Maria Luiza; Maria Salgado; Gabriela Rosa.

Com Oliveira 2456459 Docente

ANEXO 8

Horário: 13 h 10 min às 14 h 45 min

Circunstâncias:

Estive neste estabelecimento com o objetivo de conferir o CDE - 2/96. Constatei que o documento não foi preenchido. Solicitei que o mesmo seja encaminhado à 41ª SRE até o dia 18 fev 97.

Constatei que houve recesso nos dias 13 e 14 de fevereiro. Solicitei à Sra Diretora que encaminhe Ofício à 41ª SRE informando a reposição dos mesmos.

Transmiti orientações para a elaboração do Histórico Escolar da aluna Elenira G. Velloso que ingressou no CBAE em 1994, após avaliação (exame classificatório), com base no Art 30 da Resolução CEE nº 228.

Verifiquei e assinei (D.I - Cargo / Função Pública).

Analisei, junto com a Especialista Silvana, a Instrução nº 001/97, da 41ª SRE, tendo em vista a operacionalização da Instrução 001/97 da SEE.

Orientei sobre o preenchimento dos Diários de Classe do CBA, utilizando asteriscos conforme os anos de escolaridade dos alunos, para preencher a coluna "Tipo" de ensino. Alertei sobre o preenchimento atualizado do "Resumo Anual da Turma", garantindo dados fidedignos e maior facilidade para consultas aos mesmos.

Três Corações 17 de fevereiro de 1997.

INTE - DIRETOR - Nº REG. DO AUT. 077/93	ASS. DO INSPETOR	MASP
Ana Graciela - 319 128-5	Moraes	290.919-0-2

ANEXO 9

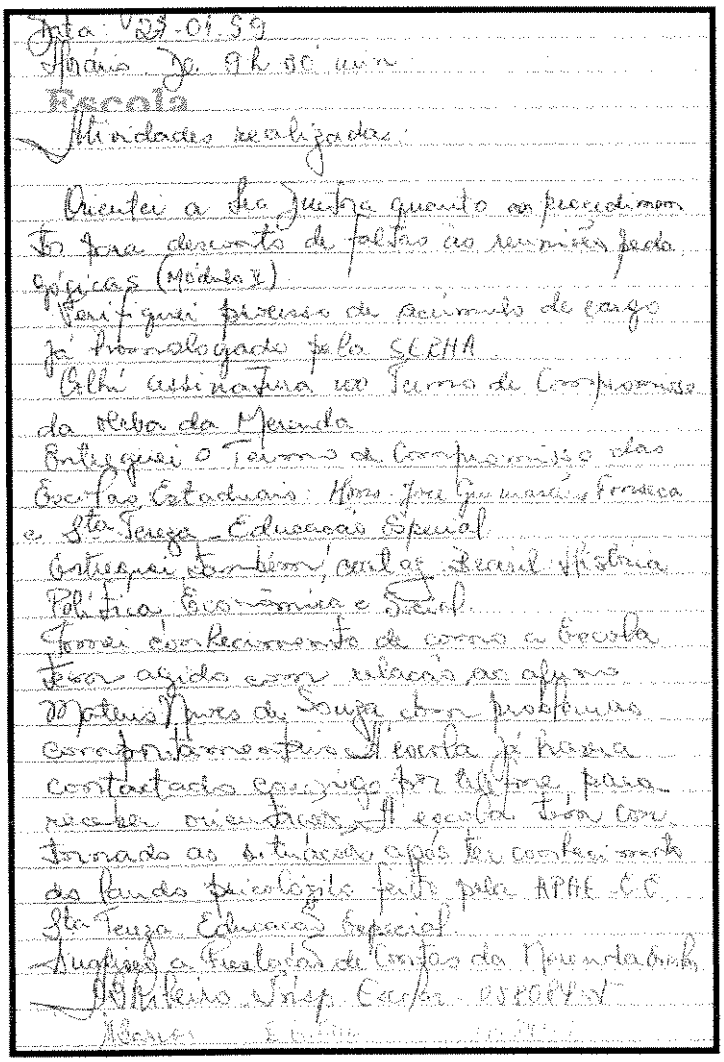
Três Corações, 14 de abril de 2000.
Horário: 14:15 às 15:30

Atividades desenvolvidas:

Orientações sobre o Censo Escolar de 1999, na próxima visita fiquei de sanar dúvidas do Censo referente ao ano 2000.
Recebi um telefonema de Liliane questionando sobre o horário da Supervisão, dei a carga horária semanal de 24h para o turno e a escolha de horário são atribuições da Diretora da Escola.
Irei verificar com a Vanessa - D.I.O.A.P. sobre uma aluna com 07 anos, já alfabetizada e produzindo textos na 1ª ano básico, a possibilidade de classificação, pois a aluna não para na sala de aula.

Inspetora Escolar: [illegible]
Diretora: [illegible]

ANEXO 10



Data: 22-01-99
Horário: de 9h às 11h
Escola
Atividades realizadas:

Orientei a Sra Juntra quanto ao procedimento para encaminhamento de faltas às reuniões pedagógicas (Módulo II)
Verifiquei processo de acúmulo de cargo já homologado pela SECHA
Colhi assinatura no Termo de Compromisso da Merenda
Entreguei o Termo de Compromisso das Escolas Estaduais: Hons. José Guimarães Fonseca e Sta Teresa - Educação Especial
Entreguei também, aos Setor: Hist. Política Econômica e Social.
Fiquei esclarecimento de como a Escola deve agir com relação aos alunos
Mateus Nunes de Souza com problemas
Comportamentais. A Escola já possui contatos com pais por telefone, para receber orientação. A Escola ficou com formado as atividades após ter conhecimento do laudo psicológico feito pela APAE C.C.
Sta Teresa Educação Especial
Sugerido a Readaptação de Contos da Aprendizagem
[illegible] Ribeiro Insp. Escolar - DEPARTAMENTO
[illegible]

Data 05.10.98
Horário 19:00 às 22:00
ESCOLA ESTADUAL I

Atendendo pedido de vereador de Colégio (aparte dos pais) compareci à Escola para verificar se haviam professores em Colégio Estadual. Conversamos à Diretora [illegible] de Colégio e pais de alunos da noite, [illegible] Diretora de Escola [illegible]
Esta [illegible] foi [illegible] pelo Colégio [illegible] professores [illegible], e de aprendizagem, [illegible] em alunos da 4ª série [illegible] professores [illegible] a professora [illegible] e [illegible]
[illegible] a Diretora [illegible] [illegible]

manifestaram [illegible] que a professora apresentou justificativas não convincentes. [illegible] [illegible] relação [illegible] do Colégio [illegible] [illegible], [illegible] a [illegible] [illegible] [illegible]. O [illegible] será encaminhado à 11ª SAE.

São Lourenço, 05.10.98

[illegible] - DSC

ANEXO 11

Três Corações, 08/04/99
Horário: 15:10

Atividades:

Reunimos para tratar sobre uma reclamação do pai Alberico, aluna Camila da 2ª série da professora Miriam Dorica, deste estabelecimento. A referida professora está advertendo que durante uma reclamação que esteja presente, junto com a Diretora / ou especialista para se defender. Porém, a Sr.ª Diretora não acha conveniente chamar a professora para conversar com o(a) reclamante, por pode haver agressão. Sugeri a prof Miriam um trabalho de equipe com outros professores e especialista, pois temos que trabalhar em harmonia para realizar mos (sic) atividades satisfatoriamente.

A professora Miriam também reclamou de assunto referente aos anos anteriores. Solicita a Diretora para este ano faça Relocação de Desempenho, pois foi falado que a prof Miriam e outros, não tem pontualidade, onde os próprios professores reclamam se este é seu ano, que não consegue chegar no horário (todos os dias). A Diretora Geraldina em reunião (sic) que o relatório de cada um seja de seu conhecimento, para que ela possa sempre justificar e defender os professores.

Contudo é preciso haver o para e se comunicar, e ter uma responsável pela escola pra ter parâmetros.

Encerramos esta reunião com o compromisso da prof Miriam, estar disposta a atender os horários dos alunos, pois completa que todos nós estamos aqui trabalhando em função do aluno.

Pedimos desculpas pelo ocorrido e traçamos procedimentos para o êxito.

Sup. Escolar
diretora
professora
Ass. Pedagoga

ANEXO 12

Data – 19.10.98
Horário: 9:30 às 11:40

Foi encaminhado à Sra Diretora, em 18.10, o ofício nº 584/98, do DASEN - 16.10.98, comunicando decisão a respeito da prof. Graciela Ap. de Prado.

A decisão foi tomada com base nas Atas de Adequação, nas manifestações escritas das professoras novamente listadas na escola, nas orientações emanadas do serviço de Supervisão Escolar, nas disposições das portarias das Salas e nas instruções da Sup. Escolar.

A professora será aproveitada imediatamente na própria escola, na recuperação das alunas do Projeto Emergencial do CDH, até que se processe a mudança de lotação no início que ocorrerá após 04 janeiro 99, respeitando o período eleitoral de 60 dias.

A equipe de supervisão escolar continuará orientando a professora, aplicando avaliação de desempenho.

Em 19.10 conversei com a profa que já havia sido comunicada da decisão pela direção da escola. Fiz a mesma esclarecimentos sobre a decisão e sobre sua nova função, solicitando a mesma empenho e dedicação ao trabalho a ser realizado durante nossos horários de aulas, de planejamento e de recreio.

Fiz repasse das seguintes orientações: Aviso nº 211/98, de 22.09.98, instituindo o "Dia Azul", a se realizar em 30.10.98; Retomar recomendações sobre serviços de digitação, fracionamento de aulas, Termo de Visita Diretas, Ofício circular nº 209/98, do DASEN, esclarecendo sobre dispensa de serviço aos servidores requisitados pela Justiça Eleitoral; preenchimento de Ficha Escolar de aluno ingressante do 1º ciclo do E.F. (modelo já preenchido); instrução 01/98, republicada em 10.10.98, pág. 03, nº 02.

Encaminhei a seguinte correspondência às escolas: Diretoria Educação Geral nº 3, setembro/98 (para todas as escolas), Circular 031/98, referente PAR Projeto Piloto de Inovações Curriculares e Capacitação de Profs do 2º ciclo do E.F. da rede estadual de MG (6 à DEP, 2 à SRE, 23 OB); contra-cheques de funcionários; Circular nº 199/98 encaminhando fita VHS e livros da série "Integração do aluno deficiente na Rede Regular de Ensino" (3 livros) (2 à OB e 2 à MJE); processo seletivo Universidade de Uberaba/99 (4 Pólos) (p/ todas as escolas).

Três Corações, 19.10.98
Maria Luiza Viana Professora

ANEXO 13

Data: 09.10.97
Horário: 12:30 as 15:30

Atividades
- Preenchimento das fichas do CBA.
- Reunião com a Pedagoga Ana Lúcia e a professora Heloisa Magda, Ana Emiliana a respeito do Projeto Emergencial do CBA onde trocamos experiências e solucionamos dúvidas.
- Visita as salas de aula e na sala do projeto Emergencial onde constatamos a inteligência dos alunos.

Três Corações, 09 de outubro de 1.997

Inspetora Escolar 291/06.7

ANEXO 14
LIVRO DE TERMOS DE VISITA

ESCOLA	ANO	Nº	CONTEÚDOS
BUENO BRANDÃO	1997	27	Predominam as abordagens quanto a assuntos de pessoal (em 18 deles); em 9 são citados visitas às salas de aula do projeto emergencial; em 15 assuntos pedagógicos; em quase todos, entrega de correspondências e circulares do sistema de ensino
	1998	21	Nas 21 visitas, assuntos de pessoal; em 4 – aparecem questões pedagógicas e em 8 entrega de correspondências e circulares do sistema.
	1999	16	Em 13 delas, assuntos de pessoal e em nenhuma delas, aparecem questões pedagógicas
	2000	14	Nas 14 visitas, aparecem assuntos de pessoal; em 2 – questões disciplinares; - eleição de colegiado em 3; 1 sobre ciclo; 1 sobre a proposta pedagógica
MONSENHOR FONSECA	1997	28	Em 21 delas, assuntos de pessoal; em 10 – questões pedagógicas
	1998	10	9 são sobre assuntos de pessoal, com enfoque em avaliação de desempenho
	1999	16	8 são sobre assuntos de pessoal; 4 sobre eleição de diretor; 2 para questões pedagógicas e em 13 predominam assuntos administrativos
	2000	16	Em 10 assuntos de pessoal; em 9 são questões administrativas; o pedagógico aparece em 4 e 3 são sobre eleição de colegiado
CLÓVIS SALGADO	1997	25	19 são sobre assuntos de pessoal; o pedagógico aparece em 4; visita à sala de aula em 2; colegiado aparece em 1 e administrativos nas demais
	1998	13	8 são sobre assuntos de pessoal; em 7 aparecem questões pedagógicas e nas demais aspectos administrativos
	1999	7	6 são sobre pessoal; em 1 delas, o pedagógico e em 1, visita à sala de aula
	2000	15	10 são sobre assuntos de pessoal; o pedagógico aparece em 7 e em 1 delas, aparece uma questão disciplinar
JORGE AVELAR	1997	22	15 são sobre assuntos de pessoal; em 9 aparece o pedagógico e citam-se visitas à sala de aula em 3
	1998	12	Nas 12 visitas aparecem assuntos de pessoal; em 6 delas abordam-se questões pedagógicas
	1999	11	Em 9 são assuntos de pessoal; 5 contemplam questões disciplinares de alunos e aparece também a problemática de poucos alunos na escola
	2000	9	Em 5 são assuntos de pessoal; em 3 aparecem questões pedagógicas; em 1, a escola desiste de fazer projetos no PAIE e a temática de poucos alunos na escola, continua.
FRANCO DA ROSA	1997	30	Em 20 trata-se de assuntos de pessoal; em 11 delas o pedagógico marca presença e em 5 visitas à sala de aula do projeto emergencial
	1998	20	16 são sobre assuntos de pessoal; - o pedagógico comparece em 5; - e em 1 cita-se visita à sala de aula
	1999	11	10 são sobre assuntos de pessoal; pedagógico em 3 e visitas em à sala de aula em 2.
	2000	10	8 são sobre assuntos de pessoal; - o pedagógico aparece em 6 e visita à sala de aula em 1
OLÍMPIA DE BRITO	1997	---	Sem arquivo em decorrência da enchente
	1998	---	Sem arquivo em decorrência da enchente
	1999	---	Sem arquivo em decorrência da enchente
	2000	8	Em 7 aparecem assuntos de pessoal; em 2 são tratadas questões pedagógicas

ANEXO 15

Data 25-09-97
Horário de 13 h e 10 min às 14 h e 40 min

Atividades realizadas

Entreguei processo de averbação para ti aguinaldo.
Verifiquei que o formulário de atualização dos dados da Escola já foi encaminhado à 41ª SRE.
Entreguei a Circular nº 180/97 que prorroga o prazo de inscrições para o Prêmio FIEMG "Jansen Arruda - Gazeta Empresa. Escola Pública.
A Escola não recebeu ainda o Relatório da AVAD. Informei a Sra Diretora que faremos um trabalho a partir do Relatório.
A Diretora solicitou minha presença na Escola no dia 30-09-97, às 16 h e 30 min para substituir os professores no período de participarem do Programa de Capacitação de Professores tendo em vista que os mesmos manifestaram que não desejam participar.
Discutimos alguns problemas de serviços e professores.

Três Corações, 25 de setembro de 1997

Aldo Ribeiro - Insp. Escolar - 058084-5
Helena Maria Pinto Alves - 943645-9 - diretora

ANEXO 16

PASTA DE CORRESPONDÊNCIAS

ESCOLA	*ANO*	*Nº*	*CONTEÚDOS*	*Predominância de assuntos*
BUENO BRANDÃO	1997	18	6 sobre assuntos diversos (rede física, convites, concursos, etc) e 12 sobre assuntos de pessoal	66% sobre assuntos de pessoal
	1998	58	47 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	81% - idem
	1999	95	65 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	68% - idem
	2000	94	60 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	63% - idem
MONSENHOR FONSECA	1997	-	Não tem arquivo	-
	1998	-	Não tem arquivo	-
	1999	-	Não tem arquivo	-
	2000	65	42 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	64% - idem
CLÓVIS SALGADO	1997	78	32 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	41%
	1998	81	31 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	38,27%
	1999	47	35 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	74%
	2000	77	45 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	58% - idem
JORGE AVELAR	1997	-	Não tem arquivo	-
	1998	-	Não tem arquivo	-
	1999	45	34 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	75% - idem
	2000	53	42 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	79% - idem
FRANCO DA ROSA	1997	-	Não tem arquivo	-
	1998	-	Não tem arquivo	-
	1999	-	Não tem arquivo	-
	2000	64	56 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	87% - idem
OLÍMPIA DE BRITO	1997	-	Não tem arquivo	-
	1998	-	Não tem arquivo	-
	1999	-	Não tem arquivo	-
	2000	66	58 sobre assuntos de pessoal e as demais sobre assuntos diversos	87% idem

ANEXO 17

RESOLUÇÃO Nº 7.943/97

ESTABELECE NORMAS COMPLEMENTARES PARA A CONSTITUIÇÃO E O FUNCIONAMENTO DO COLEGIADO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MINAS GERAIS.

O Secretário de Estado da Educação, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no Decreto nº 33.334, de 16 de janeiro de 1992, alterado pelo Decreto nº 38.688 de 04 de março de 1997, as diretrizes da política educacional, e ainda, considerando a necessidade de:

- promover a integração da escola com a comunidade;
- criar condições que favoreçam a autonomia pedagógica, administrativa e financeira das escolas estaduais de Minas Gerais e
- adotar instrumentos que possibilitem a gestão democrática do ensino público,

RESOLVE:

Art. 1º - O Colegiado terá funções de caráter **deliberativo** e **consultivo** nos assuntos referentes à **gestão pedagógica, administrativa** e **financeira** das escolas estaduais, respeitadas as normas pertinentes.

§ 1º - As funções de **caráter deliberativo** compreendem a tomada de decisões relativas às diretrizes e linhas gerais das ações pedagógicas, administrativas e financeiras, desenvolvidas nas escolas.

§ 2º - As funções de **caráter consultivo** compreendem a emissão de pareceres, quando consultado pelo Diretor da Escola, e/ou pela comunidade escolar sobre:

a) - situações decorrentes das ações pedagógicas, administrativas e financeiras e

b) - proposições de procedimentos para a melhoria da qualidade do trabalho escolar.

Art. 2º - O Colegiado será composto pelo Diretor da Escola, que o presidirá e, por 6 (seis) no mínimo, e no máximo, 12 (doze) membros representantes dos segmentos:

I - professores, especialistas de educação e demais servidores da escola;

II - alunos regularmente matriculados e freqüentes, com idade mínima de 16 (dezesseis) anos;

III - pais ou responsáveis por alunos regularmente matriculados e freqüentes.

§ 1º - Na representação dos segmentos, deverá ser garantida a seguinte proporcionalidade:

- 50% (cinqüenta por cento) para os servidores;
- 50% (cinqüenta por cento) para os segmentos indicados nos incisos II e III, deste artigo, considerados no seu conjunto.

§ 2º - Deverão ser eleitos, em Assembléia Geral, o representante e o suplente de cada segmento, observando-se a proporcionalidade estabelecida para cada um deles, conforme prevê o Estatuto do Colegiado.

§ 3º - Deverá ser registrada na ata da Assembléia, a classificação dos eleitos com vistas ao preenchimento de vagas, no caso de afastamento de membro efetivo ou suplente.

§ 4º - Ao servidor que seja pai, mãe ou responsável por aluno da escola, será permitido representar, somente, o segmento de servidores.

§ 5º - Ao Vice-Diretor não caberá a representação de segmento algum.

Art. 3º - Nas escolas onde o número de servidores não possibilitar a composição do Colegiado, com o número mínimo de 06 membros, será permitida sua constituição com um número menor de componentes, desde que respeitada a proporcionalidade prevista no art. 2º, §§ 1º e 2º desta Resolução.

Art. 4º - O mandato dos membros do Colegiado será de 2 (dois) anos e terminará no mês de março, quando deverão ser eleitos os novos membros.

Parágrafo único - Os membros do Colegiado de escolas recém-criadas e integradas, constituído após o mês de março, estarão sujeitos à observância da época fixada no "**caput**" deste artigo, para a escolha de novos membros, independentemente do tempo transcorrido.

Art. 5º - Ao Diretor competirá a convocação da comunidade da escola para a realização da Assembléia Geral, que elegerá o Colegiado.

§ 1º - Caberá ao Diretor orientar os participantes da primeira Assembléia Geral, sobre:

I - a importância do Colegiado, sua competência e os objetivos que deverá perseguir;

II - a proporcionalidade de representantes em cada segmento;

III - os deveres do representante para com o segmento que representar;

IV - a época determinada para a escolha dos membros e a duração do seu mandato, no Colegiado.

§ 2º - Aplicam-se os dispositivos enunciados no "**caput**" deste artigo, na constituição de novo Colegiado, ao efetivar-se a integração de escolas.

Art. 6º - O membro do Colegiado que, por qualquer motivo, antes do término de seu mandato, desvincular-se do Colegiado ou da escola, será substituído por integrante do mesmo segmento que representar, observada a classificação prevista no artigo 2º, § 3º.

Parágrafo único - Esgotada a lista dos classificados, caberá ao Presidente do Colegiado promover a escolha do novo membro, em Assembléia realizada com os integrantes do segmento que sofrerá a substituição.

Art. 7º - O membro do Colegiado, no exercício de seu mandato, deverá expressar e refletir a linha de pensamento do segmento que representar.

§ 1º - O membro do Colegiado que não cumprir, satisfatoriamente, a representação a ele conferida nos termos do Estatuto, poderá ser substituído, mediante proposta dirigida ao Presidente do Colegiado, assinada pela maioria dos integrantes de seu segmento.

§ 2º - Cada membro do Colegiado terá garantido o direito de manifestar sua opinião e a do segmento que representar, no exercício de seu mandato, sem restrição ou punição da parte de seus pares.

Art. 8º - O Presidente do Colegiado deverá, semestralmente, convocar a comunidade escolar para uma Assembléia Geral, que terá como objetivos propor ações a serem desenvolvidas pela escola de conformidade com o PDE e aprovar os relatórios das atividades já realizadas.

Parágrafo único - Caso o Presidente não faça a convocação da Assembléia Geral, prevista no "**caput**" deste artigo, a maioria do Colegiado representada no mínimo por 2/3 (dois terços) de seus componentes poderá tomar a iniciativa da convocação.

Art. 9º - As normas específicas para o funcionamento do Colegiado, resguardados os parâmetros legais, deverão ser propostas por seus membros e definidas em Estatuto próprio, aprovada em Assembléia Geral pela comunidade escolar.

ANEXO 17

RESOLUÇÃO Nº 7.943/97

ESTABELECE NORMAS COMPLEMENTARES PARA A CONSTITUIÇÃO E O FUNCIONAMENTO DO COLEGIADO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MINAS GERAIS.

O Secretário de Estado da Educação, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no Decreto nº 33.334, de 16 de janeiro de 1992, alterado pelo Decreto nº 38.688 de 04 de março de 1997, as diretrizes da política educacional, e ainda, considerando a necessidade de:

- promover a integração da escola com a comunidade;
- criar condições que favoreçam a autonomia pedagógica, administrativa e financeira das escolas estaduais de Minas Gerais e
- adotar instrumentos que possibilitem a gestão democrática do ensino público,

RESOLVE:

Art. 1º - O Colegiado terá funções de caráter **deliberativo** e **consultivo** nos assuntos referentes à gestão **pedagógica, administrativa** e **financeira** das escolas estaduais, respeitadas as normas pertinentes.

§ 1º - As funções de **caráter deliberativo** compreendem a tomada de decisões relativas às diretrizes e linhas gerais das ações pedagógicas, administrativas e financeiras, desenvolvidas nas escolas.

§ 2º - As funções de **caráter consultivo** compreendem a emissão de pareceres, quando consultado pelo Diretor da Escola, e/ou pela comunidade escolar sobre:

a) - situações decorrentes das ações pedagógicas, administrativas e financeiras e

b) - proposições de procedimentos para a melhoria da qualidade do trabalho escolar.

Art. 2º - O Colegiado será composto pelo Diretor da Escola, que o presidirá e, por 6 (seis) no mínimo, e no máximo, 12 (doze) membros representantes dos segmentos:

I - professores, especialistas de educação e demais servidores da escola;

II - alunos regularmente matriculados e freqüentes, com idade mínima de 16 (dezesseis) anos;

III - pais ou responsáveis por alunos regularmente matriculados e freqüentes.

§ 1º - Na representação dos segmentos, deverá ser garantida a seguinte proporcionalidade:

- 50% (cinqüenta por cento) para os servidores;
- 50% (cinqüenta por cento) para os segmentos indicados nos incisos II e III, deste artigo, considerados no seu conjunto.

§ 2º - Deverão ser eleitos, em Assembléia Geral, o representante e o suplente de cada segmento, observando-se a proporcionalidade estabelecida para cada um deles, conforme prevê o Estatuto do Colegiado.

§ 3º - Deverá ser registrada na ata da Assembléia, a classificação dos eleitos com vistas ao preenchimento de vagas, no caso de afastamento de membro efetivo ou suplente.

§ 4º - Ao servidor que seja pai, mãe ou responsável por aluno da escola, será permitido representar, somente, o segmento de servidores.

§ 5º - Ao Vice-Diretor não caberá a representação de segmento algum.

Art. 3º - Nas escolas onde o número de servidores não possibilitar a composição do Colegiado, com o número mínimo de 06 membros, será permitida sua constituição com um número menor de componentes, desde que respeitada a proporcionalidade prevista no art. 2º, §§ 1º e 2º desta Resolução.

Art. 4º - O mandato dos membros do Colegiado será de 2 (dois) anos e terminará no mês de março, quando deverão ser eleitos os novos membros.

Parágrafo único - Os membros do Colegiado de escolas recém-criadas e integradas, constituído após o mês de março, estarão sujeitos à observância da época fixada no "**caput**" deste artigo, para a escolha de novos membros, independentemente do tempo transcorrido.

Art. 5º - Ao Diretor competirá a convocação da comunidade da escola para a realização da Assembléia Geral, que elegerá o Colegiado.

§ 1º - Caberá ao Diretor orientar os participantes da primeira Assembléia Geral, sobre:

I - a importância do Colegiado, sua competência e os objetivos que deverá perseguir;

II - a proporcionalidade de representantes em cada segmento;

III - os deveres do representante para com o segmento que representar;

IV - a época determinada para a escolha dos membros e a duração do seu mandato, no Colegiado.

§ 2º - Aplicam-se os dispositivos enunciados no "**caput**" deste artigo, na constituição de novo Colegiado, ao efetivar-se a integração de escolas.

Art. 6º - O membro do Colegiado que, por qualquer motivo, antes do término de seu mandato, desvincular-se do Colegiado ou da escola, será substituído por integrante do mesmo segmento que representar, observada a classificação prevista no artigo 2º, § 3º.

Parágrafo único - Esgotada a lista dos classificados, caberá ao Presidente do Colegiado promover a escolha do novo membro, em Assembléia realizada com os integrantes do segmento que sofrerá a substituição.

Art. 7º - O membro do Colegiado, no exercício de seu mandato, deverá expressar e refletir a linha de pensamento do segmento que representar.

§ 1º - O membro do Colegiado que não cumprir, satisfatoriamente, a representação a ele conferida nos termos do Estatuto, poderá ser substituído, mediante proposta dirigida ao Presidente do Colegiado, assinada pela maioria dos integrantes de seu segmento.

§ 2º - Cada membro do Colegiado terá garantido o direito de manifestar sua opinião e a do segmento que representar, no exercício de seu mandato, sem restrição ou punição da parte de seus pares.

Art. 8º - O Presidente do Colegiado deverá, semestralmente, convocar a comunidade escolar para uma Assembléia Geral, que terá como objetivos propor ações a serem desenvolvidas pela escola de conformidade com o PDE e aprovar os relatórios das atividades já realizadas.

Parágrafo único - Caso o Presidente não faça a convocação da Assembléia Geral, prevista no "**caput**" deste artigo, a maioria do Colegiado representada no mínimo por 2/3 (dois terços) de seus componentes poderá tomar a iniciativa da convocação.

Art. 9º - As normas específicas para o funcionamento do Colegiado, resguardados os parâmetros legais, deverão ser propostas por seus membros e definidas em Estatuto próprio, aprovada em Assembléia Geral pela comunidade escolar.

Art. 10 - Ao Colegiado, observadas as normas legais e as diretrizes estabelecidas para o setor educacional e as especificidades da comunidade escolar, competirá:

I - participar da elaboração, avaliação, reformulação e do acompanhamento do Plano de Desenvolvimento da Escola - PDE e comprometer-se com a sua implementação;

a) - na elaboração do PDE observar-se-ão as diretrizes da política educacional, os interesses da comunidade e os resultados da avaliação externa e de pesquisas educacionais;

II - opinar e apresentar sugestões sempre que necessário, sobre as ações programadas no PDE, com vistas à capacitação e ao aperfeiçoamento dos profissionais da educação que atuam na escola;

III - propor a expansão do atendimento escolar e a organização da escola com base nos resultados do cadastro escolar e na capacidade das instalações físicas disponíveis;

IV - analisar e aprovar os critérios complementares, estabelecidos pela escola (corpo técnico-administrativo e pedagógico), para o desempate na designação de pessoal que exercerá a função pública, na escola, observada a legislação pertinente;

V - definir o quadro de pessoal da escola, observada a legislação específica, as diretrizes estabelecidas no PDE e a grade curricular;

VI - analisar e aprovar os critérios adotados para a distribuição de turmas e de aulas, entre os professores da escola, na conformidade com os dispositivos legais pertinentes;

VII - emitir parecer sobre a movimentação e o afastamento do pessoal docente, técnico e administrativo requeridos pelos interessados ou propostos pelo Diretor da escola, por conveniência pedagógica e administrativa;

VIII - recomendar providências adequadas à melhor utilização do espaço físico, do material escolar e didático, da merenda escolar e do aproveitamento racional dos servidores da escola;

IX - acompanhar a participação do pessoal da escola, em atividades voltadas para a cultura artística, literária e desportiva, e apresentar sugestões que assegurem a conciliação dessa participação com as atividades curriculares previstas;

X - participar do Programa de Avaliação da Escola Pública de Minas Gerais, nos termos da legislação específica que regula o assunto;

XI - manifestar-se sobre a proposta curricular da unidade de ensino, com vistas ao seu aperfeiçoamento e enriquecimento;

XII - analisar e aprovar o Calendário Escolar, levando-se em conta a conciliação das exigências legais com as peculiaridades regionais;

XIII - opinar sobre questões relativas ao rendimento escolar, indisciplina, infreqüência de alunos e outros casos, submetidos à sua consideração, observadas as normas pertinentes aos assuntos apresentados;

XIV - propor ações que visem à redução e/ou à erradicação das causas geradoras das questões indicadas no inciso XIII;

XV - deliberar sobre recurso ou representação referentes à vida escolar ou funcional de alunos, professores, especialistas de educação e demais servidores da escola;

XVI - acompanhar o processo de avaliação de desempenho;

XVII - analisar a avaliação do desempenho dos profissionais da escola, quanto ao mérito e aos resultados do processo de ensino e aprendizagem, e emitir parecer quando chamado a se pronunciar;

XVIII - referendar as decisões do Diretor quanto à aplicação das penalidades previstas na legislação, quando for o caso;

XIX - analisar e aprovar a proposta orçamentária anual, elaborada pela escola;

XX - analisar e aprovar a proposta orçamentária de aplicação de recursos financeiros, vinculados, não vinculados e de outros diretamente arrecadados pela própria escola, obedecida a legislação que rege a matéria;

XXI - analisar e aprovar a prestação de contas referente à aplicação dos recursos financeiros, de conformidade com o planejamento e com os termos de compromissos firmados, quando for o caso;

XXII - fiscalizar e controlar a aplicação dos recursos federais, destinados à merenda escolar;

XXIII - realizar o inventário anual dos bens permanentes, de conformidade com as normas legais pertinentes;

XXIV - aprovar propostas de aluguel de imóveis, quando necessário, para garantir o funcionamento regular da escola;

XXV - responsabilizar-se pelo procedimento de devolução de chaves de imóveis locados, cedidos por terceiros ou de propriedade do Estado, quando da sua desocupação pela escola;

XXVI - avaliar e aprovar as planilhas relativas à realização de reparos, reformas e ampliações no prédio da escola, tendo em vista as necessidades pedagógicas previstas no PDE;

XXVII - apreciar e emitir parecer conclusivo sobre o desligamento de membros do Colegiado, motivado pelo descumprimento das normas estabelecidas em seu Estatuto.

Art. 11 - O Colegiado reunir-se-á na sede da escola ou em outro local, quando se fizer necessário.

§ 1º - Deverá ser realizada no mínimo, uma reunião ordinária a cada mês do ano letivo e seu funcionamento será regulado no Estatuto do Colegiado.

§ 2º - Em caso de urgência ou de relevante interesse, o Presidente, por iniciativa própria, ou a requerimento da maioria dos membros em exercício, convocará reunião extraordinária, com objetivo determinado.

§ 3º - A reunião somente poderá ser instalada com a presença de pelo menos 2/3 (dois terços) dos membros efetivos do Colegiado e na falta destes, seus suplentes.

§ 4º - As reuniões serão registradas em atas aprovadas e assinadas pelos membros presentes, ao esgotar a pauta programada e seus termos deverão ser divulgados à comunidade escolar.

§ 5º - Será permitida a participação de integrante da comunidade escolar, nas reuniões do Colegiado, sem direito a voto, quando constar da pauta assunto de seu interesse particular ou do interesse de seu representado, no caso de pais ou responsáveis por aluno menor de 16 anos.

Art. 12 - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 13 - Revogam-se as disposições em contrário e, especificamente, as Resoluções SEE, de nºs 6.907, de 23 de janeiro de 1992 e 7.832 de 22 de janeiro de 1995.

Secretaria de Estado da Educação, em Belo Horizonte, aos 23 de janeiro de 1997.

WALFRIDO S. DOS MARES GUIA NETO
Secretário de Estado da Educação

("Minas Gerais", de 01-03-1997)

RESOLUÇÃO Nº 147, DE 17 DE OUTUBRO DE 2000

DISPÕE SOBRE A CONSTITUIÇÃO E O FUNCIONAMENTO DO COLEGIADO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MINAS GERAIS.

O Secretário de Estado da Educação, no uso de sua competência, tendo em vista o disposto no Decreto nº 41.271, de 27 de setembro de 2000, publicado no "Minas Gerais" dessa mesma data, as diretrizes da política educacional e considerando a necessidade de:

– adotar instrumentos incentivadores da participação dos diferentes segmentos na definição e construção da escola democrática;

– incentivar a prática democrática na vida escolar;

– promover a integração da escola com a comunidade;

– institucionalizar a participação da comunidade na escola;

– criar condições que favoreçam a autonomia pedagógica, administrativa e financeira das escolas estaduais de Minas Gerais,

RESOLVE:

CAPÍTULO I
DA FINALIDADE, DAS FUNÇÕES E COMPETÊNCIAS DO COLEGIADO

Art. 1º – No âmbito da Secretaria de Estado da Educação, o vocábulo Colegiado é aplicado, exclusivamente, para identificar o Órgão Colegiado Escolar.

Art. 2º – O Colegiado é órgão representantivo da Comunidade Escolar, com funções de caráter deliberativo e consultivo nos assuntos referentes à gestão pedagógica, administrativa e financeira das escolas estaduais, respeitadas as normas legais pertinentes.

§ 1º – As funções de caráter deliberativo compreendem a tomada de decisões relativas às diretrizes e linhas gerais das ações pedagógicas, administrativas e financeiras, desenvolvidas na escola.

§ 2º – As funções de caráter consultivo compreendem a emissão de pareceres, quando consultado pelo Diretor da Escola, e/ou pela comunidade escolar sobre:

I – propostas de medidas que visem à melhoria do ensino;

II – avaliação institucional da escola;

III – avaliação de desempenho dos profissionais da escola;

IV – avaliação da aprendizagem do aluno;

V – outras situações, decorrentes das ações pedagógicas, administrativas e financeiras desenvolvidas pela escola.

Art. 3º – Ao Colegiado, observadas as normas legais e as diretrizes estabelecidas para o setor educacional e as especificidades da Comunidade Escolar, compete:

I – participar da elaboração, implementação e avaliação da Proposta Político-Pedagógica da escola;

II – acompanhar o processo de composição do Quadro de Pessoal;

III – acompanhar e aprovar a aplicação dos recursos orçamentários e financeiros da escola;

IV – participar dos processos de avaliação da escola, de forma articulada com o Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública – SIMAVE, a fim de subsidiar o replanejamento da Proposta Político-Pedagógica da Escola;

V – propor o desenvolvimento das ações previstas na Proposta Político-Pedagógica da Escola, em articulação com Associações de Bairros, Associações de Pais e Mestres, Grêmios Estudantis, Conselhos de Classe, Sindicatos e outras formas de parcerias, alianças e ações de voluntariado.

Parágrafo único – Observadas as competências gerais previstas nesta Resolução o Colegiado define as competências específicas, em documento anexo ao Regimento Escolar.

CAPÍTULO II
DA COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO

Art. 4º – O Colegiado é composto pelo Diretor da Escola, membro nato e, no mínimo, por mais 04 (quatro) membros representantes dos segmentos:

I – categoria "**profissionais da escola**":

a) – segmento de professores/especialistas da educação, em exercício na escola;

b) – segmento dos demais servidores do Quadro da Escola, em exercício;

II – categoria "**comunidade atendida pela escola**":

a) – segmento de alunos regularmente matriculados e freqüentes, que tenham 14 (quatorze) anos de idade, no mínimo, até o dia anterior ao da realização da eleição do Colegiado ou que estejam cursando, pelo menos, a 7ª série/1º ano do ciclo avançado;

b) – segmento de pais ou responsáveis por alunos regularmente matriculados e freqüentes.

§ 1º – O suplente do Diretor é o primeiro Vice-Diretor, classificado nos termos do § 4º do artigo 8º, da Resolução nº 154/99 e, quando a escola não comportar Vice-Diretor, deve ser eleito, na forma regulada por esta Resolução, um professor ou especialista de educação, em exercício na escola.

§ 2º – Cabe a cada escola definir, segundo suas necessidades e prever no Anexo do Regimento, o número máximo de membros do Colegiado que, incluído o Diretor, não pode exceder a 17 (dezessete).

§ 3º – Na hipótese de a escola não contar, em todos os segmentos, com participantes que atendam às exigências desta Resolução para compor o Colegiado, deve fazê-lo de forma a garantir a seguinte proporcionalidade:

I – 50% (cinqüenta por cento) para a categoria "**profissionais da escola**";

II – 50% (cinqüenta por cento) para a categoria "**comunidade atendida pela escola**".

§ 4º – Nas escolas onde o número de servidores impossibilitar a composição do Colegiado com o número mínimo de 04 (quatro) membros, é permitida sua constituição, com um número menor de componentes, desde que respeitada a proporcionalidade prevista no § 3º.

§ 5º – Na representação dos segmentos, deve ser garantida a seguinte proporcionalidade, por categoria:

I – categoria: "**profissionais da escola**":

a) – 25% (vinte e cinco por cento) para o segmento de professores e especialistas de educação;

b) – 25% (vinte e cinco por cento) para o segmento de demais servidores do Quadro da Escola;

II – categoria "**comunidade atendida pela escola**":

a) – 25% (vinte e cinco por cento) para o segmento de alunos;

b) – 25% (vinte e cinco por cento) para o segmento de pais.

§ 6º – Ao servidor que seja, também, pai, mãe ou responsável por aluno da escola, é permitido optar pelo segmento que deseja representar.

CAPÍTULO III
DO PROCESSO DE ELEIÇÃO E DO MANDATO DOS MEMBROS DO COLEGIADO

Art. 5º – Os membros do Colegiado, titulares e suplentes, são escolhidos pela Comunidade Escolar, mediante processo de eleição, para um mandato de 02 (dois) anos, observando-se as datas e os períodos fixados em Edital.

Parágrafo único – O mandato dos membros do Colegiado de escolas recém-criadas e integradas termina na data fixada no Edital de que trata o "**caput**" deste artigo, independentemente de terem sido eleitos após a data do Edital que acompanha esta Resolução.

Art. 6º – O processo de eleição previsto no artigo 5º é dirigido, em cada escola, pc uma Comissão Eleitoral, com monitoramento dos Órgãos Central e Regionais de Ensinc compreendendo três fases:

I – preparatória da Comunidade Escolar para a realização da eleição;

II – inscrição de chapas compostas por candidatos a membros titulares e suplente de cada segmento;

III – votação, quando cada componente da Comunidade Escolar vota livremente mediante voto secreto, na chapa de seu segmento.

Art. 7º – Na fase preparatória, cada segmento da Comunidade Escolar é convocad pelo Diretor da Escola para, em Assembléia Geral:

I – discutir a importância do Colegiado, seu papel na implementação da gestã democrática, as normas de funcionamento e o perfil de seus membros;

II – definir o número de membros para compor o Colegiado, observando-se proporcionalidade prevista nos §§ 3º e 4º, do artigo 4º;

III – conhecer as normas e os procedimentos estabelecidos por esta Resolução;

IV – discutir sobre a formação da Comissão Eleitoral.

Art. 8º – Na fase de inscrição de chapas, os interessados em se inscrever deven dirigir-se à Comissão Eleitoral, no prazo fixado em Edital, mediante requerimento feito en modelo próprio.

Parágrafo único – Cada chapa deve ser composta com o mínimo de 01 (um) máximo de 04 (quatro) candidatos a membros titulares e suplentes, por segmento, da categorias dispostas no artigo 4º.

Art. 9º – Na fase da votação, realizada concomitantemente em todas escola estaduais, em conformidade com a data fixada em Edital, podem votar:

I – os integrantes dos segmentos que compõem a categoria "**profissionais d escola**" que, na data do cadastramento, estejam em exercício na escola:

a) – professores e especialistas de educação;

b) – demais servidores do Quadro da Escola;

II – os integrantes dos segmentos que compõem a categoria "**comunidade atendid pela escola**":

a) – alunos regularmente matriculados na escola, com freqüência comprovada até mês anterior ao da eleição, que tenham, no mínimo, 14 (quatorze) anos de idade, até o dia anterior ao da eleição, ou que estejam cursando, pelo menos, a 7ª série/1º ano do ciclo avançado;

b) – mãe ou pai ou, na falta deles, o responsável legal pelos alunos regularmente matriculados na escola e com freqüência comprovada até o mês anterior ao da eleição, ou ainda, no caso de não haver responsável legalmente constituído, a pessoa notoriamente conhecida como tal.

§ 1º – Os integrantes dos segmentos que compõem a categoria "**profissionais d escola**" que, na data do cadastramento, estejam substituindo servidores licenciados, poder cadastrar-se e votar normalmente, desde que em exercício na escola, na data da eleição

§ 2º – Os integrantes dos segmentos que compõem a categoria "**profissionais d escola**" que tenham exercício em mais de uma Escola Estadual, podem cadastrar-se par votar em todas elas.

§ 3º – Os integrantes dos segmentos que compõem a categoria "**comunidad atendida pela escola**" que reúnam condições para participar do processo de eleição er mais de uma Escola Estadual, podem cadastrar-se para votar em todas elas.

Art. 10 – Em cada Escola Estadual são consideradas eleitas, para os fins do artig 5º, as chapas que obtiverem o maior número de votos válidos, no segmento.

§ 1º – São válidos os votos apurados, exceto os votos em branco e nulos.

§ 2º – Será anulada a eleição se o número de votantes de cada segmento for menc que 20% (vinte por cento) do universo de cadastrados para votar.

UNICAMP

§ 3º – Declarada nula a eleição pelo Presidente da Comissão Eleitoral, será ela nova e integralmente realizada, dentro de 07 (sete) dias úteis, no máximo.

§ 4º – Ocorrendo empate de chapas, no mesmo segmento, haverá segundo turno de votação.

§ 5º – Deve ser registrada na "**Ata de Resultado Final**", a classificação dos eleitos com vistas ao preenchimento de vagas, no caso de afastamento de membro titular ou suplente.

§ 6º – A renúncia de um candidato a membro titular ou suplente em uma chapa, antes de realizada a eleição, permite ao seu segmento substituí-lo no prazo máximo de 12 (doze) horas antes da realização da eleição.

CAPÍTULO IV
DA COMISSÃO ELEITORAL

Art. 11 – A Comissão Eleitoral prevista no artigo 6º, é composta por:

I – 01 (um) representante dos servidores da escola e 01 (um) suplente;

II – 01 (um) representante dos alunos e 01 (um) suplente;

III – 01 (um) representante dos pais, mães ou responsáveis por alunos e 01 (um) suplente.

Parágrafo único – É vedada a participação na Comissão Eleitoral de:

a) – candidatos a membros do Colegiado, titulares ou suplentes;

b) – diretor e Vice-Diretor da escola;

c) – membros do Colegiado, em exercício;

d) – cônjuges e parentes dos candidatos, até o 2º (segundo) grau, ainda que por afinidade.

Art. 12 – Uma vez constituída, a Comissão Eleitoral deve:

I – eleger um de seus componentes para presidi-la;

II – requisitar da direção da escola os recursos humanos e materiais necessários ao desempenho de suas atribuições.

Art. 13 – Compete à Comissão Eleitoral:

I – planejar, organizar, coordenar e presidir a realização do processo de eleição disciplinado por esta Resolução;

II – reunir-se, sempre que necessário, decidir, pelo voto da maioria simples dos presentes, inclusive o do Presidente, se for o caso, e lavrar em livro próprio, as atas de todas as reuniões;

III – divulgar amplamente as normas do processo;

IV – receber, em formulário próprio, no período fixado em Edital, os requerimentos de inscrição das chapas;

V – atribuir, por sorteio, a cada uma das chapas inscritas, um número que as identificará durante todo o processo;

VI – solicitar da Secretaria da Escola a listagem de servidores, pais e alunos com mais de 14 anos;

VII – organizar e divulgar amplamente, em local visível e de fácil acesso, no recinto da escola, as listagens de todos os votantes dos segmentos da Comunidade Escolar;

VIII – cadastrar, na data prevista em Edital, os integrantes de cada segmento da Comunidade Escolar e fornecer-lhes o respectivo comprovante – "**credenciamento de votantes**";

IX – convocar a Comunidade Escola para participar do processo de eleição, mediante Edital afixado em locais públicos, com 48 (quarenta e oito) horas de antecedência;

X – tomar medidas que visem garantir a realização das diversas fases do processo,

XI – credenciar os fiscais indicados pelas chapas inscritas no processo, fornecendo-lhes documento de identificação;

XII – designar, credenciar e treinar, com a devida antecedência, os componentes das mesas receptoras e escrutinadoras;

XIII – divulgar, amplamente, na escola, os nomes dos membros do Colegiado, eleitos pela comunidade escolar.

§ 1º – A Secretaria de Estado da Educação, por sua Diretoria de Desenvolvimento da Gestão Escolar, encaminha às Comissões Eleitorais, em tempo hábil, os modelos do material necessário à padronização dos registros e da documentação do processo de eleição.

§ 2º – As Comissões Eleitorais continuam investidas das competências que lhes foram conferidas por esta Resolução, no que couber, até que se resolvam todos os casos pendentes, decorrentes de atos por elas praticados no decorrer da eleição.

CAPÍTULO V
DA PROPAGANDA ELEITORAL

Art. 14 – As chapas inscritas no processo eleitoral podem:

I – realizar atividades promocionais de sua candidatura junto ao respectivo segmento;

II – divulgar plataforma eleitoral junto ao segmento que representar.

Parágrafo único – Cabe à Comissão Eleitoral autorizar a realização das atividades de que tratam os incisos I e II deste artigo, respeitando, sempre, as normas desta Resolução e cuidando para que as chapas tenham tratamento igualitário.

Art. 15 – É vedado, aos membros da(s) chapa(s) inscrita(s) no processo, aos membros da Comissão Eleitoral e a quaisquer outros membros da Comunidade Escolar, aliciar votantes.

Art. 16 – O membro da Comissão Eleitoral que, comprovadamente, praticar qualquer ato contrário às normas desta Resolução, pode ser definitivamente substituído pelo suplente, mediante decisão tomada em reunião realizada com observância do disposto no artigo 13, inciso II desta Resolução.

Parágrafo único – No caso de prática pelo Presidente da Comissão de ato contrário às normas desta Resolução, a reunião a que se refere o "caput" deste artigo passa a ser presidida por outro membro, escolhido entre os pares.

CAPÍTULO VI
DA VOTAÇÃO E APURAÇÃO DOS VOTOS

Art. 17 – A Comunidade Escolar elege os candidatos a membros do Colegiado em processo de votação realizado na própria escola.

Art. 18 – No ato da votação, a mesa receptora de votos deve exigir do votante a apresentação de documento de identificação.

Parágrafo único – O votante que não trouxer consigo documento de identificação pode ser reconhecido pelo Presidente da Comissão Eleitoral e, por ele, autorizado a votar.

Art. 19 – Não é permitido voto por procuração.

Art. 20 – O processo de votação deve ser conduzido por mesas receptoras de votos destinadas a cada segmento, compostas por 02 (dois) membros titulares e 01 (um) suplente, escolhidos pela Comissão Eleitoral entre os habilitados a votar, com antecedência de, pelo menos, 03 (três) dias da data da votação.

§ 1º – Nos locais destinados à votação, cada mesa receptora, com uma ou mais cabines ao lado, para uso dos votantes, deve ficar em recinto separado do público.

§ 2º – Podem permanecer nos recintos destinados às mesas receptoras apenas seus componentes, os fiscais indicados pelas chapas inscritas, em número de 01 (um) por chapa e o votante durante o tempo necessário à votação.

§ 3º – Ao Presidente da mesa receptora, escolhido por seus pares, compete garantir a ordem no local de votação e o direito à liberdade de escolha de cada votante.

§ 4º – Não podem integrar a mesa receptora os candidatos a membros do Colegiado.

Art. 21 – Nos recintos destinados ao funcionamento das mesas receptoras deve ser colocada, em local visível, a relação das chapas, com os respectivos números.

Art. 22 – A Comissão Eleitoral, antes de iniciar o processo de votação, deve fornecer aos componentes de cada mesa receptora a listagem, por segmento e em ordem alfabética, dos votantes cadastrados.

§ 1º – Cada mesa receptora deve dispor de uma urna, onde os votantes depositam a cédula de votação.

§ 2º – O processo de votação é realizado em um domingo, com início às 08 (oito) horas e término às 17 (dezessete) horas, quando o Presidente da mesa receptora determina a distribuição, aos votantes presentes, de senhas previamente carimbadas, numeradas e rubricadas por um dos mesários.

Art. 23 – O voto é dado em cédula única que deve conter, além do número das chapas, nas respectivas quadrículas, o carimbo identificador da Escola e a rubrica de um membro da Comissão Eleitoral.

Art. 24 – O votante, ao receber uma cédula danificada, viciada ou já assinalada, ou se ele próprio, por descuido, inutilizá-la ou assinalar incorretamente o voto, pode substituí-la por outra, fornecida pelo Presidente da mesa.

Parágrafo único – A cédula devolvida à mesa deve ser imediatamente inutilizada à vista dos mesários e do votante, sem a quebra do sigilo do voto.

Art. 25 – O Presidente da mesa receptora deve registrar, durante a votação, as ocorrências havidas, em ata que, ao final dos trabalhos, deve ser lida e assinada pelos mesários.

Art. 26 – Ao encerrar-se a votação, elaborada, lida, aprovada e assinada a ata dos trabalhos, as mesas receptoras transformam-se, automaticamente, em mesas escrutinadoras e se encarregam da apuração imediata dos votos depositados nas respectivas urnas.

Art. 27 – A apuração dos votos é feita em sessão única, aberta à Comunidade Escolar, em local previamente determinado pela Comissão Eleitoral.

Art. 28 – Antes de abrir as urnas, a Comissão Eleitoral verifica se há nelas indícios de violação e anula, de plano, qualquer urna que tenha sido violada.

Art. 29 – A não-coincidência entre o número de assinaturas constantes das listagens de votantes e/ou número de cédulas existentes nas urnas é tida como simples irregularidade, somente constituindo motivo para anulação da urna se decorrente de fraude comprovada.

Parágrafo único – Caso as mesas escrutinadoras se convençam de que a irregularidade prevista no "caput" deste artigo tenha resultado de fraude, procedem à contagem em separado, dos votos depositados nas urnas suspeitas e as entregam à Comissão Eleitoral, para as providências necessárias.

Art. 30 – As cédulas contendo votos em branco ou nulos devem ser separadas e marcadas de forma clara, para facilitar a contagem.

Art. 31 – São nulos os votos:

I – contidos em cédulas que não sejam as oficiais, ou que não estejam carimbadas e rubricadas;

II – dados a mais de uma chapa;

III – contidos em cédulas previamente assinaladas, de forma que torne impossível a identificação dos votos ou duvidosa a manifestação da vontade do votante, ou, ainda, que contenham expressões, frases, palavras ou quaisquer outros sinais além do registro dos votos;

IV – dados a candidatos não participantes da eleição.

§ 1º – Cabe às mesas escrutinadoras decidir se um voto é nulo ou não.

§ 2º – Em caso de dúvida, as mesas escrutinadoras devem consultar a Comissão Eleitoral.

Art. 32 – Concluídos os trabalhos, registram-se os dados na "Folha de Apuração" que, depois de lida, aprovada e assinada por todos os mesários, deve ser entregue, juntamente com o material resultante da eleição, à Comissão Eleitoral que se reunirá em seguida, para:

I – verificar a regularidade da documentação;

II – decidir sobre as eventuais irregularidades registradas em ata;

III – registrar na **"Ata de Resultado Final"** a soma dos votos válidos, brancos e nulos, por chapa e por segmento.

Art. 33 – Compete ao Presidente da Comissão Eleitoral proclamar, divulgar amplamente junto à comunidade escolar e encaminhar, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, à Diretoria de Desenvolvimento da Gestão Escolar ou à respectiva Superintendência Regional de Ensino, conforme o caso, o Cadastro dos Membros do Colegiado, em formulário específico, cujo modelo é fornecido pela DDGE/SRH.

CAPÍTULO VII
DA PRESIDÊNCIA DO COLEGIADO

Art. 34 – Uma vez constituído, o Colegiado Escolar elege, entre os pares, o Presidente e o Vice-Presidente.

§ 1° – Em caso de ausência ou impedimento temporário do Presidente, cabe ao Vice-Presidente assumir as funções atribuídas ao Presidente.

§ 2° – Em caso de afastamento definitivo do Presidente, deve ser escolhido novo Presidente, na forma do **"caput"** deste artigo.

§ 3° – Na hipótese de o Presidente do Colegiado deixar de cumprir as competências a ele conferidas nos termos do artigo 35, pode ser destituído, mediante proposta dirigida ao Vice-Presidente, assinada por todos os membros titulares do Colegiado, e aprovada em reunião convocada exclusivamente para esse fim.

Art. 35 – A Presidência e Vice-Presidência do Colegiado podem recair em qualquer membro titular, desde que comprove:

I – idade mínima de 21 (vinte e um) anos;

II – escolaridade mínima em nível de Ensino Fundamental.

Art. 36 – Compete ao Presidente do Colegiado:

I – planejar, organizar, coordenar e presidir a realização de assembléias e reuniões do Colegiado na Escola;

II – convocar os membros do Colegiado e/ou da Comunidade Escolar para participar de assembléias e reuniões, sempre que necessário;

III – determinar a lavratura e leitura de ata das reuniões;

IV – tomar as providências necessárias para que sejam divulgadas as decisões do Colegiado;

V – discutir, com os membros do Colegiado, as competências estabelecidas no artigo 3° desta Resolução e zelar pelo seu cumprimento;

VI – tomar medidas que visem garantir o bom funcionamento do Colegiado;

VII – representar o Colegiado em qualquer instância;

VIII – cooperar para o cumprimento do Regimento Escolar e das normas legais;

IX – declarar a perda de mandato de membros, após decisão do Colegiado;

X – cumprir e fazer cumprir, em tempo hábil, as decisões do Colegiado;

XI – exercer o voto só para fins de desempate.

CAPÍTULO VIII
DAS ASSEMBLÉIAS E REUNIÕES

Art. 37 – As Assembléias Gerais podem ocorrer em caráter ordinário e extraordinário

Art. 38 – O Presidente do Colegiado deve convocar a Comunidade Escolar para participar anualmente de, no mínimo, 02 (duas) Assembléias Gerais Ordinárias com objetivos de:

I – propor ações que podem ser desenvolvidas pelo Colegiado, em conformidade com a Proposta Político-Pedagógica e o Plano de Desenvolvimento da Escola;

II – avaliar as ações desenvolvidas pelo próprio Colegiado e as realizadas pela escola

Parágrafo único – Caso o Presidente deixe de fazer a convocação das Assembléias Gerais, o Vice-Presidente, ou a maioria simples – mais da metade – dos membros do Colegiado, deve tomar a iniciativa da convocação.

Art. 39 – A Assembléia Geral Extraordinária deve reunir-se, sempre que necessário, para:

I – deliberar sobre assuntos de interesse da Escola, que exijam manifestação da Comunidade Escolar;

II – divulgar as ações realizadas pelo Colegiado;

III – aprovar ou alterar o Regimento Escolar, observadas as normas legais.

Art. 40 – A Assembléia Geral Extraordinária será convocada:

I – pelo Presidente ou Vice-Presidente do Colegiado;

II – pela maioria simples dos membros do Colegiado;

III – por representação de qualquer componente da Comunidade Escolar, mediante requerimento dirigido ao Presidente do Colegiado, justificando o pedido.

Parágrafo único – A Assembléia Geral é presidida pelo Presidente do Colegiado e, na sua falta ou impedimento, pelo Vice-Presidente.

Art. 41 – As reuniões do Colegiado são públicas e realizadas na sede da escola.

§ 1° – A reunião ordinária deve ser realizada, no mínimo, a cada mês do ano letivo, mediante convocação do Presidente ou, na ausência, do Vice-Presidente.

§ 2° – A reunião extraordinária realiza-se, em caso de urgência ou de relevante interesse da escola, com objetivo determinado, por iniciativa do Presidente ou do Vice-Presidente, ou a pedido da maioria simples – mais da metade – dos membros do Colegiado.

Art. 42 – A reunião somente poderá ser instalada com a presença da maioria simples dos membros titulares do Colegiado e, na falta desses, de seus suplentes.

§ 1° – Não havendo quórum, cancela-se a reunião e registra-se a ocorrência em ata que deve ser assinada pelos presentes.

§ 2° – Podem ser convocados para as reuniões todos os membros titulares e suplentes.

§ 3° – Os assuntos tratados durante as reuniões são registrados em ata que, ao esgotar a pauta programada, é aprovada e assinada pelos presentes e seus termos divulgados à Comunidade Escolar.

§ 4° – É permitida a participação de pessoas integrantes da Comunidade Escolar nas reuniões do Colegiado, com direito a voz, sem direito a voto, quando constar da pauta assunto de seu interesse.

§ 5° – O Colegiado permite ainda, a participação, nas reuniões, de pessoas não integrantes da Comunidade Escolar, respeitado o disposto no artigo 44, parágrafo único, desta Resolução.

§ 6° – Qualquer integrante da Comunidade Escolar pode solicitar a inclusão de determinado assunto na pauta das reuniões do Colegiado, mediante requerimento dirigido ao Presidente, no prazo previsto no Anexo do Regimento Escolar.

Art. 43 – O Colegiado decide, sempre que há votação, pela maioria simples – mais da metade – dos votos dos presentes.

§ 1° – No caso de empate, o Presidente vota para o desempate.

§ 2° – Os suplentes têm, sempre, direito a voz nas reuniões e, a voz e voto quando em substituição ao membro titular.

CAPÍTULO IX
DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 44 – As reuniões do Colegiado são abertas ao público, sem direito a voz e voto.

Parágrafo único – É permitida a participação, nas reuniões, de pessoas não integrantes do Colegiado, com direito a voz, sem direito a voto, desde que o assunto proposto seja previamente avaliado e esteja em conformidade com a conveniência e o interesse da escola e, assim, reconhecido pelos membros do Colegiado.

Art. 45 – Para a realização das Assembléias e reuniões promovidas pelo Colegiado, conforme estabelece esta Resolução, devem ser observados os seguintes procedimentos preliminares:

I – convocação, por escrito, com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas, exceto no caso de reunião extraordinária cujo prazo é de 12 (doze) horas, no mínimo;

II – apresentação de pauta, anexa ao documento de convocação, em que constem os assuntos propostos, o local, a data e o horário de realização;

III – divulgação ampla e em tempo hábil da pauta das reuniões, de forma a atingir, efetivamente, toda a Comunidade Escolar e, quando for o caso, alcançar os interessados, não integrantes dessa Comunidade.

Art. 46 – O membro do Colegiado, no exercício e seu mandato, deve expressar e defender os interesses do segmento que representa.

§ 1° – O membro do Colegiado, representante de qualquer segmento, que não cumprir a representação a ele conferida nos termos desta Resolução e do Regimento Escolar, pode ser substituído, mediante proposta dirigida ao Presidente do Colegiado, assinada pela maioria simples – mais da metade – dos integrantes do segmento insatisfeito, cadastrados para votar.

§ 2° – Cada membro do Colegiado, no exercício de seu mandato, tem garantido o direito de manifestar sua opinião e a do segmento que representa, sem restrição ou punição da parte de seus pares.

Art. 47 – O membro do Colegiado que, por qualquer motivo, antes do término do mandato, desvincular-se do Colegiado ou da escola, é substituído por integrante do mesmo segmento por ele representado, observada a classificação prevista no artigo 10, § 5°.

Parágrafo único – Esgotada a lista dos classificados, constantes da "**Ata de Resultado Final**", cabe ao Presidente do Colegiado promover a eleição de novo membro, a fim de se recompor o Colegiado com representante do segmento em que ocorreu a desvinculação prevista no "**caput**" deste artigo.

Art. 48 – As normas específicas para o funcionamento do Colegiado, resguardados os parâmetros legais, devem ser propostas por seus membros definidas em decumento anexado ao Regimento Escolar, depois de aprovadas em Assembléia Geral.

Art. 49 – Os membros titulares e suplentes do Colegiado devem participar de cursos de capacitação/aperfeiçoamento, promovidos pela Secretaria de Estado da Educação, Superintendências Regionais de Ensino e Escolas Estaduais.

Parágrafo único – Compete à Diretoria de Desenvolvimento da Gestão Escolar estabelecer diretrizes gerais para a capacitação/aperfeiçoamento dos membros do Colegiado, no âmbito estadual.

Art. 50 – Nenhum membro pode exercer, isoladamente, as competências atribuídas ao Colegiado.

Art. 51 – Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 52 – Revogam-se as disposições em contrário, especialmente as Resoluções SEE de nºs 6.907, de 23 de janeiro de 1992 e 7.832 de 22 de janeiro de 1995 e 7.943, de 23 de janeiro de 1997.

Secretaria de Estado da Educação, em Belo Horizonte, aos 17 de outubro de 2000.

MURÍLIO DE AVELLAR HINGEL
Secretário de Estado da Educação

("Minas Gerais", de 18-10-1997)

NOTA – *Cf. Decreto nº 41.271, de 27.09.2000, no Informativo nº 298 (outubro/2000).*

Atenção: *As Resoluções SEE citadas no artigo 52 da presente Resolução,* ***ora revogadas*** *encontram-se nas págs. 581 e 583 do Vol. 1 do VADE-MÉCUM/2000.*

ANEXO 18
ATAS DO COLEGIADO

ESCOLA	ANO	Nº	CONTEÚDOS
1	1997	21	Em 15 – aprovação de verbas (Qese, Merenda escolar, FNDE, etc). Outras trataram de: aprovação dos professores para o Procap, critérios de designação. Existe uma ata interessante do dia 11/3 que aborda questões relacionadas à discriminação social (xerox em anexo).
	1998	20	9 são para aprovação de verbas; 5 para o pedagógico com enfoque disciplinar. (caso de aluno problema e também com professor problema. Há uma ata interessante, onde se aborda que os pais pedem salas homogêneas e tratamento dentário na escola.
	1999	18	13 – aprovação de verbas; 2 para questões pedagógicas e 2 para eleição de diretor. No dia 8/4 existe uma ata interessante sobre avaliação escolar. (xerox em anexo).
	2000	08	6 são sobre aprovação de verbas; - 1 sobre a nova diretora e sua proposta pedagógica e 1 sobre a reposição de dias de greve
5	1997	---	Não tem livro de atas arquivado
	1998	---	Não tem livro de atas arquivado
	1999	3	Apenas 3 atas registradas (1 delas é sobre aprovação do PDE, 1 sobre aprovação de verbas e 1 sobre eleição de diretor.
	2000	8	6 sobre eleição do colegiado; 1 sobre aprovação do calendário e 1 sobre reposição dos dias de greve
2	1997	10	Aprovação de verbas em 6; - em 1 delas, problema disciplinar com professora; - em 2 – eleição do colegiado; em 2 – projeto emergencial e em 1, discussão sobre critérios de desempate na designação de professores.
	1998	11	Aprovação de verbas em 7; - avaliação de desempenho em 1; - conselho de classe em 2; - inventário em 1 e questões de legislação em 1.
	1999	19	Em 13– aprovação de verbas; em 1 – critérios de desempate para designação de professores; 1- aprovação do PDE; - em 3 – processo de escolha do diretor; em 1 assunto disciplinar de aluno e que culmina com transferência do mesmo.
	2000	19	Aprovação de verbas em 7; - critérios de desempate para designação em 1; - aprovação de calendário em 1; 2- sobre questões pedagógicas; 1 sobre amigos da escola; 1 sobre reposição dos dias de greve; 1 sobre aulas de informática e 6 sobre eleição de colegiado.

4	1997	27	19 aprovaçãode verbas; -1questoes disciplinares; - 1 roubo na escola; 1 critérios de designação; - 1 projeto emergencial; - 2 para eleição do colegiado; 1 sobre compromisso do diretor
	1998	25	17para aprovação de verbas; - 1 sobre grade curricular; - calendário em 1; - conselho de classe em 1; - projeto de aceleração em 1; - problemas disciplinares em 2; avaliação de desempenho em 1 delas.
	1999	35	Aprovação de verbas em 26; - problemas da capacidade ociosa da escola em 2; - doação de uniforme em 1; passe escolar em 1; ciclo em 2; proposta pedagógica da escola em 1.
	2000	21	11 para aprovação de verbas; 3 – eleição de colegiado; 2 para a questão da ociosidade da escola; 1 sobre PAIE; grade curricular em 1 – ; critérios de desempate em 1.
3	1997	25	17para aprovação de verbas; - 2 para apresentação de trabalhos de aluno e avaliação; 1 para grade curricular; - compromisso do diretor em 1; - avaliação de desempenho em 1; - estatuto do colegiado em 1; - emenda ao regimento em 1; - férias premio em 1
	1998	19	Aprovação de verbas em 15; - PDE em 2; - aluno problema em 1; - proibição de taxas escolares em 1
	1999	31	Aprovação de verbas em 27 - escolha do diretor em 2; - doação de uniforme em 1; - calendário em 1 delas.
	2000	10	Aprovação de verbas em 6; calendário em 1;- desmembramento de turmas em 1; - eleição do colegiado em 2; férias premio em 1; - reposição de dias de greve em 2
6	1997	-	Não tem arquivo (enchente levou)
	1998	-	Idem
	1999	-	Idem
	2000	14	Aprovação de verbas em 12; - 1 sobre reposição dos dias de greve; - 1 sobre disciplina de alunos; 1 sobre os estragos da enchente

ANEXO 19

PREDOMINÂNCIAS HORIZONTAIS NAS ATAS DE COLEGIADO

DATA	*PREDOMINÂNCIA*
Em 1997	Elaboração do Projeto emergencial do Ciclo Básico de Alfabetização Cantinhos de Leitura – Eleição do Colegiado PROCAP – Avaliação de Desempenho – Apresentação da proposta do Programa – Um salto para o futuro
Em 1998	PROCAP – Elaboração do PAIE, Elaboração do PDE, Projeto emergencial, Avaliação Sistêmica, Avaliação de Desempenho, Cantinho de Leitura, Orientação para elaboração do currículo diversificado Projeto de Aceleração de aprendizagem
Em 1999	Implementação da Escola Sagarana Novas orientações sobre Colegiado – Orientações sobre Módulo II – Projeto de Aceleração de Aprendizagem, Discussão sobre adoção do Ciclo – Eleição de diretor (apenas a Escola Estadual Jorge Avelar, não teve o processo, pois devido ao numero de alunos, não existe diretor, e sim um coordenador)
Em 2000	Elaboração da Proposta Político Pedagógica na Escola Sagarana – Adoção dos ciclos nas escolas que optaram por este sistema – PAIE, Discussão para implementação dos NAIs

ANEXO 20

Reunião do Colegiado
Escola Estadual "Professor Franco da Rosa"
Horário: 17 horas
Data: 30-09-97
Local: Escola
Participantes: Membros do Colegiado
Objetivo: Aprovar a indicação de professor para o Curso de Facilitador do Procap.
Assuntos debatidos: Foi apresentado ao Colegiado a professora Evely Pereira Silva de Mello indicada pela escola para fazer o curso de facilitador de 10 a 28 de novembro em Varginha. Este professor deve ter disponibilidade para assumir carga horária maior ou para dobrar o turno de trabalho, com vistas à implementação do Procap, tenham experiência de participação em decisões colegiadas e esteja profissionalmente satisfeita com decisões na escola, seja professor experiente e venha demonstrando habilidade para o trabalho em equipe, assuma postura político-pedagógica comprometida com a melhoria da educação e evidencie domínio dos conteúdos das áreas curriculares e das técnicas de manejo da sala de aula.
Conclusão: O colegiado após ouvir o que a Presidente colocou deram parecer favorável sobre a Professora Evely Pereira Silva de Mello.
Responsáveis
Lucinda Batista.

Marilde de Fátima Magalhães Costa
Maria Gorete
Ana Paula
Ilma Rocha
Gilvanete Oliveira
Deise Maria Batista

Ata da reunião do Colegiado da escola estadual "Professor Clóvis Salgado". Aos doze dias do mês de março de hum mil novecentos e noventa e nove, às dezesseis horas na sala dos diretores deste estabelecimento de ensino, realizou-se reunião sob a presidência da Senhora Diretora Selma Lúcia Gomes Procópio, para conhecimento e aprovação do Plano de Desenvolvimento da escola (PDE). Após explanação do que consiste o Plano de Desenvolvimento da escola, sua durabilidade, as verbas, metas e esclarecimento das dúvidas, foi então aprovado pelo colegiado e nada mais havendo a tratar foi encerrada a reunião e eu Gisele Henrique de Morais de Oliveira, lavrei a presente ata que será lida, e se aprovada, será assinada por todos os presentes.

Selma Procópio
Marilde de Fátima Magalhães Costa
Maria Gorete
Ana Paula
Ilma Rocha
Gilvanete Oliveira
Gisele Henrique de Morais de Oliveira
Deise Maria Felipe Batista

Ata da reunião do colegiado da escola estadual "Professor Clóvis Salgado". Aos seis dias do mês de abril de hum mil novecentos e noventa e nove, às treze horas na sala dos diretores deste estabelecimento de ensino, realizou-se

ANEXO 21
ATAS DE REUNIÕES GERAIS E PEDAGÓGICAS

1997					
BUENO BRANDÃO	MONSENHOR FONSECA	CLÓVIS SALGADO	JORGE AVELAR	FRANCO DA ROSA	OLÍMPIA DE BRITO
- predomínio de assuntos de início de ano, planejamento e avisos gerais - avaliação de desempenho - aniversário de 88 anos da escola - Ciclo Básico de Alfabetização - Comemorações - PROCAP - Ciclos	Não tem registro neste ano (o livro de ata começa em 1986 e pula para o ano 2000)	Não tem registro	Não tem registro	Planejamento, assuntos de inicio de ano Avaliação de desempenho Qualidade total Ciclo Básico de Alfabetizaçao	Não tem registro por causa da enchente

1998					
BUENO BRANDÃO	MONSENHOR FONSECA	CLÓVIS SALGADO	JORGE AVELAR	FRANCO DA ROSA	OLÍMPIA DE BRITO
- Avisos gerais, planejamento geral do ano - PROCAP - avaliação de desempenho - dia do PDE - final de ano – sugestões	Não tem registro	Não tem registro	Não tem registro	- avisos gerais, planejamento do inicio de ano - PROCAP - Avaliaçao de desempenho - dia do PDE - criação do conselho de classe	Não tem registro porque a enchente levou

1999					
BUENO BRANDÃO	MONSENHOR FONSECA	CLÓVIS SALGADO	JORGE AVELAR	FRANCO DA ROSA	OLÍMPIA DE BRITO
- Providências de início de ano; - planejamentos e avisos gerais - Festa dos 90 anos da escola - eleição de diretor	Não tem registro	Não tem registro	Não tem registro	- Planejamento inicial - decisão sobre série ou ciclo (obs: o registro parou em abril)	Não tem registro porque a enchente levou

2000					
BUENO BRANDÃO	MONSENHOR FONSECA	CLÓVIS SALGADO	JORGE AVELAR	FRANCO DA ROSA	OLÍMPIA DE BRITO
- início de ano- planejamento geral	- avisos gerais, planejamento anual	Idem	Não tem registro	Avisos gerais – planejamento geral	Início de ano - planejamento geral
- Escola sagarana	- idem	Idem		-	Idem
- estudo sobre ciclos com videos	- idem	Idem		-	Idem
- NAI- implementação	- idem	Idem		Idem	Idem
- projetos	Projeto PAIE	Projeto de eleições municipais		Projeto 500 anos de Brasil	Festas escolares
- professores especializados para EF e ER		Fichas de avaliação			- problemas da enchente

Anexo 22
ESCOLA ESTADUAL 1

1997	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª ata	31/1/97-p.13v assuntos de pessoal, designação e quadro quantitativo -CDE-96 circular nº 24, e 17, solicitando o quadro curricular		27/1- p. 64 reunião de acolhida no inicio do ano apresentação das profªs novatas a diretora deixou claro que para ter um ensino de qualidade é preciso um bom desempenho e depende de cada um de nós lembrou a tradição do BB e a busca da escola pela sociedade avisos gerais profs. Manifestaram preferências com horário e se possível atendidas. 28/1-p. 65 (XEROX EM ANEXO) aviso sobre turmas de pré que não haverão mais pelo estado homologação do concurso público de 1996 - curso de matemática CBA na quarta feira - necessidade de cada	Foram analisadas 18 correspondências, sendo 12 sobre assuntos de pessoal e as demais de natureza diversa (rede física, concursos, avisos, etc)

			prof. Reunir-se com a SE para planejar - - distribuição das turmas - a diretora tornou a lembrar sobre a qualidade e o nome do BB - disse que é preciso mudar a metodologia porque o mundo mudou - é preciso dar o básico bem dado - necessidade de dar muita redação - necessidade de firmeza, mas o prof. não pode relar a mão no aluno.	
2ª ata	5/2/97 p.14 Quantitativo de pessoal -CDE 2-96			
3ª ata	24/2/97 –p14v assuntos de pessoal fax sobre cronograma do Projeto emergencial do CBA - conclusão dos testes de visão	25/2 – apresentar termo de compromisso do diretor e diretor agradece a colaboração de todos	----	
4ª ata	3/3/97- p.14 assuntos de quadro informativo de currículo e pessoal; circular de rede física divulgação de "Um salto para o futuro quadro curricular do curso reg. De suplência	4/3- esclarecimento da importância do colegiado e apresenta os profs. Novatos		

5ª ata	10/3/97-p15 recebe o projeto emergencial do CBA assuntos de pessoal haverá cursos de capacitação para todos os profs. Sobre alfabetização	11/3 – Discussão de vários assuntos (XEROX da ata em anexo- p.69 e 69verso) Há aspectos interessantes: cobrança do uso do uniforme básico (flexíveis as possibilidades); proíbe venda de material diretamente ao aluno; consente em tirar foto a 7 reais; discorda de venda de agasalho com emblema, pois há crianças de todos os níveis sociais. COLEGIADO APROVA AS MEDIDAS		
6ª ata	12/3/97-p.15 - ata de reunião de aux. Secr. De todas as escolas - orientação sobre hist. escolar - Instr.1/96 sobre transf. de alunos de CBA e não; - cálculo de CH comum por bimestre			
7ª ata	21/3 – p´.16 - orientação p/ emendas do regimento escolar, para atualizar com CBA, colegiado, etc - solicita atualização do estatuto do colegiado; - assuntos sobre pessoal			
8ª ata	17/4/97-p.16 - ata da reunião de diretores de esc. est; - levantamento nº alunos e profs. para projeto emergencial; - leitura de ofício sobre;	Verba QESE- sugestão da diretora para gastar com materiais COLEGIADO APROVA	----	

	decisão de aglutinação de alunos para o emergencial, menos Ol. Brito e BB; inspetora visita Feira de Livro			
9ª ata	29/4/97-p.17 termo de compromisso sobre Merenda-FAE assuntos de pessoal reunião com os membros do colegiado eleito	25/4- verba QESE – idem COLEGIADO APROVA DIA29/4 – reunião com IE onde se apresenta matéria sobre a importância do colegiado	----	
10ª ata	13/5/97 –p.17 assuntos de pessoal (estágio probatório) providencias para emenda no regimento(CBA. Colegiado e matrícula aviso informativo sobre TVExec.	5/5 – verba merenda, sugestões de compra e cardápio e o COLEGIADO APROVA		
11ª ata	26/5/97-p.17v acompanhamento do projeto emergencial (rede física, prof. Recuperador, metodologias, etc questionamento sobre o horário do recuperador(está dando 3 horas e 1 de planejamento)??? Sugestões no relatório do prof. Recuperador; Sugestões para elaboração do projeto do emergencial	25/5 – IDEM , idem....	23/5- p. 66 conscientização da avaliação de desempenho comemoração dos 88 anos da escola leitura da Fábula da convivência para se fazer uma reflexão explicações sobre avaliação de desempenho vindas da SEE	
12ª ata	3/6/97-p.18 material Projeto Gente Consciente; inform. Sobre Prêmio Incentivo à Ed. Fund; Circular sobre progr. Adote 1 escola; modif. Do horário do prof. Recuperador (TEM QUE SER 4 HORAS)	2/6- verba Proqualidade para cantinho de leitura COLEGIADO APROVA		

13ª ata	4/6/97 –p.18v assuntos de pessoal	12/6VERBA proinfo Idem	----	
14ª ata	25/6/97-p.18v atividades do dia do CBA: reuniões de estudo com profs. E pais e exposição de trabalhos	23/6- verba para confecção de armário –coleta de preços e o vencedor; COLEGIADO APROVA 26/6- verba QESE – COLEGIADO APROVA	---25/6- p. 67 (XEROX ANEXO) solicitação da participação de todos na retomada do CBA para melhora do ensino de forma expositiva a inspetora também estava presente e deixou sua mensagem estudo dirigido pela SE com apostila sobre: como avaliar no CBA no segundo momento, os alunos de CBA participaram para se inteirar – de sua responsabilidade no CBA no terceiro momento, foi a vez dos pais tudo foi filmado e documentado	
15ª ata	25/8/97-p.19 inspetor visita salas de aula; conhecimento da rede física; assuntos de pessoal		--19/8-p. 68 assunto UNIMED, aniversário da cidade encerramento do primeiro semestre e livro de chamada	

16ª ata	1/9/97 p.19v entrega corresp. Sobre QTT e aval. desemp; visita sala do projeto emergencial e parabéns; leitura PDE e PP; troca de idéias sobre obj. do CBA	19/9- verba QESE COLEGIADO APROVA	----	
17ª ata	17/9 –p.20 orient. Sobre Quadro curricular informatizado; circular para atualizar dados da rede física; repasse de inform. Sobre encontro CBA em Caxambu			
18ª ata	19/9/97 p.20 assuntos de relação de dados do prédio visita ao 4º ano para palestra sobre corpo hum	30/9- verba merenda. COLEGIADO APROVA	-	
19ª ata	2/10/97 –p.19v orientação quadro curr. Informatizado; assuntos de pessoal; visita salas de aula; conferencia dos dados do prédio	2/10- Aprova nomes de profas. Indicadas para facilitadoras do PROCAP COLEGIADO APROVA	---7/10-p. 69v Unimed Comemoração do dia da criança e do dia professor Sugestões de critérios que gostariam de ser avaliadas no desempenho Foram passadas sugestões para fichas: itens-competência técnica, potencial de crescimento, ética profissional e organização e responsabilidade	
20ª ata	9/10/97 –p.21 preenchimento de ficha do CBA; reunião com pedagogos sobre o emergencial; visita a salas de		21/10- p. 71 avisos gerais: sobre municipalização e problema com profs. Designados	

	aula do emergencial e constatação da infreqüência dos alunos		acalmaram-se os ânimos, pois a diretora garantiu que nossa escola não irá acabar: ela continuará existindo de uma forma ou de outra; ficha de avaliação de desempenhos	
21ª ata	Dia 21/10/97 p.21 Entr. Corresp; assuntos de pessoal; preenchimento de hist. escolar	24/10- Verba para curso de capacitação de profs. Do CBA	---	
22ª ata	p. 22 assuntos de pessoal; elabor. do relat CBA; visita salas de aula; orient. Reunião dos elementos do colegiado em Varginha; part. Na homenagem ao diretor	28/10- VERBA merenda COLEGIADO APROVA 30-10- Verba para pagamento de água e luz 31-10 – VERBA FNDE- estudo das necessidades da escola é apresentado e COLEGIADO APROVA		
23ª ata	17/11/97-p.22 orient. Prof. Emergencial; reunião com SE		---	
24ª ata	21/11/97 –p;22v fichas do CBA; visita a salas para ver sucesso na prod. De textos; coment. Com SE sobre Res.8086 de 18/11/97; artigo Neidson e ciclo			
25ª ata	2/12/97-p;23 visita salas; repasse do II reunião técnica do CBA; elabor. De atividades de leitura p/ emerg.	CRITÉRIOS PARA DESEMPATE DE DESIGNAÇÃO... COLEGIADO APROVOU	PROCAP irá acontecer a partir de 1998 O designado deverá faze-lo. O efetivo	

		FIM DO LIVRO	pode escolher, mas irá contar ponto na AD UNIMED.... Doações para o asilo. 9/12-p.75 apresentação de profas. Efetivas que irão pertencer à escola a partir de 1998 sermão sobre BB – sua tradição, sem fofocas e com competência (XEROX EM ANEXO)	
26ª ata	4/12/97-p.23 entrega corresp. Assuntos de pessoal		17/12-P. 76 AVISOS GERAIS Comentário da res. 8086/97 que fala da implantação dos ciclos na rede estadual, trazendo uma mudança radical: não haverá mais repetência, e os não aptos terão estudos complementares em janeiro Curso PROCAP Avisos de pessoal Avisos de final de ano.	
27ª ata	8/12/97 –p.23v orient. Sobre Hist. Escolar; visita a salas; assuntos de pessoal FIM DO LIVRO		FIM DO LIVRO	

ESCOLA ESTADUAL 1

1998	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª ata	29/1-p.23v ata da reunião com diretores EE para orientação de quadro de pessoal, e normas de org. do atendimento escolar		26/1-p. 77v boas vindas a todos esclarecimentos sobre horários, aulas do Procap	Foram analisadas 58 correspondências, sendo 47 delas sobre questões de pessoal. As demais são de caráter diverso (rede física, avisos, etc)
2ª ata	30/1-p.25 reunião c/ diretores EE p/ assuntos de pessoal	12/2- Aprovação das contas da Caixa Escolar COLEGIADO APROVOU 17/2- apresentação de grade e calendário COLEGIADO APROVOU 26/2- verba merenda COLEGIADO APROVOU	27/1-p. 78 estabelecimento de horários mudança de pessoal de secretaria 28/1-p. 78v (XEROX EM ANEXO) informar sobre mudanças ocorridas, estabelecer horários, e avisos de interesse geral: avisos para os novatos: aqui se trabalha e é imperdoável qualquer deslize; dar dever diariamente é sagrado, porque os pais exigem castigos na hora do recreio, a profª fica junto mas precisa deixar merendar avaliação de desempenho será rigorosa mudanças na grade curricular 30/1-p. 80	

			últimos avisos para o pessoal antes do reinicio das aulas evitar criar problemas com material de aluno, se o pai não puder pagar, não tem importância	
3ª ata	5/3 –p.25 resolver probl. Com servidora	11/3 – ASSUNTOS DIVERSOS xerox da página 80 e 80 verso do livro de atas....são vários avisos e um caráter mais de comunicação COLEGIADO APROVOU		
4ª ata	17/3-p.25v assuntos de pessoal; preenchimento ofício PROCAP; preenchimento do quadro informativo de pessoal e de turmas; esclarecimento sobre aulas de EF; divulgação da lei 12767 de 21/1/98 que determina obrig. de inclusão do estudo de Direitos humanos nos currículos			
5ª ata	30/3 –p.26 reunião com servidores para av. desem			
6ª ata	7/4-p.26 assuntos de pessoal			
7ª ata	16/4-p.26v reunião com comissão da Av. Dês; divulg. de poesia vencedora	29/4- Substituição de pessoas do colegiado por motivos de não freqüência		
8ª ata	5/5-p.26v contas telef; quadro curr. Informatizado; orientação sobre	5/5 – ver XEROX p. 83 – alguns avisos e problema de disciplina com o aluno Caiã,		

	cobrança de taxa de mensalidade (não pode) e deve ser divulgado em cartazes; assuntos do colegiado escolar	mas o menino está faltoso. Escola quer extensão de séries		
9ª ata	14/5-p.27v divul. Semana contra drogas; solicitação Decl I Renda; avaliação do Procap; contagens de tempo; encontro sobre PDE	21/5- ver XEROX –p.84 e 84verso- problemas de disciplina do aluno Caiã e após análise , o colegiado decidiu deixar um tempo o menino fora da escola, e ficar com a matrícula em suspenso. OUTRO CASO TRATADO: uma profª que deixa os alunos de castigo em pé de frente ao quadro. A diretora prometeu tomar providências PEDE-SE SIGILO DESTES CASOS 22/5- verba merenda. IDEM		
10ª ata	9/6-p.27v entrega de material Est. Probatório; regulamento do concurso "Profª. Maluquinha"; assuntos Procap; solicitação de fita virgem para gravar vídeo sobre aluno deficiente na rede regular; SEDINE; escritu. Escolar; Av. Desempenho e outros assuntos de documentos	12/6 – VERBA qese – idem	15/6 –p. 81 mudanças do horário do Procap em dias de jogos do Brasil reunião para AD diretora alertou para que todos tenhamos inteligência emocional e controle é necessário educar as crianças para que tenham uma inteligência moral 15/6- reunião geral p.81 v explicação de como será o dia do PDE, não haverá aula e foi explicado Tim Tim por	

			Tim Tim, cada atividade do dia. Alertando para que o planejamento seja participativo. (XEROX EM ANEXO)	
11ª ata	16/6-p.28 av. desemp.			
12ª ata	19/6 – p.28v acompanhar atividades do dia D-PDE; assemb. Sobre Av. Desem			
13ª ata	1/7-p.28v assuntos de pessoal; projeto emergencial e cobrança de projeto; implantação do serviço Disque Colegiado; divulgação do concurso Criança e Cidadania	7/7 – pagamento facilitadores do Procap		
14ª ata	7/8-p.29 entrega de material de CDE e outros assuntos de pessoal; informações sobre Tv interativa; convênio IPSEMG; implantação dos Estudos complementar e orientações sobre Res. 8086; inform. Sobre registro de prof.; pôster sobre drogas; assuntos de tempo averbado	4/8 – verba merenda IDEM		
15ª ata	12/8- p.29v av. desem; inform. Sobre PAIE-Prodec (projetos de inova. Curric) histórico esc.	24/8 – (XEROX DO LIVRO DE ATAS – p. 87 verso, 88 e 88 verso) volta o caso do aluno Caiã, que teve nova chance e não conseguiu se adaptar. O colegiado quer ouvir a psicóloga que não pôde comparecer. Uma das profas. É	6/8-P. 82V APRESENTAÇAO DO DIAGNOSTICO DO PDE e dar avisos de interesse geral Evitar ficar conversando no corredor A escola está com dificuldades financeiras e	

		de opinião de não mais aceitar o menino; o colegiado pede informações sobre os tratamentos dentários, pois há insatisfações. A folha da ata conta toda a história; a escola irá desfilar (os alunos do 4º ano são a última vez) em 7 de setembro com uniforme flexível.... e dia 23 de setembro só se a prefeitura arcar com as despesas	promoverá o concurso garota da primavera. (XEROX EM ANEXO)	
16ª ata	26/8 –p.30 assuntos de pessoal e atendimento médico; solicitação de lista de alunos evadidos para enviar para o Fórum	29/9 – XEROX – p. 89verso e 90, 90 verso e 91: caso de uma profª que os pais pedem para afastar. Todo o caso está historiado, das providências com a SE, e a profª recusando a assinar as observações. A profª foi ouvida nesta reunião e todos os comentários estão registrados, evidenciando desencontro de falares e agires		
17ª ata	5/10 –p.30 atendimento de solicitação de membro do colegiado chamando a inspetora para participar da reunião: assunto-problemas disciplinares e de aprendizagem de alunos da 4 série. Os pais pedem a transf. da profª que assumiu a classe em agosto (pedido encaminhado à SER	5/10 – reunião a pedido da profª em questão e com a presença da IE e mais os pais. Há registros dos dois lados e na pág. 93 a defesa da profª , reclamando da vigilância da diretora. E que sofre perseguição... A profª não aceitou mudar de sala e aí a IE iria levar o caso a SER e o colegiado pediu a mudança da profª de escola – há no livro de atas, uma cópia do ofício da SER, mudando a profª da		

		escola. (A DIRETORA ATUAL, comentou comigo, a força do colegiado, diante deste fato, e se mostrou muito convicta desta demonstração, como prova, para aqueles que esvaziam o colegiado)		
18ª ata	6/10-p.30v concurso Prêmio Nacional em Gestão Escolar; assuntos de pessoal; assuntos de histórico escolar de um aluno			
19ª ata	19/10 –p.31 decisão quanto a profª: afastada da sala e reaproveitada na escola no emergencial e aguarda p/janeiro mudança de lotação; informações sobre o Dia Legal; assuntos de pessoal; inform. Sobre Acontece Educação (jornal); encaminha livros e o vídeo sobre inclusão; processo seletivo Univ. de Franca	20/10- verba merenda IDEM 19/10- reunião para comunicar aos pais a mudança da profª em questão.		
20ª ata	26/10-p.31v inform. Sobre justiça eleitoral (profs. Requisitados) - orientação sobre PDE, formação de conselhos de classe; entrega de modelo de ficha de Est. Probatório	12/11- XEROX das páginas 98 verso e 99 solicitação do SENAC para usar salas; explicação do que é um conselho de classe; PAIS SOLICITAM ENTURMAÇÃO HOMOGÊNEA, pois eles dizem que é mais fácil (FICA O DITO		

		PELO NÃO DITO NA ATA, Deixando a entender que a escola acatou) Assuntos de arrecadação de dinheiro para caixa escolar, formatura, e rifas.		
21ª ata	14/12 p.32 entrega de contra-cheques; Res; 9527/98 com normas sobre av. diagnóstica e sistêmica (alunos que irão fazer); estudos complementares para 34 alunos da 4ª série; legislação sobre autonomia das escolas; período probatório; inform. Sobre os Conselhos Tutelares; orientação sobre Instrução 01/98 sobre org. e funcionamento das escolas para 1999; o colegiado da escola decidiu fazer outdoors para angariar fundos para caixa escolar com função educativa; assuntos de pessoal; escola já enviou PDE e regimento modificado à superintendência de Varginha FIM DO LIVRO	2/12 - XEROX – p.99 verso.- assuntos relacionados a dinheiro e cessão de salas. 2/12- apresentação PDE para aprovação final (foi discutido em colegiado e redigido pelas especialistas) 10/12- verba PMDE – COLEGIADO APROVOU O QUE VEIO SUGERIDO 21-12 verba merenda IDEM FIM DO LIVRO	18/12-P. 84 A diretora agradeceu a todos o trabalho realizado durante o ano - sugestões para escolha de horário no próximo ano - divulgação de resultados de concurso - aviso de que a bolsa do Procap não será paga. FIM DO LIVRO	

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ESCOLA ESTADUAL 1

1999	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª ata	27/1-p.33 ata de reunião com todos os diretores para: leilão de vagas; calendário escolar; cobrança de taxa; Qinform; assuntos de pessoal; emenda constitucional nº20 que muda o sistema de prev. social	26/1- assuntos de designação de pessoal, a partir da Res. 9634/99 COLEGIADO ACATOU		Foram analisadas 95 correspondencias, sendo 65 sobre questões de pessoal e as demais de natureza diversa
2ª ata	23/2-p.33 repasse de orient. Sobre assuntos de pessoal, quadro informativo de turmas (QTA) reorganização até 26/2; Res.24 de 11/2/99 sobre Ed. Especial	9/2- calendário escolar sugerido e COLEGIADO ACATOU 24/2 – verba QESE – colegiado aprovou	5/2-p. 85v (XEROX EM ANEXO) diretora dá as boas vindas explica as responsabilidades do pessoal, e do professor para fazer planos, etc... TUDO TIM TIM POR TIM TIM... depois explica tudo sobre o supervisor... depois tudo detalhado sobre a eventual depois tudo sobre os auxiliares de secretaria etc...etc.... 5/2-p. 88 mais avisos gerais, apresentação das supervisoras em 1999 e atribuições...	

3ª ata	9/3 –p.34 assuntos de pessoal; aprovação do PDE no colegiado; prorrogada a Ass. Geral do colegiado para maio		1/3-p. 88v avisos gerais e discussão sobre o sistema de pontuação para 1999 funções do conselho de classe e do colegiado.. (é um órgão de grande poder e serve de suporte para o diretor e ajuda a resolver os problemas da escola (SÓ... QUE O COLEGIADO ... NÃO DIZ .... ISSO NAS SUAS ATAS, NÃO?	
4ª ata	23/3-p.34v contagem de tempo; entrega de corresp. E legisl.; mudança de nomenclatura nos quadros curriculares (parecer CNE 2/98)			
5ª ata	28/4-p.35 assuntos de pessoal; merenda escolar; planilha para reforma da rede física	8/4- verba merenda COLEGIADO APROVOU 8/4- Projeto "Adote um aluno"- R$10,00 por cada colaborador, para contratar prof. De reforço. Projeto aplaudido e aprovado; pedido de quadra por pessoas alheias à escola, foi negado IMPORTANTE... COMO SERÁ A PONTUAÇÃO DE AVALIAÇÃO DO ANO- SE apresentou sugestões, todos acataram e COLEGIADO APROVOU XEROX em anexo, PÁGINA 4 VERSO E PAGINA 5. do livro 2) Obs. Interessantes. Não deve se falar o nome de prova		

		ou teste, como mandar aos pais, arquivar...Resultados só de Port. E Matem...XECAR... HÁ MUITOS DADOS DE QUANTITATIVO E NÃO DE QUALITATIVO.....		
6ª ata	17/5-p.35v assuntos de pessoal	28/4- Prestação de contas da Caixa Escolar e o Colegiado aprovou 4/5- VERBA merenda... e o COLEGIADO APROVOU	3/5-P. 90 Reunião de pais do bimestre Organização das festividades de 90 anos da escola Normas para usar o xerox da escola	
7ª ata	1/6-p.36 Aviso "Criança desaparecida; prorrogação dos mandatos do colegiado; assuntos de pessoal	14/6 verba merenda e colegiado aprovou 30/6 – verba QESE – colegiado aprovou		
8ª ata	5/7-p.36v conferencia do quadro de escola e assuntos de pessoal	14/7- verba merenda IDEM	12/7-p. 91 organização da escala de férias	
9ª ata	18/8-p.37 visita a escola para inspeção de rotina; prestação de contas da merenda			
10ª ata	30/8-p.37v assuntos de pessoal; histórico escolar			
11ª ata	13/9 – p.38 estudo de caso de aluno sem documentação escolar; cartaz sobre Pintura Infantil; convênio DASEN e livro didático; assuntos de pessoal	9/9- Verba QESE COLEGIADO APROVOU 20/9 – Prestação de contas da Caixa Escolar COLEGIADO APROVOU		

12ª ata	19/10- p.38v divulgação de campanha de Prevenção de Acidentes na Inf. E Adoles. Inspetora recebe da diretora, a res. 154/99 sobre o processo de escolha de diretores	18/10- verba merenda IDEM		
13ª ata	28/10-p.39 prestação de contas da merenda ; levantamento de condições da rede física	26/10- informações sobre processo de eleição do diretor – Res. 154/99 e as providências a serem tomadas pelo colegiado Descontentamento, porque a diretora atual não pode mais se candidatar		
14ª ata	5/11 – p.39v assuntos de pessoal; assuntos da eleição de diretor	27/10 – assunto idem e eleição da comissão organizadora para eleição do diretor (XEROX – p. 11 e 11 verso) com as manifestações dos pais que querem fazer um abaixo assinado em favor da diretora 5/11- VERBA MERENDA... o colegiado aprovou	8/11- p. 91 escolha de chapas para concorrer a direção e vice da escola desde que apareceu o assunto, a escola quer o consenso e vai fazer chapa única discussão dos candidatos	
15ª ata	2/12 –p.40 assuntos de pessoal; preenchimento de histórico; assuntos da eleição de diretor	3/12- verba QESE – COLEGIADO APROVOU	FIM DO LIVRO	
16ª ata	15/12 –p.40v assuntos de pessoal; entrega do regimento até dia 29/2/2000	16/12- verba merenda Colegiado aprovou FIM DO LIVRO		

ESCOLA ESTADUAL 1

2000	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ªata	24/1-p.41 mudança de lotação dos ex-diretores a pedido deles; providencias para nº de turmas e quadro de escolas	4/1 – P. 14 – verba Programa Dinheiro Direto na escola PDDE	31/1-p. 93 distribuição das funções de auxiliares e alterações no horário de trabalho 31/1- p. 93v (XEROX EM ANEXO) apresentação da nova diretora eleita explicações da resolução sobre ciclos apresentação de profs. Novos avisos de interesse geral colocação do calendário de 2000 para votação todas as atividades que deverão acontecer foram explicadas necessidade do prof. Ser criativo a supervisão precisa ser partilhada pontualidade.... etc... sermão total	Foram analisadas 94 correspondências , sendo que 60 delas eram sobre assuntos de pessoal e as demais de natureza diversa.

2ªata	26/1-p.42v assuntos de pessoal; cronograma para 2ªetapa do PROCAD; encaminhamento do quadro curricular; conferencias dos bens patrimoniais			
3ªata	26/1- p.43 mudança de lotação			
4ªata	16/2-p.43v orientação para regimento escolar com atualizações; preenchimento de quadro de turmas e alunos; assuntos de pessoal; histórico escolar	3/2- p. 15- a nova diretora se apresenta e coloca sua proposta de trabalho, com ênfase no pedagógico. Explicação de mudanças quanto ao ciclo no sistema e avaliação, calendário, etc.		
5ªata	28/2-p.44 assuntos de pessoal	30/3- p. 16v- verba da merenda escolar	13/3- ATA PARA DESIGNAÇAO DE PROFESSORES DA ED. FÍSICA E EDUCAÇAO RELIGIOSA	
6ªata	17/4-p.44v implantação do ciclo; integração de profs. Entre os ciclos; assuntos de pessoal; merenda escolar	25/4- p. 17 – verba merenda escolar 28/4- p. 17v – verba quese	27/3-P. 99 ATA PARA DESIGNACAO DOS PROFESSORES DE ED. FISICA 27/3-P. 99V apresentação dos novos profs. De ed. Física e religiosa., e transmissão de avisos de ordem geral diretora propõe momentos cívicos para os alunos avisos de pessoal.	

7ªata	12/6-p.45 assuntos de pessoal; subsídios para elaboração da proposta pedagógica		Fim da leitura	
8ªata	19/6- p.45v reunião com diretores das EE para assuntos de pessoal: explicações sobre eleição do colegiado; necessidade da escola ter um projeto pp contra drogas; informações sobre Procap e Procad; inf. Sobre concurso P3 e SE e IE; quadros da escola; apostila do NAI- como a escola está atendendo nos módulos: amigos da escola devem ser lavrados em ata para não haver vinculo empregatício; orientação sobre escrituração escolar; questionário sobre biblioteca; reposição de greve	5/7- p. 18 – reposição dos dias de greve		
9) 9/8- p. 46 v	Reunião para implantação do ciclo a pedido da escola, aproveitando a reunião pedagógica. Assuntos de pessoal	4/8- p. 18v- verba quese, e verba para aquisição de carteiras escolares e verba de merenda escolar		
10) 18/8- p.47	Reunião com todos diretores de EE e Seduc para: plebiscito sobre divida externa Assuntos de pessoal Relato de atividades com ECA Entrega de correspondência sobre livro didático			
11) 6/9- p. 47v	Reunião com todos diretores e inspetores: entrega de correspondências sobre o Encontro Nacional da Presença			

	Pedagógica; - rede física – Sedine - assuntos de pessoal			
12) 13/9- p, 48v	Assuntos de pessoal			
13) 20/9 p. 49v	Tomada de conhecimento através da diretora sobre comportamento do prof. De Ed. Religiosa e denuncia da mãe do aluno como assédio sexual (ver xerox em anexo) Assuntos de pessoal			
14) 18/10- p. 50 v	Assuntos de pessoal			
	FIM	16/11 – p. 19v verba programa PDDE, verba quese		

ESCOLA ESTADUAL 2

1997	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
		30/1- p.46v problema com profa. Que quer sala no matutino e a diretora deu no vespertino, porque ela não é assídua e pontual. As partes foram ouvidas e decidiu-se manter o vespertino	NÃO EXISTE REGISTRO	Foram analisadas 78 correspondências, sendo que 32 delas são de questões relativas a pessoal e as demais de natureza diversa
	5/2- p.21 leitura de legislações para emergencial questões de pessoal necessidade de mudança de tipologia porque a escola não tem mais pré solicitação para elaborar quadro curricular conforme res.79115/96 do cba 17/2-p.22 conferir CDE2/96- documento não preenchido constatei existência de recesso sem haver informado à Sup. Histórico escolar Assunto de pessoal Orientação de preenchimento dos diários de classe do cba 25/2- estudo da legislação sobre cba			

	orientação de reposição dos dias em que foi dado recesso, indevidamente			
	4/3- p.24 entrega de correspondência sobre programas, circulares da rede física, prestação de contas do fnde e assuntos de pessoal orientação para balancete da caixa escolar 5/3- assuntos de pessoal 14/3- visita às salas para constatar freqüência. Rede física precária; entrega de correspondência necessidade da caixa escolar ter nova diretoria Prêmios e concursos Assuntos de pessoal; Necessidade de emendas ao regimento Legislação sobre colegiado escolar Conferencia de quadros Informativos 24/3- p.28 assuntos de pessoal, entrega de correspondência necessidade de novo Estatuto do colegiado elaboração da emenda ao regimento ; fichas e preenchimento	7/3 –p.47 eleição dos membros do colegiado apresentação do emergencial leitura da legislação do colegiado 26/3 –p.48v apresentação dos novos membros do colegiado apresentação do regimento escolar, balancete da caixa. Decidiu-se no futuro rever o estatuto do colegiado e o regimento.		

	7/4- entrega de correspondência assuntos de pessoal quadros de freqüência 10/4- p.30- entrega de correspondência assuntos de pessoal quadros informativos 16/4- p.31 documentos sobre colegiado assuntos de pessoal 23/4- p. 32 quadros e assuntos de pessoal	22/4- p.49 análise da viabilização do emergencial; interação com o solidaried´aids;		
	12/5- p.33 entrega de material sobre vídeo aula, assuntos de pessoal, análise de diários de classe, visita às salas de alunos do projetos emergencial e sugestões para aulas mais interessantes 20/5- p.35 visita às turmas do emergencial			
	3/6- p.36 correspondências de concurso e de programas assuntos de pessoal 11/6- verificação dos quadros de freqüência e livros de ponto, entrega de correspondências; orientação para montagem de Projeto de capacitação de profs. Assuntos de pessoal 18/6- p.38 entrega de circulares e orientação para dia do cba; histórico escolar; visita às salas do emergencial	3/6- verba do cantinho de leitura. 16/6- p.50 verba e aplicação de merenda escolar 24/6- verbas para armários de livros do cantinho de leitura		

	25/6- p.39 visita ao dia do cba			
	15/8- p.40 entrega de correspondência, cartazes do cantinho de leitura; concurso do Mar, assuntos de pessoal e avaliação do emergencial			
	5/9-p.41 assuntos de pessoal, circulares, e legislações 9/9- p.43 assuntos de pessoal	18/9 – p.51 aprovação de verbas para aquisição de equipamento, merenda escolar e qese		
	21/10- entrega de material sobre avaliação de desempenho; concurso da fiemg, assuntos de pessoal 29/10- Formulário: Plano de intervenção no cba; quadro curricular; assuntos de pessoal, histórico escolar			
	4/11 – p.46 formulário para preenchimento sobre pde assuntos de pessoal 14/11 – p.47 entrega de vídeo escolar, legislação , escrituração e assuntos de pessoal	12/11- verba qese, merenda		
	11/12- p.48 alterações ocorridas com as res. 8086/97; 8114/97 e 8115/97 assuntos de pessoal quadros curriculares	2/12 –p.51v decisão de critérios de desempate para o quadro de pessoal de 1998		

ESCOLA ESTADUAL 2

1998	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
		20/2- p.52v verba qese e fnde	NÃO EXISTE REGISTRO	Foram analisadas 81 correspondências, sendo que 31 delas são relativas a questões de pessoal e as demais de natureza diversa
	25/3- p.49 livro velho assuntos de pessoal preenchimento de documentos agendamento de reunião de sensibilização para av. de desempenho	14/3- p.53v e 54 assembléia geral tratando de verbas		
	16/4- p.50 entrega de circulares escola já mudou a tipologia divulgação da inscrição do paie assuntos de pessoal análise de 1 plano de aula de profa. Que participa do Procap conversa com a profa. Que trabalha com aceleração que disse que os alunos vão bem, mas falta material			
	5/5- folha avulsa no livro velho reunião com comissão da av. de desempenho entrega da lei que proíbe taxas escolares e precisa ser afixada	22/5- p.54v verba merenda		

	orientação do preenchimento do quadro curricular 19/5-p.1 livro novo conferência do quadro curricular assuntos de pessoal			
		4/8-p.54v e 55 e 55v apresentação do processo de Av. de Desempenho por solicitação da SEE-MG nas páginas 56 até 57v alguns adendos a ata sobre av. dês.		
	10/6 – folha avulsa escola afixou em lugar visível a lei que proíbe taxas escolares devolução do quadro curricular homologado entrega de material do estágio probat. Cronograma de visitas do GT Procap Histórico escolar Flexibilização do calendário para jogos do Brasil de acordo com o aviso SEE-MG- 197/98, desde que não se altere a carga horária 19/6- p.2 visita á escola para dia do pde	17/8 – p. 58verba qese		
	6/7- p.3 análise do processo de av. de desemp.	11/ 9- p.58v verba fnde		
	20/10- p.4 importância da auto-avaliação: discussão com a diretora	20/10- p.59 assembléia geral instituição do conselho de		

	esclarecimentos sobre montagem do pde e do regimento histórico escolar assuntos de pessoal	classe para avaliação coletiva da aprendizagem do aluno. Foram criados e se reunirão ao final de cada ano letivo ou cada ciclo, encaminhando quem precisar de Estudos complementares. Poderão se reunir extraordinariamente quando for necessário. 30/10- p.59v estudo de legislação		
	23/11-p.5 elaboração do paie-prodec sugestão de atividades para encerramento do Procap assuntos de pessoal 25/11- p.6 prodec elaboração do pde repasse de material para estudo	3/11-p.60v verba merenda 6/11- p.60v e 61 bens de inventário		
	11/12-p.7 orientação para elaboração do currículo diversificado para 1999 – Instr. 01/98 correspondência sobre avaliação sistêmica assuntos de pessoal históricos escolares dos alunos nos projetos de aceleração manual sobre meio ambiente 18/12 –p.8 acompanhamento da avaliação sistêmica esclarecimento de questões de pessoal para início de 1999 histórico escolar	8/12-p.61 análise de alunos que farão estudos complementares		

	FIM DO LIVRO	22/12- p.62v verba da merenda e prestação de contas da caixa escolar		

ESCOLA ESTADUAL 2

1999	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
		27/1-p.63 critérios de desempate para quadro de pessoal e designação	NÃO EXISTE REGISTRO	Foram analisadas 47 correspondencias, sendo que 35 delas referentes a questões de pessoal e as demais de natureza diversa.
	10/2-p.9 assuntos de pessoal	9/2- p.64 verba qese		
	22/3- conferencia dos quadros informativos assuntos de pessoal levantamento de alunos matriculados e com menos de 7 anos histórico escolar	12/3-p.64v aprovação do PDE. Lido e aprovado		
	6/4 p.11 alunos com menos de 7 anos-Res.9494/98 entrega do censo escolar devolução de documentos e assuntos de pessoal	6/4- p.64v verba da merenda		
	18/5-p.12 assuntos de pessoal análise do número de alunos e verificação da necessidade de fusão de 2 turmas (ficou em observação)	3/5- p.65v verba da merenda, com apresentação de cardápios.		
		14/6 -.p.66 pagamento de água, e outras		

		despesas 18/6- p.66v verba da merenda		
		2/8-p.67 verba da merenda 9/8- p. 67v verba qese		
	30/8- p.14 conferência dos quadros informativos assuntos de pessoal entrega de folders de concurso	10/9- p.68 verba da merenda		
	28/10-p.15 visita às dependências da escola para verificar necessidades na rede física esclarecimentos sobre processo de escolha do diretor 22/10- assuntos de pessoal, prestação de contas da merenda e processo de escolha do diretor	8/10- p;68v verba da merenda e cardápios 7/10- p. 69 tratar da parte disciplinar de 2 alunos e a decisão é a de dar transferência a estes alunos 1/10- p.69v verba qese 26/10- p.70 escolha da comissão organizadora para escolha do diretor 27/10- p.70v eleição de representantes dos segmentos para a comissão de escolha do diretor (idem.... várias atas, de cada segmento até a página 74v		
	FIM DO LIVRO			
		8/12- p.74v reunião com a nova diretora para renovar o empréstimo do galpão para a TRW		

		3/12- p.75 verba qese 6/12- p.75v verba fnde 20/12- p.76 verba merenda e cardápios 27/12- verba merenda		

ESCOLA ESTADUAL 2

2000	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões de Pais	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
	3/1-p.17 esclarecimento sobre aulas de ed. Física assuntos de pessoal explicações sobre o calendário e estudo da Res. 06;2000 necessidade de fazer uma avaliação da Proposta pedagógica da escola e acrescentar o que for necessário	19/1- p.77 critérios para desempate no quadro de pessoal		Existe apenas um caderninho brochura, que indica apenas o assunto do dia e as professoras assinam	Foram analisadas77 correspondências, sendo que 45 são relativas a assuntos de pessoal e as demais de caráter diverso.
	15/2-p.18 entrega dos critérios de designação verificação do calendário, quadro curricular, regimento e outros documentos assuntos de pessoal 29/2- p.19 conferencia dos quadros e assuntos de pessoal participação na reunião de pais	1/2 - p.77v apresentação da nova tesoureira 8/2- verba fnde e doação de camisetas 11/2- p.78v aprovação da grade curricular e calendário. Lido e aprovado	29/2-p. 1 reunião com pais e responsáveis para esclarecer sobre aulas de EF e ER; apresentação das professoras e das supervisoras explicação do sistema de ciclos importância da freqüência dos alunos explicação sobre escola Sagarana		

		30/3- p.78v verba merenda e cardápios		15/3- sem assunto.... só há assinaturas 22/3- projeto de aceleração de aprendizagem	
	18/4- p.20 análise do quadro curricular assuntos de pessoal 28/4- orientação sobre propostas de implantação do NAE. Solicitação da proposta pedagógica, pde e regimento			5/4- comemorações dos 500 anos do Brasil 12/4- distribuição de tarefas dos 500 anos 19/4- fita de vídeo sobre organização dos tempos escolares 26/4- conselho tutelar do menor e atribuições	
	17/5- p.22 assuntos de pessoal	2/5- p.79-verba quese 8/5- verba merenda escolar e cardápios 12/5- p.80 empréstimo de salas para trabalhos de seleção do serviço militar; Adoção do projeto Amigos da escola e uma profa. Se propôs a trabalhar voluntariamente com alunos com dificuldade		3/5 assunto: tangram (só há registro do assunto e as assinaturas...) 10/5- elaboração de ficha (idem) 17/5- divulgação do livro didático (idem) 24/5- estava previsto subtração, mas houve	

				paralisação de greve 31/5- projetos da escola, aniversário da escola, fichas e reuniões de pais	
	20/6 p.23 explicações sobre pagamento do pessoal que está ajudando em Amigos da escola assuntos de pessoal 27/6- verificação do projeto pedagógico orientação para reposição dos dias de greve assuntos de pessoal	16/6- p..80v reposição dos dias de greve 30/6- p. 80v aulas de computação a partir de doação de 3 computadores pela TRW e com prof. voluntário	15/6- p.2v explicação dos assuntos: ficha dos alunos, dever, pontualidade, uniforme, disciplina, respeito com as pessoas, e recuperação aula de computação para os meninos do primeiro ano do ciclo intermediário	7/6- escolha do livro didático 15/6 reunião de pais 21/6- subtração 28/6- geometria	
	6/7- p.25 assuntos de patrimônio			5/7- fichas informativas do segundo bimestre	
	23/8 –p.26 verificação e correção no regimento e na proposta pedagógica entrega de material- ficha de avaliação de desempenho do aluno para ser encaminhada aos pais (boletim) outros documentos Entrega da apostila "É proibido reprovar" ao "É preciso ensinar"	18/8- p. 81 Aprovação do regimento e da proposta pedagógica da escola. Todos leram e aprovaram 11/8- p. 81 verba merenda	12/8 –p. 5 comemorações do dia dos pais com várias atividades festivas aproveitamento escolar dos filhos FIM DO LIVRO – DEPOIS COMEÇA O ANO DE 2001	2/8- planejamentos 9/8- projetos e planejamentos 16/8- fita de vídeo sobre auto-estima 23/8- curso de atualização em matemática	

	24/8-p.27 entrega de material regimento escolar relatório sobre atividades com o ECA necessidade de acrescentar na proposta pedagógica as competências das disciplinas e o que queremos e o que vamos fazer 31/8- p.28 solicitação do regimento para homologação entrega de material para o plebiscito assuntos de rede física e assuntos de pessoal			promovido pela Prefeitura por alguns professores que irão repassar aos outros 30/8- plebiscito nacional	
	26/9- P. 29 Verificação da Proposta pedagógica para homologação CONTAGEM DE TEMPO Sugestões de atividades para a diretora que "solicitou"para trabalhar com o aluno Mateus, que está dando problemas, orientei que seja registrado "tudo"que está sendo feito para ajudar este aluno.			13/9- assuntos administrativos-desfile de 7 de setembro 20/9- projeto eleições municipais-debates e elaboração de fichas 27/9- projeto semana da criança	
	26/10- p. 30 orientação sobre CAT ■ estudo do oficio circular	31/10- p. 81 v resolução sobre eleição do colegiado composição da		18/10- projeto de literatura e avisos 25/10- projetos de	

	219/2000 que é direito do servidor assim como o de um professor que passa a integrar o quadro da escolar, conhecer o que o sistema exige dele para considera-lo apto para o exercício do cargo adquirido. ■ FÉRIAS PREMIO ■ Orientação sobre o programa de atendimento voluntário nas escolas estaduais ■ Resolução 147 sobre colegiado, edital ■ ECA e projeto de trabalho com ele ■ Contagem de tempo	comissão eleitoral		meio ambiente e avisos gerais	
	27/11- p.31 entrega de material a ser reproduzido que sera usado no encontro sobre Vida escolar, tempo escolar, escola sagarana como deve ser cada relatório com as atividades de texto e tv interativa ■ escrituração ■ quadro de pessoal FIM	8/11- p. 84 (uma ata atrasada e colocada fora de ordem: para aprovar recurso da verba FNDE 9/11- p. 82 reunião da comissão eleitoral 14/11- p. 82 organização do processo eleitoral 30/11- p. 82 v idem		6/11- reuniões de pais estudo do material de fascículos da escola Sagarana elaboração das fichas do quarto bimestre 24/11- idem 29/11- idem	

		3/12- p. 82 v votação 3/12- p. 83 reunião do colegiado eleito para eleger presidente e vice		15/12- encerramento geral festa por turma 19/12- missa de ação de graças	

ESCOLA ESTADUAL 3

1997	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª - 4/2 p.59v	Dúvidas sobre a res. 7915/96-CBA e orientação de proposta para o emergencial (Instrução oo1/97 da 41ª) Quantitativo de Pessoal Circular 17/97 que solicita Quadro curricular do CBA a 4ª série Repasse do Formulário de Coleta de Dados CDE-2 a ser encaminhando à Sup. Orientação para volta às aulas festiva no dia 5/2 com ampla participação da comunidade A inspetora atende mãe de aluno com idade inferior a 7 anos, mas não registrou nada do assunto		13 e 14/2 – 8 horas p. 158v planejamento mensal e seleção de material didático (apenas esta anotação seguida da assinatura dos presentes)	Não foi analisada
2ª-17/2-p.60	Conferência do Formulário Estatístico CDE2/96 Histórico escolar Necessidade de compatibilizar o horário de profs. Que estão cursando a formação superior na Fepesmig em convenio com o Estado Assuntos de pessoal			

3ª - 20/2- p.60v	Quadro curricular Quantitativo de pessoal Levantamento de turmas e de profs. Efetivos e designados (resoluções específicas) Orientação para escolha do tesoureiro da Cx Esc.			
4ª 21/2- p.61	Homologação do Quadro Curricular Dúvidas sobre o Emergencial Contagem de tempo, declarações e assuntos de pessoal	27/2- p.94 aprovação da grade curricular para 1997 de acordo com modificações da res. 7915/96 Foi aprovada	28/2 –p. 159 – 2 horas solução de duvidas a respeito da metodologia da matemática (idem)	
5ª-4/3- p.61v e 62	Reunião com o Colegiado para repassar termo de compromisso assumido pelo diretor em sua posse; Análise de regularidades da situação funcional do diretor e do secretário Circular 51/97 da Dasen que orienta Quadro informativos Circular de rede física, para solicitação de material Contagens de tempo	4/3 –p.94v- explicação sobre o termo de compromisso do diretor e ciência do mesmo	3/3 – p. 159 – 2 horas aula prática demonstrativa (idem)	
6ª- 7/3 p.62v	Análise do projeto emergencial e providências de cessão de 1 sala pela Associação comunitária; Visita a todas as salas de aula, para verificar enturmação, freqüência; Cópia da res. 7943/97 sobre colegiado escolar e a necessária realização da	p.95- 1ª assembléia do colegiado para eleger os membros do conselho deliberativo, tomar conhecimento do processo de Av. Desempenho	4 e 5 /3 – 4 horas planejamento mensal (idem)	

	assembléia; Análise da legislação sobre CBA e indicação do estudo da mesma pelo corpo docente em reuniões pedagógicas			
7ª - 11/3 p.63	Histórico escolar Análise da Res.7943 do colegiado e comparação com as anteriores para verificar a inovação Orientação para elaboração da Emenda regimental (para adequar CBA e colegiado) Quadros Informativos de pessoal e de turmas Repasse da programação da TV escola e Prêmio de Incentivo à Ed. Fund			
8ª 20/3 p.63v	Conferencia de quadros informativos Repasse do decreto 38688 que altera dispositivos do decreto 33334: atenção nas alterações da emenda do regimento Res. 7950/97 que altera Res. 7762/95 sobre matrícula e isto precisa ser atentado na emenda regimental Circular o52/97 que solicita com urgência o Estatuto do Colegiado e ata da Assembléia da eleição do colegiado	21/3- p.98 – aprovação do balancete da caixa escolar	18/3- p. 159 v – 2 horas aula prática demonstrativa (continuação) idem	
9ª 31/3- p.64	Primeira análise das alterações do regimento Estudo das Res. 7850/97 e			

	7943/97 sobre CBA Entrega de material de estudo sobre a nova LDB Divulgação dos exames supletivos e mudança de idade conforme nova LDB Urgência no cadastro do colegiado (circular o52/97) Entrega de autorizações prévias para o diretor e secretário Análise do estatuto do colegiado e orientação das modificações a serem feitas Entrega das cópias das 2ª vias dos quadros informativos; Solicitação de encaminhamento à Sup. Da alteração ocorrida no calendário: dia letivo por dia escolar			
10ª 4/4- p. 64v	Conferência do CDE1/97 Assuntos de pessoal Análise do estatuto do colegiado já reformulado Orientação para mudanças no regimento Histórico escolar	4/4-p.98v aprovação do estatuto do colegiado	Dia 1 de abril - p. 160- 2 horas metodologia da matemática de segundo ano de escolaridade – (idem)	
11ª 7/4 p. 65	Contagem de tempo Análise da emenda ao regimento escolar Assuntos de pessoal	7/4- p.99 verba qese e aprovação do plano de aplicação feito pela escola	1 e 2 de abril – 2 horas planejamento mensal (idem)	
12ª 14/4 p.65v	Solicitação do envio do cadastro dos membros do colegiado e estatuto Orientação à diretora como deve proceder com relação ao		8/4- p. 160 v- 2 horas metodologia da matemática do primeiro ano (idem)	

	cumprimento do Módulo II e as profas. Que vão para o curso superior na Fepesmig (ele deve ser dispensado. E a escola poderá ter contato com a faculdade e negociar possíveis faltas) Encontro com a SE para discutir o emergencial que precisa iniciar pois são 95 alunos)			
13ª 23/4 p.66 e 66v	Assuntos de pessoal Quadro informativo Visita ao salão onde estão funcionando as turmas do emergencial Escola está tentando resolver o problema de falta de material (giz, quadro e merenda)	18/4- p.99v aprovação da emenda nº 1 do regimento escolar.	29/4- elaboração do projeto de recuperação – 2 horas – p. 161 (idem)	
14ª 8/5 p.67	Validação de atos escolares Análise de documento contendo sugestões para normatização da nova LDB Busca de informações sobre andamento do emergencial e melhoria de condições físicas do salão onde está funcionando.	5/5- p.1 do livro novo decisão sobre utilização da 1ª parcela de verba para merenda	13/5 – p. 161v – 2 horas estudo da nova proposta de matemática (idem) 30/4 e 2/5 – reunião de pais, montagem de projeto aids, e matemática tangram (idem) p. 162	
15ª 15/5 p.67v e 68	Visita à turma do emergencial – e apresentação de sugestões de trabalho e solicitação de avaliação diária Reunião com a SE e solicitação do acompanhamento do projeto emergencial Apresentação da proposta de Um salto para o futuro Repasse de material da Ddap com vídeo	13/5- aprovação da 4ª parcela da verba qese	20/5- p. 162v – 2 horas avaliação de desempenho (idem)	

	Assuntos de pessoal Orientação de cardápio conforme vocação agrícola do município Divulgação de programa sobre a nova LDB na TV executiva			
16ª- 20/5 p.68 v e 69	Visita À escola com técnica da Sup para ver o emergencial; Constatação do progresso do aluno; Necessidade de correção de distorções e percepção de que a escola está envolvida como um todo no emergencial	28/5- decisão sobre férias prêmios de alguns serviçais. O colegiado foi favorável	27/5-p. 163- 2 horas projeto do 5 S – qualidade total (idem)	
17ª 28/5 p. 69v	Assuntos financeiros e dados sobre Procap e emergencial e análise da proposta com SE Esclarecimentos sobre o Cantinho de leitura	28/5- aprovação verba qese	30/5- p. 163v- 2 horas continuação do 5S (idem)	
18ª 9/6 p.70	Visita às salas de aula para verificar freqüência, disciplina. Constatação de um bom clima de trabalho e entusiasmo. Festa junina e boa participação da comunidade Assuntos de pessoal	2/6- aprovação da verba pró-qualidade para cantinho de leitura	10/6- p. 164 – 2 horas recursos visuais CBA ...	
19ª 25/6 p.70v	Participação no dia do CBA. Ótima participação de toda a escola. Parabéns	23/6- aprovação da verba pró-qualidade para estantes de livros	24/6-p.164v – 2 horas recursos visuais CBA ...	
20ª 30/6 p.71	Contagem de tempo Orientação para o PDV	23/6- verba qese aprovada 5/7- apresentação dos trabalhos realizados pela escola juntamente com o colegiado no primeiro semestre.	25/6- p. 165 4 horas reflexão dos textos da apostila do CBA ...	

21ª 5/8 p.71v e 72	Assuntos de pessoal Fax sobre cantinhos de leitura e providências dos armários para os livros Material de concurso: importância do mar para o Brasil, e mais dois concursos. Lei 301 – que dispõe sobre a matrícula de filhos de artistas circenses (a escola deve aceita-los) Programação da TV executiva sobre cadastro escolar Assuntos de pessoal Escola recebeu o guia do livro didático		1/7 –p. 164v- 2 horas idem ao anterior ...	
22ª 13/8 p.72v	Assuntos de pessoal Entrega de circulares de pessoal Tomada de conhecimento da avaliação diagnóstica do projeto emergencial Visita à quadra esportiva construída pela comunidade Escola está tentando verba do MEC para a construção de sala de vídeo e biblioteca (escola não tem este espaço e faz falta)	20/8- aprovação verba qese 20/8- prestação de contas da verba pró-qualidade	1/8- p. 166v. 4 horas qualidade total ... 7 e 8 /8-p.166 estudo da nova matemática para o primeiro ano... 12/8- p. 167 – 2 horas qualidade total ... 18/8- p. 167v – 2 horas qualidade total ...	

23ª 9/9 em folha avulsa colada na frente da página 73	Verba qese Quadro de turmas e alunos Assuntos de pessoal			
24ª 11/9 p.73	Sup. Solicita implementação do processo de Av.Dês Circular sobre quadro informativo Entrega de caderno sobre meio ambiente Prestação de contas Devolução de documentos de pessoal			
25ª 15/9 p.73v	Histórico escolar Quadro curricular Assuntos de pessoal Contagem de tempo	15/9 – aprovação do balancete semestral da caixa escolar e discussão da aplicação da verba da merenda		
26ª 18/9 p.74	Contagens de tempo Dados de atualização de rede física Circular convocando diretor para treinamento sobre estágio probatório	24/9- verba qese 30/9- aprovação da verba da merenda escolar 30/9 – aprovação de profa. Para facilitador do Procap		
27ª 1/10 p.74v	Assuntos de pessoal Material do curso de acuidade visual Circular de concurso Avaliação com a SE sobre as		28/10- p. 168- 2 horas resultado da avaliação do CBA e ficha individual. FIM DO LIVRO – ANO DE	

	turmas do CBA (de forma geral os alunos estão bons, com algumas exceções) Escola ainda não recebeu os resultados da AVAD do emergencial do CBA		1997	
28ª 10/10 p.75	Preenchimento de papéis da avaliação diagnóstica no cba Assuntos de pessoal			
29ª 20/10 p.75v	Entrega de certificados de participação em curso Verba merenda Solicitação de preenchimento da ficha do facilitador do Procap Circular 205/97 da assessoria pedagógica sobre o curso de alfabetização do portador de dificuldades			
30ª 23/10	Discussão dos resultados do emergencial Escola está analisando os relatórios do cba para replanejamento Circular sobre escolha do livro didático Histórico escolar de aluno			
	FIM DO LIVRO	29/10- aprovação verba qese, merenda escolar, e verba FNDE		
		3/11- verba qese		
		2ª assembléia geral do colegiado – 11/11 para avaliação do trabalho da escola e dos profs. E alunos		
		11/11 – aprovação das contas da merenda		

ESCOLA ESTADUAL 3

1998	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª 5/2 p. 76v	Levantamento de nº de turmas, alunos e pessoal Assuntos de pessoal	11/2- decisão sobre verba merenda 17/2- aprovação verba qese Reunião geral do colegiado para apresentação dos profs. E dos membros do colegiado e explicar aceleração da aprendizagem e sugestões para o dia do aniversário da escola. No segundo momento os pais foram atendidos pelos profs. Nas respectivas salas de aula 17/2- prestação de contas da merenda escolar e aprovação do calendário escolar	Sem registro até julho	Não foi analisada
2ª 5/3 p.77	Assuntos de pessoal	9/3- balancete semestral da caixa escolar 10/3- decisão sobre utilização da verba qese		
3ª 25/3 p.77v	Assuntos de pessoal Calendário escolar e o nº de dias escolares Agendamento de dia para sensibilização da av. dês. Tomada de contato com 2 turmas do Projeto de aceleração da aprendizagem			

4ª 2/4 p.78	Assuntos financeiros e materiais Devolução do calendário e quadro curricular homologados para 1998 Discussão com a diretora sobre aspectos da progressão continuada, implantação de ciclos e nova postura da escola			
5ª 14/4 p.78v	Orientação sobre cantinhos de leitura Alteração da tipologia da escola Assuntos de patrimônio Inscrição no PAIE			
6ª 23/4 p79	Reunião com a SE para discussão da ficha individual do aluno e ficha descritiva Assuntos de pessoal Lei 12781/98 que proíbe cobrança de taxa Solicitação de preenchimento do cadastro dos membros do colegiado Dúvidas sobre CH no ciclo (o recreio deve constar da CHA porém separadamente do núcleo comum)			
7ª 27/4 p.79v	Reunião com a comissão de Av. Dês. A fim de fazer sensibilização			
8ª 8/5 p.80	Reunião para dúvidas do processo de Av.Dês Solicitação do preenchimento do formulário para informatização do quadro curricular	7/5- reunião para esclarecer a lei 12.781 que proíbe cobrança de taxas		

9ª 19/5 p.80v	Histórico escolar Assuntos de pessoal Avaliação de desempenho Pagamento e finanças	20/5- decisão uso verba merenda		
10ª 8/6 folha avulsa gramp eada em cima da página 81	Caso de aluno que necessita de tratamento psicológico e que não deverá freqüentar as aulas por um período Av. de desemp Circular sobre Procap A escola divulgou a lei que impede taxas escolares Programação do dia do PDE Reorganização da escola nos dias dos jogos do Brasil na Copa, sem prejuízo de CH	4/6- prestação de contas da verba da merenda		
11ª 19/6 p.81	Visita na escola para ver o dia do PDE, envolvendo toda a comunidade			
12ª 26/6 p.81v e 82	Análise da av. dês. Assuntos de pessoal Circular 03/98 que trata da continuidade do emergencial Históricos escolares Entrega de material informativo sobre Aids e caderno do professor do Centro de Referência			
13ª 7/7 p.82v	Análise do processo de av. de dês Assuntos de pessoal Conversa com a profa. Do	7/7 – aprovação do uso da verba pró-qualidade para Procap	1/7 – p. 168v ata da reunião da assembléia escolar para discutir e aprovar avaliação de	

	processo de aceleração Avaliação com a diretora do Procap	4/8- aprovação da verba da merenda 10/8- reunião para montagem de uma oficina prática para detectar prioridades sobre o pde 17/8- aprovação da verba da merenda 21/8- aprovação de contas da verba qese e balancete semestral da caixa escolar	desempenho: explicação pela diretora da importância do processo para melhoria da aprendizagem; explicação que cada segmento terá o seu tipo de AD. ▪ a auto-avaliação será realizada em agosto; ▪ os que se saírem mal terão um processo de acompanhamento posterior; cada segmento se reuniu e foi feita a escolha do representante para a comissão da avaliação; ▪ citam-se os nomes dos escolhidos e a reunião chegou ao fim.	
14ª 10/9 p.83	Homologação dos resultados da av. dês Assuntos de pessoal	28/9- reunião com técnicos da prefeitura para tratar de aluno problema		
15ª 19/10 p.83v	Acompanhamento à elaboração do PDE, regimento Entrega de material de divulgação Assuntos de pessoal	20/10- verba merenda		
16ª 20/11 p.84	Análise do PAIE – Prodec Formulário para reorganização de turmas para 1999 Assuntos de pessoal Inventário	6/11- aprovação de contas da verba merenda	16/11- p. 172v (o livro está fora de ordem) ata da criação do conselho de classe por determinação da Instrução 01/98 a diretora explica os objetivos e que o mesmo será constituído pelos profs. Das	

			turmas de cada ano e que as reuniões serão bimestrais.	
17ª 24/11 p.84v	Assuntos de pessoal Elaboração do PDE Análise do prodec	30/11 - apresentação do PDE para ser lido em grupo e no final todos aprovaram	26/11-p. 173(o livro está fora de ordem) ata da reunião do conselho de classe das turmas de quarto ano de escolaridade: cada prof. Falou suas anotações e após a discussão resolveu-se enviar para estudos complementares os alunos relacionados; decidiu-se também reter uma aluna no quarto ano, bastante infreqüente e com dificuldades de aprendizagem	
18ª 9/12 p.85	Assuntos de pessoal Orientação para orçamento do prodec Históricos escolares Material sobre avaliação sistêmica Entrega de material sobre meio ambiente	9/12- plano de aplicação da verba do FNDE	3/12 p. 169v ata da amostragem dos trabalhos escolares, com dia festivo na escola de exposição dos trabalhos do Procap aberto à visitação da comunidade; apresentação festiva da fanfarra e de número de auditórios. Segue-se a assinatura de 5 páginas do livro de ata dos visitantes.	
19ª 10/12 p.85v	Assuntos de pessoal Histórico escolar Acompanhamento do processo de matrícula de acordo com zoneamento Ofício sobre a avaliação sistêmica		2/12-p. 174- ata da reunião do conselho de classe das terceiras as profas. Apresentam seus registros e abrem-se os nomes dos alunos que precisam ter um currículo	

			diversificado.	
20ª 15/12 p.86	Históricos escolares Assuntos de pessoal Análise de atas dos conselhos de classe	21/12- prestação de contas da verba do Procap, verba da merenda	10/12 –p. 174v ata idem dos segundos anos... idem	
	FIM DO LIVRO	FIM DO LIVRO	11/12-p. 175 ata idem dos primeiros anos idem decide-se também que os mesmos profs. Permanecerão com as turmas no próximo ano	

ESCOLA ESTADUAL 3

1999	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª 11/2 p.86v	Conferência de nº de turmas e quadro de pessoal Análise do calendário escolar Quadro curricular igual ao do ano anterior Escola está com turmas bastante lotadas Verba qese	12/2- plano de aplicação da verba Qese 23/2- aprovação do calendário escolar	27/01- p. 175 e 175v reunião inicial do ano a diretora fez uma série de recomendações.... pedindo para cada prof. Zelar, para cuidar das crianças... (XEROX EM ANEXO...	Não foi analisada
2ª 17/3 p.87	Levantamento de alunos Assuntos de pessoal Repasse de orientação sobre colegiado	1/3- aprovação da verba qese 4/3- aprovação do balancete da caixa escolar	23/3-p. 176 reunião para estudo da organização escolar a ser adotada pela escola todos os profs. E alguns membros do colegiado estavam presentes. A diretora explica o que é ciclo e o que é seriado e que a escola devera optar por 1 no próximo ano Foram dadas as bases legais Discutiram-se vários aspectos contra e a favor, e decidiu-se que ciclo traz mais vantagens, porque respeita o ritmo do aluno. (XEROX ANEXO)	
3ª 27/4 p.87v	Correspondência sobre projeto de aceleração de aprendizagem Verba merenda	6/4- verba merenda 22/4- verba merenda	20/4-p. 176v novas discussões sobre a organização escolar	

e 88	Assuntos de pessoal Histórico escolar Entrega de cartazes sobre o Brasil e fita de vídeo sobre ciclos		explicações sobre progressão continuada. XEROX ANEXO 27/4 –P. 177V TERCEIRA discussão sobre ciclo e série Leitura de textos da Amae e discussão Discussões sobre avaliação continuada Ouviu-se a opinião de cada um e há um consenso favorável ao ciclo.	
4ª 28/5 p.88v	Quadro de pessoal Explicação sobre horas do módulo II e como serão descontadas as faltas em reunião Outros assuntos de pessoal Apresentação dos diários de classe e constatação que a matrícula permanece estável Não visita às turmas porque estava acontecendo Festa das mães Prorrogação do mandato do colegiado	4/5- verba merenda 11/5- verba merenda	ACABA O REGISTRO DESTE ANO AQUI... DEPOIS JÁ ENTRA O ANO DE 2000	
5ª 25/6 p.89	Visita às turmas para verificar freqüência Prestação de contas da merenda Quadros informativos e assuntos de pessoal	14/6- verba merenda 18/6- verba merenda 28/6- verba qese 1/7- verba qese		

		6/7- balancete da caixa escolar 12/7- verba merenda		
6ª 6/8 p.89v	Aconteceram algumas transferências e foram substituídas por novas matrículas Cadastro escolar Prestação de contas da merenda Análise da alguns aspectos do regimento escolar Entrega de exemplares do projeto de aceleração da aprendizagem	3/8- verba merenda		
7ª 9/9 p.90	Assuntos de pessoal Materiais de divulgação de prêmios e concursos Caixa escolar Histórico escolar	8/9- verba merenda, verba qese 27/9= verba merenda		
8ª 26/10 p.90v e p. 91 está anulada	Reunião com o colegiado para organização da assembléia de escolha do diretor Qese e assuntos de pessoal	13/10- verba merenda		
9ª 29/10 p.91 v	Participação na festa do dia do professor Eleição de diretor Assuntos de pessoal Assuntos de rede física	18/10- verba merenda 25/10- verba qese 26/10- processo de escolha do diretor		

		28/10 – escolha de alunos para comissão de eleição de diretor 29/10- escolha de pais e profs..... idem		
10ª 5/11 p.92	Assuntos de pessoal Processo de escolha do diretor	5/11- verba merenda 12/11- idem e verba fnde		
11ª 10/11 p.92v FIM	Atendimento a prof. Sobre escolha do diretor Reunião com o vice da comissão de escolha do diretor Histórico escolar Repasse de material			
	FIM DO LIVRO	6/12- verba qese 9/12 – decisão de como doar uniformes com a verba fnde 10/12- aprovação de contas da verba fnde 17/12- aprovação verba qese, merenda 21/12- prestação de contas da merenda 29/12- idem		

ESCOLA ESTADUAL 3

2000	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª 9/2 p. 93	Levantamento do nº de turmas, lotação e matrícula Quadro de pessoal	10/1- aprovação do balancete da caixa escolar	15/2. p. 178 – num papel colado no livro de ata e digitado está esta ata de numero 1: desmembramento de turmas sugerido pela inspetora, para que a escola ganhe 20 turmas e tenha o direito de uma secretária para compor o quadro da escola; as profas. Acharam inviável pela ausência de espaço físico e que esta sala pretendida seja usada para recuperação de alunos. As profas questionaram que o mais prioritário são duas profas. Recuperadoras e não uma secretária Outro questionamento: a inviabilidade de construir novas turmas, pela ausência de dinheiro e a clientela ser de baixo poder aquisitivo para colaborar	Foram analisadas 64 correspondências, sendo que 56 são de questões de pessoal e as demais de natureza diversa.

2ª 14/2 p.93v	Visita à escola para ver o desmembramento já autorizado pela Sup pelo elevado nº de alunos em cada turma (média de 35,5) sendo que a 3ª está com 39. Visita ao local próximo para funcionar mais duas salas (são pequenas e comportam só 20 alunos cada) Orientação para uma reunião com o pessoal da escola para análise do desmembramento	21/2- decisão sobre o desmembramento e calendário. Houve parecer favorável quanto ao calendário e desfavorável quanto ao desmembramento por não haver espaço (o único que existe é onde funciona um barzinho que arrecada fundos para a escola)		
3ª 15/3 p.94	Constatação de material físico necessário Contagem de tempo Orientação para fazer o diagnóstico da escola para PAIE Orientação para funcionamento dos módulos de ER e EF Visita às turmas para checar lotação (há algumas com 40 alunos) Ainda não foi feito o desmembramento	31/3- decisão sobre verba da merenda	15/3-p. 178v reapresentação do projeto do Paie - análise do diagnóstico da escola apresentação do horário de ER e EF com profs. Especializados 29/3- p. 179 problema de indisciplina em uma das turmas do quarto ano. Decidiu-se fazer uma reunião de pais e mais o conselho tutelar ■ explicação sobre os módulos de EF e ER para não ser usado para recuperar alunos ■ -lembrou-se a obrigatoriedade de cumprimento do módulo 2, de 2 horas após as	

			aulas, semanalmente ■ apresentação do balancete da caixa escolar ■ apresentação de vídeo dos 500 anos do Brasil doado pela Fiat ■ diretora pede urgência na entrega dos diagnósticos dos alunos ■ novas combinações sobre os 500 anos de Brasil	
4ª 19/4 p.94v	Solicitação da IE para atenção especial a um primeiro ano do ciclo intermediário que tem alunos com muita dificuldade. Os alunos estão voltando no outro turno para serem atendidos ■ caso de profª que não está apresentando bom desempenho ■ discussão da reunião quinzenal para estudo do ciclo	26/4- aprovação de contas da merenda	5/4-p.180 diretora pede pontualidade para assinar ponto e para entrada e saída nas aulas ■ escola terá direito a mais uma SE e já foi aberto edital ■ caixa escolar não tem dinheiro para consertar o xerox e pede sugestões para arrecadar dinheiro...seguem-se sugestões ■ nova advertência sobre modulo 2 ■ estudo e avaliação de ciclo será feito quinzenalmente, mas separado do modulo 2 ■ idéia de padrinhos para contratar profa. Recuperadora. ■ Discussão sobre fichas de avaliação de alunos	

			■ Pediu-se para cada profa. Selecionar ALUNOS COM JEITO PARA MUSICA, para o projeto do Paie ■ -pedido para estudar o Hino nacional ■ projeto dos 500 anos e atividades ■ A SUPERVISORA PEDE PARA QUE AS PROFAS. FAÇAM PLANOS SEPARADOS PARA ATENDER NECESSIDADES DOS ALUNOS DIFERENTES. 12/4-. P. 181 participação da escola na festa dos 500 anos na praça ■ escola ganha latas de tinta de pai de aluna ■ começam aulas de recuperação com profa. Paga pelos padrinhos ■ é necessário melhorar disciplina nos recreios e vai ser adotado monitoria ■ apresentação de modelos de ficha de avaliação para ser escolhido qual adotar 27/4-p. 181v orientação sobre NAI	

5ª 16/5 p.95	Assuntos de pessoal Reunião com profs. Sobre ciclo e Paie	28/6- aprovação de reposição dos dias de greve (sugestão foi aprovada) No final da página 49, há uma observação que a Sup. não aprovou as alternativas aceitas no colegiado	9/5- p. 182 vídeo do Arroyo sobre ciclo 2/5- uma profa. Explica como trabalhar com tangram 17/5-p. 182v formulário do Paie, para ser analisado e respondido com todos	
6ª 5/7 p.95v	Reposição dos dias de greve (8) Análise de aluna reclassificada por problemas de freqüência Contagem de tempo Análise de projetos e correções necessários Assuntos de pessoal	10/7- decisão de novas alternativas para reposição dos dias de greve, aprovação da verba da merenda	7/6-p. 183 análise e escolha do livro didático 13/6- organização do tempo escolar. Participaram também profs. Da escola Jorge Avelar. 21/6-p. 183v calendário de reposição dos dias de greve 27/6-p. 184 idem	
7ª 9/8 p.96	Preenchimento do formulário sobre rede física Orientação sobre reclassificação de uma aluna Contagem de tempo e assuntos de pessoal	8/8- aprovação do uso da merenda e aprovação do balancete da caixa escolar	2/8-p. 184 textos e técnicas de educação infantil 8/8- p. 184v projeto do Paie com profs do conservatório de Varginha para musica 16/8-p. 185	

			estudo do texto idéias inovadoras projeto do dia dos pais 30/8- p. 185 fichas de avaliação reuniões de pais entrega de material do plebiscito dia da pátria	
■	8) –13/9- P. 96V Acompanhei o caso do aluno Marcelo, que não fala na escola e analisei os laudos emitidos por profissionais. Atendi a profª do aluno e pude constatar o esforço da escola no sentido de atender o aluno em suas dificuldades. Orientei a sra. Diretora a reunir com a família e lavrar um termo de compromisso que devera ser assinado pela mãe/pai no sentido de responsabilizar pelo tratamento do filho, já indicado pelo psicólogo. ■ entrega de expedientes do DAFIN e\DASEN ■ assuntos de pessoal		27/9- p. 185v necessidade das profas. Fazerem curso superior assuntos de pessoal escolha de profs para ir na Cemig escolha para reunião do Simave comemorações do dia da criança e do dia do professor	
■	9) 4/10 – p. 97v compensação de dias trabalhados nas eleições municipais	19/10- P.51 V Verba merenda escolar		

	decreto sobre colegiado – 41.271 ■ oficio circular SD 016/2000 que trata sobre a cessão da escola nosso finais de semana para alunos e comunidade ■ históricos escolares ■ ASSUNTOS DE PESSOAL ACOMPANHAMENTO DE MONTAGEM DO PRODEC			
	10) – 22/11- P. 98 Monitoramento e avaliação do Prodec ■ preenchimento de quadro de turmas FIM	16/11- p.52 aquisição de material permanente destinado a implementação do PAIE-PRODEC ■ convite a todos para formarem chapa para concorrer a nova diretoria do colegiado 17/11- p. 52 v aquisição de material de consumo destinado a implementação do PAIE-PRODEC ■ discussão de critérios de férias premio para 2001. ■ FIM	8/11-p. 186 Simave 22/11-p. 186 decidir sobre enturmação dos alunos para o próximo ano verificar qual profa. Quer seguir a turma fichas de avaliação 29/11-p. 186v tv interativa sobre ciclos	
			6/12 p. 186v idem 11/12 p. 186v idem	

ESCOLA ESTADUAL 4

1997	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
	3/2- p. 92 quadro curricular e quadro informativo, calendário, número de turmas, ASSUNTOS DE PESSOAL, Programação do inicio do ano com festas com a comunidade a pedido da SEE Alteração da tipologia da escola	26/2- p. 25v alteração de quadro curricular		Não foi analisada
	17/2-p. 93 formulários estatísticos diagnostico do projeto emergencial			
	20/2-p.93v quantitativo de pessoal quadro de magistério			
	25/2-p.94 ASSUNTOS DE PESSOAL, quadro curricular e ajuda na elaboração do projeto emergencial			
	4/3- p.94v posse do diretor – termo de compromisso, quadro de turmas, circular da rede física	4/3- p. 25v termo de compromisso do novo diretor e função do colegiado		

	11/3-p.95 estudo da resolução sobre colegiado e regimento escolar material de estudo sobre nova LDB; quadro informativo; TV escola, PREMIOS E CONCURSOS.	13/3- p. 26 eleição do colegiado para 97/98		
	31/3- p. 95v reformulação do regimento; divulgação do exame supletivo; eleição dos membros do colegiado quadro informativo			
	4/4- p. 96 formulário estatístico histórico escolar assuntos de pessoal emendas no regimento	8/4-p. 27 aprovação de emenda no regimento ; aprovação de emenda no estatuto do colegiado verba qese e quais necessidades da escola 22/4- p. 27 reunião extraordinária do colegiado: problema de aluno- que já veio com matricula condicional. Após o registro de varias agressões verbais do aluno aos profs e especialistas o colegiado decidiu transferi-lo 22/4-p.28 prestação de contas da verba qese 24/4- designação de profa. Recuperadora do projeto emergencial		

	7/5- p. 96v assuntos de pessoal cardápio da merenda visita as turmas do projeto emergencial e a constatação que o tempo de 8 horas na escola é produtivo - reunião com os especialistas para otimizar o projeto emergencial e ver alternativas para os alunos que estão faltando	6/5-p. 28v verba merenda		
	12/5-p. 97v copia do programa um salto para o futuro com sugestões de atividades com a criança; - assuntos de pessoal; - estágio probatório ; quadro informativo			
	28/5-p. 98 visita as turmas do projeto emergencial do CBA			
	9/6-p. 98v CBA – transferência e avaliação;- recebimento de verbas do deputado para compra de objetos escolares	2/6- p. 28v verbas do cantinho de leitura 10/6- p. 29 verba merenda 26/6-p. 29v verba qese		
	25/6-p. 99 participação n as comemorações do dia do CBA, com boa participação da comunidade			
	30/6-p. 100 entrega de correspondências da superintendência	1/7- p. 29v verba proqualidade para cantinho de leitura		
	6/8-p. assuntos de pessoal, finanças concurso: importância do mar	8/8-p. 30 orçamentos para armários do cantinho de leitura		

	para o Brasil legislação sobre matricula comentários sobre o guia do livro didático			
	15/8-p. 1 (LIVRO NOVO) histórico escolar, tv escola organização de arquvos assunto de pessoal	14/8- p. 30 verba qese 25/8- p. 30v prestação de contas do cantinho		
	9/9-p. 1 v quese, discussão sobre municipalização da escola, cantinho de leitura, quadro de turmas	9/9-p. 31 balancete da caixa escolar 24/9 – p. 31v aquisição de produtos da merenda		
	17/9- p. 2 patrimônio, assuntos de pessoal			
	18/9-p. 2v ficha cadastral do diretor, estagio probatório, quadros curriculares, avaliação do projeto emergencial, alunos com problemas de aprendizagem e com problemas de freqüência			
	2/10-p. 3 assuntos de pessoal, contagem de tempo premio – parceria empresa/escola	2/10- p. 32 prestação de contas da merenda		
	10/10 – p. 3v contagem de tempo avaliação diagnóstica do projeto emergencial	9/10-p. 32v verba qese		
	27/10-p. 4 livro didático – circular	28/10- p. 33 verba merenda		

	resultado da AVAD – o que fazer para melhorar assuntos de pessoal			
	4/11- p. 4v verba quese, AVAD, intervenção no CBA para pensar estratégias assuntos de pessoal PDE	3/11-p. 33v verba fnde 3/11-p. 34 verbas para água e luz 13/11- p. 34v verba quese 20/11-p. 35 prestação de contas da merenda 28/11- p. 35v verba qese		
	FIM	2/12- p. 36 problema de furto de equipamento e chamada da policia 9/12- p. 36v elaboração de critérios de desempate para designação		

ESCOLA ESTADUAL 4

1998	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
		26/1-p. 37- aprovação de contas 18/2- p. 37v verba para material e merenda 25/2- aprovação de grade curricular e calendário 25/2- explicação dos programas de aceleração – contribuição da caixa escolar precisa ser espontânea	Não foi encontrado	Não foi analisada
	24/3- p. 5 numero de alunos, turmas e quadro de pessoal; quadro informativo; assuntos de pessoal; avaliação de desempenho, correspondência procap, qese	9/3- p. 39 aprovação dos gastos com merenda p. 39v verba quese p. 40 escola recebeu visita de um vizinho em nome de 7 moradores do bairro, reclamando do vandalismo dos alunos. Os pais dos alunos problemas foram chamados e alguns não compareceram		

	17/4-p. 5v alteração de tipologia, cantinho de leitura, assuntos de pessoal , patrimônio, formulário PAIE	14/4-p. 41 escolha dos membros do colegiado		
	7/5-p. 6 reunião com os membros da escola para Av. Desempenho; formulário para informatizar quadro curricular; lei que proíbe cobrança de taxas na escola publica 21/5-p. 6v assuntos de pessoal, histórico escolar, AV. Desempenho (a escola está fazendo o seu processo)	13/5- p. 41v pai queixando de agressão aos filhos e de agressão fora do prédio da escola e aí a escola não é responsável 20/5- p. 42v verba merenda 27/5-p. 43 verba merenda		
	10/6- p. 7 Avaliação de desempenho, estágio probatório- dia D PDE Flexibilidade de horário nos jogos do Brasil na copa	2/6-p. 43v aprovação do sistema de avaliação de desempenho da escola		
	6/7- p. 7v projeto emergencial e junção de escolas para atendimento de alunos com dificuldade; assuntos de pessoal	9/7-p. 44v plano de aplicação do procap		
	13/8- p.8 avaliação de desempenho assuntos de pessoal comunicação de eleição resolução sobre conselhos de classe	4/8-p. 45 verba merenda 24/8-p. 45v verba qese		
	17/8-p. 9 aV. de dês. Assuntos de pessoal			

	10/9-p. 9v av. dês. Histórico escolar e assuntos de pessoal	8/9 – p. 45v verba merenda		
	23/10- processo de elaboração do PDE acompanhar andamento da elaboração da emenda ao regimento assuntos de pessoal procap premio nacional de gestão escolar.	16/10-p. 46 verba merenda 23/10- p. 46 legalizar criação do conselho de classe 30/10-p. 47 verba merenda		
	25/11- p. 11 elaboração do prodec- paie assuntos de pessoal procap cópia do regimento para primeira análise			
	11/12 –p. 11v orientação para elaboração de currículos diversificados assuntos de pessoal entrega de Manual sobre educação ambiental escola não recebeu material da avaliação sistêmica; repasse de correspondência e histórico escolar	2/12-p. 47v aprovação do PDE p. 48v – aprovação do plano FNDE caixa escolar p. 49- FNDE p. 49v verbas procap p. 50- verba merenda p. 50v- verba merenda		

ESCOLA ESTADUAL 4

1999	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
	11/2- p. 12v numero de turmas e quantitativos assuntos de pessoal calendário escolar qese	2/2- P. 51- Aprovação de grade e calendário 4/2-p. 51- verba qese	Não foi analisada	Foram analisadas 45 correspondências, sendo que 34 delas são referentes a questões de pessoal e as demais de natureza diversa.
		11/3-p. 51v verba qese 18/3-p. 52 não haverá mais passes da Seduc -problemas com aprendizagem de alunos para voltar à tarde, pois há espaço ocioso 25/3- p. 53 debate sobre ciclos p. 54 v- merenda p. 55- merenda p. 55v – ciclos- exposição de motivos e fundamentação legal		
	8/4- p. 13 histórico escolar assuntos de pessoal censo	2/4-p. 56 sobre proposta pedagógica da escola – apresentação e aprovação		

	27/4-p. 13v assuntos de pessoal , verba de merenda, entrega de cartazes acompanhamendo do caso do aluno Mateus, com problemas comportamentais após laudo psicológico da APAE 28/4- p. 14 assuntos de pessoal, circular sobre colegiado, histórico escolar, verificação de diários de classe, número de alunos pequeno por sala			
		p. 57v- verba merenda p. 58- verba merenda 18/5- p. 58v eleição do colegiado		
	14/6- p. 14v número igual problema de comportamento dos alunos e distanciamento da família; -problema de permanência na escola; - assuntos de pessoal 25/6- matricula e problema de freqüência e numero de alunos	15/6 – p. 59 – caixa escolar e qese 15/6- p. 59v verba merenda 22/6-p. 60- merenda 23/6-p. 60v- verba caixa escolar		

	1/7-p. 15v quadro de reorganização escolar assuntos de pessoal	13/7-p. 61v- verbas		
		10/8-p. 62 merenda		
	2/9- p. 16 folders, cartazes, histórico escolar, assuntos de pessoal, problemas com comportamento de aluno e orientação da inspetora para encaminhar ao sus para dar um diagnostico sobre o aluno 16/9- p. 16v assuntos de pessoal, entrega de vídeo sobre ciclo; livro didático; a inspetora pergunta sobre o caso de Mateus e a escola diz que ele está em casa, recebendo tarefas e a inspetora diz que ele precisa retornar à escola	2/9-p. 62v verbas 6/9-p. 63 verba merenda 16/9-p. 63v verbas 16/9-p. 64 verbas p. 64v verbas		
	6/10- p. 17 ciclos, balancete, necessidade de aquisição de carteiras e histórico escolar	20/10-p. 65 verbas		
	4/11- p. 18 assuntos de pessoal, zoneamento e problemas de funcionamento da escola com poucos alunos	4/11-p. 65v verbas 4/11- verbas 18/11- verbas 18/11- verbas		

		18/11- problema de ociosidade da escola 19/11- idem		
	FIM	9/12-p. 69v doação de uniformes e critérios 14/12- verbas 17/12- verbas 22/12- verbas 17/12- verbas		

ESCOLA ESTADUAL 4

2000	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
		10/1-P. 73 VERBAS	Não foi analisado	Foram analisadas 53 correspondências, sendo que 42 são de questões de pessoal e as demais de assuntos diversos.
	9/2- P. 18V Calendário e assunto de pessoal 16/2- p. 19 - levantamento de espaços e utensílios horário de funcionamento e organização de turmas	2/2-p. 73v eleição do colegiado 3/2- p. 74 critérios para o desempate 17/2-p. 74v mudança de horário das aulas para só de manhã 18/2-p. 76 verbas p. 76 v- aprovação do calendário 25/2-p. 77 verbas		
	31/3-p.19v assuntos de pessoal solicitação do coordenador para as reuniões pedagógicas serem feitas no franco da rosa, porque aqui os profs. São poucos.	27/3-p. 77v aprovação da grade curricular		

		6/4- p.78 verbas 24/4 p. 78v verbas 25/4-p. 79 verbas		
	9/5-p. 20 visita para ver o funcionamento orientação para educação religiosa	p. 80- verbas		
	9/8 p. 20v assuntos de pessoal cadastro texto da amae sobre proposta político pedagógica da escola	2/8-p. 80 verbas		
	13/9-p. 21 sedine, zoneamento e problema de freqüência dos alunos e solicitação de ajuda do conselho tutelar			
	28/9- p. 21v zoneamento, numero de alunos, cadastro escola desistiu do projeto prodec- Paie assuntos de pessoal			
	6/10-p. 22 tv interativa tentativa de extensão de series mas o numero de alunos inviabiliza	26/10-p. 80v assunto projeto paie 31/10-p. 81v eleição do colegiado		
	28/11-p. 22v comissão do colegiado	9/11-p. 82 problema de numero de alunos para o primeiro ano de 2001- p. 83 problema de numero de alunos e mobilização da comunidade p. 84v - verbas p. 84v		

		verbas p. 85 eleição dos membros do colegiado		

ESCOLA ESTADUAL 5

1997	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª 31/1 p.1	Ass. PESSOAL Critérios para distrib. turmas (prof. Mais antigo) referendado pelo colegiado	**Observação**: A pasta de atas do colegiado não tem nenhuma ata neste ano. Os registros de atas só começam em 1999. Fica portanto sem memória a história do colegiado nesta escola e as possíveis observações a serem feitas.	Obs: a escola possui um livro de atas destas reuniões iniciado em 1 de junho de 1970 e que foi utilizado até 30 de junho de 1987, na página 37 verso. Nesta data, as atas foram interrompidas e na página 38, aparece a primeira reunião do ano 2000, quase 13 anos depois. A diretora atual esclarece que as atas feitas neste intervalo eram em folhas avulsas e se perderam, pois não foram arquivadas	Não foi analisada
2ª 5/2 p.1v	Elaboração com SE proposta do emergencial. Ass PESSOAL, escola precisa mudar de tipologia, porque não tem mais pré. Rascunho do Q.Curricular			
3ª 17/2 p.2	CDE e Ass. PESSOAL			
4ª 19/2	Q. FREQ. e QI Quadro curricular do Curso Reg. Sup. e correção de dados			
5ª p.3	Entrega de corresp. Ass. PESSOAL			

28/2	Verbas Escola organizou uma Biblioteca na sala vazia de pré.			
6ª 4/3 p. 3v	Q. freq. Ass. PESSOAL Finanças Análise do projeto emergencial do CBA reelaborado pelas especial			
7ª 11/3	Entrega de protocolos de documentos; circulares sobre Prêmios;programa TV escola; Estudo da Res. 7943/97 sobre colegiado; necessidade de fazer escolha dos membros na data que estava prevista; manual do repasse da Caixa Escolar; necessidade de emenda ao regimento cfme Res. 7915/96-CBA e a do colegiado; entrega de sugestão para fazer a emenda do CBA; orientação para Atas de Res. Final			
8ª 17/3 p.5 e 5v	Quadro de freqüência e livro de ponto. QI, conversa sobre aluno com indisciplina: necessidade de seguir o regimento e chamar os pais; houve reunião de escolha do colegiado; ata para diretoria da Caixa Escolar			
9ª 2/4 p.6 e 6v	Entrega de circulares, Assuntos de pessoal, concursos, verificação de ponto, leitura do Estatuto do colegiado e indicações das mudanças necessárias			

10ª 7/4 p. 7	Assuntos de pessoal; circular Censo; Dasen e Dafin			
11ª ata p.7v	Análise do CDE 1/97 e correções necessárias; assuntos de pessoal; circulares do estágio probatório			
12ª a p.8	Circulares sobre emergencial; aguardar instruções para dar início ao atendimento aos alunos; entrega de material sobre colegiado; assuntos de pessoal; informações sobre ficha individual			
13ª 24/4 p.8v e p.9	Entrega de material do colegiado; início do reforço do emergencial (68 alunos) e é preciso atividades criativas. A escola designou um recuperador e 1da E.E. Jorge Avelar; assuntos de pessoal; elaboração de emendas ao regimento; publicação no Minas da mudança de tipologia; constatação do lixo em latões e não em sacos plásticos			
14ª 12/5 p.9v	Entrega de expedientes; sugestão de atividades com alunos e de cardápio; recebi documentos; visita à sala do CBA; freqüência fraca dos alunos pois precisam voltar em outro turno			
15ª 20/5 p.10	**Obs.** Turmas do emergencial junto com técnico da Ser; entrega de sugestões para ficha de desempenho do recuperador e de relatório do prof. Regente e de acompanhamento do			

	emergencial			
16ª p.10v	Freqüência e ponto; assuntos de pessoal; validação de atos escolares; escolha de livros para os Cantinhos de leitura – BH			
17ª p. 11	Correspondências : dia do CBA, Adote uma escola; orientação para elaboração do projeto de capacitação de professores; freqüência e ponto.			
18ª 25/6 p.11v	Visita para ver o dia do CBA, com boa participação da comunidade; assuntos de pessoal; projeto Gente consciente; concurso Conhecendo Minas			
19ª 3/7 p.12	Elaboração do projeto de capacitação profs. Do CBA; circular de concurso e planilha merenda			
20ª 18/8 p.12v	Circulares TV escola, cartazes do cantinho; concurso importância do Mar para o Brasil; assuntos de pessoal			
21ª 9/9 p. 13	Assuntos de pessoal, finanças, tv escola, implementação do processo de Av. Desempenho			
22ª 12/9 p. 13v	Assuntos de pessoal; verba qese; inscrição supletivo; repasse FNDE; avisos do censo e do cantinho de leitura			
23ª 25/9 p.14	Rede física; assuntos de pessoal, inscrição para premio; parceria empresas Fiemg; diretora pede que a inspetora vá			

	sensibilizar os profs.da necessidade de fazer o Procap, porque alguns não querem			
24ª 30/9 p.14v	Reunião para sensibilização do Procap			
25ª 10/10 p.15	Assuntos de pessoal; calendário da escola; conferir mapeamento da avaliação diagnóstica			
26ª 3/11 p.15v	Entrega de certificados de participação do curso; material sobre av. desem. Orientação para preencher plano de ação para intervenção no CBA			
27ª 14/11 p.16	Entrega de material de legislação de suplência, escrituração escolar- históricos			
28ª 11/12 p.15v	Conversa sobre alterações nas Res. 8086/97; 8114/97 e 8115/97 assuntos de pessoal; freqüência e ponto			

ESCOLA ESTADUAL 5

1998	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª 25/3 p.17	Assuntos de pessoal ligados a rodízio dos dias de estudo do Procap; entrega de circulares	A escola não possui nenhuma ata de colegiado arquivada. Os arquivos começam somente em 1999. Perde-se assim o registro de memória destas reuniões e temáticas	NÃO EXISTE	Não foi analisada
2ª 7/4 p.17v	Circulares dafin; assuntos de pessoal; reunião com servidores para impl. de Av. Dês			
3ª 27/4 p.18	Atualização de cadastro dos colegiados; lei 12781 que proíbe cobrança de taxas;lei 12767 que inclui estudo dos direitos humanos; circular divulgação do PAIE; necessidade de adequação do regimento; seqüência de Av. Desempenho			
4ª 4/5 p.18v	Repasse de material; quadro curricular informatização; reunião de avaliação do processo de Dês			
5ª 15/6 p.19	Livros sobre estágio probatório; circular encontro de bibliotecas; concurso "profa. Maluquinha"; **circular 92/98 pedindo uma fita de vídeo para integração do aluno deficiente na escola regular**; assuntos de pessoal; roteiro para elaboração do regimento;histórico escolar; o			

	número de alunos a ser atendido pelo emergencial e a relação de alunos que não aprenderam a ler no emergencial			
6ª 1/7 p.19v	Assuntos de pessoal; projeto emergencial e nova lista de alunos; impl. Do serviço Disque colegiado; concurso criança e cidadania; continuidade da Av. Desemp.			
7ª 10/7 p.20	Comparecimento para apurar fatos ocorridos na festa junina do dia 5 de julho na escola; acusação de maus tratos aos vizinhos quando estes pediram para abaixar o som e venda de cerveja... o processo vai para a Ser. Projeto emergencial- atendimento de várias escolas e com profa. Itinerante. Visita à feira de alunos da 4ª série			
8ª 9/11 p.20v	Histórico escolar; assuntos de pessoal; res. 9437/98 que dispõe sobre Est. Compl. Criação de conselho de classe conforme res. Atual dos ciclos; a inspetora recebe o processo de Av. de Desem para análise e homologação			
9ª 11/11 p.21	Homologação do processo de Av. Dêsemp. e com algumas correções na ficha de av. desemp. Assuntos de pessoal			

10ª 18/12 p.22	Visita para complementar as atividades referentes a Av. Diagnóstica dos ciclos de formação básica do ensino fundamental; assuntos de pessoal; Recomendação 1/98 de 3/9/98 que pede providências para olhar os evadidos menores de idade.			

ESCOLA ESTADUAL 5

1999	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª 1/3 p.22v	Quadro de pessoal e aumento de turmas (cada 1ª série – 35 al) e foi desdobrado Ass. PESSOAL	Obs: neste ano, iniciam-se o registro das atas de reunião de colegiado	Não há registro	Não foi analisada
2ª ata 16/3 p.23	Solicita a conclusão PDE e aprovar em colegiado Orientação Censo escolar Ass. PESSOAL	22/3- aprovação do PDE		
3ª 24/3 p.23v	Merenda, quadros curriculares (par. CNE 2 muda os nomes par L.P. E.R. e Artes e não mais Português, Ensino Religioso e Ed. Artística			
4ª 6/4 p.24	Pai reclama de profa. (**XEROX em anexo)** não pontual. A reunião termina com a profª se comprometendo melhorar. Outros assuntos e entrega de correspondência			
5ª 19/5 p.25	Entrega do calendário homologado Necessidade de ver nº real de alunos (ofício circular 82/99)			
6ª 9/6 p.25v	Verba QESE Ass. PESSOAL			
7ª 5/7 p.26	Reorganização de quadro de pessoal MERENDA			

8ª 16/8 p.26v	Quadro de turmas e de pessoal, cx escolar, merenda	5/8- verba material limpeza e pagamento de luz atrasada e o colegiado decide fazer ofício à Dafin pedindo dinheiro		
9ª 30/8 p.27	Análise de relatório da SEE-MG Ass. PESSOAL Orientação para registrar casos de indisciplina na escola, Finanças			
10ª 13/9 p.27v	FNDE, acerto de vida escolar (histórico) de 1 aluno			
11ª 5/10 p28	Retorno de férias da inspetora. Escola optou por ciclo Não há necessidade de compra de carteiras e nem de reforma na escola			
12ª 19/10 p.28v	Entrega correspon. Cartazes de cidadania (entrega) Exame do caso da diretora atual quanto à eleição de diretores			
13ª 28/10 p.29	Ass. PESSOAL Colegiado se reúne para organizar eleição de diretor Finanças Escola diz que precisa de algumas reformas (trincas e forros)	27/10- convocação para eleição de diretor		
14ª 5/11 p.29v	Ass. PESSOAL Processo de escolha de diretores e organização para o dia da eleição.	FIM DO LIVRO		
15ª 9/12 p.30	Reunião para apuração 2º turno e organização do mesmo.			
16ª 15/12	Ass. PESSOAL Cobrança da entrega do			

p.30v	regimento Verbas e finanças FIM DO LIVRO			

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ESCOLA ESTADUAL 5

2000	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Pasta de correspondências	Reuniões gerais e pedagógicas
		Obs: as atas estavam redigidas em folhas avulsas. **No final do ano, quando voltamos para completar a pesquisa de dados, foi apresentado um livro de atas do colegiado (com inicio em 1984, e com registro de atas regularmente até 1992). Depois não há registros, até o momento – 2000**	**Foram analisadas 65 correspondências, sendo que 42 são de questões de pessoal e as demais de natureza diversa.**	
1ª 8/2 p.31	QI – Ass. PESSOAL Res. 8/2000 Solicitação de entrega do calendário	22/2- apresentação e aprovação do calendário que foi aprovado. Obs: a partir deste ano, as atas do colegiado são preenchidas num formulário próprio inventado pela escola para esquematizar.		27/1 – p. 38 reunião para confraternização do inicio do ano e com nova diretora; ■ distribuição das turmas para os profs. E cada prof. Solicita à secretaria, o aproveitamento escolar referente aos alunos, em 1999, para poder fazer um planejamento pedagógico. ■ Ficou combinado que após 1 mês de aula, será feita uma nova reunião para o planejamento de acordo com o rendimento de cada turma.

2ª 16/2 p.31v	Formulário de reorg. turmas Ass. PESSOAL			
3ª 14/3 p.32	Q.I. e Ass. PESSOAL Trouxe sugestão de quadro curric.			17/3- p. 38v reunião de planejamento, por grupo de ano de escolaridade: escolha de conteúdos, livros e atividades.
4ª 27/3 p.32v	Ass. PESSOAL E horário da escola foi alterado			
5ª 31/3 p.33	Ass. PESSOAL			
6ª 17/4 p.33v	Orientações Censo Es. Análise de caso de aluna que já lê com 7 anos e não pára na sala de aula (remanejar?)			12/4 – Texto - A Escola Sagarana e o Investimento no Sucesso Escolar. Foi feito uma leitura dinâmica, com os pontos positivos e negativos. Discutiram-se outros pontos possíveis não contemplados no documento. **Obs: não se registram quais são estes pontos, perdendo com certeza, a riqueza da discussão.** 26/4- p. 39v seqüência da discussão com texto de Maria Jose Ferez (idem) 10/5- p. 40 análise da proposta de implantação do NAI

				levantamento dos problemas existentes com crianças da escola - avaliação de como está o trabalho com os ciclos ▪ discussão sobre a escola que temos e a escola que queremos (idem...) 25/5- p. 40 v fita do Miguel Arroyo foram feitas reflexões sobre o ciclo e pronto.... (idem)
7ª 4/5 p.34	Análise do censo orientação sobre função do especialista (res. 7150/93) O CASO DA ALUNA QUE lê-reclassificar com autoriz. dos pais (leg. Parecer 1132/97, 1158/98 e LDB Escolha do vice diretor			
8ª 9/5 p.34v	Ass. PESSOAL			
9ª 17/5 P.35	Ass. PESSOAL Escolha do vice Conversa com a diretora sobre reuniões do módulo II pois os profs. Questionam o assunto . A inspetora responde que são obrigatórias e estão incluídas na remuneração			

10ª 7/6 p. 35v	Ass. PESSOAL Regimento precisa ser alterado a partir das sugestões com os profs. (a diretora está reunindo)	29/6 reposição dos dias de greve é aprovada		7/6- p. 41 fita do prof. Edmar e análise de lâminas sobre avaliação escolar só... 21/6- p. 41v continuação da fita do Edmar 5/7- p. 42 vídeo da profa. Leiva discussão de quais mudanças podem ser feitas **(só... não se falam quais)**
11ª 9/8 p.36	A IE toma conhecimento da proposta pedag. Da escola conforme revista Amae-maio de 2000, mas ainda não está finalizada. Análise do fluxo e vagas para cadastro.			
12ª 23/8 p.36v	Ass. PESSOAL A escola está realizando um trabalho com o ECA com material recebido da Sup.			
13ª 13/9 p.37	Análise e assinatura do formulário Sedine- rede física orientações sobre REM- assuntos de pessoal	31/10- p.33 ata de assembléia geral para eleição da comissão eleitoral do processo de escolha do colegiado		
14ª 26/9 p.37v	Convocação para capacitação para assuntos de pessoal outros assuntos de pessoal informações sobre prestação de contas balancetes e rede física documentos de pessoas	9/11- p. 34 ata da reunião da comissão eleitoral do colegiado		

15ª 6/11 p.38	Composição de comissão eleitoral do colegiado – resol 147/00 - assuntos de pessoal	30/11- p. 34v reunião para divulgar a chapa única para o colegiado		24/11- p. 42v fita TV interativa sobre organização dos tempos escolares e leitura do fascículo 1 discutiram-se pontos positivos, negativos e sugestões) **(NÃO SE REGISTRA NADA DISSO...)**
16ª 28/11 p.38v	Marcação de reunião com a comissão eleitoral do colegiado e esclarecimento de duvidas assuntos de pessoal FIM	3/12- p. 35 v ata do processo de votação e eleição 6/12- p. 36 v ata da eleição 6/12- p. 37 eleição do colegiado		1/12- P. 43 FITA da TV Interativa : formação humana e ciclos. Leitura do fascículo 2 e só..... 8/12 p. 43 v fita de vídeo sobre ciclos e fascículo(IDEM)

ESCOLA ESTADUAL 6

***Obs**: ESTA ESCOLA NÃO POSSUI OS ANOS ANTERIORES PORQUE A ENCHENTE DE JANEIRO DE 2000 CARREGOU TODO ARQUIVO DA ESCOLA*

2000	Livro de Termos de Visita	Atas do Colegiado	Atas de Reuniões Gerais e Pedagógicas	Pasta de Correspondências
1ª 3/2/00 p. 2	ASSUNTOS DE PESSOAL Orientação sobre calendário e legislação	9/2 p.1- posse da nova diretora- verba qese, verba merenda providencia quanto aos estragos da enchente	17/2- p. 1 reunião para comentar os assuntos do inicio do ano: mudança de prédio por causa da enchente; pontos a comentar para higiene, disciplina; escolha de representante de turmas para controlar a sala provisoriamente e depois escolher líderes e vice-líderes; evitar mandar alunos para fora; pedidos para conquistar o aluno e exigir respeito; - problema ainda com profs. Não designados ; recomenda-se usar temas transversais; explicação do ciclo e sua proposta (TODO O TOM DA REUNIAO É DE RECOMENDAÇAO E SERMAO)	Foram analisadas 66 correspondências, sendo que 58 delas são sobre questões de pessoal e as demais de natureza diversa
2ª 9/2 p. 2v	Quadros informativos Duvidas de vagas nas escolas	23/2 - p.1v aprovação das contas de verba qese e merenda		

3ª 15/3 p. 3	Levantamento necessidade equipamento e mobiliário Situação profs. De EF e\EA ASSUNTOS DE PESSOAL	8/3- p. 2v aplicação de verbas	15/3- P. 2 Cumprimento do modulo 2 e sugestões para o estudo do dia;- aulas de religião; ciclo; Procad; horário dos especialistas; - comentário sobre a reforma da escola e as perdas com a enchente; doação de livros;- assunto de pessoal; concurso de redação- EPTV; proposta da escola Sagarana; campanha da fraternidade; preocupação com hábitos e valores de educação	
4ª 27/3 p. 3v	ASSUNTOS DE PESSOAL Reorganização de turmas Novo enfoque educação física e conteúdos integrados Quadro informativo NAI	30/3- p. 4 aprovação de verbas	11/4- p. 3- leitura dos textos da escola Sagarana; NAI;- eleição democrática para compor a Comissão de Avaliação da escola, exigida pelo NAI	
5ª 4/4 p. 4	QI Quadros de pessoal	18/4 p. 4v aprovação de verbas	25/4- p. 4- ciclo, NAI, escola Sagarana	
6ª 17/4 p. 4v	ASSUNTOS DE PESSOAL Profs. De educação religiosas	25/4- p. 5 verba merenda	4/5- p. 4 NAI Projetos de recuperação para português e matemática; - preenchimento de fichas para varginha para o NAI ■ 11/5- p. 5 – leitura dos artigos da escola Sagarana: divisão em 5 grupos para resumo, comentário e	

			apresentação na próxima reunião 11/5- p. 5 verso reunião de pais – das quintas e sextas mais os professores assunto: disciplina, ciclo, avaliação continua, escola Sagarana, reunião de estudo dos profs. De 15 em 15 dias; - Projeto amigos da escola; - caixa escolar e contribuição espontânea; - feijoada beneficente; - necessidade de justificar a falta dos filhos; importância da presença dos filhos; - normas e disciplina da escola 16/5- p. 6 verso- reunião idêntica com pais de sétimas e oitavas séries	
7ª 12/6 p. 5	ASSUNTOS DE PESSOAL ELABORAÇAO DO REGIMENTO ESCOLAR		5/6- p. 7 – professores e funcionários para organizar o desfile do meio ambiente 7/6- comentários sobre palestras sobre avaliação do prof. Edmar;- projeto PAIE: regimento e Proposta Pedagógica da escola (montar uma equipe para fazer); reunião do modulo 2- fazer projetos por série; NAI- organização do regime escolar(disciplina, uniforme) apresentação do trabalho de	

			resumos da escola Sagarana 13/6- p. 8 vda máquina xerox; baile beneficente; festa julina; campanha de combate a violência domestica e exploração sexual; montar um projeto da paz; sugestão de palestras 20/6 – colegiado e nova eleição, atualização para profs. EF 2001- Procad; concurso do estado que deverá acontecer; assuntos de pessoal; festa julina ficou para agosto; casa da cultura e certificados de participação na festa do meio ambiente;- sugestões para angariar dinheiro para compra de computadores; apresentação dos resumos dos textos da escola Sagarana 27/6- p.10v modulo 2 e importância de ser bom; apresentação dos resumos da escola Sagarana 30/6- p. 11 reunião do colegiado e a	

			reposição dos dias de greve; compra do xerox; baile beneficente; CUIDADO COM ALUNOS QUE ROUBAM A ESCOLA; Projeto de paz; festa de encerramento do primeiro semestre	
8ª 2/8 p. 5	Visita a escola após a reforma da enchente Quadro de turmas Patrimônio Colegiado – eleição de novos membros Orientação sobre PAIE FIM	11/7 –p. 6 aprovação de reposição dos dias de greve Explicação do Projeto Mutirão da Limpeza – para sanar os estragos que os alunos causaram no prédio onde provisoriamente a escola funciona, onde aguarda a reforma do outro pelos problemas da enchente	4/7- p. 11 v projeto de fome; limpeza da escola em reforma; projeto de paz; jantar de despedida do primeiro semestre convênio Uniodonto; palestras sobre sexualidade	
		3/8- p. 7 verbas qese e merenda	17/8- p. 13- urna eletrônica para treinar para eleições municipais; cortinas para escola; necessidade de trazer pais para escola; projeto olimpíadas 2000; Paie; salas de aula com nova disposição; organizar festa da família 17/8- reunião de pais da quinta série carteirinha; uniforme; aprovação escolar; ciclo; disciplina; amigos da escola; normas e conduta; desfile de 7/9	

		12/9- p. 7v aprovação do balancete do primeiro semestre 1/9- p. 8 – problemas de comportamento dos alunos Bruno e Jones... apresentação dos dados, discussão e o colegiado resolve encaminhar os alunos para o Conselho Tutelar 18/9- p. 9 aprovação de verbas	1/9- p. 14 v importância do voto plebiscito e divida externa 12/9- p. 15- disciplina, comportamento; desfile do dia 23; sugestões de atividades de vídeo 12/9- p. 15v reunião de pais de oitava- IDEM PAIS DE quinta-feira 26/9- p. 16 semana da criança, gincana, olimpíada; assuntos de pessoal; necessidade de trabalhar ecologia nas 5 áreas	
		26/10- p. 10v notas fiscais de compra de livros didáticos	17/10 –p. 17 formatura das oitavas; bailes e dinheiro; leitura da proposta pedagógica da escola que foi elaborada; discussão sobre ficha individual descritiva de avaliação; necessidade de discutir os critérios de enturmação com Avia inspetora 31/10- p. 17 v – leitura da res. 147 sobre colegiado e eleição	
		16/11- p. 11 verbas e aplicação	7/11- p. 18 v leitura da res. 87- recadastramento dos inativos; suspensão de férias	

			premio; baile das sextas; Simave - Provão das oitavas; eleição do colegiado 14/11- p. 19 comentário da fita de vídeo de uma escola de Sobradinho, perto de são tome das letras ■ projeto auto-avaliação da escolas- ■ leitura de texto do Dimenstein ■ TV escola ■ Vídeo sobre ciclo ■ Verba FNDE; cortinas, assuntos de pessoal; profs. De EF pedem material 28/11- p. 20 organização do tempo escolar- vídeo discussão e sugestões	
		15/12 – p. 12 Verba qese e fnde FIM DO LIVRO	5/12- p. 21 vídeo sobre ciclos- prof[a] Avani discussão e comentários 11/12- p. 21v IDEM 15/12- p. 22v estudo e síntese dos fascículos sobre ciclos	

SUMÁRIO

VOLUME IV

Anexo 23 303

Escola 1 303

Escola 3 328

Escola 4 371

Escola 5 403

Escola 6 432

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

ANEXO 23

REGIMENTO ESCOLAR

ESCOLA ESTADUAL "BUENO BRANDÃO" DE 1º GRAU – R.0.2.0.C.3.

TRÊS CORAÇÕES

REGIMENTO ESCOLAR DA ESCOLA ESTADUAL"BUENO BRANDÃO"

INTRODUÇÃO

1. HISTÓRICO:

O Decreto nº 2.543 de 25/09/1909, criou a Escola Estadual "Bueno Brandão", situada à Rua Barão do Rio Branco, nº 174, na cidade de Três Corações.

Era Governador do Estado o Sr. Júlio Bueno Brandão.

A escola possui prédio próprio, construído entre 1926-1930, sendo então governador do Estado o Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrade.

Em 1963 foi reformado pela CARPE, no Governo do Dr. José de Magalhães Pinto.

Vinte anos depois, em outubro de 1983, no Governo do Dr. Tancredo Neves, a própria CARPE novamente reformou e ampliou o estabelecimento, concluindo portanto as obras em abril de 1984.

A Segunda reforma se deu na gestão do Prefeito Ailton Paranaíba Vilela.

2. IDENTIFICAÇÃO:

A Escola Estadual "Bueno Brandão" de 1º grau R.0.2.0.C.3 integrante da Rede Estadual de Ensino, de 1º ao 4º ano de escolaridade do 1º ciclo do Ensino Fundamental, está localizada à Rua Barão do Rio Branco, nº 174, bairro Centro, telefone 231-1009, distrito de Três Corações, município de Três Corações.

Atende alunos de todas as camadas sociais, havendo portanto uma pluralidade cultural em sua comunidade escolar. Recebe alunos de todos os bairros inclusive de zona rural do município e de outros estados brasileiros devido a existência de unidade militar na cidade, algumas indústrias e instituições bancárias.

TÍTULO I – DA EDUCAÇÃO

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1° - Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2° - A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

CAPÍTULO I – DOS PRINCÍPIOS E FINS DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 2° - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3° - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII – valorização do profissional da educação escolar;

VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX – garantia de padrão de qualidade;

X – valorização da experiência extra-escolar;

XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;

CAPÍTULO II – DOS OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 4° - O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

§ 1° - É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos.

§ 2° - Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

§ 3° - O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

§ 4° - O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino à distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

CAPÍTULO III – DA ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 5º - Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I – elaborar e executar sua proposta pedagógica;

II – administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;

III – assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;

IV – velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;

V – prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;

VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

Art. 6º - Os docentes incumbir-se-ão de:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III – zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

CAPÍTULO IV – DA POLÍTICA EDUCACIONAL DA ESCOLA

Art. 7º - Formar o cidadão dentro dos ideais culturais cívicos, morais e sociais da comunidade e dar-lhe conhecimentos necessários, para que seja um elemento útil a si mesmo, à sociedade e à pátria;

Parágrafo Único - Garantir a informação com percepção técnica, política e humana da realidade dando condições de nela agir e interagir com competência, comprometimento, determinação e responsabilidade.

TÍTULO II – DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E TÉCNICA

CAPÍTULO I – DA ADMINISTRAÇÃO

SEÇÃO I – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 8º - A administração da Escola Estadual "Bueno Brandão", será exercida:

- pela Diretoria
- pelo Colegiado

Art. 9º - A Diretoria será constituída de:

- Diretor
- Vice-diretor

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 10º - À administração da Escola Estadual "Bueno Brandão", compete:

I – planejar todo o trabalho escolar;

II – organizar, coordenar, controlar e avaliar os trabalhos educacionais desenvolvidos no estabelecimento.

Art. 11º - Compete ao Diretor da Escola:

I – Administrar o patrimônio da Escola, que compreende as instalações físicas, os equipamentos e materiais:

- manter atualizado o inventário dos materiais e bens existentes na escola;
- zelar pela adequada utilização e prevenção dos bens móveis da escola;
- racionalizar o uso dos bens e materiais de consumo da escola;
- tomar providências necessárias à manutenção, conservação e reforma do prédio, dos equipamentos e mobiliário da escola;
- definir, junto com o Colegiado, os horários de funcionamento da escola.

II – Coordenar a administração financeira e a contabilidade da escola:

- levantar as necessidades de recursos para atender à previsão de despesas rotineiras e eventuais da escola;
- elaborar o orçamento da escola, submetendo-o à aprovação do Colegiado;
- providenciar o recebimento de verbas oficiais e orientar a captação de recursos em outras fontes;
- aplicar em tempo hábil, os recursos obtidos, tendo em vista o atendimento às necessidades da escola;
- submeter ao Colegiado da escola a prestação de contas dos recursos aplicados.

III – Coordenar a administração de pessoal:

- definir, com o Colegiado, o quadro de pessoal da escola, observados os dispositivos legais pertinentes;
- promover a avaliação de desempenho dos profissionais da educação;
- determinar medidas necessárias ao ingresso, à movimentação e ao processamento de benefícios, direitos e vantagens dos servidores;
- definir o quadro de distribuição de tarefas e assegurar o seu cumprimento;
- fazer cumprir o regime disciplinar previsto na legislação específica;
- assegurar a atualização das fichas funcionais dos servidores;
- definir, com os servidores da escola, seus períodos de férias.

IV – Favorecer a gestão participativa da escola:

- convocar assembléias para a eleição dos membros do Colegiado;
- organizar o Colegiado, esclarecendo-o sobre suas funções;
- convocar as reuniões do Colegiado e presidi-las;
- submeter à apreciação do Colegiado questões que devem ser decididas participativamente;
- fazer cumprir as decisões do Colegiado;
- delegar competências quando se fizer necessário de acordo com os dispositivos legais.

V – Gerenciar ações de desenvolvimento dos recursos humanos da escola:

- participar do levantamento de necessidades de capacitação do pessoal da escola;
- providenciar ações de capacitação dos profissionais da educação, tendo em vista as necessidades identificadas;
- articular com instituições e pessoas, sua participação nas atividades de capacitação do pessoal da escola;
- encaminhar demanda de cursos aos órgãos competentes, quando necessário.

VI – Orientar o funcionamento da secretaria da escola:

- estabelecer a rotina de funcionamento da secretaria, garantindo a regularidade das atividades e informações;
- orientar a secretaria da escola sobre normas e procedimentos referentes a escrituração escolar e à situação dos servidores;
- organizar arquivo de legislação referentes à educação;
- supervisionar a análise de processos de regularização de vida escolar.

VII – Participar do atendimento escolar no município:

- colaborar na realização do cadastro escolar;

VIII – Representar a Escola junto aos demais órgãos e agências sociais do município.

IX – Coordenar a elaboração, implementação e avaliação do plano de desenvolvimento da escola:

- articular a comunidade na elaboração, implementação, acompanhamento e avaliação do plano de desenvolvimento da escola;
- promover estudos e debates para subsidiar a elaboração do plano de desenvolvimento da escola, identificando as características da clientela, definindo a missão da escola e sugerindo as ações a serem desenvolvidas;
- coordenar a elaboração do plano de desenvolvimento da escola, viabilizando a participação de todos, conforme a dinâmica de planejamento estabelecida;
- submeter o plano de desenvolvimento da escola à aprovação do Colegiado e promover sua divulgação;
- discutir com a comunidade escolar a operacionalização do plano de desenvolvimento, definindo as responsabilidades de cada segmento e a dinâmica a ser utilizada;
- promover a integração dos diversos setores da escola, visando assegurar a unidade necessária à efetivação do plano de desenvolvimento da escola;
- acionar medidas destinadas a garantir condições administrativas, financeiras e pedagógicas necessárias à implementação das ações previstas no plano de desenvolvimento da escola;
- propor o replanejamento do plano de desenvolvimento da escola, com base nos resultados da avaliação.

Art. 12° - Compete ao Vice-diretor:

I – manter as autoridades informadas sobre a vida administrativa do estabelecimento;

II – supervisionar a manutenção da limpeza e conservação das instalações bem como elaborar horário de trabalho e delegar atribuições aos auxiliares de serviço;

III – manter o controle de recebimento de material, distribuição, estoques e inventários;

IV – desincumbir-se de todas as atividades que por sua natureza ou em virtude das disposições regulamentares, sejam decorrentes de suas atribuições;

V – substituir o Diretor em suas faltas e impedimentos eventuais;

VI – auxiliar o Diretor no desempenho de suas funções.

SEÇÃO III – DO FUNCIONAMENTO

Art. 13° - A diretoria terá seu funcionamento determinado pela legislação em vigor, em consonância com as necessidades do estabelecimento.

Parágrafo Único – O horário de trabalho da Diretoria deverá ser amplamente conhecido de toda a comunidade escolar.

CAPÍTULO II – DO COLEGIADO

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 14° - O Colegiado terá funções de caráter deliberativo e consultivo nos assuntos referentes à gestão pedagógica, administrativa e financeira da unidade de ensino, respeitadas as normas legais.

§1° - As funções deliberativas referem-se à tomada de decisões quanto às diretrizes e linhas gerais das ações desenvolvidas na unidade de ensino.

§2° - As funções consultivas referem-se à emissão de pareceres para dirimir dúvidas sobre situações decorrentes das ações pedagógicas, administrativas e financeiras, bem como a proposição de alternativas de solução e de procedimento para a melhoria da qualidade do trabalho escolar.

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 15° - Ao Colegiado, observadas as normas legais e as diretrizes estabelecidas para o setor educacional e as especificidades da comunidade escolar, competirá:

I – participar da elaboração, avaliação, reformulação e acompanhamento do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) e comprometer-se com a sua implementação;

a) na elaboração do PDE observar-se-ão as diretrizes da política educacional, os interesses da comunidade e os resultados da avaliação externa, e de pesquisas educacionais;

II – opinar e apresentar sugestões sempre que necessário, sobre as ações programadas no PDE, com vistas à capacitação e ao aperfeiçoamento dos profissionais da educação que atuam na escola;

III – propor a expansão do atendimento escolar e a organização da escola com base nos resultados do cadastro escolar e na capacidade das instalações físicas disponíveis;

IV – analisar e aprovar os critérios complementares, estabelecidos pela escola (corpo técnico - administrativo e pedagógico), para o desempate na designação de pessoal que exercerá a função pública, na escola, observada a legislação pertinente;

V – definir o quadro de pessoal da escola, observada a legislação específica, as diretrizes estabelecidas no PDE e a Grade Curricular;

VI – analisar e aprovar os critérios adotados para a distribuição de turmas e de aulas, entre os professores da escola, na conformidade com os dispositivos legais pertinentes;

VII – emitir parecer sobre a movimentação e o afastamento do pessoal docente, técnico e administrativo requeridos pelos interessados ou propostos pelo Diretor da escola, por conveniência pedagógica e administrativa;

VIII – recomendar providências adequadas à melhor utilização do espaço físico, do material escolar e didático, da merenda escolar e do aproveitamento racional dos servidores da escola;

IX – acompanhar a participação do pessoal da escola, em atividades voltadas para a cultura artística, literária e desportiva, e apresentar sugestões que assegurem a conciliação dessa participação com as atividades curriculares previstas;

X – participar do Programa de Avaliação da Escola Pública de Minas Gerais, nos termos da legislação específica que regula o assunto;

XI – manifestar-se sobre a proposta curricular da unidade de ensino, com vistas ao seu aperfeiçoamento e enriquecimento;

XII – analisar e aprovar o Calendário Escolar, levando-se em conta a conciliação das exigências legais com as peculiaridades regionais;

XIII – opinar sobre questões relativas ao rendimento escolar, indisciplina, infrequência de alunos e outros casos, submetidos a sua consideração, observadas as normas pertinentes aos assuntos apresentados;

XIV – propor ações que visem a redução e/ou a erradicação das causas geradoras das questões indicadas no inciso XII;

XV – deliberar sobre recurso ou representação referentes à vida escolar ou funcional de alunos, professores, especialistas de educação e demais servidores da escola;

XVI – acompanhar o processo de avaliação de desempenho;

XVII – analisar a avaliação de desempenho dos profissionais da escola, quanto ao mérito e aos resultados do processo de ensino e aprendizagem, e emitir parecer quando chamado a se pronunciar;

XVIII – referendar as decisões do Diretor quanto à aplicação das penalidades previstas na legislação que rege a matéria;

XIX – analisar e aprovar a proposta orçamentária anual, elaborada pela escola;

XX – analisar e aprovar a proposta orçamentária de aplicação de recursos financeiros, vinculados, não vinculados e de outros diretamente arrecadados pela própria escola, obedecida a legislação que rege a matéria;

XXI – analisar e aprovar a prestação de contas referentes à aplicação dos recursos financeiros, de conformidade com o planejamento e com os termos de compromissos firmados, quando for o caso;

XXII – fiscalizar e controlar a aplicação dos recursos Federais, destinados à merenda escolar;

XXIII – realizar o inventário anual dos bens permanentes, de conformidade com as normas legais pertinentes;

XXIV – avaliar e aprovar as planilhas relativas à realização de reparos reformas e ampliações no prédio da escola, tendo em vista as necessidades pedagógicas previstas no PDE;

XXV – apreciar e emitir parecer conclusivo sobre o desligamento de membros do Colegiado, motivado pelo descumprimento das normas estabelecidas em seu Estatuto.

SEÇÃO III – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 16º - O Colegiado será composto pelo Diretor da escola, que o presidirá e, por 6 (seis) no mínimo, e no máximo, 12 (doze) membros representantes dos segmentos:

I – professores, especialistas de educação e demais servidores da escola;

II – pais ou responsáveis por alunos regularmente matriculados e frequentes.

§ 1º - Na representação dos segmentos, deverá ser garantida a seguinte proporcionalidade:

- 50% (cinqüenta por cento) para os servidores;

- 50% (cinqüenta por cento) para o segmento indicado no inciso II, deste artigo, considerado no seu conjunto;

§2º - Deverão ser eleitos, em Assembléia Geral, o representante e o suplente de cada segmento, observando-se a proporcionalidade estabelecida para cada um deles, conforme prevê o Estatuto do Colegiado.

§3º - Deverá ser registrada na data da Assembléia, a classificação dos eleitos com vistas ao preenchimento de vagas, no caso de afastamento de membro efetivo ou suplente;

§4º - Ao servidor que seja pai, mãe ou responsável por aluno de escola, será permitido representar, somente, o segmento de servidores;

§5º - Ao vice-diretor não caberá a representação de segmento algum;

§6° - O mandato dos membros do Colegiado será de 2 (dois) anos e terminará no mês de março, quando deverão ser eleitos os novos membros;

§7° - Ao Diretor competirá a convocação da comunidade da escola para a realização da Assembléia Geral, que elegerá o Colegiado;

§8° - Caberá ao Diretor orientar os participantes da primeira Assembléia Geral sobre:

I – a importância do Colegiado, sua competência e os objetivos que deverá perseguir;

II – a proporcionalidade de representantes em cada segmento;

III – os deveres do representante para com o segmento que representar;

IV – a época determinada para a escolha dos membros e a duração do seu mandato, no Colegiado.

§9° - O membro do Colegiado que, por qualquer motivo, antes do término de seu mandato, desvincular-se do Colegiado ou da escola, será substituído por integrante do mesmo segmento que representar, observada a classificação prevista no artigo 2°, § 3°;

§10° - Esgotada a lista dos classificados, caberá ao Presidente do Colegiado promover a escolha do novo membro, em Assembléia realizada com os integrantes do segmento que sofrerá a substituição;

§11° - O membro do Colegiado, no exercício de seu mandato, deverá expressar e refletir a linha de pensamento do segmento que representar;

§12° - O membro do Colegiado que não cumprir, satisfatoriamente, a representação a ele conferida nos termos do Estatuto, poderá ser substituído, mediante, proposta dirigida ao presidente do Colegiado, assinada pela maioria dos integrantes de seu segmento;

§13° - Cada membro do Colegiado terá garantido o direito de manifestar sua opinião e a do segmento que representar, no exercício de seu mandato, sem restrição ou punição da parte de seus pares;

§14° - O presidente do Colegiado deverá, no início de cada semestre, convocar a comunidade escolar para uma Assembléia Geral, que terá como objetivo propor ações a serem desenvolvidas pela escola em conformidade com o PDE e aprovar os relatórios das atividades que serão realizadas;

§15° - Caso o Presidente não faça a convocação da Assembléia Geral, prevista no capítulo deste artigo, a maioria do Colegiado representada no mínimo por 2/3 (dois terços) de seus componentes poderá tomar a iniciativa da convocação;

§ 16° - As normas específicas para o funcionamento do Colegiado, resguardados os parâmetros legais, deverão ser propostas por seus membros e definidas em Estatuto próprio, aprovada em Assembléia Geral pela Comunidade Escolar.

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 17° - O Colegiado reunir-se-à na sede da escola ou em outro local, quando se fizer necessário.

§ 1° - Deverá ser realizada no mínimo, uma reunião ordinária a cada mês do ano letivo e seu funcionamento será regulado no Estatuto do Colegiado.

§ 2° - Em caso de urgência ou de relevante interesse, o Presidente, por iniciativa própria, ou a requerimento da maioria dos membros em exercício, convocará reunião extraordinária, com objetivo determinado.

§ 3° - A reunião somente poderá ser instalada com a presença de pelo menos 2/3 dos membros efetivos do Colegiado e na falta destes, seus suplentes.

§ 4° - As reuniões serão registradas em atas aprovadas e assinadas pelos membros presentes, ao esgotar a pauta programada, e seus termos deverão ser divulgados à comunidade escolar.

§5° - Será permitida a participação de integrante da comunidade escolar, nas reuniões do Colegiado, sem direito ao voto, quando constar da pauta, assunto de seu interesse particular ou do interesse de seu representado, no caso de pais ou responsáveis por aluno menor de 16 anos.

CAPÍTULO III – DA CAIXA ESCOLAR

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 18° - A Caixa Escolar da Escola Estadual Bueno Brandão tem por finalidade congregar iniciativas comunitárias, objetivando:

I - Prestar assistência aos alunos carentes de recurso;

II - Contribuir para o funcionamento eficiente e criativo da escola;

III - Promover em caráter complementar e subsidiário a melhoria qualitativa do ensino;

IV - Colaborar na execução de uma política de concepção da escola como agência comunitária em seu sentido mais amplo;

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 19° - É competência da Caixa Escolar:

I - Elaborar e executar seu orçamento anual;

II - Deliberar sobre a aplicação e movimentação de seus recursos;

III - Encaminhar ao Conselho Fiscal o balanço e relatório anuais;

IV - Submeter o balanço e relatório anuais à apreciação da Assembléia Geral;

V - Enviar ao Órgão Regional de Ensino os balancetes financeiros, na forma estabelecida pela Inspetoria de Finanças da Secretaria da Educação.

SEÇÃO III – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 20° - A Caixa Escolar é constituída de: um Presidente, um Secretário e um Tesoureiro.

§ 1° - O Presidente será o Diretor.

§ 2° - O Secretário, o Tesoureiro e seus respectivos suplentes, serão escolhidos bienalmente, pela Assembléia Geral, com aprovação do Colegiado, o primeiro dentre pais de alunos ou responsáveis, e o segundo, dentre pessoas do Magistério ou da Administração da Escola, permitida a reeleição.

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 21° - O funcionamento da Caixa Escolar se dará conforme a legislação vigente.

Parágrafo Único - A Assembléia Geral se reunirá ordinariamente, no mês de março de cada ano, e , extraordinariamente, toda vez que for convocada regularmente, sendo seus trabalhos sempre dirigidos pelo Presidente da Caixa Escolar.

SEÇÃO V – DAS FUNÇÕES

Art. 22° - Compete ao Presidente da Caixa Escolar:

I - Convocar e presidir as reuniões do Conselho;

II - Ordenar o pagamento das despesas processadas;

III - Redigir e submeter à aprovação e assinatura do Conselho o relatório e balancete;

IV - Fiscalizar a escrituração a cargo do Secretário e do Tesoureiro;

V - Executar as deliberações do Conselho;

VI - Assinar toda a correspondência relativa à Caixa Escolar;

VII - Enviar à 41ª SRE o balancete anual.

Art. 23° - Compete ao Secretário da Caixa Escolar:

I - Redigir as atas do Conselho, registrar as correspondências da Caixa, sua escrituração e expediente.

Art. 24° - Compete ao Tesoureiro:

I - Receber as rendas da Caixa e arrecadar as contribuições espontâneas;

II - Efetuar, mediante processo, os pagamentos ordenados pelo Presidente, dos quais exigirá Recibos;

III - Fazer, em livro próprio, a escrituração da Receita e Despesa com as indicações necessárias a sua imediata conferência com as verbas orçamentárias;

IV - Conferir mensalmente a Caixa, apresentando ao Presidente, o Balancete do mês;

V - Organizar as contas que o Presidente deve prestar ao Conselho e o Balanço Anual que acompanha o Relatório deste.

CAPÍTULO IV – DA SECRETARIA

Art. 25° - A secretaria terá por finalidade:

I – a organização dos serviços de escrituração escolar;

II – a execução e controle das normas administrativas da escola;

Art. 26° - Os serviços de secretaria serão executados pela:

- Secretária da Escola;
- Auxiliar de Secretaria.

Art. 27° - Compete ao Secretário de Escola:

I – Colaborar com a direção da unidade escolar no planejamento, execução e controle das atividades escolares;

II – Coordenar as atividades da Secretaria da Escola e do pessoal auxiliar;

III – Proceder a escrituração escolar conforme disposto na legislação vigente;

IV – Realizar trabalhos de datilografia;

V – Responsabilizar-se na área de sua competência, pelo cumprimento da legislação de ensino e disposições regimentais;

VI – Instruir, informar e decidir sobre expediente e escrituração escolar, submetendo à apreciação superior casos que ultrapassem sua área de decisão;

VII – Zelar pela conservação de material sob sua guarda, pela boa ordem e higiene em seu setor de trabalho;

VIII – Desempenhar outras atividades compatíveis com a natureza do cargo, que lhe forem atribuídas pelo diretor.

Art. 28º - Compete ao Auxiliar de Secretaria:

I – Organizar e manter atualizados cadastros, arquivos, fichários, livros e outros instrumentos de escrituração de unidade escolar;

II – Redigir ofícios, exposição de motivos, atas e outros expedientes;

III – Preparar certidões, atestados, históricos escolares, e outros documentos solicitados;

IV – Coletar, apurar, selecionar, registrar e consolidar dados para elaboração de informações estatísticas;

V – Realizar trabalhos de datilografia, e computação;

VI – Realizar trabalhos de protocolo, preparo, seleção, classificação, registro e arquivamento de documentos e formulários;

VII – Zelar pelo uso e conservação do material, mobiliário, e equipamento sob sua guarda;

VIII – Atender, orientar e encaminhar as partes;

XIX – Desempenhar outras atividades compatíveis com a natureza do cargo, que lhes forem atribuídas pelo diretor.

CAPÍTULO V – DOS SERVIÇOS GERAIS

Art. 29º - A Escola Estadual "Bueno Brandão", terá os serviços de Conservação e Limpeza, de Preparo e Distribuição de Alimentos.

Art. 30º - São atribuições do Serviçal:

I – Executar os serviços de limpeza, higiene e conservação da unidade escolar:

- varrendo e lavando as dependências da escola;
- removendo o pó dos equipamentos e mobiliários;
- limpando e lavando janelas;
- coletando o lixo, depositando-o em lugares apropriados ou incinerando-os;
- removendo e arrumando móveis, materiais ou volumes;
- mantendo a higiene das instalações sanitárias, provendo-as do material necessário;
- preparando e servindo refeições e merendas em atendimento ao programa de alimentação escolar;
- controlando alimentos e utensílios, mantendo o estoque e evitando desperdícios e extravios;
- mantendo a limpeza e higiene da cozinha e da dispensa;
- mantendo a limpeza e higiene dos locais de refeições;
- prestando informações sobre necessidades dos gêneros alimentícios;
- cumprindo as normas de higiene e de segurança do trabalho.

II – Responsabilizar-se pelo controle e utilização de materiais colocados a sua disposição;

III – Colaborar no atendimento ao educando nos horários de entrada, recreio e saída, bem como na distribuição da alimentação escolar;

IV – Executar atividades correlatas definidas no Plano de Desenvolvimento da Escola.

TÍTULO III – DOS SERVIÇOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES

CAPÍTULO I – DOS TIPOS

Art. 31° - A Escola Estadual "Bueno Brandão", oferecerá os seguintes serviços pedagógicos complementares:

I – Estágio supervisionado

II – Aperfeiçoamento de pessoal: PROCAP - PROCAD

III – Recuperação Paralela

Art. 32° - A Escola Estadual "Bueno Brandão", oferecerá suas classes para estágios de magistério, podendo aproveitar as estagiárias para auxiliar o professor regente.

§1° - O aperfeiçoamento do Pessoal visa a atualização do ensino-aprendizagem e possibilita condições favoráveis para trocas de experiência, engajamento no processo de busca pessoal, atualização e avaliação de desempenho.

§2° - O Diretor poderá estimular os servidores da Escola para freqüentarem cursos de extensão ou especialização, congressos e seminários;

§3° - O abono de faltas dos servidores que freqüentarem cursos de especialização ou extensão ficará sujeito a legislação vigente.

Art. 33° - A escola também proverá todos os meios possíveis para a Recuperação Paralela dos alunos de menor desempenho, zelando pela aprendizagem e estabelecendo estratégias adequadas.

SEÇÃO I - DOS CONSELHOS DE CLASSE

Art. 34° - Os Conselhos de Classe devem orientar a Avaliação de Desempenho do aluno buscando a melhoria da qualidade do ensino.

SEÇÃO II – DAS FINALIDADES

Art. 35° - O Conselho de Classe é um órgão colegiado que tem por finalidade avaliar o processo de aprendizagem do aluno contribuindo para a sua melhoria através do projeto político pedagógico da escola.

SEÇÃO III – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 36° - O Conselho de Classe será constituído pelo pessoal docente e técnico pedagógico. Deverá ser coordenado pelo Diretor ou por outro professor por ele indicado. Para cada ano de escolaridade haverá um Conselho de Classe sendo portanto o número de quatro Conselhos na Escola Estadual Bueno Brandão.

SEÇÃO IV – DA COMPETÊNCIA

Art. 37° - Compete ao Conselho de Classe servir de fórum de discussão para definição de:

I - Objetivos a serem alcançados em cada disciplina, no ano de escolaridade e no ciclo;

- metodologias e estratégias de ensino;

- critérios de seleção de conteúdos curriculares;
- projetos coletivos de ensino e atividades;
- formas de acompanhamento dos alunos em seu percurso nos ciclos;
- critérios para apreciação do desempenho do aluno ao longo e final do Ciclo;

II - Elaboração de ficha de registro do desempenho do aluno para o acompanhamento no decorrer do Ciclo e para informação aos pais.

III - Formas de relacionamento com a família.

IV - Propostas curriculares diversificadas em função dos interesses e necessidades do aluno.

V - Adaptações curriculares para alunos com necessidades educativas especiais.

VI - Propostas de organização dos Estudos Complementares.

VII - Compete ao Conselho de Classe apresentar ao Colegiado Escolar, ao final de cada ano letivo os currículos diversificados para o ano letivo seguinte, após realizar o levantamento dos interesses e necessidades do aluno.

SEÇÃO V – DO FUNCIONAMENTO

Art. 38° - Serão previstas ao longo do ano letivo quatro reuniões do Conselho de Classe (registradas no Calendário Escolar) que dentre outras finalidades, deverá realizar a avaliação de desempenho dos alunos.

Art. 39° - A organização dos horários de realização das reuniões será feita de modo a permitir que todos seus membros efetivos participem.

Art. 40° - A Reunião do Conselho de Classe ao final do ano letivo terá como objetivos:

I - Avaliar o desempenho de cada aluno;

II - elaborar os currículos diversificados conforme interesses e necessidades dos alunos;

III - recomendar projetos de ensino e orientações quanto ao planejamento de trabalho para o ano seguinte;

IV - realizar a enturmação dos alunos para o próximo ano letivo;

V - Encaminhar os alunos para realizar Estudos complementares ou para cursar o currículo que melhor lhe convier, conforme o caso.

SEÇÃO VI – DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL

Art. 41° - O aperfeiçoamento do pessoal está sendo desenvolvido através do PROCAP (Programa de Capacitação de Professores) e PROCAD (Programa de Capacitação de Dirigentes Escolares) que têm como objetivo preparar os professores e diretores para lidarem com segurança e competência, todas as mudanças introduzidas no Ensino Fundamental.

SEÇÃO VII – DA BIBLIOTECA

Art. 42° - A Biblioteca terá a finalidade de fornecer os elementos necessários à realização e enriquecimento de trabalhos, consultas e pesquisas realizadas pelo Corpo Docente da Escola e demais membros da comunidade escolar.

Parágrafo Único - Conforme a legislação atual a escola não disporá de professor de ensino do uso da Biblioteca.

SEÇÃO VIII – DA SALA DE VÍDEO

Art. 43° - A sala de vídeo oferecerá programas informativos sobre História do Brasil, História Literária, Geografia, Ciências (mundo animal, ecologia, corpo humano), Matemática, Português (biografia de alguns autores brasileiros).

TÍTULO IV – DO SISTEMA DE ORIENTAÇÃO

CAPÍTULO I – DOS SERVIÇOS DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 44° - O Sistema de Orientação e Supervisão têm por finalidade promover o ajustamento pessoal e social do aluno através da orientação sistemática.

Art. 45° - O Serviço de Orientação e Supervisão será executado por pedagogo legalmente habilitado e recrutado na forma da lei.

SEÇÃO II – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 46° - O sistema de Orientação e Supervisão será constituído por pedagogos que atuarão junto aos professores conforme a legislação vigente.

SEÇÃO III – DA COMPETÊNCIA DO ESPECIALISTA DE EDUCAÇÃO

Art. 47° - É papel específico do Pedagogo (Supervisor e ou Orientador Educacional) articular o trabalho pedagógico da escola, junto com o Corpo docente, alunos e seus familiares em torno de um eixo comum: o ensino-aprendizagem pelo qual perpassam as questões do professor, do aluno e da família:

I – Coordenar o planejamento e implementação do Projeto Pedagógico da escola, tendo em vista as diretrizes definidas no Plano de Desenvolvimento da Escola:

a) Participar da elaboração do Plano de Desenvolvimento da Escola;
b) Delinear com os professores, o Projeto Pedagógico da Escola, explicando seus componentes de acordo com a realidade dela;
c) Coordenar a elaboração do currículo, envolvendo toda a comunidade escolar;
d) Assessorar os professores na escolha e utilização dos procedimentos recursos didáticos mais adequados ao atingimento dos objetivos curriculares;
e) Promover o desenvolvimento curricular, redefinindo, conforme as necessidades, os métodos e materiais de ensino;

f) Participar da elaboração do calendário escolar;
g) Articular os docentes de cada área para o desenvolvimento do trabalho técnico-pedagógico da escola, definindo suas atividades específicas;
h) Avaliar o trabalho pedagógico, sistematicamente, com vista à reorientação de sua dinâmica (avaliação externa);
i) Participar com o corpo docente do processo de avaliação externa e da análise de seus resultados;
j) Identificar as manifestações culturais características da região e incluí-las no desenvolvimento do trabalho da escola;

II – Coordenar o programa de capacitação do pessoal da escola:

a) Analisar os resultados da avaliação sistêmica feita juntamente com os professores e identificar as necessidades dos mesmos;
b) Realizar a avaliação do desempenho dos professores, identificando as necessidades individuais de treinamento e aperfeiçoamento;
c) Efetuar o levantamento das necessidades de treinamento e capacitação, dos docentes na escola;
d) Manter intercâmbio com instituições educacionais e ou pessoas visando sua participação nas atividades de capacitação;
e) Analisar os resultados obtidos com as atividades de capacitação docente, na melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem.

III – Realizar a orientação dos alunos, articulando o envolvimento da família no processo educativo:

a) Identificar junto com os professores, as dificuldades de aprendizagem dos alunos;
b) Orientar os professores sobre as estratégias mediante as quais as dificuldades identificadas possam ser trabalhadas, em nível pedagógico;
c) Encaminhar às instituições especializadas, os alunos com dificuldades que requeiram um atendimento terapêutico;
d) Envolver a família no planejamento e desenvolvimento das ações da escola;
e) Proceder com auxílio dos professores ao levantamento das características sócio econômicas e lingüísticas do aluno e sua família;
f) Utilizar os resultados do levantamento como diretrizes para as diversas atividades de planejamento do trabalho escolar;
g) Analisar com a família os resultados do aproveitamento do aluno, orientando-o, se necessário para a obtenção de melhores resultados;
h) Oferecer apoio às instituições escolares discentes, estimulando a vivência da prática democrática dentro da escola.

TÍTULO V – DA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

CAPÍTULO I – DA ESTRUTURA DO ENSINO

Art. 48° - O Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do aluno, promovendo o desenvolvimento de condições necessárias a sua participação na vida social, política, econômica e cultural.

Art. 49° - A escola que pretendemos para nossa comunidade é a escola crítica, criativa e de qualidade, espaço de cultura e de conhecimento, capaz de formar o cidadão crítico e consciente, transformador da realidade em que vive.

SEÇÃO I – DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 50º - O Ensino Fundamental, com duração mínima de 8 anos, tem por objetivo a formação básica do aluno, promovendo o desenvolvimento de condições necessárias a sua participação na vida social, política, econômica e cultural;

Art. 51º - O 1º Ciclo do Ensino Fundamental terá a duração de quatro anos letivos e a carga horária e a duração do Ano Letivo seguirão a legislação vigente;

Art. 52º - A organização das classes se fundamentará em critérios que garantam o atendimento aos alunos no processo de aprendizagem, resguardadas as determinações legais vigentes;

CAPÍTULO II – DOS CURRÍCULOS E PROGRAMAS

SEÇÃO I – DA COMPOSIÇÃO DOS CURRÍCULOS

Art. 53º - O currículo deve ser composto de uma base nacional comum e da parte diversificada ambas integrando e articulando a vida cidadã com as áreas de conhecimento. A parte diversificada tem por objetivo enriquecer e complementar a base nacional comum, propiciando à escola a introdução de projetos e atividades do interesse de suas comunidades.

Art. 54º - Os objetivos das matrículas e do processo educativo em geral, devem ajustar-se aos fins estabelecidos em lei visando:

I – Em Português: Sua prática educativa deverá ser organizada de modo a instrumentalizar o aluno para atuar como sujeito crítico e criativo no processo escolar e no processo social;

II – Em História: Seu ensino levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro;

III – Em Geografia: Seu ensino colocará o homem como sujeito de seu tempo e da produção histórica do espaço geográfico, capaz de interferir no processo de construção do espaço social e de influir nos rumos de sua história. Trabalha-se a compreensão do ambiente natural e social;

IV – Em Matemática: Seu ensino possibilitará analisar informações relevantes do ponto de vista do conhecimento e estabelecer o maior número de relações entre elas, fazendo do uso do conhecimento matemático para interpretá-las e avaliá-las criticamente;

V – Em Ciências: Seu ensino contribuirá como instrumento de preparação dos indivíduos para o pleno exercício da cidadania, isto é, instrumentalizará o aluno para compreender o mundo físico e social e prepará-lo para atuar e transformar esse mundo, tendo em vista o bem estar social.

VI – Parte Diversificada: Seu ensino será pautado nos Temas Transversais referentes ao meio ambiente, saúde, orientação sexual e temas locais.

SEÇÃO II – DOS PROGRAMAS

Art. 55º - Sempre que a experiência o indicar, e com a finalidade de atender as conveniências didático-pedagógicas, os programas poderão sofrer reajustamento, adaptando-se ao nível de desenvolvimento dos alunos e à evolução do meio social.

Art. 56º - Caberá aos professores, a adaptação dos programas, assistidos pelo pedagogo.

Parágrafo Único: Para a efetivação da medida e visando concorrer para a real execução dos programas propostos, deverá a administração incentivar a realização de atividades tais como: excursões, entrevistas, promoção de feiras, exposição e outras.

CAPÍTULO III – DO ANO LETIVO

Art. 57º - O Calendário Escolar terá por finalidade a previsão dos dias e períodos destinados à realização das atividades curriculares no estabelecimento.

Art. 58º - Na elaboração do Calendário Escolar são especificados:

I – O início e término do Ano Letivo;

II – O início e o término do Ano Escolar, que inclui o Ano Letivo, acrescido de dias escolares;

III – Os feriados, férias e recesso.

§ 1º - Considera-se como dia escolar:

a) Os dias destinados à realização de assembléia da comunidade escolar;
b) O dia destinado à realização da assembléia geral para a escolha dos membros do Colegiado Escolar;
c) Os dias destinados ao planejamento e reuniões técnico-pedagógico;
d) Os dias reservados à avaliação da Escola Pública de Minas Gerais;
e) O dia destinado à análise dos resultados e produção de relatórios do programa de avaliação da Escola Pública de Minas Gerais;
f) As programações culturais, cívicas e pedagógicas da Escola e do município.
g) Dia destinado à Matrícula;
h) Reuniões do Conselho de Classe;
i) Capacitação de Professores.

§ 2º - Considera-se dia letivo aquele em que efetivamente são ministradas aulas ou atividades integrantes do currículo, especificadas no Calendário escolar e em que se registre a frequência dos alunos com o mínimo de 50% de frequência.

CAPÍTULO IV – DA MATRÍCULA

SEÇÃO I – DAS GENERALIDADES

Art. 59º - A matrícula será feita nos períodos previstos no Calendário Escolar, observadas as exigências legais.

Art. 60º - Deve-se observar o critério de zoneamento escolar, sendo vedado o exame de seleção de candidatos.

Parágrafo Único - É divulgado de forma mais ampla possível o edital de matrícula, bem como os critérios estabelecidos no Regimento Escolar para frequência à escola.

Art. 61° - Serão admitidos à matrícula os candidatos que preencherem os requisitos legais relativos à idade e documentação;

§1° - Serão admitidos à matrícula no 1° ano do 1° ciclo todos os alunos de 07 (sete) anos e maiores de 07 (sete) anos que não tiveram acesso a esse nível de ensino na idade própria.

§2° - Podem ser admitidos no 1° ano do 1° ciclo, candidatos com 07 (sete) anos incompletos desde que, após o atendimento previsto no parágrafo anterior, persista a existência de vaga e que seja comprovada, pela escola, a matrícula dos mesmos.

Art. 62° - Em nenhuma hipótese, será negada matrícula por motivo de raça, sexo, condição social, convicção política ou crença religiosa, bem como por ser candidato, portador de deficiência, ou se encontrar em defasagem de idade com relação ao ano de escolaridade.

Art. 63° - No ato da matrícula, o responsável pelo aluno, deve declarar que conhece e aceita as normas regimentais.

Art. 64° - Ultrapassando o limite de faltas permitidas pela LDB - Lei 9.394/96 (25% no Ciclo) a escola deverá proceder a Avaliação do aluno, nos termos do Parecer do CEE nº 1132 de 21/11/97. O aluno terá suas faltas abonadas e amparadas no citado parecer caso demonstre conhecimento suficiente para o prosseguimento dos estudos devendo permanecer no último ano do ciclo em que se encontra por mais um ano letivo se não for considerado apto a progredir.

Parágrafo Único - A escola deverá divulgar e facilitar aos candidatos à matrícula, o acesso ao Regimento Escolar.

CAPÍTULO V - DA TRANFERÊNCIA

Art. 65° - A transferência de um estabelecimento para outro será obtida pelo interessado, isto é, por um responsável pelo aluno, em qualquer época, mediante requerimento, devendo o mesmo ser subscrito e assinado pelo requerente.

Art. 66° - Ao aluno transferido será dado o prazo de 30 (trinta) dias para que satisfaça às exigências legais relativas à documentação.

Art. 67° - Caberá à direção solucionar os casos de transferência que implicarem estudos de equivalência e adaptação de currículos, de acordo com as normas vigentes.

Art. 68° - Em caso de transferência, acompanhará o aluno uma ficha individual contendo de forma suscinta os registros extraídos do relatório de acompanhamento do aluno relativo à frequência, conteúdos curriculares ministrados, indicadores de progresso do aluno e recomendações pedagógicas necessárias.

Art. 69° - Ao término do 1° ciclo será expedido o Histórico Escolar juntamente com a Ficha Individual do aluno.

TÍTULO VI - DA AVALIAÇÃO E SUA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

CAPÍTULO I - DA VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

Art. 70º - A verificação do desempenho escolar busca avaliar o grau de desenvolvimento do aluno, levantar dificuldades e possibilidades, a fim de programar ações educacionais necessárias.

Art. 71º - A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

I - Avaliação Contínua e Cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos, qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

II - Possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

III - Possibilidade de avanço nos cursos mediante verificação da aprendizagem.

IV - A avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno será feita por meio de fichas descritivas.

CAPÍTULO II - DA CLASSIFICAÇÃO E RECLASSIFICAÇÃO

Art. 72º - A Classificação do aluno no Ciclo poderá ser feita:

I - Por transferência - Para candidatos procedentes de outras escolas situadas no país e no exterior, considerando os componentes curriculares da base nacional comum.

II - Por avaliação - Mediante classificação feita pela escola que defina o grau de desenvolvimento e experiência do aluno, decorrente de manifestação do Conselho de Classe, presidida pela Direção da Escola

CAPÍTULO III - DA FREQUÊNCIA

Art. 73º - A frequência passa a ser apurada pelo total das horas letivas e não mais sobre a carga horária de cada componente curricular.

Art. 74º - É obrigatória a frequência a todas as atividades escolares em pelo menos 75% do total da carga horária prevista no ciclo.

Art. 75º - Cabe à escola informar aos pais e responsáveis sobre a frequência e desempenho dos alunos através de: reuniões de pais e comunicação verbal ou escrita.

CAPÍTULO IV - DOS ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO

Art. 76º - Durante o ano letivo no momento em que se constatarem deficiências de aprendizagem, o aluno é submetido aos estudos de recuperação paralela.

Parágrafo Único - A recuperação paralela é oferecida também aos alunos com dificuldade de aprendizagem com a colaboração de estagiários, professores eventuais, pedagogos e outros.

Art. 77º - Detectar dificuldades, rever estratégias de aprendizagem, utilizar materiais didático-pedagógicos suplementares e prestar assistência individual ao educando.

TÍTULO VIII - DO PESSOAL

CAPÍTULO I - DO PESSOAL DOCENTE E ADMINISTRATIVO

SEÇÃO I - DA CATEGORIA E FORMA DE ADMISSÃO

Art. 78º - O pessoal a serviço da Escola Estadual Bueno Brandão será constituído de docentes e pedagogas e pessoal administrativo.

Art. 79º - A admissão do pessoal ficará sujeita às exigências legais vigentes.

Art. 80º - O pessoal docente e administrativo terá seus direitos assegurados, em conformidade com a legislação pertinente, de acordo com o respectivo regime de admissão e ato que o regulou.

Art. 81º - Os funcionários serão avaliados periodicamente, através de fichas que fazem parte do processo de avaliação de desempenho validado pela 41ª SRE.

SEÇÃO II - DOS DEVERES

Art. 82º - Constituem deveres dos funcionários docentes e administrativo o desempenho de todas as atividades que por sua natureza são inerentes à função que exercem.

Art. 83º - São deveres do funcionário:

I - assiduidade;

II - pontualidade;

III - discrição;

IV - urbanidade;

V - lealdade às instituições constitucionais e administrativas a que servir;

VI - observância das normas legais e regulamentares;

VII - obediência às ordens superiores, exceto quando manifestamente ilegais;

VIII - levar ao conhecimento da autoridade superior irregularidade de que tiver ciência em razão do cargo;

IX - zelar pela economia e conservação do material que lhe foi confiado;

X - providenciar para que esteja sempre em ordem no assentamento individual a sua declaração de família;

XI - atender prontamente:

a) às requisições para a defesa da Fazenda Pública;

b) à expedição das certidões requeridas para a defesa do direito.

SEÇÃO III - DOS DIREITOS

Art. 84º - Os professores além dos direitos e regalias que lhes são asseguradas pela legislação em vigor, terão ainda as seguintes prerrogativas:

I - De requisitar todo o material didático que julgar necessário às aulas, dentro das possibilidades do Estabelecimento.

II - De utilizar os livros da biblioteca e das dependências e instalações do Estabelecimento, necessárias ao exercício de suas funções.

III - De indicar os livros didáticos de sua disciplina e opinar sobre programas e sua execução, planos de ensino, técnicas e métodos utilizados.

IV - De apresentar à Diretoria as faltas disciplinares dos alunos.

V - De valer-se, com conhecimento da diretoria, dos serviços auxiliares do estabelecimento, para melhor exercício de suas atribuições.

VI - De desincumbir-se das atribuições e competências determinadas por este Regimento.

VII - De exigir o tratamento e respeito adequado e compatíveis com a sua função.

Art. 85º - O Pessoal Administrativo, além dos direitos e regalias que lhes são assegurados pela legislação em vigor, terão ainda as seguintes prerrogativas:

I - requisitar todo material que julgar necessário para o desempenho de suas funções, dentro das possibilidades do Estabelecimento.

II - exigir o tratamento e respeito adequado compatíveis com sua função.

III - proporcionar ambiente agradável para melhor desempenho de suas funções.

IV - solicitar a colaboração do pessoal da escola, bem como a valorização do trabalho.

V - de desincumbir-se das atribuições e competências determinadas por este Regimento.

SEÇÃO IV - DA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO

Art. 86º - O processo de Avaliação de Desempenho da Escola Estadual Bueno Brandão tem por objetivo conscientizar e assegurar o crescimento profissional, bem como promover a democratização da Escola através da participação coletiva, atendendo a proposta pedagógica adotada a fim de garantir a qualidade do ensino.

Art. 87º - A Avaliação de Desempenho será semestral e em sua linha de ação avaliará diretor, vice-diretor, especialistas, professores, secretárias, auxiliares e ajudantes de serviços gerais.

Art. 88º - A Diretora e Vice-diretora, serão avaliadas em relacionamento humano e aspectos profissionais.

Art. 89º - Os Especialistas e professores serão avaliados em: sua competência técnica, potencial de crescimento, ética profissional, relações humanas, organização e responsabilidade.

Art. 90º - A Secretária, Auxiliares e Ajudante de serviços gerais, serão avaliados em desempenho objetivo, conhecimento, característica do indivíduo, pontualidade, relações humanas e outros.

CAPÍTULO II - DO PESSOAL DISCENTE

Art. 91° - O pessoal discente da Escola Estadual Bueno Brandão, compreende todos os alunos matriculados nos diversos anos do 1° ciclo do Ensino Fundamental.

SEÇÃO I - DOS DIREITOS

Art. 92° - Constituem direitos do Pessoal Discente:

I - Ser tratado com humanismo e respeito por todo o pessoal da escola;

II - Merecer assistência educacional de acordo com as suas necessidades e com as possibilidades da escola;

III - Utilizar-se das dependências do estabelecimento, que lhes forem necessários, na forma e horários a eles reservado;

IV - Recorrer às autoridades escolares quando julgar prejudicados seus diretos;

V - Ter direito aos estudos de recuperação paralela e participar de todas as atividades extra-classe.

SEÇÃO II - DOS DEVERES

Art. 93° - São deveres do Pessoal Discente:

I - Cumprir e fazer cumprir entre os colegas o código de conduta ético-social;

II - Ter procedimento ético-social compatível com a condição de aluno da Escola Estadual Bueno Brandão;

III - Usar uniforme nas atividades escolares, salvo em caso de impossibilidade comprovada;

IV - Respeitar todos os membros da comunidade escolar;

V - Utilizar as dependências da escola para outros fins somente com a autorização da direção;

VI - Não permanecer nas salas de aula durante o recreio;

VII - Usar trajes adequados na escola;

VIII - Ter uma postura de respeito às normas convencionadas durante as aulas ou em qualquer outra atividade escolar;

IX - Chegar e sair no horário previsto para início e término das aulas;

X - Ter o máximo de cuidado com o material permanente da escola, com os pertences dos colegas e zelar pelo material que estiver sob sua responsabilidade direta;

XI - Cuidar da apresentação pessoal e manter a limpeza da dependência da escola;

XII - Manter o devido silêncio, evitar aglomeração e tumulto nas dependências da escola, respeitando os horários de aula e trabalho;

XIII - Participar das atividades cívicas, esportivas e culturais, com disciplina e empenho, e levando o nome da escola;

XIV - Trazer para a sala de aula livros e materiais necessários ao bom andamento do processo ensino-aprendizagem.

TÍTULO VIII - DO REGIME DISCIPLINAR

Art. 94º - Será aplicável ao pessoal docente e administrativo o regime disciplinar com a finalidade de aprimorar o ensino, a formação do aluno, desenvolvimento das atividades escolares, o bom relacionamento entre os servidores e o cumprimento dos objetivos propostos pela escola.

Art. 95º- As penalidades a se aplicarem ao pessoal docente e administrativo serão as previstas na legislação pertinente, de acordo com o regime de admissão a que esteja submetido.

Art. 96º - Aos alunos serão aplicadas penalidades a critério de estabelecimento, conforme a gravidade e reincidências das faltas cometidas.

Parágrafo Único - A aplicação das penalidades dependerá do parecer do Colegiado nos caso em que estas forem além da advertência verbal ou escrita.

TÍTULO IX - DOS REGISTROS, ESCRITURAÇÃO E ARQUIVOS ESCOLARES

CAPÍTULO I - DAS FORMAS E OBJETIVOS

Art. 97º - Os atos escolares, para efeito de registo, comunicação de resultados e arquivamento, serão escriturados em livros e fichas padronizadas, observando-se, no que couber os regulamentos e disposições legais aplicáveis.

Art. 98º - Os livros de escrituração escolar conterão termos de abertura e encerramento e, bem como as fichas a se usarem, as características imprescindíveis e essenciais a identificação e comprovação dos atos que se registrarem, datas e assinaturas que os autenticarem.

Art. 99º - A autenticidade dos documentos e escrituração escolares se verificará e será certificada pela aposição da assinatura do Diretor e do Secretário.

Art. 100º - Resguardadas as características e a autenticidade, em qualquer época, poderá o estabelecimento, substituir os livros, fichas e modelo de registro e escrituração, descritos neste Regimento, por outros, bem como alterar os processos utilizados, simplificando-os.

Art. 101º - Serão válidas as cópias mecânicas de documentos escolares, desde que conferidas com o original e autenticadas por um elemento da Secretaria.

CAPÍTULO II - DOS INSTRUMENTOS DE REGISTROS E ESCRITURAÇÃO

SEÇÃO I - DOS LIVROS

Art. 102º - Serão os seguintes os livros de escrituração:

a) Livro de Registro de Matrícula e Resultados Finais.
b) Livro de Atas de Resultados Finais
c) Livro de Atas de Exames e Processos Especiais de Avaliação;
d) Livro de Controle de Recursos da Caixa Escolar;
e) Livro de Atas de Incineração de Documentos;

f) Livro de Termos de Investidura de Diretores, Secretário e Professores;
g) Livro de Termos de Visitas de Inspetores;
h) Livro Registro de Ponto;
i) Livro de Atas do Colegiado;

SEÇÃO II - DOS DOCUMENTOS ESCOLARES

Art. 103° - Serão adotados os seguintes documentos escolares:
a) Histórico Escolar para fins de transferência e final do ciclo;
b) Ficha Individual de avaliação do aluno;
c) Relatório de acompanhamento do aluno;
d) Boletim escolar;
e) Declarações;
f) Fichas de Matrícula;
g) Requerimento de transferência, quando for o caso.

SEÇÃO III - DOS ASSENTAMENTOS INDIVIDUAIS DOS ALUNOS, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

Art. 104° - De cada aluno, professor ou funcionário, haverá uma pasta individual que deverá conter:
a) Transcrição de dados pessoais (nome, filiação, estado civil, data e local de nascimento, endereço, situação eleitoral, militar) e para os professores e funcionários a transcrição de registro e autorização para lecionar ou para o exercício de funções específicas.
b) Para arquivamento, documento definitivo de transferência recebido pelo estabelecimento ou comprobatório de conclusão de cursos ou estudos realizados pelo aluno.
c) Histórico escolar com transcrição período por período dos resultados anuais e frequência em cada disciplina, atividade ou conteúdo.

CAPÍTULO III - DA INCINERAÇÃO

Art. 105° - Lavradas definitivamente as atas, poderão ser incinerados os seguintes documentos escolares e de escrituração:

I - Atestados médicos, documentos dispensáveis relativos a professores e funcionários, após a transcrição nos assentamentos individuais;

II - Declaração de expedição de histórico escolar, após a entrega pelo aluno do documento definitivo;

III - Outros documentos, com autorização dos órgãos competentes.

CAPÍTULO IV - DA RESPONSABILIDADE E AUTENTICIDADE

Art. 106° - Ao Diretor e Secretário caberão a responsabilidade por toda a escrituração e expedição de documentos escolares, bem como dar-lhes a autenticidade pela aposição de suas assinaturas.

Parágrafo Único - Todos os funcionários serão responsáveis, na respectiva órbita de competência, pela guarda e inviolabilidade dos arquivos, documentos e escriturações escolares.

TÍTULO X - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 107º - Das decisões do Estabelecimento caberá recurso para os órgãos superiores.

Art. 108º - Este Regimento, elaborado de acordo com a Legislação vigente, não deverá constituir-se em barreira que impeça o desenvolvimento e a adaptação desta Escola, às novas necessidades da Educação dentro do contexto regional e nacional, mas deverá ser a norma prática de seu funcionamento, admitindo a possibilidade de maior enriquecimento.

Art. 109º - Os casos omissos neste Regimento poderão ser resolvidos pela Direção e Colegiado da Escola ou pelos órgãos competentes, respeitadas as determinações legais vigentes.

Três Corações, 13 de novembro de 1998.

REGIMENTO DE ENSINO

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR FRANCO DA ROSA –R 0.2.0.B.2

1 – INTRODUÇÃO

❖ Servirá este documento para definir a organização deste estabelecimento e formalizar as concepções adotadas a respeito de sua estrutura básica, de forma a assegurar o alcance, com maior êxito possível, dos objetivos educacionais a que se propõe;

❖ Orientar sobre decisões pedagógicas e administrativas;

❖ Expressão formal d organização escolar e garantia da regularidade legal dos atos escolares e da autenticidade da vida escolar;

❖ Característica da escola, tendo em vista o tipo e grau de ensino que mantém, suas dimensões e sua filosofia educacional;

❖ Individualização da escola, de forma a assumir as suas características próprias, assegurando, no entanto, a unidade nacional e a validade, em todo o País, dos estudos nela realizados.

2 – HISTÓRICO

❖ Decreto n.° 8.179 de 22 de fevereiro de 1965 cria uma Escola Estadual na Vila Gesse com a denominação de "Professor Franco da Rosa" na cidade de Três Corações.
Governador do Estado: Dr. José de Magalhães Pinto
Prefeito Municipal: Sr. José Alves Pereira Sobrinho
O prédio da Escola foi cedido até final de 1970 para Escola Estadual "Luiza Gomes Lemos" que aguardava construção do prédio próprio.

❖ Instalado em 4 de março de 1968, a E. E. "Professor Franco da Rosa", funcionou no prédio do "Lar Cristo Rei", por três anos. Em 1971 foi transferido para o prédio próprio à Rua Francisco Xavier n.° 143, Vila Gesse.

❖ No período de 1° de agosto de 1982 a 7 de abril de 1983, a Escola funcionou no prédio do "Lar Cristo Rei", devido a ampliação e reforma pela CARPE.

❖ Era prefeito da cidade nesta época o Sr. Orlando Rezende Andrade.

❖ A professora Zuleika Junqueira Borges dirigiu esta estabelecimento de 04 de março de 1968 até 1981, quando se aposentou.

❖ Assumiu a direção a professora Magda Gazolla Vicente terminando o seu mandato em maio de 1991, por ocasião de sua aposentadoria, passando a direção da escola para sua vice diretora, a professora Maria José Batista Sonja.

❖ Ao final de 1991, a diretora Maria José Batista Sonja, foi submetida ao concurso para a direção de escola.. Foi nomeada e eleita pela comunidade por um mandato de 02 anos. O seu mandato foi interrompido por ocasião de sua morte em 24 de novembro de 1993.

❖ No período de 24 de novembro a 31 de dezembro de 1993, assumiu a direção a vice, Cristiane Maria da Cunha.

❖ A Partir de 1994, a escola esteve sob a direção da professora, Léa de Jesus Teixeira Moraes, que foi nomeada pelo processo seletivo de diretor de escola e eleita pela comunidade já por 02 mandatos (1994 a 1999). A partir de 2000, assumiu a direção da escola a professora Eliane do Prado Arantes de Souza, que foi eleita pela comunidade escolar cujo mandato será de 4 anos.

❖ Devido as mudanças na educação, a escola trabalha numa linha construtivista, participando e se atualizando através de cursos de capacitação como; PROCAP e PROCAD. Atualmente nossa escola está desenvolvendo o programa de inovações escolares: PAIE do projeto de desenvolvimento curricular.

3 – DENOMINAÇÃO

❖ A Escola Estadual "Professor Franco da Rosa", tipologia RO20B2, Ensino Fundamental 1° Ciclo. Integrante da rede Estadual de Ensino, está localizada à Rua Francisco Xavier n.° 143, Vila Gesse, telefone (035) 231-3278, município de Três Corações.

❖ A escola conta atualmente com 35 funcionários, sendo assim distribuídos: 1 diretor, 1 vice-diretor, 2 supervisores, 16 professores, 2 eventuais, 3 auxiliares de educação, 6 serviçais , 1 professor de Ensino Religioso e 2 de Educação Física.

❖ Atende alunos de todas as camadas sociais, havendo portanto uma pluralidade cultural em sua comunidade escolar. Recebe alunos de todos os bairros inclusive da zona rural do município, e também de outros estados brasileiros devido a existência de unidade militar na cidade, algumas industrias e instituições bancárias.

❖ O funcionamento da escola se dá em 02 turnos, com 09 turmas em cada turno, num total de 644 alunos provenientes das camadas sociais de classe média baixa.

TÍTULO I
DA EDUCAÇÃO

Art. 1° **A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.**

§ 1° A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

CAPÍTULO I
DOS PRINCÍPIOS E FINS DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 2° **A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho**

Art. 3° **O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios**:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
VII - valorização do profissional da educação escolar;
VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
IX - garantia de padrão de qualidade;
X - valorização da experiência extra-escolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

CAPÍTULO II
DOS OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 4° - **O Ciclo Básico terá duração de 3 anos e o 1° ano do Ciclo Intermediário do Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:**

I - desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

§ 1° A Escola Estadual "Professor Franco da Rosa" adotará no Ensino Fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino – aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino./

§ 2° O Ensino Fundamental Regular será ministrado em língua portuguesa com processos próprios de aprendizagem.

§ 3° O Ensino Religioso de matrícula facultativa constituirá disciplina dos horários normais da escola e será ministrado por professor credenciado.

§ 4° A jornada escolar no Ensino Fundamental incluirá quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula.

CAPÍTULO III
DA ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 5° **A Escola Estadual "Professor Franco da Rosa", respeitadas as normas comuns e as do seu sistema estadual de ensino, terá a incumbência de:**

I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;
II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros
III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas
IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
V - promover meios para recuperação dos alunos de menor rendimentos;
VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII - informar os pais e responsáveis sobre a freqüência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica

Art. 6º **Os docentes incumbir-se-ão de:**

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
V - ministrar os dias letivos e horas-aulas estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
VI - colaborar com as atividade de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

CAPÍTULO IV
DA POLÍTICA EDUCACIONAL DA ESCOLA

Art. 7º **Tendo em vista os fins da Educação Nacional, a E. E. "Professor Franco da Rosa" se propõe alcançar os seguintes objetivos gerais do Ensino Fundamental:**

I - Possibilitar ao educando oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de suas potencialidades, tendo em vista o atendimento às diferenças individuais;
II - Formar o cidadão dentro dos ideais culturais, cívicos, morais e sociais da comunidade, dar –lhe conhecimentos necessários para que seja um elemento útil a si mesmo, à sociedade e a Pátria;
III - Preparar o indivíduo para que ele tenha uma atitude positiva frente às mudanças: que seja capaz de raciocinar, discernir, interpretar, atuar em situações novas, participando da solução de problemas, comunicando com clareza suas idéias, apreciando com justiça o que o cerca;
IV - Desenvolver os conceitos básicos de educação intelectual nos moldes das necessidades atuais e capacidade dos nossos alunos;
V - Promover a formação de hábitos físicos, intelectuais, morais, sociais e sadios, para perfeita integração na escola e na comunidade;
VI - Desenvolver a formação de atitudes favoráveis de respeito, compreensão, admiração e valores intelectuais e morais;
VII - Realizar experiências pedagógicas que visem o aprimoramento do ensino;
VIII - Tornar a escola um lugar agradável, com boa convivência para melhor adaptação do aluno;
IX - Desenvolver um ensino de qualidade, visando formar alunos críticos, participativos e que sejam capazes de se inserir com êxito na sociedade e no trabalho.

TÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E TÉCNICA

CAPÍTULO I – DA ADMINISTRAÇÃO

SEÇÃO I – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 8º - **A administração da Escola Estadual "Professor Franco da Rosa", será exercida:**

- Pela Diretoria
- Pelo Colegiado

Art. 9º **A diretoria será constituída de:**

- Diretor da Escola
- Vice-diretor

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 10 - **É função específica da administração da Escola Estadual "Professor Franco da Rosa".**

I - Ser o articulador político, pedagógico e administrador da escola;
II - Planejar todo o trabalho escolar;
III - Organizar, coordenar, controlar e avaliar os trabalhos educacionais desenvolvidos no estabelecimento.

Art. 11 **São atribuições e deveres do Diretor da Escola Estadual:**

1- Implementar o projeto político-pedagógico da "Escola Sagarana, que tem como lema "Educação para a vida com dignidade e esperança".
2- Participar da construção do Sistema Mineiro de Educação, compreendendo as diferenças regionais e valorizando a cultura do Estado.
3- Assumir com competência profissional a Escola Pública Democrática e de qualidade para todos.
4- Compreender a Escola como "locus" privilegiado do processo educativo, enquanto centro formador do ser humano.
5- Trabalhar visando à consolidação da democracia na Escola Pública de Minas Gerais, convivendo com pluralismo de idéias e garantindo a transparência das ações e a eqüidade no tratamento de todos.
6- Manter postura ética e exemplar no trato das assuntos da Escola, evitando manipulações e interferências político-partidárias.

7- Divulgar amplamente na comunidade os critérios técnicos para as designações de professores, especialistas e demais servidores, impedindo o clientelismo político e o nepotismo.
8- Trabalhar para o fortalecimento do Colegiado da Escola, entendendo suas atribuições, respeitando suas decisões e contribuindo para evitar qualquer influência externa sobre ele que tenha caráter de manipulação e/ou desrespeito.
9- Garantir o acesso e a permanência de todos os alunos na Escola Pública Democrática, evitando a evasão, trabalhando na busca de seu aperfeiçoamento pedagógico, sempre com vistas ao sucesso escolar.
10- Resguardar o caráter eminentemente cultural e pedagógico da Escola, vetando atividades comerciais em seus limites ou práticas estranhas à sua função institucional.
11- Adotar uma escala de trabalho que garanta a minha presença ativa, como Diretor de Escola, em todos os turnos.
12- Valorizar os profissionais da educação, garantindo-lhes condições de trabalho, respeitando a diversidade de concepções e incentivando a ação pedagógica coletiva.
13- Garantir o caráter gratuito da Escola Pública, cuidando para que as contribuições pecuniárias, ou de qualquer outra natureza, dadas pelos pais ou responsáveis pelos alunos, sejam estritamente espontâneas e nunca condicionadas à perda do direito dos alunos à matrícula, à freqüência às aulas, à prestação de provas ou ao acesso ao resultado de avaliações.
14- Impedir que listas de material escolar custeadas pela família excedam às possibilidades financeiras dos pais ou responsáveis pelos alunos.
15- Zelar e fazer com que todos zelem pelos bens patrimoniais da Escola.
16- Preservar e incentivar o respeito e o interesse de todos pela conservação da memória da Escola.
17- Entender a necessidade de que seja assegurada a autonomia da Escola, resguardando a sua identidade própria, sem perder a perspectiva do sistema educacional.
18- Interagir permanentemente com as diversas instâncias administrativas do Sistema Mineiro de Educação (SEE e SRE),de modo a resguardar o caráter público da Escola, descartando ações individualistas e isoladas.
19- Promover a necessária articulação com a Secretaria ou com Órgão de Educação do Município.
20- Observar e cumprir a legislação que dispõe sobre os direitos da criança e do adolescente, sobre a organização do ensino e da Escola, sobre a correta aplicação dos recursos públicos e as respectivas prestações de contas e sobre as atribuições específicas do cargo de Diretor de escola.

Comprometo-me, finalmente, a fazer da Escola Pública de Minas gerais um centro permanente de exercício da cidadania, visando, sempre à construção de uma sociedade justa, democrática e solidária.

Art. 12 **Compete ao Vice-diretor:**

I - Manter as autoridades informadas sobre a vida administrativa do estabelecimento;
II - Supervisionar a manutenção da limpeza e conservação das instalações bem como elaborar horário de trabalho e delegar atribuições aos auxiliares de serviço;
III - Manter o controle de recebimento de material, distribuição, estoques e inventários;

IV - Desincumbir-se de todas as atividades que por sua natureza ou em virtude das disposições regulamentares, sejam decorrentes de suas atribuições;
V - Substituir o Diretor em suas faltas e impedimentos eventuais;
VI - Auxiliar o Diretor no desempenho de suas funções;
VII - Fazer cumprir o regime disciplinar.

SEÇÃO III – DO FUNCIONAMENTO

Art. 13 **A diretoria terá seu funcionamento determinado pela legislação em vigor, em consonância com as necessidades do estabelecimento.**

Parágrafo Único – O horário de trabalho da Diretoria deverá ser amplamente conhecido de toda a comunidade escolar.

CAPÍTULO II – DO COLEGIADO
SEÇÃO I – DA FINALIDADE

Art. 14 - O Colegiado terá funções de caráter deliberativo e consultivo nos assuntos referentes à gestão pedagógica, administrativa e financeira da unidade de ensino, respeitadas as normas legais.

§ 1° - As funções deliberativas referem-se à tomada de decisões quanto às diretrizes e linhas gerais das ações desenvolvidas na unidade de ensino.

§ 2° - As funções de caráter consultivo compreendem a emissão de pareceres, quando consultados pelo Diretor da escola e/ou pela Comunidade Escolar sobre:

I - Propostas de medidas que visem à melhoria do ensino;
II - Avaliação institucional da escola;
III - Avaliação de desempenho dos profissionais da escola;
IV - Avaliação da aprendizagem do aluno;
V - Outras situações, decorrentes das ações pedagógicas, administrativas e financeiras desenvolvidas pela Escola.

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 15 - **Ao Colegiado, observadas as normas legais e as diretrizes estabelecidas para o setor educacional e as especificidades da comunidade escolar, competira:**

I - Participar da elaboração, implementação e avaliação da Proposta Político Pedagógica da Escola;
II - Acompanhar o processo de composição do Quadro Pessoal;
III - Acompanhar e aprovar a aplicação dos recursos orçamentários e financeiros da escola;
IV - Participar dos processos de avaliação da escola, de forma articulada com o Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública – SIMAVE, a fim de subsidiar o replanejamento da Proposta Político-Pedagógica da Escola;
V - Propor o desenvolvimento das ações previstas na Proposta Político-Pedagógica de Pais e Mestres, Grêmios Estudantis, Conselhos de Classe, Sindicatos e outras formas de parcerias, alianças e ações de voluntariado;

VI - Opinar e apresentar sugestões sempre que necessário, sobre as ações programadas no PDE, e na Proposta Pedagógica com vistas a capacitação e ao aperfeiçoamento dos profissionais da educação que atuam na escola;

VII - Propor a expansão do atendimento escolar e a organização da escola com base nos resultados do cadastro escolar e na capacidade das instalações físicas disponíveis;

VIII - Definir o quadro de pessoal da escola, observada a legislação específica, as diretrizes estabelecidas no PDE e no Quadro Curricular;

IX - Analisar e aprovar os critérios adotados para a distribuição de turmas e de aulas, entre os professores da escola, na conformidade com os dispositivos legais pertinentes;

X - Recomendar providências adequadas à melhor utilização do espaço físico do material escolar e didático, da merenda escolar e do aproveitamento racional dos servidores da escola;

XI - Acompanhar a participação do pessoal da escola, em atividades voltadas para a cultura artística, literária e desportiva, e apresentar sugestões que assegurem a conciliação dessa participação com as atividades curriculares previstas;

XII - Manifestar-se sobre a proposta curricular da unidade de ensino, com vistas ao seu aperfeiçoamento e enriquecimento;

XIII - Analisar e aprovar o Calendário Escolar, levando-se em conta a conciliação das exigências legais com as peculiaridades regionais;

XIV - Opinar sobre questões relativas ao rendimento escolar, indisciplina, infrequência de alunos e outros casos, submetidos à sua consideração, observadas as normas pertinentes aos assuntos apresentados;

XV - Acompanhar o processo de avaliação de desempenho;

XVI - Analisar a avaliação de desempenho dos profissionais da escola, quanto ao mérito e aos resultados do processo de ensino e aprendizagem, e emitir parecer quando chamado a se pronunciar;

XVII - Referendar as decisões do Diretor quanto à aplicação das penalidades previstas na legislação que rege a matéria;

XVIII - Realizar o inventário anual dos bens permanentes, de conformidade com as normas legais pertinentes;

XIX - Avaliar e aprovar as planilhas relativas à realização de reparos, reformas e ampliações no prédio da escola, tendo em vista as necessidades pedagógicas previstas no PDE;

XX - Apreciar e emitir parecer conclusivo sobre o desligamento de membros do Colegiado, motivado pelo descumprimento das normas estabelecidas e seu Estatuto

SEÇÃO III – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 16 - **O Colegiado será composto pelo Diretor da Escola, membro nato que o presidirá, por 2 (dois) a contar de 1° de janeiro de 2001, por 08 (oito) membros representantes dos segmentos:**

I - Professores, especialistas de educação;

II - Demais servidores da escola;

III - Pais ou Responsáveis por alunos regularmente matriculados e freqüentes.

§ 1° Na Representação dos segmentos, deverá ser garantida a seguinte proporcionalidade:

- ❖ 50% (cinqüenta por cento) para os profissionais da escola;
- ❖ 50% (cinqüenta por cento) para a comunidade atendida pela escola(pais e alunos);

SEÇÃO IV –
DO PROCESSO DE ELEIÇÃO E MANDATO DOS MEMBROS DO COLEGIADO

Art. 17 – Os membros do Colegiado, titulares e suplentes, são escolhidos pela Comunidade Escolar, mediante processo de eleição, para um mandato de 2(dois) anos, observando-se as datas e os períodos fixados pelo Edital;

Art. 18 - Ao diretor competirá a convocação da comunidade da escola para realização da Assembléia Geral, que elegerá a Comissão Eleitoral;

Art. 19- Caberá ao Diretor orientar os participantes da primeira Assembléia Geral sobre:

I - A importância do colegiado, seu papel na implementação da gestão democrática, as normas de funcionamento e o perfil de seus membros;
II – Definição de membros que comporão o Colegiado;
III - Os deveres do representante para com o segmento que representar;

Art. 20 – O membro do Colegiado, no exercício de seu mandato, deverá refletir a linha de pensamento do segmento que representar;

Art. 21 - O membro do Colegiado, no exercício de seu mandato, deverá expressar e refletir a linha de pensamento do segmento que representar.

Art. 22 - O membro do colegiado que não cumprir, satisfatoriamente, a representação a ele conferida nos termos do Estatuto, poderá ser substituído mediante proposta dirigida ao Presidente do Colegiado, assinada pela maioria dos integrantes de seu segmento.

Art. 23 – Cada membro do colegiado terá garantido o direito de manifestar sua opinião e a do segmento que representar, no exercício de sue mandato, sem restrição ou punição da parte de seus pares.

CAPÍTULO III – DA PRESIDÊNCIA DO COLEGIADO

Art. 24 – Uma vez constituído, o Colegiado Escolar elege, entre os pares, o Presidente e o Vice-Presidente.

§ 1° - Em caso de ausência ou impedimento temporário do Presidente, cabe ao Vice-Presidente assumir as funções atribuídas ao Presidente.

§ 2° - Em caso de afastamento definitivo do Presidente, deve ser escolhido no Presidente, na forma do caput deste artigo.

§ 3° - Na hipótese de o Presidente do Colegiado deixar de cumprir as competências conferidas nos termos do art.135, pode ser destituído, mediante proposta dirigida ao Vice-

Presidente, assinada por todos os membros titulares do Colegiado, e aprovada em reunião convocada, exclusivamente para esse fim.

Parágrafo Único: A Presidência e Vice-Presidência do Colegiado podem recair em qualquer membro titular, desde que comprove:

I – Idade mínima de 21(vinte e um) anos;

II – Escolaridade mínima em nível de Ensino Fundamental.

CAPÍTULO IV – DA COMPETÊNCIA DO PRESIDENTE DO COLEGIADO

Art 25 – Compete ao Presidente do Colegiado:

I – Planejar, organizar, coordenar e presidir a realização de assembléias e reuniões do Colegiado na Escola;

II – Convocar os membros do Colegiado e/ou da Comunidade Escolar para participar de assembléias e reuniões, sempre que necessário;

III – Determinar a lavratura e leitura de ata das reuniões;

IV – Tomar as providências necessárias para que sejam divulgadas as decisões do Colegiado;

V – Tomar medidas que visem garantir o bom funcionamento do Colegiado;

VI – Representar o Colegiado em qualquer instância;

VII – Cooperar para o cumprimento do Regimento Escolar e das normas legais;

VIII – Declarar a perda de mandato de membros, após a decisão do Colegiado;

IX – Cumprir e fazer, em tempo hábil, as decisões do Colegiado;

X - Exercer o voto só para fins de desempate.

SEÇÃO I – DO FUNCIONAMENTO

Art. 26 - **O Colegiado da E. E. "Professor Franco da Rosa" reunir-se-á na sede da escola ou em outro local, quando se fizer necessário .**

§ 1° - Deverá ser realizada no mínimo, duas reuniões ordinárias anualmente.

§ 2° - Sempre que necessário deverá reunir-se a Assembléia Geral Extraordinária.

§ 3° - As reuniões do Colegiado deverão ser realizadas pelo menos 1(uma) vez a cada mês do ano letivo.

§ 4° - As reuniões serão registradas em atas aprovadas e assinadas pelos membros presentes, ao esgotar a pauta programada, e seus termos deverão ser divulgados à comunidade escolar.

§ 5° – Será permitida a participação de integrante da comunidade escolar, nas reuniões do Colegiado sem direito a voto, quando constar da pauta assunto de seu interesse particular ou do interesse de seu representado, no caso de pais ou responsáveis por aluno menor de 16 anos.

Art. 27° - A reunião somente poderá ser instalada com a presença da maioria simples dos membros titulares do Colegiado e, na falta desses, de seus suplentes.

§ 1° - Não havendo quórum, cancela-se a reunião e registra-se a ocorrência em ata que deve ser assinada pelos presentes.

§ 2° - Podem ser convocadas para as reuniões todos os membros titulares e suplentes.

§ 3° - Os assuntos tratados durante as reuniões são registrados em ata que, ao se esgotar a pauta programada, é aprovada e assinada pelos presentes e seus termos divulgados à Comunidade Escolar.

§ 4° É permitida a participação de pessoas integrantes da Comunidade escolar nas reuniões do Colegiado, com direito de voz, sem direito a voto, quando constar da pauta assunto de seu interesse.

§ 5° - O Colegiado permite ainda, a participação, nas reuniões, de pessoas não integrantes da Comunidade Escolar, respeitando o disposto no art. 44, parágrafo único da Resolução 147/2000.

§ 6° - Qualquer integrante da Comunidade Escolar pode solicitar a inclusão de determinado assunto na pauta das reuniões do Colegiado, mediante requerimento dirigido ao Presidente, no prazo previsto no Anexo do Regimento Escolar.

Art. 28 - Sempre que necessário a Escola se pautará nas normas estabelecidas pela resolução 147/2000 de 17/10/2000.

SEÇÃO II – DAS FUNÇÕES

Art. 29 - **O Colegiado terá funções de caráter deliberativo e consultivo nos assuntos referentes à gestão pedagógica, administrativa e financeira das escolas estaduais, respeitadas as normas pertinentes.**

§ 1° - As funções de caráter deliberativo compreendem a tomada de decisões relativas às diretrizes e linhas gerais das ações pedagógicas, administrativas e financeiras, desenvolvidas nas escolas.

§ 2° - As funções de caráter consultivo compreendem a emissão de pareceres, quando consultado pelo Diretor da escola, e/ou pela comunidade escolar sobre:

a) situações decorrentes das ações pedagógicas, administrativas e financeiras
b) proposições de procedimentos para a melhoria da qualidade do trabalho escolar.

CAPÍTULO V – DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

A Associação de Pais e Mestres da E. E "Professor Franco da Rosa" de Três Corações, MG, criada aos 18 de setembro de 1996, com sede a Rua Francisco Xavier, orienta-se e rege-se em suas atividades pelo presente Estatuto, sendo uma Associação de direito privado sem fins lucrativos e com prazo de duração indeterminado.

Art. 30 - **A.P.M., tem por objetivo principal o desenvolvimento harmonioso do aluno, tendo em vista a preparação dos pais e responsáveis para melhor relacionamento, compreensão e ajuda mútua.**

Poderá ser arrecadada verbas de doações, eventos e outras atividades que venham favorecer a melhoria da escola.

Art. 31- **A.P.M. atenderá o seu objetivo da seguinte forma:**

§ 1° - Promovendo a aproximação dos pais com professores através de reuniões, conferencias, círculos de estudo e outros

§ 2° - Colaborando com a Diretoria do estabelecimento zelando pelos bens morais e materiais da Escola.

§ 3° - Acompanhando o Corpo Docente na execução dos fins educativos previstos.

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 32 - **Compete a Diretoria:**

§ 1° - Organizar as atividades da A.P.M.

§ 2° - Criar e extinguir departamentos ou comissões para o estudo ou ação de atividades apresentadas.

§ 3° - Resolver os problemas propostos pelo conselho Consultivo, referentes ao bom andamento das atividades escolares.

Art. 33 - **Ao Presidente compete:**

a) Presidir as reuniões da diretoria e executar as conclusões propostas
b) Presidir as Reuniões Ordinária e Extraordinária da A.P.M.
c) Apresentar cada ano, a Assembléia Geral, o relatório dos trabalhos do ano anterior
d) Representar juridicamente a A.P.M. no foro ou fora dele.

Art. 34 - **Ao vice-presidente compete;**

Auxiliar o presidente, substituí-lo em seus impedimentos eventuais.

Art. 35 - **Ao Secretario compete:**

a) Redigir e ler as atas das sessões ordinárias e extraordinárias;
b) Fazer e enviar convocações;
c) Organizar e manter os fichários e arquivos da A.P.M.

Parágrafo Único – Ao Suplente de Secretário – compete auxiliá-lo, substituí-lo em seus impedimentos eventuais.

Art. 36 - **Compete ao Tesoureiro:**

a) Arrecadar a Receita;
b) Fazer a escrituração da receita e despesa mensal;
c) Apresentar, mensalmente, ao Presidente, o Balancete das contas;
d) Abrir conta bancária, e efetuar pagamento, podendo assinar cheques, juntamente com o presidente;

e) Manter em ordem e sob sua supervisão os livros, documentos e serviços contábeis da Caixa Escolar;

Parágrafo Único: Ao Suplente de Tesoureiro compete auxiliá-lo, substituí-lo em seus impedimentos eventuais.

Art. 37 - **Ao Assessor compete:**

a) Zelar para que os princípios pedagógicos implantados no Estabelecimento sejam respeitados.
b) Tomar parte em todas as reuniões e assembléias orientando as discussões quando julgar necessário.

Parágrafo Único: Ao suplente do Assessor compete auxiliá-lo em seus impedimentos eventuais.

Art. 38 - **Ao Conselho Consultivo compete:**

a) Executar, acolher sugestões, críticas ou queixas advindas de qualquer origem;
b) Estudar cada uma delas e procurar a melhor solução;
c) Encaminhar o resultado destes estudos à Diretoria;
d) Fazer, com a Diretoria, as listas dos nomes que devem constituir as chapas das eleições;
e) Assistir, quando convocado, às reuniões da Diretoria;

Parágrafo Único: O conselho Consultivo terá um presidente que será eleito entre os membros.

SEÇÃO III – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 39 - **A.P.M. será dirigida por uma Diretoria e por um Conselho Consultivo.**

Art. 40 - **A Diretoria será assim constituída:**

- Presidente
- vice-presidente
- Secretário e Suplente
- Tesoureiro e Suplente
- Um assessor e Suplente

§ 1° O assessor será sempre, o Diretor do Estabelecimento;
§ 2° A duração do mandato da Diretoria será de 2 anos.

Art. 41 - **O Conselho Consultivo terá a seguinte composição:**

§ 1° - Um representante, de cada classe, sendo eleito pela totalidade dos Responsáveis da referida classe.

§ 2° - Em casos especiais poderá, Um Suplente indicado pela classe, eleito com o representante efetivo.

§ 3° - Três professores, eleitos pelo Corpo Docente da Escola, com aprovação da diretoria.

§ 4° - O Supervisor Pedagógico é membro do Conselho Consultivo por direito.

§ 5° - Os alunos da Quarta série que sairão, visto não Ter Quinta série no estabelecimento os pais serão substituídos por outro do CBA I.

§ 6° - Os membros da Diretoria não respondem nem mesmo solidariamente e subsidiariamente pelas obrigações da Associação tanto judicial ou extra judicial.

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 42 - **Haverá duas assembléias gerais por ano:**

a) Na primeira, que realizará em fevereiro ou março, primeiros meses do ano, o presidente apresentará a previsão das atividades do exercício que se inicia ou seja, leitura, discussão e aprovação do orçamento.
b) Na segunda, que se realizará em novembro ou dezembro, o presidente apresentará o relatório das atividades realizadas e a prestação de contas.
c) Em tempo oportuno, por ocasião da eleição da Diretoria do Conselho Consultivo.

Art. 43 - **A diretoria se reunirá, extraordinariamente, sempre que for convocada pelo presidente.**

Parágrafo único – As decisões da Diretoria serão sempre tomadas por maioria de votos, sendo necessária a presença, pelo menos, de dois terços de seus membros.

Art. 44 - O Conselho Consultivo, para o plano de desenvolvimento das atribuições que lhe são conferidas nestes Estatutos, deverá reunir-se sempre que for convocado ou extraordinariamente.

Parágrafo Único – Reuniões extraordinárias do Conselho Consultivo se realizarão sempre que for necessário, mediante convocação do Diretor do Estabelecimento ou da Diretoria da A. P. M.

Art. 45 - **As assembléias gerais extraordinárias só serão convocadas por deliberação da Diretoria, mediante aquisição do Conselho Consultivo ou por pedido escrito de mais de 50% do n.° de sócios.**

§ 1° - Em qualquer dos casos, deverá ser claramente, declarado o assunto a ser tratado pela assembléia.

§ 2° - As assembléias gerais não poderão deliberar sobre assunto diferente daquele para o qual explicitamente convocados.

§ 3° - As votações serão secretas, entretanto, a pedido de um sócio, desde que receba a aprovação da assembléia, poderão ser nominais.

§ 4° - Se o assunto em discussão não ficar resolvido na sessão, os conselhos serão suspensos pelo presidente, havendo, posteriormente, nova convocação.

§ 5° - As deliberações aprovadas pela assembléia somente entrarão em vigor após sua ratificação pelo Diretor.

SEÇÃO V – DAS FUNÇÕES

Art. 46 - **Todos os cargos são eletivos, exceto de Assessor.**

Art. 47 - **O presidente do Conselho Consultivo, será um representante eleito pelos demais.**

Parágrafo Único – O cargo será preenchido entre um membro do Conselho Consultivo.

Art. 48 - **As eleições para os cargos eletivos serão feitos pela Assembléia geral sobre chapas constituídas e aprovadas pelo Assessor.**

§ 1° - É permitida a reeleição uma só vez.
§ 2° - Os eleitos serão imediatamente empossados.
§ 3° - O exercício da A.P.M. encerrar-se-á, de 2 em 2 anos na primeira quinzena de dezembro quando da nova eleição.
§ 4° - É vetado aos representantes da 4ª série a concorrer a cargos eletivos.

Art. 49 - **A eleição se fará por 50% mais um voto dos sócios presentes.**

Parágrafo Único – A eleição se fará pelo sistema escrutínio secreto sendo nomeada uma comissão apuradora constituída de cinco representantes.

Art. 50 - **As vagas que eventualmente ocorrerem na Diretoria e no Conselho Consultivo, serão preenchidas pelos respectivos suplentes.**

CAPÍTULO VI – DA CAIXA ESCOLAR

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 51 - **A Caixa Escolar "Professor Franco da Rosa" tem por finalidade congregar iniciativas comunitárias, objetivando:**

a) prestar assistência aos alunos carentes de recursos:
b) contribuir para o funcionamento eficiente e criativo da Escola Estadual "Professor Franco da Rosa";
c) promover, em caráter complementar e subsidiário, melhoria qualitativa do ensino;
d) colaborar na execução de uma política de concepção da Escola com agência comunitária em seu sentido mais amplo.

Parágrafo Único – **Os objetivos da Caixa serão atingidos através das seguintes medidas:**

a) fornecimento de alimentação, material escolar, livros didáticos, vestuário, calçado e auxílio para condução;
b) aquisição de material de consumo ou permanente, com finalidade didática;

c) participação em programas e serviços de educação e saúde em especial desenvolvidos pela comunidade;
d) outras medidas compatíveis com a finalidade e os propósitos da Caixa, desde que expressamente autorizadas pela Assembléia Geral.

Art. 52 - **É vedado à Caixa Escolar:**

a) locar imóveis;
b) construir imóveis com recursos oriundos de subvenções ou auxílios que lhe forem concedidos pelo Poder Público.
c) Conceder empréstimos ou dar garantias de aval, fiança e caução sob qualquer forma;
d) Adquirir veículos;
e) Empregar subvenções, auxílios ou recursos de qualquer natureza, em desacordo com os projetos ou programas a que se destinam;
f) Complementar vencimentos ou salários dos servidores ou contratar pessoal para servir na escola, ressalvadas, quanto a este, as situações existentes em 31 de dezembro de 1976.

§ 1° - Não se inclui na proibição a que se refere o inciso "b", deste artigo, a execução de reparos e pequenas obras de conservação do prédio da Escola.

§ 2° - Para o regular funcionamento dos seus serviços, a Caixa Escolar poderá adquirir o material permanente e de consumo que se fizer estritamente indispensável.

Art. 53 - **A Caixa Escolar não tem fins lucrativos e sua duração será por tempo indeterminado.**

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 54 - **A Diretoria compete:**

I - Elaborar e executar o orçamento anual da Caixa Escolar;
II - Submeter à aprovação da Assembléia Geral Extraordinária, mediante pedido fundamentado, a adoção das medidas a que se refere a alínea "d", parágrafo único, do art. 2°;
III - Deliberar sobre a aplicação e movimentação dos recursos da Caixa Escolar;
IV - Encaminhar ao Conselho Fiscal o balanço e o relatório anuais, antes de submetê-los à apreciação da Assembléia Geral;
V - Enviar ao órgão regional de ensino balancetes financeiros, na forma estabelecida pela inspetoria de Finanças da Secretaria da Educação;
VI - Exercer as demais atribuições decorrentes de outros dispositivos deste Estatuto e as que lhe venham a ser legalmente conferidas;
VII - Decidir os casos omissos.

Art. 55 - **Compete ao Presidente:**

I - Representar a Caixa Escolar em juízo e fora dele;
II - Convocar a Assembléia Geral, a Diretoria e o Conselho Fiscal;
III - Presidir a Assembléia Geral e as reuniões da Diretoria;

IV - Supervisionar os trabalhos da Caixa Escolar;
V - Autorizar a execução de planos de trabalho aprovados pela Diretoria;
VI - Autorizar pagamentos e assinar cheque, em conjunto com o Tesoureiro;
VII - Exercer as demais atribuições previstas neste Estatuto ou que lhe venham a ser conferidas pela Diretoria.

Art. 56 - **O presidente será substituído pelo professor ou especialista de educação que assumir a direção ou coordenação da Escola.**

Art. 57 - **Compete ao Secretário:**

I - Auxiliar o Presidente em suas funções;
II - Preparar o expediente da Caixa;
III - Organizar o relatório anual da Diretoria;
IV - Secretariar as sessões da Assembléia Geral e da Diretoria;
V - Organizar o arquivo da Caixa Escolar e manter em dia o registro de sócios.

Art. 58 - **Compete ao Tesoureiro:**

I - Arrecadar a receita da Caixa Escolar;
II - Fazer a escrituração da receita e despesa, nos termos das instruções que forem baixadas pela Inspetoria de Finanças da Secretaria da Educação
III - Apresentar, mensalmente, ao Presidente, o balancete das contas;
IV - Efetuar pagamentos autorizados pelo Presidente;
V - Manter em ordem e sob sua supervisão os livros, documentos e serviços contábeis da Caixa Escolar;
VI - Assinar cheques juntamente com o Presidente.

Art. 59 - **Compete ao Conselho Fiscal:**

I - Examinar os documentos contábeis da entidade, a situação de Caixa e os valores em depósitos;
II - Apresentar à Assembléia Geral Ordinária parecer sobre as contas da Diretoria, no exercício em que servir;
III - Apontar à Assembléia Geral as irregularidades que descobrir, sugerindo as medidas que reputar úteis à caixa Escolar;
IV - Convocar a Assembléia Geral Ordinária, se o Presidente da Caixa Escolar retardar por mais de um mês a sua convocação e requerer da Assembléia Extraordinária sempre que ocorrerem motivos graves e urgentes.

Art. 60 - **Compete à Assembléia geral Ordinária:**

I - Conhecer do balanço financeiro e do relatório sobre o exercício findo, deliberado livremente sobre os mesmos;
II - Eleger os membros do Conselho Fiscal e Suplente, bem como o Secretário e o tesoureiro e seus suplentes.

SEÇÃO III – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 61 - **São órgãos administrativos e deliberativos da Caixa Escolar:**

I - A Assembléia geral;
II - A Diretoria
III - O Conselho Fiscal

Art. 62 - **Os membros eleitos, ou conduzidos a compor qualquer dos órgãos referidos no artigo anterior, empossar-se-ão mediante termo de posse e compromisso, assinado em livro próprio.**

Art. 63 - **Os membros da Assembléia Geral, da Diretoria e do Conselho Fiscal exercerão gratuitamente suas funções, que se consideram serviço relevante.**

Art. 64 - **A Assembléia Geral é órgão superior de deliberação.**

Art. 65 - **A Diretoria da Caixa Escolar será constituída de um presidente, um secretário e um tesoureiro.**

§ 1° - O presidente será o Diretor ou o Coordenador da Escola.
§ 2° - O Secretário e o Tesoureiro, e seus respectivos suplentes, serão escolhidos bienalmente, pela Assembléia Geral, o primeiro dentre pais de alunos ou responsáveis, e o segundo, dentre pessoas do magistério ou da administração da Escola, permitida a reeleição.

Art. 66 - **O Secretário será substituído pelo respectivo suplente.**

Art. 67 - **O Tesoureiro será substituído pelo respectivo suplente.**

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 68 - **A Assembléia Geral se reunirá, ordinariamente, no mês de março de cada ano, e, extraordinariamente, toda vez que for convocada regularmente, sendo seus trabalhos sempre dirigidos pelo presidente da Caixa Escolar.**

Parágrafo Único – A Assembléia Geral poderá ser convocada extraordinariamente pelo Presidente, ou a requerimento fundamentado do Conselho Fiscal ou de 1/3 (um terço) dos membros componentes.

Art. 69 - **A convocação da Assembléia Geral se fará através de comunicação escrita a cada um dos membros componentes ou em jornal local, se houver, com a antecedência mínima de 8 (oito) dias.**

Art. 70 - **A Assembléia Geral deliberará em primeira convocação somente com a presença de mais de metade, no mínimo, dos membros componentes, e, em segunda convocação, 30 (trinta) minutos depois, com qualquer número.**

Art. 71 - **As deliberações da Diretoria serão tomadas por maioria dos votos.**

Art. 72 - **O Conselho Fiscal compões-se de 3 (Três) suplentes, escolhidos anualmente pela Assembléia Geral Ordinária, dentre os pais de alunos ou responsáveis e pessoas da comunidade, associadas da Caixa.**

Art. 73- **O sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.**

Art. 74 - **A dissolução da Caixa escolar somente se efetuará na hipótese de extinção mediante ato autoridade competente, da Escola Estadual "Professor Franco da Rosa", passando os seus bens a outra Instituição congênere, existente no município.**

Parágrafo Único – A dissolução prevista neste artigo será formalizada mediante decisão da Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim.

Art. 75 - **A Diretoria reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, exceto nos períodos de férias e de recesso escolar, em dia e hora previamente marcados, mediante convocação do Presidente por conhecer o andamento dos trabalhos e tratar de assuntos de interesse geral.**

Parágrafo Único – A Diretoria reunir-se-á, extraordinariamente, sempre que for convocada pelo Presidente, ou por solicitação da maioria de seus membros.

SEÇÃO V – DAS FUNÇÕES

Art. 76- **As deliberações da Diretoria serão tomadas por maioria de votos.**

Art. 77 - **Constituem recursos da Caixa Escolar:**

a) doações, subvenções e auxílios que lhe forem concedidos pela União, Estado, Município, por particulares e entidades públicas ou privadas, associações de classe e quaisquer outras categorias ou entes comunitários;
b) renda de exploração de cantina e outros serviços que instituir; venda ou revenda de material escolar ou didáticos; produto de venda de ingressos e demais formas de contribuições para festas, exibições, bazares, prendas e de outras iniciativas ou promoções;
c) contribuições dos alunos ou seus pais ou responsáveis e de outras pessoas da comunidade.

Art. 78 - **Os recursos financeiros da Caixa Escolar serão depositados em conta a ser mantida em estabelecimento estadual de crédito, onde houver, efetuando-se sua movimentação através de cheques nominais assinados pelo Presidente e pelo Tesoureiro.**

§ 1° - Na hipótese de não existir na localidade nenhum estabelecimento de crédito, os recursos serão depositados na agência bancária da sede do Município de mais fácil acesso.

§ 2° - Em qualquer caso, será permitida a existência em caixa de numerário em espécie até o limite de 1 (um) salário-mínimo regional, para atender às despesas de pronto pagamento.

Art. 79 - **Pela indevida aplicação da renda, responderão solidariamente os membros da Diretoria que houverem autorizado a despesa ou efetuado o pagamento.**

Art. 80 - **Encerrada a matrícula, a Diretoria da Caixa Escolar organizará a relação dos alunos que devem receber assistência, para isso valendo-se das informações que puder obter e dos critérios estabelecidos pela Secretaria de Estado da Educação.**

Art. 81 - **Na aplicação dos recursos, salvo os de desatinação programada, obedecer-se-á, quanto à despesas, à seguinte ordem de preferência:**

a) alimentação, material escolar e livros didáticos;
b) vestuário e calçado;
c) assistência médica, farmacêutica e dentária;
d) auxílio para transporte;
e) aquisição de material didático em geral para melhoria qualitativa do ensino;
f) execução das medidas a que se refere a alínea "d" § Único

Parágrafo Único – Os livros didáticos e material escolar serão fornecidos a título de empréstimo.

CAPÍTULO VII– DA SECRETARIA

Art. 82 - **A Secretária terá por finalidade:**

I - a organização dos serviços de escrituração escolar da escola;
II - a execução e controle das normas administrativas da escola;

Art. 83 - **Os serviços de secretaria serão executados pelo:**

- Secretário da Escola
- Auxiliar de Secretaria II

Art. 84 - **Compete ao Auxiliar de Secretaria:**

I - Organizar e manter atualizados cadastros, arquivos, fichários, livros, e outros instrumentos de escrituração de unidade escolar;
II - Redigir ofícios, exposições de motivos, atas e outros expedientes;
III - Preparar certidões, atestados, históricos escolares, e outros documentos solicitados;
IV - Coletar, apurar, selecionar, registrar e consolidar dados para elaboração de informações estatísticas;

V - Realizar trabalhos de datilografia e computação
VI - Realizar trabalhos de protocolo, preparo, seleção, classificação, registro e arquivamento de documentos formulários;
VII - Zelar pelo uso e conservação do material, mobiliário, e equipamento sob sua guarda;
VIII - Atender, orientar e encaminhar as partes informando sobre as questões da área escolar;
IX - Desempenhar outras atividades compatíveis com a natureza do cargo, que lhes forem atribuídas pelo diretor;
X - Conhecer e aplicar a legislação de ensino na área de sua competência;
XI - Interpretar e aplicar normas relacionadas com a administração de pessoal, material, patrimônio e serviços gerais, especificamente no campo da educação;
XII - Preceder à autenticação, registro e emissão de documentos comprobatórios da vida funcional de servidores da escola;
XIII - Providenciar a concessão de direitos e vantagens do pessoal no âmbito da escola.

CAPÍTULO VIII– DOS SERVIÇOS GERAIS

Art. 85 - **A Escola Estadual "Professor Franco da Rosa", terá os serviços de Conservação e Limpeza, de preparo e distribuição de alimentos.**

Art. 86 - **São atribuições básicas dos ajudantes de serviços gerais:**

I - Executar os serviços de limpeza, higiene e conservação da unidade escolar;
- ❖ Varrendo e lavando as dependências da escola;
- ❖ Removendo o pó dos equipamentos e mobiliários;
- ❖ Limpando e lavando cortinas
- ❖ Coletando o lixo, depositando-o em lugares apropriados ou incinerando-os;
- ❖ Removendo e arrumando móveis, materiais ou volumes;
- ❖ Mantendo a higiene das instalações sanitárias, provendo-as do material necessário;
- ❖ Preparar e servir refeições e merendas em atendimento ao programa de alimentação escolar;
- ❖ Controlar alimentos e utensílios, mantendo o estoque e evitando desperdícios e extravios;
- ❖ Limpeza e higiene da cozinha e da dispensa;
- ❖ Arrumação, limpeza e higiene dos locais de refeições;
- ❖ Prestar informações sobre necessidades do gênero alimentícios;
- ❖ Cumprir as normas de higiene e de segurança do trabalho.

II - Responsabilizar-se pelo controle e utilização de materiais colocados à sua disposição;
III - Colaborar no atendimento as educando nos horários de entrada, recreio e saída, bem como na distribuição da alimentação escolar;
IV - Executar atividades correlatas definidas no Plano Global da Escola;
V - Zelar pela vigilância de prédios e áreas.

Art. 87 - **As atribuições do pessoal dos Ajudantes de Serviços Gerais serão delegadas pelo diretor ou vice-diretor em conformidade com as necessidades do próprio estabelecimento.**

TÍTULO III

DOS SERVIÇOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES

CAPÍTULO I – DOS TIPOS

Art. 88 - **A Escola Estadual "Professor Franco da Rosa" oferecerá os seguintes Serviços Pedagógicos Complementares:**

I - Dos Conselhos de Classe;
II - Do Aperfeiçoamento de Pessoal;
III - Da Biblioteca;
IV - Dos Estágios Supervisionados;
V - Da Monitoria;
VI - Da Intercomplementaridade e Entrosagem

SEÇÃO I – DOS CONSELHOS DE CLASSE

I - DAS FINALIDADES

Art. 89 - **O Conselho de Classe da E. E. "Professor Franco da Rosa" trata de um órgão colegiado que tem por objetivo a avaliação coletiva do processo de aprendizagem do aluno, subsidiando, desta forma, a construção do projeto político pedagógico da escola.**

II - DA COMPETÊNCIA

Art. 90 - **O Conselho de Classe da E. E. "Professor Franco da Rosa" tem por competência servir de fórum de discussão para definição de:**

- Objetivos a serem alcançados em cada disciplina, no ano de escolaridade e no Ciclo;
- Uso de metodologias e estratégias de ensino;
- Critérios de seleção de conteúdos curriculares;
- Projetos coletivos de ensino e atividades;
- Formas de acompanhamento dos alunos em seu percurso nos Ciclos
- Critérios para apreciação do desempenho dos alunos ao longo e ao final dos Ciclos;
- Elaboração de fichas de registro do desempenho do aluno para o acompanhamento no decorrer dos Ciclos e para informação aos pais;
- Formas de relacionamento com a família;
- Propostas curriculares diversificadas em função dos interesses e necessidades do aluno;
- Adaptações curriculares para os alunos portadores de necessidades educativas especiais;
- Propostas de organização dos Estudos Complementares e Suplementares;
- Compete ao Conselho de classe apresentar ao Colegiado Escolar, ao final de cada ano letivo, os currículos diversificados para o ano letivo seguinte, após o levantamento dos interesses e necessidades do aluno.

Art. 91 - **Compete ao(s) Conselho(s) de Classe da E. E. "Professor Franco da Rosa":**

I - Ao final do ano letivo:
- ❖ Avaliar o desempenho de cada aluno nas atividades escolares desenvolvidas ao longo do ano;
- ❖ Elaborar os currículos diversificados à vista dos interesses e necessidades dos alunos;
- ❖ Indicar o currículo que melhor se adeqüe às orientações quanto ao planejamento de trabalho para o ano seguinte;
- ❖ Realizar a enturmação dos alunos para o ano letivo seguinte.

II - Ao final de cada ciclo ou período:
- ❖ Avaliação de Desempenho de cada aluno, identificará suas necessidades específicas, encaminhando-o para realizar estudos complementares ou para cursar o currículo que melhor lhe convier conforme o caso.

III - DA CONSTITUIÇÃO

Art. 92 - **O Conselho de Classe da Escola Estadual "Professor Franco da Rosa", deve ser constituído pelo pessoal docente e técnico pedagógico. Deverá ser coordenado pelo Diretor ou por outro professor por ele indicado. Para cada ano de escolaridade haverá um Conselho de Classe, sendo portanto o n.º de 4 Conselhos na Escola Estadual "Professor Franco da Rosa"**

a) Todo Conselho de Classe terá um coordenador escolhido por seus pares.
b) Sempre que julgar necessário, o Conselho de Classe pode convidar pais e alunos para participar de suas reuniões.
c)

Art. 93 - **A escola pode Ter um ou mais Conselhos de Classe conforme o caso.**

Art. 94 - **Para as turmas de um mesmo ano de escolaridade, em cada turno, deve ser constituído um Conselho de Classe**

§1º - Quando num determinado turno, a escola possuir, no 1º Ciclo, apenas uma turma por ano de escolaridade, o Conselho de Classe abrangerá todas as turmas dos quatro anos de escolaridade.

IV - DO FUNCIONAMENTO

Art. 95 - **A Escola Estadual "Professor Franco da Rosa" deve prever um mínimo de 4 (quatro) reuniões do Conselho de Classe, ao longo do ano letivo, registradas no Calendário Escolar que dentre outras finalidades, deverá realizar a avaliação de desempenho dos alunos.**

§ 1º - Cabe à direção da escola assegurar ao Conselho de Classe as condições mínimas para seu funcionamento.

§ 2º - A organização dos horários de realização das reuniões deve ser feita de modo a permitir que todos seus membros efetivos participem, em especial, os professores, considerando-se que

não existe professor dispensável no processo de avaliação coletiva do aluno e do trabalho pedagógico da escola.

SEÇÃO II – DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL

Art. 96 - **O aperfeiçoamento de pessoal visa a atualização do pessoal e a melhoria do ensino-aprendizagem.**

§ 1° - O diretor poderá estimular os servidores da Escola para freqüentarem cursos de extensão ou especialização, congressos, seminários e outros, como:

a) PROCAP: PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES.
Será realizada na própria escola, por meio de uma dinâmica de formação em serviço, continuada e a distância, que prevê atividades presenciais e não presenciais, incorporando o uso
b) PROCAD: PROJETO DE CAPACITAÇÃO DE DIRIGENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE MINAS GERAIS:
c) PRODEC: PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E PAIE (PROJETO DE APOIO AS INOVAÇÕES ESCOLARES) estão sendo integrados na escola visando a melhoria da qualidade do ensino.

§ 2° - O abono de faltas dos servidores que freqüentarem cursos de especialização ou extensão ficará sujeito a legislação vigente.

§ 3° - Na falta do servidor, para freqüentar cursos de aperfeiçoamento, a escola organizará seu quadro para suprir esta falta.

SEÇÃO III – DA BIBLIOTECA

1. DAS FINALIDADES

Art. 97 - **A biblioteca terá a finalidade de fornecer os elementos necessários à realização e enriquecimento dos trabalhos pedagógicos, consultas e pesquisas realizadas pelo corpo docente e discente da Escola e demais membros da comunidade escolar.**

Art. 98 - **A Escola Estadual "Professor Franco da Rosa" não conta com professor para o Ensino do Uso da biblioteca, caberá aos eventuais, vice-diretor ou excedentes à organização da Biblioteca Escolar.**

Art. 99 - **A Escola Estadual "Professor Franco da Rosa" conta com os Cantinhos de leitura nas salas de aula, adquiridos através do Proqualidade.**

Parágrafo Único – Os Cantinhos de Leitura tem como finalidade o incentivo e o gosto pela leitura.

SEÇÃO IV – DA MONITORIA

1. DAS FINALIDADES

Art. 100 - **São finalidades da Monitoria:**

1. Descobrir e desenvolver aptidões para liderança;
2. Desenvolver o senso de responsabilidade dos alunos;
3. Promover maior entrosamento entre os professores e alunos e entre os próprios colegas.

§ 1° - Para este serviço poderão ser aproveitados os alunos e ou pais mais capacitados no conteúdo.

§ 2° - O funcionamento far-se-á conforme as possibilidades e necessidades, em período de recuperação, ou como atividade extra-classe.

TÍTULO IV

DO SISTEMA DE ORIENTAÇÃO

CAPÍTULO I – DOS SERVIÇOS

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 101 - **O sistema de supervisão Pedagógica, tem por finalidade planejar, controlar e avaliar as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola.**

SEÇÃO II – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 102 - **O serviço de supervisão será executado por pedagogo legalmente habilitado e admitido em consonância na forma da lei.**

Parágrafo Único: A atuação do supervisor pedagógico, se dará em harmonia com a diretoria e o corpo docente, alunos, familiares e toda a comunidade escolar.

SEÇÃO III – DA COMPETÊNCIA

Art. 103 - É papel específico do Especialista de Educação Supervisor, articular o trabalho pedagógico da escola, junto com o Corpo docente, alunos e seus familiares em torno de um eixo comum: o ensino-aprendizagem pelo qual perpassam as questões do professor, do aluno e da família.

I - Coordenar o planejamento e implementação do Projeto Pedagógico da escola, tendo em vista as diretrizes definidas no Plano de Desenvolvimento da Escola:

a) Participar da elaboração do Plano de Desenvolvimento da Escola;

b) Delinear com os professores, o Projeto Pedagógico da escola, explicitando seus componentes de acordo com a realidade da escola;
c) Coordenar a elaboração do currículo pelo da escola, envolvendo a comunidade escolar;
d) Assessorar os professores na escolha e utilização dos procedimentos e recursos didáticos mais adequados ai atingimento dos objetivos curriculares;
e) Promover o desenvolvimento curricular, redefinido, conforme as necessidades, os métodos e materiais de ensino;
f) Participar da elaboração do calendário escolar;
g) Articular os docentes de cada área para o desenvolvimento do trabalho técnico-pedagógico da escola, definindo suas atividades específicas;
h) Avaliar o trabalho pedagógico, sistematicamente, com vista à reorientação de sua dinâmica (avaliação externa);
i) Participar com o corpo docente do processo de avaliação externa e da análise de seus resultados;
j) Identificar as manifestações culturais características da região e incluí-las no desenvolvimento do trabalho da escola.

II - Coordenar o programa de capacitação do pessoal da escola:
a) Analisar os resultados da avaliação sistêmica feita juntamente com os professores e identificar as necessidades dos mesmos;
b) Realizar a avaliação do desempenho dos professores, identificando as necessidades individuais de treinamento e aperfeiçoamento;
c) Efetuar o levantamento da necessidades de treinamento e capacitação da dos docentes na escola;
d) Manter intercâmbio com instituições educacionais e ou pessoas visando sua participação nas atividades de capacitação da escola;
e) Analisar os resultados obtidos com as atividades de capacitação docente, na melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem.

III - Realizar a orientação dos alunos, articulando o envolvimento da família no processo educativo:
a) Identificar junto com os professores, as dificuldades de aprendizagem dos alunos;
b) Orientar os professores sobre as estratégias mediante as quais as dificuldades identificadas possam ser trabalhadas, em nível pedagógico;
c) Encaminhar à instituição especializadas os alunos com dificuldades que requeiram um atendimento terapêutico;
d) Promover a integração do aluno no mundo do trabalho, através da informação profissional e da discussão de questões relativas aos interesses profissionais dos alunos e à configuração do trabalho na realidade social;
e) Envolver a família no planejamento e desenvolvimento das ações da escola;
f) Proceder, com auxílio dos professores, ao levantamento das características sócio econômicas e lingüísticas do aluno e sua família;
g) Utilizar os resultados do levantamento como diretriz para as diversas atividades de planejamento do trabalho escolar;
h) Analisar com a família os resultados do aproveitamento do aluno, orientando-o, se necessário para a obtenção de melhores resultados;

i) Oferecer apoio às instituições escolares discentes, estimulando a vivência da prática democrática dentro da escola.

TÍTULO V

DA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

CAPÍTULO I – DA ESTRUTURA DO ENSINO

SEÇÃO I – DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 104 - **Fica instituído, nas escolas da rede estadual de ensino de Minas Gerais, o regime de progressão continuada, no ensino fundamental, com duração de oito anos obrigatório e gratuito tendo por objetivo a formação básica do cidadão mediante:**

I - O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca com que se assenta a vida social.

Art. 105 - **O regime de progressão continuada no Ensino Fundamental se organizará em três ciclos: Ciclo Básico com duração de 3 anos, Ciclo Intermediário também com duração de 3 anos e o Ciclo Avançado com duração de 2 anos.**

§ 1° - Adota-se no Ensino Fundamental, o regime de progressão continuada desaparecendo a possibilidade de reprovação ou de retenção de alunos sem prejuízo do processo do ensino-aprendizagem observada as normas do respectivo sistema de ensino.

CAPÍTULO II – DOS CURRÍCULOS E PROGRAMAS

SEÇÃO I – DA COMPOSIÇÃO DOS CURRÍCULOS

Art. 106 - **Os currículos do ensino fundamental terá uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.**

§ 1° - Os currículos a que se refere o caput abrangem, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2º - O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§ 3º - A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e será ministrada pela professora habilitada.

§ 4º - O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia.

§ 5º - O ensino religioso, de matrícula facultativa para os alunos, constitui disciplina obrigatória dos horários das escolas públicas de ensino fundamental e é parte integrante da formação básica do cidadão, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, podendo as escolas confessionais organizá-lo segundo sua orientação religiosa, será ministrada pelo professor credenciado.

Art. 107 - **Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:**

I - A difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - Consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III - Orientação para o trabalho;

IV - Promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais.

SEÇÃO II – DOS PROGRAMAS

Art. 108 - **Sempre que a experiência o indicar e com a finalidade de atender as conveniências didático-pedagógicas, os programas poderão sofrer reajustamento, adaptando-se ao nível de desenvolvimento dos alunos e a evolução do meio social.**

Art. 109 – **Caberá aos professores à adaptação dos programas assistidos pelo supervisionar pedagógico.**

Parágrafo Único – para efetivação da medida e visando concorrer para real execução dos programas propostos, deverá o (serviço de supervisão ou professor) incentivar a realização de atividades tais como: excursões, visitas à indústrias, entrevistas, promoção de feiras, exposições e outras.

CAPÍTULO III – DO ANO LETIVO

Art. 110 - **O Calendário Escolar terá por finalidade a previsão dos dias e períodos destinados à realização das atividades curriculares no estabelecimento.**

Art. 111 - **O Calendário Escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto neste lei.**

Art. 112 - **O Calendário Escolar será de 200 dias e a carga horária de pelo menos 833:20(oitocentos e trinta e três e vinte minutos) , excluindo-se recreio e intervalos.**

Art. 113- **Na elaboração do Calendário Escolar são especificados:**

I - O início e término do Ano Letivo e Carga Horária de 833h 2 20 minutos;

II - O início e o término do Ano Escolar, que inclui o Ano Letivo, acrescido de 12(doze) dias escolares;

III - Os feriados, férias e recesso;

IV - Os períodos destinados à matrícula;

§ 1° - O Calendário Escolar constitui-se-à em anexo deste regimento.

§ 2° - Considera-se como dia escolar:

a.) os dias destinados à realização de assembléia da comunidade escolar;
b.) o dia destinado à realização da assembléia geral para a escolha dos membros do Colegiado Escolar;
c.) os dias destinados ao planejamento e reuniões técnico-pedagógicas;
d.) os dias reservados à avaliação da Escola Pública de Minas Gerais;
e.) o dia destinado à analise dos resultados e produção de relatórios do programa de avaliação da Escola Pública de Minas Gerais;
f.) as programações culturais, cívicas e pedagógicas da Escola do município;
g.) da semana pedagógica;
h.) da reunião dos Conselhos de Classe.

§ 3° - Considera-se dia letivo aquele que é efetivamente ministradas aulas ou atividades integrantes do currículo, especificadas no Calendário Escolar e em que se registre a freqüência dos alunos.

CAPÍTULO IV – DA MATRÍCULA

SEÇÃO I – GENERALIDADES

Art. 114 - **A matrícula será feita por ciclos, nos períodos previstos no Calendário Escolar, observadas as exigências legais.**

Art. 115 - **Deve-se observar o critério de zoneamento escolar, sendo vedado o exame de seleção de candidatos.**

Art. 116 - **Serão admitidos à matrícula os candidatos que preencherem os requisitos legais relativos à idade e documentação.**

§ 1° - São admitidos à matrícula ao 1° Ano do 1° Ciclo do Ensino Fundamental todos os alunos de 07 (sete) anos completos ou incompletos até 31/12 do ano de ingresso e maiores de 07 (sete) anos que não tiverem acesso a esse nível de ensino na idade própria.

§ 2° - Podem ser admitidos ao 1° Ano do 1° Ciclo do Ensino Fundamental, candidatos com 07 (sete) anos incompletos desde que, após o atendimento previsto no parágrafo anterior, persista a existência de vaga e que seja comprovada, pela escola, a matrícula dos mesmos. Poderão ser admitidos ao 1° ano do Ciclo Básico todos os candidatos maiores de 07(sete) anos que não tiveram acesso, a este nível de ensino em idade própria.

Art. 117 - **Em nenhuma hipótese, será negada matrícula por motivo de raça, sexo, condição social, convicção política ou crença religiosa, bem como por ser candidato, portador de deficiência, ou se encontrar em defasagem de idade com relação à série**

Art. 118 - **No ato da matrícula, o responsável pelo aluno, deve declarar que conhece e aceita as normas regimentais, optando, ainda, se for o caso, pela freqüência às aulas de Ensino Religioso.**

Parágrafo Único – A Escola deverá divulgar e facilitar aos candidatos à matrícula, o acesso ao Regimento da Escola.

Art. 119 - **Terá sua matrícula cancelada ao longo do ano letivo o aluno que, sem justificativa, deixar de comparecer a escola por um período superior a 30 dias consecutivos.**

Art. 120 - **Ultrapassando o limite de faltas permitidas pela LDB Lei 9394/96 do CEE n° 1132 de 12-11-97, o aluno terá suas faltas abonadas e amparadas no citado parecer caso demonstre conhecimento suficiente para o prosseguimento dos estudos, devendo permanecer no último ano do ciclo em que se encontra, por mais um ano letivo, se não for considerado apto a progredir.**

Art. 121 - **É facultado ao aluno que tiver a matrícula cancelada retornar à escola, matriculando-se novamente, sob as condições de existência de vaga, apresentação de justificativa e possibilidade de se efetuar ajustamento pedagógico.**

Art. 122 - **A matrícula não será aceita ou deverá ser cancelada em qualquer época do ano letivo, por iniciativa da direção do estabelecimento, quando:**

I - For obtida por documentos falsos ou decorrentes de comprovação de má fé;

II - O aluno que praticar infração grave, devidamente comprovada, referendada pelo Colegiado;

Parágrafo Único – Antes de efetuar o cancelamento da matrícula, nos termos deste artigo, a direção da escola deve tomar as providências cabíveis para levar o aluno e seus responsáveis ao cumprimento da obrigatoriedade escolar.

Art. 123 - **Ao aluno admitido, por transferência, será concedido o prazo de 30 (trinta) dias para que satisfaça as exigências legais relativas à documentação, sendo aceita sua matrícula, em qualquer época do ano, desde que haja vaga.**

§ 1º - A matrícula de alunos transferidos poderá ocorrer em qualquer período do ano, observadas as normas regimentais.

§ 2º - É assegurada a matrícula aos filhos circense, havendo ou não vaga em qualquer época do ano letivo.

Art. 124 - Quando a demanda escolar for superior ao número de vagas será utilizado o seguinte critério:

I - Observada a legislação vigente o primeiro critério é o zoneamento;

II - Persistindo a vaga será utilizado os critérios estabelecidos pelo colegiado.

CAPÍTULO V – DA TRANFERÊNCIA

Art. 125 - **Para a transferência de alunos dentro dos Ciclos deverá ser expedida a Ficha Individual adotada pela escola, contendo de forma suscita os registros extraídos do relatório de acompanhamento do aluno relativo a aproveitamento e freqüência.**

Art. 126 - **Ao término do 1º Ciclo deverá ser expedido o Histórico Escolar que constará os seguintes dados:**

A) Identificação do estabelecimento de origem e endereço completo, natureza do ato da criação, instalação, autorização de funcionamento ou reconhecimento, conforme o, caso, com citação e data da respectiva publicação;

B) Identificação do aluno com nome completo, sua filiação, data de nascimento, nacionalidade, naturalidade e quando for o caso, dados relativos ao certificado de reservista e ao título de eleitor;

C) Currículo das séries ou períodos concluídos e no caso da transferência durante o período letivo, também o da série ou período em curso, até a data da transferência;

Art. 127 - **A transferência de um estabelecimento para outro será obtida pelo interessado, isto é, por um responsável pelo aluno, em qualquer época, mediante requerimento, devendo o mesmo ser subscrito e assinado pelo requerente.**

Parágrafo Único – Em casos excepcionais, a serem estudados pela administração da escola, poderá ser permitida a transferência, no último bimestre letivo.

Art. 128 - **A transferência far-se-à pelo núcleo comum, podendo ser aceita pelo estabelecimento, desde que haja vaga, salvo os casos previsto em lei.**

Art. 129 - **Ao aluno transferido será dado o prazo de 30 (trinta) dias para que satisfaça às exigências legais relativas à documentação.**

TÍTULO VI

DA AVALIAÇÃO E SUA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

CAPÍTULO I – DA VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

Art. 130 - **A educação básica, no nível fundamental, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:**

I - A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

A) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
B) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
C) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
D) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

Art. 128 - **Os alunos deverão ser avaliados em cada disciplina e ao longo de todo o processo, com apresentação periódica de resultados, de modo a permitir, ao final de cada ano letivo, a apreciação do seu desempenho pelo Conselho de Classe.**

Parágrafo Único – Com base em avaliação realizada ao final de cada ano letivo, o Conselho de Classe deverá recomendar, dentre as alternativas curriculares oferecidas pela escola, a que melhor se adequar às características de cada aluno.

Art. 129 - **As normas de verificação de rendimento escolar compreendem avaliação do aproveitamento e a apuração de assiduidade observando o disposto na legislação vigente.**

§ 1° - Os resultados das avaliações devem ser apresentados de forma descritiva.

§ 2° - Os resultados e os instrumentos de avaliação devem ser apresentados aos alunos ou aos seus responsáveis, no prazo de 15(quinze) dias após encerradas as avaliações.

§ 3° - Os resultados da avaliação da aprendizagem bem como a apuração de assiduidade devem constar os registros escolares.

§ 4° - A verificação do Regimento Escolar é processo contínuo do qual devem participar a direção, especialistas, professores e alunos.

§ 5° - O acompanhamento e a avaliação dos resultados dos alunos são feitos de acordo com o dispositivo neste Regimento e devem possibilitar:

I - o replanejamento didático visando garantir a efetivação do processo ensino-aprendizagem;

II - a permanente informação ao aluno de seu desempenho em relação aos objetivos do currículo;

III - o planejamento dos estudos de recuperação de acordo com as necessidades do aluno;

IV - o fornecimento dos dados para a auto avaliação da escola e informação à comunidade quanto aos resultados do trabalho escolar, nos termos da legislação em vigor;

V - aprofundamento da análise das necessidades dos alunos e das escolas apontados nos resultados do programa de avaliação da Escola Pública de Minas Gerais.

Art. 130 - **No início do ano letivo, faz-se a diagnose da aprendizagem cujo o resultado serve para verificar os aspectos programáticos já vencidos e possibilitar a continuidade do desenvolvimento dos programas.**

Art. 131 - **Os processos de avaliação aferem, preferência a compreensão dos fatos, a percepção de relações, aplicação de conhecimentos, as habilidades e automatismo adquiridos evitada a aferição de dados memorizados.**

Art. 132 - **Participam da avaliação todas as pessoas diretamente ligadas ao processo ensino-aprendizagem.**

§ 1° - Vários instrumentos de medidas são utilizados: (teste, trabalhos individuais ou em equipe, pesquisas, observações e outros), devendo o professor selecioná-los de acordo com a natureza da matéria e o tratamento metodológico adotado.

§ 2° - Os instrumentos de avaliação são elaborados pelos professores, supervisor e com participação do diretor de acordo com o currículo desenvolvido.

§ 3° - A auto avaliação do aluno é adotada por constituir instrumento indispensável ao seu desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem.

Art. 133 - **A avaliação do rendimento escolar é feita por conteúdo específico.**

Art. 134 - **O processo de apuração de assiduidade fica a cargo do professor, que deve fazer o registro diário da freqüência dos alunos.**

Art. 135 - **Para a conclusão de cada ciclo o aluno deverá ter alcançado o nível de aprendizagem exigido e verificado através de avaliação realizada pelo Conselho de Classe, com base em avaliações realizadas pelos professores ao longo do último ano de cada ciclo.**

Parágrafo Único – Os alunos Que não demonstrarem ter alcançado o nível de aprendizagem exigido deverão realizar estudos complementares.

CAPÍTULO II – DA CLASSIFICAÇÃO E RECLASSIFICAÇÃO

SEÇÃO I – DA CLASSIFICAÇÃO

Art. 136 - **Classificar significa posicionar o aluno em séries anuais, períodos semestrais, ciclos ou outras formas de organização compatíveis com sua idade, experiência, nível de desempenho ou de conhecimento.**

Art. 137 – **A classificação do aluno em qualquer série anual, período semestral ou ciclos, exceto a primeira do Ensino Fundamental, pode ser feita:**

I- por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento, a série ou fase anterior, na própria escola;

II- por transferência, para candidatos procedentes de outras escolas;

III- por avaliação, independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato, e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino.

§ 1° - A descrição do processo de classificação fica a cargo de uma comissão presidida pela direção da escola, sendo representada por dois professores e pelo especialista.

§ 2° - Os documentos que fundamentam a classificação são arquivados na escola.

SEÇÃO II – DA RECLASSIFICAÇÃO

Art. 138 - **Reclassificação é reposicionar o aluno em série, período, ciclo, fase ou etapa diferente daquela indicada em seu Histórico Escolar. É recomendável que a decisão de reclassificação seja decorrente de manifestação de uma comissão, presidida pela direção da Escola, e que tenha representantes docentes do curso no qual o aluno deverá ser classificado, bem como os profissionais responsáveis pela Coordenação/Supervisão das atividades pedagógicas.**

Art. 139 - **A escola poderá reclassificar os alunos, em série, período, ciclo, fase ou etapa inclusive quando se trata de transferência entre estabelecimentos situados no País e no exterior, tendo como base as normas curriculares gerais.**

Parágrafo Único – Os documentos que fundamentam a reclassificação são arquivados na escola.

CAPÍTULO III – DA FREQÜÊNCIA

Art. 140 - **O controle de freqüência fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas do respectivo sistema de ensino, exigida a freqüência mínima de setenta e cinco por cento no final de cada Ciclo.**

Art. 141 - **A freqüência será registrada no relatório de acompanhamento do aluno, diariamente, tendo-se o cuidado de verificar se a carga horária e o número de dias letivos estão cumprindo os dispositivos da Legislação Vigente.**

Parágrafo Único – A freqüência passa a ser apurada pelo total das horas letivas e não mais sobre a carga horária de cada componente curricular.

Art. 142 - **A Escola Estadual "Professor Franco da Rosa" realiza, a cada bimestre, reunião com os pais para informar sobre a freqüência e desempenho de alunos.**

§ 1° - Persistindo a infreqüência, a direção da escola organiza uma comissão que entra em contato direto com os pais, para solucionar a questão.

§ 2° - Não conseguindo extinguir o problema, a escola informa as autoridades competentes (Conselho Tutelar, Ministério Público) que tomam as providências cabíveis.21

CAPÍTULO IV – DA PROMOÇÃO

Art. 143 – **Compete às escolas que ministram o ensino fundamental regular e/ou regular de suplência proceder à avaliação de candidato maior de 14 anos que requeira o comprovante de conclusão do 4° ano do 1° Ciclo do ensino fundamental, nos termos do artigo 39 da Resolução SEE 7718/95 DE 07/07/95.**

Art. 144 - **O candidato deve ser submetido a três provas escritas, cada qual com o valor de 100 pontos:**

I- 01 (uma) prova de Português, incluindo redação.
II- 01 (uma) prova de Matemática.
III- 01 (uma) prova conjunta de Geografia, História e Ciências (iniciação).

Parágrafo Único – Os temas da redação devem ser compatíveis com a vivência do candidato.

Art. 145 - **Considera-se aprovado o candidato que obtiver o mínimo de 50 pontos em cada uma das provas.**

Art. 146 - **Compete a cada escola a responsabilidade pela elaboração, aplicação e correção das provas.**

Art. 147 - **Aprovado o candidato, os resultados obtidos devem ser registrados em Ata.**

Art. 148 - **Cabe à escola expedir o Certificado ao candidato aprovado.**

Art. 149 - **O Certificado de conclusão do 4° ano do 1° Ciclo do ensino fundamental confere ao candidato o direito ao prosseguimento de estudos.**

Art. 150 - **Em nenhuma hipótese a escola estadual que ministra o Ciclo Básico e o 1º Ano do Ciclo Intermediário pode se recusar a aplicar a avaliação de que trata esta Resolução.**

TÍTULO VII

DO PESSOAL

CAPÍTULO I – DO PESSOAL DOCENTE E ADMINISTRATIVO

Art. 151 - **O pessoal a serviço da Escola Estadual "Professor Franco da Rosa" será constituído de docentes e especialistas em educação e pessoal administrativo, com base na Lei 11721/94 e nos critérios estabelecidos pela Legislação Vigente.**

Art. 152 - **A formação de profissionais da educação, de modo a atender os objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando tem como fundamentos:**

I- A associação entre teorias e práticas, inclusive mediante capacitação em serviço;

II- Aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Art. 153 - **A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-à em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em Universidade e Institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistérios, na educação infantil e nos quatro primeiro ano do 1º Ciclo do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.**

Art. 154 - **A admissão do pessoal ficará sujeita às exigências legais vigentes.**

Art. 155 - **O pessoal docente e administrativo terá seus direitos assegurados, em conformidade com a legislação pertinente, de acordo com o respectivo regime de admissão e ato que o regulou.**

Art. 156 - **Constituem deveres do pessoal decente e administrativo o desempenho de todas as atividades que, por sua natureza, são inerentes à função que exercem,**

Art. 157 - **Os funcionários serão avaliados periodicamente (semestralmente) através de fichas que fazem parte do processo de avaliação de desempenho validado pela 41ª SER.**

SEÇÃO I – DA CATEGORIA E FORMAS DE ADMISSÃO

Art. 158 - **Sem prejuízo do disposto no artigo anterior, a escola estabelece critérios complementares para organização do Quadro de Pessoal.**

Parágrafo Único: Os critérios complementares, após aprovação pelo Colegiado e registrado em Ata, são validados pela S.R.E. e amplamente divulgados junto à comunidade escolar, antes do término do ano letivo anterior. Os funcionários serão avaliados periodicamente através de fichas que fazem parte do processo de avaliação de desempenho validado pela S.R.E.

SEÇÃO II – DOS DIREITOS DOS PROFESSORES

Art. 159 - **Os professores, além dos direitos e regalias que lhes são asseguradas pela legislação em vigor, terão ainda as seguintes prerrogativas:**

I- De requisitar todo o material didático que julgar necessário às aulas, dentro das possibilidades do Estabelecimento;
II- De utilizar os livros da biblioteca e das dependências e instalações do Estabelecimento, necessárias ao exercício de suas funções;
III- De indicar os livros didáticos de sua disciplina e opinar sobre programas e sua execução, planos de ensino, técnicas e métodos utilizados;
IV- De apresentar à Diretoria as faltas disciplinares dos alunos;
V- De valer-se, com conhecimento da diretoria, dos serviços auxiliares do estabelecimento, para melhor exercício de suas atribuições;
VI- De desincubir-se das atribuições e competências determinadas por este Regimento;
VII- De exigir o tratamento e respeito adequados e compatíveis com a sua função.

SEÇÃO III – OS DEVERES DOS PROFESSORES

Art. 160 - **Constituem deveres do pessoal do magistério:**

I- Elaborar e executar integralmente os programas, planos e atividades da escola no que for de sua competência;
II- Cumprir e fazer cumprir os horários e calendários escolares;
III- Ocupar-se com o zelo, durante o horário de trabalho no desempenho das atribuições de seu cargo;
IV- Manter e fazer com que seja mantida a disciplina em sala de aula e fora dela;
V- Comparecer às reuniões para as quais for convocado;
VI- Participar das atividades escolares;
VII- Zelar pelo bom nome da unidade de ensino;
VIII- Respeitar alunos, colegas, autoridades de ensino e funcionário administrativos, de forma compatível com a missão do educador;
IX- Controle e avaliação do rendimento escolar, recuperação dos alunos, auto-aperfeiçoamento, pesquisa educacional e cooperação no âmbito da escola, para aprimoramento tanto do

processo ensino-aprendizagem, como da ação educacional e participação ativa na vida comunitária da escola.

SEÇÃO IV – DOS DIREITOS DO PESSOAL ADMINISTRATIVO

Art. 161 - **O Pessoal Administrativo, além dos direitos e regalias que lhes são asseguradas pela legislação em vigor, terão ainda as seguintes prerrogativas:**

I- Requisitar todo material que julgar necessário para o desempenho de suas funções, dentro das possibilidades do Estabelecimento;
II- Exigir o tratamento e respeito adequado compatíveis com sua função;
III- Proporcionar ambiente agradável para melhor desempenho de suas funções;
IV- Solicitar a colaboração do pessoal da escola, bem como a valorização do trabalho;
V- De desincubir-se das atribuições e competências determinadas por este Regimento.

SEÇÃO V – DOS DEVERES DO PESSOAL ADMINISTRATIVO

Art. 162 - **Constituem deveres dos funcionários administrativo, o desempenho de todas as atividades que por sua natureza são inerentes à função que exercem.**

Art. 163 - **São deveres do funcionário:**

I- Assiduidade;
II- Pontualidade;
III- Discrição;
IV- Urbanidade;
V- Lealdade às instituições constitucionais e administrativas a que servir;
VI- Observância das normas legais e regulamentares;
VII- Obediência às ordens superiores, exceto quando manifestamente ilegais;
VIII- Levar ao conhecimento da autoridade superior irregularidade de que tiver ciência em razão do cargo;
IX- Zelar pela economia e conservação do material que lhe foi confiado;
X- Providenciar para que esteja sempre em ordem no assentamento individual a sua declaração de família;
XI- Atender prontamente:
a.) Às requisições para a defesa da Fazenda Pública;
b.) À Expedição das certidões requeridas para a defesa do direito.

SEÇÃO VI – DEVERES DO DOCENTE

Art. 164 - **A espécie, graduação e a forma de aplicação das penas a que está sujeito o pessoal do docente e administrativo são as constantes do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado de Minas Gerais (Lei nº 869/52) e o Estatuto do Magistério (Lei nº 7.109/77)**

Art. 165 - **As penalidades serão aplicadas pelos Órgãos competentes, de acordo com a legislação em vigor.**

SEÇÃO VII – DA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO

Art. 166 - **O processo de Avaliação de Desempenho da Escola Estadual "Professor Franco da Rosa", tem por objetivo conscientizar e assegurar o crescimento profissional, bem como promover a democratização da Escola através da participação coletiva, atendendo a proposta pedagógica adotada a fim de garantir a qualidade do ensino.**

Art. 167 - **A avaliação de desempenho será semestral e em sua linha de ação avaliará diretor, vice-diretor, especialistas, professores, secretárias, auxiliares e ajudantes de serviços gerais.**

Art. 168 - **A Diretora e Vice-diretora, serão avaliadas em relacionamento humano e aspectos profissionais.**

Art. 169 - **Os especialistas e professores serão avaliados em: sua competência técnica, potencial de crescimento, ética profissional, relações humanos, organização e responsabilidade.**

Art. 170 - **A secretária, auxiliares e ajudante de serviços gerais, serão avaliados em desempenho, objetivo, conhecimento, característica do indivíduo, pontualidade, relações humanas e outros.**

TÍTULO VIII

DO REGIME DISCIPLINAR

CAPÍTULO I – DO PESSOAL DISCENTE

Art. 171 - **O pessoal discente da Escola Estadual "Professor Franco da Rosa", compreende todos os alunos matriculados nos três anos do Ciclo Básico e do 1º Ano do Ciclo Intermediário do Ensino Fundamental.**

SEÇÃO I – DOS DIREITOS DOS ALUNOS

Art. 172 - **A criança e o adolescente têm direito a educação, visando ao pleno desenvolvimento de pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho assegurando-lhe:**

I- Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II- Direito de ser respeitado por seus educadores;

III- Direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
IV- Direito de organização e participação em entidades estudantis;
V- Acesso a escola pública e gratuita próxima de sua residência;
VI- Recorrer às autoridades escolares, quando julgar prejudicados seus direitos;
VII- Utilizar-se de livros da biblioteca, nos termos de regulamentos e normas próprios;
VIII- Utilizar-se das instalações e dependências do Estabelecimento, que lhes forem necessários, na forma e nos horário a eles reservados;
IX- Tomar conhecimento de sua freqüência;
X- Ser tratado com humanismo e respeito por todo o pessoal da escola;
XI- Merecer assistência educacional de acordo com suas necessidades e com as possibilidades da escola;
XII- Requerer cancelamento de matrícula ou transferência, quando maior de idade, ou através do pai ou responsável, quando menor;
XIII- Apossar-se de todos os seus trabalhos escritos feitos durante o ano letivo.

Parágrafo Único: É direito dos pais ou responsáveis Ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

SEÇÃO II – DOS DEVERES DOS ALUNOS

Art. 173 - **Os deveres dos alunos se consubstanciam em função dos objetivos das atividades educacionais e da preservação dos direitos do conjunto da comunidade escolar.**

Art. 174 - **São deveres do corpo discente, além daqueles previstos na legislação aplicável:**

I- Conhecer, fazer conhecer e cumprir este Regimento, bem como as normas disciplinares da unidade escolar;
II- Contribuir no que lhe couber, para prestígio do estabelecimento;
III- Comparecer pontual e assiduamente às atividades que lhes forem afetas, empenhando-se para o sucesso de sua execução;
IV- Zelar pela conservação do prédio e suas instalações, dos equipamentos e de todo o material escolar e concorrer para o asseio das dependências da unidade escolar, ficando responsável pelos danos que lhe causar;
V- Não portar material que represente perigo para sua saúde, segurança e integridade física ou de outrem;
VI- Respeitar toda autoridade constituída na unidade escolar, assim como aos demais servidores e colegas;
VII- Cumpri tarefas escolares que lhe forem requeridas com o objetivo de avaliar o seu aproveitamento;
VIII- Durante as aulas, não mascar chicletes, chupar balas, merendar e usar boné.
IX- Observar os preceitos de higiene individual;
X- Não perturbar o andamento dos trabalhos nas salas de aula, auditório, biblioteca, outras dependências e nas imediações da Escola;
XI- Não retirar-se da sala de aula, sem permissão, antes do término das atividades escolares;

SEÇÃO III – DAS PENALIDADES

Art. 175 - **Aos alunos serão aplicadas penalidades a critério da Direção da Escola, conforme a gravidade e reincidência das faltas cometidas, serão encaminhados ao Conselho Tutelar do Menor.**

Art. 176 - **Quando o aluno infringir as normas da escola, serão tomadas as seguintes medidas:**

I- Advertência oral, em particular;
II- Advertência escrita com assinatura dos pais lavrando-se ocorrência em livro próprio, quando o aluno é menor de idade;
III- Após a 3ª advertência o aluno só retorna à escola com os pais;

TÍTULO IX

DOS REGISTROS, ESCRITURAÇÃO E ARQUIVOS ESCOLARES

CAPÍTULO I – FORMAS E OBJETIVOS

Art. 177 - **Os atos escolares, para efeitos de registro, comunicação de resultados e arquivamento, serão escriturados em livros e fichas padronizadas, observando-se, no que couber, os regulamentos e disposições legais aplicáveis.**

Art. 178 - **Os livros de escrituração escolar conterão termos de abertura e encerramento e, bem como as fichas a ser usarem, as características imprescindíveis e essenciais à identificação e comprovação dos atos que se registrarem, datas e assinaturas que os autenticarem.**

Art. 179 - **A autenticidade dos documentos e escrituração escolares se verificará e será certificada pela aposição da assinatura do Diretor e do Secretário.**

Art. 180 - **Resguardadas as características e a autenticidade, em qualquer época, poderá o estabelecimento substituir os livros, fichas e modelos de registro e escrituração, descritos neste Regimento, por outros, bem como alterar os processos utilizados, simplificando-os.**

Art. 181- **Serão válidas as cópias mecânicas de documentos escolares, desde que conferidas com o original e autenticadas por um elemento da Secretaria.**

Art. 182 - **Do arquivo escolar devem constar os registros de atividades e atos escolares dos alunos e servidores, devendo para tato ser dividido em:**

I- Arquivo vivo: é constituído dos documentos relativos aos alunos que estão freqüentando a escola e servidores ativos;
II- Arquivo morto: é constituído pelos documentos desnecessários ao movimento cotidiano da escola e que não podem ser incinerados.

CAPÍTULO II – DOS INSTRUMENTOS DE REGISTRO E ESCRITURAÇÃO

SEÇÃO I – DOS LIVROS

Art. 183 - **Serão os seguintes, os livros de escrituração:**

a) Livro de Registro de Matrícula e Resultados Finais;
b) Livro de Atas de Resultados Finais;
c) Livro de Atas de Exames e Processos Especiais de Avaliação;
d) Livro de Controle de Recursos da Caixa Escolar;
e) Livro de Atas de Incineração de Documentos;
f) Livro de Termo de Visita de Inspetores;
g) Livro Registro de Ponto;
h) Atas de promoção do 4º ano do 1º ciclo.

SEÇÃO II – DOS DOCUMENTOS ESCOLARES

Art. 184 - **Serão adotados os seguintes documentos escolares:**

a) Histórico Escolar;
b) Declaração de Expedição de Histórico Escolar;
c) Ficha Individual;
d) Relatório de Atividades Escolares;
e) Diários de Classe;
f) Declarações de Curso;
g) Ficha de Matrícula;
h) Requerimento de Transferência;

SEÇÃO III – DO ASSENTAMENTOS INDIVIDUAIS DOS ALUNOS, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

Art. 185 - **De cada aluno, professor ou funcionário haverá uma pasta individual, que deverá conter:**

a) Transcrição de dados pessoais (nome, filiação, estado civil, data e local de nascimento, endereço, situação eleitoral, militar) e, para os professores e funcionários, a transcrição de registro e autorização para lecionar ou para o exercício de funções específicas.
b) Para arquivamento, documento definitivo de transferência recebido pelo Estabelecimento ou comprobatório de conclusão de cursos ou estudos realizados pelo aluno.
c) Histórico Escolar, com transcrição, período, dos resultados finais e freqüência em cada disciplina, atividade ou conteúdo, apurados após recuperação final.

Art. 186 - **De cada funcionário deve haver uma documentação, incluindo uma Ficha Funcional, contendo toda a sua vida funcional.**

CAPÍTULO III – DA INCINERAÇÃO

Art. 187 - **Lavrada devidamente as atas, poderão ser incinerados os seguintes documentos escolares e de escrituração:**

I- Diários de Classe, Fichas Individuais, provas finais ou especiais e relativos à recuperação;
II- Atestados médicos, documentos dispensáveis relativos a professores e funcionários, após a transcrição nos assentamentos individuais;
III- Declaração de Expedição de Histórico Escolar, após a entrega pelo aluno do documento definitivo;
IV- Outros documentos, com autorização dos órgãos competentes.

Parágrafo único: A eliminação de documentos será feita através de incineração, mediante lavratura de termo por autoridade competente em livro próprio.

CAPÍTULO IV – RESPONSABILIDADE E AUTENTICIDADE

Art. 188 - **Ao Diretor e Secretario caberão a responsabilidade por toda a escrituração e expedição de documentos escolares, bem como dar-lhes a autenticidade pela aposição de assinaturas.**

Parágrafo Único – Todos os funcionários serão responsáveis na respectiva órbita de competência, pela guarda e inviolabilidade dos arquivos, documentos e escrituração escolares.

TÍTULO X

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 189 - **Das decisões do Estabelecimento caberá recurso para os órgãos superiores.**

Art. 190 - **Este Regimento, elaborado de acordo com a legislação vigente, não deverá constitui-se em barreira que impeça o desenvolvimento e a adaptação desta Escola às novas necessidades da Educação dentro do contexto regional e nacional, mas deverá ser a norma prática de seu funcionamento admitindo a possibilidade de maior enriquecimento.**

Art. 191 - **Os casos omissos neste Regimento poderão ser resolvidos pela Direção do estabelecimento ou pelos órgãos competentes, respeitadas as determinações legais vigentes.**

Três Corações, 16 de outubro de 2000.

Eliane do Prado Arantes de Souza
Diretora

REGIMENTO
ESCOLAR

ESCOLA ESTADUAL
"JORGE AVELLAR NETO"

REGIMENTO ESCOLAR DA ESCOLA ESTADUAL "JORGE AVELLAR NETO" RO20A2

INTRODUÇÃO

1 – HISTÓRICO

A Escola Estadual "Jorge Avellar Neto", do 1° Ciclo do Ensino Fundamental, de Três Corações, foi criada pelo decreto n° 724.537 de 22 de março de 1985, obteve autorização de funcionamento pela Portaria da SEE, n° 407/85 de 29 de março de 1985. Era Prefeito na época o Sr Ailton Paranaíba Vilela, Governador do Estado o Sr Hélio Carvalho Garcia e o Secretário da Educação o Sr Octávio Elísio Alves de Brito. A Escola pertence à jurisdição da 41ª Superintendência Regional de Ensino de Varginha.

A Escola é composta de 6 salas de aulas, dependências administrativas, consultório odontológico, biblioteca, cantina, sanitários masculino e feminino, área para recreação e horta. Atualmente o funcionamento é feito em 1 turno: matutino com 4 turmas.

A Escola recebeu o nome de "Jorge Avellar Neto" em homenagem ao ilustre tricordiano radialista e jornalista, que soube valorizar, honrar e lutar pelo progresso de Três Corações. Foi incentivador da Educação e cultura de sua terra natal.

Sua primeira diretora foi a professora Eloísa Elena Silva Pereira, que esteve na direção no período de 02/02/85 a 30/07/89. Hoje, a escola conta com uma Coordenadora, a Professora Lucidalva da Silva Pinheiro.

2 – IDENTIFICAÇÃO

A Escola Estadual "Jorge Avellar Neto" – RO20A2 1° Ciclo do Ensino Fundamental. Integrante da Rede Estadual de Ensino, está localizada à Rua Juscelino Kubitscheck, n° 155, no Bairro Chácara das Rosas, município de Três Corações – MG, telefone (35) 3232-2065.

Seus alunos são advindos de todos os bairros do município. Tendo como característica marcante a carência afetiva e material. São alunos em sua grande maioria necessitados de assistência em alimentação, material escolar, vestuário.

TÍTULO I – DA EDUCAÇÃO

Art. 1° - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1° - Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º - A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

CAPÍTULO I – DOS PRINCÍPIOS E FINS DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII – valorização do profissional da educação escolar;

VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX – garantia de padrão de qualidade;

X – valorização da experiência extra-escolar;

XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;

CAPÍTULO II – DOS OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
SEÇÃO I – DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 4º - O 1º Ciclo Básico e 1º Ano do Ciclo Intermediário do Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

§1º - Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

§2º - O Ensino Fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, e o processo próprio de aprendizagem.

§3º - O Ensino Fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

Art. 5º - O ensino religioso constitui disciplina dos horários normais das escolas, sendo oferecido com ônus para os cofres públicos por professor com credenciamento de acordo com a legislação vigente.

Art. 6º - A jornada escolar no Ensino Fundamental incluirá quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula.

CAPÍTULO III – DA ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 7º - A E.E. "Jorge Avellar Neto", respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, tem incumbência de:

I – elaborar e executar sua proposta pedagógica;

II – administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;

III – assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;

IV – velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;

V – prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;

VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

Art. 8º - Os docentes incumbir-se-ão de:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III – zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

CAPÍTULO IV – DA POLÍTICA EDUCACIONAL DA ESCOLA

Art. 9º - Tendo em vista os fins da Educação Nacional, a Escola Estadual "Jorge Avellar Neto" de 1º Ciclo do Ensino Fundamental se pressupõe a:

I – Possibilitar ao educando oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de suas potencialidades, tendo em vista o atendimento às diferenças individuais;

II – formar o cidadão dentro dos ideais culturais, cívicos, morais e sociais da comunidade, e dar-lhes conhecimentos necessários para que seja um elemento útil a si mesmo, à sociedade e à Pátria;

III – preparar o indivíduo para que ele tenha uma atitude positiva, frente às mudanças: que seja capaz de raciocinar, discernir, interpretar, atuar em situações novas, participando da solução de problemas, comunicando com clareza suas idéias, apreciando com justiça o que o cerca;

IV – proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização;

V – visar o desenvolvimento integral da personalidade humana e sua participação na sociedade, formando o aluno para exercer uma cidadania consciente;

VI – formar cidadãos participativos, críticos e criativos.

TÍTULO II – DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E TÉCNICA
CAPÍTULO I – DA ADMINISTRAÇÃO
SEÇÃO I – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 10 - A Administração da Escola Estadual "Jorge Avellar Neto" do Ciclo Básico e do 1° Ano do Ciclo Intermediário do Ensino Fundamental é exercida:

- pela Diretoria (Coordenação)
- pelo Colegiado

Art. 11 - A Diretoria é constituída :

- pelo Diretor da Escola (Coordenador)

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 12 – É função específica da administração da Escola Estadual "Jorge Avellar Neto":

I – ser articulador, político, pedagógico e administrador da escola;

II – planejar todo o trabalho escolar;

III – organizar, coordenar, controlar e avaliar os trabalhos educacionais desenvolvidos no estabelecimento.

Art. 13 – São atribuições e deveres do Diretor da Escola Estadual:

I – Administrar o patrimônio da escola, que compreende as instalações físicas, os equipamentos e materiais.

II – Manter atualizado o inventário dos materiais e bens existentes na escola.

III – Zelar pela adequada utilização e preservação dos bens móveis da escola.

IV – Racionalizar o uso dos bens materiais de consumo da escola.

V – Tomar providências necessárias à manutenção, conservação e reforma do prédio, dos equipamentos e do mobiliário da escola.

VI – Definir, junto com o Colegiado, os horários de funcionamento da escola.

VII – Coordenar a administração financeira e a contabilidade da escola.

VIII – Levantar as necessidades de recursos para atender à previsão de despesas rotineiras e eventuais da escola.

IX – Elaborar o orçamento da escola, submetendo-o à aprovação do Colegiado.

X – Providenciar o recebimento de verbas oficiais e orientar a captação de recursos em outras fontes.

XI – Aplicar em tempo hábil, os recursos obtidos, tendo em vista o atendimento às necessidades da escola.

XII – Submeter ao Colegiado da Escola a prestação de contas dos recursos aplicados.

XIII – Coordenar a administração de pessoal.

XIV – Definir, com o Colegiado, o quadro de pessoal da Escola, observando os dispositivos legais pertinentes.

XV – Promover a avaliação de desempenho dos profissionais da escola.

XVI – Determinar medidas necessárias ao ingresso, à movimentação e ao processamento de benefícios, direitos e vantagens dos servidores da escola.

XVII – Definir o quadro de distribuição de tarefas e assegurar o seu cumprimento.

XVIII – Fazer cumprir o regime disciplinar previsto na legislação específica.

XIX – Assegurar a atualização das fichas funcionais dos servidores da escola.

XX – Definir, com os servidores da escola, seus períodos de férias.

XXI – Favorecer a gestão participativa da escola.

XXII – Convocar assembléias para a eleição dos membros do Colegiado.

XXIII – Organizar o Colegiado da escola, esclarecendo-o sobre suas funções.

XXIV – Convocar as reuniões do Colegiado e presidi-las.

XXV – Submeter a apreciação do Colegiado questões que devem ser decididas participativas.

XXVI – Fazer cumprir as decisões do Colegiado.

XXVII – Delegar competência quando se fizer necessário de acordo com os dispositivos legais.

XXVIII – Gerenciar ações de desenvolvimento dos recursos humanos da escola.

XXIX – Participar do levantamento de necessidades de capacitação do pessoal da escola.

XXX – Providenciar ações de capacitação dos profissionais da escola tendo em vista as necessidades identificadas.

XXXI – Articular com instituições e pessoas, visando à sua participação nas atividades de capacitação do pessoal da escola.

XXXII – Encaminhar demanda de cursos aos órgãos competentes, quando necessário.

XXXIII – Orientar o funcionamento da secretaria da escola.

XXXIV – Estabelecer a rotina de funcionamento da secretaria, garantindo a regularidade das atividades e informações.

XXXV – Orientar a secretaria da escola sobre normas e procedimentos referentes à escrituração escolar e à situação funcional dos servidores.

XXXVI – Organizar o arquivo de legislação referente à educação.

XXXVII – Supervisionar a análise de processos de regularização de vida escolar.

XXXVIII – Participar do atendimento escolar no município.

XXXIX – Colaborar na realização do cadastro escolar.

XL – Propor a expansão de níveis e modalidades de ensino, com base nas necessidades da comunidade.

XLI – Promover a regularização do fluxo escolar, tomando medidas que visem à redução da evasão e da repetência.

XLII – Representar a Escola junto aos demais órgãos e agências sociais do município.

XLIII – Coordenar a elaboração, implementação, acompanhamento e avaliação do plano de desenvolvimento da escola.

XLIV – Articular a comunidade na elaboração, implementação, acompanhamento e avaliação do plano de desenvolvimento da escola.

XLV – Promover estudos e debates para subsidiar a elaboração do plano de desenvolvimento da escola, identificando as características da clientela, definindo a missão da escola e sugerindo as ações a serem desenvolvidas.

XLVI – Coordenar a elaboração do plano de desenvolvimento da escola viabilizando a participação de todos, conforme a dinâmica de planejamento estabelecida.

XLVII – Submeter o plano de desenvolvimento da escola à aprovação do Colegiado e promover sua divulgação.

XLVIII – Discutir com a comunidade escolar a operacionalização do plano de desenvolvimento da escola, definindo as responsabilidades de cada segmento e a dinâmica a ser útil.

XLIX – Promover a integração dos diversos setores da escola, visando assegurar a unidade necessária à efetivação do plano de desenvolvimento da escola.

L – Acionar medidas destinadas a garantir condições administrativas, financeiras e pedagógicas necessárias à implementação das ações previstas no plano de desenvolvimento da escola.

LI – Propor o replanejamento do plano de desenvolvimento da escola com base nos resultados da avaliação

SEÇÃO III – DO FUNCIONAMENTO

Art. 14 – O provimento do cargo de diretor, desta unidade de ensino, faz-se mediante processo de seleção competitiva interna, para apuração objetiva do mérito, compreendendo as seguintes etapas:

I – provas para avaliação de títulos e da capacidade de gerenciamento do candidato;

II – apuração pela comunidade escolar da aptidão de liderança;

III – o servidor selecionado para o cargo de diretor, tem mandato de três anos conforme legislação vigente.

Art. 15 – As decisões devem ser compartilhadas para que a educação atenda aos interesses de todos. Pessoas e grupos devem ter espaço para influenciar nos rumos da instituição.

Parágrafo único: A gestão democrática é necessariamente participativa.

Art. 16 – A diretoria da E.E. "Jorge Avellar Neto" tem o seu funcionamento determinado pela legislação em vigor, em consonância com as necessidades do estabelecimento.

Parágrafo único: O horário de trabalho da Diretoria deve ser amplamente conhecido de toda a comunidade escolar.

CAPÍTULO II – DO COLEGIADO (Resol. 7943/97)
SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 17 – O Colegiado tem as seguintes finalidades:

I - Promover a integração da escola com a comunidade.

II - Criar condições que favoreçam a autonomia pedagógica, administrativa e financeira das escolas estaduais de Minas Gerais.

III - Adotar instrumentos que possibilitem a gestão democrática.

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 18 - Ao Colegiado, observadas as normas legais e as diretrizes estabelecidas para o setor educacional e as especialidades da comunidade escolar, compete:

I – participar da elaboração, avaliação, reformulação e acompanhamento do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) e comprometer-se com a sua implementação;

II – opinar e apresentar sugestões sempre que necessário, sobre as ações programadas no PDE, com vistas à capacitação e ao aperfeiçoamento dos profissionais da educação que atuam na escola;

III – propor a expansão do atendimento escolar e a organização da escola com base nos resultados do cadastro escolar e na capacidade das instalações físicas disponíveis;

IV – analisar e aprovar os critérios complementares, estabelecidos pela escola (corpo técnico - administrativo e pedagógico), para o desempate na designação de pessoal que exercerá a função pública, na escola, observada a legislação pertinente;

V – definir o quadro de pessoal da escola, observada a legislação específica, as diretrizes estabelecidas no PDE e a Grade Curricular;

VI – analisar e aprovar os critérios adotados para a distribuição de turmas e de aulas, entre os professores da escola, na conformidade com os dispositivos legais pertinentes;

VII – emitir parecer sobre a movimentação e o afastamento do pessoal docente, técnico e administrativo requeridos pelos interessados ou propostos pelo Diretor da escola, por conveniência pedagógica e administrativa;

VIII – recomendar providências adequadas à melhor utilização do espaço físico, do material escolar e didático, da merenda escolar e do aproveitamento racional dos servidores da escola;

IX – acompanhar a participação do pessoal da escola, em atividades voltadas para a cultura artística, literária e desportiva, e apresentar sugestões que assegurem a conciliação dessa participação com as atividades curriculares previstas;

X – participar do Programa de Avaliação da Escola Pública de Minas Gerais, nos termos da legislação específica que regula o assunto;

XI – manifestar-se sobre a proposta curricular da unidade de ensino, com vistas ao seu aperfeiçoamento e enriquecimento;

XII – analisar e aprovar o Calendário Escolar, levando-se em conta a conciliação das exigências legais com as peculiaridades regionais;

XIII – opinar sobre questões relativas ao rendimento escolar, indisciplina, infrequência de alunos e outros casos, submetidos a sua consideração, observadas as normas pertinentes aos assuntos apresentados;

XIV – propor ações que visem a redução e/ou a erradicação das causas geradoras das questões indicadas no inciso XII;

XV – deliberar sobre recurso ou representação referentes à vida escolar ou funcional de alunos, professores, especialistas de educação e demais servidores da escola;

XVI – acompanhar o processo de avaliação de desempenho;

XVII – analisar a avaliação do desempenho dos profissionais da escola, quanto ao mérito e os resultados do processo de avaliação de desempenho;

XVIII – referendar as decisões do Diretor quanto à aplicação das penalidades previstas na legislação que rege a matéria;

XIX – analisar e aprovar a proposta orçamentária anual, elaborada pela escola;

XX – analisar e aprovar a proposta orçamentária de aplicação de recursos financeiros, vinculados, não vinculados e de outros diretamente arrecadados pela própria escola, obedecida a legislação que rege a matéria;

XXI – analisar e aprovar a prestação de contas referentes à aplicação dos recursos financeiros, de conformidade com o planejamento e com os termos de compromissos firmados, quando for o caso;

XXII – fiscalizar e controlar a aplicação dos recursos Federais, destinados à merenda escolar;

XXIII – realizar o inventário anual dos bens permanentes, em conformidade com as normas legais pertinentes;

XXIV – aprovar propostas de aluguel de imóveis, quando necessário, para garantir o funcionamento da escola;

XXV – responsabilizar-se pelo procedimento de devolução de chaves de imóveis locados, cedidos a terceiros ou de propriedade do Estado, quando da sua desocupação;

XXVI –avaliar e aprovar as planilhas relativas à realização de reparos reformas e ampliações no prédio da escola, tendo em vista as necessidades pedagógicas previstas no PDE;

XXVII – apreciar e emitir parecer conclusivo sobre o desligamento de membros do Colegiado, motivado pelo descumprimento das normas estabelecidas em seu Estatuto.

SEÇÃO III – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 19 - O Colegiado é composto pelo Diretor da Escola, que o preside e 6 (seis) membros representantes dos segmentos:

I – professores, especialistas de educação e demais servidores da escola;

II – alunos regularmente matriculados e freqüentes, com idade mínima de 16 (dezesseis) anos;

III - pais ou responsáveis por alunos regularmente matriculados e frequentes.

§ 1° - Na representação dos segmentos, deverá ser garantida a seguinte proporcionalidade:

- 50% (cinqüenta por cento) para os servidores;

- 50% (cinqüenta por cento) para o segmento indicado no inciso II, deste artigo, considerado no seu conjunto;

§2° - Deverão ser eleitos, em Assembléia Geral, o representante e o suplente de cada segmento, observando-se a proporcionalidade estabelecida para cada um deles, conforme prevê o Estatuto do Colegiado.

§3° - Deverá ser registrada na data da Assembléia, a classificação dos eleitos com vistas ao preenchimento de vagas, no caso de afastamento de membro efetivo ou suplente;

§4° - Ao servidor que seja pai, mãe ou responsável por aluno de escola, será permitido representar, somente, o segmento de servidores.

Art. 20 - Ao Diretor competirá a convocação da comunidade escolar para a realização da Assembléia Geral, que elegerá o Colegiado.

§1° - Caberá ao Diretor orientar os participantes da primeira Assembléia Geral sobre:

I – a importância do Colegiado, sua competência e os objetivos que deverá perseguir;

II – a proporcionalidade de representantes em cada segmento;

III – os deveres do representante para com o segmento que representar;

IV – a época determinada para a escolha dos membros e a duração do seu mandato, no Colegiado.

Art. 21 – O membro do Colegiado que, por qualquer motivo, antes do término de seu mandato, desvincular-se do Colegiado ou da escola, será substituído por integrante do mesmo segmento que representar, observada a classificação prevista no artigo 2°, § 3°;

Parágrafo único - Esgotada a lista dos classificados, caberá ao Presidente do Colegiado promover a escolha do novo membro, em Assembléia realizada com os integrantes do segmento que sofrerá a substituição.

Art. 22 - Os membros do Colegiado, no exercício de seu mandato, deverá expressar e refletir a linha de pensamento do segmento que representa:

§1° - O membro do Colegiado que não cumprir, satisfatoriamente, a representação a ele conferida nos termos do Estatuto, poderá ser substituído, mediante, proposta dirigida ao presidente do Colegiado, assinada pela maioria dos integrantes de seu segmento.

§2° - Cada membro do Colegiado terá garantido o direito de manifestar sua opinião e a do segmento que representar, no exercício de seu mandato, sem restrição ou punição da parte de seus pares.

Art. 23 - O presidente do Colegiado deverá, no início de cada semestre, convocar a comunidade escolar para uma Assembléia Geral, que terá como objetivo propor ações a serem desenvolvidas pela escola em conformidade com o PDE e aprovar os relatórios das atividades que serão realizadas.

Parágrafo único - Caso o Presidente não faça a convocação da Assembléia Geral, prevista no capítulo deste artigo, a maioria do Colegiado representada no mínimo por 2/3 (dois terços) de seus componentes poderá tomar a iniciativa da convocação;

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 24 - O Colegiado reunir-se-à na sede da escola ou em outro local, quando se fizer necessário.

§ 1° - Deverá ser realizada no mínimo, uma reunião ordinária a cada mês do ano letivo e seu funcionamento será regulado no Estatuto do Colegiado.

§ 2° - Em caso de urgência ou de relevante interesse, o Presidente, por iniciativa própria, ou a requerimento da maioria dos membros em exercício, convocará reunião extraordinária, com objetivo determinado.

§ 3° - A reunião somente poderá ser instalada com a presença de pelo menos 2/3 dos membros efetivos do Colegiado e na falta destes, seus suplentes.

§ 4° - As reuniões serão registradas em atas aprovadas e assinadas pelos membros presentes, ao esgotar a pauta programada, e seus termos deverão ser divulgados à comunidade escolar.

§5° - Será permitida a participação de integrante da comunidade escolar, nas reuniões do Colegiado, sem direito ao voto, quando constar da pauta, assunto de seu interesse particular ou do interesse de seu representado, no caso de pais ou responsáveis por aluno menor de 16 anos.

SEÇÃO V – DAS FUNÇÕES

Art. 25 – O Colegiado tem função de caráter deliberativo e consultivo nos assuntos referentes à gestão pedagógica, administrativa e financeira da unidade de ensino, respeitadas as normas pertinentes.

§1° – As funções de caráter deliberativo compreendem a tomada de decisões relativas ás diretrizes e linhas gerais das ações pedagógicas, administrativas e financeiras, desenvolvidas na escola.

§2° – As funções de caráter consultivo compreendem à emissão de pareceres, quando consultado pelo Diretor da Escola, e/ou comunidade escolar sobre:

a) situações decorrentes das ações pedagógicas, administrativas e financeiras;
b) preposições de procedimentos para a melhoria da qualidade do trabalho escolar.

CAPÍTULO III – DA CAIXA ESCOLAR

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 26 - A Caixa Escolar "Jorge Avellar Neto" tem por finalidade geral, colaborar na assistência e formação do educando por meio de aproximação entre pais, alunos e professores, promovendo a integração: poder – comunidade – escola – família.

Art. 27 – Constituem finalidades específicas da CAIXA ESCOLAR JORGE AVELLAR NETO a conjunção de esforços, a articulação de objetivos e a harmonia de procedimentos, o que a caracteriza principalmente por:

a) interagir junto à escola como instrumento de transformação de ação, promovendo o bem-estar da comunidade do ponto de vista educativo, cultural e social;
b) promover a aproximação e a cooperação dos membros da comunidade pelas atividades escolares;
c) contribuir para a solução de problemas inerentes à vida escolar, preservando uma convivência harmônica entre pais ou responsáveis legais, professores, alunos e funcionários da escola;
d) cooperar na conservação dos equipamentos e prédios da unidade escolar;

e) administrar, de acordo com as normas legais que regem a atuação da CAIXA ESCOLAR JORGE AVELLAR NETO, os recursos provenientes de subvenções, convênios, doações e arrecadações da entidade.

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 28 – Compete à Diretoria:

I – Elaborar e executar a Programação Anual e o Plano de Aplicação de Recursos da Caixa Escolar.

II – Deliberar sobre aplicação e movimentação dos recursos da Caixa Escolar.

III – Encaminhar ao Conselho Fiscal e Deliberativo, o balanço e o relatório, antes de submetê-los à apreciação da Assembléia Geral.

IV – Exercer as demais atribuições decorrentes de outros dispositivos deste Estatuto e as que lhe venham a ser legalmente conferidas.

V – Decidir os casos omissos.

VI – Cumprir e fazer cumprir as deliberações das Assembléias Gerais.

Art. 29 – Compete à Assembléia Geral Ordinária:

I – Conhecer do balanço financeiro e do relatório sobre o exercício findo, deliberativo livremente sobre os mesmos.

II – Eleger os membros do Conselho Fiscal e suplentes, bem como o secretário e o tesoureiro e seus suplentes.

Art. 30 – Compete ao Conselho Fiscal:

I – Examinar os documentos contábeis da entidade, a situação da Caixa e os valores em depósito.

II – Apresentar à Assembléia Geral ordinária parecer sobre contas da diretoria, no exercício em que servir.

III – Apontar à Assembléia Geral as irregularidades e descobrir, sugerindo as medidas que reputar úteis à Caixa Escolar.

IV – Convocar a Assembléia Geral e o presidente da Caixa Escolar, retardar por mais de um mês a sua convocação e requerer da Assembléia Extraordinária sempre que ocorrerem motivos graves urgentes.

SEÇÃO III – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 31 – A Caixa Escolar "Jorge Avellar Neto" está registrada sob o nº 99 (noventa e nove), às folhas 56 v/57 do livro A, do registro de pessoas jurídicas, em data de 10/12/86..

Art. 32 – São órgãos administrativos e deliberativos da Caixa Escolar:

I – A Assembléia Geral

II – A Diretoria

III – O Conselho Fiscal

Art. 33 – A Diretoria da Caixa Escolar é constituída de um presidente, um secretário e um tesoureiro.

§1º - O Presidente é o diretor ou coordenador da escola.

§2º - O Secretário e o Tesoureiro e seus respectivos suplentes, são escolhidos bienalmente pela Assembléia Geral, o primeiro dentre pais de alunos ou responsáveis, e o segundo dentre pessoas do magistério ou administração da escola, permitida a reeleição.

Art. 34 – Os membros eleitos, ou conduzidos a compor qualquer dos órgãos referidos no artigo anterior, empossar-se-ão mediante termo de posse e compromisso assinado em livro próprio.

Art. 35 – Os membros da Assembléia Geral, da Diretoria e do Conselho Fiscal, exercerão gratuitamente suas funções, que se consideram serviço relevante.

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 36 - A Assembléia Geral se reunirá ordinariamente, no mês de março de cada ano, e , extraordinariamente, toda vez que for convocada regularmente, sendo seus trabalhos sempre dirigidos pelo Presidente da Caixa Escolar.

Parágrafo único – A Assembléia Geral poderá ser convocada extraordinariamente pelo Presidente, ou a requerimento fundamentado o Conselho Fiscal ou 1/3 (um terço) dos membros componentes.

Art. 37 – A Diretoria reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, exceto nos períodos de férias e de recesso escolar, em dia e hora previamente marcados, mediante convocação do presidente para conhecer o andamento dos trabalhos e tratar de assuntos de interesse geral.

Parágrafo único – a Diretoria reunir-se-á extraordinariamente sempre que for convocada pelo presidente, ou por solicitação da maioria dos seus membros.

SEÇÃO V – DAS FUNÇÕES

Art. 38 – São funções específicas do Presidente:

I - Convocar e presidir as assembléias gerais ordinárias e extraordinárias e as reuniões da Diretoria;

II – Representar a entidade em juízo e fora dele;

III – Administrar, juntamente com o Tesoureiro e em consonância com o Estatuto, os Recursos Financeiros da Entidade;

IV – Ler e tomar as providências cabíveis quanto à correspondência recebida e expedida;

V – Promover o entrosamento entre os membros da Diretoria, afim de que as funções sejam desempenhadas satisfatoriamente;

VI – Administrar a Unidade Executora e divulgar as suas finalidades;

VII – Apresentar relatório anual dos trabalhos realizados.

Art. 39 - Compete ao Secretário:

I – Elaborar a correspondência e a documentação: atas, cartas, ofícios, comunicados, convocações etc;

II – Ler as atas em reuniões e assembléias;

III – Assinar, juntamente com o Presidente, a correspondência expedida;

IV – Manter organizada e arquivada a documentação expedida e recebida;

V – Conservar o livro de atas em dia e sem rasuras;

VI – Elaborar, juntamente com os demais membros da Diretoria, o relatório anual.

Art. 40 - Compete ao Tesoureiro:

I – Assumir a responsabilidade da movimentação financeira (entrada / saída de valores);

II – Assinar, juntamente com o Presidente, os cheques, recibos e balancetes;

III – Prestar contas no mínimo a cada três meses à Diretoria e ao Conselho Fiscal e, anualmente, em Assembléia Geral, aos associados;

IV – Manter os livros contábeis (caixa e tombo) em dia e sem rasuras.

CAPÍTULO IV – DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
SEÇÃO I – DA SECRETARIA

Art. 41 - A Secretaria tem por finalidade:

I – a organização dos serviços de escrituração escolar;

II – a execução e controle das normas administrativas da escola;

Art. 42 - Os serviços de secretaria serão executados pelo secretário e auxiliar de secretaria II.

Art. 43 - Compete ao Auxiliar de Educação:

I – Atender às solicitações dos órgãos competentes no que se refere ao fornecimento de dados relativos ao estabelecimento;

II – Desincubir-se ;de todas as atividades que, por sua natureza estão no âmbito de sua competência;

III – Conhecer suas atribuições e sempre buscar permanente atualização técnica;

IV – Desempenhar outras atividades compatíveis com a natureza de seu cargo que são atribuídas pela Direção;

V – Conhecer e aplicar a legislação de ensino na área de sua competência;

VI – Identificar, interpretar e aplicar a legislação em vigor pertinente à organização da unidade escolar;

VII – Divulgar todas as normas procedentes de órgãos superiores, estimulando o pessoal em exercício na escola a respeitá-las, valorizá-las e agir, corretamente, de acordo com as mesmas;

VIII – Planejar seu trabalho, de acordo com as necessidades da escola, estabelecendo objetivos claramente definidos e padrões mínimos de desempenho;

IX – Elaborar cronograma de atividades, tendo em vista a regionalização do trabalho sua execução em tempo hábil;

X – Executar, controlar e avaliar as atividades planejadas e, se necessário, replanejá-las, a fim de adequar seu trabalho à realidade da escola;

XI – Participar da elaboração do planejamento e da avaliação das atividades da Escola quando convocado;

XII – Participar das reuniões do estabelecimento, responsabilizando-se pela elaboração das atas;

XIII – Participar das reuniões com o representante do estabelecimento, quando solicitado pelo Diretor;

XIV – Responder, perante o Diretor, pelo expediente e pelos serviços gerais da Secretaria e auxiliá-lo dando-lhe assistência, executando ou fazendo executar suas determinações;

XV – Participar da elaboração do Regimento e cumprir as disposições contidas no mesmo;

XVI – Recolher, selecionar, classificar, codificar e catalogar todos os documentos que circulam ou que já devem ser arquivados definitivamente;

XVII – Organizar os arquivos de modo racional e simples, mantendo-os sob sua guarda como máximo sigilo;

XVIII – Garantir a perfeita conservação e restauração dos documentos recolhidos;

XIX – Organizar as fontes de pesquisa ou as pastas de procura de modo que qualquer documento exigido, seja rapidamente localizado;

XX – Manter em dia a escrituração da escola com o máximo de qualidade e o mínimo possível de esforço;

XXI – Manter atualizada a documentação escolar, zelando pela sua fidedignidade, de modo a poder ser utilizada por ocasião de coleta de dados ou para subsidiar os trabalhos de inspeção e supervisão.

XXII – Cooperar com espontaneidade quando necessário;

XXIII – Diante de novas situações adaptar-se sem nenhuma dificuldade, apresentando imediatamente soluções novas e práticas;

XXIV – Possuir discrição e sigilo ao desempenhar suas funções;

XXV – Relacionar-se bem com toda a comunidade escolar (pais, alunos, professores, colegas, direção);

XXVI – Demonstrar boa vontade e cooperação na realização das atividades atribuídas;

XXVII – Ser assíduo na jornada de trabalho;

XXVIII – Acatar as ordens superiores desde que legais.

CAPÍTULO V – DOS SERVIÇOS GERAIS

Art. 44 - A Escola Estadual "Jorge Avellar Neto" de Ensino Fundamental tem os serviços de conservação, limpeza, cantina e horticultura.

Art. 45 – Os funcionários dos serviços previstos no artigo anterior serão admitidos em consonância com as exigências legais.

Art. 46 - São atribuições dos Serviços Gerais:

I – calcular as quantidades ao preparar a merenda para não faltar ou sobrar;

II – equilibrar a quantidade de ingredientes que colocará na sopa de acordo com a receita;

III – usar corretamente e economicamente o material que lhe é fornecido, para não acontecer estragos e desperdícios desnecessários;

IV – lavar e desinfetar os banheiros, vasos e chão diariamente;

V – executar todo o trabalho que é de sua competência, não deixar resto do serviço que é seu para seu colega terminar;

VI – preparar com a devida antecedência os alimentos que serão utilizados no dia seguinte;

VII – realizar as atividades planejadas de forma organizada;

VIII – conservar, limpar e organizar a cozinha, a dispensa e demais setores de sua responsabilidade;

IX – distribuir seu tempo de forma que possa executar suas tarefas com empenho e não fique nada por fazer;

X – participar das atividades escolares;

XI – chegar sempre antes do horário do início das atividades, par anão haver atropelos, evitando atrasos e prejuízos de última hora;

XII – cumprir os horários de início e término das atividades, dividindo bem seu tempo para fazer com paciência e bem feito, todo o seu serviço;

XIII – saber ouvir, entender e transmitir ordens, informações, de forma clara, simples e objetiva;

XIV – executar bem suas tarefas, com produtividade, qualidade, dentro do tempo previsto, sem interferência de terceiros;

XV – saber redigir um recado que possa ser lido e compreendido;

XVI – ser capaz de se organizar e se adaptar com naturalidade a situações novas;

XVII – empenhar em ser freqüente no trabalho e reuniões;

XVIII – desempenhar suas atividades dentro dos padrões estabelecidos;

XIX – demonstrar sempre capacidade de ouvir e habilidade de manter diálogo;

XX – fazer com prazer, alegria e bem feito, o seu trabalho;

XXI – demonstrar boa vontade ao fazer qualquer tipo de merenda quando solicitado(a);

XXII – guardar sigilo dentro e fora do seu local de trabalho;

XXIII – acatar com seriedade e respeito, os pedidos feitos pela direção da escola, pais, alunos e colegas de trabalho;

XXIV – voltar o mais rápido possível ao seu local de trabalho, quando precisar ausentar-se para alguma atividade necessária ou qualquer outro tipo de serviço, para não haver prejuízo sob sua responsabilidade;

XXV – estar sempre disposto a cooperar com os colegas, oferecendo seu auxílio quando observar que o outro está precisando, sem esperar pedir;

XXVI – colaborar com o trabalho, quando na falta do colega, de maneira espontânea, fazendo-o com prazer e bem feito. Lembrando que amanhã também poderá faltar;

XXVII – atender de pronto e alegre as situações pré-determinadas com disponibilidades;

XXVIII – apresentar habilidade de relações inter-pessoais e conviver harmonicamente cm a equipe interna e externa;

XXIX – ser criativo no desempenho de suas funções;

XXX – possuir interesse em ajudar nas campanhas em prol da Caixa Escolar.

TÍTULO III – DOS SERVIÇOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES
CAPÍTULO I – DOS TIPOS

Art. 47 - A Escola Estadual "Jorge Avellar Neto" de Ciclo Básico e 1° Ano Ciclo Intermediário do Ensino Fundamental oferece os seguintes serviços pedagógicos complementares:

I – Conselho de classe;

II – Aperfeiçoamento de pessoal;

III – Biblioteca.

CAPÍTULO II – DOS CONSELHOS DE CLASSE
SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 48 - O Conselho de Classe da E.E. "Jorge Avellar Neto" trata de um órgão colegiado que tem por objetivo a avaliação coletiva do processo de aprendizagem do aluno, subsidiando, dessa forma, a construção do projeto político-pedagógico da escola.

Art. 49 – O Conselho de Classe da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca tem por objetivo servir de fórum de discussão para definição de:

- objetivos a serem alcançados em cada disciplina, no ano de escolaridade;
- uso de metodologias e estratégicas de ensino;
- critérios de seleção de conteúdos curriculares;
- projetos coletivos de ensino e atividade;

- formas de acompanhamento dos alunos em seu percurso nos ciclos;
- critérios para apreciação do desempenho dos alunos ao longo e ao final dos ciclos;
- elaboração das fichas de registro do desempenho dos alunos ao longo e ao final dos ciclos;
- formas de relacionamento com a família;
- propostas curriculares diversificadas em função dos interesses e necessidades do aluno
- adaptações curriculares para alunos portadores de necessidades educativas especiais;
- propostas de organização dos Estudos Complementares e Suplementares.

SEÇÃO II – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 50 - Os Conselhos de Classe da Escola Estadual Jorge Avellar Neto são constituídos pelo pessoal docente e técnico-pedagógico.

Art. 51 – Cada Conselho de Classe tem um coordenador escolhido por seus pares.

Art. 52 – Sempre que julgar necessário, o Conselho de Classe pode convidar pais e alunos para participar de suas reuniões.

SEÇÃO III – DA COMPETÊNCIA

Art. 53 - Compete aos Conselhos de Classe da Escola Estadual Jorge Avellar Neto:

I – Ao final do ano letivo:

- avaliar o desempenho de cada aluno nas atividades escolares desenvolvidas ao longo do ano;
- elaborar os currículos diversificados à vista dos interesses e necessidades dos alunos; indicar o currículo que melhor se adeque às orientações quanto ao planejamento de trabalho para o ano seguinte;
- realizar a enturmação dos alunos para o ano letivo seguinte.

II – Ao final de cada ciclo ou período:

- avaliação do desempenho de cada aluno, identificar suas necessidades específicas, encaminhando-o para realizar estudos complementares ou para cursar o conteúdo que melhor lhe convier, conforme o caso.

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 54 – A Escola Estadual Jorge Avellar Neto deve realizar um mínimo de 04 (quatro) reuniões dos Conselhos de Classe, ao longo do ano letivo ou período escolar, registradas no Calendário Escolar.

Art. 55 – Cabe à direção da Escola assegurar ao Conselho de Classe as condições mínimas para seu funcionamento. A organização dos horários de realizações das reuniões deve ser de modo a permitir que todos seus membros efetivos participem, em especial, os professores, considerando-se que não existe professor dispensável no processo de avaliação coletiva do aluno e do trabalho pedagógico da escola.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

SEÇÃO V – DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL

Art. 56 - O aperfeiçoamento do pessoal visa a atualização do pessoal e a melhoria do ensino-aprendizagem.

§1° – O Diretor poderá estimular os servidores da Escola para freqüentarem cursos de extensão ou especialização, congressos e seminários.

§2° – O abono de faltas dos servidores que freqüentarem cursos de especialização ou extensão, ficará sujeito a estudos e determinações superiores.

Art. 57 – O Projeto de Capacitação dos Professores – PROCAP – e o Projeto de Capacitação dos Dirigentes – PROCAD – O Programa de Desenvolvimento Curricular – PRODEC – Projeto de Apoio às Inovações Escolares – PAIE, integram o Projeto de Melhoria da Qualidade de Ensino da Escola Estadual Jorge Avellar Neto.

SEÇÃO VI – DA BIBLIOTECA

Art. 58 - A Biblioteca tem a finalidade de fornecer os elementos necessários à realização e enriquecimento dos trabalhos pedagógicos, consultas e pesquisas.

Art. 59 – Às Escolas que não contam com Professor para o Ensino do uso da Biblioteca, caberá aos eventuais, vice-diretores ou excedentes a organização da Biblioteca Escolar.

Art. 60 – As Escolas do Ensino Fundamental contam com os Cantinhos de Leitura nas salas de aula, adquiridos através do Pró-Qualidade.

Parágrafo único: os Cantinhos de Leitura têm como finalidade o incentivo e o gosto pela leitura.

Art. 61 – A organização e o funcionamento da Biblioteca estão sujeitos às normas especificadas em regulamento próprio.

TÍTULO IV – DOS SISTEMAS DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA
CAPÍTULO I – DOS SERVIÇOS DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA
SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 62 - O Serviço de Supervisão Pedagógica tem por finalidade planejar, controlar e avaliar as atividades pedagógicas desenvolvidas no estabelecimento.

SEÇÃO II – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 63 - O serviço de Supervisão é composto por um supervisor pedagógico legalmente habilitado e recrutado na forma de Lei.

SEÇÃO III – DA COMPETÊNCIA DO ESPECIALISTA DE EDUCAÇÃO

Art. 64 - É papel específico do especialista de educação, articular o trabalho pedagógico da escola, dos docentes, dos alunos e dos seus familiares em torno de um eixo comum: o ensino-aprendizagem pelo qual perpassam as questões do professor, do aluno e da família:

I – Coordenar o planejamento e implementação do Projeto Pedagógico da escola, tendo em vista as diretrizes definidas no Plano de Desenvolvimento da Escola:

a) Participar da elaboração do Plano de Desenvolvimento da Escola;

b) Delinear com os professores, o Projeto Pedagógico da Escola, explicando seus componentes de acordo com a realidade dela;

c) Coordenar a elaboração do currículo, envolvendo toda a comunidade escolar;

d) Assessorar os professores na escolha e utilização dos procedimentos recursos didáticos mais adequados ao atingimento dos objetivos curriculares;

e) Promover o desenvolvimento curricular, redefinindo, conforme as necessidades, os métodos e materiais de ensino;

f) Participar da elaboração do calendário escolar;

g) Articular os docentes de cada área para o desenvolvimento do trabalho técnico-pedagógico da escola, definindo suas atividades específicas;

h) Avaliar o trabalho pedagógico, sistematicamente, com vista à reorientação de sua dinâmica (avaliação externa);

i) Participar com o corpo docente do processo de avaliação externa e da análise de seus resultados;

j) Identificar as manifestações culturais características da região e incluí-las no desenvolvimento do trabalho da escola;

II – Coordenar o programa de capacitação do pessoal da escola:

a) Analisar os resultados da avaliação sistêmica feita juntamente com os professores e identificar as necessidades dos mesmos;

b) Realizar a avaliação do desempenho dos professores, identificando as necessidades individuais de treinamento e aperfeiçoamento;

c) Efetuar o levantamento das necessidades de treinamento e capacitação, dos docentes na escola;

d) Manter intercâmbio com instituições educacionais e ou pessoas visando sua participação nas atividades de capacitação;

e) Analisar os resultados obtidos com as atividades de capacitação docente, na melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem.

III – Realizar a orientação dos alunos, articulando o envolvimento da família no processo educativo:

a) Identificar junto com os professores, as dificuldades de aprendizagem dos alunos;

b) Orientar os professores sobre as estratégias mediante as quais as dificuldades identificadas possam ser trabalhadas, em nível pedagógico;

c) Promover a integração do aluno no mundo do trabalho, através da informação profissional e da discussão de questões relativas aos interesses profissionais dos alunos e a configuração do trabalho na realidade social;

d) Analisar com a família, os resultados do aproveitamento do aluno, orientando se necessário, para obtenção de melhores resultados.

TÍTULO V – DA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA
CAPÍTULO I – DA ESTRUTURA DO ENSINO

Art. 65 – O Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE – é um instrumento de planejamento e gestão que contém proposta de trabalho da escola, para um período de 5 anos e que dá sentido e identidade a toda Instituição, unificando as atividades dos diversos segmentos (alunos, professores, pais e servidores) da comunidade escolar. Ele explicita a trajetória do desenvolvimento da escola e o marco que pretende alcançar ao final de seu período de vigência. O PDE não inclui a rotina escolar mas, sim, ações novas que podem colocar a escola em outro patamar de desenvolvimento.

SEÇÃO I – DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 66 - O Ensino Fundamental, com duração mínima de 8 anos, obrigatórios e gratuito na escola pública, tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca com que se assenta a vida social.

§1° – O Ensino Fundamental é ministrado em ciclos, o primeiro compreendendo os três primeiros anos, o segundo compreendendo o 4°, 5° e 6° anos, o terceiro os dois últimos anos.

§2° - Adota-se no Ensino Fundamental o regime de progressão continuada (desaparecendo a possibilidade de reprovação ou retenção de alunos) sem prejuízo do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

SEÇÃO III – DO PROGRAMA DE ACELARAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Art. 67 – O Programa de aceleração de aprendizagem SEE é uma estratégia de intervenção pedagógica voltada para o desenvolvimento curricular, em turmas de alunos com história de múltiplas repetências ao nível de Ciclo Básico de Alfabetização ou que entraram tardiamente na escola, cujo pressuposto é a crença na capacidade do aluno ter sucesso, possibilitando-lhe a aceleração da aprendizagem e promoção ao 1° ano do 2° ciclo, desde que adquiridas as competências educacionais, conhecimentos, habilidades e atitudes pré-estabelecidas no currículo do ensino fundamental tendo como base os parâmetros nacionais.

Art. 68 – Inscreve-se a proposta da SEE no esforço institucional que tem desenvolvido para aprimorar o processo educacional da rede pública mineira encontrar amparo legal no art. 24, inciso V, letra b, da nova LDB, que contempla a possibilidade de "aceleração de estudos para alunos com atraso escolar".

CAPÍTULO II – DOS CURRÍCULOS E PROGRAMAS
SEÇÃO I – DA COMPOSIÇÃO DOS CURRÍCULOS

Art. 69 – Os currículos do Ensino Fundamental com uma base Nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma base diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§1° – Os currículos abrangem, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social política, especialmente do Brasil.

§2° – O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§3° – A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando as faixas etárias e as condições da população escolar.

§4º – O ensino da História do Brasil, levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e européias.

Art. 70 – Os conteúdos curriculares da educação básica, observarão ainda, as seguintes diretrizes:

I – a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II – consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III – orientação para o trabalho;

IV – promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais.

SEÇÃO II – DOS PROGRAMAS

Art. 71 - Sempre que a experiência o indicar, e com a finalidade de atender as conveniências didático-pedagógicas, os programas poderão sofrer reajustamento, adaptando-se ao nível de desenvolvimento dos alunos e à evolução do meio social.

Art. 72 - Caberá aos professores, a adaptação dos programas, assistidos pelo supervisor pedagógico.

Parágrafo Único - Para a efetivação da medida e visando concorrer para a real execução dos programas propostos, deverá a administração incentivar a realização de atividades tais como: excursões, entrevistas, promoção de feiras, exposição e outras.

Art. 73 – De acordo com a proposta de Ciclos de Formação Básica os conteúdos de ensino propostos pela SEE passam efetivamente a ser vistos como referência e, como tal, podem ser enriquecidos, ampliados e adaptados às características regionais e às necessidades dos alunos.

Art. 74 - Os programas adaptados serão submetidos à aprovação da diretoria e homologados pelos órgãos colegiados.

CAPÍTULO III – DO ANO LETIVO

Art. 75 - O Calendário Escolar tem por finalidade a previsão dos dias e períodos destinados à realização das atividades curriculares no estabelecimento.

Art. 76 – A educação básica no nível fundamental é organizada de acordo com a seguinte regra:

I – A carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar.

Art. 77 – O Calendário Escolar tem por finalidade a previsão dos dias e períodos destinados à realização das atividades curriculares no estabelecimento.

Art. 78 – Na elaboração do Calendário Escolar são especificados:

I – O início e o término do Ano Letivo que é igual ao mínimo de 200 dias.

II – O início e o término do Ano Escolar, que inclui o Ano Letivo, acrescidos de 12 (doze) dias escolares.

Parágrafo único – O Calendário Escolar constituir-se-á em anexo deste Regimento.

Art. 79 – Considera-se dia letivo aquele em que são efetivamente ministradas aulas ou atividades integrantes de currículos, especificadas no Calendário Escolar e em que se registre a freqüência dos alunos.

Art. 80 – A Escola cumpre a seguinte carga horária:

I – dia letivo de, pelo menos 4 (quatro0 horas (relógio) de duração excluindo os recreios e intervalos.

II – carga horária semanal de pelo menos 20 (vinte) horas (relógio).

CAPÍTULO IV – DA MATRÍCULA
SEÇÃO I – GENERALIDADES

Art. 81 - A matrícula será feita por série, nos períodos previstos no Calendário Escolar, observadas as exigências legais.

§1° - Deve-se observar o critério de zoneamento escolar, sendo vedado o exame de seleção de candidatos.

§2° - É divulgado de forma mais ampla possível o edital de matrícula, bem como os critérios estabelecidos no Regimento Escolar para frequência à escola.

Art. 82 – Em nenhuma hipótese, será negada matrícula por motivo de raça, sexo, condição social, convicção política, crença religiosa, bem como por ser o candidato portador de deficiência, ou se encontrar em defasagem de idade com relação à série.

Art. 83 - São admitidos à matrícula ao 1° ano do primeiro ciclo, todos os alunos com 7 (sete) anos completos ou incompletos e aqueles que não tiveram acesso a esse nível de ensino na idade própria.

Parágrafo único – Podem ser admitidos ao 1° ano do primeiro ciclo, candidatos com 07 anos incompletos desde que seja comprovada, pela escola, a maturidade do mesmo.

Art. 84 – No ato da matrícula, o aluno maior de 18 (dezoito) anos ou seu responsável, se menor de idade, deve declarar que conhece e aceita as normas regimentais, optando, ainda, se for o caso, pela freqüência às aulas de Ensino Religioso.

Parágrafo único – A Escola deverá divulgar e facilitar aos candidatos à matrícula, o acesso ao Regimento Escolar.

Art. 85 – Terá sua matrícula cancelada o aluno que sem justificativa deixar de comparecer à escola até o 15° (décimo quinto0 dia letivo após o início das aulas, ou a contar da data da efetivação da matrícula se esta ocorrer durante o Ano Letivo.

§1° – Antes de efetuar o cancelamento da matrícula, nos termos deste artigo, a escola deve tomar as providências cabíveis para levar o aluno e seus responsáveis ao cumprimento da obrigatoriedade escolar.

§2° – Terá sua matrícula cancelada ao longo do ano letivo o aluno que, sem justificativa, deixar de comparecer à escola por um período superior a 30 dias, salvo se possuir aproveitamento da aprendizagem superior a 80% em todos os conteúdos.

Art. 86 – É facultativo ao aluno que tiver a matrícula cancelada retornar à escola, matriculando-se novamente, sob as condições de existência de vaga, apresentação de justificativa e possibilidade de se efetuar ajustamento pedagógico.

Art. 87 – A permanência do aluno na escola no ano subsequente, deverá ser confirmada no final d ano letivo, pelo aluno, seus pais ou responsáveis, se menor de idade.

Parágrafo único – A matrícula de alunos transferidos, poderá ocorrer em qualquer período do ano, observadas as normas regimentais.

Art. 88 – É assegurada a matrícula aos filhos e profissionais circenses, havendo ou não vaga, em qualquer época do ano letivo.

CAPÍTULO V - DA TRANFERÊNCIA

Art. 89 - A transferência de um estabelecimento para outro será obtida pelo interessado, em qualquer época, mediante requerimento à diretoria, devendo o mesmo ser subscrito pelo aluno (quando maior) ou seu responsável (quando menor).

Art. 90 – A transferência far-se-á pelo Núcleo Comum, podendo ser aceita pelo Estabelecimento, desde que haja vaga, salvo os casos previstos em Lei.

Art. 91 – A escola poderá aceitar matrícula, em caráter condicional, pelo prazo máximo de 30 (trinta) dias, mediante a apresentação de declaração provisória de transferência, expedida pela escola de origem, na qual se consignem:

I – identificação do estabelecimento;

II – identificação do aluno;

III – série em curso, ou concluída com aprovação;

IV – compromisso de fornecimento da documentação completa no prazo mencionado neste artigo.

Art. 92 – No término do 1° Ciclo e 2° Ciclo do Ensino Fundamental, deverá ser expedido o Histórico Escolar.

Art. 93 - Para a transferência, não se exige declaração de existência de vagas na escola de destino.

Art. 94 – O requisito de existência de vaga só é dispensado:

I – mudança para outro município;

II – desistência de recuperação para repetição de séries ou disciplinas.

Art. 95 – No histórico escolar destinado à transferência constarão:

I – identificação do estabelecimento de origem e endereço completo, natureza do ato de sua criação, instalação, autorização de funcionamento ou reconhecimento, conforme o caso, com citação do órgão e data da respectiva publicação;

II – identificação do aluno com nome completo, sua filiação, data de nascimento, nacionalidade, naturalidade quando for o caso, dados relativos ao certificado de reservista e ao título de eleitor;

III – currículo das séries ou períodos concluídos e no caso da transferência durante o período letivo, também o da série ou período em curso, até a data da transferência;

IV – registro de ocorrências peculiares à vida escolar do aluno;

V – assinatura do diretor e do secretário do estabelecimento, os nomes por extenso ou à máquina ou carimbo, e os números dos respectivos registros ou autorizações.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

§1° – Para os alunos do Ensino Fundamental e dos Projetos, a documentação será instruída com a ficha individual do aluno, na qual se registrará de forma descritiva, os progressos e dificuldades do aluno, durante o ensino-aprendizagem.

TÍTULO VI - DA AVALIAÇÃO E SUA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA
CAPÍTULO I - DA VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

Art. 96 - A verificação do Rendimento Escolar busca avaliar o grau de desempenho e levantar dificuldades e possibilidades, afim de programar ações educacionais necessárias.

Parágrafo único – a verificação do Rendimento Escolar observa os seguintes critérios:

I – avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sob os quantitativos e dos resultados ao longo do período;

II – possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

III – possibilidade de avanços nos cursos e séries mediante verificação do aprendizado;

IV – aproveitamento de estudos com êxito;

V – obrigatoriedade de estudos de recuperação, para os casos de baixo rendimento escolar.

Art. 97 – As normas de verificação de rendimento escolar, compreendem avaliação do aproveitamento e a apuração da assiduidade observando o disposto na legislação vigente.

§1° – Os resultados das avaliações devem ser apresentados de forma descritiva;

§2° – Os resultados e os instrumentos de avaliação devem ser apresentados aos alunos ou aos seus responsáveis, no prazo de 15 (quinze) dias após encerradas as avaliações;

§3° – Os resultados da avaliação da aprendizagem bem como a apuração de assiduidade devem constar dos regimentos escolares;

§4° – A verificação do Regimento Escolar é processo contínuo do qual devem participar a direção, especialistas, professores e alunos;

§5° – O acompanhamento e a avaliação dos resultados dos alunos são feitos de acordo com o disposto neste Regimento e devem possibilitar:

I – o replanejamento didático visando garantir a efetivação do processo ensino-aprendizagem;

II – a permanente informação ao aluno de seu desempenho em relação aos objetivos do currículo;

III – o planejamento dos estudos de recuperação de acordo com as necessidades do aluno;

IV – o fornecimento de dados para a auto-avaliação da escola e informação à comunidade quanto aos resultados do trabalho escolar, nos termos da legislação em vigor.

Art. 98 – Aprofundamento da análise das necessidades dos alunos e da escola apontando nos resultados do programa de avaliação da Escola Pública de Minas Gerais.

Art. 99 - No início do ano letivo, faz-se a diagnose da aprendizagem cujo o resultado serve para verificar os aspectos programáticos já vencidos e possibilitar a continuidade do desenvolvimento dos programas.

Art. 100 – Os processos de avaliação aferem, preferência à compreensão dos fatos, à percepção de relações, aplicação de conhecimentos, às habilidades e automatismos adquiridos, evitada a aferição de dados apenas memorizados.

Art. 101 – Participam da avaliação todas as pessoas diretamente ligadas ao processo ensino-aprendizagem.

§1° – Vários instrumentos de medidas são utilizados: teste, trabalhos individuais ou em equipe, pesquisas, observações e outros, devendo o professor selecioná-los de acordo com a natureza da matéria e o tratamento metodológico adotado.

§2° – Os instrumentos de avaliação são elaborados pelos professores, supervisor e com participação do diretor de acordo com o currículo desenvolvido.

§3° – A auto-avaliação do aluno é adotada por constituir instrumento indispensável ao seu desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem.

Art. 102 – A avaliação do rendimento escolar é feita por conteúdo específico.

Art. 103 – O processo de apuração de assiduidade fica a cargo do professor, que deve fazer o registro diário da freqüência dos alunos.

CAPÍTULO II - DA CLASSIFICAÇÃO E RECLASSIFICAÇÃO

Art. 104 – Classificar significa posicionar o aluno em séries anuais, períodos semestrais, ciclos ou outras formas de organização compatíveis com sua idade, experiência, nível de desempenho ou conhecimento.

Art. 105 - A Classificação do aluno em qualquer série anual, período semestral ou ciclos, exceto a primeira do Ensino Fundamental, pode ser feita:

I – Por promoção - para alunos que cursarem com aproveitamento a série, período, ciclo, fase ou etapa anterior na própria escola;

II - Por transferência - para candidatos procedentes de outras escolas, considerando os componentes curriculares da base nacional comum;

III - Por avaliação – independentemente de escolarização anterior, mediante classificação feita pela escola, que define o grau de desenvolvimento do candidato e permita sua inscrição na série, período, ciclo, etapa ou fase adequada.

§1° – A descrição do processo de classificação fica a cargo de uma comissão presidida pela direção da escola, sendo representada por dois professores e pelo especialista.

§2° – Os documentos que fundamentam a classificação são arquivados na escola.

Art. 106 – Reclassificar e reposicionar o aluno em série, período, ciclo, fase ou etapa diferente daquela indicada em seu Histórico Escolar. É recomendável que a decisão de reclassificação seja decorrente de manifestação de uma comissão, presidida pela direção da Escola, e que tenha representantes docentes do curso, no qual o aluno deverá ser classificado, bem como dos profissionais responsáveis pela Coordenação/Supervisão das atividades pedagógicas.

Art. 107 – Uma comissão, presidida pela direção da Escola, e que tenha representantes docentes do curso, no qual o aluno deve ser classificado, e Especialista pode reclassificar o aluno em série, período, ciclo, fase ou etapa diferente daquela indicada em seu histórico escolar.

§1° – Os critérios para reclassificação devem ser elaborados por esta comissão e anexados na Proposta Pedagógica.

§2° – Os documentos que fundamentam a reclassificação são arquivados na Escola.

CAPÍTULO III – DO APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

Art. 108 – O aproveitamento de Estudos, na Escola Estadual "Jorge Avellar Neto" é processado:

I – mediante apresentação de documento escolar referente ao Ciclo.

II – Por deliberação de uma comissão da própria escola, que classifica o candidato no nível correspondente ao seu desempenho.

CAPÍTULO IV – Da ACELERAÇÃO DE ESTUDOS

Art. 109 – A aceleração de estudos é a forma de proporcionar aos alunos com atraso escolar, a oportunidade de atingir o nível de desenvolvimento correspondente à sua idade.

Art. 110 – Alunos com atraso escolar são aqueles que se encontram com idade superior à que corresponde à série, período ou ciclo que esteja cursando.

CAPÍTULO V - DA FREQUÊNCIA

Art. 111 – O controle de freqüência tem por objetivo o registro da presença do aluno nas atividades escolares programadas, das quais está obrigado a participar em pelo menos 75% do total da carga horária prevista.

Parágrafo único – A freqüência passa a ser apurada pelo total das horas letivas e não mais sobre a carga horária de cada segmento curricular.

Art. 112 – A Escola Estadual Jorge Avellar Neto realiza, a cada bimestre, reunião com os pais para informar sobre freqüência e desempenho de alunos.

§1° – Persistindo a infreqüência, a direção da escola organiza uma comissão que entra em contato direto com os pais, para solucionar a questão.

§2° – Não conseguindo extinguir o problema, a escola informa às autoridades competentes (Conselho Tutelar, Ministério Público) que tomam as providências cabíveis.

Art. 113 – A Escola mantém sistema de comunicação com a família para que a freqüência seja objeto de acompanhamento.

Art. 114 – O aluno que precisar se ausentar por motivo de saúde deve apresentar atestado médico no prazo de 48 horas após o afastamento, ficando garantida nova oportunidade de avaliação e a compensação das faltas.

Art. 115 – A freqüência deverá ser registrada no relatório de acompanhamento do aluno diariamente, tendo-se o cuidado de verificar se a carga horária e o número de dias letivos estão cumprindo os dispositivos legais.

Art. 116 – O professor deve fazer o controle da freqüência do aluno. Constatando-se infreqüência esta informação deverá ser passada ao diretor da escola para que ele possa providenciar a verificação dos motivos das faltas do aluno.

Art. 117 – Se ao final do Ciclo o aluno apresentar freqüência inferior a 75% ele será submetido a uma avaliação para fins de reclassificação. Caso não seja considerado apto a progredir, o aluno permanecerá no último ano do Ciclo em que se encontra por mais um ano.

Art. 118 – No caso do aluno que, mesmo tomadas todas as medidas ultrapassar o limite de faltas permitidas pela LDB, lei 9394/96 (superior a 25% do Ciclo) a escola deverá, através de uma Comissão, presidida pelo Diretor, proceder a avaliação do aluno, nos termos do Parecer CEE 1132, de 21/11/97. Caso demonstre conhecimentos suficientes para prosseguimentos dos estudos, o aluno terá suas faltas abonadas e amparadas no citado parecer.

CAPÍTULO VI – DA PROMOÇÃO

Art. 119 – Compete à escola proceder a avaliação de candidatos maiores de 14 anos que requeiram o comprovante de conclusão do 1° Ciclo do Ensino Fundamental de acordo com a resolução 7718/95.

Art. 120 – O candidato deve ser submetido a três provas escritas cada qual com o valor de 100 pontos:

I – 01 (uma) prova de Português, incluindo redação

II – 01 (uma) prova de Matemática

III – 01 (uma) prova conjunta de Geografia, História e Ciências (iniciação).

Parágrafo único – Os temas de redação devem ser compatíveis com a vivência do candidato.

Art. 121 – Considera-se aprovado o candidato que obtiver o mínimo de 50 pontos em cada uma das provas.

Art. 122 – Compete à escola a responsabilidade pela elaboração, aplicação e correção das provas.

Art. 123 – Aprovado o candidato, os resultados obtidos devem ser registrados em Ata, que será assinada pelo Secretário, Supervisora, Diretora e Inspetor Escolar.

Art. 124 – Cabe à escola expedir o Certificado ao candidato aprovado.

Art. 125 – O Certificado de Conclusão do 1° Ciclo do Ensino Fundamental confere ao candidato o direito de prosseguimento de estudo.

CAPÍTULO VII – DOS ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO

Art. 127 – Recuperação é uma estratégia de intervenção deliberada no processo educativo, desenvolvido pela escola, como nova oportunidade que leve os alunos ao desempenho esperado.

§1° - Os estudos de recuperação de caráter obrigatório, representam uma nova oportunidade de aprendizagem pois é conseqüência do processo de avaliação continuada.

§2° - Devem ocorrer concomitantemente ao processo educativo, para garantir ao aluno a superação das dificuldades no seu percurso escolar.

§3° - Destinam-se aos alunos que não conseguiram o desempenho esperado num determinado espaço de tempo, aula , unidade curricular, período, série, ciclo, semestre ou até paralelamente ao período letivo.

Art. 129 – A escola deve prover todos os meios possíveis para a recuperação dos alunos de menor desempenho.

Parágrafo único – Cabe aos docentes zelar pela aprendizagem estabelecendo estratégias de recuperação.

SEÇÃO 1 – DAS GENERALIDADES

Art. 130 – Os Estudos Complementares se destinam ao aluno que, ao final do 1º Ciclo do Ensino Fundamental, ainda não tiver atingido o nível de aproveitamento desejável na(s) disciplina(s) cursada(s), segundo avaliação do Conselho de Classe.

Parágrafo único – É obrigatória a participação do aluno que receber indicação, nesse sentido, dada pelo Conselho de Classe.

Art. 131 – Os Estudos Complementares serão oferecidos em escola Pólo, previamente indicadas para este fim.

Art. 132 – A Escola de origem deverá enviar à Escola Pólo a ficha de encaminhamento do aluno, juntamente como relatório descritivo de seu desempenho, contendo seus avanços e dificuldades por disciplina.

Art. 133 – Os Estudos Complementares serão desenvolvidos no período de 11 a 29 de janeiro.

Art. 134 – É obrigatória a participação nos Estudos Complementares do aluno que receber indicação nesse sentido, dada pelo Conselho de Classe.

Art. 135 – Após os Estudos Complementares, o aluno que, à vista do relatório individual do professor, vencer suas dificuldades de aprendizagem deverá ser matriculado no 2º ciclo.

CAPÍTULO VIII – DO ATENDIMENTO AO ALUNO EM SITUAÇÃO ESPECIAL

Art. 136 – É dispensado tratamento especial ao aluno que se encontre nas situações:

I – previstas pelo Decreto-Lei Federal 1044, de 21 de outubro de 1969, comprovadas por laudo médico fornecido por órgão oficial ou entidade que mereça fé pública.

II – de estudantes que realizarem parte dos estudos no exterior e requeiram matrícula nos estabelecimentos da rede oficial.

III – do atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados, encaminhados pelos Serviços de Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica.

IV – excepcionais e não previstas nos itens anteriores, após apurado estudo pelo corpo técnico-adminsitrativo.

Art. 137 – O tratamento a ser dispensado aos alunos enquadrados nas situações previstas no artigo anterior, no que se refere à matrícula, ao aproveitamento e à freqüência, deve ser planejado pela Supervisão, à luz da legislação em vigor.

TÍTULO VII - DO PESSOAL
CAPÍTULO I - DO PESSOAL DOCENTE E ADMINISTRATIVO

Art. 138 – O pessoal a serviço do estabelecimento será constituído de professor, supervisor pedagógico, pessoal administrativo com base na lei nº 9381, de 12 de dezembro de 1986 e nos critérios estabelecidos pela legislação vigente.

Art. 139 – A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, tem como fundamentos:

I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante capacitação em serviço.

II – aproveitamento de formação e experiências anteriores em inestituições de ensino e outras atividades.

Art. 140 - A formação de docentes para atuar na Educação Básica, far-se-á em nível superior em curso de Licenciatura, de graduação plena, em universidades e Institutos Superiores de Educação, admitida, como formação mínima para o exercício do Magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade normal.

SEÇÃO I - DA CATEGORIA E FORMA DE ADMISSÃO

Art. 141 – O diretor organiza o Quadro de Pessoal da Escola com base na Lei nº 9381, de 18 de dezembro de 1986, e nos critérios estabelecidos pela legislação vigente.

Art. 142 – Sem prejuízo do disposto no artigo anterior, a escola estabelece critérios complementares para a organização do quadro de pessoal.

Parágrafo único – os critérios complementares, após aprovação pelo Colegiado e registro em ata, são validados pela SRE, e amplamente divulgados junto à comunidade escolar, antes do término do ano letivo anterior.

Art. 143 – O pessoal a serviço do estabelecimento é constituído de docentes, especialista em educação e pessoal administrativo.

Art. 144 – A admissão do pessoal fica sujeita às exigências legais vigentes.

SEÇÃO II - DOS DEVERES

Art. 145 – Constituem deveres do pessoal do Magistério:

I – elaborar e executar integralmente os programas, planos e atividades da escola no que for de sua competência;

II – cumprir e fazer cumprir os horários e calendários escolares;

III – ocupar-se com zelo, durante o horário de trabalho no desempenho das atribuições de seu cargo;

IV – manter e fazer com que seja mantida a disciplina em sala de aula e fora dela;

V – comparecer às reuniões para as quais for convocado;

VI – participar das atividades escolares;

VII – zelar pelo bom nome da unidade de ensino;

VIII – respeitar alunos, colegas, autoridades de ensino e funcionários administrativos, de forma compatível com a missão do educador;

IX – controle e avaliação do rendimento escolar, recuperação dos alunos, auto-aperfeiçoamento, pesquisa educacional e cooperação, no âmbito da escola, para aprimoramento tanto do processo ensino-aprendizagem como da ação educacional e participação ativa na vida comunitária da escola.

SEÇÃO III - DOS DIREITOS

Art. 146 – O pessoal docente e administrativo tem seus direitos assegurados, em conformidade com a legislação pertinente, de acordo com o respectivo regime de admissão e ato que o regulou.

SEÇÃO IV – DA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO

Art. 147 – A avaliação do desempenho de pessoal docente e administrativo deste estabelecimento tem por objetivo:

I – conhecer o potencial de trabalho dos funcionários;

II – oferecer oportunidades para que os funcionários conheçam seus pontos fracos e fortes;

III – levantar necessidades para a formulação de projetos de treinamentos e de desenvolvimento dos recursos humanos;

IV – valorizar o funcionário propiciando seu crescimento profissional;

V – utilizar o resultado da avaliação de desempenho para procedimento da administração de pessoal tais como: designação de pessoal, distribuição de turmas.

Art. 148 – A avaliação de desempenho é um processo contínuo, do qual deve participar uma comissão formada pelo diretor, especialista, professor, representantes do QE.

Art. 149 – A avaliação de desempenho se dará em três áreas: operacional, organizacional e comportamental e acontecerá a cada semestre.

Art. 150 – A escola propõe a oferecer aos servidores avaliados as seguintes alternativas:

I – Quadro de Magistério:

a) sondagem das dificuldades na execução de suas tarefas, através de entrevistas
b) treinamento realizado pelo especialista de educação
c) assistir aulas de um colega da mesma série e com mais experiência
d) montar um sistema de estudo em horário extra-classe, com a presença e o acompanhamento do especialista de educação
e) orientar na confecção, organização e uso de materiais didáticos
f) levantamento de dados estatísticos por conteúdo através de gráficos
g) formação de um auto-conceito favorável, que lhe permita perceber a importância de seu papel na escola e na comunidade escolar
h) reciclagem com troca de experiências, procurando sanar dificuldades existentes
i) capacitá-los para utilizar métodos e recursos didáticos adequados ao existente
j) participação de treinamentos promovidos pela SEE e 41ª SRE

II – Quadro Permanente e Quadro da Educação: acompanhamento, aconselhamento, orientação, treinamento e outros de acordo com as dificuldades detectadas.

CAPÍTULO II - DO PESSOAL DISCENTE

Art. 151 - O pessoal discente da Escola Estadual Jorge Avellar Neto, compreende todos os alunos matriculados no 1° Ciclo do Ensino Fundamental.

SEÇÃO I - DOS DIREITOS

Art. 152 – A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – direito de ser respeitado por seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;

V – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único – É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

SEÇÃO II - DOS DEVERES

Art. 153 - São deveres do Pessoal Discente:

I – contribuir, no que lhe couber, para prestígio do estabelecimento;

II – desempenhar a contento todas as atividades escolares em que se exigir sua participação;

III – abster-se de atos que perturbem a ordem, ofendam os bons costumes e funcionários, bem como aos representantes de turmas, no uso de suas atribuições.

TÍTULO VIII – DO REGIME DISCIPLINAR

Art. 154 – É aplicável ao pessoal docente e administrativo o regime disciplinar com a finalidade de aprimorar o ensino, a formação do aluno, o desenvolvimento das atividades escolares, o entrosamento dos servidores existentes e a consecução dos objetivos propostos.

Art. 155 – As penalidades a se aplicar ao pessoal docente e administrativo são as previstas na legislação pertinente, de acordo com o regime de admissão a que esteja submetido.

Art. 156 – Aos alunos são aplicadas as penalidades a critérios do estabelecimento, conforme a gravidade e reincidência das faltas cometidas, de acordo com a Constituição Federal e o Estatuto do Menor e do Adolescente.

§1° - A aplicação das penalidades depende do parecer da Direção e do Colegiado nos casos em que estas forem além da advertência oral ou escrita.

Art. 157 – Quando a permanência do aluno na escola for considerada inconveniente a direção pode aplicar, como penalidade máxima, a sua exclusão por transferência.

Parágrafo único – Os casos de exclusão por transferência devem ser estudados pelo Colegiado, à luz da legislação vigente, ouvido o Órgão Superior.

TÍTULO IX - DOS REGISTROS, ESCRITURAÇÃO E ARQUIVOS ESCOLARES
CAPÍTULO I - DAS FORMAS E OBJETIVOS

Art. 158 - Afim de assegurar a verificação da identidade de cada aluno e da regularidade e autenticidade de sua vida escolar, devem ser observados os seguintes aspectos no serviço de escrituração escolar:

I – a transcrição de todos os dados deve ser exata e como constam dos documentos originais;

II – a todo documento expedido deverá corresponder uma cópia ou segunda vida no arquivo do estabelecimento;

III – no documento expedido, a escola fará constar, obrigatoriamente, a identificação do estabelecimento e endereço completo, natureza do ato de sua criação, instalação e funcionamento ou reconhecimento, conforme o caso, com citação do órgão e data da respectiva publicação;

IV – os documentos expedidos pelo estabelecimento são sempre assinados pelo Diretor ou seu substituto legal, pelo responsável pela Escrituração Escolar. Deverão seus nomes figurar por extenso, abaixo das assinaturas e os números dos respectivos registros ou autorização, e se houver, o Masp;

V – os documentos expedidos pelo estabelecimento tanto quanto a apresentação pelo aluno, devem estar registrados com letra legível, sem rasuras e incorreções;

VI – os espaços não preenchidos devem ser inutilizados com um traço;

VII – os espaços destinados à observação devem conter todas as indicações consideradas necessárias à maior compreensão dos dados contidos no documento;

VIII – a apresentação de cópia autenticada dispensa a apresentação do documento original.

Art. 159 – Os atos escolares, para efeito de registro, comunicação de resultados e arquivamento, são escriturados em livros e fichas padronizados, observando-se no que couber, os registros e disposições legais aplicáveis.

Art. 160 - Do Arquivo Escolar devem constar todos os registros de atividades e atos escolares dos alunos e servidores, devendo para tanto ser dividido em:

I – Arquivo vivo: é constituído dos documentos relativos aos alunos que estão frequentando a escola e servidores ativos;

II – Arquivo morto: é constituído pelos documentos desnecessários ao movimento cotidiano da escola e que não podem ser incinerados.

Art. 161 – Os livros de escrituração escolar contém termos de abertura e encerramento e, bem como as fichas a se usarem, as características imprescindíveis e essenciais à identificação e comprovação dos atos que se registrarem, datas e assinaturas que os autenticarem.

Art. 162 – A autenticidade dos documentos e escrituração escolares se verifica e é certificada, pela aposição da assinatura do Diretor ou seu substituto legal e funcionário autorizado.

Art. 163 – Resguardadas as características e a autenticidade, em qualquer época, poderá o estabelecimento substituir os livros, fichas e modelos de registro e escrituração, descritos neste regimento, por outros, bem como alterar os processos utilizados, simplificando-os.

Art. 164 – São válidas as cópias mecânicas de documentos.

CAPÍTULO II - DOS INSTRUMENTOS DE REGISTROS E ESCRITURAÇÃO
SEÇÃO I - DOS LIVROS

Art. 165 - São os seguintes os livros de escrituração:

a) Livro de Registro de Matrícula
b) Livro de Atas
c) Livro de Atas de Exames e Processos Especiais de Avaliação
d) Livro de Termo de Visitas de Inspetores
e) Livro de Registro de Ponto
f) Livro de Atas do Colegiado
g) Livro de Atas de Caixa Escolar
h) Livro de recortes de despachos dos funcionários
i) Livro de saída de documentos
j) Protocolo
k) Atas de promoção do 4º ano do 1º ciclo

SEÇÃO II - DOS DOCUMENTOS ESCOLARES

Art. 166 - São adotados os seguintes documentos escolares:

a) Histórico escolar;
b) Declaração de expedição de Histórico Escolar;
c) Ficha individual;
d) Relatório de Atividades Escolares
e) Diários de classe;
f) Ficha funcional de cada servidor do estabelecimento.

SEÇÃO III - DOS ASSENTAMENTOS INDIVIDUAIS DOS ALUNOS E FUNCIONÁRIOS

Art. 167 - De cada aluno e funcionário há uma pasta individual que contém:

a) Transcrição de dados pessoais (nome, filiação, estado civil, data e local de nascimento, endereço, situação eleitoral) conforme o caso;
b) Para arquivamento, documento definitivo de transferência recebido pelo estabelecimento ou comprobatório de conclusão de cursos ou estudos realizados pelo aluno;
c) Histórico Escolar, ao final do Ciclo;
d) Ficha Individual descritiva para cada ano do ciclo.

Art. 168 – Os documentos considerados sem importância para a vida da escola podem ser eliminados através de uma incineração.

Parágrafo único – a eliminação de documentos é feita através de incineração mediante lavratura de termo, por autoridade competente, em livro próprio.

CAPÍTULO IV - DA RESPONSABILIDADE E AUTENTICIDADE

Art. 169 - Ao Diretor ou seu representante legal caberá a responsabilidade por toda a escrituração e expedição de documentos escolares, bem como dar-lhes a autenticidade pela aposição de suas assinaturas.

Parágrafo único – Todos os funcionários são responsáveis na respectiva órbita de competência, pela guarda e inviolabilidade dos arquivos, documentos e escrituração escolares.

TÍTULO X - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 170 – Das decisões do estabelecimento cabe recursos para os Órgãos Superiores.

Art. 171 – Os casos omissos neste regimento podem ser resolvidos pela direção do Estabelecimento ou pelos órgãos competentes, respeitadas as determinações legais vigentes.

Três Corações, _____/ _____/ _____

Assinatura: _____
LINDALVA DA SILVA PINHEIRO

REGIMENTO ESCOLAR

ESCOLA ESTADUAL "MONSENHOR JOSÉ GUIMARÃES FONSECA" DE 1º GRAU

REGIMENTO ESCOLAR DA ESCOLA ESTADUAL "MONSENHOR JOSÉ GUIMARÃES FONSECA"

Lei nº 05517, de 02/009/70 e Decreto nº 13.317, de 11/01/71
Rua C, nº 103, Bairro Nossa Senhora Aparecida
Fone: (35) 3232-1825 - Três Corações – MG
CEP 37410-000

I - HISTÓRICO:

Criada pela Lei 05.517, de 02/09/70, como Escola Primária e transformada em Grupo Escolar pelo Decreto-Lei nº 13.317, de 11/01/71, por ato do Sr Governador do Estado de Minas Gerais, Israel Pinheiro da Silva e Secretário do Estado da Educação, Sr Heráclito Mourão de Miranda.

Sua ata de instalação foi lavrada dia 23/09/1970 e seu prédio próprio foi inaugurado dia 12/06/1978, pelo Governador Aureliano Chaves.

II - IDENTIFICAÇÃO:

A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca integrante da Rede Estadual de Ensino, ministra do 1º ao 4º ano do I Ciclo do Ensino Fundamental.

Atualmente tem 08 salas de aula, com capacidade para atender 600 alunos em 02 turnos.

A clientela atendida pela Escola é de nível sócio-econômico baixo.

TÍTULO I – DA EDUCAÇÃO

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º - Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominante-mente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º - A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

CAPÍTULO I – DOS PRINCÍPIOS E FINS DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII – valorização do profissional da educação escolar;

VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX – garantia de padrão de qualidade;

X – valorização da experiência extra-escolar;

XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;

CAPÍTULO II – DOS OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 4º - O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

V – o Ensino Fundamental será presencial, sendo o ensino à distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

Art. 5º - O ensino religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas, sendo oferecido sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos e por seus responsáveis.

Art. 6º - A jornada escolar no Ensino Fundamental incluirá quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula.

CAPÍTULO III – DA ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 7º - Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I – elaborar e executar sua proposta pedagógica;

II – administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;

III – assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;

IV – velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;

V – prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;

VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

Art. 8º - Os docentes incumbir-se-ão de:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III – zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

CAPÍTULO IV – DA POLÍTICA EDUCACIONAL DA ESCOLA

Art. 9º - Tendo em vista os fins da Educação Nacional, os objetivos gerais do Ensino Fundamental, a Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca se propõe a alcançar os seguintes objetivos:

I – Possibilitar ao educando oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de suas potencialidades, tendo em vista o atendimento às diferenças individuais;

II – formar o cidadão dentro dos ideais culturais, cívicos, morais e sociais da comunidade, e dar-lhes conhecimentos necessários para que seja um elemento útil a si mesmo, à sociedade e à Pátria;

III – preparar o indivíduo para que ele tenha uma atitude positiva, frente às mudanças: que seja capaz de raciocinar, discernir, interpretar, atuar em situações novas, participando da solução de problemas, comunicando com clareza suas idéias, apreciando com justiça o que o cerca;

IV – desenvolver os conceitos básicos de educação intelectual nos moldes das necessidades atuais e capacidades da criança, do pré-adolescente e do adolescente, através dos conteúdos convenientemente distribuídos;

V – promover a formação de hábitos físicos, intelectuais, morais e sociais sadios, para a perfeita integração na escola e na comunidade;

VI – desenvolver a formação de atitudes favoráveis de respeito, compreensão, admiração e valores intelectuais e morais;

VII – realizar experiências pedagógicas que visem o aprimoramento do ensino;

VIII – tornar a escola um lugar agradável, com boa convivência para melhor adaptação do aluno.

TÍTULO II – DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E TÉCNICA

CAPÍTULO I – DA ADMINISTRAÇÃO

SEÇÃO I – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 10 - A administração da Escola Estadual "Monsenhor José Guimarães Fonseca", será exercida:

- pela Diretoria
- pelo Colegiado

Art. 11 - A Diretoria será constituída :

- pelo Diretor da Escola
- pelo Vice-Diretor
-

SEÇÃO II – DA COMPETÊNCIA

Art. 12 – É função específica da administração da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca:

I – ser articulador, político, pedagógico e administrador da escola;

II – planejar todo o trabalho escolar;

III – organizar, coordenar, controlar e avaliar os trabalhos educacionais desenvolvidos no estabelecimento.

Art. 13 – São atribuições e deveres do Diretor da Escola Estadual:

I – Implementar o projeto político-pedagógico da "Escola Sagarana", que tem como lema "Educação para a vida com dignidade e esperança".

- Participar da Construção do Sistema Mineiro de Educação, compreendendo as diferenças regionais e valorizando a cultura do Estado.
- Assumir com competência profissional a Escola Pública Democrática e de qualidade para todos.
- Compreender a Escola como "locus" privilegiado do processo educativo, enquanto centro formador do ser humano.
- Trabalhar visando a consolidação da democracia na Escola Pública de Minas Gerais, convivendo com o pluralismo de idéias e garantindo a transparência das ações e a eqüidade no tratamento de todos.
- Manter postura ética e exemplar no trato dos assuntos da Escola, evitando manipulações e interferências político-partidárias.
- Divulgar amplamente na comunidade os critérios técnicos para as designações de professores, especialistas e demais servidores, impedindo o clientelismo político e o nepotismo.
- Trabalhar para o fortalecimento do Colegiado da Escola, entendendo suas atribuições, respeitando suas decisões e contribuindo para evitar qualquer influências externa sobre ele que tenha caráter de manipulação e/ou desrespeito.
- Garantir o acesso e a permanência de todos os alunos na Escola Pública Democrática, evitando a evasão, trabalhando na busca de seu aperfeiçoamento pedagógico, sempre com vistas ao sucesso escolar.
- Resguardar o caráter eminentemente cultural e pedagógico da Escola, vetando atividades comerciais em seus limites ou práticas estranhas à sua função institucional.

- Preservar e incentivar o respeito e o interesse de todos pela conservação da memória da Escola.

- Entender a necessidade de que seja assegurada a autonomia da Escola, resguardando a sua identidade própria, sem perder a perspectiva do sistema educacional.

- Promover a necessária articulação com a Secretaria ou com o Órgão de Educação do Município.

- Observar e cumprir a legislação que dispõe sobre os direitos da criança e do adolescente, sobre a organização do ensino e da Escola, sobre a correta aplicação dos recursos públicos e as respectivas prestações de contas e sobre as atribuições específicas do cargo de Diretor da Escola.

II – Coordenar a administração financeira e a contabilidade da Escola.

- Levantar as necessidades de recursos para atender à previsão de despesas rotineiras e eventuais da escola.

- Elaborar o orçamento da escola, submetendo-o à aprovação do Colegiado.

- Providenciar o recebimento de Verbas Oficiais e orientar a captação de recursos em outras fontes.

- Aplicar em tempo hábil, os recursos obtidos, tendo em vista o atendimento às necessidades da escola.

- Submeter ao Colegiado da escola a prestação de contas dos recursos aplicados.

III – Coordenar a administração de pessoal:

- Definir com o Colegiado o quadro de pessoal da escola.

- Promover a avaliação de desempenho dos profissionais da escola.

- Definir o quadro de distribuição de tarefas e assegurar o seu cumprimento.

- Fazer cumprir o regime disciplinar previsto na legislação específica.

- Assegurar a atualização das fichas funcionais dos servidores da escola.

- Determinar medidas necessárias ao ingresso, à movimentação e ao processamento de benefícios, direitos e vantagens dos servidores da escola.

- Definir com os servidores da escola seus períodos de férias.

IV – Favorecer a gestão participativa da escola:

- Convocar assembléias para a eleição dos membros do Colegiado.

- Organizar o Colegiado da escola, esclarecendo-o sobre suas funções.

- Convocar as reuniões do Colegiado e presidí-las.

- Submeter à apreciação do Colegiado questões que devem ser decididas participativamente.

- Fazer cumprir as decisões do Colegiado.

- Delegar competência quando se fizer necessário de acordo com os dispositivos legais.

V – Gerenciar ações de desenvolvimento dos recursos humanos da escola:

- Participar do levantamento de necessidades de capacitação do pessoal da escola.

- Providenciar ações de capacitações dos profissionais da escola, tendo em vista as necessidades identificadas.

- Articular com Instituições e pessoas, visando á sua participação nas atividades de capacitação de pessoal da escola.

- Encaminhar demanda de cursos aos órgãos competentes, quando necessário.

VI – Orientar o funcionamento da secretaria da escola:

- Estabelecer a rotina do funcionamento da secretaria, garantindo a regularidade das atividades e informações.

- Orientar a secretária da escola sobre normas e procedimentos referentes à escrituração escola e à situação funcional dos servidores.

- Organizar arquivo de legislação referentes à educação.

- Supervisionar a análise de processos de regularização de vida escolar.

VII – Participar do atendimento escolar do município:

- Colaborar na realização do cadastro escolar.

VIII – Representar a Escola junto aos demais órgãos e agências sociais do município.

IX – Coordenar a elaboração, implementação e avaliação do plano de desenvolvimento da escola:

- Articular a comunidade na elaboração, implementação, acompanhamento e avaliação do plano de desenvolvimento da escola.

- Promover estudos e debates para subsidiar a elaboração do plano de desenvolvimento da escola, identificando as características da clientela, definir a missão da escola e sugerindo as ações a serem desenvolvidas.

- Coordenar a elaboração do plano de desenvolvimento da escola, viabilizando a participação de todos, conforme a dinâmica de planejamento estabelecida.

- Submeter o plano de desenvolvimento da escola à aprovação do Colegiado e promover sua divulgação.

- Discutir com a comunidade escolar a operacionalização do plano de desenvolvimento da escola, definindo responsabilidades de cada segmento e a dinâmica a ser utilizada.

- Promover a integração dos diversos setores da escola, visando assegurar a unidade necessária à efetivação do plano de desenvolvimento da escola.

- Acionar medidas destinadas a garantir condições administrativas, financeiras e pedagógicas necessárias à implementação das ações previstas no plano de desenvolvimento da escola.

- Propor o replanejamento do plano de desenvolvimento da escola, com base nos resultados da avaliação.

Art. 14 - Compete ao Vice-diretor:

I – manter as autoridades informadas sobre a vida administrativa do estabelecimento;

II – supervisionar a manutenção da limpeza e conservação das instalações bem como elaborar horário de trabalho e delegar atribuições aos auxiliares de serviço;

III – manter o controle de recebimento de material, distribuição, estoques e inventários;

IV – desincumbir-se de todas as atividades que por sua natureza ou em virtude das disposições regulamentares, sejam decorrentes de suas atribuições;

V – substituir o Diretor em suas faltas e impedimentos eventuais;

VI – auxiliar o Diretor no desempenho de suas funções.

VII – fazer cumprir o regime disciplinar.

CAPÍTULO II – DO ÓRGÃO DO COLEGIADO

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 15 – O Colegiado da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca tem por finalidade:

- Promover a integração da escola com a comunidade.

- Criar condições que favoreçam a autonomia pedagógica, administrativa e financeira das escolas estaduais de Minas Gerais.

- Adotar instrumentos que possibilitem a gestão democrática.

SEÇÃO II – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 16 - O Colegiado será composto pelo Diretor da escola, que o presidirá e, por 6 (seis) no mínimo, e no máximo, 12 (doze) membros representantes dos segmentos:

I – professores, especialistas de educação e demais servidores da escola;

II – alunos regularmente matriculados e freqüentes, com idade mínima de 16 (dezesseis) anos;

III - pais ou responsáveis por alunos regularmente matriculados e frequentes.

§ 1° - Na representação dos segmentos, deverá ser garantida a seguinte proporcionalidade:

- 50% (cinqüenta por cento) para os servidores;

- 50% (cinqüenta por cento) para o segmento indicado no inciso II, deste artigo, considerado no seu conjunto;

§2° - Deverão ser eleitos, em Assembléia Geral, o representante e o suplente de cada segmento, observando-se a proporcionalidade estabelecida para cada um deles, conforme prevê o Estatuto do Colegiado.

§3° - Deverá ser registrada na data da Assembléia, a classificação dos eleitos com vistas ao preenchimento de vagas, no caso de afastamento de membro efetivo ou suplente;

§4° - Ao servidor que seja pai, mãe ou responsável por aluno de escola, será permitido representar, somente, o segmento de servidores;

§5° - Ao vice-diretor não caberá a representação de segmento algum.

Art. 17 – Nas escolas onde o número de servidores não possibilitar a composição do Colegiado, com o número mínimo de 6 membros, será permitida sua constituição com um número menor de componentes, desde que respeitada a proporcionalidade prevista no art 2°, §1° e 2° desta Resolução.

Art. 18 – O mandato dos membros do Colegiado será de 02 9dois) anos e terminará no mês de março, quando deverá ser eleitos os novos membros.

Art. 19 – Ao Diretor competirá a convocação da comunidade escolar para a realização da Assembléia Geral, que elegerá o Colegiado.

I - Caberá ao Diretor orientar os participantes da primeira Assembléia Geral sobre:

– a importância do Colegiado, sua competência e os objetivos que deverá perseguir;

– a proporcionalidade de representantes em cada segmento;

– os deveres do representante para com o segmento que representar;

– a época determinada para a escolha dos membros e a duração do seu mandato, no Colegiado.

Art. 20 – O membro do Colegiado que, por qualquer motivo, antes do término de seu mandato, desvincular-se do Colegiado ou da escola, será substituído por integrante do mesmo segmento que representar, observada a classificação prevista no artigo 2°, § 3°;

Parágrafo único - Esgotada a lista dos classificados, caberá ao Presidente do Colegiado promover a escolha do novo membro, em Assembléia realizada com os integrantes do segmento que sofrerá a substituição.

Art. 21 - O membro do Colegiado, no exercício de seu mandato, deverá expressar e refletir a linha de pensamento do segmento que representa:

I - O membro do Colegiado que não cumprir, satisfatoriamente, a representação a ele conferida nos termos do Estatuto, poderá ser substituído, mediante, proposta dirigida ao presidente do Colegiado, assinada pela maioria dos integrantes de seu segmento.

II - Cada membro do Colegiado terá garantido o direito de manifestar sua opinião e a do segmento que representar, no exercício de seu mandato, sem restrição ou punição da parte de seus pares.

Art. 22 - O presidente do Colegiado deverá, no início de cada semestre, convocar a comunidade escolar para uma Assembléia Geral, que terá como objetivo propor ações a serem desenvolvidas pela escola em conformidade com o PDE e aprovar os relatórios das atividades que serão realizadas.

Parágrafo único - Caso o Presidente não faça a convocação da Assembléia Geral, prevista no capítulo deste artigo, a maioria do Colegiado representada no mínimo por 2/3 (dois terços) de seus componentes poderá tomar a iniciativa da convocação;

SEÇÃO III – DA COMPETÊNCIA

Art. 23 - Ao Colegiado, observadas as normas legais e as diretrizes estabelecidas para o setor educacional e as especialidades da comunidade escolar, competem:

I – participar da elaboração, avaliação, reformulação e acompanhamento do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) e comprometer-se com a sua implementação;

II – opinar e apresentar sugestões sempre que necessário, sobre as ações programadas no PDE, com vistas à capacitação e ao aperfeiçoamento dos profissionais da educação que atuam na escola;

III – propor a expansão do atendimento escolar e a organização da escola com base nos resultados do cadastro escolar e na capacidade das instalações físicas disponíveis;

IV – analisar e aprovar os critérios complementares, estabelecidos pela escola (corpo técnico - administrativo e pedagógico), para o desempate na designação de pessoal que exercerá a função pública, na escola, observada a legislação pertinente;

V – definir o quadro de pessoal da escola, observada a legislação específica, as diretrizes estabelecidas no PDE e a Grade Curricular;

VI – analisar e aprovar os critérios adotados para a distribuição de turmas e de aulas, entre os professores da escola, na conformidade com os dispositivos legais pertinentes;

VII – emitir parecer sobre a movimentação e o afastamento do pessoal docente, técnico e administrativo requeridos pelos interessados ou propostos pelo Diretor da escola, por conveniência pedagógica e administrativa;

VIII – recomendar providências adequadas à melhor utilização do espaço físico, do material escolar e didático, da merenda escolar e do aproveitamento racional dos servidores da escola;

IX – acompanhar a participação do pessoal da escola, em atividades voltadas para a cultura artística, literária e desportiva, e apresentar sugestões que assegurem a conciliação dessa participação com as atividades curriculares previstas;

X – participar do Programa de Avaliação da Escola Pública de Minas Gerais, nos termos da legislação específica que regula o assunto;

XI – manifestar-se sobre a proposta curricular da unidade de ensino, com vistas ao seu aperfeiçoamento e enriquecimento;

XII – analisar e aprovar o Calendário Escolar, levando-se em conta a conciliação das exigências legais com as peculiaridades regionais;

XIII – opinar sobre questões relativas ao rendimento escolar, indisciplina, infrequência de alunos e outros casos, submetidos a sua consideração, observadas as normas pertinentes aos assuntos apresentados;

XIV – propor ações que visem a redução e/ou a erradicação das causas geradoras das questões indicadas no inciso XII;

XV – deliberar sobre recurso ou representação referentes à vida escolar ou funcional de alunos, professores, especialistas de educação e demais servidores da escola;

XVI – referendar as decisões do Diretor quanto à aplicação das penalidades previstas na legislação que rege a matéria;

XVII – analisar e aprovar a proposta orçamentária anual, elaborada pela escola;

XVIII – analisar e aprovar a proposta orçamentária de aplicação de recursos financeiros, vinculados, não vinculados e de outros diretamente arrecadados pela própria escola, obedecida a legislação que rege a matéria;

XIX – analisar e aprovar a prestação de contas referentes à aplicação dos recursos financeiros, de conformidade com o planejamento e com os termos de compromissos firmados, quando for o caso;

XX – fiscalizar e controlar a aplicação dos recursos Federais, destinados à merenda escolar;

XXI –avaliar e aprovar as planilhas relativas à realização de reparos reformas e ampliações no prédio da escola, tendo em vista as necessidades pedagógicas previstas no PDE;

XXII – apreciar e emitir parecer conclusivo sobre o desligamento de membros do Colegiado, motivado pelo descumprimento das normas estabelecidas em seu Estatuto.

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 24 - O Colegiado reunir-se-à na sede da escola ou em outro local, quando se fizer necessário.

§ 1° - Deverá ser realizada no mínimo, uma reunião ordinária a cada mês do ano letivo e seu funcionamento será regulado no Estatuto do Colegiado.

§ 2° - Em caso de urgência ou de relevante interesse, o Presidente, por iniciativa própria, ou a requerimento da maioria dos membros em exercício, convocará reunião extraordinária, com objetivo determinado.

§ 3° - A reunião somente poderá ser instalada com a presença de pelo menos 2/3 dos membros efetivos do Colegiado e na falta destes, seus suplentes.

§ 4° - As reuniões serão registradas em atas aprovadas e assinadas pelos membros presentes, ao esgotar a pauta programada, e seus termos deverão ser divulgados à comunidade escolar.

§5° - Será permitida a participação de integrante da comunidade escolar, nas reuniões do Colegiado, sem direito ao voto, quando constar da pauta, assunto de seu interesse particular ou do interesse de seu representado, no caso de pais ou responsáveis por aluno menor de 16 anos.

Art. 25 – O Colegiado terá funções de caráter deliberativo e consultivo nos assuntos referentes à gestão pedagógica, administrativa e financeira da unidade de ensino, respeitadas as normas pertinentes.

I – As funções de caráter deliberativo compreendem a tomada de decisões relativas ás diretrizes e linhas gerais das ações pedagógicas, administrativas e financeiras, desenvolvidas na escola.

II – As funções de caráter consultivo compreendem à emissão de pareceres, quando consultado pelo Diretor da Escola, e/ou comunidade escolar sobre:

a) situações decorrentes das ações pedagógicas, administrativas e financeiras;
b) preposições de procedimentos para a melhoria da qualidade do trabalho escolar.

CAPÍTULO III – DA CAIXA ESCOLAR

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 26 - A Caixa Escolar da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca tem por finalidade geral, colaborar na assistência e formação do educando por meio de aproximação entre pais, alunos e professores, promovendo a integração: poder – comunidade – escola – família.

Art. 27 – Constituem finalidades específicas da CAIXA ESCOLAR MONSENHOR JOSÉ GUIMARÃES FONSECA a conjunção de esforços, a articulação de objetivos e a harmonia de procedimentos, o que a caracteriza principalmente por:

a) interagir junto à escola como instrumento de transformação de ação, promovendo o bem-estar da comunidade do ponto de vista educativo, cultural e social;
b) promover a aproximação e a cooperação dos membros da comunidade pelas atividades escolares;
c) contribuir para a solução de problemas inerentes à vida escolar, preservando uma convivência harmônica entre pais ou responsáveis legais, professores, alunos e funcionários da escola;
d) cooperar na conservação dos equipamentos e prédios da unidade escolar;
e) administrar, de acordo com as normas legais que regem a atuação da CAIXA ESCOLAR MONSENHOR JOSÉ GUIMARÃES FONSECA, os recursos provenientes de subvenções, convênios, doações e arrecadações da entidade.

SEÇÃO II – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 28 – A Unidade Executora doravante denominada Caixa Escolar Monsenhor José Guimarães Fonseca, é uma sociedade civil sem fins lucrativos, de duração indeterminada, com atuação junto à referida Unidade escolar, sede e foro no Município de Três Corações, Estado de Minas Gerais, e será regida pelo presente Estatuto.

Art. 29 – São órgãos administrativos e deliberativos da Caixa Escolar:

I – A Assembléia Geral
II – A Diretoria
III – O Conselho Fiscal

Art. 30 – Os membros eleitos, ou conduzidos a compor qualquer dos órgãos referidos no artigo anterior, empossar-se-ão mediante termo de posse e compromisso assinado em livro próprio.

Art. 31 – Os membros da Assembléia Geral, da Diretoria e do Conselho Fiscal, exercerão gratuitamente suas funções, que se consideram serviço relevante.

UNICAMP
BIBLIOTECA
SEÇÃO

SEÇÃO III – DA COMPETÊNCIA

Art. 32 – Compete à Diretoria:

I – Elaborar e executar a Programação Anual e o Plano de Aplicação de Recursos da Caixa Escolar.

II – Deliberar sobre aplicação e movimentação dos recursos da Caixa Escolar.

III – Encaminhar ao Conselho Fiscal e Deliberativo, o balanço e o relatório, antes de submetê-los à apreciação da Assembléia Geral.

IV – Exercer as demais atribuições decorrentes de outros dispositivos deste Estatuto e as que lhe venham a ser legalmente conferidas.

V – Decidir os casos omissos.

VI – Cumprir e fazer cumprir as deliberações das Assembléias Gerais.

Art. 33 – Compete à Assembléia Geral Ordinária:

I – Conhecer do balanço financeiro e do relatório sobre o exercício findo, deliberativo livremente sobre os mesmos.

II – Eleger os membros do Conselho Fiscal e suplentes, bem como o secretário e o tesoureiro e seus suplentes.

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 34 - A Assembléia Geral se reunirá ordinariamente, no mês de março de cada ano, e , extraordinariamente, toda vez que for convocada regularmente, sendo seus trabalhos sempre dirigidos pelo Presidente da Caixa Escolar.

Art. 35 – A Diretoria reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, exceto nos períodos de férias e de recesso escolar, em dia e hora previamente marcados, mediante convocação do presidente para conhecer o andamento dos trabalhos e tratar de assuntos de interesse geral.

Parágrafo único – a Diretoria reunir-se-á extraordinariamente sempre que for convocada pelo presidente, ou por solicitação da maioria dos seus membros.

SEÇÃO V – DAS FUNÇÕES

Art. 36 – São funções específicas do presidente:

I - Convocar e presidir as assembléias gerais ordinárias e extraordinárias e as reuniões da Diretoria;

II – Representar a entidade em juízo e fora dele;

III – Administrar, juntamente com o Tesoureiro e em consonância com o Estatuto, os Recursos Financeiros da Entidade;

IV – Ler e tomar as providências cabíveis quanto à correspondência recebida e expedida;

V – Promover o entrosamento entre os membros da Diretoria, afim de que as funções sejam desempenhadas satisfatoriamente;

VI – Exercer as demais atribuições previstas neste Estatuto ou que venham a ser exercidas pela Diretoria;

VII – Administrar a Unidade Executora e divulgar as suas finalidades;

VIII – Apresentar relatório anual dos trabalhos realizados.

Art. 37 – Compete ao Vice-Presidente:

I – Auxiliar o Presidente nas funções pertinentes ao cargo;

II – Assumir as funções do presidente quando este estiver impedido de exercê-las.

Art. 38 - Compete ao Secretário:

I – Elaborar a correspondência e a documentação: atas, cartas, ofícios, comunicados, convocações etc;

II – Ler as atas em reuniões e assembléias;

III – Assinar, juntamente com o Presidente, a correspondência expedida;

IV – Manter organizada e arquivada a documentação expedida e recebida;

V – Conservar o livro de atas em dia e sem rasuras;

VI – Elaborar, juntamente com os demais membros da Diretoria, o relatório anual.

Art. 39 - Compete ao Tesoureiro:

I – Assumir a responsabilidade da movimentação financeira (entrada / saída de valores);

II – Assinar, juntamente com o Presidente, os cheques, recibos e balancetes;

III – Prestar contas no mínimo a cada três meses à Diretoria e ao Conselho Fiscal e, anualmente, em Assembléia Geral, aos associados;

IV – Manter os livros contábeis (caixa e tombo) em dia e sem rasuras.

CAPÍTULO IV – DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
SEÇÃO I – DA SECRETARIA

Art. 40 - A secretaria terá por finalidade:

I – a organização dos serviços de escrituração escolar;

II – a execução e controle das normas administrativas da escola;

Art. 41 - Os serviços de secretaria serão executados pelo secretário e auxiliar de secretaria II.

Art. 42 - Compete ao Secretário:

I – Zelar pela conservação do material sob sua guarda, pela boa ordem e higiene em seu setor de trabalho;

II – Desempenhar outras atividades compatíveis com a natureza do cargo, que lhe forem atribuídas pelo Diretor;

III – O serviço de Secretaria será orientado e supervisionado pelo Diretor.

Art. 43 - Compete ao Auxiliar de Secretaria II:

I – Exercer atividade profissional em nível de 2º grau no campo da administração escolar;

II – Conhecer e aplicar a legislação de ensino na área de sua competência;

III – Interpretar e aplicar normas relacionadas com a administração de pessoal, material, patrimônio e serviços gerais, especificando no campo da educação;

IV – Proceder a autenticação, registro e emissão de documentos comprobatórios da vida funcional de servidores da escola;

V – Providenciar a concessão de direitos e vantagens do pessoal no âmbito da escola;

VI – Organizar e manter atualizados, arquivos, fichários, livros e outros instrumentos de escrituração da unidade escolar;

VII – Redigir documentos destinados à comunicação, arquivo, informação e outros expedientes da área pedagógica;

VIII – Preparar certidões, atestados, históricos escolares e outros documentos solicitados;

XIX – Coletar, apurar, selecionar, registrar e consolidar dados e informações para fins necessários;

XX – Realizar trabalhos de protocolo, preparo, seleção, classificação, registro e arquivamento de documentos e formulários;

XXI – Realizar trabalhos de datilografia e computação da área escolar;

XXII – Atender, orientar e encaminhar as partes, informando sobre as questões da área escolar;

XXIII – Zelar pelo uso e conservação do material, mobiliário e equipamentos sob sua guarda, na instituição escolar;

XXIV – Desempenhar outras atividades compatíveis com a natureza do cargo, que lhe forem atribuídas pelo Diretor.

CAPÍTULO V – DOS SERVIÇOS GERAIS

Art. 44 - A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca manterá os serviços de Conservação e Limpeza.

Art. 45 – Os funcionários dos serviços previstos no artigo anterior serão admitidos em consonância com as exigências legais vigentes.

Art. 46 - São atribuições básicas dos Ajudantes de Serviços Gerais:

I – Exercer atividades simples a nível de ensino fundamental, no campo da zeladoria;

II – Realizar trabalhos de limpeza e conservação de locais, de mobiliário, de equipamentos, de utensílios e de alimentos;

III – Realizar movimentação de móveis e utensílios, correspondência e documentos diversos;

IV – Responsabilizar-se pelo preparo e distribuição de alimentos;

V – Zelar pela vigilância de prédios e áreas.

Art. 47 – As atribuições do pessoal de Serviços Gerais, será delegada pelo Diretor ou Vice-Diretor (quando houver), em conformidade com as necessidades do próprio estabelecimento.

Parágrafo único – é de competência do Diretor escolher o horário da atuação do funcionário no estabelecimento.

TÍTULO III – DOS SERVIÇOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES

CAPÍTULO I – DOS TIPOS

Art. 48 - A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca oferecerá os seguintes serviços pedagógicos complementares:

I – Conselho de classe;

II – Aperfeiçoamento de pessoal;

III – Biblioteca;

IV – Sala de vídeo.

CAPÍTULO II – DOS CONSELHOS DE CLASSE
SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 49 - O Conselho de Classe da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca trata de um órgão colegiado que tem por objetivo a avaliação coletiva do processo de aprendizagem do aluno, subsidiando, dessa forma, a construção do projeto político-pedagógico da escola.

Art. 50 – O Conselho de Classe da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca tem por objetivo servir de fórum de discussão para definição de:

- objetivos a serem alcançados em cada disciplina, no ano de escolaridade;
- uso de metodologias e estratégicas de ensino;
- projetos coletivos de ensino e atividade;
- formas de acompanhamento dos alunos em seu percurso nos ciclos;
- critérios para apreciação do desempenho dos alunos ao longo e ao final dos ciclos;
- elaboração das fichas de registro do desempenho dos alunos ao longo e ao final dos ciclos;
- decorrer dos ciclos e para informação aos pais;
- formas de relacionamento com a família.

SEÇÃO II – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 51 - Os Conselhos de Classe da Escola Estadual monsenhor José Guimarães Fonseca são constituídos pelo pessoal docente e técnico-pedagógico.

Art. 52 – Sempre que julgar necessário, o Conselho de Classe pode convidar pais e alunos para participar de suas reuniões.

SEÇÃO III – DA COMPETÊNCIA

Art. 53 - Compete aos Conselhos de Classe da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca:

I – Ao final do ano letivo:

- avaliar o desempenho de cada aluno nas atividades escolares desenvolvidas ao longo do ano;
- realizar a enturmação dos alunos para o ano letivo seguinte.

II – Ao final de cada ciclo:

- avaliação do desempenho de cada aluno, identificar suas necessidades específicas.

SEÇÃO IV – DO FUNCIONAMENTO

Art. 54 – A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca deve realizar um mínimo de 04 (quatro) reuniões dos Conselhos de Classe, ao longo do ano letivo ou período escolar, registradas no Calendário Escolar.

Art. 55 – Cabe à direção da Escola assegurar ao Conselho de Classe as condições mínimas para seu funcionamento. A organização dos horários de realizações das reuniões deve ser de modo a permitir que todos seus membros efetivos participem, em especial, os professores, considerando-se que não existe professor dispensável no processo de avaliação coletiva do aluno e do trabalho pedagógico da escola.

SEÇÃO V – DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL

Art. 56 - O aperfeiçoamento do pessoal visa a atualização do pessoal e a melhoria do ensino-aprendizagem.

I – O Diretor poderá estimular os servidores da Escola para freqüentarem cursos de extensão ou especialização, congressos e seminários.

II – O abono de faltas dos servidores que freqüentarem cursos de especialização ou extensão, ficará sujeito a estudos e determinações superiores.

Art. 57 – O Projeto de Capacitação dos Professores – PROCAP – e o Projeto de Capacitação dos Dirigentes – PROCAD – O Programa de Desenvolvimento Curricular – PRODEC – Projeto de Apoio às Inovações Escolares – PAIE, integram o Projeto de Melhoria da Qualidade de Ensino da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca.

SEÇÃO VI – DA BIBLIOTECA

Art. 58 - A Biblioteca terá a finalidade de fornecer os elementos necessários à realização e enriquecimento dos trabalhos pedagógicos, consultas e pesquisas.

Art. 59 – Às Escolas que não contam com Professor para o Ensino do uso da Biblioteca, caberá aos eventuais, vice-diretores ou excedentes a organização da Biblioteca Escolar.

Art. 60 – As Escolas do Ensino Fundamental contam com os Cantinhos de Leitura nas salas de aula, adquiridos através do Pró-Qualidade.

Parágrafo único: os Cantinhos de Leitura têm como finalidade o incentivo e o gosto pela leitura.

Art. 61 – A organização e o funcionamento da Biblioteca estarão sujeitos às normas específicas definidas em regulamento próprio, baixadas pela Diretoria da Escola.

Art. 62 – São atribuições específicas do professor indicado ou designado para exercer a função "Ensino do Uso da Biblioteca", nas escolas estaduais:

I – organizar a Biblioteca de forma a facilitar o uso do livro, do vídeo, do retroprojetor, do projetor de slides e de outros materiais e/ou equipamentos nela existentes, assegurando ao usuário um ambiente propício à reflexão e estimulador da criatividade e da imaginação;

II – zelar pela conservação do acervo da Biblioteca, orientando o usuário, docente e discente, com vistas à adequada utilização desse acervo;

III – promover atividades individuais e/ou coletivas, especialmente as que estimulem os alunos a produzirem textos;

IV – divulgar, no âmbito da Escola, os programas de vídeo disponíveis, fazendo com que a sua utilização seja instrumento de lazer, cultura, informação, humanização e socialização;

V – desenvolver um trabalho articulado – imagem, leitura e outras artes, buscando a integração entre Educação e Cultura como fator de melhoria da qualidade de ensino;

VI – colaborar com o desenvolvimento das atividades curriculares da Escola, facilitando a interdisciplinaridade e criando condições para que os alunos compreendam melhor a realidade em que vivem;

VII – ministrar aulas de uso de Biblioteca, sensibilizando professores e alunos para o hábito da leitura;

VIII – participar efetivamente da vida cultural e social da comunidade escolar, incentivando, por meio de promoções e gosto pela leitura.

CAPÍTULO III – DO SERVIÇO DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

SEÇÃO I – DAS FINALIDADES

Art. 63 - O Serviço de Supervisão Pedagógica tem por finalidade planejar, controlar e avaliar as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola.

SEÇÃO II – DA CONSTITUIÇÃO

Art. 64 - O serviço de Supervisão Pedagógica será composto pelo profissional legalmente habilitado e admitido em consonância com as exigência legais, constituídas pela Secretaria de Estado da Educação.

Parágrafo único – a atuação do supervisor pedagógico se dará em harmonia com a diretoria e o corpo docente, ao aluno, seus familiares e toda a comunidade escolar.

SEÇÃO III – DA COMPETÊNCIA

Art. 65 - É papel específico do especialista de educação, articular o trabalho pedagógico da escola, dos docentes, dos alunos e dos seus familiares em torno de um eixo comum: o ensino-aprendizagem pelo qual perpassam as questões do professor, do aluno e da família:

I – Coordenar o planejamento e implementação do Projeto Pedagógico da escola, tendo em vista as diretrizes definidas no Plano de Desenvolvimento da Escola:

a) Participar da elaboração do Plano de Desenvolvimento da Escola;
b) Delinear com os professores, o Projeto Pedagógico da Escola, explicando seus componentes de acordo com a realidade dela;
c) Coordenar a elaboração do currículo, envolvendo toda a comunidade escolar;
d) Assessorar os professores na escolha e utilização dos procedimentos recursos didáticos mais adequados ao atingimento dos objetivos curriculares;
e) Promover o desenvolvimento curricular, redefinindo, conforme as necessidades, os métodos e materiais de ensino;
f) Participar da elaboração do calendário escolar;
g) Articular os docentes de cada área para o desenvolvimento do trabalho técnico-pedagógico da escola, definindo suas atividades específicas;
h) Avaliar o trabalho pedagógico, sistematicamente, com vista à reorientação de sua dinâmica (avaliação externa);

i) Participar com o corpo docente do processo de avaliação externa e da análise de seus resultados;
j) Identificar as manifestações culturais características da região e incluí-las no desenvolvimento do trabalho da escola;

II – Coordenar o programa de capacitação do pessoal da escola:

a) Analisar os resultados da avaliação sistêmica feita juntamente com os professores e identificar as necessidades dos mesmos;
b) Realizar a avaliação do desempenho dos professores, identificando as necessidades individuais de treinamento e aperfeiçoamento;
c) Efetuar o levantamento das necessidades de treinamento e capacitação, dos docentes na escola;
d) Manter intercâmbio com instituições educacionais e ou pessoas visando sua participação nas atividades de capacitação;
e) Analisar os resultados obtidos com as atividades de capacitação docente, na melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem.

III – Realizar a orientação dos alunos, articulando o envolvimento da família no processo educativo:

a) Identificar junto com os professores, as dificuldades de aprendizagem dos alunos;
b) Orientar os professores sobre as estratégias mediante as quais as dificuldades identificadas possam ser trabalhadas, em nível pedagógico;
c) Promover a integração do aluno no mundo do trabalho, através da informação profissional e da discussão de questões relativas aos interesses profissionais dos alunos e a configuração do trabalho na realidade social;
d) Analisar com a família, os resultados do aproveitamento do aluno, orientando se necessário, para obtenção de melhores resultados.

TÍTULO IV – DA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

CAPÍTULO I – DA ESTRUTURA DO ENSINO

Art. 66 – A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca, ministra os seguintes tipos de ensino:

- Ensino fundamental – 01 (um) Ciclo Básico que absorverá crianças de 7 e 9 anos e 01 (um0 Ciclo Intermediário para crianças entre 10 e 12 anos.

Art. 67 – O Plano de Desenvolvimento da Escola – PDE – é um instrumento de planejamento e gestão que contém proposta de trabalho da escola, para um período de 5 anos e que dá sentido e identidade a toda Instituição, unificando as atividades dos diversos segmentos (alunos, professores, pais e servidores) da comunidade escolar. Ele explicita a trajetória do desenvolvimento da escola e o marco que pretende alcançar ao final de seu período de vigência. O PDE não inclui a rotina escolar mas, sim, ações novas que podem colocar a escola em outro patamar de desenvolvimento.

SEÇÃO I – DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 68 - O Ensino Fundamental, com duração mínima de 8 anos, obrigatórios e gratuito na escola pública, tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca com que se assenta a vida social.

1 – O Ensino Fundamental é ministrado em ciclos, o primeiro os 03 (três) primeiros anos e o segundo, ciclo intermediário.

CAPÍTULO II – DOS CURRÍCULOS E PROGRAMAS

SEÇÃO I – DA COMPOSIÇÃO DOS CURRÍCULOS

Art. 69 – Os currículos do Ensino Fundamental com uma base Nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma base diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

1 – Os currículos a que se refere o caput, devem abranger obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social política, especialmente do Brasil.

2 – O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

3 – A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando as faixas etárias e as condições da população escolar.

4 – O ensino da História do Brasil, levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e européias.

Art. 70 – Os conteúdos curriculares da educação básica, observarão ainda, as seguintes diretrizes:

I – a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II – consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III – orientação para o trabalho;

IV – promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais.

SEÇÃO II – DOS PROGRAMAS

Art. 71 - Sempre que a experiência o indicar, e com a finalidade de atender as conveniências didático-pedagógicas, os programas poderão sofrer reajustamento, adaptando-se ao nível de desenvolvimento dos alunos e à evolução do meio social.

Art. 72 - Caberá aos professores, a adaptação dos programas, assistidos pelo supervisor pedagógico.

Parágrafo Único - Para a efetivação da medida e visando concorrer para a real execução dos programas propostos, deverá a administração incentivar a realização de atividades tais como: excursões, entrevistas, promoção de feiras, exposição e outras.

Art. 73 – Os programas adaptados serão submetidos à aprovação da diretoria e homologados pelos órgãos colegiados.

CAPÍTULO III – DO ANO LETIVO

Art. 74 - O Calendário Escolar tem por finalidade a previsão dos dias e períodos destinados à realização das atividades curriculares no estabelecimento.

Art. 75 - Na elaboração do Calendário Escolar são especificados:

I – O início e término do Ano Letivo;
II – O início e o término do Ano Escolar, que inclui o Ano Letivo;
III – Os dias destinados à realização das Assembléias da comunidade escolar;
IV – Os períodos destinados à chamada e à matrícula;
V – Os períodos de planejamento e reciclagem dos professores;
VI – Os feriados, férias e recessos;
VII – As programações culturais, cívicas e pedagógicas da escola e do município;
VIII – Conselho de Classe.

1 – A especificação referida deverá resguardar os mínimos relativos à duração do ano letivo e carga horária anual.

2 – A carga horária mínima anual será de 800h (oitocentas horas), distribuídas por um mínimo de 200 dias de efetivo trabalho escolar.

3 – O calendário escolar constituir-se-á em anexo deste regimento.

Art. 76 - Considera-se como dia escolar:

I - Os dias destinados à realização de assembléia da comunidade escolar;
II - O dia destinado à realização da assembléia geral para a escolha dos membros do Colegiado Escolar;
III - Os dias destinados ao planejamento e reuniões técnico-pedagógicas;
IV – As programações culturais, cívicas e pedagógicas da Escola e do município
V – Dias destinados ao Conselho de Classe.

Art. 77 - Considera-se dia letivo aquele em que efetivamente são ministradas aulas ou atividades integrantes do currículo, especificadas no Calendário Escolar e em que se registre a frequência dos alunos.

Art. 78 – A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca cumprirá a seguinte carga horária:

- dia letivo de 4 horas de duração, excluindo-se os recreios;
- carga horária anual de 800 horas (relógio), excluindo-se recreios e intervalos.

CAPÍTULO IV – DA MATRÍCULA

SEÇÃO I – GENERALIDADES

Art. 79 - A matrícula será feita por série, nos períodos previstos no Calendário Escolar, observadas as exigências legais.

1 - Deve-se observar o critério de zoneamento escolar, sendo vedado o exame de seleção de candidatos.

2 - É divulgado de forma mais ampla possível o edital de matrícula, bem como os critérios estabelecidos no Regimento Escolar para frequência à escola.

Art. 80 – Em nenhuma hipótese, será negada matrícula por motivo de raça, sexo, condição social, convicção política, crença religiosa, bem como por ser o candidato portador de deficiência.

Art. 81 - São admitidos à matrícula ao 1° ano do primeiro ciclo, todos os alunos com 7 (sete) anos completos ou incompletos.

Art. 82 – No ato da matrícula, se menor de idade, o responsável deve declarar que conhece e aceita as normas regimentais, optando, ainda, se for o caso, pela freqüência às aulas de Ensino Religioso.

Parágrafo único – A Escola deverá divulgar e facilitar aos candidatos à matrícula, o acesso ao Regimento Escolar.

Art. 83 – Terá sua matrícula cancelada o aluno que sem justificativa deixar de comparecer à escola até o 15° (décimo quinto0 dia letivo após o início das aulas, ou a contar da data da efetivação da matrícula se esta ocorrer durante o Ano Letivo.

I – Antes de efetuar o cancelamento da matrícula, nos termos deste artigo, a escola deve tomar as providências cabíveis para levar o aluno e seus responsáveis ao cumprimento da obrigatoriedade escolar.

II – Terá sua matrícula cancelada ao longo do ano letivo o aluno que, sem justificativa, deixar de comparecer à escola por um período superior a 30 dias, salvo se possuir aproveitamento da aprendizagem superior a 80% em todos os conteúdos.

III – É facultado ao aluno que tiver a matrícula cancelada retornar à escola, matriculando-se novamente, sob as condições de existência de vaga, apresentação de justificativa e possibilidade de se efetuar ajustamento pedagógico.

Art. 84 – A permanência do aluno na escola no ano subsequente, deverá ser confirmada no final d ano letivo, pelo aluno, seus pais ou responsáveis, se menor de idade.

Parágrafo único – a matrícula de alunos transferidos, poderá ocorrer em qualquer período do ano, observadas as normas regimentais.

Art. 85 – É assegurada a matrícula aos filhos e profissionais circenses, havendo ou não vaga, em qualquer época do ano letivo.

CAPÍTULO V - DA TRANFERÊNCIA

Art. 86 - A transferência de um estabelecimento para outro será obtida pelo interessado, em qualquer época, mediante requerimento à diretoria, devendo o mesmo ser subscrito pelo aluno (quando maior) ou seu responsável (quando menor).

Art. 87 – A transferência far-se-á pelo Núcleo Comum, podendo ser aceita pelo Estabelecimento, desde que haja vaga, salvo os casos previstos em Lei.

Art. 88 – A escola poderá aceitar matrícula, em caráter condicional, pelo prazo máximo de 30 (trinta) dias, mediante a apresentação de declaração provisória de transferência, expedida pela escola de origem, na qual se conseguem:

I – identificação do estabelecimento;

II – identificação do aluno;

III – série em curso, ou concluída com aprovação;

IV – compromisso de fornecimento da documentação completa no prazo mencionado neste artigo.

Art. 89 – No término do Ciclo do Ensino Fundamental, deverá ser expedido o Histórico Escolar.

Art. 90 - Caberá à direção solucionar os casos de transferência que implicarem estudos de equivalência e adaptação de currículos, de acordo com as normas vigentes.

Art. 91 – Nos documentos de transferência e certificados, os resultados de avaliação do aproveitamento, serão convertidos à escala numérica de zero a cem, qualquer que seja o critério de notas, menções ou conceitos adotados pela escola..

Art. 92 – Para a transferência não se exige declaração de existência de vaga na escola de destino.

Art. 93 – O requisito de existência de vaga só é dispensado:

I – na faixa de obrigatoriedade escolar, quando houver outra escola na localidade;

II – nos casos previstos em lei.

Art. 94 – Do histórico escolar destinado à transferência constarão:

I – identificação do estabelecimento de origem e endereço completo, natureza do ato de sua criação, instalação, autorização de funcionamento ou reconhecimento, conforme o caso, com citação do órgão e data da respectiva publicação;

II – identificação do aluno com nome completo, sua filiação, data de nascimento, nacionalidade, naturalidade quando for o caso, dados relativos ao certificado de reservista e ao título de eleitor;

III – currículo das séries ou períodos concluídos e no caso da transferência durante o período letivo, também o da série ou período em curso, até a data da transferência;

IV – registro de ocorrências peculiares à vida escolar do aluno;

V – assinatura do diretor e do secretário do estabelecimento, os nomes por extenso ou à máquina ou carimbo, e os números dos respectivos registros ou autorizações.

1 – Para os alunos do Ensino Fundamental e dos Projetos, a documentação será instruída com a ficha individual do aluno, na qual se registrará de forma descritiva, os progressos e dificuldades do aluno, durante o ensino-aprendizagem.

TÍTULO V - DA AVALIAÇÃO E SUA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

CAPÍTULO I - DA VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

Art. 95 - A verificação do Rendimento Escolar busca avaliar o grau de desempenho e levantar dificuldades e possibilidades, afim de programar ações educacionais necessárias.

Parágrafo único – a verificação do Rendimento Escolar observa os seguintes critérios:

I – avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sob os quantitativos e dos resultados ao longo do período;

II – possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

III – possibilidade de avanços nos cursos e séries mediante verificação do aprendizado;

IV – aproveitamento de estudos com êxito;

V – obrigatoriedade de estudos de recuperação, para os casos de baixo rendimento escolar.

Art. 96 – As normas de verificação de rendimento escolar, compreendem avaliação do aproveitamento e a apuração da assiduidade observando o disposto na legislação vigente.

1 – Os resultados das avaliações devem ser apresentados de forma descritiva;

2 – Os resultados e os instrumentos de avaliação devem ser apresentados aos alunos ou aos seus responsáveis, no prazo de 15 (quinze) dias após encerradas as avaliações;

3 – Os resultados da avaliação da aprendizagem bem como a apuração de assiduidade devem constar dos regimentos escolares;

4 – A verificação do Regimento Escolar é processo contínuo do qual devem participar a direção, especialistas, professores e alunos;

5 – O acompanhamento e a avaliação dos resultados dos alunos são feitos de acordo com o disposto neste Regimento e devem possibilitar:

I – o replanejamento didático visando garantir a efetivação do processo ensino-aprendizagem;

II – a permanente informação ao aluno de seu desempenho em relação aos objetivos do currículo;

III – o planejamento dos estudos de recuperação de acordo com as necessidades do aluno;

IV – o fornecimento de dados para a auto-avaliação da escola e informação à comunidade quanto aos resultados do trabalho escolar, nos termos da legislação em vigor;

V – aprofundamento da análise das necessidades dos alunos e das escolas apontadas nos resultados do programa de avaliação da Escola Pública de Minas Gerais.

Art. 97 – No início do ano letivo, faz-se a diagnose da aprendizagem cujo o resultado serve para verificar os aspectos programáticos já vencidos e possibilitar a continuidade do desenvolvimento dos programas.

Art. 98 – Os processos de avaliação aferem, preferência à compreensão dos fatos, à percepção de relações, aplicação de conhecimentos, às habilidades e automatismos adquiridos, evitada a aferição de dados apenas memorizados.

Art. 99 – Participam da avaliação todas as pessoas diretamente ligadas ao processo ensino-aprendizagem.

1 – Vários instrumentos de medidas são utilizados: teste, trabalhos individuais ou em equipe, pesquisas, observações e outros, devendo o professor selecioná-los de acordo com a natureza da matéria e o tratamento metodológico adotado.

2 – Os instrumentos de avaliação são elaborados pelos professores, supervisor e com participação do diretor de acordo com o currículo desenvolvido.

3 – A auto-avaliação do aluno é adotada por constituir instrumento indispensável ao seu desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem.

Art. 100 – A avaliação do rendimento escolar é feita por conteúdo específico.

Art. 101 – O processo de apuração de assiduidade fica a cargo do professor, que deve fazer o registro diário da freqüência dos alunos.

CAPÍTULO II - DA CLASSIFICAÇÃO E RECLASSIFICAÇÃO

Art. 102 – Classificar significa posicionar o aluno em séries anuais, períodos semestrais, ciclos ou outras formas de organização compatíveis com sua idade, experiência, nível de desempenho ou conhecimento.

Art. 103 - A Classificação do aluno em qualquer série anual, período semestral ou ciclos, exceto a primeira do Ensino Fundamental, pode ser feita:

I – Por promoção - para alunos que cursarem com aproveitamento a série, período, ciclo, fase ou etapa anterior na própria escola;

II - Por transferência - para candidatos procedentes de outras escolas, considerando os componentes curriculares da base nacional comum;

III - Por avaliação – independentemente de escolarização anterior, mediante classificação feita pela escola, que define o grau de desenvolvimento do candidato e permita sua inscrição na série, período, ciclo, etapa ou fase adequada.

1 – A descrição do processo de classificação fica a cargo de uma comissão presidida pela direção da escola, sendo representada por dois professores e pelo especialista.

2 – Os documentos que fundamentam a classificação são arquivados na escola.

Art. 104 – Reclassificar e reposicionar o aluno em série, período, ciclo, fase ou etapa diferente daquela indicada em seu História Escolar. É recomendável que a decisão de reclassificação seja decorrente de manifestação de uma comissão, presidida pela direção da Escola, e que tenha representantes docentes do curso, no qual o aluno deverá ser classificado, bem como dos profissionais responsáveis pela Coordenação/Supervisão das atividades pedagógicas e pais ou responsável.

Art. 105 – Uma comissão, presidida pela direção da Escola, e que tenha representantes docentes do curso, no qual o aluno deve ser classificado, e Especialista pode reclassificar o aluno em série, período, ciclo, fase ou etapa diferente daquela indicada em seu histórico escolar.

1 – Os critérios para reclassificação devem ser elaborados por esta comissão e anexados na Proposta Pedagógica.

2 – Os documentos que fundamentam a reclassificação são arquivados na Escola.

CAPÍTULO III – Da ACELERAÇÃO DE ESTUDOS

Art. 106 – Aceleração de estudos é a forma de proporcionar aos alunos com atraso escolar, a oportunidade de atingir o nível de desenvolvimento correspondente à sua idade.

Art. 107 – Alunos com atraso escolar são aqueles que se encontram com idade superior à que corresponde à série, período ou ciclo que esteja cursando.

IV - DA FREQUÊNCIA

Art. 108 – O controle de freqüência tem por objetivo o registro da presença do aluno nas atividades escolares programadas, das quais está obrigado a participar em pelo menos 75% do total da carga horária prevista.

Art. 109 – A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca realiza, a cada bimestre, reunião com os pais para informar sobre freqüência e desempenho de alunos.

1 – Persistindo a infreqüência, a direção da escola organiza uma comissão que entra em contato direto com os pais, para solucionar a questão.

2 – Devem ocorrer concomitantemente ao processo educativo, para garantir ao aluno a superação das dificuldades no seu percurso escolar.

3 – Destinam-se também aos alunos que não conseguiram o desempenho esperado num determinado espaço de tempo, aula, unidade curricular, período, série, ciclo, semestre ou até mesmo um ano, e serão feitos de forma contínua ao longo de todo o processo educativo.

Art. 110 – A Escola deve prover todos os meios possíveis para a recuperação dos alunos de menor desempenho.

Parágrafo único – Cabe aos docentes zelar pela aprendizagem estabelecendo estratégias de recuperação.

SEÇÃO 1 – DAS GENERALIDADES

Art. 111 – Os Estudos Complementares se destinam ao aluno que, ao final do 1º Ciclo do Ensino Fundamental, ainda não tiver atingido o nível de aproveitamento desejável na(s) disciplina(s) cursada(s), segundo avaliação do Conselho de Classe.

Parágrafo único – É obrigatória a participação do aluno que receber indicação, nesse sentido, dada pelo Conselho de Classe.

TÍTULO VI - DO PESSOAL

CAPÍTULO I - DO PESSOAL DOCENTE E ADMINISTRATIVO

Art. 112 – O pessoal a serviço do estabelecimento será constituído de: professor, orientador, supervisor pedagógico, pessoal administrativo.

Art. 113 – A formação de docentes para atuar na Educação Básica, far-se-á em nível superior em curso de Licenciatura, de graduação plena, em universidades e Institutos Superiores de Educação,

admitida, como formação mínima para o exercício do Magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental.

SEÇÃO I - DA CATEGORIA E FORMA DE ADMISSÃO

Art. 114 – o diretor organiza o Quadro de Pessoal da Escola com base na Lei nº 9381, de 18 de dezembro de 1986, e nos critérios estabelecidos pela legislação vigente.

Art. 115 – Sem prejuízo do disposto no artigo anterior, a escola estabelece critérios complementares para a organização do quadro de pessoal.

Parágrafo único – os critérios complementares, após aprovação pelo Colegiado e registro em ata, são validados pela SER, e amplamente divulgados junto à comunidade escolar, antes do término do ano letivo anterior.

SEÇÃO II - DOS DEVERES

Art. 116 – Constituem deveres do pessoal do Magistério:

I – elaborar e executar integralmente os programas, planos e atividades da escola no que for de sua competência;

II – cumprir e fazer cumprir os horários e calendários escolares;

III – ocupar-se com zelo, durante o horário de trabalho no desempenho das atribuições de seu cargo;

IV – manter e fazer com que seja mantida a disciplina em sala de aula e fora dela;

V – comparecer às reuniões para as quais for convocado;

VI – participar das atividades escolares;

VII – respeitar alunos, colegas, autoridades de ensino e funcionários administrativos, de forma compatível com a missão do educador.

SEÇÃO III - DOS DIREITOS

Art. 117 – O pessoal docente e administrativo tem seus direitos assegurados, em conformidade com a legislação pertinente, de acordo com o respectivo regime de admissão e ato que o regulou.

CAPÍTULO II - DO PESSOAL DISCENTE

Art. 118 - O pessoal discente da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca, compreende todos os alunos matriculados no Ensino Fundamental do Ciclo Básico e Intermediário.

SEÇÃO I - DOS DIREITOS

Art. 119 – A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – direito de ser respeitado por seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único – É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

SEÇÃO II - DOS DEVERES

Art. 120 - São deveres do Pessoal Discente:

I – contribuir, no que lhe couber, para prestígio do estabelecimento;

II – desempenhar a contento todas as atividades escolares em que se exigir sua participação;

III – abster-se de atos que perturbem a ordem, ofendam os bons costumes e funcionários, bem como aos representantes de turmas, no uso de suas atribuições.

CAPÍTULO III – DAS INSTITUIÇÕES DOCENTE E DISCENTE

Art. 121 – É aplicável ao pessoal docente e administrativo, o regime disciplinar com a finalidade de aprimorar o ensino, a formação do aluno, o desenvolvimento das atividades escolares, o entrosamento dos serviços existentes e a consecução dos objetivos propostos.

Art. 122 – As penalidades a se aplicarem ao pessoal docente e administrativo, estão previstas na legislação pertinente, de acordo com o regime de admissão a que esteja submetido.

Art. 123 – Aos alunos são aplicadas as seguintes penalidades, de acordo com a Constituição Federal e o Estatuto do Menor e do Adolescente, conforme gravidade e reincidência das faltas cometidas:

I – advertência oral particular;

II – advertência escrita ao aluno, lavrando ocorrência em libro próprio com a presença dos pais ou responsável.

Parágrafo único – Suspensão temporária (três a cinco dias) de participação à atividade escolar após a 3ª ocorrência.

TÍTULO VII - DOS REGISTROS, ESCRITURAÇÃO E ARQUIVOS ESCOLARES

CAPÍTULO I - DAS FORMAS E OBJETIVOS

Art. 124 - Afim de assegurar a verificação da identidade de cada aluno e da regularidade e autenticidade de sua vida escolar, devem ser observados os seguintes aspectos no serviço de escrituração escolar:

I – a transcrição de todos os dados deve ser exata e como constam dos documentos originais;

II – a todo documento expedido deverá corresponder uma cópia ou segunda vida no arquivo do estabelecimento;

III – no documento expedido, a escola fará constar, obrigatoriamente, a identificação do estabelecimento e endereço completo, natureza do ato de sua criação, instalação e funcionamento ou reconhecimento, conforme o caso, com citação do órgão e data da respectiva publicação;

IV – os documentos expedidos pelo estabelecimento são sempre assinados pelo Diretor ou seu substituto legal, pelo responsável pela Escrituração Escolar. Deverão seus nomes figurar por extenso, abaixo das assinaturas e os números dos respectivos registros ou autorização, e se houver, o Masp;

V – os documentos expedidos pelo estabelecimento tanto quanto a apresentação pelo aluno, devem estar registrados com letra legível, sem rasuras e incorreções;

VI – os espaços não preenchidos devem ser inutilizados com um traço;

VII – os espaços destinados à observação devem conter todas as indicações consideradas necessárias à maior compreensão dos dados contidos no documento;

VIII – a apresentação de cópia autenticada dispensa a apresentação do documento original.

Art. 125 – Do Arquivo Escolar devem constar todos os registros de atividades e atos escolares dos alunos e servidores, devendo para tanto ser dividido em:

I – Arquivo vivo: é constituído dos documentos relativos aos alunos que estão frequentando a escola e servidores ativos;

II – Arquivo morto: é constituído pelos documentos desnecessários ao movimento cotidiano da escola e que não podem ser incinerados.

CAPÍTULO II – DAS FORMAS E OBJETIVOS

Art. 126 – Os atos escolares, para efeito de registros, comunicação de resultados e arquivamento, serão escriturados em livros e fichas padronizadas, observando-se, no que couber, os regulamentos e disposições legais aplicáveis.

Art. 127 – Os livros de escrituração escolar conterão termos de abertura e encerramento e, bem como as fichas a se usarem as características imprescindíveis e essenciais à identificação e comprovação dos atos que registrarem datas e assinaturas que os autenticarem.

Art. 128 – A autenticidade dos documentos e escrituração escolares, se verificará e será certificada pela aposição da assinatura do Diretor ou seu substituto legal.

Art. 129 – Resguardadas as características e autenticidade, em qualquer época poderá o estabelecimento substituir os livros, fichas e modelos de registro e escrituração, descritos neste Regimento, por outros, bem como alterar os processos utilizados, simplificando-os.

Art. 130 – Serão válidas as cópias mecânicas do documento.

CAPÍTULO III - DOS INSTRUMENTOS DE REGISTROS E ESCRITURAÇÃO

SEÇÃO I - DOS LIVROS

Art. 131 - Serão os seguintes os livros de escrituração:

a) Livro de Registro de Matrícula e Resultados Finais.
b) Livro de Atas de Resultados Finais

c) Atas da Caixa Escolar;
d) Livro de Termos de Visitas de Inspetores;
e) Registro de Ponto;
f) De incineração;
g) Contagem de tempo;
h) Protocolo;
i) Remessa de documentos.

SEÇÃO II - DOS DOCUMENTOS ESCOLARES

Art. 132 - Serão adotados os seguintes documentos escolares:
a) Ficha funcional de cada servidor do estabelecimento;
b) Declaração de expedição de Histórico Escolar;
c) Ficha individual;
d) Histórico escolar;
e) Diários de classe.

SEÇÃO III - DOS ASSENTAMENTOS INDIVIDUAIS DOS ALUNOS E PROFESSORES

Art. 133 - De cada aluno, professor ou funcionário, haverá uma pasta individual que deverá conter:
a) Transcrição de dados pessoais (nome, filiação, estado civil, data e local de nascimento, endereço, situação eleitoral) conforme o caso;
b) Para arquivamento, documento definitivo de transferência recebido pelo estabelecimento ou comprobatório de conclusão de cursos ou estudos realizados pelo aluno;
c) Histórico escolar com transcrição do período letivo, dos resultados finais e atividades ou conteúdos apurados ao final do ano letivo.

Art. 134 – De cada funcionário deve haver uma documentação, incluindo uma Ficha funcional, contendo toda sua vida funcional.

CAPÍTULO IV - DA INCINERAÇÃO

Art. 135 – Os documentos considerados sem importância para a vida da escola podem ser eliminados através de incineração.

Parágrafo único – A eliminação de documentos é feita através de incineração, mediante lavratura de Termo por autoridade competente, em livro próprio.

CAPÍTULO V - DA RESPONSABILIDADE E AUTENTICIDADE

Art. 136 - Ao Diretor ou seu representante legal caberá a responsabilidade por toda a escrituração e expedição de documentos escolares, bem como dar-lhes a autenticidade pela aposição de suas assinaturas.

TÍTULO VIII - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Este Regimento foi elaborado por todos os segmentos da Escola e aprovado pelo Colegiado.

REGIMENTO DE ENSINO

1 -INTRODUÇÃO

A finalidade deste documento é a organização básica da estrutura e do funcionamento da escola, contendo princípios educacionais que nortearão as atividades de nível de ensino oferecido, bem como registrarão o compromisso formal dos diversos segmentos da mesma para com a comunidade na qual está inserida e as relações entre ambos.

Este Regimento Escolar assegurará a efetiva autonomia administrativa e pedagógica da escola, construída coletivamente.

Ele referirá às características permanentes e ao perfil do estabelecimento, para assegurar à comunidade regulamentos e normas estáveis de funcionamento, quanto à Proposta Pedagógica da escola.

Servirá também como garantia da regularidade legal dos atos escolares e da autenticidade de vida escolar.

Caracterizará a escola, tendo em vista o tipo e o grau de ensino que mantém, suas dimensões e sua filosofia de educação.

Organizará a sua parte administrativa, financeira e técnica.

Tratará da disciplina escolar, dos direitos e deveres dos cidadãos componentes da comunidade escolar.

Mostrará a política educacional da escola, seus objetivos e sua função social, seus fundamentos éticos, políticos e educacionais, suas diretrizes norteadoras da verificação de rendimento escolar.

2 - HISTÓRICO

A Escola Estadual "Olímpia de Brito"de Ensino Fundamental de Três Corações, foi criada por ato do Exmo°. Sr. Dr. José de Magalhães Pinto, com a denominação de Grupo Escolar "Olímpia de Brito", conforme decreto 8.233 de 23 de março de 1965., conforme publicação no Minas Gerais, sendo secretário de Educação o Exmo°. Sr. Dr. Antonio Aureliano Chaves de Mendonça.

Foi instalada de acordo com autorização do Sr. Secretário de Educação datada de 1° de maio de 1965, em 5 de maio de 1965.

Á instalação do Grupo Escolar Olímpia de Brito compareceram: O Prefeito Municipal, Sr. José Alves Pereira Sobrinho; o Vice-Prefeito Sr. Joaquim Bento de Carvalho; a Inspetora Municipal, professora Maria Augusta Pereira e Abrahão, a Auxiliar de Inspeção, professora Maria Oneida Ribeiro de Lelis, a Diretora do estabelecimento, professora Geralda Majela D'Aparecida Moreira; professores e alunos.

Em 14 de maio de 1965 foi instalado o curso noturno no Grupo Escolar "Olímpia de Brito", que passou a funcionar á noite, a fim de atender a população adulta do bairro, que não teve oportunidade de estudar.

Em fevereiro de 1967, para atender a demanda de matrícula na cidade, funcionou com 9(nove) classes no prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Três Corações, que nesta época se achava em fase de organização.

Em fevereiro de 1968, as 9(nove) classes excedentes foram formar o Grupo Escolar "Franco da Rosa"de Três Corações, situado na parte alta da cidade.

Sendo uma construção pré-fabricada, de estrutura metálica, com duração para 5 anos, teve necessidade de ser substituído por nova construção.

Em 1975, concluída a nova construção, com muito conforto, constando de 8 salas de aula e demais dependências, e com o nome de Escola Estadual "Olímpia de Brito" de 1° Grau passou a funcionar no novo prédio á Avenida Duque de Caxias, s/n, no bairro Santa Teresa, Três Corações.

SEDES: De 1965 a 1975- Rua 51, n° 83-Vila Rocha (onde hoje se localiza a Creche Nossa Senhora do Amparo, Triângulo).

Á partir de 1975 - Avenida Duque de Caxias, 573-Bairro Santa Teresa.

Em 1986, para atender a demanda de alunos foram construídas pela Prefeitura Municipal 2 salas de aula e a Escola passou a funcionar com 16 turmas de 1° a 4° série e turmas de Pré-Escolar. Em 1990, foram construídas em convênio Prefeitura e Estado 1 sala destinada a Biblioteca. Em 16/09/94, foi aprovado pela Secretaria de Estado da Educação, Resolução n° 7.529/94, extensão de séries, autorizando o funcionamento gradativo de 5° a 8° séries do Ensino Fundamental.

Hoje, devido as mudanças na educação, a escola trabalha numa linha construtivista participando e se atualizando através de cursos de capacitação como: PROCAD E PROCAP.

3 -DENOMINAÇÃO

A Escola Estadual "Olímpia de Brito – 0.4.0.B"integrante da Rede Estadual de Ensino, está localizada á Avenida Duque de Caxias, n° 573, bairro Santa Teresa, telefone (035) 3232-2960, distrito de Três Corações - Município de Três Corações.

4 -CARACTERIZAÇÃO

A escola funciona atualmente com, 20 turmas do Ciclo Básico ao Avançado,funcionando em dois turnos, com 10 turmas em cada turno.

Atendendo alunos provenientes das camadas sociais de classe média e baixa, havendo portanto uma pluralidade cultural em sua comunidade escolar. Recebe alunos de todos os bairros inclusive da zona rural do município, e também de outros estados brasileiros devido a existência de unidade militar na cidade, algumas indústrias e instituições bancárias.

TÍTULO I

DA EDUCAÇÃO

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§1º A Educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

CAPÍTULO I

DOS PRINCÍPIOS E FINS DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte eo saber;
III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
VII - valorização do profissional da educação escolar;
VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
IX - garantia de padrão de qualidade;
X - valorização da experiência extra-escolar;
XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

CAPÍTULO II
DOS OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 4º O Ensino Fundamental, com duração de 8 anos, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
II - A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

§ 1° O Ensino Fundamental está organizado em Ciclos.

§ 2°A escola adota no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino - aprendizagem, observando as normas do sistema de ensino estadual.

§ 3° O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa com processos próprios de aprendizagem.

Art. 5° O ensino religioso, de matrícula facultativa,é parte integrante da formação básica do do cidadão e constitui disciplina obrigatória dos horários normais da escola de acordo com as normas do sistema de ensino para a habilitação e admissão dos professores.

Art. 6° A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo ampliado o período de permanência na escola de acordo com as necessidades dos alunos e possibilidades da escola..

CAPÍTULO III

DA ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Art. 7° A Escola, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema estadual de ensino, terá a incumbência de:

I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;
II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
V - prover meios para recuperação dos alunos de menor rendimento;
VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
VII - informar os pais ou responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

Art. 8° Os docentes incumbir-se-ão de:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento

V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

CAPÍTULO IV

DA POLÍTICA EDUCACIONAL DA ESCOLA

Art. 9º Tendo em vista os fins da Educação Nacional, os objetivos gerais do Ensino Fundamental da Escola Estadual "Olímpia de Brito" se propõe a alcançar os seguintes objetivos:

I - Possibilitar ao educando oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de suas potencialidades, tendo em vista o atendimento às diferenças individuais.

II - Formar os cidadãos dentro dos ideais culturais, cívicos, morais e sociais da comunidade, dar-lhe conhecimentos necessários para que seja um elemento útil a si mesmo, à sociedade e à Pátria;

III - Preparar o indivíduo para que ele tenha uma atitude positiva frente às mudanças: que seja capaz de raciocinar, discernir, interpretar, atuar em situações novas, participando da solução de problemas, comunicando com clareza suas idéias, apreciando com justeza o que o cerca.

IV - Desenvolver um ensino de qualidade, visando formar alunos críticos, participativos e que sejam capazes de se inserir com êxito na sociedade e no trabalho.

V - Desenvolver os conceitos básicos da educação intelectual nos moldes das necessidades atuais e capacidade do pré-adolescente e do adolescente através dos conteúdos convenientemente distribuídos;

VI - Promover a formação de hábitos físicos, intelectuais, morais e sociais sadios, para a perfeita integração na escola e na comunidade;

VII - Desenvolver a formação de atitudes favoráveis de respeito, compreensão, admiração e valores intelectuais e morais;

VIII - Realizar experiências pedagógicas que visem o aprimoramento o ensino;

IX - Tornar a escola um lugar agradável com boa convivência para melhor adaptação do aluno.

TÍTULO II - DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E TÉCNICA

CAPÍTULO I - DA ADMINISTRAÇÃO

SEÇÃO I - DA CONSTITUIÇÃO

Art. 10 A administração da Escola Estadual Olímpia de Brito, será exercida:

*pela diretoria
*pelo Colegiado

Art. 11 A Diretoria será constituída de:
*pelo Diretor da Escola
*pelo Vice-Diretor.

SEÇÃO II - DA COMPETÊNCIA

Art. 12 - Termo de Compromisso do Diretor da Escola:

No momento de minha investidura no cargo de Diretor de Escola Estadual, que resulta da escolha feita pela comunidade escolar e da aprovação do Senhor Governador do Estado de Minas Gerais, e bem ciente dos termos da Resolução SEE nº 003, de 13 de janeiro de 2000, comprometo-me perante todos a:

1. Implementar o Projeto político-pedagógico da "Escola Sagarana", que tem como lema "Educação para a vida com dignidade e esperança".

2. Participar da construção do Sistema Mineiro de Educação, compreendendo as diferenças regionais e valorizando a cultura do Estado.

3. Assumir com competência profissional a Escola Pública Democrática e de qualidade, para todos.

4. Compreender a escola como "locus"privilegiado do processo educativo, enquanto centro formador do ser humano.

5. Trabalhar visando a consolidação da democracia na Escola Pública de Minas Gerais, convivendo com o pluralismo de idéias e garantindo a transparência das ações e a equidade no tratamento de todos.

6. Manter postura ética e exemplar no trato dos assuntos da escola, evitando manipulações e interferências político-partidárias.

7. Divulgar amplamente na comunidade os critérios técnicos para as designações de professores, especialistas e demais servidores, impedindo o clientelismo político e o nepotismo.

8. Trabalhar para o fortalecimento do Colegiado da Escola, entendendo suas atribuições, respeitando suas decisões e contribuindo para evitar qualquer influência externa sobre ele que tenha caráter de manipulação e/ou desrespeito.

9. Garantir o acesso e a permanência de todos os alunos na Escola Pública Democrática, evitando evasão, trabalhando na busca de seu aperfeiçoamento pedagógico, sempre com vistas ao sucesso escolar.

10. Resguardar o caráter eminentemente cultural e pedagógico da Escola, vetando atividades comerciais em seus limites ou práticas estranhas à sua função institucional.

11. Adotar uma escala de trabalho que garanta a minha presença ativa, como Diretor de Escola, em todos os turnos.

12. Valorizar os profissionais da educação, garantido-lhes condições de trabalho, respeitando a diversidade de concepções e incentivando a ação pedagógica coletiva.

13. Garantir o caráter gratuito da Escola Pública, cuidando para que as contribuições pecuniárias, ou de qualquer outra natureza, dadas pelos pais ou responsáveis pelos alunos, sejam estritamente espontâneas e nuca condicionadas à perda do direito dos alunos à matrícula, à frequência às aulas, à prestação de provas ou ao acesso ao resultado de avaliações.

14. Impedir que listas de material escolar custeadas pela família excedam às possibilidades financeiras dos pais ou responsáveis pelos alunos.

15. Zelar e fazer com que todos zelem pelos bens patrimoniais da Escola.

16. Preservar e incentivar o respeito e o interesse de todos pela conservação da memória da Escola.

17. Entender a necessidade de que seja assegurada a autonomia da Escola, resguardando a sua identidade própria, sem perder a perspectiva do sistema educacional.

18. Interagir permanentemente com as diversas instâncias administrativas do Sistema Mineiro de Educação (SEE e SRE), de modo a resguardar o caráter público da Escola. descartando ações individuais e isoladas.

19. Promover a necessária articulação com a Secretaria ou com o Órgão de Educação do Município.

20. Observar e cumprir a legislação que dispões sobre os direitos da criança e do adolescente, sobre a organização do ensino e da Escola, sobre a correta aplicação dos recursos públicos e as respectivas prestações de contas e sobre as atribuições específicas do cargo de Diretor de Escola.

Comprometo-me finalmente, a fazer da Escola Pública de Minas Gerais um centro permanente de exercício da cidadania, visando, sempre, à construção de uma sociedade justa, democrática e solidária.

Art. 13 - É função específica da administração da Escola Estadual Olímpia de Brito:

I - Ser articulador, político, pedagógico e administrador da escola.

II - Planejar todo o trabalho escolar;

III - Organizar, coordenar, controlar e avaliar os trabalhos educacionais desenvolvidos no estabelecimento.

Art. 14 - São atribuições e deveres do Diretor da Escola:

§ 1° Administrar o patrimônio da Escola, que compreende as instalações físicas, os equipamentos e materiais:

_ manter atualizado o inventário dos materiais e bens existentes na escola,
_ zelar pela adequada utilização e preservação dos bens móveis da escola,
_ racionalizar o uso dos bens e materiais de consumo da escola,
_ tomar providências necessárias à manutenção, conservação e reforma do prédio, dos _
_ equipamentos e mobiliário da escola,
_ definir, junto com o Colegiado, os horários de funcionamento da escola.

§ 2° - Coordenar a administração financeira e a contabilidade da escola:

_ levantar as necessidades de recursos para atender à previsão de despesas rotineiras e eventuais da escola,
_ elaborar o orçamento da escola, submetendo-o à aprovação do Colegiado,

_ providenciar o recebimento de verbas oficiais e orientar a captação de recursos em outras fontes,
_ aplicar em tempo hábil, os recursos obtidos, tendo em vista o atendimento às necessidades da escola,submeter ao Colegiado da escola a prestação de contas

§ 3° Coordenar a administração pessoal:

_ definir, com o Colegiado, o quadro de pessoal da escola, observados os dispositivos legais pertinentes,
_ promover a avaliação de desempenho dos profissionais da escola,
_ determinar medidas necessárias ao ingresso, à movimentação e ao processamento de benefícios, direitos e vantagens dos servidores da escola,
_ definir o quadro de distribuição de tarefas e assegurar o seu cumprimento,
_ fazer cumprir o regime disciplinar previsto na legislação específica,
_ assegurar a atualização das fichas funcionais dos servidores da escola,
_ definir, com os servidores da escola, seus períodos de férias.

§ 4° Favorecer a gestão participativa da escola:

_ convocar assembléias para a eleição dos membros do Colegiado,
_ organizar o Colegiado da escola, esclarecendo-o sobre suas funções,
_ convocar as reuniões do Colegiado e presidi-las,
_ submeter à apreciação do Colegiado questões que devem ser decididas participativamente,
_ fazer cumprir as decisões do Colegiado,
_ delegar competências quando se fizer necessário de acordo com os dispositivos legais.

§ 5° Gerenciar ações de desenvolvimento dos recursos humanos da escola:
_ participar do levantamento de necessidades de capacitação do pessoal da escola,
_ providenciar ações de capacitação dos profissionais da escola, tendo em vista as necessidades identificadas,

_ articular com instituições e pessoas, visando à sua participação nas atividades de Capacitação do pessoal da escola,

_ encaminhar demanda de cursos aos órgãos competentes, quando necessário.

§ 6º Orientar o funcionamento da secretaria da escola:

_ estabelecer a rotina de funcionamento da secretaria, garantindo a regularidade das atividades e informações,

_ orientar a secretaria da escola sobre normas e procedimentos referentes a escrituração escolar e à situação dos servidores,

_ organizar arquivos de legislação referentes à educação,

_ supervisionar a análise de processos de regularização de vida escolar.

§ 7º Participar do atendimento escolar no município:

_ colaborar na realização do cadastro escolar,

_ propor a expansão de níveis e modalidades de ensino, com base nas necessidades da comunidade,

_ promover a regularização do fluxo escolar, tomando medidas que visem à redução da evasão e de repetências.

§ 8º Representar a escola junto aos demais órgãos e agências sociais do município.

§ 9º Coordenar a elaboração, implementação e avaliação do plano de desenvolvimento da escola:

_ articular a comunidade na elaboração, implementação, acompanhamento e avaliação do plano de desenvolvimento da escola,

_ promover estudos e debates para subsidiar a elaboração do plano de desenvolvimento da escola, identificando as características da clientela, definindo a missão da escola e sugerindo as ações a serem desenvolvidas,

_ coordenar a elaboração do plano de desenvolvimento da escola, viabilizando a participação de todos, conforme a dinâmica de planejamento estabelecida,

_ submeter o plano de desenvolvimento da escola à aprovação do Colegiado e promover sua divulgação,

_ discutir com a comunidade escolar a operacionalização do plano de desenvolvimento, definindo as responsabilidades de cada segmento e a dinâmica a ser utilizada,

_ promover a integração dos diversos setores da escola, visando assegurar a unidade necessária à efetivação do plano de desenvolvimento da escola.

_ acionar medidas destinadas a garantir condições administrativas, financeiras e pedagógicas necessárias à implementação das ações previstas no plano de desenvolvimento da escola,

_ propor o replanejamento do plano de desenvolvimento da escola, com base nos resultados da avaliação.

Art. 15 - Compete ao Vice-diretor:

I - manter as autoridades informadas sobre a vida administrativa do estabelecimento;

II - supervisionar a manutenção da limpeza e conservação das instalações bem como elaborar horário de trabalho e delegar atribuições aos auxiliares de serviço;

III - manter o controle de recebimento de material, distribuição, estoques e inventários

IV - desincumbir-se de todas as atividades que por sua natureza ou em virtude das disposições regulamentares, sejam decorrentes de suas atribuições;

V - substituir o Diretor em suas faltas e impedimentos eventuais;

VII - auxiliar o diretor no desempenho de suas funções;

VIII - fazer cumprir o regime disciplinar.

SEÇÃO III -

DO FUNCIONAMENTO

Art. 16 - A diretoria terá seu funcionamento determinado pela legislação em vigor, em consonância com as necessidades do estabelecimento.

Parágrafo Único - O horário de trabalho da Diretoria será amplamente conhecido de toda a comunidade escolar.

CAPÍTULO II - DO COLEGIADO

SEÇÃO I - DA FINALIDADE

Art. 17 - O Colegiado terá funções de caráter deliberativo e consultivo nos assuntos referentes à gestão pedagógica, administrativa e financeira da unidade de ensino, respeitadas as normas legais.

§1° - As funções deliberativas referem-se à tomada de decisões quanto às diretrizes e linhas gerais das ações desenvolvidas na unidade de ensino.

§ 2° - As funções de caráter consultivo compreendem a emissão de pareceres, quando consultados pelo Diretor da escola e/ ou pela Comunidade Escolar sobre:

I Propostas de medidas que visem à melhoria do ensino;

II Avaliação institucional da escola;

III Avaliação de desempenho dos profissionais da escola;

IV Avaliação de aprendizagem do aluno

V Outras situações decorrentes das ações pedagógicas, administrativas e financeiras desenvolvidas pela Escola.

SEÇÃO II - DA COMPETÊNCIA

Art. 18 - Ao diretor competirá a convocação da comunidade da escola para a realização da Assembléia Geral, que elegerá o Colegiado.

§1° Caberá ao diretor orientar os participantes da primeira assembléia Geral sobre:
I - A importância do Colegiado, sua competência e os objetivos que deverá perseguir;
II - A proporcionalidade de representantes em cada segmento;
III - Os deveres do representantes para com o segmento que representar;
IV - A época determinada para a escolha dos membros e a duração do seu mandato, ao Colegiado.

Art. 19 - Ao Colegiado observadas as normas legais e as diretrizes estabelecidas para o setor educacional e as especificidades da comunidade escolar, competirá:

I - participar da elaboração, implementação e avaliação da Proposta Político-Pedagógica da Escola.

II – Acompanhar o processo de composição do Quadro de Pessoal;

III – Acompanhar e aprovar a aplicação dos recursos orçamentários e financeiros da escola.

IV – Participar dos processos de avaliação da escola, de forma articulada com o Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública – SIMAVE, a fim de subsidiar replanejamento da proposta Político-Pedagógica da Escola;

V – Propor o desenvolvimento das ações previstas na Proposta Político-Pedagógica da Escola, em articulação com associações de Bairros, Associação de Pais e Mestres, Grêmios Estudantis, Conselhos de Classe, Sindicatos e outras formas de parcerias , alianças e ações de voluntariado

VI – Opinar e apresentar sugestões sempre que necessário, sobre as ações programadas no PDE, e na Proposta Pedagógica com vistas a capacitação e ao aperfeiçoamento dos profissionais da educação que atuam na escola;

VII – Propor a expansão do atendimento escolar e a organização da escola com base nos resultados do cadastro escolar e na capacidade das instalações físicas disponíveis;

VIII – Definir o Quadro de pessoal da escola, observada a legislação específica, nas diretrizes estabelecidas mo PDE, na Proposta Pedagógica e no Quadro Curricular;

IX – Analisar e aprovar os critérios adotados para a distribuição de turmas e de aulas, entre os professores da escola, na conformidade com os dispositivos legais pertinentes;

X – Recomendar providências adequadas à melhor utilização do espaço físico, do material escolar e didático, da merenda escolar e do aproveitamento racional dos servidores da escola;

XI – Acompanhar a participação do pessoal da escola, em atividades voltadas para a cultura artística, literária e desportiva, e aprender sugestões que assegurem a conciliação dessa participação com as atividades curriculares previstas.

XII – Manifestar-se sobre a proposta curricular da unidade de ensino, com vistas ao seu aperfeiçoamento e enriquecimento;

XIII – Analisar e aprovar o Calendário Escolar, levando-se em conta a conciliação das exigências legais com as peculiaridades regionais;

XIV – Opinar sobre questões relativas ao rendimento escolar, indisciplina, infrequência de alunos e outros casos, submetidos a sua consideração, observadas as normas pertinentes aos assuntos apresentados;

XV – Acompanhar o processo de avaliação de desempenho;

XVI – Analisar a avaliação de desempenho dos profissionais da escola, quanto ao mérito e aos resultados do processo de ensino e aprendizagem, e emitir parecer quando chamado a se pronunciar;

XVII – Realizar o inventário anual dos bens permanentes, de conformidade com as normas legais pertinentes;

XVIII - referendar as decisões do Diretor quanto à aplicação das penalidades previstas na legislação quando for o caso;

XIX – Avaliar e aprovar as planilhas relativas à realização de reparos, reformas e ampliações no prédio da escola, tendo em vista as necessidades pedagógicas previstas no PDE e na Proposta Pedagógica;

XX – Apreciar e emitir parecer conclusivo sobre o desligamento de membros do Colegiado, motivado pelo descumprimento das normas estabelecidas em seu Estatuto.

SEÇÃO III

DA COMPOSIÇÃO

Art.20 - O Colegiado será composto pelo Diretor da Escola, membro nato e por 12 membros representantes dos segmentos:

I - Professores e especialistas de educação;

II – Demais servidores da escola;

III – Pais ou responsáveis por alunos regularmente matriculados e frequentes.

§ 1° - Na representação dos segmentos, deverá ser garantida a seguinte proporcionalidade:

- 50% (cinquenta por cento) para os profissionais da escola;
- 50% (cinquenta por cento) para a comunidade atendida pela escola (pais de alunos);

§ 2° - O Suplente do Diretor será o 1° vice-diretor, classificado nos termos do § 4° do art. 8° da Resolução n° 154/99.

SEÇÃO IV – DO PROCESSO DE ELEIÇÃO E MANDATO DOS MEMBROS DO COLEGIADO

CAPÍTULO I – DA ELEIÇÃO DE SEUS MEMBROS

Art. 21 – Os membros do Colegiado, titulares e suplentes, são escolhidos pela comunidade Escolar, mediante processo de eleição, para um mandato de 2(dois) anos, observando-se as datas e os períodos fixados pelo Edital;

Art. 22 – Ao Diretor competirá a convocação da Comunidade da Escola para a realização da Assembléia Geral que elegerá a Comissão Eleitoral;

Art. 23 – Caberá ao Diretor orientar os participantes da primeira Assembléia Geral sobre:
A importância do Colegiado, seu papel na implementação da gestão democrática, as normas de funcionamento e o perfil de seus membrs;
Definição de membros que comporão o Colegiado;
Os deveres do representante para com o segmento que representar;

Art. 24 - O membro do Colegiado, no exercício de seu mandato, deverá refletir a linha de pensamento do segmento que representar;

Art.25 – O membro do Colegiado que não cumprir, satisfatoriamente, a representação a ele conferida nos termos do Estatuto, poderá ser substituído, mediante, proposta dirigida ao Presidente do Colegiado, assinada pela maioria dos integrantes de seu segmento.

Art.26 – Cada membro do Colegiado terá garantido o direito de manifestar sua opinião e a do segmento que representar, no exercício de seu mandato, sem restrição ou punição da parte de seus pares.

CAPÍTULO II – DA PRESIDÊNCIA DO COLEGIADO

Art. 27 – Uma vez constituído, o Colegiado Escolar elege, entre os pares, o Presidente e o Vice-Presidente.

§1° - Em caso de ausência ou impedimento temporário do Presidente, cabe ao Vice-Presidente assumir as funções atribuídas ao Presidente.

§2° - Em caso de afastamento definitivo do Presidente, deve ser escolhido novo Presidente, na forma do caput deste artigo.

§3° - Na hipótese do Presidente do Colegiado deixar de cumprir as competências a ele conferidas nos termos do art. 135, pode ser destituído mediante proposta dirigida ao Vice-Presidente, assinada por todos os membros titulares do Colegiado, e aprovada em reunião convocada, exclusivamente para esse fim.

Parágrafo Único – A Presidência e Vice-Presidência do Colegiado podem recair em qualquer membro titular, desde que comprove:

I – Idade mínima de 21 (vinte e um) anos;

II – Escolaridade mínima em nível de Ensino Fundamental

CAPÍTULO III – DA COMPETÊNCIA DO PRESIDENTE DO COLEGIADO

Art. 28 – Compete ao Presidente do Colegiado:

III – Planejar, organizar, coordenar e presidir a realização de Assembléias e reuniões do Colegiado na Escola;

IV – Convocar os membros do Colegiado e/ou da Comunidade Escolar para participar de assembléias e reuniões, sempre que necessário;

V – Determinar a lavratura e leitura da ata de reuniões.

VI – Tomar as providências necessárias para que sejam divulgadas as decisões do Colegiado

VII – Tomar medidas que visem garantir o bom funcionamento do Colegiado.

VIII – Representar o Colegiado em qualquer instância;

IX – Cooperar para o cumprimento do Regimento Escolar e das normas legais;

X – Declarar a perda de mandato de membros, após a decisão do Colegiado;

XI – Cumprir e fazer em tempo hábil, as decisões do Colegiado;

XII – Exercer o voto só para fins de desempate.

SEÇÃO I

DO FUNCIONAMENTO

Art.29 - O Colegiado reunir-se-á na escola ou em outro local, quando se fizer necessário;

§1° - deverá ser realizada no mínimo, duas Assembléias Gerais ordinárias anualmente.

§2° - Sempre que necessário deverá reunir-se a Assembléia Geral extraordinária.

§3° - As reuniões do Colegiado deverão ser realizadas pelo menos 1 (uma) vez a cada mês do ano letivo.

§4° - As reuniões serão registradas em atas aprovadas e assinadas pelos membros presentes, ao esgotar a pauta programada e, seus termos deverão ser divulgados à comunidade escolar.

§5° - Será permitida a participação de integrante da comunidade escolar, nas reuniões do Colegiado, sem direito ao voto, quando constar da pauta, assunto de seu interesse particular ou do interesse de seu representado, no caso de pais ou responsáveis por aluno menor de 16 anos.

Art. 30 – A reunião somente poderá ser instalada com a presença da maioria simples dos membros titulares do Colegiado e, na falta desses, de seus suplentes.

§ 1° - Não havendo quorum, cancela-se a reunião e registra-se a ocorrência em ata que deve ser assinada pelos presentes.

§ 2° - Podem ser convocados para as reuniões todos os membros titulares e suplentes.

§ 3° - Os assuntos tratados durante as reuniões são registrados em ata que, ao se esgotar a pauta programada é aprovada e assinada pelos presentes e seus termos divulgados à Comunidade Escolar.

§ 4° - É permitida a participação de pessoas integrantes da Comunidade Escolar nas reuniões do Colegiado, com direito de voz, sem direito de voto, quando constar da pauta assunto de seu interesse.

§ 5° - O Colegiado permite ainda, a participação, nas reuniões, de pessoas não integrantes da Comunidade Escolar, respeitado o disposto no art. 44, parágrafo único da Resolução 147/2000

§ 6° - Qualquer integrante da Comunidade Escolar pode solicitar a inclusão de determinado assunto na pauta das reuniões do Colegiado, mediante requerimento dirigido ao Presidente, no prazo previsto no Anexo do Regimento Escolar.

Art. 31 – Sempre que necessário a Escola se pautará nas normas estabelecidas pela Resolução 147/2000 de 17/10/2000

CAPÍTULO IV - DA CAIXA ESCOLAR

SEÇÃO I

DAS FINALIDADES

Art. 32 - A Caixa Escolar Olímpia de Brito tem por finalidade congregar iniciativas comunitárias, objetivando:

a)prestar assistência aos alunos carentes de recursos;

b)contribuir para o funcionamento eficiente e criativo da Escola Estadual Olímpia de Brito;

c)Promover, em caráter complementar e subsidiário, melhoria qualitativa do ensino;

d)colaborar na execução de uma política de concepção da escola com agência comunitária em seu sentido mais amplo.

Parágrafo Único - Os objetivos da Caixa Escolar serão atingidos através das seguintes medidas:

a)fornecimento de alimentação, material escolar, livros didáticos, vestuários, calçado e auxílio para condução;

b)aquisição de material de consumo ou permanente, com finalidade didática;

c)participação em programas e serviços de educação e saúde em especial desenvolvidos pela comunidade;

d)outras medidas compatíveis com a finalidade e os propósitos da Caixa, desde que expressamente autorizadas pela Assembléia Geral.

Art. 33 - É vedado à Caixa Escolar:

a)locar imóveis;

b)construir imóveis com recursos oriundos de subvenções ou auxílios que lhe forem concedidos pelo Poder Público;

c) conceder empréstimos ou dar garantias de aval, fiança e caução, sob qualquer forma:

d)adquirir veículos;

e)empregar subvenções, auxílios ou recursos de qualquer natureza, em descordo com os projetos ou programas a que se destinam;

f)complementar vencimentos ou salários dos servidores ou contratar pessoal para servir na escola, ressalvadas, quando a este, as situações existentes em 31 de dezembro de 1976.

§ 1° - Não se inclui na proibição a que se refere o inciso "b", deste artigo, a execução de reparos e pequenas obras de conservação do prédio da Escola.

§ 2° - Para o regular funcionamento dos seus serviços, a Caixa Escolar poderá adquirir o material permanente e de consumo que se fizer estritamente indispensável.

Art. 34 - A Caixa escolar não tem fins lucrativos e sua duração será por tempo indeterminado.

SEÇÃO II

DA COMPETÊNCIA

Art. 35 - À Diretoria compete:

I - Elaborar e executar o orçamento anual da Caixa Escolar;

II - Submeter à aprovação da Assembléia Geral Extraordinária, mediante pedido fundamentado, a adoção das medidas a que se refere a alínea "d", parágrafo único, do art. 2°;

III - Deliberar sobre aplicação e movimentação dos recursos da Caixa Escolar;

IV - Encaminhar ao Conselho Fiscal o balanço e o relatório anuais, antes de submetê-los à apreciação da Assembléia Geral;

V - Enviar ao órgão regional de ensino balancetes financeiros, na forma estabelecida pela Inspetoria de Finanças da Secretaria de Educação;

VI - Exercer as demais atribuições decorrentes de outros despositivos deste Estatuto e as que lhe venham a ser legalmente conferidas;

VII - decidir os casos omissos.

Art. 36 - Compete ao Presidente:

I - Representar a Caixa Escolar em juízo e fora dele;

II - Convocar a Assembléia Geral a Diretoria e o Conselho Fiscal;

III - Presidir a Assembléia Geral e as reuniões da Diretoria;

IV - Supervisionar os trabalhos da Caixa Escolar;

V - Autorizar a execução de planos de trabalho aprovados pela Diretoria;

VI - Autorizar pagamentos e assinar cheques, em conjunto com o tesoureiro;

VII - Exercer as demais atribuições previstas neste Estatuto ou que lhe venham a ser conferidas pela Diretoria.

Art. 37 - O Presidente será substituído pelo professor ou especialista de educação que assumir a direção ou coordenação da Escola.

Art. 38 - Compete ao Secretário:

I - Auxiliar o Presidente em suas funções;

II - Preparar o expediente da Caixa;

III - Organizar o relatório anual da Diretoria;

IV - Secretarias as sessões da Assembléia Geral e da Diretoria;

V - Organizar o arquivo da Caixa Escolar e manter em dia o registro de sócios.

Art. 39 - Compete ao Tesoureiro:
I - Arrecadar a receita da Caixa Escolar;
II - Fazer a escrituração da receita e despesa, nos termos das instruções que forem baixadas pela Inspetoria de Finanças da Secretaria de Educação;
III - Apresentar mensalmente ao Presidente o balancete das contas;
IV - Efetuar pagamentos autorizados pelo Presidente;

V - Manter em ordem e sob sua supervisão os livros, documentos e serviços contábeis da Caixa Escolar;
VI - Assinar cheques juntamente com o Presidente.

Art. 40 - Compete ao Conselho Fiscal:

I - Examinar os documentos contábeis da entidade, a situação de Caixa e os valores em depósitos;
II - Apresentar à Assembléia Geral Ordinária parecer sobre as contas da Diretoria, no exercício em que servir.
III - Apontar à Assembléia Geral as irregularidades que descobrir, sugerindo as medidas que reputar úteis à Caixa Escolar;
IV - Convocar a Assembléia Geral Ordinária, se o Presidente da Caixa Escolar retardar por mais de um mês a sua convocação e requerer a da Assembléia Extraordinária sempre que ocorrerem motivos graves e urgentes.

Art. 41 - Compete à Assembléia Geral Ordinária:

I - Conhecer do balanço financeiro e do relatório sobre o exercício findo, deliberado livremente sobre os mesmos;
II - Eleger os membros do Conselho Fiscal e Suplentes, bem como o Secretário e o tesoureiro e seus Suplentes.

SEÇÃO III

DA CONSTITUIÇÃO

Art. 42 - São órgãos administrativos e deliberativos da Caixa Escolar:
I - a Assembléia Geral
II - a Diretoria
III - o Conselho Fiscal

Art. 43 - Os membros eleitos, ou conduzidos a compor qualquer dos órgãos referidos no artigo anterior empossar-se ão mediante termo de posse e compromisso, assinado em livro próprio.

Art. 44 - Os membros da Assembléia Geral, da Diretoria e do Conselho Fiscal exercerão gratuitamente suas funções, que se consideram serviço relevante.

Art. 45 - A Assembléia Geral é órgão superior de deliberação.

Art. 46 - A Diretoria da Caixa Escolar será constituída de um presidente, um secretário e um tesoureiro.

§ 1° - O Presidente será o Diretor ou o coordenador da Escola.
§ 2° - O Secretário e o Tesoureiro, e seus respectivos suplentes, serão escolhidos bienalmente, pela Assembléia Geral, o primeiro dentre pais de alunos ou responsáveis, e o segundo, dentre pessoas do magistério ou da administração da Escola, permitida a reeleição.

Art. 47 - O Secretário será substituído pelo seu respectivo suplente.

Art. 48 - O Tesoureiro será substituído pelo seu respectivo suplente.

SEÇÃO IV

DO FUNCIONAMENTO

Art. 49 - A Assembléia Geral se reunirá, ordinariamente, no mês de março de cada ano, e, extraordinariamente, toda vez que for convocada regularmente, sendo seus trabalhos sempre dirigidos pelo Presidente da Caixa Escolar.

Parágrafo Único - A Assembléia Geral poderá ser convocada extraordinariamente pelo Presidente, ou a requerimento fundamentado do Conselho Fiscal ou de 1/3(um terço) dos membros componentes.

Art. 50 - A convocação da Assembléia Geral se fará através de comunicação escrita a cada um dos membros componentes ou em jornal, se houver, com a antecedência mínima de 08 (oito) dias.

Art. 51 - A Assembléia Geral deliberará em primeira convocação somente com a presença de mais da metade, no mínimo, dos membros componentes, e, em segunda convocação, 30 (trinta) minutos depois, com qualquer número.

Art. 52 - As deliberações da Diretoria serão tomadas por maioria de votos.

Art. 53 - O Conselho Fiscal compõe-se de 3 (três) suplentes, escolhidos anualmente ela Assembléia Geral Ordinária, dentre os pais de alunos ou responsáveis e pessoas da comunidade, associadas da Caixa.

Art. 54 - Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 55 - A dissolução da Caixa Escolar somente se efetuará na hipótese de extinção mediante ato autoridade competente, da Escola Estadual "Olímpia de Brito", passando os seus bens a outra Instituição congênere, existente no município.

Art. 56 - As deliberações da Diretoria serão tomadas por maioria de votos.

Parágrafo Único - A dissolução prevista neste artigo será formalizada mediante decisão da Assembléia Geral, especialmente convocada para este fim.

SEÇÃO V

DAS FUNÇÕES

Art. 57 - A Diretoria reunir-se-à , ordinariamente, uma vez por mês, exceto nos períodos de férias e de recesso escolar, em dia e hora previamente marcados, mediante convocação do Presidente para conhecer o andamento dos trabalhos e tratar de assuntos de interesse geral.

Parágrafo Único - A Diretoria reunir-se-à, extraordinariamente, sempre que for convocada pelo Presidente, ou por solicitação da maioria de seus membros

Art. 58 - Constituem recursos da Caixa Escolar:

a) doações, subvenções e auxílios que lhe forem concedidos pela União, Estado, Município, por particulares e entidades públicas ou privadas, associações de classe e quaisquer outras categorias ou entes comunitários;

b) renda de exploração de cantina e outros serviços que instituir; venda ou revenda de material escolar ou didáticos; produto de venda ou revenda de material escolar e didáticos; produto de venda de ingressos e demais formas de contribuições para festas, exibições, bazares, prendas e de outras iniciativas ou promoções;

c) contribuições dos alunos ou seus pais ou responsáveis e de outras pessoas da comunidade.

Art. 59 - Os recursos financeiros da Caixa Escolar serão depositados em conta a ser mantida em estabelecimento estadual de crédito, onde houver, efetuando-se sua movimentação através de cheques nominais assinados pelo Presidente e pelo Tesoureiro.

§ 1° - Na hipótese de não existir na localidade nenhum estabelecimento de crédito, os recursos serão depositados na agência bancária da sede de Município de mais fácil acesso.

§ 2° - Em qualquer caso, será permitida a existência em caixa de numerário em espécie até o limite de 1 (um) salário mínimo regional, para atender às despesas de pronto pagamento.

Art. 60 - Pela indevida aplicação da renda, responderão solidariamente os membros da Diretoria que houverem autorizado a despesa ou efetuado o pagamento.

Art. 61 - Encerrada a matrícula, a Diretoria da Caixa Escolar organizará a relação dos alunos que devem receber assistência, para isso valendo-se das informações que puder obter e dos critérios estabelecidos pela Secretaria de Estado da Educação.

Art. 62 - Na aplicação dos recursos, salvo os de destinação programada, obedecer-se-à, quanto à despesas, à seguinte ordem de preferência:

a) alimentação, material escolar e livros didáticos;
b) vestuário e calçado;
c) assistência médica, farmacêutica e dentária;
d) auxílio para transporte;
e) aquisição de material didático em geral para melhoria qualitativa do ensino;
f) execução das medidas a que se refere a alínea "d" § Único.

Parágrafo Único - Os livros didáticos e material escolar serão fornecidos a título de empréstimo.

CAPÍTULO IV

DA SECRETARIA

Art. 63 - A Secretaria terá por finalidade:
I - a organização dos serviços de escrituração escolar da escola;
II - a execução e controle das normas administrativas da escola;

Art. 64 - Os serviços de secretaria serão executados pelo:

_ Secretário da Escola
_ Auxiliar de Secretaria

Art. 65 - Compete aos Secretários da Escola:
I - Colaborar com a direção da unidade escolar no planejamento, execução e controle das atividades escolares.
II - Coordenar as atividades da Secretaria da Escola e do pessoal auxiliar;
III - Proceder à escrituração escolar conforme disposto na legislação vigente;
IV - Realizar trabalhos de datilografia;
V - Responsabilizar-se na área de sua competência, pelo cumprimento da legislação de ensino e disposições regimentais;
VI - Instruir, informar e decidir sobre expediente e escrituração escolar, submetendo à apreciação superior casos que ultrapassem sua área de decisão.
VII - Zelar pela conservação de material sob sua guarda, pela boa ordem e higiene em seu setor de trabalho;
VIII - desempenhar outras atividades compatíveis com a natureza do cargo, que lhe forem atribuídas pelo diretor.

Art. 66 - Compete ao Auxiliar de Secretaria:

I - Organizar e manter atualizados cadastros, arquivos, fichários, livros, e outros instrumentos de escrituração de unidade escolar;
II - Redigir ofícios, exposição de motivos, atas e outros expedientes;
III - Preparar certidões, atestados, históricos escolares, e outros documentos solicitados;
IV - Coletar, apurar, selecionar, registrar e consolidar dados para elaboração de informações estatísticas;
V - Realizar trabalhos de datilografia; e computação;
VI - Realizar trabalhos de protocolo, preparo, seleção, classificação, registro e arquivamento de documentos e formulários;
VII - Zelar pelo uso e conservação do material, mobiliário e equipamento sob sua guarda;
VIII - Atender, orientar e encaminhar as partes;
XIX - Desempenhar outras atividades compatíveis com a natureza do cargo, que lhes forem atribuídas pelo diretor.

Parágrafo Único - O serviço de secretaria será orientado e supervisionado pelo diretor.

CAPÍTULO V

DOS SERVIÇOS GERAIS

Art. 67 - A Escola Estadual "Olímpia de Brito", terá os serviços de Conservação e Limpeza, de Preparo e Distribuição de Alimentos.

Art. 68 - São atribuições básicas dos Ajudantes de Serviços Gerais:

I - executar os serviços de limpeza, higiene e conservação da unidade escolar:

- varrendo e lavando as dependências da escola;
- removendo o pó dos equipamentos mobiliários;
- limpando e lavando cortinas;
- coletando o lixo e depositando-o em lugares apropriados ou incinerando-os;
- removendo e arrumando móveis, materiais ou volumes;

- mantendo a higiene das instalações sanitárias, provendo-as do material necessário;
- Preparar e servir refeições e merendas em atendimento ao programa de alimentação escolar;
- controlar alimentos e utensílios, mantendo o estoque e evitando desperdícios e extravios;
- limpeza e higiene da cozinha e da dispensa;
- arrumação, limpeza e higiene dos locais de refeições;
- prestar informações sobre necessidades do gêneros alimentícios.
- cumprir as normas de higiene e de segurança do trabalho.

II - responsabilizar-se pelo controle e utilização de materiais colocados à sua disposição;

III - colaborar nos atendimento aos educandos nos horários de entrada, recreio e saída, bem como na distribuição da alimentação escolar;
IV - executar atividades correlatas definidas no plano global da escola;

Art. 69 - As atribuições ao pessoal dos Serviços Gerais serão delegadas pelo diretor ou vice-diretor em conformidade com as necessidades do próprio estabelecimento.

TÍTULO III - DOS SERVIÇOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES

CAPÍTULO I - DOS TIPOS

Art. 70 - A Escola Estadual "Olímpia de Brito" oferecerá os seguintes Serviços Pedagógicos Complementares:

I - Dos Conselhos de Classe;
II - Do Aperfeiçoamento de Pessoal;
III - Da Biblioteca;
IV - Dos Estágios Supervisionados;
V - Da Monitoria;

CAPÍTULO II - DO CONSELHO DE CLASSE

SEÇÃO I - DAS FINALIDADES

Art. 71 - O Conselho de Classe da Escola Estadual "Olímpia de Brito", trata de um órgão colegiado que tem por objetivo a avaliação coletiva do processo de aprendizagem do aluno, subsidiando, dessa forma, a construção do projeto político pedagógico da escola.

Art. 72 - O Conselho de Classe tem por objetivo servir de fórum de discussão para definição de:

- objetivos a serem alcançados em cada disciplina, no ano de escolaridade e no Ciclo;
- uso de metodologias e estratégias de ensino;
- critérios de seleção de conteúdos curriculares;
- projetos coletivos de ensino e atividades;
- formas de acompanhamento dos alunos em seu percurso nos Ciclos;
- elaboração de fichas do registro do desempenho do aluno para o acompanhamento no decorrer dos Ciclos e para informação aos pais;
- formas de relacionamento com a família;
- propostas curriculares diversificadas em função dos interesses e necessidades dos alunos;
- adaptações curriculares para os alunos portadores de necessidades educativas especiais;
- propostas de organização dos estudos Complementares e Suplementares.

SEÇÃO II

DA CONSTITUIÇÃO

Art. 73 - O Conselho de Classe da E.E. "Olímpia de Brito" nos Ciclos deve ser constituído pelo pessoal docente e técnico pedagógico.

a) Todo o Conselho de Classe terá um coordenador escolhidos por seus pares.

b) Sempre que julgar necessário, o Conselho de Classe pode convidar pais e alunos para participar de suas reuniões.

Art. 74 - A Escola pode ter um ou mais Conselhos de Classe conforme o caso.

Art. 75 - Para as turmas de um mesmo ano de escolaridade, em cada turno, deve ser constituído um Conselho de Classe.

§ 1° Quando num determinado turno, a escola possuir, no 1° Ciclo, apenas uma turma por ano de escolaridade, o Conselho de Classe abrangerá todas as turmas dos quatro anos de escolaridade.

SEÇÃO III

DA COMPETÊNCIA

Art. 76 - Compete aos Conselhos de Classe da Escola Estadual Olímpia de Brito:

I - Ao final do ano letivo:

- Avaliar o desempenho de cada aluno nas atividades escolares desenvolvidas ao longo do ano;
- elaborar os currículos diversificados à vista dos interesses e necessidades dos alunos;
- indicar o currículo que melhor se adeque às orientações quanto ao planejamento de trabalho para o ano seguinte;
- realizar a enturmação dos alunos para o ano letivo seguinte.

II - Ao final de cada Ciclo ou Período:

- Avaliação do desempenho de cada aluno, identificar as suas necessidades específicas, encaminhando-o para realizar estudos complementares ou para cursar o currículo que melhor lhe convier, conforme o caso.

SEÇÃO IV

DO FUNCIONAMENTO

Art. 77 - A Escola Estadual "Olímpia de Brito" deve prever um mínimo de 4 (quatro) reuniões do Conselho de Classe, ao longo do ano letivo, registradas no Calendário Escolar que dentre outras finalidades, deverá realizar a avaliação de desempenho dos alunos.

§ 1° - Cabe à direção da escola assegurar ao Conselho de Classe as condições mínimas para seu funcionamento.

§ 2° - A organização dos horários de realização das reuniões deve ser feita de modo a permitir que todos seus membros afetivos participem, em especial, os professores, considerando-se que não existe professor dispensável no processo de avaliação coletiva do aluno e do trabalho pedagógico da escola.

CAPÍTULO III

DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL

Art. 78 - O Aperfeiçoamento de Pessoal visa a atualização do pessoal do ensino - aprendizagem.

§ 1° O diretor poderá estimular os servidores da escola para frequentarem cursos de extensão ou especialização, congressos, seminários e outros, como:

a) PROCAP : PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES
Será realizada na própria escola, por meio de uma dinâmica de formação em serviço, continuada e a distância, que prevê atividades presenciais e não presenciais, incorporando o uso conjugado de materiais impressos e videográficos.

b) PROCAD: PROJETO DE CAPACITAÇÃO DE DIRIGENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE MINAS GERAIS.
Constitui um projeto de capacitação para gestores da escola pública, de modo a permitir-lhes o exercício eficiente e eficaz do gerenciamento escolar, de forma tal que sejam capazes de: liberar o processo de planejar o desenvolvimento da escola; de implementar o planejado; acompanhar e avaliar as ações planejadas e executadas.

c) PRODEC: PROJETO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E PAIE (PROJETO DE APOIO AS INOVAÇÕES ESCOLARES) serão integrados na escola visando a melhoria da qualidade do ensino.

§ 2° - O abono de faltas dos servidores que frequentarem cursos de especialização ou extensão ficará sujeito a legislação vigente.

§ 3° - Na falta do servidor, para frequentar cursos de aperfeiçoamento, a escola organizará seu quadro para suprir esta falta.

CAPÍTULO IV

DA BIBLIOTECA

Art. 79 - A Biblioteca terá por finalidade fornecer os elementos necessários à realização e enriquecimento dos trabalhos pedagógicos, consultas e pesquisas.

§ 1° - A Escola poderá contar com professor para o Ensino do Uso da Biblioteca, ou caberá aos eventuais, vice-diretores ou excedentes a organização da Biblioteca Escolar.

Art. 80 - A organização e o funcionamento da Biblioteca estarão sujeitos às normas da Proposta Pedagógica definidas em regulamento próprio, baixadas pela diretoria da Escola.

Art. 81 - São atribuições específicas do professor indicado ou designado para exercer a função "ensino do uso da biblioteca", na Escola:

I - organizar a biblioteca de forma a facilitar o uso do livro, do vídeo, do retroprojetor, do projetor de slides e de outros materiais e/ou equipamento nela existentes, assegurando ao usuário um ambiente propício à reflexão e estimulador da criatividade e da imaginação.

II - zelar pela conservação do acervo da biblioteca, orientando o usuário, docente e discente, com vistas à adequada utilização desse acervo;

III - promover atividades individuais e/ou coletivas, especialmente a que estimulem os alunos a produzirem textos;

IV - divulgar no âmbito da escola, os programas de vídeo disponíveis, fazendo com que a sua utilização seja instrumento de lazer, cultura, informação, humanização e socialização;

V - desenvolver um trabalho articulado - Imagem, leitura e outras Artes buscando a integração entre Educação e Cultura como fator de melhoria da qualidade do ensino;

VI - colaborar com o desenvolvimento das atividades curriculares da Escola, facilitando a interdisciplinaridade e criando condições para que os alunos compreendem melhor a realidade em que vivem;

VII - ministrar aulas do uso da biblioteca, sensibilizando professores e alunos para o Hábito da leitura;

VIII - participar efetivamente da vida cultural e social da comunidade escolar, incentivando, por meio de promoções o gosto pela leitura;

CAPÍTULO V

DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Art. 82 - Os estágios Supervisionados têm a finalidade de executar as atividades práticas de ensino, segundo as normas legais vigentes.

Parágrafo Único: A escola oferecerá suas classes para estágio dos cursos de nível superior podendo aproveitar os estagiários também para os estudos de recuperação de alunos.

CAPÍTULO VI

DA MONITORIA

Art, 83 - São finalidades da monitoria:

I - Descobrir e desenvolver aptidões para liderança;
II - Desenvolver o senso de responsabilidade dos alunos;
III - Promover maior entrosamento entre os professores e alunos e entre os próprios colegas.

§ 1° - Para este serviço poderão ser aproveitados os alunos e ou pais mais capacitados no conteúdo.
§ 2° - O funcionamento far-se-á conforme as possibilidades e necessidades, em período de recuperação, ou como atividade extra-classe.

TÍTULO IV - DO SISTEMA DE ORIENTAÇÃO

CAPÍTULO I - DOS SERVIÇOS DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

SEÇÃO I - DAS FINALIDADES

Art. 84 - O Serviço de supervisão pedagógica tem por finalidade planejar, controlar e avaliar as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola.

SEÇÃO II - DA CONSTITUIÇÃO

Art. 85 - O serviço de supervisão pedagógica será composto pelo profissional legalmente habilitado e admitido em consonância com as exigências legais.

Parágrafo Único: Atuação do especialista de Educação se dará em harmonia com a diretoria e o corpo docente, alunos, familiares e comunidade escolar.

SEÇÃO III - DA COMPETÊNCIA

Art. 86 - ''E papel específico do Especialista de Educação articular o trabalho pedagógico da escola, junto com o Corpo docente, alunos e seus familiares em torno de um eixo comum: o ensino-aprendizagem pelo qual perpassam as questões do professor, do aluno e da família.

I - Coordenar o planejamento e implementação do Projeto Pedagógico da escola, tendo em vista as diretrizes definidas no Plano de Desenvolvimento da Escola;

a) Participar da elaboração do Plano de Desenvolvimento da Escola;

b) Delinear com os professores, o Projeto Pedagógico da escola, explicitando seus componentes de acordo com a realidade da escola;

c) Coordenar a elaboração do currículo pelo da escola, envolvendo a comunidade escolar;

d) Assessorar os professores na escolha e utilização dos procedimentos e recursos

f) Participar da elaboração do calendário escolar;

g) Articular os docentes de cada área para o desenvolvimento do trabalho técnico-pedagógico da escola, definindo suas atividades específicas;

h) Avaliar o trabalho pedagógico, sistematicamente, com vista à reorientação de sua dinâmica (avaliação externa);

i) Participar com o corpo docente do processo de avaliação externa e da análise de seus resultados;

j) Identificar as manifestações culturais características da região e incluí-las no desenvolvimento do trabalho da escola.

II - Coordenar o Programa de Capacitação do Pessoal da Escola;

a) Analisar os resultados na avaliação sistêmica feita juntamente com os professores e identificar as necessidades dos mesmos.

b) Realizar a avaliação do desempenho dos professores, identificando as necessidades individuais de treinamento e aperfeiçoamento.

c) Efetuar o levantamento das necessidades de treinamento e capacitação dos docentes da escola.

d) Manter intercâmbio com instituições educacionais e ou pessoas visando sua participação nas atividades de capacitação da escola.

e) Analisar os resultados obtidos com as atividades de capacitação docente, na melhoria dos processos de ensino aprendizagem.

III - Realizar a orientação dos alunos, articulando o envolvimento da família no processo educativo:

a) Identificar junto com os professores, as dificuldades de aprendizagem dos alunos;

b) Orientar os professores sobre as estratégias mediante as quais as dificuldades identificadas possam ser trabalhadas, em nível pedagógico;

c) Encaminhar à instituição especializada os alunos com dificuldades que requeiram um atendimento terapêutico;

d) Promover a integração do aluno no mundo do trabalho, através da informação profissional e da discussão de questões relativas aos interesses profissionais dos alunos e à configuração do trabalho na realidade social;

e) Envolver a família no planejamento e desenvolvimento das ações da escola;
f) Proceder, com auxílio dos professores, ao levantamento das características sócio econômicas e linguísticas do aluno e sua família;
g) Utilizar os resultados do levantamento como diretriz para as diversas atividades do planejamento do trabalho escolar;
h) Analisar com a família os resultados do aproveitamento do aluno, orientando-o, se necessário para a obtenção de melhores resultados;
i) Oferecer apoio às instituições escolares discentes, estimulando a vivência da prática democrática dentro da escola.

TÍTULO V - DA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

CAPÍTULO I - DA ESTRUTURA DO ENSINO

SEÇÃO I - DO ENSINO FUNDAMENTAL

Art. 87 - Fica instituído, nas escolas da rede estadual de ensino de Minas Gerais, o regime de progressão continuada, no ensino fundamental, com duração de oito anos, obrigatórios e gratuítos, tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca com que se assenta a vida social.

Art. 88 - O regime de progressão continuada no Ensino Fundamental se organizará em três ciclos: ciclo básico com duração de 3 anos, ciclo intermediário também com 3 anos, e o ciclo avançado com duração de 2 anos.

§ 2° - Adota-se no ensino fundamental, o regime de progressão continuada (desaparecendo a possibilidade de reprovação ou de retenção de alunos) sem prejuízo do processo de ensino aprendizagem observadas as normas do respectivo sistema de ensino

CAPÍTULO II - DOS CURRÍCULOS E PROGRAMAS

SEÇÃO I - DA COMPOSIÇÃO DOS CURRÍCULOS

Art. 89 - Os currículos do ensino fundamental devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 1° - Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2° - O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§ 3° - A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

§ 4° - O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia.

§ 5° - O ensino religioso, de matrícula facultativa para os alunos, constitui disciplina obrigatória dos horários das escolas públicas de ensino fundamental e é parte integrante da formação básica do cidadão, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, podendo as escolas confessionais organizá-lo segundo sua orientação religiosa.

§ 6° Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, no 1° ano do 2° Ciclo do ensino fundamental, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Art. 90 - Os conteúdos curriculares de educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadão, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - consideração das condições de escolaridades dos alunos em cada estabelecimento;
III - orientação para o trabalho;
IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais.

SEÇÃO II

DOS PROGRAMAS

Art. 91 - Sempre que a experiência o indicar e com a finalidade de atender as conveniências didático pedagógicas, os programas poderão sofrer reajustamento, adaptando-se ao nível de desenvolvimento dos alunos e a evolução do meio social.

Art. 92 - Caberá aos professores a adaptação aos programas(assistidos pelo supervisor pedagógico).

Parágrafo Único - Para efetivação da medida e visando concorrer para real execução dos programas propostos, deverá o serviço de supervisão ou professor incentivar a realização de atividades tais como excursões, visitas à indústrias, entrevistas, promoção de feiras, exposições e outras.

Art. 93 - Os programas adaptados serão submetidos à aprovação da diretoria e homologados pelos órgãos colegiados.

CAPÍTULO III

DO ANO LETIVO

Art. 94 - O Calendário Escolar terá por finalidade a previsão dos dias e períodos destinados à realização das atividades curriculares no estabelecimento.

Art. 95 - O Calendário Escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei.

Art. 96 - O Calendário Escolar será de200 dias e a carga horária de pelo menos 836 (oitocentos e trinta e seis) horas (relógio), excluindo-se recreio e intervalos.

Art. 97 - Na elaboração do Calendário Escolar são especificados:

I - O início e término do Ano Letivo;
II - O início e o término do Ano Escolar, que inclui o Ano Letivo, acrescido de 12(doze) dias escolares;
III - Os feriados, férias e recesso.

§ 1° - Considera-se como dia escolar:

a) os dias destinados à realização da assembléia da comunidade escolar;

b) o dia destinado à realização da assembléia geral para a escolha dos membros do Colegiado Escolar;

c) os dias destinados ao planejamento e reuniões técnico-pedagógicas;
d) os dias reservados à avaliação da Escola Pública de Minas Gerais;
e) o dia destinado à análise dos resultados e produção de relatórios do programa de avaliação da Escola Pública de Minas Gerais;
f) as programações culturais, cívicas e pedagógicas da Escola do município;
g) da semana pedagógica;
h) reunião dos Conselhos de classe;
i) os períodos destinados à matricula.

§ 2° - Considera-se dia letivo aquele que é efetivamente ministradas aulas ou atividades integrantes do currículo, especificadas no Calendário Escolar em que se registre a frequência dos alunos.

CAPÍTULO IV - DA MATRÍCULA

SEÇÃO I - GENERALIDADES

Art. 98 - A matrícula será feita por ciclos, nos períodos previstos no Calendário Escolar, observadas as exigências legais.

Art. 99 - Deve-se observar o critério de zoneamento escolar, sendo vedado o exame de seleção de candidatos.

Parágrafo Único - É divulgado de forma mais ampla possível o edital de matrícula, bem como os critérios estabelecidos no Regimento Escolar para frequência à escola.

Art. 100 - Serão admitidos à matrícula os candidatos que preencherem os requisitos legais relativos à idade e documentação.

§ 1° - São admitidos à matrícula ao 1° ano do 1° Ciclo todos os alunos de 07(sete) anos completos até dezembro do ano em vigor e incompletos caso haja vaga e ainda aqueles que não tiverem acesso a esse nível de ensino na idade própria.

§ 2° - Serão admitidos ao 1° ano do 1° Ciclo candidatos com 07 (sete) anos incompletos desde que, após o atendimento previsto no parágrafo anterior, persista a existência de vaga e que seja comprovada, pela escola, a matrícula dos mesmos.

Art. 101 - Em nenhuma hipótese, será negada matrícula por motivo de raça, sexo, condição social, convicção política ou crença religiosa, bem como por ser candidato, portados de deficiência, ou se encontrar em defasagem de idade com relação à série.

Art. 102 - No ato da matrícula o responsável pelo aluno, deve declarar que conhece e aceita as normas regimentais, optando, ainda, se for o caso, pela frequência às aulas de Ensino Religioso.

Parágrafo Único - Os alunos que não optarem pelo Ensino Religioso são encaminhados para biblioteca onde desenvolvem atividades de estudo ou leitura. A escola deverá divulgar e facilitar aos candidatos à matrícula, o acesso ao Regimento da Escola.

Art. 103 - Terá sua matrícula cancelada o aluno que sem justificativa deixar de comparecer à escola até 20º (vigésimo) dia letivo após o início das aulas ou a contar da data da efetivação da matrícula e esta ocorrer durante o Ano Letivo

§ 1º - Antes de efetuar o cancelamento da matrícula, nos termos deste artigo, a escola deve tomar as providências cabíveis para levar o aluno e seus responsáveis ao cumprimento da obrigatoriedade escolar.

§ 2º - O controle da frequência dos alunos é da responsabilidade do professor, com base no Regimento Escolar.

Art. 104 - A matrícula não será aceita ou deverá ser cancelada em qualquer época do ano letivo, por iniciativa da direção do estabelecimento, quando:

I - For obtida por documentos falsos ou decorrentes de comprovação de má fé;
II - O aluno que praticar infração grave, devidamente comprovada, referendada pelo Colegiado;

Parágrafo Único - Antes de efetuar o cancelamento da matrícula, nos termos deste artigo, a direção da escola deve tomar as providências cabíveis para levar o aluno e seus responsáveis ao cumprimento da obrigatoriedade escolar.

Art. 105 - Ao aluno admitido, por transferência, será concedido o prazo de 30 (trinta) dias para que satisfaça as exigências legais relativas à documentação, sendo aceita sua matrícula, em qualquer época do ano, desde que haja vaga.

Art. 106 - Quando a demanda escolar for superior ao número de vagas será utilizado o seguinte critério:
I - Observada a legislação vigente o primeiro critério é o zoneamento;
II - Persistindo a vaga será utilizado os critérios estabelecidos pelo Colegiado.

SEÇÃO II

DA REMATRÍCULA

Art. 107 - A permanência do aluno na escola no ano subsequente deverá ser confirmada no final de cada Ciclo, pelos seus pais ou responsáveis.

CAPÍTULO V

DA TRANSFERÊNCIA

Art, 108 - Para a transferência de alunos dentro dos Ciclos deverá ser expedida a Ficha Individual adotada pela escola.

Art. 109 - Ao término do 1° e 2° ciclo deverá ser expedido o Histórico Escolar.

Art. 110 - A transferência de um estabelecimento para outro será obtida pelo interessado, isto é, por um responsável pelo aluno, em qualquer época, mediante requerimento, devendo o mesmo ser subscrito e assinado pelo requerente.

Parágrafo Único - Em casos excepcionais, a serem estudados pela administração da escola, poderá ser permitida a transferência, no último bimestre letivo.

Art. 111 - A transferência far-se-à pelo núcleo comum, podendo ser aceita pelo estabelecimento, desde que haja vaga, salvo os casos previstos em lei.

Art. 112 - A escola poderá aceitar matrícula, em caráter condicional pelo prazo máximo de 30(trinta) dias, mediante a apresentação de declaração provisória de transferência, expedida pela escola de origem, na qual se consignem:

I - Identificação do estabelecimento;
II - Identificação do aluno;
III -Série em curso ou concluída com aprovação;
IV -Compromisso de fornecimento da documentação completa no prazo mencionado neste artigo.

Art. 113 - Ao aluno transferido será dado o prazo de 30 (trinta) dias para que satisfaça às exigências legais relativas à documentação.

TÍTULO VI

DA AVALIAÇÃO E SUA ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

CAPÍTULO I

DA VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

Art. 114.- A educação básica, no nível fundamental, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

I - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;

d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

Art. 115 - Os alunos deverão ser avaliados em cada disciplina e ao longo do processo, com apresentação periódica de resultados, de modo a permitir, ao final de cada ano letivo, a apreciação do seu desempenho pelo Conselho de Classe.

Parágrafo Único - Com base em avaliação realizada em cada ano letivo, o Conselho de Classe deverá recomendar, dentre as alternativas curriculares oferecidas pela escola, a que melhor se adequar às características de cada aluno.

Art. 116 - Para a conclusão de cada Ciclo o aluno deverá ter alcançado o nível de aprendizagem exigido e verificado através de avaliação pelo Conselho de Classe, com base em avaliações realizadas pelos professores ao longo do último ano de cada Ciclo.

Parágrafo Único - Os alunos que não demonstrarem ter alcançado o nível de aprendizagem exigido deverão realizar estudos complementares.

Art. 117 - As normas de verificação do rendimento escolar compreendem avaliação do aproveitamento e a aprovação da assiduidade observando o disposto na legislação vigente.

§ 1° - Os resultados das avaliações devem ser apresentados de forma descritiva;

§ 2° - Os resultados e os instrumentos de avaliação devem ser apresentados aos alunos ou aos seus responsáveis, no prazo de 15 (quinze) dias após encerradas as avaliações.

§ 3° - Os resultados da avaliação da aprendizagem bem como a apuração de assiduidade devem constar dos registros escolares;

§ 4° - A verificação do Rendimento Escolar é processo contínuo do qual devem participar a direção escpecialistas, professores e alunos;

§ 5° - O acompanhamento e a avaliação dos resultados dos alunos são feitos de acordo com o disposto neste Regimento e devem possibilitar:

I - o replanejamento didático visando garantir a efetivação do processo ensino-aprendizagem;

II - a permanente informação ao aluno de seu desempenho em relação aos objetivos do currículo;

III -o planejamento dos estudos de recuperação de acordo com as necessidades do aluno;

IV -o fornecimento dos dados para a auto avaliação da escola e informação à comunidade quanto aos resultados do trabalho escolar, nos termos da legislação em vigor;

V - aprofundamento da análise das necessidades dos alunos e das escolas apontados nos resultados do programa de avaliação da Escola Pública de Minas Gerais.

Art. 118 - No início do ano letivo, faz-se a diagnose da aprendizagem cujo o resultado serve para verificar os aspectos programáticos já vencidos e possibilitar a continuidade do desenvolvimento dos programas.

Art. 119 - Os processos de avaliação aferem, preferência e compreensão dos fatos, a percepção de relações, aplicação de conhecimentos, as habilidades e automatismos adquiridos evitada a aferição de dados apenas memorizados.

Art. 120 - Participam da avaliação todas as pessoas diretamente ligadas ao processo ensino-aprendizagem.

§ 1° - Vários instrumentos de medidas são utilizados: (testes, trabalhos individuais ou em equipes, pesquisas, observações e outros), devendo o professor selecioná-los de acordo com a natureza de matéria e o tratamento metodológico adotado.

§ 2° - Os instrumentos de avaliação são elaborados pelos professores, supervisor e com participação do diretor de acordo com o currículo desenvolvido.

§ 3° - A auto avaliação do aluno é adotada por constituir instrumento indispensável ao seu desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem.

Art. 121 - A avaliação do rendimento escolar é feita por conteúdo específico.

§1° Na avaliação do aproveitamento do aluno é adotado os seguintes conceitos:

A - Atingiu os objetivos plenamente
B - Atingiu os objetivos satisfatoriamente;
C - Atingiu os objetivos parcialmente;
D - Ainda não atingiu os objetivos;
E - Não atingiu os objetivos

Art. 122 - O processo de apuração da assiduidade fica a cargo do professor, que deve fazer o registro diário da frequência dos alunos.

CAPÍTULO II

DA CLASSIFICAÇÃO E RECLASSIFICAÇÃO

SEÇÃO I

DA CLASSIFICAÇÃO

Art 123 - A classificação do aluno em qualquer série anual, período semestral ou ciclos, exceto a primeira do Ensino Fundamental, pode ser feita:

a) Por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento, a série ou fase anterior, na própria escola;

b) por avaliação para candidatos procedentes de outras escolas;

c) independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato, e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino.

§ 1° - A descrição do processo de classificação fica a cargo de uma comissão presidida pela direção da escola, sendo representada por dois professores e pelo especialista.

§ 2° - Os documentos que fundamentam a classificação são arquivados na escola.

SEÇÃO II

DA RECLASSIFICAÇÃO

Art. 124 - A escola poderá reclassificar os alunos, em série, período, ciclo, fase ou etapa inclusive quando se trata de transferências entre estabelecimentos situados no País e no exterior, tendo como base as normas curriculares gerais.

Art. 125 - Reclassificar é reposicionar o aluno em série, período, ciclo, fase ou etapa diferente daquela indicada em seu Histórico Escolar. É recomendável que a decisão de reclassificação seja decorrente de manifestação de uma comissão, presidida pela Direção da escola, e que tenha representantes docentes do curso no qual o aluno deverá ser classificado, bem como dos profissionais responsáveis pela Coordenação/Supervisão das atividades pedagógicas.

§ 1° - os documentos que fundamentam a reclassificação são arquivados na escola.

CAPÍTULO III

DA FREQUÊNCIA

Art. 126 - O controle de frequência fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas do respectivo sistema de ensino, exigida a frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para aprovação.

Art. 127 - A frequência será registrada no relatório de acompanhamento do aluno, diariamente, tendo-se o cuidado de verificar se a carga horária e o número de dias letivos estão cumprindo os dispositivos da Legislação Vigente.

Parágrafo Único - a frequência passa a ser apurada pelo total das horas letivas e não mais sobre a carga horária de cada componente curricular.

Art. 128 - A Escola realiza a cada bimestre, reunião com os pais para informar sobre a frequência e desempenho de alunos

§1° - Persistindo a infrequência, a direção da escola organiza uma comissão que entra em contato direto com os pais, para solucionar a questão.

§2° - Não conseguindo extinguir o problema, a escola informa as autoridades competentes (Conselho Tutelar, Ministério Público) que tomam as providências cabíveis.

CAPÍTULO IV

DA PROMOÇÃO

Art. 129 - Compete à escolas estaduais que ministram o ensino fundamental regular e/ou regular de suplência proceder à avaliação de candidato maior de 14 anos que requeira o comprovante de conclusão do 4° ano do 1° ciclo do ensino fundamental, nos termos do artigo 39 da Resolução CEE n° 386, de 28-05-91.

Art. 130 - O candidato deve ser submetido a três provas escritas, cada qual com o valor de 100 pontos.

I 01(uma) prova de português, incluído redação;
II 01(uma) prova de Matemática;
III 01 (uma) prova conjunta de Geografia, História e Ciências (iniciação).

Parágrafo Único: Os temas da redação devem ser compatíveis com a vivência do candidato.

Art 131- Considera-se aprovado o candidato que obtiver o mínimo de 50 pontos em cada uma das provas.

Art. 132 - Compete a cada escola a responsabilidade pela elaboração, aplicação e correção das provas.

Art. 133 - Aprovado o candidato os resultados obtidos devem ser registrados em ata.

Art. 134 - Cabe à escola expedir o Certificado ao candidato aprovado.

Art. 135 - O certificado de conclusão do 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Fundamental confere ao candidato o direito ao prosseguimento de estudos.

Art. 136 - Em nenhuma hipótese a Escola Estadual que ministra as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental pode se recusar a aplicar a avaliação de que trata esta Resolução.

Art. 137 -A verificação do rendimento escolar, tem por finalidade aferir o desempenho do aluno e aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem.

Art. 138 - No ensino fundamental a verificação do rendimento escolar conjuga a avaliação do aproveitamento e a apuração da assiduidade.

§1º - A verificação do rendimento escolar far-se-á de acordo com o tratamento dispensado aos conteúdos curriculares, segundo seu desenvolvimento sob a forma de atividade, área de estudo ou disciplina.

Parágrafo Único: Para atender às peculiaridades de cada fase do currículo escolar, e tendo em vista o tratamento metodológico dispensado a cada conteúdo curricular, pode a escola estabelecer normas regimentais diferenciadas para avaliação do aproveitamento em cada uma dessas fases.

Art. 139 - Na avaliação do aproveitamento preponderão os aspectos qualitativos da aprendizagem sobre os quantitativos e os resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final, caso esta seja exigida.

Parágrafo Único - Na apreciação dos aspectos qualitativos deverão ser levadas em conta a compreensão dos fatos, a percepção de relações, aplicação do conhecimento, a capacidade de análise e de síntese, além de outras habilidades.

Art. 140 - Ter-se-á como aprovado, quanto à assiduidade, na atividade, área de estudo ou disciplina:

I - o aluno de frequência igual ou superior a 75%;

II - o aluno de frequência inferior a 75% que tenha tido aproveitamento superior a 80% na escala de avaliação adotada pelo estabelecimento.

CAPÍTULO V

DOS ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO

SEÇÃO I

DAS GENERALIDADES

Art. 141 - Os estudos de recuperação oferecidos pela Escola durante e após o ano letivo regular têm, por finalidade, oferecer ao aluno, novas oportunidades de aprendizagem.

Art. 142 - Os Estudos de Recuperação, em cada conteúdo curricular, proporcionados obrigatoriamente pela Escola, destinam-se ao aluno:

I) de aproveitamento insuficiente e frequência igual ou superior a 75%(setenta e cinco por cento);

II) de aproveitamento insuficiente e frequência não inferior a 50% (cinquenta por cento)

III) de frequência inferior a 75% (setenta e cinco por cento) mas igual ou superior a 50% (cinquenta por cento) e com aproveitamento suficiente, mas não superior a 80% (oitenta por cento) da escala de notas ou menções adotadas pela Escola.

Art. 143 É obrigatória a recuperação paralela por permitir atender às dificuldades de aprendizagem do aluno tão logo elas apresentem, mediante a utilização de materiais didático-pedagógicos suplementares e assistência individualizada.

Art. 144 - Ao planejar os Estudos de Recuperação, a Escola Estadual Olímpia de Brito considera que:

I) a recuperação deve ser conduzida como trabalho individualizado de orientação, acompanhamento de estudos, capaz de ajudar o aluno a sanar as deficiências verificadas em rendimento.

II) a recuperação ao longo do processo ensino-aprendizagem é inerente ao trabalho normal da Escola.

III) o processo de recuperação deve ser adaptado aos diferentes níveis e graus de ensino a que se aplica.

Art. 145 - A escola deve prover todos os meios possíveis para a recuperação dos alunos de menor desempenho.

Parágrafo Único - Cabe os docentes zelar pela aprendizagem estabelecendo estratégias de recuperação.

CAPÍTULO VI

DO ATENDIMENTO A ALUNOS EM SITUAÇÃO ESPECIAL

Art. 146 - Será dispensado tratamento especial ao aluno que se encontre nas situações:

I - Previstas no Decreto Lei Federal 1044, de 21 de outubro de 1969, comprovadas por laudo médico fornecido por órgão oficial ou entidade que mereça fé pública;
II - Indicadas na Lei Federal nº 6503 de 13/12/77 e Lei nº 7692 de 20/12/88 no que se refere à prática de Educação Física;
III - indicada na Lei nº 6.202/75 no que se refere a aluna gestante.
IV - O atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados, encaminhados à Escola;
V - Excepcionais e não previstas nos itens anteriores, após estudo pelo corpo técnico-administrativo.

Art. 147 - O tratamento a ser dispensado aos alunos enquadrados nas situações previstas no artigo anterior, no que se refere à matrícula, ao aproveitamento e à frequência deverá ser planejado pelo Conselho de Classe à luz da legislação em vigor.

TÍTULO VII

CAPÍTULO I

DO PESSOAL DOCENTE E ADMISTRATIVO

SEÇÃO I

DA CATEGORIA E FORMA DE ADMISSÀO

Art. 148 - O Pessoal a serviço do Estabelecimento é constituído de Docentes, Especialistas em Educação e Pessoal administrativo.

Art. 149 - A formação de profissionais da educação , de modo a atender os objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando tem como fundamentos:

I - A associação entre teorias e práticas, inclusive mediante capacitação em serviço.
II - Aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Art. 150 - A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-à em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em Universidade e Institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério, na educação

infantil e nos quatro primeiros anos do 1° Ciclo do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Art. 151 - A admissão do pessoal ficará sujeita às exigências legais vigentes.

Art. 152 - O pessoal docente e administrativo terá seus direitos assegurados, em conformidade com a legislação pertinente, de acordo com o respectivo regime de admissão e ato que o regulou.

SEÇÃO II

DOS DIREITOS DOS PROFESSORES

Art. 153 - Os professores, além dos direitos e regalias que lhes são asseguradas pela legislação em vigor, terão ainda as seguintes prerrogativas:

I - De requisitar todo o material didático que julgar necessário às aulas, dentro das possibilidades do Estabelecimento;

II - De utilizar os livros da biblioteca e das dependências e instalações do Estabelecimento, necessárias ao exercício de suas funções;

III - De indicar os livros didáticos de sua disciplina e opinar sobre programas e sua execução, planos de ensino, técnicas e métodos utilizados;

IV - De apresentar à Diretoria as faltas disciplinares dos alunos;

V - De valer-se, com conhecimento da diretoria, dos serviços auxiliares do estabelecimento, para melhor exercício de suas atribuições;

VI - De desincubir -se das atribuições e competências determinadas por este Regimento;

VII - De exigir o tratamento e respeito adequados e compatíveis com a sua função.

SEÇÃO III

OS DEVERES DOS PROFESSORES

Art. 154 - Constituem deveres do pessoal do magistério:

I - Elaborar e executar integralmente os programas, planos e atividades da escola no que for de sua competência;

II - Cumprir e fazer cumprir os horários e calendários escolares;

III - Ocupar-se com o zelo, durante o horário de trabalho no desempenho das atribuições de seu cargo;

IV - Manter e fazer com que seja mantida a disciplina dentro e fora de sala de aula;

V - Comparecer às reuniões para as quais for convocado;

VI - Participar das atividades escolares;

VII - Zelar pelo bom nome da unidade de ensino;

VIII- Respeitar alunos, colegas, autoridades de ensino e funcionários administrativos, de forma compatível com a missão do educador;

IX - Controle e avaliação do rendimento escolar, recuperação dos alunos, auto-aperfeiçoamento, pesquisa educacional e cooperação no âmbito da escola, para aprimoramento tanto do processo ensino-aprendizagem, como da ação educacional e participação ativa na vida comunitária da escola.

SEÇÀO IV

DOS DIREITOS DO PESSOAL ADMINISTRATIVO

Art. 155 - O pessoal administrativo, além dos direitos e regalias que lhes são asseguradas pela legislação em vigor, terão ainda as seguintes prerrogativas:

I - Requisitar todo material que julgar necessário para o desempenho de suas funções, dentro das possibilidades do Estabelecimento;

II - Exigir o tratamento e respeito adequado compatíveis com sua função;

III - Proporcionar ambiente agradável para melhor desempenho de suas funções;

IV - Solicitar a colaboração do pessoal da escola, bem como a valorização do trabalho;

V - De desincubir-se das atribuições e competências determinadas por este Regimento.

VI - Observância das normas legais e regulamentares;

VII - Obediência às ordens superiores, exceto quando manifestamente legais;

VIII - Levar ao conhecimento da autoridade superior irregularidade que tiver ciência em razão do cargo;

IX - Zelar pela economia e conservação do material que lhe foi confiado;

X - Providenciar para que seja sempre em ordem no assentamento individual a sua declaração de família;

XI - Atender prontamente:

a.) Às requisições para a defesa da Fazenda Pública;

b.) À expedição das certidões requeridas para a defesa do direito.

SEÇÃO V - DAS PENALIDADES DO PESSOAL DOCENTE E ADMINISTRATIVO

Art. 156 - Será aplicável ao pessoal docente administrativo o regime disciplinar com a finalidade de aprimorar o ensino, sob a formação do aluno, o desenvolvimento das atividades escolares, o entrosamento dos serviços existentes e a aprimoração dos objetivos propostos.

Art. 157 - A espécie, graduação e a forma de aplicação das penas a que está sujeito o pessoal docente e administrativo são as constantes do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado de Minas Gerais (Lei nº 869/52) e o Estatuto do Magistério (Lei nº 7.109/77).

Art. 158 - A penalidades serão aplicadas pelos Órgãos competentes, de acordo com a legislação em vigor.

CAPÍTULO II

DO PESSOAL DISCENTE

Art. 159 - O Pessoal Discente compreende todos os alunos matriculados no ensino fundamental.

SEÇÃO I

DOS DIREITOS DOS ALUNOS

Art. 160 – A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II – direito de ser respeitado por seus educadores;
III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;
V – acesso a escola pública e gratuita próxima de sua residência;
Parágrafo Único – É direito dos pais ou responsáveis Ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Art. 161 – É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
II – progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;
III – atendimento educacional, especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;
V – acesso aos níveis mais elevados de ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;
VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;
VII – atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Inciso 1° - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

Inciso 2° - O não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente.

Inciso 3° - Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola.

Art. 162– Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Art. 163 – Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I – maus-tratos envolvendo seus alunos;
II – reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;
III – elevados níveis de repetência .

Art. 164 – O Poder Público estimulará pesquisas , experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório.

Art. 165 – No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísiticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.

Art. 166 – Os municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.

SEÇÃO II

DEVERES DOS ALUNOS

Art. 167 - São deveres do Pessoal Discente:

I) contribuir no que lhe couber para o prestígio do estabelecimento;
II) desempenhar a contento todas as atividades escolares em que se exigir sua participação;
III) abster-se de atos que perturbem a ordem, ofendam os bons costumes ou importem em desacato as leis, às autoridades escolares ou aos professores e funcionários, bem como aos representantes de turmas, no uso de suas atribuições;
IV) respeitar as normas disciplinares do estabelecimento;
V) não incitar os atos de rebeldia, abstendo-se de colaborar em faltas coletivas;

VI) tratar com urbanidade e respeito o Diretor, Vice-Diretor, Especialistas, Professores, Autoridades de Ensino, Funcionários e Colegas;

VII) chegar à Escola pontualmente e ser assíduo e zeloso no desempenho das atividades escolares;

VIII) não deixar a sala de aula e não sair no recreio, a menos que seja autorizado pelo Professor.

IX) o uso do fumo não é permitido na sala de aula;

X) o aluno jamais deve retirar-se da Escola sem autorização da Direção, mesmo no horário de recreio;

XI) ser educado e cortês com os colegas e respeitar o material pertencente a eles;

XII) zelar pelo material escolar próprio e também pelo o da Escola, indenizando os danos eventuais que causar;

XIII) contribuir para a manutenção da limpeza da Escola;

XIV) quando faltar às aulas por qualquer motivo, inclusive doença, procurar inteirar-se com colegas e professores sobre atividades dadas na sala, para que não fique prejudicado;

XV) em caso de doença, o aluno deve apresentar atestado médico à Direção até o 5º (quinto) dia do término do impedimento, constando no mesmo o período de afastamento das atividades escolares, constando no mesmo o período de afastamento das atividades escolares, resguardando-lhe o direito de efetuar as avaliações perdidas conforme a Lei.

XVI) Durante as aulas, não mascar chicletes, chupar balas, merendar e usar boné.

XVII) Não perturbar o andamento dos trabalhos nas salas de aula, auditório, biblioteca, outras dependências e nas imediações da Escola.

TÍTULO VIII

DAS INSTITUIÇÕES DOCENTES E DISCENTES

Art. 168 - Os membros dos Corpos Docentes e Discentes podem se organizar em associações, grêmios ou clubes com finalidades específicas determinadas nos respectivos Estatutos.

Art. 169 - As instituições têm atribuições sociais, culturais e recreativas que concorrem para consecução dos objetivos específicos da Escola.

Art. 170 - São as seguintes as instituições docentes e discentes:

I) associação de Pais e Mestres;

II) centro cívico;

Parágrafo Único - As instituições docentes e discentes se regem por regulamento próprio.

TÍTULO IX

DO REGIME DISCIPLINAR DO CORPO DISCENTE

Art. 171 - Quando o aluno infringir as normas da escola, serão tomadas as seguintes medidas:

I Advertência oral, em particular;
II - Advertência escrita com assinatura dos pais lavrando-se ocorrência em livro próprio, quando o aluno é menor de idade;
III - Após a 3ª advertência o aluno só retorna à escola com os pais;
IV - Exclusão da aula, após o cumprimento mínimo de três ocorrências;
V - Dependendo da gravidade da falta a Direção e o Colegiado poderão encontrar soluções que não constem nos itens anteriores.

Art. 172 - A entrada do aluno na segunda aula só é permitida com justificativa na carteira escolar (assinada pelo pai, mãe ou responsável) ou com acompanhamento do aluno por um daqueles até as portas da Escola, justificando o atraso.

Art. 1- O aluno deve-se manter dentro da sala de aula, na troca de professores, só se ausentando da mesma no horário de recreio.

TÍTULO X

DOS REGISTROS, ESCRITURAÇÃO E ARQUIVOS ESCOLARES

CAPÍTULO I - FORMAS E OBJETIVOS

Art. 173 - Os atos escolares, para efeitos de registro, comunicação de resultados e arquivamento, serão escriturados em livros e fichas padronizadas, observando-se, no que couber, os regulamentos e disposições legais aplicáveis.

Art. 174 - Os livros de escrituração escolar conterão termos de abertura e encerramento e, bem como as fichas a serem usadas, as características imprescindíveis e essenciais à identificação e comprovação dos atos que se registrarem, datas e assinaturas que os autenticarem.

Art. 175 - A autenticidade dos documentos e escrituração escolares se verificará e será certificada pela aposição da assinatura do Diretor e do Secretário.

Art. 176 - Resguardadas as características e a autenticidade, em qualquer época, poderá o estabelecimento substituir os livros, fichas e modelos de registro e escrituração, descritos neste Regimento, por outros, bem como alterar os processos utilizados, simplificando-os.

Art. 177 - Serão válidas as cópias mecânicas de documentos escolares, desde que com o original e autenticadas por um elemento da Secretaria.

Art. 178- Do arquivo escolar devem constar os registros de atividades e atos escolares dos alunos e servidores, devendo para tanto ser dividido em:

Arquivo vivo: é constituído dos documentos relativos aos alunos que estão frequentando a escola e servidores ativos;

Arquivo morto: é constituído pelos documentos desnecessários ao movimento cotidiano da escola e que não podem ser incinerados.

CAPÍTULO II - DOS INSTRUMENTOS DE REGISTRO E ESCRITURAÇÃO

SEÇÃO I - DOS LIVROS

Art. 179 - Serão os seguintes, os livros de escrituração:

a) Livro de Registro de Matrícula e Resultados Finais;
b) Livro de Atas de Resultados Finais;
c) Livro de Controle de Recursos da Caixa Escolar;
d) Livro de Atas de Incineração de Documentos;
e) Livro de Termo de Visita de Inspetores;
f) Livro de Registro de Ponto;
h) Atas de promoção;
i) Livro de Reuniões do Colegiado;
j) Livro de ocorrências de Alunos;
l) Livro de Termo de Posse e Exercício;
m) Livro de Atas de Reunião de Professores e Pessoal Administrativo;
n) Livro de Ata de Reunião dos Conselhos de Classe.

SEÇÃO II - DOS DOCUMENTOS ESCOLARES

Art. 180 - Serão adotados os seguintes documentos escolares:

a) Histórico Escolar;
b) Declaração de Expedição de Histórico Escolar;
c) Ficha Individual;
d) Relatório de Atividades Escolares;
e) Diários de Classe;
f) Declarações de Curso;
g) Ficha de Matrícula;
h) Requerimento de Transferência;

Parágrafo Único - Salvo autorização especial da Diretoria, todo aluno deve possuir e usar a Caderneta Escolar, sendo imprescindível sua apresentação diária na entrada da Escola, a fim de serem registradas as presenças ou faltas do dia anterior, bem como toda e qualquer ocorrência aos pais por parte da Direção e Professores.

SEÇÃO III - DOS ASSENTAMENTOS INDIVIDUAIS DOS ALUNOS, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

Art. 181 - De cada aluno, professor ou funcionário haverá uma pasta individual, que deverá conter:

a) Transcrição de dados pessoais (nome, filiação, estado civil, data e local de nascimento, endereço, situação eleitoral, militar) e, para os professores e funcionários, a transcrição de registro e autorização para lecionar ou para o exercício de funções específicas.

b) Para arquivamento, documento definitivo de transferência recebido pelo Estabelecimento ou comprobatório de conclusão de cursos ou estudos realizados pelo aluno.

c) Histórico Escolar, com transcrição, período, dos resultados finais e frequência em cada disciplina, atividade ou conteúdo, apurados após recuperação final.

Art. 182 - De cada funcionário deve haver uma documentação, incluindo uma Ficha Funcional, contendo toda sua vida funcional.

CAPÍTULO III - DA INCINERAÇÃO

Art. 183 - Lavrada devidamente as Atas, poderão ser incinerados os seguintes documentos escolares e de escrituração:

I Diários de Classe, Fichas Individuais, provas finais ou especiais e relativos à recuperação;

II Atestados Médicos, documentos dispensáveis relativos a professores e funcionários, após a transcrição nos assentamentos individuais;

III - Declaração de Expedição de Histórico Escolar, após a entrega pelo aluno do documento definitivo;

IV - Outros documentos, com autorização dos órgãos competentes.

Parágrafo Único - A eliminação de documentos será feita através de incineração, mediante lavratura de termo por autoridade competente em livro próprio.

CAPÍTULO IV - RESPONSABILIDADE E AUTENTICIDADE

Art. 184 - Ao Diretor e Secretariado caberão a responsabilidade por toda a escrituração e expedição de documentos escolares, bem como dar-lhes a autenticidade pela aposição de assinaturas.

Parágrafo Único - Todos os funcionários serão responsáveis na respectiva órbita de competência, pela guarda e inviolabilidade dos arquivos, documentos e escrituração escolares.

SUMÁRIO

VOLUME V

Anexo 24 481

Anexo 25 483

Anexo 26 513

Anexo 27 515

Anexo 28 518

Anexo 29 519

Anexo 30 520

Anexo 31 524

Escola 1 524

Escola 2 534

Escola 3 557

Escola 4 561

Escola 5 563

Escola 6 579

Anexo 32 585

Anexo 33 590

Anexo 34 592

UNICAMP

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

20023819

ANEXO 24

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Secretaria de Estado da Educação
5ª Superintendência Regional de Ensino de Curvelo
Lei nº 10.232 de 12-07-98 / Decreto nº 31.732 de 29-08-90

Legislação Básica para elaboração do Regimento Escolar – Escolas Públicas e Particulares

Escolas Públicas e Particulares

- Constituições : Federal – Capítulo III – Da Educação da Cultura e do Desporto, Artigos 205 a 214
- Constituição Estadual
- Emenda Constitucional n.º 14/96 –
- Lei 9475/97 – 22-07-97 – Dá nova redação ao artigo 33 da Lei 9394/96 (Ensino Religioso)
- Lei n.º 8069 – 13-07-90 – Estatuto da Criança e do Adolescente
- Resolução nº 05-30-01-98 – Normatiza a atuação do Ministério Público na fiscalização da observância pelo Estado, Municípios e família do Direito da Criança e do Adolescente ao Ensino Fundamental.
- Decreto n.º 2208/97 – 07-07-97 - Regulamenta o § 2º do artigo 36 e os artigos 39 a 42 da Lei 9394/96 (Educação Profissional).
- Portaria n.º 646/94 - Regulamenta a implantação do disposto nos artigos 39 a 42 da Lei n.º 9394/96 e no Decreto n.º 2208/97;
- Parecer CEB 04 – 29-01-98 - Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.
- Resolução n.º 2/98 - Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental;
- Resolução CEB n.º 02 – 15-04-98 – Diretrizes Nacionais para o Ensino Fundamental.
- Parecer CEB n.º 15/98 – 01-06-98 – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
- Resolução 3/98 – Institui as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio;
- Parecer CEE – n.º 1132 - 21-11-97, republicado em 13-08-98 dispõe sobre Educação Básica nos termos da Lei 9394/96.

Escolas Estaduais

- Resolução SEE – n.º 8086/97 – 18-11-97 - Institui na Rede Estadual o regime de Progressão Continuada no Ensino Fundamental;
- Resolução SEE – n.º 9437/98 – Implantação dos Estudos Complementares ao final do 1º e 2º ciclo do Ensino Fundamental, no ano de 1999.
- Instrução SDE – n.º 03/97 – MG – 18-12-97 – Orienta as Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio sobre a aplicação da Lei 9394/96, Parecer 1132/97, Legislações decorrentes e em especial a Resol. SEE 8086/97
- Instrução SDE 01/98 - Diretoria de Funcionamento Escolar - MG – 23-05-98 - Orienta as Escolas sobre Escrituração Escolar e Expedição de Documentos Escolares
- Resolução SEE – n.º 8184/97 - MG – 30-12-97 - Implantação da Progressão Parcial com Estudos Suplementares nas Escolas Estaduais Ensino Médio.
- Portaria 03/98 - Esclarecimentos sobre Estudos Suplementares
- Instrução - 01/98 - SDE – MG 21-07-98 – Orienta sobre a aplicação de dispositivos da Resol. SEE n.º 8086/97, bem como dispositivos relativos a organização e funcionamento do Ensino Fundamental

Escolas Particulares

- Lei n.º 12.781/98 – MG - 07-04-98 - Proíbe cobrança de taxa ou mensalidade em escola pública e dá outras providências;

PROJ. ACERTANDO O PASSO

- Resolução SEE n.º 8287/98 - MG 13-02-98 (republicação) - Implantação do Projeto "Acertando o Passo".
- Resolução SEE n.º 9031/98 – MG 21-02-98 - Orienta Matrícula "Acertando o Passo".
- Instrução 01/98 – MG 23-05-98 - Escrituração Escolar
- Resolução n.º 9437/98 - MG 09-07-98 - Estudos complementares
- Resolução n.º 9471/98 - MG 09-09-98 - Medidas referentes à participação dos alunos no Projeto "Acertando o Passo"
- Aviso DNPC – n.º 208/98 – MG 09-07-98 - Duração do Projeto ;
- Aviso DNPC – n.º 211/98 - MG 04-08-98 - Calendário Escolar;
- Portaria 02/98 - MG - 13-02-98 Medidas Transitórias para Estudos Suplementares;

Legislação que acompanha o projeto "A Caminho da Cidadania"

- Resolução n.º 9413/98 – MG 02-07-98 - Institui o Projeto "A Caminho da Cidadania ";
- Resolução n.º 9434/98 – NG 20-06-98 - Orienta matrícula de alunos no Projeto "A Caminho da Cidadania";
- Fax n.º 410/98 (14-07-98) – Diretoria Gestão de Pessoal - Orientações sobre Designação de Professores;
- Projeto "A Caminho da Cidadania" – MG 02-07-98 – pág 03 – Proposta de Aceleração de Estudos – Projeto " A Caminho da Cidadania".
- Fax n.º 435/98 04-08-98 – Diretoria Gestão Pessoal - Normas a serem observadas pelas escolas que oferecem o Projeto "A Caminho da Cidadania"
- Fax n.º 436/98 - 04-08-98 - Diretoria Gestão Pessoal - Designação profesores "A Caminho da Cidadania" e Acertando o Passo".

Ensino Médio Itinerante

- Resolução n.º 9468/98 - MG 26-08-98 - Institui e Regulamenta a implantação do Projeto Ensino Médio Itinerante.
- Instrução n.º 03/98 - MG 26-08-98 - Orienta as escolas que implantaram, em 1998, o Projeto "Ensino Médio Itinerante".

Importante!!!

Não há exigência quanto à apresentação do Regimento, se sob a forma de artigos organizados em subseção, seção, capítulo e títulos, ou se esquematizados sob a forma de itens e subitens, ou ainda sob a forma de incisos ou alíneas. A escola escolhe a maneira que melhor lhe convier, cabendo apresentá-lo de forma coerente e em termos precisos e claros. A preocupação da escola deve ser com o conteúdo e a própria clareza das disposições contidas na proposta regimental.

A Escola escolhe a maneira quanto à sua apresentação.

1ª Sugestão

Matéria distribuída em títulos que se dividirão em capítulos e estes em seções.

TÍTULOS → CAPÍTULOS → SEÇÕES → ARTIGOS

I - II - III... I - II - III... I - II - III... 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º...

O sentido oracional do artigo poderá ser completado por meio de incisos ou por meio de parágrafos.

Os parágrafos por sua vez podem desdobrar-se em itens (algarismos arábicos).

Quando o artigo contém mais de um parágrafo, usa-se o sinal gráfico "§" para representá-lo a partir do 1º e quando o artigo contém apenas um parágrafo, escreve-se por extenso a expressão **"Parágrafo único"**.

Os incisos desdobram-se em alíneas.

2ª Sugestão :

1.

2

2.1-

2.2-

2.2.1-

3.

ANEXO 25

Tábua de análise dos Regimentos Escolares

Escola Estadual 1

Nº	Partes	Observações
-	**Introdução:** - explicação de motivos do documento; - histórico - identificação - denominação - caracterização	Não tem Os demais itens estão completos
Título I	**Da Educação** **Cap. I – Dos princípios e fins da educação nacional** **Cap. II – Dos objetivos gerais do Ensino nacional** **Cap. III – Da organização da educação nacional** **Cap. IV – Da política educacional da escola**	 Transcreve o art. 1° e 2° da LDB 9394/96 Transcreve o art. 32 – idem Transcreve os artigos 12 e 13 - idem São os objetivos específicos da escola (ver quadro comparativo)
Título II	**Cap. I – Da Administração** Seção I – Da constituição Seção II – da Competência Seção III – Do funcionamento **Cap. II – Do Colegiado** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da composição Seção IV – Do processo de eleição e mandato dos	Todos itens estão de acordo com as legislações mineiras Obs: coloca os princípios de uma gestão democrática Todos os itens estão de acordo com as legislações mineiras

	membros Seção V – Da presidência do Colegiado Seção VI – Da competência do Presidente do Colegiado Seção VII – Do funcionamento **Capítulo III – Da Caixa Escolar** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da constituição Seção IV – Do funcionamento Seção V – Das funções **Capítulo IV – Da secretaria** **Capítulo V – Dos Serviços Gerais**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Idem
Título III	**Dos Serviços Pedagógicos complementares** **Cap. I – Dos Tipos** Seção I – Dos conselhos de classe Sub-seção I – Das finalidades SSII – Da Constituição SSIII – Da Competência SSIV – Do funcionamento Seção II – Do aperfeiçoamento de pessoal Seção III – Da Biblioteca Seção IV- Dos cantinhos de	idem

	leitura Seção V – Das salas de vídeo	
Título IV	**Dos serviços de Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica** **Capítulo I – Do especialista de Educação** Seção I – Das finalidades Seção II – Da constituição Seção III – Da competência do especialista de Educação	Idem Obs: fala do supervisor e orientador como do especialista – Pedagogo e lista as atribuições de acordo com a legislação mineira
Título V	**Do Pessoal** **Cap. I- Do pessoal Docente e administrativo** Seção I – Da categoria e forma de admissão Seção II – Dos deveres Seção III – Dos direitos Seção IV – Da avaliação de desempenho **Cap. II – Do pessoal discente** Seção I- Dos direitos Seção II – dos Deveres	- Aparece como Título IX e fora da ordem. - Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira
Título VI	**Do regime disciplinar** **Cap. I – Do pessoal docente** **Cap. II- Do pessoal discente**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira

Título VII	**Dos registros, escrituração e arquivos escolares** **Cap, I – Das formas e objetivos** **Cap. II – Dos instrumentos de registros e escrituração** Seção I – Dos livros Seção II – Dos documentos escolares Seção III – Dos assentamentos individuais dos alunos, prof. E funcionários **Cap. III – da incineração** **Cap. IV – Da responsabilidade e autenticidade**	Idem
Título VIII	**Da organização didática** **Cap. I – Da estrutura do ensino** Seção I – Do ensino fundamental **Cap. II – Dos currículos e programas** Seção I – Da composição dos currículos Seção II – dos programas Seção III – Da metodologia **Cap. III – Do ano letivo**	Idem Obs: explica o objetivo de cada disciplina Obs: explica como será desenvolvido o ensino e a aprendizagem e cita técnicas e métodos

	Seção I – do ano calendário Seção II – da organização do tempo escolar **Cap. IV – Da matrícula** **Cap. V – Da classificação e reclassificação** **Cap. VI – Da progressão** **Cap. VII – Dos avanços** **Cap. VIII – Da aceleração de estudos** **Cap. IX – Da freqüência** **Cap. X- da transferência e do ajustamento curricular**	
Título IX	**Da avaliação e sua organização didática** **Cap. I – Da verificação do rendimento escolar** **Cap. II – Dos estudos de recuperação** **Seção I – Das generalidades**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira
Título X	**Das disposições finais.**	Abre para 3 artigos (abertura para recursos em instância superior; - regimento não pode ser barreira; - casos omissos serão resolvidos pela direção da escola e colegiado.

Tábua de análise dos Regimentos Escolares

Escola Estadual 2

Nº	Partes	Observações
-	**Introdução:** - explicação de motivos do documento; - histórico - identificação - denominação - caracterização	Não tem Os demais itens estão completos
Título I	**Da Educação** **Cap. I – Dos princípios e fins da educação nacional** **Cap. II – Dos objetivos gerais do Ensino nacional** **Cap. III – Da organização da educação nacional** **Cap. IV – Da política educacional da escola**	 Transcreve o art. 1° e 2° da LDB 9394/96 Transcreve o art. 32 – idem Transcreve os artigos 12 e 13 - idem São os objetivos específicos da escola (ver quadro comparativo)
Título II	**Cap. I – Da Administração** Seção I – Da constituição Seção II – da Competência Seção III – Do funcionamento **Cap. II – Do Colegiado** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da composição Seção IV – Do processo de eleição e mandato dos membros	Todos itens estão de acordo com as legislações mineiras Todos os itens estão de acordo com as legislações mineiras

	Seção V – Da presidência do Colegiado Seção VI – Da competência do Presidente do Colegiado Seção VII – Do funcionamento **Capítulo III – Da Caixa Escolar** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da constituição Seção IV – Do funcionamento Seção V – Das funções **Capítulo IV – Da secretaria** **Capítulo V – Dos Serviços Gerais**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Idem
Título III	**Dos Serviços Pedagógicos complementares** **Cap. I – Dos Tipos** Seção I – Dos conselhos de classe Sub-seção I – Das finalidades SSII – Da Constituição SSIII – Da Competência SSIV – Do funcionamento Seção II – Do aperfeiçoamento de pessoal Seção III – Da Biblioteca Seção IV- Dos cantinhos de	Idem Obs: fala dos cantinhos de leitura, dentro do item Biblioteca

	leitura Seção V – Das salas de vídeo	Obs: não fala de salas de vídeo, mas sim de Informática e acrescenta também um tópico sobre Monitoria
Título IV	**Dos serviços de Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica** **Capítulo I – Do especialista de Educação** Seção I – Das finalidades Seção II – Da constituição Seção III – Da competência do especialista de Educação	Idem Obs: fala só do supervisor e lista as atribuições de acordo com a legislação mineira
Título V	**Do Pessoal** **Cap. I- Do pessoal Docente e administrativo** Seção I – Da categoria e forma de admissão Seção II – Dos deveres Seção III – Dos direitos Seção IV – Da avaliação de desempenho **Cap. II – Do pessoal discente** Seção I- Dos direitos Seção II – dos Deveres	- Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Obs: abre uma Seção Das instituições docentes e discentes, mas ao invés de falar sobre isto, comenta sobre punições disciplinares à luz do ECA e da Constituição Federal (?)
Título VI	**Do regime disciplinar** **Cap. I – Do pessoal docente**	Não possui este título separado, pois encaixou o regime disciplinar no título acima.

	Cap. II- Do pessoal discente	
Título VII	**Dos registros, escrituração e arquivos escolares** **Cap, I – Das formas e objetivos** **Cap. II – Dos instrumentos de registros e escrituração** Seção I – Dos livros Seção II – Dos documentos escolares Seção III – Dos assentamentos individuais dos alunos, prof. E funcionários **Cap. III – da incineração** **Cap. IV – Da responsabilidade e autenticidade**	Idem
Título VIII	**Da organização didática** **Cap. I – Da estrutura do ensino** Seção I – Do ensino fundamental **Cap. II – Dos currículos e programas** Seção I – Da composição dos currículos Seção II – dos programas Seção III – Da metodologia	Idem Obs: coloca um artigo sobre a existência do PDE e abre para o sistema de ciclos e de progressão continuada.

	Cap. III – Do ano letivo Seção I – do ano calendário Seção II – da organização do tempo escolar **Cap. IV – Da matrícula** **Cap. V – Da classificação e reclassificação** **Cap. VI – Da progressão** **Cap. VII – Dos avanços** **Cap. VIII – Da aceleração de estudos** **Cap. IX – Da freqüência** **Cap. X- da transferência e do ajustamento curricular**	
Título IX	**Da avaliação e sua organização didática** **Cap. I – Da verificação do rendimento escolar** **Cap. II – Dos estudos de recuperação** **Seção I – Das generalidades**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Obs: neste título, foram contemplados os assuntos reclassificação e freqüência, do título anterior. O regimento não fala em classificação, reclassificação, avanços, aceleração.
Título X	**Das disposições finais.**	Abre para 2 artigos (o regimento é flexível e este regimento revoga o anterior)

Tábua de análise dos Regimentos Escolares

Escola Estadual 3

Nº	Partes	Observações
-	**Introdução:** - explicação de motivos do documento; - histórico - identificação - denominação - caracterização	Todos os itens estão completos
Título I	**Da Educação** **Cap. I – Dos princípios e fins da educação nacional** **Cap. II – Dos objetivos gerais do Ensino nacional** **Cap. III – Da organização da educação nacional** **Cap. IV – Da política educacional da escola**	 Transcreve o art. 1° e 2° da LDB 9394/96 Transcreve o art. 32 – idem Transcreve os artigos 12 e 13 - idem São os objetivos específicos da escola (ver quadro comparativo)
Título II	**Cap. I – Da Administração** Seção I – Da constituição Seção II – da Competência Seção III – Do funcionamento **Cap. II – Do Colegiado** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da composição Seção IV – Do processo de eleição e mandato dos membros	Todos itens estão de acordo com as legislações mineiras

	Seção V – Da presidência do Colegiado Seção VI – Da competência do Presidente do Colegiado Seção VII – Do funcionamento **Capítulo III – Da Caixa Escolar** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da constituição Seção IV – Do funcionamento Seção V – Das funções **Capítulo IV – Da secretaria** **Capítulo V – Dos Serviços Gerais**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Idem
Título III	**Dos Serviços Pedagógicos complementares** **Cap. I – Dos Tipos** Seção I – Dos conselhos de classe Sub-seção I – Das finalidades SSII – Da Constituição SSIII – Da Competência SSIV – Do funcionamento Seção II – Do aperfeiçoamento de pessoal Seção III – Da Biblioteca Seção IV- Dos cantinhos de	Idem Obs: não fala das salas de vídeo e acrescenta Monitoria, Estágios Supervisionados e Intercomplementariedade e Entrosagem

	leitura Seção V – Das salas de vídeo	
Título IV	**Dos serviços de Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica** **Capítulo I – Do especialista de Educação** Seção I – Das finalidades Seção II – Da constituição Seção III – Da competência do especialista de Educação	Idem Obs: fala só do supervisor e lista as atribuições de acordo com a legislação mineira
Título V	**Do Pessoal** **Cap. I- Do pessoal Docente e administrativo** Seção I – Da categoria e forma de admissão Seção II – Dos deveres Seção III – Dos direitos Seção IV – Da avaliação de desempenho **Cap. II – Do pessoal discente** Seção I- Dos direitos Seção II – dos Deveres	- Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira e fala aqui do regime disciplinar para o corpo docente
Título VI	**Do regime disciplinar** **Cap. I – Do pessoal docente** **Cap. II- Do pessoal discente**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Fala em direitos e deveres só do pessoal discente

Título VII	**Dos registros, escrituração e arquivos escolares** **Cap, I – Das formas e objetivos** **Cap. II – Dos instrumentos de registros e escrituração** Seção I – Dos livros Seção II – Dos documentos escolares Seção III – Dos assentamentos individuais dos alunos, prof. E funcionários **Cap. III – da incineração** **Cap. IV – Da responsabilidade e autenticidade**	Idem
Título VIII	**Da organização didática** **Cap. I – Da estrutura do ensino** Seção I – Do ensino fundamental **Cap. II – Dos currículos e programas** Seção I – Da composição dos currículos Seção II – dos programas Seção III – Da metodologia **Cap. III – Do ano letivo** Seção I – do ano calendário Seção II – da organização do tempo escolar	Idem

	Cap. IV – Da matrícula **Cap. V – Da classificação e reclassificação** **Cap. VI – Da progressão** **Cap. VII – Dos avanços** **Cap. VIII – Da aceleração de estudos** **Cap. IX – Da freqüência** **Cap. X- da transferência e do ajustamento curricular**	
Título IX	**Da avaliação e sua organização didática** **Cap. I – Da verificação do rendimento escolar** **Cap. II – Dos estudos de recuperação** **Seção I – Das generalidades**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Obs: fala em classificação e reclassificação, promoção aqui neste título e não no anterior
Título X	**Das disposições finais.**	Abre para 3 artigos (abertura para recursos em instância superior; - regimento não pode ser barreira; - casos omissos serão resolvidos pela direção da escola e colegiado.

Tábua de análise dos Regimentos Escolares

Escola Estadual 4

Nº	Partes	Observações
-	**Introdução:** - explicação de motivos do documento; - histórico - identificação - denominação - caracterização	Não tem Os demais itens estão completos
Título I	**Da Educação** **Cap. I – Dos princípios e fins da educação nacional** **Cap. II – Dos objetivos gerais do Ensino nacional** **Cap. III – Da organização da educação nacional** **Cap. IV – Da política educacional da escola**	 Transcreve o art. 1° e 2° da LDB 9394/96 Transcreve o art. 32 – idem Transcreve os artigos 12 e 13 - idem São os objetivos específicos da escola (ver quadro comparativo)
Título II	**Cap. I – Da Administração** Seção I – Da constituição Seção II – da Competência Seção III – Do funcionamento **Cap. II – Do Colegiado** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da composição Seção IV – Do processo de eleição e mandato dos membros	Todos itens estão de acordo com as legislações mineiras Todos os itens estão de acordo com as legislações mineiras

	Seção V – Da presidência do Colegiado Seção VI – Da competência do Presidente do Colegiado Seção VII – Do funcionamento **Capítulo III – Da Caixa Escolar** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da constituição Seção IV – Do funcionamento Seção V – Das funções **Capítulo IV – Da secretaria** **Capítulo V – Dos Serviços Gerais**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Idem
Título III	**Dos Serviços Pedagógicos complementares** **Cap. I – Dos Tipos** Seção I – Dos conselhos de classe Sub-seção I – Das finalidades SSII – Da Constituição SSIII – Da Competência SSIV – Do funcionamento Seção II – Do aperfeiçoamento de pessoal Seção III – Da Biblioteca Seção IV- Dos cantinhos de	Idem Obs: não fala de salas de video

	leitura Seção V – Das salas de vídeo	
Título IV	**Dos serviços de Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica** **Capítulo I – Do especialista de Educação** Seção I – Das finalidades Seção II – Da constituição Seção III – Da competência do especialista de Educação	Idem Obs: fala só do supervisor e lista as atribuições de acordo com a legislação mineira
Título V	**Do Pessoal** **Cap. I- Do pessoal Docente e administrativo** Seção I – Da categoria e forma de admissão Seção II – Dos deveres Seção III – Dos direitos Seção IV – Da avaliação de desempenho **Cap. II – Do pessoal discente** Seção I- Dos direitos Seção II – dos Deveres	- Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira
Título VI	**Do regime disciplinar** **Cap. I – Do pessoal docente** **Cap. II- Do pessoal discente**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira
Título VII	**Dos registros, escrituração e arquivos escolares**	Idem

	Cap, I – Das formas e objetivos **Cap. II – Dos instrumentos de registros e escrituração** Seção I – Dos livros Seção II – Dos documentos escolares Seção III – Dos assentamentos individuais dos alunos, prof. E funcionários **Cap. III – da incineração** **Cap. IV – Da responsabilidade e autenticidade**	
Título VIII	**Da organização didática** **Cap. I – Da estrutura do ensino** Seção I – Do ensino fundamental **Cap. II – Dos currículos e programas** Seção I – Da composição dos currículos Seção II – dos programas Seção III – Da metodologia **Cap. III – Do ano letivo** Seção I – do ano calendário Seção II – da organização do tempo escolar **Cap. IV – Da matrícula** **Cap. V – Da classificação e reclassificação** **Cap. VI – Da progressão** **Cap. VII – Dos avanços** **Cap. VIII – Da aceleração de estudos**	Idem

	Cap. IX – Da freqüência **Cap. X- da transferência e do ajustamento curricular**	
Título IX	**Da avaliação e sua organização didática** **Cap. I – Da verificação do rendimento escolar** **Cap. II – Dos estudos de recuperação** **Seção I – Das generalidades** **ABRE UM CAPÍTULO SOBRE O ATENDIMENTO AO ALUNO EM SITUAÇÃO ESPECIAL.**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Obs: insere aqui os tópicos relacionados à classificação, reclassificação, aproveitamento de estudos, freqüência e promoção e não no Título anterior.
Título X	**Das disposições finais.**	Abre para 2 artigos (abertura para recursos em instância superior; - casos omissos serão resolvidos pela direção da escola e colegiado.

Tábua de análise dos Regimentos Escolares

Escola Estadual 5

Nº	Partes	Observações
-	**Introdução:** - explicação de motivos do documento; - histórico - identificação - denominação - caracterização	Não tem Os demais itens estão completos
Título I	**Da Educação** **Cap. I – Dos princípios e fins da educação nacional** **Cap. II – Dos objetivos gerais do Ensino nacional** **Cap. III – Da organização da educação nacional** **Cap. IV – Da política educacional da escola**	 Transcreve o art. 1° e 2° da LDB 9394/96 Transcreve o art. 32 – idem Transcreve os artigos 12 e 13 - idem São os objetivos específicos da escola (ver quadro comparativo)
Título II	**Cap. I – Da Administração** Seção I – Da constituição Seção II – da Competência Seção III – Do funcionamento **Cap. II – Do Colegiado** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da composição Seção IV – Do processo de eleição e mandato dos membros	Todos itens estão de acordo com as legislações mineiras Todos os itens estão de acordo com as legislações mineiras

	Seção V – Da presidência do Colegiado Seção VI – Da competência do Presidente do Colegiado Seção VII – Do funcionamento **Capítulo III – Da Caixa Escolar** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da constituição Seção IV – Do funcionamento Seção V – Das funções **Capítulo IV – Da secretaria** **Capítulo V – Dos Serviços Gerais**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Idem
Título III	**Dos Serviços Pedagógicos complementares** **Cap. I – Dos Tipos** Seção I – Dos conselhos de classe Sub-seção I – Das finalidades SSII – Da Constituição SSIII – Da Competência SSIV – Do funcionamento Seção II – Do aperfeiçoamento de pessoal Seção III – Da Biblioteca Seção IV- Dos cantinhos de	idem

	leitura Seção V – Das salas de vídeo	
Título IV	**Dos serviços de Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica** **Capítulo I – Do especialista de Educação** Seção I – Das finalidades Seção II – Da constituição Seção III – Da competência do especialista de Educação	Idem Obs: fala só do supervisor e lista as atribuições de acordo com a legislação mineira
Título V	**Do Pessoal** **Cap. I- Do pessoal Docente e administrativo** Seção I – Da categoria e forma de admissão Seção II – Dos deveres Seção III – Dos direitos Seção IV – Da avaliação de desempenho **Cap. II – Do pessoal discente** Seção I- Dos direitos Seção II – dos Deveres	- Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Obs: abre para uma seção – Das instituições escolares e ao invés de listar e definir este assunto, abre para punições disciplinares conforme ECA e Constituição Federal.(?)
Título VI	**Do regime disciplinar** **Cap. I – Do pessoal docente**	Não tem este título, pois já abordou no anterior.

	Cap. II- Do pessoal discente	
Título VII	**Dos registros, escrituração e arquivos escolares** **Cap, I – Das formas e objetivos** **Cap. II – Dos instrumentos de registros e escrituração** Seção I – Dos livros Seção II – Dos documentos escolares Seção III – Dos assentamentos individuais dos alunos, prof. E funcionários **Cap. III – da incineração** **Cap. IV – Da responsabilidade e autenticidade**	Idem
Título VIII	**Da organização didática** **Cap. I – Da estrutura do ensino** Seção I – Do ensino fundamental **Cap. II – Dos currículos e programas** Seção I – Da composição dos currículos Seção II – dos programas Seção III – Da metodologia **Cap. III – Do ano letivo**	Idem Abre um artigo sobre PDE

	Seção I – do ano calendário Seção II – da organização do tempo escolar **Cap. IV – Da matrícula** **Cap. V – Da classificação e reclassificação** **Cap. VI – Da progressão** **Cap. VII – Dos avanços** **Cap. VIII – Da aceleração de estudos** **Cap. IX – Da freqüência** **Cap. X- da transferência e do ajustamento curricular**	
Título IX	**Da avaliação e sua organização didática** **Cap. I – Da verificação do rendimento escolar** **Cap. II – Dos estudos de recuperação** **Seção I – Das generalidades**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Obs: os assuntos classificação, reclassificação, aceleração e freqüência estão abordados aqui e não no título anterior
Título X	**Das disposições finais.**	Não tem nenhum artigo. Apenas uma observação, que este regimento foi elaborado com a participação de todos os segmentos das escolas.

Tábua de análise dos Regimentos Escolares

Escola Estadual 6

Nº	Partes	Observações
-	**Introdução:** - explicação de motivos do documento; - histórico - identificação - denominação - caracterização	Todos os itens estão completos
Título I	**Da Educação** **Cap. I – Dos princípios e fins da educação nacional** **Cap. II – Dos objetivos gerais do Ensino nacional** **Cap. III – Da organização da educação nacional** **Cap. IV – Da política educacional da escola**	 Transcreve o art. 1° e 2° da LDB 9394/96 Transcreve o art. 32 – idem Transcreve os artigos 12 e 13 - idem São os objetivos específicos da escola (ver quadro comparativo)
Título II	**Cap. I – Da Administração** Seção I – Da constituição Seção II – da Competência Seção III – Do funcionamento **Cap. II – Do Colegiado** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da composição Seção IV – Do processo de eleição e mandato dos membros	Todos itens estão de acordo com as legislações mineiras Obs: copia aqui o Termo de Compromisso que o diretor assina, quando de sua posse. Todos os itens estão de acordo com as legislações mineiras

	Seção V – Da presidência do Colegiado Seção VI – Da competência do Presidente do Colegiado Seção VII – Do funcionamento **Capítulo III – Da Caixa Escolar** Seção I – Das finalidades Seção II – Da competência Seção III – Da constituição Seção IV – Do funcionamento Seção V – Das funções **Capítulo IV – Da secretaria** **Capítulo V – Dos Serviços Gerais**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Idem
Título III	**Dos Serviços Pedagógicos complementares** **Cap. I – Dos Tipos** Seção I – Dos conselhos de classe Sub-seção I – Das finalidades SSII – Da Constituição SSIII – Da Competência SSIV – Do funcionamento Seção II – Do aperfeiçoamento de pessoal Seção III – Da Biblioteca Seção IV- Dos cantinhos de	Idem Obs: não fala de salas de vídeo e nem dos cantinhos de leitura. Acrescenta, Estágios Supervisionados e Monitoria

	leitura Seção V – Das salas de vídeo	
Título IV	**Dos serviços de Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica** **Capítulo I – Do especialista de Educação** Seção I – Das finalidades Seção II – Da constituição Seção III – Da competência do especialista de Educação	Idem Obs: fala só do supervisor e lista as atribuições de acordo com a legislação mineira
Título V	**Do Pessoal** **Cap. I- Do pessoal Docente e administrativo** Seção I – Da categoria e forma de admissão Seção II – Dos deveres Seção III – Dos direitos Seção IV – Da avaliação de desempenho **Cap. II – Do pessoal discente** Seção I- Dos direitos Seção II – dos Deveres	- Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira - Obs: coloca as penalidades para o corpo docente e administrativo aqui neste Título
Título VI	**Do regime disciplinar** **Cap. I – Do pessoal docente** **Cap. II- Do pessoal discente**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Obs: coloca as penalidades só do corpo discente, pois o corpo docente foi colocado no Título anterior.

Título VII	**Dos registros, escrituração e arquivos escolares** **Cap, I – Das formas e objetivos** **Cap. II – Dos instrumentos de registros e escrituração** Seção I – Dos livros Seção II – Dos documentos escolares Seção III – Dos assentamentos individuais dos alunos, prof. E funcionários **Cap. III – da incineração** **Cap. IV – Da responsabilidade e autenticidade**	Idem
Título VIII	**Da organização didática** **Cap. I – Da estrutura do ensino** Seção I – Do ensino fundamental **Cap. II – Dos currículos e programas** Seção I – Da composição dos currículos Seção II – dos programas Seção III – Da metodologia **Cap. III – Do ano letivo** Seção I – do ano calendário Seção II – da organização do	Idem

	tempo escolar **Cap. IV – Da matrícula** **Cap. V – Da classificação e reclassificação** **Cap. VI – Da progressão** **Cap. VII – Dos avanços** **Cap. VIII – Da aceleração de estudos** **Cap. IX – Da freqüência** **Cap. X- da transferência e do ajustamento curricular**	
Título IX	**Da avaliação e sua organização didática** **Cap. I – Da verificação do rendimento escolar** **Cap. II – Dos estudos de recuperação** **Seção I – Das generalidades**	Todos os itens estão de acordo com a legislação mineira Obs: abre aqui para classificação, reclassificação, freqüência e promoção neste Título e não no Título anterior; - ABRE UM CAPÍTULO PARA O ATENDIMENTO AO ALUNO EM SITUAÇÃO ESPECIAL
Título X	**Das disposições finais.**	Não tem disposições finais

ANEXO 26

Quadro Comparativo – Regimentos Escolares
Título I- Da Educação – Capítulo IV – Da política educacional da escola

Objetivos listados por escola (igual conteúdo e redação)	Escola Estadual 1	Escola Estadual 2	Escola Estadual 3	Escola Estadual 4	Escola Estadual 5	Escola Estadual 6
Criar condições favoráveis para desenvolver potencialidades;	-	idem	idem	idem	idem	idem
Formar cidadão para vida própria e para a Pátria;	idem	idem	não	idem	idem	Idem
Preparar indivíduo para atitude positiva para mudanças;	-	idem	idem	idem	idem	Idem
Preparar para desenvolvimento do raciocínio e outras habilidades;	-	-	-	-	-	Idem
Desenvolvimento de qualidade	-	-	idem	-	-	Idem
Formar cidadão crítico;	-	idem	idem	idem	-	Idem
Desenvolvimento de conceitos básicos;	-	-	-	-	idem	Idem
Formar hábitos físicos, sociais,...	-	idem	idem	-	idem	Idem

Formar atitudes	-	idem	idem	-	idem	Idem
Realizar experiências pedagógicas diferentes;	-	idem	idem	-	idem	Idem
Tornar a escola um lugar agradável;	-	idem	idem	-	idem	Idem
Itens diferentes:	Formação integrada e compromisso	-	-	Desenvolvimento integral	-	-

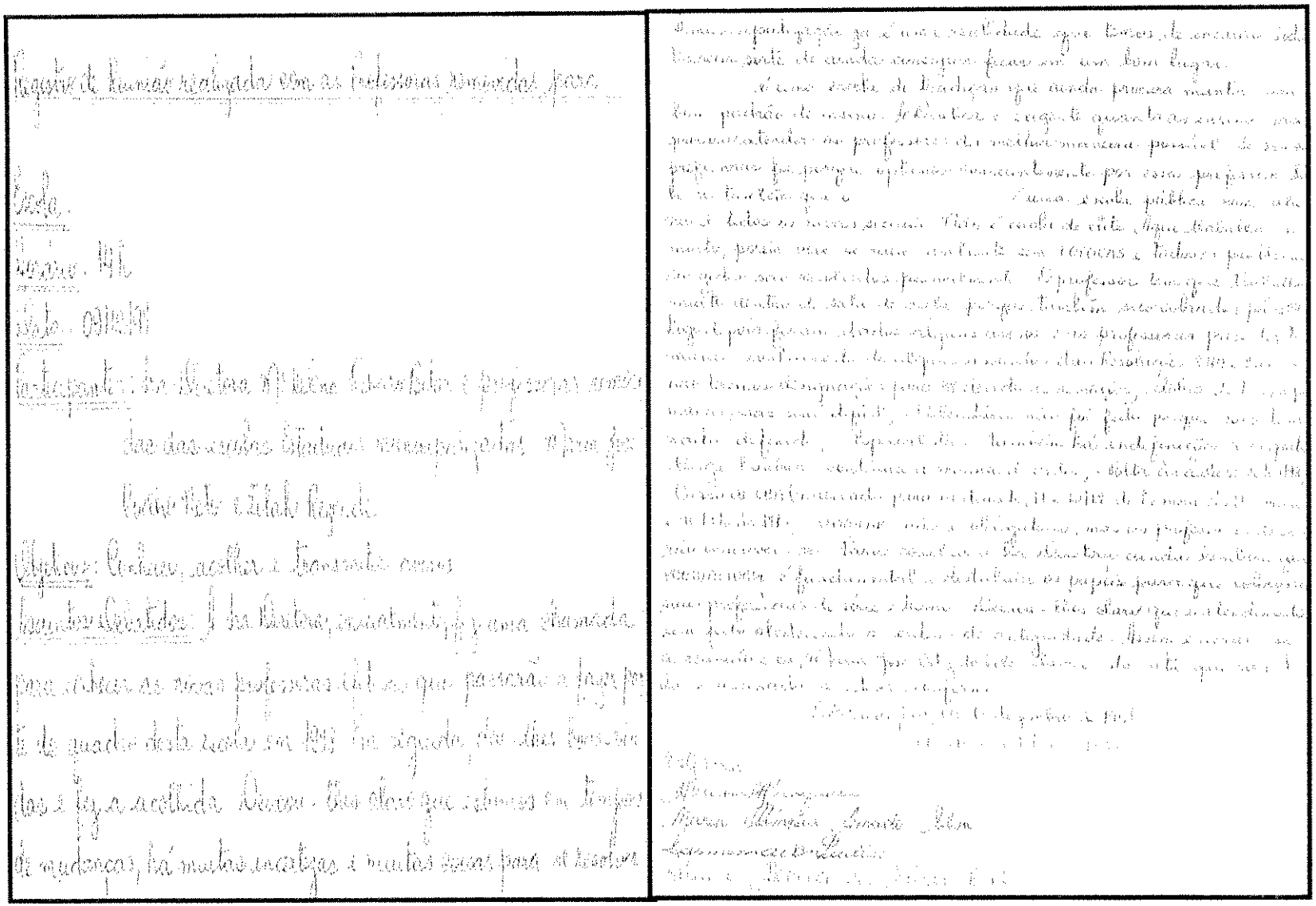
ANEXO 27
Quadro Comparativo de Análise dos Regimentos Escolares

Nº	Partes	B.Brandão	Clóvis Salgado	F. Rosa	J. Avellar	Monsenhor	Olímpia Brito
-	**Introdução:** - histórico - identificação - denominação - caracterização	Itens completos	Itens completos	Idem e acrescenta Explicação de Motivos do documento	Itens completos	Itens completos	Idem Franco da Rosa
Título I	**Da Educação** **Cap. I – Dos princípios e fins da educação nacional** **Cap. II – Dos objetivos gerais do Ensino nacional** **Cap. III – Da organização da educação nacional** **Cap. IV – Da política educacional da escola**	Transcrição dos artigos da LDB em todos os capítulos Objetivos específicos da escola semelhantes a todas as outras (ver quadro de detalhamento em anexo)	Idem idem	Idem Idem	Idem Idem	Idem Idem	Idem Idem
Título II	**Cap. I – Da Administração** Do Colegiado– Da Caixa Escolar – Da secretaria– Dos Serviços Gerais	Itens de acordo com a legislação, poucas variações. Obs: cita os princípios da gestão democrática	Idem	Idem	Idem	Idem	Idem Obs: copia o termo de compromisso do diretor.

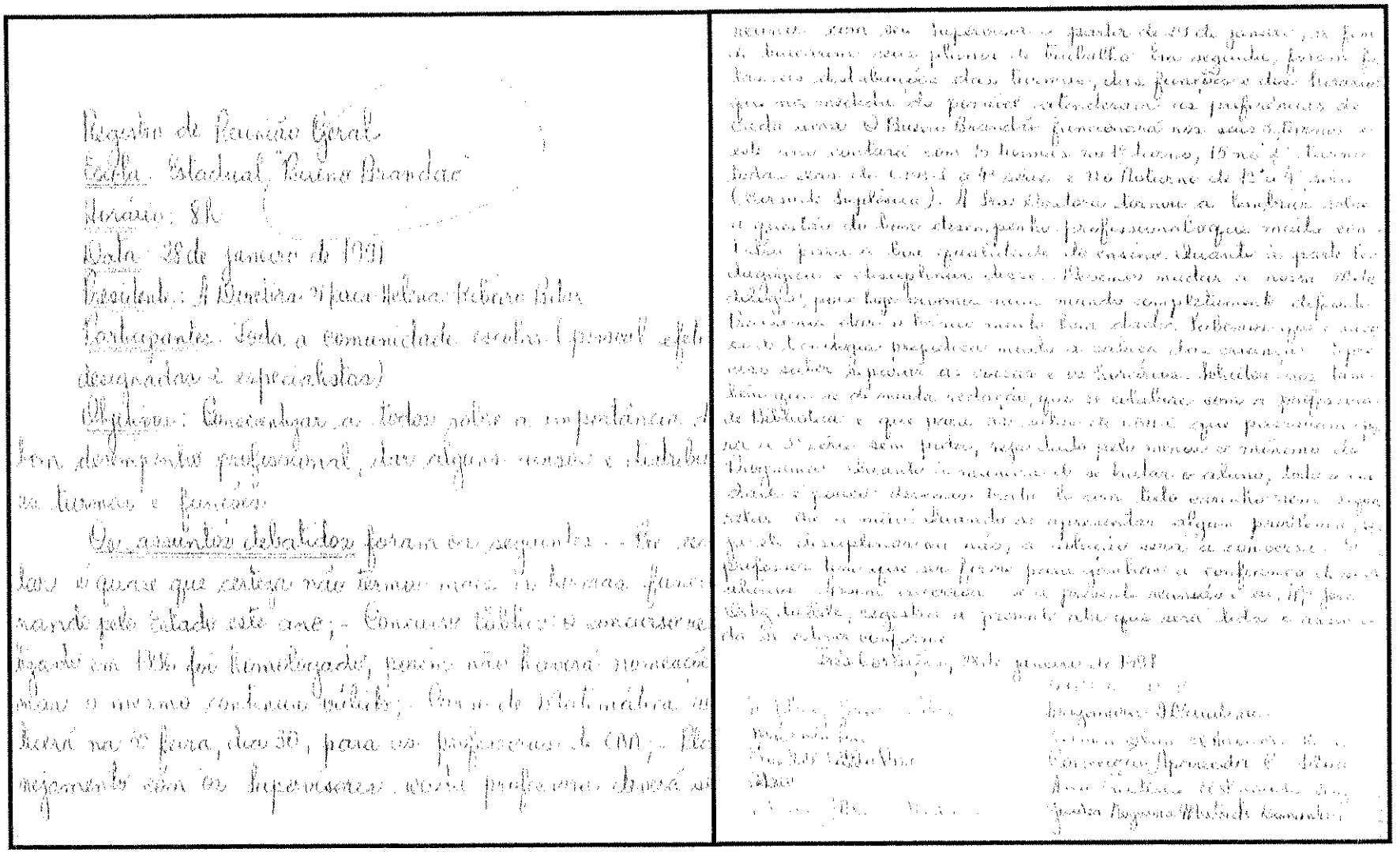
Título III	**Dos Serviços Pedagógicos complementares (conselhos de classe, aperfeiçoamento profissional , Biblioteca e cantinhos de leitura)**	Cita todos os serviços e acrescenta salas de vídeo	Acrescenta salas de informática e monitoria	Acrescenta estágios, monitoria e entrosagem	Não fala em salas de vídeo	Não fala em salas de vídeo	Acrescenta estágios e monitoria
Título IV	**Dos serviços de Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica**	Fala do pedagogo	Só supervisor	Só supervisor	Só supervisor	Só supervisor	Só supervisor
Título V	**Do Pessoal** **Cap. I- Do pessoal Docente e administrativo** **Cap. II – Do pessoal discente**	Itens de acordo com legislação, com poucas variações nas divisões de parte e nos direitos e deveres assinalados	Idem	Idem	Idem	Idem Obs: fala em instituições e explica punições	Idem Obs: fala em instituições e explica punições
Título VI	**Do regime disciplinar** **Cap. I – Do pessoal docente** **Cap. II- Do pessoal discente**	Itens de acordo com a legislação com poucas variações nas divisões de parte e nas penalidades previstas	Idem	Idem	Idem	Idem	Idem
Título VII	**Dos registros, escrituração e arquivos escolares**	Idem	Idem	Idem	Idem	Idem	Idem
Título VIII	**Da organização didática** **Cap. II – Dos currículos e programas** **Cap. III – Do ano letivo** **Cap. IV – Da matrícula** **Cap. V – Da classificação e reclassificação** **Cap. VI – Da progressão** **Cap. VII – Dos avanços** **Cap. VIII – Da aceleração de estudos**	Explica o objetivo de cada disciplina e também explica como é a metodologia de ensino da escola	Inicia falando do PDE Obs: não fala de avanços, aceleração	Explica o ensino fundamental, ciclos e progressão continuada Obs:não faça de avanços e nem de aceleração	Inicia falando do PDE	Inicia falando do PDE e depois explica Ciclos, progressão continuada.	Fala do ensino fundamental, ciclos e progressão continuada.

	Cap. IX – Da freqüência **Cap. X- da transferência e do ajustamento curricular**						
Título IX	**Da avaliação e sua organização didática** **Cap. I – Da verificação do rendimento escolar** **Cap. II – Dos estudos de recuperação** **Seção I – Das generalidades**	Itens de acordo com a legislação e com poucas variações nas possibilidades e previsões.	Idem Obs: abre para reclassificação e freqüência neste título.	Idem Obs: abre para classificação, reclassificação e promoção neste título	Idem Obs: abre aqui para classificação, reclassificação, aproveitamento de estudos, aceleração, freqüência e promoção neste título OBS: POSSUI UM CAPÍTULO SOBRE O ATENDIMENTO AO ALUNO EM SITUAÇÃO ESPECIAL.	Idem Obs: fala aqui em classificação, reclassificação, aceleração e freqüência neste título.	Idem Obs: fala aqui em classificação, reclassificação, freqüência e promoção neste Título OBS: POSSUI UM CAPÍTULO SOBRE O ATENDIMENTO AO ALUNO EM SITUAÇÃO ESPECIAL.
Título X	**Das disposições finais.**	Abre para 2 artigos: o regimento é flexível e este regimento revoga o anterior.	Abre para artigos: ao regimento cabe recurso; -casos omissos serão resolvidos pela direção e colegiado da escola; - o regimento não pode ser uma barreira.	Abre para artigos: ao regimento cabe recurso; -casos omissos serão resolvidos pela direção e colegiado da escola; - o regimento não pode ser uma barreira.	Abre para 2 artigos: ao regimento cabe recurso e casos omissos serão resolvidos pela direção e colegiado da escola.	Não tem nenhum artigo. Apenas a observação que o regimento foi feito com a participação de todos os segmentos da escola	Não tem disposições finais

ANEXO 28



ANEXO 29



Registro de Reunião Geral
Escola Estadual "Rosina Brandão"
Horário: 8h
Data: 28 de janeiro de 1991
Presidente: A Diretora Profa Helena Febrone Reber
Participantes: Toda a comunidade escolar (pessoal efetivo designados e especialistas)
Objetivos: Encaminhar as tarefas sobre a importância do bom desempenho profissional, das relações sociais e distribuição de turmas e funções.

Os assuntos debatidos foram os seguintes: - Foi relatado o que ocorreu não termos mais as turmas funcionando pelo Estado este ano; - Concurso Público e encerramento ficando em 1986 foi homologado, porém não haverá nomeação mas o mesmo continua válido; - Curso de Estatística a ser dado na 6ª feira, dia 30, para os professores de CNM; - Planejamento com os Supervisores, nova profa. Maria [illegible] reunião com os Supervisores a partir de 29 de janeiro, as [illegible] horários, novos planos de trabalho, uma segunda feira [illegible] distribuição das turmas, dos períodos e das turmas que os recebeu. Os períodos estenderam aos professores de Ciclo novos. O Diretor Brandão funcionará nos dois turnos e este novo contará com 15 turmas no 1º turno, 15 no 2º turno, sendo duas de CNM e 4ª série e no Noturno de 1ª a 4ª série (Classe de Aceleração). A Srª Diretora lembrou os horários [illegible] e garantir de hora atendimento aos professores, evitando [illegible] para a boa qualidade de ensino. Quanto à parte [illegible] e disciplinar deste Diretor mostrou a nova [illegible], para que todos nos mantenhamos completamente defendido. Encerrando deste o horário quanto boa aula. Lembrou que a escola [illegible] pedagogia preparou muito as coisas boa, [illegible] este sentido [illegible] as coisas e as turmas. Solicitou [illegible] as de ainda retenção que se estabelece com os professores [illegible] e que para as coisas se [illegible] que professores [illegible] 3ª série sem perder, respeitado pelo menos o mínimo de [illegible] Quanto à necessidade de se buscar o ideal, todos [illegible] Diretor [illegible] apresentou algum problema [illegible] disciplinar ou não, a Diretora nunca se [illegible] Professores [illegible] para conhecer a conferência [illegible] Nada mais [illegible] a presente ata que será lida e assinada [illegible] Eu, Srª [illegible] Objetivo lido, segue o presente ata que será lida e assinada [illegible] de [illegible] vai [illegible]

São Caetano, 28 de janeiro de 1991

[illegible] Coordenadora Pedagógica
[illegible] Professora
[illegible] Professora
[illegible] Professora

ANEXO 30
ATAS DE REUNIÕES GERAIS E PEDAGÓGICAS

1997					
BUENO BRANDÃO	MONSENHOR FONSECA	CLÓVIS SALGADO	JORGE AVELAR	FRANCO DA ROSA	OLÍMPIA DE BRITO
- predomínio de assuntos de início de ano, planejamento e avisos gerais - avaliação de desempenho - aniversário de 88 anos da escola - Ciclo Básico de Alfabetização - Comemorações - PROCAP - Ciclos -	Não tem registro neste ano (o livro de ata começa em 1986 e pula para o ano 2000)	Não tem registro	Não tem registro	Planejamento, assuntos de inicio de ano Avaliação de desempenho Qualidade total Ciclo Básico de Alfabetizaçao	Não tem registro por causa da enchente

1998					
BUENO BRANDÃO	MONSENHOR FONSECA	CLÓVIS SALGADO	JORGE AVELAR	FRANCO DA ROSA	OLÍMPIA DE BRITO
- Avisos gerais, planejamento geral do ano - PROCAP - avaliação de desempenho - dia do PDE - final de ano – sugestões	Não tem registro	Não tem registro	Não tem registro	- avisos gerais, planejamento do inicio de ano - PROCAP - Avaliaçao de desempenho - dia do PDE - criação do conselho de classe	Não tem registro porque a enchente levou

1999					
BUENO BRANDÃO	MONSENHOR FONSECA	CLÓVIS SALGADO	JORGE AVELAR	FRANCO DA ROSA	OLÍMPIA DE BRITO
- Providências de início de ano; - planejamentos e avisos gerais - Festa dos 90 anos da escola - eleição de diretor	Não tem registro	Não tem registro	Não tem registro	- Planejamento inicial - decisão sobre série ou ciclo (obs: o registro parou em abril)	Não tem registro porque a enchente levou

2000					
BUENO BRANDÃO	MONSENHOR FONSECA	CLÓVIS SALGADO	JORGE AVELAR	FRANCO DA ROSA	OLÍMPIA DE BRITO
- início de ano- planejamento geral	- avisos gerais, planejamento anual	Idem	Não tem registro	Avisos gerais – planejamento geral	Início de ano - planejamento geral
- Escola sagarana	- idem	Idem		-	Idem
- estudo sobre ciclos com videos	- idem	Idem		-	Idem
- NAI- implementação	- idem	Idem		Idem	Idem
- projetos	Projeto PAIE	Projeto de eleições municipais		Projeto 500 anos de Brasil	Festas escolares
- professores especializados para EF e ER		Fichas de avaliação			- problemas da enchente

ANEXO 31

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA

IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

Nome: *Escola Estadual "Bueno Brandão"* Tipo: *R020C3*

Endereço: *Rua Barão do Rio Branco, nº 174 – Centro – Três Corações – MG*

Telefone: *(035) 3231-1009 / 3231-3300*

Localização: *Urbana* CGC da Caixa Escolar: *19.363.639.0001-60*

41ª Superintendência Regional de Ensino – Varginha

Nível de Ensino: *CBA à 4ª Série*

Diretora: *Maria Helena Ribeiro Bitar* MASP: *103.581-5*

Endereço: *Rua Doutor Anísio Lopes Vieira, nº 355 – Santa Teresa*

Telefone: *(035) 3234-1549*

I - MISSÃO DA ESCOLA:

A Escola que pretendemos para a nossa comunidade é a escola crítica, criativa e de qualidade, espaço de cultura e de conhecimentos, capaz de formar o cidadão crítico e consciente, transformador da realidade em que vive.

Cabe a ela contribuir para a formação da cidadania, apresentar soluções para os problemas fundamentais da sociedade, planejar, executa e avaliar a prática educativa.

Cabe à escola também zelar pelo bom relacionamento entre as pessoas e os grupos, valorizar as relações interpessoais, repensar a atuação dos educadores e a democratização do saber.

II - OBJETIVO GERAL:

Permitir aos alunos da Escola Estadual Bueno Brandão um ensino de qualidade pautado nos princípios de formação do cidadão crítico, criativo e participativo na sociedade em que vive.

III – DIAGNÓSTICOS:

1 – Valores e Normas:

- A pouca participação dos pais nas atividades escolares;
- Controle à violência e à agressividade;
- Mais atenção aos Valores Morais;
- Ausência de horário específico para atendimento aos pais.

2 – Aspectos Pedagógicos:

- Dificuldade de compreensão por parte dos pais quanto à Metodologia da Matemática ministrada atualmente de acordo com o Programa de Ensino;
- Reativação da Biblioteca escolar para que as pesquisas sejam feitas dentro da própria escola. Os pais desejam diversidade de leituras;
- Cobrança maior por parte dos deveres de casa;
- Preocupação dos pais quanto à Avaliação Descritiva que segundo os mesmos não está satisfazendo.

3 – Atividades Extras:

- Necessidade de Professores Especializados para Educação Física, Educação Artística, Bibliotecário e Professor Recuperador de Alunos;
- Ausência de programações Culturais na Escola;
- Necessidade de Criação do Jornal Escolar.

4 – Atendimento aos Alunos:

- Falha no Atendimento Odontológico (desconhecido dos pais);
- Falta de disponibilidade do professor regente para atender aos alunos com dificuldade de aprendizagem;
- Mais freqüência quanto ao policiamento de trânsito nos horários de entrada e saída da escola;
- Proporcionar aos alunos o Recreio Dirigido afim de se evitar acidentes.

5 – Espaço Físico e Outros Aspectos:

- Colocação de rampas e corrimão nas escadas para o acesso de deficientes físicos;
- Construção de salas para reuniões, atividades artísticas e outros.

Reunião com os Professores: assuntos que suscitaram mais dúvidas:

1 – Desempenho dos Alunos no Processo Ensino e Aprendizagem:

- Dificuldade do Professor Regente em dar assistência individualizada devido ao grande número de alunos por turma;
- Ausência de Professor Recuperador em outro horário para atendimento ao educando;
- Carência do apoio familiar quanto à assistência aos filhos.

2 – Desenvolvimento Pedagógico da Escola (quanto a Currículos e Programas):

- Necessidade de encontros freqüentes entre a Supervisão e Professores de cada série para estudos;
- Dificuldade quanto ao preenchimento das Fichas Individuais dos Alunos;
- Aceleração de alunos com defasagem na aprendizagem;
- Certa dificuldade por parte de algumas professoras para ministrar o Programa Novo de Matemática;

- Necessidade de Professor Especializado para ministrar aulas de Educação Física, Educação Artística e Atividades Extra-Classe (teatro, biblioteca etc);

3 – Desenvolvimento Pedagógico da Escola (quanto à Organização das Atividades):
- Necessidade de salas ambientes (para biblioteca, vídeo e aulas práticas de matemática);
- Conscientização dos Pais a respeito das normas que norteiam a escola (atraso dos alunos, ausências, comportamento).

4 – Desenvolvimento pedagógico da Escola (quanto ao Acompanhamento e Avaliação do Processo Ensino e Aprendizagem):
- Necessidade da recuperação Paralela para atender aos alunos com dificuldade;
- Dar atenção individual aos alunos com dificuldade de aprendizagem;
- Dar mais ênfase à Avaliação diagnóstica para que a mesma dê continuidade ao processo.

5 – Recursos Humanos:
- Apesar de ter especialistas e eventuais há necessidade de mais elementos para as aulas especializadas e atividades extra-classe.

6 – Assistência ao Aluno:
- Encontros freqüentes entre Colegiado e pais de alunos que mais necessitam (assistência ao educando).

7 – Administração e Gestão Financeira da Escola:
- Com os problemas financeiros atuais houve baixa na Caixa Escolar deste ano;
- Necessidade de verbas.

8 – Ambiente Escolar – A Cultura da Escola:
- Pais pouco participam e desconhecem a proposta pedagógica da escola e desconhecem também as expectativas com relação aos filhos;
- Poucas programações no tocante à cultura: festivais, teatro, musicais, jornal, grêmio escolar e outros;
- Exige-se maior participação do Colegiado no que diz respeito à cultura da Escola;
- Sugere-se que se estenda a Informática aos alunos.

9 – Organização do Atendimento Escolar:
- Existência de escassez de vaga na escola devido ao zoneamento.

Síntese das Sugestões Apresentadas no que se Refere a:

PDE e seu conteúdo: Processo dentro da Escola, organização das Atividades Escolares, participação da Comunidade e outros:
- Divulgação à Comunidade Escolar de todas as decisões tomadas pelo Colegiado através de Circulares;
- Repensar a Avaliação;
- Presença de Psicólogos na Escola para um melhor atendimento aos alunos que mais necessitarem;
- Trabalhar mais os valores morais (volta às horas cívicas); dar mais ênfase ao civismo (os alunos precisam conhecer e cantar o Hino Nacional);

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

- Ativar a Prática Esportiva;
- Encontros freqüentes entre Pais e Professores para sempre se acrescentar algo ao PDE;
- Disciplina mais rígida por parte da família quanto a o respeito entre aluno x professor;
- Melhoria do Sistema Odontológico.

Quais as Expectativas da Equipe da Escola e da Comunidade no que se Refere à Escola e sua Organização:

As expectativas são de que a escola possa oferecer a todos que dela precisarem um ensino de qualidade, que prepare o indivíduo para viver em sociedade, que participe do mundo em que vive e que se prepare para prestar serviços a esta sociedade.

Há expectativas também no sentido de que haja respeito mútuo.

IV – PLANO DE AÇÃO:

Prioridade	*Objetivos*	*Metas*	*Ações*
1 – Falta de professor para ministrar a Recuperação Paralela em outro horário.	♦ Dispor de elementos disponíveis para ministrar as aulas de Recuperação Paralela.	♦ Que em curto espaço de tempo se consiga elementos aptos e disponíveis que possam ajudar a escola na recuperação de alunos.	♦ Formação de grupos de pessoas envolvidas com a comunidade escolar que possam auxiliá-la na Recuperação de alunos.
2 – Desconhecimento da nova proposta pedagógica de Matemática por parte de pais de alunos e professores.	♦ Proporcionar aos professores e pais melhores condições para que possam dominar com segurança os conteúdos básicos da nova proposta curricular da Matemática.	♦ Que em pouco tempo os professores adquiram competência técnica e domínio do conteúdo. E que os pais também estejam preparados para acompanhar os filhos.	♦ Organização de Cursos de Capacitação para pais e professores; elaboração de Projetos; aquisição de materiais didáticos adequados.
3 – Falta de conhecimento por parte dos pais das normas que norteiam a escola (Regimento Escolar) e das expectativas que ela tem com relação a seus filhos.	♦ Conhecer, analisar e questionar o Regimento Escolar e objetivos propostos pela Escola.	♦ Conhecimento e cumprimento do Regimento Escolar (normas) e objetivos que norteiam a Escola durante o decorrer do ano.	♦ Estudo e análise do Regimento Escolar e conhecimento dos Objetivos da Escola através de reuniões com a comunidade escolar.
4 – Descontentamento dos pais quanto às Fichas Descritivas de Avaliação.	♦ Reestruturar as Fichas de Avaliação de Aluno embasadas na Resolução 9437/98 e Instrução 01/98. ♦ Capacitar professores para preenchimento de fichas.	♦ Que no 1° Bimestre de 1999 as Fichas de Avaliação já estejam reestruturadas.	♦ Reestruturação das Fichas de Avaliação do Aluno. ♦ Capacitação dos professores para preenchê-las.
5 – Falta de estímulo para se trabalhar os Valores Cívicos e Morais dentro da comunidade escolar.	♦ Promover atividades que conduzam a comunidade escolar a ter atitudes de respeito e amor à Pátria.	♦ Que aconteçam mudanças de comportamento com relação à formação de hábitos e atitudes cívicas e morais.	♦ Realização de atividades que trabalham os Valores Morais e o respeito aos símbolos da Pátria: Hino e Bandeira Nacional. ♦ Realização de Horas Cívicas.
6 – Falta de bom relacionamento entre os alunos devido à violência e à agressividade.	♦ Criar na escola um clima de respeito mútuo, de amizade, de cooperação, visando o bom relacionamento de todos.	♦ Que aconteçam mudanças de atitudes e de hábitos o mais breve possível.	♦ Participação de todos em atividades tais como: trabalhos em grupo, aplicação de dinâmicas, palestras.

Prioridade	*Objetivos*	*Metas*	*Ações*
7 – Participação da Escola quanto ao Planejamento, Organização e Seleção de Conteúdos.	♦ Planejar, organizar e selecionar conteúdos que formem o cidadão crítico, participativo e criativo.	♦ Que o planejamento seja participativo, cooperativo, comprometedor com a missão da escola e que garanta a eficácia do trabalho.	♦ Trocas de idéias entre os professores, planejamento de maneira cooperativa, estudo das fichas diagnósticas e formação de grupos de estudos.
8 – Necessidade de se trabalhar o Ensino Religioso.	♦ Promover a renovação do Ensino religioso buscando conteúdos das necessidades e interesses dos alunos.	♦ Que aconteça o reconhecimento de si próprio como pessoa humana, com qualidades a desenvolver, na relação com os semelhantes com os quais convive.	♦ Realização de atividades que possibilitem a ação pedagógica mediante a integração das disciplinas (encontros, palestras, reuniões).
9 Participação pouco efetiva do colegiado da escola com relação ao pedagógico (despreparo técnico).	♦ Dinamizar de maneira efetiva a participação do Colegiado no desenvolvimento pedagógico da Escola.	♦ Que no Colegiado atue efetivamente acompanhando o desempenho do planejamento anual da Escola.	♦ Participação do Colegiado em todas as atividades referentes ao processo pedagógico da Escola.
10 – Falta de parcerias com a comunidade quanto ao incentivo das práticas esportivas e culturais da Escola.	♦ Buscar parcerias na comunidade para a promoção de práticas esportivas e culturais dentro da Escola.	♦ Que até o ano 2000 sejam efetuadas parcerias com entidades locais para que estas práticas sejam realizadas.	♦ Reuniões e encontros com entidades locais em busca das parcerias.
11 – Necessidade de se criar o Conselho de Classe – Instrução 01/98	♦ Criar o Conselho de Classe a fim de que se possa avaliar coletivamente a aprendizagem do aluno.	♦ Que até o final de 1998 seja criado nesta escola o Conselho de Classe.	♦ Reunião com o Corpo Docente para prestar esclarecimentos sobre o Conselho de Classe. Formação do Conselho constituído pelos professores de cada série juntamente com a Equipe Pedagógica.
12 Maior necessidade de se valorizar a Avaliação como um meio e não como um fim com vistas ao crescimento do aluno	♦ Enfatizar a Avaliação como processo que contribuirá para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.	♦ Que a longo prazo a avaliação se processe de maneira contínua, dinâmica, participativa e que redirecione a ação pedagógica.	♦ Conscientização do Corpo Docente através da realização de reuniões e estudo da Legislação vigente, cursos de capacitação sobre Avaliação.

Prioridade	*Objetivos*	*Metas*	*Ações*
13 – Necessidade de se reativar e reorganizar a Biblioteca Escolar para fins de realização de pesquisas	♦ Reativar e reorganizar a Biblioteca Escolar prevendo-a com todo o tipo de acervo.	♦ Até o ano 2000 a escola contará com a Biblioteca equipada e em funcionamento.	♦ Montagem de Projetos e realização de eventos com objetivo de angariar fundos para compra de livros. Buscar parcerias com empresas locais.
14 – Necessidade de se proporcionar aos alunos o Recreio Dirigido com o fim de se evitar correria e acidentes	♦ Reorganizar o Recreio a fim de se evitar a violência, a agressividade e a indisciplina.	♦ Que até ao final de 1998 o Recreio passe a ser Dirigido, com atividades lúdicas bem calmas, que conduzam o aluno ao lazer.	♦ Promoção de jogos, brincadeiras, concursos de danças, competições etc.
15 – Falta de esclarecimentos quanto ao atendimento Odontológico desenvolvido na escola	♦ Conscientizar os pais sobre a função e o tipo de trabalho odontológico prestado pelas dentistas da escola.	♦ Que até ao final do ano de 1998 haja uma integração entre pais de alunos e dentistas que atuam na escola.	♦ Realização de encontros, reuniões e palestras para que haja o acompanhamento do trabalho das dentistas.

V - DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS E CRONOGRAMAS

Nº da Ação	*Tarefas*	*Responsável*	*Meses - 1998*					*1999*										
			A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
01	♦ Selecionar professores, elementos aptos e disponíveis para ministrar a recuperação paralela.	♦ Direção ♦ Equipe Pedagógica ♦ Colegiado							X										
	♦ Formar grupos de alunos por dificuldades de aprendizagem.	♦ Professor de cada turma								X									
	♦ Assessorar as turmas de recuperação	♦ Equipe pedagógica								X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
02	♦ Elaborar o Projeto da Nova Proposta Pedagógica da Matemática.	♦ Equipe pedagógica da Escola		X															
	♦ Aplicar o Projeto.	♦ Professora Urbana		X	X					X		X		X		X		X	

Nº da Ação	*Tarefas*	*Responsável*	*Meses - 1998*					*1999*											
			A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
03	♦ Estudar o Regimento Escolar.	♦ Toda a comunidade escolar ♦ Colegiado								X									
	♦ Analisar e debater o que foi estudado.	♦ Comunidade escolar ♦ Colegiado								X									
04	♦ Ler e estudar a Instrução 01/98.	♦ Professores e equipe pedagógica ♦ Colegiado ♦ Conselho de Classe			X				X	X									
	♦ Preparar as Fichas de Avaliação já reestruturas.	♦ Professores ♦ Equipe pedagógica								X									
11	♦ Reunir a Comunidade Escolar com o objetivo de tomar conhecimento sobre a Instrução 01/98 no que diz respeito ao Conselho de Classe.	♦ Direção da escola				X													
	♦ Compor e organizar o Conselho de Classe.	♦ Direção da escola ♦ Colegiado				X													
14	♦ Elaborar um Projeto sobre o Recreio Dirigido.	♦ Equipe pedagógica ♦ Colegiado								X									
	♦ Selecionar material lúdico e preparar o ambiente.	♦ Equipe pedagógica ♦ Professores e pais de alunos ♦ Colegiado							X	X									
15	♦ Reunir os dentistas e pais de alunos da escola.	♦ Direção/Colegiado ♦ Pais de alunos ♦ Dentistas		X						X									
	♦ Realizar palestras para informar a comunidade escolar sobre o atendimento odontológico.	♦ Dentistas ♦ Pais de alunos ♦ Direção da escola ♦ Colegiado		X							X								

VI – IDENTIFICACÃO DA ESCOLA

Nome da Escola: *ESCOLA ESTADUAL BUENO BRANDÃO*

Matrícula Inicial: *999 (38 admitidos após a matrícula)*

Matrícula Final: *1005*

Taxa de Evasão: *01*

Ano: *1998*

Nº de Alunos Transferidos: *29*

Nº de Alunos em Estudos Suplementares: *04*

	1º Ciclo				*2º Ciclo*				*Ensino Médio*		
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**1º Ano**	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**1ª S**	**2ª S**	**3ª S**
Matrícula Inicial	198	238	224	339							
Matrícula Final	193	239	236	336							
Evadidos	01	01	---	01							

VII – ROTEIRO DE UM PROJETO:

1 – Tema: Desconhecimento do Programa de Matemática em sua Totalidade

2 – Identificação da Clientela: professores especialistas que atuam na Escola Estadual Bueno Brandão.

3 – Justificativa (por quê): alguns professores ainda desconhecem a atual proposta curricular da matemática, o que lhes tem causado insegurança na maneira de trabalhar. Isto está refletindo na aprendizagem do aluno, ocasionando o fracasso escolar em Matemática. Na tentativa de sanar tal dificuldade pensou-se na elaboração deste projeto.

4 – Objetivos (o quê):

4.1. *Geral (o Projeto visa)*: proporcionar aos professores melhores condições para que possam dominar com segurança os conteúdos básicos da nova proposta curricular da Matemática.

4.2. *Específicos (começando com um verbo)*:

- Ler e analisar textos relacionados à nova proposta do ensino da Matemática.
- Estudar e aplicar nas aulas do dia-a-dia os conteúdos adquiridos sobre a nova metodologia da Matemática.
- Avaliar-se continuamente no decorrer do trabalho.

5 – Metas (resultado esperado no final do Projeto):

- Capacitação do professor como mediador do ensino e aprendizagem.
- Competência técnica no domínio dos conteúdos básicos (conhecimento dos métodos de ensino).
- Formação do cidadão crítico, participativo e criativo.

6 – Metodologia (como executar o projeto? Aspectos pedagógicos abordados. O projeto a ser desenvolvido se fundamenta em procedimentos pedagógicos voltados para uma prática interdisciplinar): o projeto será executado através de cursos de treinamento (capacitação) que possibilitarão a atualização dos professores.

- Aspectos pedagógicos: importância do treinamento do professor; a aprendizagem do aluno.

6.1. *Estratégias de ação*:

- Português: fazer uso da leitura de textos pedagógicos; análises e comentários dos mesmos através de debates e discussões; apresentação de relatórios.
- Matemática: estudo minucioso do Programa de Ensino de Matemática; análises, comentários, debates e levantamentos de gráficos; aplicação prática dos conteúdos adquiridos com os estudos.
- Geografia: exploração e utilização do espaço físico da escola para a realização de conteúdos específicos da Matemática (formas na Geometria).
- História: a História da Matemática e sua Evolução; realização de leituras, pesquisas, entrevistas.
- Ciências: observações, experimentações, comparações.

7 – Recursos materiais e humanos:

- Recursos materiais: programa de ensino, livros didáticos, manuais do professor, jogos educativos, material dourado etc.
- Recursos humanos: treinadora dos cursos, professoras regentes, especialistas e direção da escola.

8 – Cronograma (tempo para desenvolver o projeto):

Periodos dos cursos:

Agosto: 1° e 3°

Setembro: 2° e 4°

Outubro: 1° e 3°

Novembro: 2° e 4°

9 – Avaliação: assistir aulas da professoras que fizeram o Curso de Capacitação para verificar se houve ou não compreensão a respeito da nova proposta metodológica; auto-avaliação.

Projeto elaborado por: _____

Três Corações, _____ / _____ / _____

MEDOS E MUDANÇAS

Pois aqui está minha vida

Pronta para ser vivida.
Pronta para ser usada.
Vida que não se guarda.
Nem se esquiva, assustada.
Vida sempre a servir ao que vale
A pena é o preço do amor.

Por isso é que agora vou assim no meu caminho.
Publicamente amando.
Não, eu não tenho um caminho novo.
O que tenho de novo
É o jeito de caminhar.
Aprendi
(O caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém
a mim
e aos que vão comigo.
Pois já não vou mais sozinho

Thiago de Mello.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA

1 - Introdução

A Escola Estadual "Professor Clóvis Salgado"de 1° Ciclo do Ensino Fundamental - Tipologia R020B2, criada pelo Decreto n° 4.386 de 28.12.54, recebeu este nome em homenagem ao Professor e Secretário da Educação e Cultura, o Sr. Clóvis Salgado, situada à rua São Gabriel, 53 - Cotia - Fone: 232.2666 em Três Corações, MG - CEP: 37.410.000.

A Escola ponto de referência sócio-cultural, tornou-se muito mais do que um pólo Educacional e caracterizou a oportunidade de ascensão e desenvolvimento de alunos, cujos pais, de instrução elementar, depositaram na escola toda credibilidade.

Considerando:

- Que a educação vem dia a dia perdendo seu espaço na sociedade;
- O comprometimento com a democratização nas escolas;
- A desvalorização do profissional de educação;
- A preocupação com a evasão, a infrequência, a adaptação à escola e a dificuldade de aprendizagem devido ao baixo nível sócio-econômico de sua clientela;
- A necessidade de garantir o aluno na escola.

A Escola Estadual "Professor Clóvis Salgado" e sua comunidade se propõem a participar ativamente deste projeto educativo, onde se empenhará em conscientizar, resgatar, amenizando assim a carência cultural, afetiva e emocional. Cabe à escola através da ajuda da comunidade, cooperativa (feita através de parcerias) alcançar o objetivo principal, que é: o aluno na sociedade, ajudando-o a desenvolver suas potencialidades, como pessoa humana, e cidadão consciente de seus direitos e deveres, proporcionando-lhe um ensino de qualidade e tornando-o um aluno questionador e critico.

Para isso, a Escola Estadual Professor Clóvis Salgado procurará abraçar a modernidade através do gerenciamento colegiado, atuando com base na democratização autonomia financeira e pedagógica, elaborando seu Plano de desenvolvimento dentro da realidade, na comunidade na qual está inserida.

Será um plano objetivo e contará com a participação de todos os elementos próximos ao processo educacional, com a duração de 5 anos, flexível à ampliação e ao enriquecimento.

Objetiva também alcançar as prioridades levantadas e valorizar o profissional da educação.

2 - Justificativa

Procurando alcançar melhores resultados, este PDE propõe metas, estabelece prioridades a serem alcançadas e atividades a serem realizadas, que servirão de parâmetros para um melhor funcionamento da escola e consequentemente assegurar a boa qualidade de ensino.

3 - Missão da Escola

A Escola Estadual "Professor Clóvis Salgado" tem por objetivo principal oferecer um ensino de qualidade para que o aluno possa ser crítico e participativo na sociedade, com profissionais competentes e stualizados, conscientes de sua missão.

4- Diagnóstico - Como é a Escola.

1- Dados Gerais :

A Escola Estadual "Professor Clóvis Salgado"-R020B2 está situada à Rua São Gabriel, 53 - Bairro Cotia - Fone (035) 232.2666 - Três Corações - MG - CEP.: 37.410.000.

2 - Descrição Física:

2.1 - Foi criada pelo Decreto n° 4386 de 28 de dezembro de 1954, ministra de 1° ao 4° ano do 1° Ciclo do Ensino Fundamental.

2.2 - Funciona em prédio próprio desde 25 de janeiro de 1959, com finalidade estritamente escolar, e em dois turnos: matutino e vespertino.

2.3 - A área do terreno é de 3.600 m² .

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

2.4 - A Escola possui as seguintes dependências:
- 11 salas de aula;
- 01 biblioteca;
- 01 consultório odontológico;
- 01 sala para supervisão;
- 01 sala para orientação;
- 01 sala para secretaria;
- 01 sala para diretoria;
- 01 cantina;
- 04 depósitos;
- 01 dispensa;
- 01 sala para professores;
- 09 sanitários;
- 01 galpão;
- 03 pátios;
- 01 play-ground;

São necessários urgentes reparos em algumas dependências.

2.5 - Mobiliário escolar:
- 20 cadeiras com braço;
- 434 pares de mesas e cadeiras para alunos;
- 19 pares de mesas e cadeiras para pessoal docente e administrativo;
- 40 cadeiras e 1 mesa para pessoal docente e efetivo;
- 4 mesas e 8 bancos para refeitório;
- 02 máquinas de escrever;
- 01 mesa de datilografia;
- 05 arquivos de aço;
- 27 armários de aço;
- 12 amários de madeira;
- 10 estantes de aço com divisórias;
- 01 micro-computador em situação precária;
- 02 impressoras;
- 01 scaner;
- 02 aparelhos de telefone;
- 03 televisores;
- 02 vídeo-cassetes;
- 01 retro-projetor;
- 01 forno elétrico;
- 02 fogões industriais;

- 02 geladeiras;
- 01 freezer;
- 01 jogo de sofá;
- 01 enceradeira;
- 01 aparelho de som em estado precário;
- Utensílios para uso da cantina e cozinha.

3 - Cursos oferecidos:
A Escola oferece do 1° ao 4° ano do 1° Ciclo do Ensino Fundamental.

4 - Número de alunos: 405 alunos distribuídos em 14 turmas, sendo 7 turmas no turno matutino e 7 turmas no vespertino.

5 - Tempo diário em que os alunos permanecem na escola:
Matunino - das 7 horas às 11 horas e 25 minutos - Recreio das 9 horas e 30 minutos às 9 horas e cinquenta minutos.
Vespertino - das 12 horas e 30 minutos às 16 horas e 55 minutos - Recreio das 15 horas às 15 horas e 20 minutos.

6 - Conteúdos ministrados:
A Escola ministra todos os conteúdos do Núcleo Comum e da parte diversificada constantes de sua Grade Curricular.

7 - Educação Física:
As aulas de Educação Física são ministradas pelo próprio regente e se limita a jogos e brincadeiras.

8- Ambiente escolar:
Os professores trabalham com os alunos em ambiente agradável.
As carteiras nas salas de aula, são dispostas em filas indianas, duplas, trios, grupos, em forma de U e círculo, de acordo com as atividades desenvolvidas no dia a dia.

6 - ANÁLISE DO FLUXO ESCOLAR

A Escola inicia suas atividades com um número de matrículas considerável, porém no decorrer do ano, muitas crianças que se deslocam de outros bairros por não haverem vagas em escolas próximas a suas casas, requerem suas transferências tão logo haja surgimento dessas vagas, o que vem a acarretar uma queda acentuada no número de matrícula final.

A taxa de repetência é baixa, só ocorrendo no 4° ano,devido ao sistema de ensino através de ciclo. O aluno é avaliado conforme o aprendizado e frequência no decorrer desses anos. O índice de evasão diminuiu devido ao trabalho de conscientização que tem sido feito junto às crianças e seus familiares. Esse trabalho tende a continuar até que se extingue totalmente a evasão.

Existe uma defasagem idade/série, proveniente de alunos oriundos da zona rural quando já chega a escola com idade acima da prevista para iniciar seus estudos e sem ter tido oportunidade de frequentar uma escola. Existem também os alunos que são matriculados, mas deixam de frequentar a escola pelos seguintes motivos: não se adaptam, moram longe e não recebem passe escolar(alunos que não são da zona rural) , falta de interesse dos responsáveis, trabalham para ajudar no orçamento familiar, fatores sócio-econômicos e desconhecimento da importância do estudo.

Um trabalho de acompanhamento é feito pela escola e aasim quando se detecta a dificuldade de aprendizagem nos alunos, é feito um trabalho de recuperação, através de aulas de reforço, procurando sanar as áreas de risco.

7 - DESEMPENHO DOS ALUNOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Evidenciamos através da análise dos resultados do rendimento dos alunos, que a área de risco dos alunos matrículados no 4° ano é de médio-risco, ocasionada por diversos fatores como:

- Alunos que com defasagem de idade em séries iniciais, não tinham concluído o período de alfabetização e que foram acelerados para as quartas séries.
- Falta de hábito de leitura, escrita, compreensão, interpretação e produção de textos.
- Alunos prejudicados pela infrequência às aulas.
- Infra-estrutura familiar.

- Alunos que não se adaptam à escola.
- Às vezes, sem motivos justificados.

O índice de evasão por série é pequeno ocorrendo na camada mais baixa da clientela e quase sempre sem justificativas, seguido pelo motivo de morarem longe e não ter como se locomover até a escola.

O resultado da avaliação sistêmica permite detectar as dificuldades existentes e permite também replanejar as atividades propostas. Reforça e confirma também o bom desempenho da equipe escolar.

Todos os resultados fornecidos pela avaliação sistêmica foram analisados por série pelos professores e supervisores, e tomou-se as providências necessárias aos resultados imediamente . Com o envolvimento de professores eventuais, supervisores, vice-diretor e diretor, os quais juntos trabalham para recuperar o(s) aluno(s), pois a escola não conta com estajiários para auxiliar nesta recuperação.

Nos seria de grande ajuda, neste sentido, se pudessemos contar com maior número de recursos humanos.

O colegiado não tem efetuado nenhum trabalho de acompanhamento do desempenho dos alunos. Porque nunca foram convidados para desempenharem esse serviço.

8 - DESEMPENHO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

Estão sendo desenvolvidos na escola, conteúdos curriculares e programas atualizados, atendendo a realidade dos alunos através de uma proposta de trabalho coletivo, inovadora para melhor aprendizagem e melhor acompanhamento dos alunos nas mudanças do mundo atual.

Os professores têm uma visão clara dos objetivos, etapas e níveis de aprendizagem e se preocupam em priorizar o ensino e a aprendizagem em maior tempo possível (90%).

Ao final de cada ano é feito um trabalho coletivo, coletando com os professores os pré-requisitos para se trabalhar no ano seguinte.

Os professores planejam as atividades de forma cooperativa, trocando idéias, fazendo integração entre os diversos conteúdos , através de grupos de estudos.Quando há necessidade é solicitado um elemento capaz para que as dúvidas existentes sejam sanadas, buscando assim, um melhor desempenho/

O critério de inturmação utilizado pela escola é pela idade cronológica, para que as turmas fiquem em nível aproximado de idade escolar com idade cronológica.

O espaço físico da sala de aula é bom, salas arejadas e os alunos são dispostos de uma maneira que facilite o trabalho do professor e também o entrosamento e socialização dos alunos (semi-círculo) , estando assim de acordo com a proposta pedagógica desenvolvida pela escola.

As atividades pedagógicas em cada sala de aula são desenvolvidas utilizando técnicas diversificadas, e que promove o interesse e assim uma melhor aprendizagem dos alunos.

Ocorrem na escola atividades extra-classe que são desenvolvidas satisfatóriamente.

Os horários de início e término das atividades são rigorosamente estabelecidos e cumpridos.

Sempre que há necessidade , tempo e elemento disponível é feito um acompanhamento extra-classe da aprendizagem para os alunos que necessitem, porém no momentoo esta parte é deficiente por falta de elementos.

É dado um atendimento individual com atividades e exercícios extras para os alunos qie necessitam.

Os professores corrigem rapidamente, fazendo as devidas correções e comentários dos exercícios dos alunos.

O sistema de avaliação da escola é feito dando maior ênfase a avaliação diagnóstica e de processo.

10 - ASSISTÊNCIA AO ALUNO

A merenda servida aos alunos é de boa qualidade. Existe um cardápio previsto, elaborado pela Secretaria de Estado da Educação, o qual é seguido conforme recursos disponíveis e existentes. É servido aos alunos uma merenda variada e nutritiva, com legumes, verduras, carnes, ovos, cereais e massas.

A organização da cozinha e refeitório é satisfatória de forma a facilitar o trabalho das cantineiras e a movimentação dos alunos.

A limpeza do ambiente escolar é boa, as ajudantes procuram desempenhar seu trabalho com muito carinho e responsabilidade.

É realizado um trabalho de saúde bucal preventiva na escola dentro do conteúdo programático desenvolvendo atividades que possibilitem o conhecimento

da prevenção, contando também com a participação dos estagiários de odontologia, acompanhado por um dentista-professor que é o coordenador do estágio. Quando há necessidade a escola convida um profissional para fazer palestras sobre temas de prevenção contra doenças, por exemplo: AIDS, DENGUE, etc...

A distribuição e utilização de materiais encaminhados à escola é feita de acordo com a necessidade da clientela, tendo um controle para não haver desperdício.Os livros recebidos da FAE são carimbados, entregues aos alunos, sob a responsabilidade de cada professora, e serão utilizados de acordo com as necessidades dos alunos. Os livros do Cantinho de Leitura foram colocados em armários nas salas de aula e o material do PROQUALIDADE é guardado na biblioteca para uso de todo o corpo discente.

11- ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO ESCOLAR

Os critérios de atendimento à demanda escolar são feitos através da idade e zoneamento. O cadastramento e o atendimento por zoneamento é feito pela Secretaria de Educação (SEDUC), sendo um órgão municipal. Existe em excesso a oferta de vagas na escola. Não há previsão de novas turmas. O fluxo escolar previsto está a baixo da capacidade física da escola.

Não há necessidade de novos espaços, pois o que a escola possui é adequado, nem novas salas de aula, por haver salas ociosas.

O processo e as exigências legais atendem e estão de acordo com a clientela

A escola mobiliza a auxiliar de secretaria para atender aos pais dos alunos no ato da matrícula. O horário de permanência dos alunos na escola é de quatro horas e vinte minutos, sendo preenchido com atividades de leituras, escritas. educação física e jogos, merenda e recreação.

12 - ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO FINANCEIRA DA ESCOLA

A caixa escolar funciona precariamente. Existe um barzinho, cujos rendimentos auxiliam na quitação de despesas de manutenção da escola.

Existe uma parceria com a empresa TRW que ocupa uma área da escola para treinamento de seus funcionários e em troca ela presta serviços na preservação e benfeitorias da mesma. A escola tem conseguido recursos financeiros, através de eventos como: almoços beneficentes, pedágios, rifas, festas, pescarias etc. Com esses recursos a escola quita conta telefônica, compra gás de cozinha, material de limpeza, material de secretaria e outros gastos necessários.

Os recursos enviados à escola pela Secretaria de Estado da Educação, são aplicados de acordo com as prioridades, obedecendo às normas estabelecidas pela mesma. A divisão de funções é feita com acúmulo para os funcinários, pois a escola conta com número reduzido dos mesmos. A administração é feita pela diretora, a qual partilha a parte financeira da escola com uma tesoureira e uma auxiliar de secretaria que cuida da parte burocrática, que são as prestações de contas de verbas e balancetes. Existe uma descentralização das tarefas, visando o bom desenvolvimento do serviço e com isso a participação de todos. Existe respeito quanto as normas de funcionamento das atividades como condição de qualidade onde cada um procura cumprir suas atribuições e seus horários de trabalho.

A escola preocupa-se em manter um bom ambiente de trabalho (limpeza , silêncio, estética, adequação de recursos fisicos, área de lazer) para que todos possam se sentir bem.

A secretaria da escola presta atendimento satisfatório e respeitoso na medida do possivel, pois conta com número reduzido de funcionários. A escola conta somente com um computador. O regimento é usado no quotidiano, mas é pouco divulgado. A infra-estrutura financeira da escola oscila de ano para ano, conforme verbas recebidas pela mesma.

É feito um controle de patrimônio existente de ano em ano, o qual existe registro na escola e na superintêndencia Regional de Ensino. Estão sendo incorporados novos materiais permanentes, como por exemplo: acessórios para computador, fogão industrial etc.

A escola tem necessidde urgente de uma máquina copiadora,de mobiliário para biblioteca, salas de aula, cantina (freezer, fogão, utensílios de cozinha, geladeira), lixeira para os pátios e um lava jato. A escola necessita estar bem equipada para melhorar o atendimento aos alunos e facilitar o trabalho dos funcionários.

O colegiado tem participado de muitas decisões da escola, seja no aspecto administrativo ou financeiro através de reuniões, nas quais são resolvidos as necessidades mais urgentes da escola, e como fazer para resolvê-las. Os membros do colegiado também participam intensamente nos eventos da escola.

13- AMBIENTE ESCOLAR: "A CULTURA DA ESCOLA"

Os hábitos de participação em debate e de interação de todos da escola estão caminhando para se tornar um ato mais concreto diante de uma escola democrática, integrada, com parceira entre pais, alunos, funcionários e comunidade.

Diante disto, temos um grande desafio, um compromisso em mudar a relação da escola com a comunidade externa que tem sido muito distante e até mesmo omissa.

Existe a consciência da importância de se desenvolver os projetos interdisciplinares, mas infelizmente eles não são realizados, como por exemplo: uma biblioteca sem bibliotecária, mas nós professores, não sabemos utilizá-la de forma enriquecedora na formação do aluno. Quanto as demais, como feiras, exposições, festivais, atividades esportivas, jornais, músicas, ainda não fazem parte de nossa realidade diária, existe esporaticamente. Os materiais didáticos que existem(revistas pedagógicas, livros didáticos, retroprojetor, computador), são divulgados e utilizados, já a informática é usada somente pela secretaria.

Já existe uma mudança de postura de comportamento em vivenciar o coletivo em termos de troca de conhecimentos, de estudos e de cidadania. Alguns professores reúnem-se em grupos de estudo para discutir e planejar suas atividades.

Os valores, costumes , hábitos e necessidades da comunidade são conhecidas, é uma proposta pedagógica, porém os mesmos não estão sendo incorporados ao currículo da escola. Aproveita-se, às vezes, alguma experiência do aluno.

O colegiado desempenha um papel de apoio a escola, quando solicitado, porém em relação ao incentivo, promoção e desenvolvimento da parte cultural na escola, sua atuação é praticamente nula.

14-PROBLEMAS DETECTADOS

Prioridades	Objetivos	Metas our Resultados esperados
Índice regular de evasão	1-Acabar com a evasão existente.	Até o final do ano que se tenha extinguido o índice de evasão escolar.
Dificuldade dos alunos em linguagem oral,escrita e interpretação	2-Sanar e melhorar essas dificuldades através de atividades atrativas.	Que até o final do ano os alunos tenham sanado essas dificuldades através da participação e interesse por novas atividades.
Dificuldade dos alunos em usar o raciocínio lógico.	3-Desenvolver o raciocínio lógico	Até agosto do ano 2000, os alunos terão essa dificuldade sanada através de novas metodologias aplicadas através de material concreto.

Dificuldade de determinados alunos em fazer uso da concordância verbal.	4-Melhorar o uso da concordância verbal	Até o fim do ano 2000, os alunos com dificuldades deverão ter dominado-as através de novas metodologias aplicadas.
Baixo nível sócio - econômico do corpo discente	5-Conscientizar o aluno da importância do estudo em sua vida	De 2000 a 2004 a escola procurará oferecer aos alunos um ensino de qualidade que lhes proporcione futuramene uma ascensão sócio-econômica
Falta de cadeiras e mesas para os alunos e professores	6- Prover a escola de cadeiras e mesas para todos	Até o final do ano 2001 a escola será provida de mesas e cadeiras novas para todos.
Falta de mobiliário para biblioteca	7- Adquirir mesas, cadeiras, rak para TV, cortinas para biblioteca	Até o final do ano 2002 a escola deverá estar equipada do material necessário ao bom funcionamento da biblioteca.
Falta cobertura e marcação quadra de esportes	8- Cobrir a quadra esportes e fazer marcação	Até o final do ano de 2004 a quadra de esportes deverá ser coberta e marcada
Reparo do telhado	9- Consertar o telhado da escola, tirando goteiras e rachaduras.	No decorrer do ano 2001 a escola trabalhará para consertar o telhado da escola tirando goteiras e rachaduras.
Pintura nas paredes da escola	10-Pintar todas as dependências da escola	Até o final do ano 2004 a escola terá recebido pintura nova nas portas, janelas e paredes.
Troca dos vidros quebrados das janelas e portas da escola	11- Trocar os vidros quebrados das janelas e portas.	- Até o final do ano 2003, todas as janelas e portas que tiverem vidros quebrados, serão trocados.
Substituição de portas estragadas	12-Trocar as portas das salas de aula que se encontram em estado precário.	Até o final de 2004 todas as portas existentes na escola serão trocadas.
Recolocação de tacos soltos em salas de aula	13- Trocar os tacos soltos no piso das salas de aula	Até o final de 2004 os tacos soltos das salas de aulas serão recolocados.
Instalação dos ventiladores de teto	14- Instalar os ventiladores de teto	Até o final do ano 2000 estarão instalados os ventiladores nos

		tetos das salas de aula e demais dependências da escola
Recuperação do piso do pátio da frente da escola	15- Recuperar o piso do pátio da frente da escola	- Até o final do ano 2001 a escola deverá estar com o piso da frente da escola recuperado.
Construção de muro ao redor da escola	16-Construir muro ao redor da escola, reforçando a segurança.	Até o final do ano 2004, a escola deverá ter construido muro ao seu redor reforçando a segurança.
Construção de palco	17- Construir um palco nas depen-dências da escola	Até o final do ano 2004 terá sido construido um palco na escola para apresentações teatrais, auditórios..
Iluminação para patios	18- Iluminar pátios para uma melhor visibilidade em eventos ocor-ridos à noite	Até o final de 2004 a escola deverá ter os pátios iluminados com refletores.
Aparelho de som com CD	19- Adquirir um bom aparelho de som	Até o final de 2001 a escola deverá estar equipada com aparelho de som e CD.
Adquirir copiadora e micro computador mais atualizado com fax	20-Adquirir copiadora e um computador atualizado com fax	até o final de 2004 a escola deverá adquirir uma copiadora. um micro computador com fax para uso da secretaria
Falta de filmadora e de uma máquina fotográfica	21- Adquirir uma filmadora e máquina fotográfica para registro de eventos ocorridos no estabelecimento	Até o final do ano 2003 a escola deverá ter adquirido uma filmadora e uma máquina fotográfica
A escola necessita de murais de alumínio, assinatura de revistas, jornais e revistas em quadrinhos.	22- Fazer assinatura de revistas e jornais e adquirir murais a serem fizados ao lado das portas das	Até o final de 2002 a escola terá assinaturas de revistas, jornais e murais afixados ao lado das salas de aula para enriquecer e abrilhantar o serviço executado.

	salas de aula	
Falta de curso de informatização para a secretaria da escola	23 - Informatizar a escola	Até o final de 2002 a secretaria da escola contará com cursos de informatização para facilitar seu serviço.
Necessidade de curso para atualização de docentes	24- Propiciar curso que atualize e capacite todo corpo docente	Todos os anos a escola contará com cursos que capacitará e atualizará todos os docentes.
Falta de apoio e presença dos pais na escola	25 - Maior participação de pais na escola	A partir do ano 2000 a escola deverá contar com maior apoio e presença dos pais na escola
Necessidade de apoio pedagógico, do colegiado da escola.	26- Maior participação do colegiado escolar na parte pedagógica	A partir de 2000 a escola deverá contar com uma maior participação do colegiado, na parte pedagógica.
Equipação da cozinha e cantina	27-Equipar a cozinha e cantina com o material que se fizer necessário, como: panelas, talheres, pratos. leiteiras etc	A partir de 2000 a cozinha e cantina receberão reposição de todo material necessário para um melhor funcionamento.

15 - AÇÕES

1.1- Fazer um levantamento das dificuldades encontradas pelos alunos para que sejam trabalhadas em salas, no sentido de superá-las.
1.2- Incentivo e apoio aos professores para que ele possa oferecer aulas interessantes que estimulam o aluno a obter melhores resultados.
1.3- Oferecer um ensino de qualidade que vise a formação global do aluno.
1.4- Orientr os professores nos planejamentos dos conteúdos a serem ministrados.
1.5- Realizar projetos que permitam um relacionamento positivo no âmbito escolar.
1.6- Aproveitar o espaço físico fora e dentro da escola para atividades extra-classe.

1.7- Tornar o ambiente da sala de aula e da escola agradável e estimulante a aprendizagem.
1.8- Realização da Feira Cultural, horas cívicas e oficinas de teatro.
1.9- Realização de jogos, batalhas de tabuada nas salas.
2.1- Definição pelos professores e especialistas das habilidades que os alunos deverão ter em cada nível de ensino.
2.2- Uso da biblioteca para leituras individuais e uso da TV e vídeo.
2.3- Utilização da leitura, escrita, comprensão, interpretação e produção de textos nas diversas áreas de estudos.
2.4- Promoção de concursos, teatros, literários etc.
2.5- Incrementação das aulas com o uso de jornais, revistas, propagandas. vídeos, dicionários etc.
2.6- Avaliação constante da leitura, escrita, compreensão, interpretação e produção de textos seguidos de análise dos resultados obtidos.
2.7- Ciclos de estudos para professores com aulas de outros professores experientes e especialistas nos assuntos de maiores dificuldades.
2.8- Exposição de textos, trabalhados, escritos e de ates para mostrar a evolução dos alunos.
2.9- Formular um projeto de desenvolvimento e enriquecimento curricular.
2.10 Participação em um projeto de capacitação de professores em todas as áreas: Matemática, Ciências, Geografia e História.
2.11- Usar materiais didáticos adequados.
2.12- Avaliar conjuntamente o processo de desenvolvimento do ensino aprendizagem, tendo como base as avaliações internas e externas da SEE.
2.13- Favorecer a aplicação de técnicas pedagógicas modernas e eficientes, resguardando as já conhecidas anteriormente.

3.1- Definição pelos professores e especialistas das habilidades que os alunos deverão ter no decorrer do ciclo, assim como as dificuldades encontradas por eles.
3.2- Divulgações de fontes de pesquisas para professores.
3.3- Incrementação do uso de material concreto para os diversos conteúdos.
3.4- Seleção de atividades práticas a serem aplicadas com vistas ao uso da matemática na vida diária.
3.5- Realização de ciclos de estudos para professores.
3.6- Gráficos demonstrativos do rendimento do aluno.
3.7- Elaborar um projeto de desenvolvimento e enriquecimento curricular.
3.8- Adquirir material didático adequado.
3.9- Avaliar conjuntamente o processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem.(Tendo como base as avaliações internas e externas da SEE)

3.10- Favorecer a aplicação de técnicas pedagógicas modernas e eficientes, resguardando as já conhecidas anteriormente.
4.1- Definição pelos professores e especialistas das habilidades que os alunos deverão ter no decorrer do ciclo.
4.2- Elaborar um projeto de capacitação de professores.
4.3- Adquirir materias pedagógicos adequados.
4.4- Orientar os professores sobre as estratégias, mediante as quais as dificuldades identifcadas possam ser trabalhadas.
4.5- Favorecer a aplicação de técnicas pedagógicas modernas e eficientes, resguardando as já conhecidas anteriormente.
5.1- Adquirir revistas periódicas para enriquecimento do trabalho do professor.
6.1- Utilização de Slides, vídeos, retroprojetor para facilitar a compreensão dos assuntos.
6.2- Utilização de muitos exemplos do cotidiano para maior esclarecimento do assunto.
7.1- Conscientizar pais e alunos através de reuniões e debates da necessidade e importância do estudo para a vida.
7.2-Realizar debates com a participação da comunidade sobre temas atuais.
7.3- Exibição de vídeos , slides e retroprojetor sobre ascensão sócio-econômica.
8.1- Adquirir cadeiras e mesas para os alunos através de verbas da SEE.
9.1- Buscar parceria com a Prefeitura e o Estado para iluminação da Quadra de esportes e um pátio da escola.
10.1- Divulgar para todos os profissionais da educação de toda a escola, a realização de cursos de atualização e capacitação dentro e fora do município..
10.2- Facilitar o comparecimento de todos os profissionais da educação de toda a escola à cursos de capacitação e atualização dentro e fora do município.
10.3- Promover cursos de atualização com pessoal especializado na escola.
11.1- Informatizar a secretaria da escola.
11.2- Capacitar o secretário e auxiliares de secretaria em informática.
12.1- Adquirir mobiliário próprio.
12.2- Incentivar o uso da biblioteca.
13.1- Promover reuniões periódicas com os pais para palestras e debates sobre: Conscientização da necessidade do acompanhamento da vida escolar dos filhos; avaliação e rendimento; valorização da escola; orientações básicas de acompanhamento social, psicológico e escolar dos filhos.
14.1- Fazer ni início do ano planejamento anual das atividades a serem desenvolvidas pelos integrantes do colegiado em relação à parte pedagógica da escola.

16- CRONOGRAMA DAS AÇÕES A SEREM DESENVOLVIDAS NA ESCOLA

Ação 1.1
Tarefa: Levantar dificuldades
Responsável: Professores e especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 1.2
Tarefa: Incentivo e apoio ao professor
Responsável: Direção e especialistas
Realização: Durante todo ano letivo

Ação 1.3
Tarefa:Oferecer ensino de qualidade e formação global
Responsável:Todos os professores da escola
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 1.4
Tarefa:Orientar professores nos planejamentos de conteúdo
Responsável:Especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 1.5
Tarefa:Realizar projetos
Responsável: Professores da escola, especialistas.
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 1.6
Tarefa: Programar atividades extra-classe
Responsável:Todos os professores da escola
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 1.7
Tarefa: Oferecer ambiente escolar agradável e estimulante
Responsável:Toda a escola
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 1.8
Tarefa: Promover feira cultural
Responsável: Toda a escola
Realização: Setembro

Ação 1.9
Tarefa: Promover horas cívicas durante todo ano nas sextas feiras
Responsável: Direção da escola
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 1.10
Tarefa: Realizar jogos e batalha de tabuada
Responsável: Professores e especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 2.1
Tarefa: Definir habilidades
Responsável: Todos os professores e especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 2.2
Tarefa: Incentivar o uso da biblioteca
Responsável: Todos da escola
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 2.3
Tarefa: Utilizar a leitura, escrita, interpretação, compreensão e produção de textos nas diversas disciplinas.
Responsável: Todos os professores da escola
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 2.4
Tarefa: Promover concursos, teatros literários etc
Responsável: Professores e especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo, sempre que oportuno.

Ação 2.5
Tarefa: Incrementar as aulas
Responsável: Todos os professores da escola

Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação 2.6
Tarefa: Avaliar e analisar os resultados obtidos
Responsável: Todos os professores da escola
Realização: Durante todo o ano letivo.

Ação: 2.7
Tarefa: Promover ciclos de estudos
Responsáveis: Direção e especialistas
Realização: fevereiro, julho e setembro

Ação: 2.8
Tarefa: Expor textos trabalhados e escritos
Responsáveis: Professores e especialistas
Realização: Durante todo ano letivo

Ação: 2.9 e 2.10
Tarefas: Formular projeto e elaborar projeto de capacidade
Responsáveis: Especialistas e professores a serem definidos.
Realização: julho

Ação: 2.11
Tarefa: Adquirir materiais didáticos
Responsáveis; Direção da escola
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 2.12
Tarefa: Avaliar conjuntamente
Responsável: Todos os professores da escola
Realização: Durante todo ano letivo

Ação: 2.13
Tarefa: Favorecer aplicação de técnicas pedagógicas
Responsáveis: Especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 3.1
Tarefa: Definir habilidades
Responsáveis: Professores e especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 3.2
Tarefa: Divulgar fontes de pesquisa
Responsáveis: Professores e especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 3.3
Tarefa: Incrementar o uso de material concreto
Responsáveis: Especialistas e professores
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 3.4
Tarefa: Selecionar atividades práticas
Responsáveis: Especialistas e professores
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 3.5
Tarefa: Realizar ciclos de estudos
Responsáveis: Direção
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 3.6
Tarefa: Demonstrar gráficos
Responsáveis: Professores e especialistas
Realização: em cada bimestre

Ação: 3.7
Tarefa: Elaborar projeto desenvolvimento e enriquecimento curricular
Responsáveis: Direção e especialistas
Realização: maio e setembro

Ação: 3.8
Tarefa: Adquirir materias didáticos
Responsável: Direção
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 3.9
Tarefa: Avaliar conjuntamente
Responsável: Especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 3.10
Tarefa: Favorecer aplicação de técnicas pedagógicas
Responsável: Especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 4.1
Tarefa: Definir habilidades
Responsáveis: Todos os professores, especialistas
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 4.2
Tarefa: Elaborar projeto de capacitação
Responsáveis: Professores e especialistas
Realização: a ser definido

Ação: 4.3
Tarefa: Adquirir material didático
Responsáveis: Direção e professores
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 4.4
Tarefa: Orientar professores
Responsáveis: especialistas
Realização: durante todo o ano letivo

Ação: 4.5
Tarefa: favorecer aplicação de técnicas pedagógicas
Responsável: especialistas e professores
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 5.1
Tarefa: Adquirir revistas pedagógicas
Responsável: Direção
Realização: Todo o ano letivo

Ação: 6.1
Tarefa: Utilizar slides, vídeos e retroprojetor
Responsável: Todos os professores
Realização: Durante todo o ano letivo

Ação: 6.2
Tarefa: Utilizar de exemplos do cotidiano
Responsáveis: Todos os professores
Realização: durante todo o ano letivo

AVALIAÇÃO

A avaliação deverá acontecer no decorrer dos cinco anos e haverá controle e avaliação contínuos e constantes das atividades desenvolvidas, através de reuniões, entrevistas, observações, conversas, palestras, treinamentos, auto-avaliação, avaliação do desempenho procuranso sempre aprimorar os resultados alcançados a fim de subsidiar a programação de novas atividades, uma vez que as atividades propostas estão sujeitas a modificações e acréscimos, de acordo com a necessidade e interesse da comunidade escolar.

CONCLUSÃO

Após um processo de profunda reflexão, quando foi repensado o cotidiano da escola, e a rotina de suas ações. percebemos que os procedimentos e normas tidos como materiais, devem ser questionados e deu-se início à elaboração do Plano de Desenvolvimento da Escola, onde as opiniões manifestadas, os anseios, colocados, as plataformas e metas a serem buscadas e as prioridades estabelecidas, deu-nos condições de conciliar qualidade e competência com a árdua tarefa de educar.

Questões como:

- Em que ponto a escola está atualmente?
- Quais as mudanças que precisamos fazer?
- Como gerenciar estas mudanças ao longo do tempo?
- Como avaliar se o gerenciamento da mudança tem sido eficaz?

Capacitará a escola a organizar o que já vem sendo feito e o que falta fazer, de forma mais sistematizada e coerente, em prol da melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA

IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

Nome: *Escola Estadual "Professor Franco da Rosa"* Tipo: *R020B2*

Endereço: *Rua Francisco Xavier, nº 143 – Vila Gessé – Três Corações – MG*

Telefone: *(035) 3231-3278*

Localização: *Urbana* CGC da Caixa Escolar: *19.363.662.0001-54*

41ª Superintendência Regional de Ensino – Varginha – Pólo Sul

Nível de Ensino: *1º ao 4º ano do 1º Ciclo de Ensino Fundamental*

Matrícula Inicial: *630* Matrícula Final:

Taxa de Evasão em 1997: *2,2%*

Diretora: *Léa de Jesus Teixeira Moraes* MASP: *193.498-5.02*

Endereço: *Rua José Capistrano de Souza, nº 600 – Boa Ventura*

Telefone: *(035) 3232-3072*

I - MISSÃO DA ESCOLA:

Nesta Escola somos unidos por um mesmo objetivo: fornecer aos nossos alunos ensino de qualidade para que sejam cidadãos críticos, participativos e capazes de inserir na sociedade e no trabalho.

A escola procura cumprir o que é determinado de acordo com os meios disponíveis, mas de maneira a atender as necessidades e a individualidade de cada um. Pois vemos nossos alunos não só como alunos, mas como cidadãos, e que precisam ser preparados e estimulados para exercer sua cidadania.

A Escola procura manter um bom relacionamento entre as pessoas e grupos, valoriza as relações interpessoais e está sempre voltada para o aperfeiçoamento de todos: alunos, professores e funcionários.

II - OBJETIVO GERAL:

Desenvolver um ensino de qualidade, visando formar cidadão crítico, criativo e participativo, para atuar com êxito na Sociedade em que vive.

III – DIAGNÓSTICO:

Situação Atual	*Pontos Fortes*	*Pontos Fracos*	*Problema*
♦ A Escola conta este ano com 630 alunos distribuídos em 18 turmas de 1° ao 4° ano do 1° ciclo do Ensino Fundamental, funcionando em 2 turnos. Das Turmas de 4° ano duas são assistidas pelo Programa de Aceleração da Aprendizagem (PAA) com 48 alunos freqüentes. ♦ A Escola vem desempenhando seu trabalho de maneira a atender a realidade da clientela, procurando adaptar os programas e desenvolvimento atividades interdisciplinares de acordo com os interesses dos alunos. ♦ De acordo com os dados das últimas avaliações e dos registros escolares a escola vem apresentando bons resultados na aprendizagem, necessitando um pouco mais de atenção em Português em Língua Oral e Escrita. Como também mostra um número relativamente pequeno de evasão escolar. ♦ A Escola tem 20 professores habilitados, sendo que a maioria deles já tem nível superior ou está cursando. ♦ O processo de Ensino e Aprendizagem é avaliado através de observação, acompanhamento, orientações e registros, num processo contínuo e dinâmico. ♦ Atualmente a escola está passando por certas dificuldades em relação aos recursos humanos. Pois além dos professores regentes de turmas e eventuais, conta apenas com uma supervisora para colaborar no processo de ensino e aprendizagem, o que é insuficiente, sendo que são dezoito turmas numerosas e todas com alunos que precisam de atendimento mais individualizado.	♦ Corpo docente experiente e compromissado com a qualidade da Educação. ♦ Bom relacionamento da Diretora com professores, funcionários, pais, alunos e comunidade escolar. ♦ Interesse dos professores em participar de cursos de atualização. ♦ Grande capacidade de liderança e dinamismo da Diretora. ♦ Espírito de coleguismo e união entre todo o corpo docente. ♦ Ambiente agradável e descontraído. ♦ Arquivos e registros escolares bem organizados. ♦ Colegiado atuante e participativo.	♦ Falta de pessoal para ajudar no atendimento aos alunos com dificuldades. ♦ Salas superlotadas. ♦ Falta de compromisso e participação dos pais. ♦ Alunos indisciplinados. ♦ Falta de sala para professoras. ♦ Falta de sala adequada para biblioteca. ♦ Necessidade de professor recuperador. ♦ Necessidade de professores para Educação Física e Ensino Religioso. ♦ Necessidade de Orientador Educacional. ♦ Falta de sala para Vídeo. ♦ Necessidade de mais bebedouros. ♦ Necessidade de horário para reunião de supervisora/professores.	♦ Baixo índice de aprendizagem em Português, em Linguagem Oral e Escrita.

IV – PLANO DE AÇÃO:

Prioridades	*Objetivos*	*Metas*	*Ações*
1 – Falta de professor recuperador para atender em outro turno os alunos com dificuldades.	♦ Conseguir elementos que possam atender aos alunos que apresentam dificuldades, em outro turno.	♦ Logo no início do ano letivo a escola deverá conseguir elementos disponíveis e capazes de colaborar na recuperação dos alunos.	♦ Parceria com a escola de ensino médio, pela cessão de alunos do curso de Magistério, que possam auxiliar na recuperação de alunos.
2 – Falta de interesse e dificuldade dos pais em conhecer e acompanhar a aprendizagem dos filhos.	♦ Conseguir que os pais ou responsáveis conheçam, participem e se interessem mais pela aprendizagem de seus filhos.	♦ Até o final doa no letivo os pais ou responsáveis estejam procurando com mais freqüência a Escola e tomando mais conhecimentos da vida escolar dos filhos.	♦ Reunião de pais e mestres (bimestral) para apresentação de resultados de avaliações e demonstração de trabalhos dos alunos. ♦ Conversas formais e informais entre pais, professores, supervisora e direção.
3 – Falta de disciplina dos alunos em sala de aula, recreio e em outros locais da escola.	♦ Promover palestras, conversas e atividades curriculares, recreativas e culturais que atendam às necessidades e ao interesse dos alunos.	♦ Que num prazo de seis meses a maioria dos alunos apresentem mudanças de comportamento em relação aos professores, funcionários e colegas.	♦ Leitura e debate sobre os direitos e deveres dos alunos. ♦ Atividades recreativas dirigidas e mais agradáveis e jogos, danças, músicas, competições e outras. ♦ Aulas mais interessantes e participativas.
4 – Necessidade de uma sala adequada para Biblioteca.	♦ Conseguir uma sala adequada para uso da biblioteca e provê-la com todo tipo de acervo, para melhor atender aos alunos.	♦ Até o final de 1999, a Escola contará com a Biblioteca localizada em sala adequada e bem equipada.	♦ Solicitar do órgão competente autorização e verba para a construção da sala de Biblioteca e aquisição de livros.
5 – Necessidade de Ensino Religioso.	♦ Incentivo à prática religiosa, através de conteúdos e atividades do interesse dos alunos.	♦ Que haja mudança de comportamento e valorização de si próprio e o respeito ao próximo.	♦ Trabalhar atividades que possibilitem a integração dos conteúdos. ♦ Conversas formais e informais. ♦ Palestras.

Prioridades	*Objetivos*	*Metas*	*Ações*
6 – Necessidade de um horário específico para reunião da supervisora com os professores	♦ Maior entrosamento dos professores com a supervisora para maior esclarecimento da realidade dos alunos e mais orientação.	♦ Que desde o início de 1999 estas reuniões estejam acontecendo.	♦ Constar no calendário e no cronograma este horário. ♦ Realizar semanalmente as reuniões para orientações e troca de experiência.
7 – Dar mais atenção às avaliações diagnósticas.	♦ Ver a avaliação como um processo contínuo e que irá contribuir na eficácia do ensino e aprendizagem.	♦ Que no decorrer do ano vindouro a avaliação seja contínua, participativa, dando condições de redirecionar a ação pedagógica.	♦ Reuniões e conversas com os professores para maior conscientização. ♦ Estudo de artigos e da legislação vigente, no que se refere à avaliação. ♦ Cursos para capacitação do pessoal envolvido.
8 – Necessidade de mais bebedouros para atender aos alunos.	♦ Atender com mais eficiência e higiene a todos os alunos.	♦ Que até o final de 1998 a escola consiga adquirir mais bebedouros para os alunos.	♦ Promover campanhas em prol da Caixa-Escolar para a aquisição dos bebedouros. ♦ Solicitar verba da Assembléia Legislativa, através do seu representante aqui do município.

Ações	*Tarefas*	*Responsáveis*	*1998*					*1999*											
			A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
1	♦ Providenciar professores para ministrar aulas de recuperação extra-turno	♦ Direção ♦ Supervisão							X										
	♦ Formar grupos por dificuldades	♦ Professora da turma							X										
	♦ Acessorar e acompanhar as turmas de recuperação	♦ Supervisora							X	X	X	X	X		X	X		X	X
2	♦ Promover reuniões, encontros e palestras com os pais	♦ Direção ♦ Supervisão ♦ Professores							X	X	X	X	X		X	X	X	X	
3	♦ Elaborar projeto sobre recreio dirigido ♦ Preparar material e ambiente	♦ Professores ♦ Supervisora ♦ Direção							X	X									
4	♦ Trabalhar texto informativo e recreativo	♦ Supervisora ♦ Professora ♦ Alunos	X	X	X	X			X	X	X	X	X		X	X	X	X	
5	♦ Promover palestras, conversar sobre valores morais, religiosos e de formação	♦ Professores ♦ Supervisora ♦ Alunos			X					X			X				X		
6	♦ Elaborar projeto de unidades de estudos	♦ Supervisora ♦ Professores							X				X			X			
7	♦ Preparar fichas de avaliação já estruturadas, com mais presteza e segurança	♦ Professores ♦ Supervisora		X		X					X		X			X		X	

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA

IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

Nome: *Escola Estadual "Jorge Avellar Neto"* Tipo: *R020A2*

Endereço: *Rua Juscelino Kubitschek, nº 155 – Chácara das Rosas – Três Corações – MG*

Telefone: *(035) 3232-2065*

Localização: *Urbana* CGC da Caixa Escolar: *1939072/0001-70*

41ª Superintendência Regional de Ensino – Varginha

Nível de Ensino: *1º ciclo do Ensino Fundamental*

Diretora: *Marilene Vilela Barros* MASP: *114591-1*

Endereço: *Rua José Vinagre, nº 402 – centro*

Telefone: *(035) 3232-2147*

I - MISSÃO DA ESCOLA:

Ser uma Escola de renovação pedagógica onde os valores e princípios devem ser questionados para uma ação pedagógica competente e comprometida, direcionada a uma sociedade mais justa e de melhor qualidade de vida para todos.

Uma escola crítica e criativa em que o aluno tenha sucesso no seu processo de aprendizagem e seja feliz para desenvolver e crescer.

Uma escola onde os alunos possam ser sujeitos interativos nos processos de ensino e aprendizagem, independente do seu nível social, devem ser continuamente valorizados e estimulados segundo suas potencialidades e habilidades.

II - DIAGNÓSTICO:

Situação Atual	*Pontos Fortes*	*Pontos Fracos*	*Problemas*
- Matrícula inicial: 222 Matrícula final: 213 - Trabalho de interdisciplinaridade - Mantém acompanhamento das dificuldades - Avaliação contínua e paralela - Apresenta um indice de baixo risco - A escola possui 8 funcionários eletivos e 7 designados	- Professores compromissados com a educação - Diretor democrático, aberto a mudanças, preocupado com a melhoria do ensino - Em sua maioria com habilitação acadêmica - Colegiado participativo e atuante - Primeiro lugar na avaliação sistêmica em 92, 94 e 96	- Professores resistentes a mudanças - Falta de apoio da família na vida escolar dos alunos - Não uso do material pedagógico e didático que a escola dispõe - Necessidade de um funcionário para o uso da Biblioteca - Local de dificil acesso - Baixo rendimento escolar em linguagem oral e escrita	- Falta de adequação curricular - Falta do hábito de leitura de professores e alunos - Uso incorreto de material didático - Pais analfabetos - Criança que trabalha para ajudar no planejamento curricular - Defasagem na idade mental - Alunos com dificuldades específicas de aprendizagem, principalmente em Português

III – PLANO DE AÇÃO:

Prioridades	*Objetivos*	*Metas*	*Ações*
- Baixo rendimento dos alunos em Português - Participação dos pais na vida escolar - Tornar a escola mais atrativa - Atualização dos professores	- Melhorar o rendimento e a qualidade do processo ensino-aprendizagem dos alunos em Português - Promover condições para a participação e integração da família - Convidar os pais para festas, jogos de futebol etc - Atualizar os professores em novas estratégias metodológicas	- Até o final de 1999 avaliar a taxa média de alunos aprovados em Português - Até o final de1999 ampliar a participação dos pais na vida escolar - Até o ano 2002 conseguir a construção de uma quadra esportiva - Até o final de 1999 atualizarmos os professores para uma conscientização dos avanços metodológicos	- Oficinas de teatro - Promover reuniões - Promover reuniões festivas com jogos e brincadeiras - Promover usos de atualização - Realizar atividades sociais e culturais e convocar a comunidade escolar para angariar fundos para a construção da quadra

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA

1. INTRODUÇÃO:

A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca, tipologia: R020B2, Código: 174.459, situada à Rua C, nº 103, Bairro Nossa Senhora Aparecida, fone (35) 3232-1825, CEP 37410-000, Três Corações, Minas Gerais, CGC da Caixa Escolar 193632221/0001-68, Superintendência Regional de Ensino: 41ª - Varginha/MG. Ministra o 1º ciclo do Ensino Fundamental. A atual Diretora: Professora Helena Marília Pinto Alves, MASP: 243645-9, reside na Rua Barão da Cotia, nº 27, Bairro Cotia, Três Corações – MG, telefone (35) 3231-2114.

A Escola tornou-se muito mais do que um pólo educacional e caracterizou a oportunidade de ascensão e desenvolvimento de alunos, cujos pais, depositaram na Escola toda credibilidade.

Considerando:

- que a educação vem dia a dia perdendo seu espaço na sociedade;
- o comprometimento com a democratização nas Escolas;
- a desvalorização do profissional de educação;
- a preocupação com a melhoria da qualidade do ensino.

A Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca se propõe a participar ativamente desse projeto educativo, onde o seu papel será o de conscientizar, resgatar , amenizando, assim, a carência cultural e intelectual.

Cabe à Escola através da ajuda mútua e cooperativa, alcançar o objetivo principal: o aluno na sociedade ajudando-o a desenvolver as suas potencialidades como pessoa humana e cidadã, proporcionando-lhe um ensino de qualidade tornando o aluno um sujeito questionador, crítico e politizado.

Para isso, a E.E. monsenhor José Guimarães Fonseca procurará abraçar a modernidade através do gerenciamento colegiado (direção e colegiado) atuando com base na autonomia financeira, elaborando o seu Plano de Desenvolvimento dentro da realidade, na Comunidade na qual está inserida.

Será um plano objetivo e contará com a participação de todos os elementos próximos ao processo educacional, com a duração de anos, flexível a ampliação ao enriquecimento.

Objetiva alcançar as prioridades levantadas, despertar o brio do educador, retornando o caminho da competência e da qualidade, mostrando a eficácia do trabalho, apesar de árdua e recompensador.

2 – JUSTIFICATIVA:

O presente trabalho é uma proposta para direcionar a escola em suas atividades, objetivando sanar e corrigir as dificuldades encontradas anteriormente.

As diretrizes aqui apresentadas foram levantadas em reuniões com a comunidade escolar e servirão de base para o melhor funcionamento da escola e consequentemente assegurar a boa qualidade de ensino.

Essa articulação feita com todos os segmentos, tem por finalidade fazer um trabalho solidário, consciente e humano, voltado para o crescimento da comunidade escolar, buscando a escola real e a escola ideal.

3 – MISSÃO DA ESCOLA:

A educação na Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca tem como finalidade: formar cidadãos conscientes, criticos, participativos, estimulando os valores sociais, morais e culturais, baseando na realidade e despertando para o mundo competitivo tornando-se capazes de questionar seus direitos e deveres e intervir no meio me que vive.

4 – DIAGNÓSTICO – COMO É A ESCOLA:

4.1. Situação Atual

4.2. Dados Gerais

A E.E. "Monsenhor José Guimarães Fonseca" de 1° grau – R020B2, está situada à Rua C, n° 103, Bairro Nossa Senhora Aparecida, telefone (35) 3232-1825, CEP 37410-000, Três Corações – Minas Gerais.

4.3. Descrição Física

4.3.1. Começou a funcionar em 01/05/70. Criada pela Lei 05.517, de 02/09/70, como Escola Primária e transformada em Grupo Escolar pelo Decreto-Lei n° 13.317, de 11/01/71.

4.3.2. Funcionamento em prédio próprio com finalidade estritamente escolar, no turno diurno.

4.3.3. A área do terreno é de 3,352m, sendo 650 de área construída, ficando uma área livre de 2,702m.

4.3.4. A Escola possui as seguintes dependências:
- 08 salas de aula
- 01 sala para arquivo
- 01 depósito
- 01 dispensa
- 01 sala de diretoria
- 01 sala para secretaria
- 01 sala para biblioteca / professores / estudos
- 02 sanitários para alunos (masculino e feminino)
- 01 sanitário para professores
- 01 cozinha
- 01 refeitório

Todas essas dependências apresentam bom estado de conservação.

4.3.5. Mobiliário escolar:
- 582 mesas para alunos
- 21 mesas para pessoal docente e administrativo
- 30 cadeiras para pessoal docente
- 03 máquinas de escrever
- 02 mesas de datilografia
- 08 arquivos de aço
- 08 armários de aço

- 03 armários de madeira
- 06 estantes de aço
- 03 estantes de madeira
- 01 computador
- 01 impressora preto e branco
- 01 mimeógrafo

4.4. Curso Oferecido

1° ao 4° ano do 1° Ciclo – Ensino Fundamental.

4.4.1. Número de alunos: 486 alunos distribuídos em 16 turmas no diurno, 1° ao 4° ano do Ensino Fundamental.

4.4.2. Horário de Funcionamento:

- 7:00 às 11:25min – Recreio – 9:30 às 9:45min (8 turmas)
- 12:30 às 16:55 – Recreio – 14:30 às 14:45min (8 turmas)

4.4.3. Conteúdos ministrados:

A Escola ministra os conteúdos do Núcleo Comum e da parte diversificada exigidos pela LDB e SEE-MG.

4.4.4. Educação Física:

Ministrada pelo professor regente de turma.

4.5. Ambiente Escolar

Os professores procuram proporcionar um ambiente o mais agradável possível aos alunos.

As carteiras são dispostas em filas indianas, duplas, trios, grupos, semicírculos, círculos de acordo com as atividades desenvolvidas no dia a dia.

4.5.1. Resultados Obtidos na Avaliação Sistêmica:

4.5.3. Fluxo Escolar:

Análise da situação educacional tendo como referência os resultados de 95, 96, 97 e 98.

Nome da Escola: Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca
Matrícula Inicial: 597
Matrícula Final: 498
Taxa de Evasão: 8,5%
Ano: 1995
Número de alunos transferidos: 31

1° CICLO				
	1° Ano	*2° Ano*	*3° Ano*	*4° Ano*
Matrícula Inicial	106	235	139	117
Matrícula Final	124	164	115	95
Evadidos	---	28	6	17
Aprovados	---	164	102	100
Reprovados	---	---	17	

Porcentagem de aprovados: 82%
Porcentagem de reprovados: 4%

FLUXO ESCOLAR
Nome da Escola: Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca
Matrícula Inicial: 545
Matrícula Final: 489
Taxa de Evasão: 6%
Ano: 1996
Número de alunos transferidos: 23

1° CICLO				
	1° Ano	*2° Ano*	*3° Ano*	*4° Ano*
Matrícula Inicial	150	150	140	105
Matrícula Final	141	123	129	96
Evadidos	1	26	5	1
Aprovados	141	123	111	87
Reprovados	---	---	18	9

Porcentagem de aprovados: 85%
Porcentagem de reprovados: 6%

FLUXO ESCOLAR
Nome da Escola: Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca
Matrícula Inicial: 466
Matrícula Final: 426
Taxa de Evasão: 6%
Ano: 1997
Número de alunos transferidos: 34

1° CICLO				
	CBAI	*CBAII*	*3° Ano*	*4° Ano*
Matrícula Inicial	90	90	166	120
Matrícula Final	84	78	145	119
Evadidos	5	7	14	3
Aprovados	84	78	145	119
Reprovados	---	---	---	

Porcentagem de aprovados: 91%
Porcentagem de reprovados: ---%

FLUXO ESCOLAR
Nome da Escola: Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca

Matrícula Inicial: 552
Matrícula Final:
Taxa de Evasão:
Ano: 1998
Número de alunos transferidos: 14

1° CICLO				
	1° Ano	*2° Ano*	*3° Ano*	*4° Ano*
Matrícula Inicial	149	117	113	173
Matrícula Final	---	---	---	---
Evadidos	---	---	---	---

1° CICLO				
	1° Ano	*2° Ano*	*3° Ano*	*4° Ano*
Matrícula Inicial	149	117	113	173
Matrícula Final	140	115	106	155
Evadidos	6	1	7	16
Aprovados	140	115	106	155
Reprovados	---	---	---	---
Alunos transferidos	8	1	1	4

Analisando esses quadros, constatamos a evasão escolar em torno de 6% por ano, procurando conhecer as razões dessas evasões detectamos o seguinte:

- falta de assistência familiar
- mudaram sem transferência
- sem motivos justificativos
- doenças

Sobre os resultados das Avaliações de Aprendizagem realizadas na escola:
Achamos que os resultados das avaliações poderão ser melhorados.

4.5.4. Recursos Humanos:

Nome	*Efetivo*	*Designado*	*Exercício*	*Licença*	*Competência Técnica*
Maria Auxiliadora de Paula Carvalho	X	---	X	---	Matemática
Gisele Maria Pitaluga Prachedes	X	---	X	---	Pedagogia
Regina de Fátima Gabriel Silva	X	---	X	---	Pedagogia
Silma Eni Siqueira Nogueira	X	---	X	---	Estudos Sociais
Geusabel Borges da Silva Pascoal	X	---	X	---	Pedagogia
Maria Rosália Lacerda	X	---	X	---	Magistério de 1ª a 4ª
Miriam Periera	X	---	X	---	Pedagogia
Tânia Maria Lentz Ishida	X	---	X	---	História
Sandra Regina Costa	X	---	X	---	Pedagogia
Mirna Bernardes Moraes	X	---	X	---	Pedagogia
Maria Bernadete Pereira Magalhães	X	---	X	---	Magistério de 1ª a 4ª
Suely Gomes da Conceição	X	---	X	---	História
Magali Galvão Guimarães	X	---	X	---	Pedagogia
Maria Inês Coelho Penha	X	---	X	---	Pedagogia
Joscimara Ribeiro Reghin de Moura	X	---	---	X	Magistério de 1ª a 4ª
Sílvia Helena Borges Rodrigues	---	X	X	---	Pedagogia

SUPERVISORAS					
Geusabel Borges da Silva Pascoal	---	X	X	---	Pedagogia – Supervisão
Silvana Reis Caetano	---	X	X	---	Pedagogia – Supervisão

Nome do	***Efetivo***	***Designado***	***Exercício***	***Licença***	***Competência Técnica***
SECRETARIA					
Paulo Afonso Fabri Soares	X	---	X	---	Contabilidade
Râmiza Cury Menegucci	X	---	X	---	Administração de Empresas
Regiane Junqueira Ribeiro	---	X	X	---	Magistério de 1ª a 4ª
AJUDANTE DE SERVIÇOS GERAIS					
Zilda Aparecida Xavier	X	---	X	---	-----
Ivone de Andrade Silva	X	---	X	---	-----
Cleide Aparecida da Silva Florêncio	---	X	X	---	-----
Vanda Francisca Fonseca Pereira	---	X	X	---	-----
Maria Donizetti Ferreira Silva	---	X	X	---	-----
Sueli de Oliveira Ferreira	X	---	X	---	-----
Aparecida de Fátima da Silva	X	---	X	---	-----
DIREÇÃO					
Helena Marília Pinto Alves	X	---	X	---	Ciências Sociais, Pedagogia, Administração
Maria Isabel Roquim de Oliveira	X	---	X	---	História

5 – PONTOS FORTES

5.1. Com relação aos resultados didáticos:

- Retroprojetor
- Tela para projeção
- Fitas de vídeo
- Livros de literatura
- Livros técnicos para pesquisas
- Livro Redação e Estilo
- Dicionário
- Aparelhagem de som/microfone
- Material Dourado
- Tábua de Pitágoras
- Jogos de Matemática
- Transferidores
- Compassos
- Réguas
- Trenas
- Pauzinhos de Picolé
- Figuras sólidas
- Cartazes: Corpo Humano, Aparelhos, Esqueleto etc
- Globos
- Mapa Mundi: Brasil, regionais, político, histórico, relevo, vegetação
- Computador/impressora
- Xerox
- TVS
- Videocassetes
- Antena Parabólica
- Revistas; AMAE, Pedagógicas
- Jogos de Alfabetização
- Fantoches
- Quadro branco

5.2. Biblioteca

A Escola possui uma biblioteca com um bom acervo, atendendo os alunos e a comunidade.

5.3. Merenda Escolar

A merenda oferecida aos alunos é de boa qualidade e variada. É feito um cardápio no início da semana e seguido.

5.4. A cozinha e o refeitório são limpos e organizados. Os professores fazem um bom trabalho, em sala de aula, quanto a hábitos higiênicos e alimentares.

5.5. Limpeza do Ambiente Escolar

A escola é limpa e organizada; é feito um trabalho junto aos alunos de conscientização para conservação da mesma.

5.6. Distribuição de Material Escolar Gratuito

Os alunos carentes recebem lápis, borrachas, caderno etc, no decorrer do ano quando se faz necessário, a todo aluno.

5.7. Livros Didáticos FAE

Todos os alunos recebem no início do ano letivo livros de Português, Matemática, História, Geografia e Ciências.

5.8. Aspectos Administrativos

Nossa Escola tem todos os dados relativos ao corpo docente, discente e administrativo não informatizados.

A Escola é uma instituição aberta, só que não conta com a participação da Comunidade nas questões pedagógicas, administrativas e financeiras. O Colegiado é atuante.

5.9. Aspectos Financeiros

A Escola tem recebido recursos repassados pela SEE à Caixa Escolar. Estes recursos são aplicados, tendo em vista as prioridades estabelecidas pela Escola com aprovação do Colegiado.

É apresentado balancetes, prestação de contas no decorrer do ano, possibilitando à comunidade o conhecimento preciso do orçamento e a previsão das despesas tendo sempre a orientação do Inspetor Escolar; a análise e aprovação do Colegiado e a prestação de contas ficam à disposição na Secretaria da Escola e na 41ª SRE.

6 – OS PONTOS FRACOS

Os pontos fracos da E.E. Monsenhor José Guimarães Fonseca apontados pela comunidade escolar em debate foram os seguintes:

- Falta de preparo e comprometimento de alguns professores;
- Baixo rendimento em Português;
- Falta de interesse dos pais em acompanhar a vida escolar dos filhos;
- Trabalho pouco estimulante;
- Falta de interesse dos alunos;
- Falta de material para leitura em casa;
- Falta de material diversificado;
- Falta de um palco;
- Falta de uma infra-estrutura para água da chuva;
- Terminar a quadra esportiva.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

7 - PRIORIDADES	8 – OBJETIVOS	9 – METAS OU RESULTADOS ESPERADOS
7.1. Baixo rendimento em Português e na qualidade da aprendizagem.	8.1. Ampliar os conhecimentos dos professores em novas práticas pedagógicas.	9.1. Até o mês de maio de 1999 80% dos professores estarão aplicando metodologias inovadoras, tornando as aulas dinâmicas e atrativas.
7.2. Baixo rendimento dos alunos em leitura, escrita, interpretação, compreensão e produção de texto.	8.2. Adequar o currículo escolar à realidade e às necessidades dos alunos. Desenvolver o hábito de leitura nos alunos e professores.	9.2. Até o final de 1999 80% dos alunos estarão participando ativamente dos trabalhos escolares, vivenciando os conhecimentos adquiridos.
7.3. Baixo rendimento dos alunos para usar o raciocínio lógico.	8.3. Melhorar o raciocínio.	9.3. Até agosto de 1999 as metodologias aplicadas por 80% dos professores serão atrativas, interessantes e eficazes.
7.4. Pouca participação dos pais na Escola.	8.4. Promover a integração família-escola.	9.4. Até o final do ano de 1999 80% dos pais estarão acompanhando as atividades extra-classe.
7.5. Baixo nível sócio-econômico do pessoal discente.	8.5. Conscientizar o aluno da importância do estudo em sua vida.	9.5. De 1999 a 2004 a Escola procurará oferecer aos alunos um ensino de qualidade que lhe proporcione uma ascensão sócio-econômico.
7.6. Falta de infra-estrutura para comportar águas pluviais.	8.6. Canalizar a água da chuva.	9.6. De 1999 a 2004 a Escola canalizará as águas pluviais em volta do prédio escolar.
7.7. Falta de um palco.	8.7. Construir um palco.	9.7. De 1999 até 2004 a Escola construirá um palco móvel para as apresentações teatrais etc.

10 – AÇÕES

10.1.1. Implementar as reuniões, técnicas pedagógicas para estudo e troca de experiências e análise do desenvolvimento dos alunos.

10.2.1. Proporcionar reuniões periódicas.
10.2.2. Fazer análise constante das necessidades reais dos alunos.
10.2.3. Implementar o novo currículo interdisciplinar.

10.3.1. Dinamizar o uso da biblioteca.
10.3.2. Preparar os professores para o trabalho com o cantinho da leitura.
10.3.3. Implementar o cantinho da leitura.
10.3.4. Criar ambiente de leitura para os professores.
10.3.5. Criar o jornal da Escola.
10.3.6. Realizar concursos de reportagens.

10.4.1. Oferecer um ensino de qualidade que vise a formação global do aluno.

10.5.1. Implementação da participação dos pais no Conselho de Classe.
10.5.2. Conscientizar pais e alunos da necessidade e importância da cultura para a vida.
10.5.3. Realizar debates com a participação da comunidade sobre temas atuais.
10.5.4. Exibição de vídeos e slides que incentivem a melhoria sócio-econômica.

10.6.1. Editar o jornal da Escola.
10.6.2. Implementar uma feita de cultura em comemoração aos 500 anos do Brasil.

10.7.1. Estabelecer parceria com a comunidade.

10.8.1. Realizar eventos sociais e culturais e convocar a comunidade escolar para angariar fundos para construção de um palco.

11 – CRONOGRAMA DAS AÇÕES A SEREM DESENVOLVIDAS NA ESCOLA

Ação: 11.10.1.1.
Tarefa: elaborar um calendário para encontros
Responsáveis:
Realização: Fevereiro/99

Ação: 11.10.2.1.
Tarefa: selecionar os temas para encontros
Responsáveis:
Realização: Fevereiro/99

Ação: 11.10.2.2.
Tarefa: demonstração de gráficos
Responsáveis: professores e especialistas a serem definidos
Realização: todo o ano de 1999

Ação: 11.10.2.3.
Tarefa: realizar planejamento interdisciplinar
Responsáveis: professores e especialistas
Realização: de 1999 a 2004

Ação: 11.10.3.1.
Tarefa: selecionar livros literários
Responsáveis: Magali, Bernadete, Geusabel
Realização: de 1999 a 2004

Ação: 11.10.3.2.
Tarefa: realização de troca de experiências
Responsáveis: professores e especialistas
Realização: de 1999 a 2004

Ação: 11.10.3.3.
Tarefa: oferecer ambiente escolar agradável e estimulante
Responsáveis: toda a Escola
Realização: durante todo o ano letivo

Ação: 11.10.3.4.
Tarefa: incentivo e apoio ao professor
Responsáveis: direção e especialistas
Realização: durante todo o ano letivo

Ação: 11.10.3.5.
Tarefa:
Responsáveis:
Realização:

Ação: 11.10.3.6.
Tarefa: promover concursos
Responsáveis: Auxiliadora, Gisele, Silma
Realização: junho, outubro e dezembro

Ação: 11.10.4.1.
Tarefa: realizar Projetos
Responsáveis: professores e especialistas
Realização: durante todo o ano letivo

Ação: 11.10.5.1.
Tarefa: criar o Conselho de Classe
Responsáveis: Direção, especialistas e professores
Realização: durante todo o ano letivo

Ação: 11.10.5.2.
Tarefa: estabelecer parceria com a comunidade
Responsáveis: Direção e especialistas
Realização: durante todo o ano letivo

Ação: 11.10.5.3.
Tarefa: promover reuniões e debates
Responsáveis: Direção, especialistas e professores
Realização: durante todo o ano letivo

Ação: 11.10.5.4.
Tarefa: utilizar slides e vídeos
Responsáveis: todos os professores
Realização: durante todo o ano letivo

Ação: 11.10.6.1.
Tarefa: publicar o jornal da Escola
Responsáveis: especialistas e professores
Realização: de 1999 a 2004

Ação: 11.10.6.2.
Tarefa: realizar eventos sociais e culturais
Responsáveis: toda a escola
Realização: de 1999 a 2000

Ação: 11.10.7.1.
Tarefa: realizar mutirão
Responsáveis: Direção da Escola e pessoal técnico
Realização: de 1999 a 2004

Ação: 11.10.8.1.
Tarefa: realizar eventos sociais e culturais
Responsáveis: toda a Escola
Realização: de 1999 a 2004

12 – AVALIAÇÃO

No Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) da Escola Estadual Monsenhor José Guimarães Fonseca de Três Corações, haverá um controle e avaliação contínuos e constantes das atividades desenvolvidas através de reuniões, entrevistas, observações, conversas, palestras, reciclagens, auto-avaliação, avaliação cooperativa, procurando aprimorar e avaliar os resultados alcançados a fim de subsidiar a programação de novas atividades, uma vez que as atividades propostas estão sujeitas a modificações e acréscimos de acordo com a necessidade e interesse da comunidade escolar. A avaliação interna e externa, através dos resultados evidenciados, oferecerá subsídios à escola para planejar: suas ações, efeitos.

13 – CONCLUSÃO

Não é o final. Apenas uma etapa vivenciada. A consciência nos dá a certeza de que o caminho foi aberto. Desbravaram-se os primeiros caminhos. Foi antes de tudo um exercício constante de democracia e civilidade. As opiniões manifestadas, os anseios colocados, as plataformas e metas a se-

rem buscadas, mostrou-nos o quanto todos estão preocupados com a Educação. Assumindo diante da Comunidade a postura de fazer uma escola eficiente, humana e de qualidade, iniciaremos com o PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola) a renovação, tentando dar um sentido moderno, combinando Qualidade, Competência com árdua e gratificante profissão de Educar.

Diante das constatações, dos índices só entendemos que alguma coisa precisa mudar. Resgatar os valores sociais, morais e culturais.

Entendemos que a Escola vai aprender por si mesma a ser dona de seus desígnios. Gerenciamento Total de Qualidade vai objetivar este encontro Histórico.

O Sistema de Parcerias trará para perto as soluções, objetivando um retorno mais rápido, muito mais eficiente. Priorizando o Pedagógico, entendendo que os outros serão mola mestra desse, devemos viabilizar formas de melhorias, estudando as necessidades encontradas.

QUADRO 01

IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

Nome da Escola: Escola Estadual Olímpia de Brito Tipologia: 0.4.0.B

.....Código: 174467

Endereço(rua, nº, complemento,cidade,CEP): Avenida Duque de Caxias - 573, Bairro Santa Tereza - Três Corações - 37410-000.....

Telefone: (035) 3232-2960.....Localização: (X)Urbana ( )Rural

CGC da Caixa Escolar: 19.363.720/0001-40

Superintendência Regional de Ensino

41ª : Superintendência Regional de Ensino - Varginha - Pólo Regional

Níveis e modalidades de ensino ministrado:

( )Educação Infantil

(x)1° Ciclo do Ensino Fundamental

(x)2° Ciclo do Ensino Fundamental

( )Ensino Médio

( )Supletivo

( )Educação Especial

Diretor da Escola

Nome:Cristina Maria Vilela MASP: 290.606-3

Endereço(rua,nº, complemento) Rua Jorge Avelar Neto, 107, Centro - Três Corações - 37410-000

Telefone: (035) 3232-1873.....

QUADRO 2

MISSÃO DA ESCOLA

Nome da Escola: Escola Estadual Olímpia de Brito.....

Missão (as aspirações da Escola, sua razão de ser, como vê seus clientes e que tipo de serviços deseja prestar)

A escola procura aprender e mudar, acompanhando as inovações que estão ocorrendo.

Há contato com elementos de outras escolas, diálogos, procurando sempre seguir os caminhos que atinjam nossos objetivos.

Os valores que exploramos são os que formam o cidadão com espírito crítico e criativo capaz de exercer plenamente a sua cidadania.

Nossa escola cumpre o que é determinado, de acordo com os meios disponíveis, buscando sempre a construção do saber transformador. Achamos que o aprendizado importante para o aluno atual é o trabalho inovador: realidade mais atualização. Estamos vivenciando a humanização, a época onde o homem é parte integrante da sociedade, buscando seus valores.

Proporcionamos um ensino abrangente, explorando em todos os níveis a capacidade individual. Recentemente adquirimos materiais que proporcionam algum dinamismo embora não atendam a demanda exigida.

Nossa escola mudou muito sua imagem nos últimos anos devido às mudanças realizadas e o potencial exigido de seu corpo docente.

Hoje ela é vista pela sociedade como uma escola dinâmica, informativa e inserida no contexto exigido.

Tanto no campo econômico e social acompanhamos as mudanças. Elas abrem perspectivas para que os sonhos e visões possam ser viabilizados e ganhem sabor e saber.

QUADRO 3 - FLUXO ESCOLAR

Nome da Escola: Escola Estadual Olímpia de Brito

Matrícula inicial: 759

Matrícula Final: 694

Taxa de evasão: 2,6%

Ano: 1998

Nº de alunos transferidos: 45

Nº de alunos em estudos suplementares:

	1º Ciclo				2º Ciclo				Ensino Médio			
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Matrícula inicial	40	61	80	80	155	119	107	117				
Matrícula Final	37	56	74	73	147	110	93	104				
Evadidos	02	01	03	02	03	04	03	02				

QUADRO 04

Nome da Escola: Escola Estadual Olímpia de Brito

SITUAÇÃO ATUAL	PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS	PROBLEMAS
A nossa escola é alegre, participativa, comunicativa, eficiente, entrosada, original e transparente. Apesar de não ser uma escola dotada de recursos técnicos e aparelhagens modernas, de não ser uma escola de elite, de não possuir recursos financeiros suficientes ela funciona com salas amplas e confortáveis, tem um excelente corpo docente integrado a um só pensamento: ensino de qualidade. Seus alunos apresentam problemas normais e comuns a toda escola e conta com uma diretora dinâmica, atualizada e preocupada com a qualidade de ensino e com o bom relacionamento entre os seus funcionários. A escola já manifesta dentro da atual proposta de trabalhos interdisciplinares, avaliação diária dos alunos, pesquisas em grupos com a orientação do professor, reforço extra-turno, recuperação paralela, jogos integrados visando a boa convivência, esportividade, união de grupo e a avaliação fundamenta-se no diagnóstico produtivo do desempenho do aluno. Enfim, é uma escola que brilha aos olhos da sociedade. Mas, apesar de tudo isto, estamos vivendo uma situação preocupante: A tendência e prioridade do governo é o ensino fundamental de 5ª à 8ª e nós professores, pais de alunos e toda a comunidade estamos sofrendo com o término do 1º ciclo. Isto tudo acarreta sérias consequências ou seja, alunos vão ter que se deslocar para escolas distantes, professores vão ter que buscar novas escolas e nossa grande família escolar será destruída Embora possua esse sério problema a nossa escola é o nosso lar. Ela é dinâmica, participativa e moderna.	O corpo docente é altamente gabaritado, os professores estão compromissados com a qualidade do ensino, procurando se integrar da melhor maneira possível a essas novas conjunturas visando o desenvolvimento educacional e preocupados com a atualização que se faz necessária. A diretora tem liderança e um bom relacionamento com os funcionários da escola, alunos, pais e comunidade escolar. A sua participação democrática é responsável pela união do corpo docente. A comunidade escolar por sua vez é pouco participativa e compromissada com a educação. A escola conta com um Colegiado atuante e participativo.	Faltam recursos financeiros e técnológicos. O espaço físico poderia ser mais aproveitado, falta laboratório bem equipado, sala de audio-visual, sala de professores, banheiros na quadra, secretaria mais ampla, material esportivo, mais carteiras e cadeiras. Ausência de participação dos pais na vida escolar dos filhos não os incentivando a aproveitar os meios fornecidos pela escola para o seu próprio desenvolvimento: aulas extra-turnos para recuperação; faltas constantes às aulas mesmo sabendo que as avaliações são diárias e importantíssimas para o seu desempenho, falta de fiscalização dos pais nos trabalhos e deveres atribuídos a seus filhos para serem executados em casa. Falta integração de alguns pais no compromisso de atender as reivindicações da escola. Falta sensibilidade por parte do governo para enviar recursos financeiros favorecendo a parte física da escola.	Negligência por parte do governo à distribuição dos livros da 5ª à 8ª série. Falta de professor eventual de 5ª à 8ª série. Falta de supervisor escolar de 5ª à 8ª série. Falta de orientador educacional de 1ª à 8ª série. Falta de um psicólogo e um clínico geral para atender os casos acentuados. Falta de um professor recuperador para atender os alunos de 5ª à 8ª série. Falta de um professor recuperador para atender os alunos de 1ª à 4ª série. Falta de um salário mais digno para que o professor possa viver mais compromissado com a escola.

QUADRO 05

PLANO DE AÇÃO

Nome da Escola:Escola Estadual Olímpia de Brito

Prioridades	Objetivos	Metas	Ações
1.Integração das famílias com a escola.	**1.**Integrar a escola com a família, trazendo-a nos diversos segmentos do Colegiado, eventos, reuniões mensais com especialistas para conscientização da mesma da importância da escola na vida dos alunos.	**1.** Até o final de 1999 a escola pretende alcançar esta integração	**1.**Reuniões mensais de conscientização.
2. Mais reciclagem para os funcionários e professores.	**2.** Reciclar periodicamente os funcionários e professores.	2.A escola fará mais reciclagens periódicas para seus funcionários e professores.	2. Elaborar um projeto de capacitação professores e funcionários.
3. Professor específico de 1ª à 4ª série para ministrar aulas de Educação Física, Religião e Educação Artística.	**3.** Estimular a prática de esporte para o desenvolvimento físico e mental. Valorizar o ensino religioso e artístico.	**3.**Até o final de 1998 o referidos professores serão reivindicados.	**3.**Informar a Superintendência Regional Ensino..
4.Volta do professor recuperador de 1ª à 4ª séric.	**4.**Atender individualmente os alunos com dificuldades.	**4.**Até o final de 1998 o referido professor será reivindicado.	**4.**Informar a Superintendência Regional Ensino.
5. Baixo rendimento dos alunos em matemática e português.	**5.**Melhorar o rendimento e a qualidade da aprendizagem dos alunos em português e matemática	**5.**Até o final do ano de 1999, com os novos métodos aplicados na matemática e português os alunos serão aprovados em mais de 70%	**5.** Elaborar um Projeto de desenvolvimer e enriquecimento curricular e cursos capacitação de professores. Adquirir materiais didáticos adequados.
6. Falta de livros didáticos de 5ª à 8ª (são insuficientes os livros enviados)	**6.** Cobrar do governo maior quantidade de livros didáticos.	**6.** Até o final de 1998 os professores deverão reivindicar novos livros didáticos.	**6.** Informar à S.R.E
7.Aquisição de fitas de vídeo, livros de história e geografia.	**7.**Prover a escola com materais que constituem a nova proposta de ensino.	**7.**Até o ano de 1999 a escola vai adquirir esses materiais.	**7.**Realizar eventos para angariar fundos.
8. Construção de mais salas de aula para atender os alunos de 5ª a 8ª série, sem prejudicar o atendimento de 1ª a 4ª.	**8.**Construir novas salas.	**8.**Até o ano 2000 novas salas serão construídas.	**8.** Realizar eventos sociais e culturais.
9. Falta de sala para os professores.	**9.**Prover a escola de sala para professores.		**9.**Elaborar planilhas de custo e enviar

laboratório científico e sala para védeo	laboratório científico e sala para vídeo.	9.Até o final de ano 2000, a escola contará com uma sala para professores, um laboratório e uma sala para vídeo.	SRE. - Realizar eventos sociais e convocar comunidade escolar para angariar fundos.
10. Compra de um esterilizador de pratos, talheres e material esportivo.	**10.**Comprar esterilizador, tatames, petecas, redes, bolas, etc..	**10.**Até o final de 1999 compraremos um esterilizador. Até o final de 1998 a escola comprará material esportivo.	**10.**Convocar a comunidade escolar pa angariar fundos.
11. Falta de carteiras e cadeiras.	**11.**Pedir para a SEE mais carteiras e cadeiras.	**11.**Até o final de 1998 as carteiras e cadeiras serão reivindicadas.	**11.** Informar a SEE da necessidade de m. carteiras e cadeiras.
12. Reforma dos banheiros e telhados da escola.	**12.**Construir novos banheiros ou reformar os existentes. Tocar telhas quebradas e forro estragado.	**12.**Até o final de 1999 os banheiros serão reformados e construídos. Até o final de 1998 os telhados e forros estragados serão reformados.	**12.** Realizar eventos sociais e culturais.
13. Construção de um salão para auditórios, hora cívica, teatro, palestra.	**13.** Incentivar a arte e a cultura.	**13.**Até o ano 2000 o salão será construído.	**13.**Realizar eventos para angariar fund para a construção do salão.

QUADRO 06

DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS E CRONOGRAMA

Nome da Escola: Escola Estadual Olímpia de Brito

Nº ação	Tarefa	Responsável	MÊS											
			J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
01	Promover reunião integração	Equipe pedagógica		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
02	Elaborar projeto capacitação	Equipe pedagógica		x						x				
03	Informar a SRE	Direção											x	
04	Informar a SRE	Direção											x	
05	Elaborar projeto	Supervisor/Professores											x	
06	Informar a SRE	Bibliotecária											x	
07	Realizar eventos	Toda comunidade escolar		x						x				
08	Realizar eventos	Toda comunidade escolar			x			x			x		x	
09	Realizar eventos	Toda comunidade escolar			x			x			x		x	
10	Adquirir esterilizador e material Educação Física	Toda comunidade escolar			x			x			x		x	
11	Informar a SRE	Direção											x	
12	Realizar eventos	Toda comunidade escolar			x			x			x		x	
13	Realiar eventos	Toda comunidade escolar			x			x			x		x	

ANEXO 32

ANÁLISE DOS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO DAS ESCOLAS – PDE

ITENS	ESCOLA ESTADUAL 1	ESCOLA ESTADUAL 2	ESCOLA ESTADUAL 3	ESCOLA ESTADUAL 4	ESCOLA ESTADUAL 5	ESCOLA ESTADUAL 6
Folha de Rosto	Feito de acordo com o Manual de Gestão SEE-MG	idem	idem	O plano de desenvolvimento da escola não foi analisado	idem	Idem
Justificativa	Não tem	Usa uma introdução obvia	Usa uma introdução óbvia	-	Não tem	Não tem
Missão da Escola	Escola crítica – criativa- qualidade Espaço de cultura para fazer o cidadão crítico e transformador Apresentação de soluções para a sociedade Bom relacionament	Formação do cidadão crítico, consciente, participativo Estimulação de valores sociais, morais e culturais para intervir na realidade	Ensino de qualidade Aluno crítico e participativo na sociedade Professores competentes e atualizados com consciência de sua missao	-	Ensino de qualidade Cidadão crítico, participativo e capazes de inserção na socidade e no trabalho Bom relacionament o e aprendizagem para todos (alunos,	Cidadão crítico e criativo para exercer a cidadania Vivencia de humanização Ensino abrangente para explorar em todos os níveis as capacidades individuais.

	o e valorização das pessoas Redefinição do educador Obs: apresenta a redação de objetivo geral				professores, funcionários) Obs: apresenta redação de Objetivo geral	
Diagnóstico	Apresenta ponto a ponto o diagnóstico conforme orientação do Manual de Gestão da SEE- MG E abre para expectativas	Idem e assinala os pontos fortes e fracos	Preenchimento de acordo com os tópicos do manual	-	Faz uma síntese do diagnóstico, sem detalhar os tópicos do Manual e encaminha para pontos fortes e fracos e respectivos problemas	Apresenta o fluxo escolar e abre para situação atual e indica pontos fortes e fracos e respectivos problemas
Plano de Ação	Ausência de professor recuperador desconhecimento da Matemática falta de estímulo para	Baixo rendimento em Português e Matemática Dificuldades dos alunos para leitura, escrita e raciocínio	Evasão em níveis regulares Dificuldade dos alunos para leitura, escrita e raciocínio	-	Ausência de professor recuperador Indisciplina dos alunos Necessidade de um horário especial para	Necessidade de mais reciclagem de professores e funcionários Necessidade de professor recuperador

Quanto a clientela	trabalhar valores preocupação com conteúdo e planejamento ensino religioso criação do conselho de classe Não fala do nível da clientela dos alunos	idem	Dificuldade dos alunos para comunicação verbal Aborda a questão do baixo nível sócio-economico dos alunos		reunir professores e supervisão Não aborda a questão de nível sócio-economico dos alunos	Baixo rendimento dos alunos Não aborda nível sócio econômico dos alunos
Quanto a aspectos físicos e materiais	Serviços odontológicos	Canalização de água de chuva Construção de um palco para auditório	Carência de mobiliário, biblioteca, pintura e reparos no prédio	-	Necessidade de mais bebedouros	Carência de livros didáticos, vídeos, construção de mais salas e laboratórios, esterilizador de pratos Reforma em banheiros,

						mobiliário e construção de um salão para palestras
Quanto a informática	-	-	Ausência de informatização na secretaria	-	-	-
Quanto aos pais	Ausência de apoio e participação da maioria dos pais	idem	idem	-	idem	Idem
Distribuição das Tarefas	De acordo com o manual da SEE-MG	Fez uma lista de ações e depois uma lista de responsáveis, sem visualizar num único quadro	Fez uma lista de ações e o cronograma fora de um quadro, dificultando a visualização	-	Quadro igual ao Manual da SEE-MG	Quadro igual ao Manual da SEE-MG
Avaliação	Não consta	Um tópico único, elencando formas de avaliar , sem especificar monitoramento	Não consta	-	Não consta	Não consta

Conclusão	Não consta	Faz uma pequena mensagem	Não consta	-	Não consta	Não consta

ANEXO 33

Local: Própria escola

Horário: 8h

Objetivo: Discutir e decidir o problema de disciplina do aluno Caiã do CBA - 2º ano de escolaridade.

Presidente: Maria Helena Ribeiro Pitta

Participantes: Membros do Colegiado

Data: 21.5.98.

Assunto Debatido: A diretora e presidente Maria Helena convocou o Colegiado, a professora Rosane, a supervisora Jenilza e Claudete mãe do aluno Caiã para discutir e decidir sobre o problema de disciplina do aluno. Foram feitas as seguintes colocações:

- Maria Helena comentou que em 1998 nossa escola teve dois problemas sérios de disciplina, o aluno Luã que pediu transferência e o aluno Caiã. Como é função do colegiado decidir problemas desta natureza, o caso do aluno Caiã vai ser decidido nesta reunião.
- A supervisora Maria José que acompanha o caso desde o primeiro dia de aula expôs a conduta do aluno em sala. Desde fevereiro foram feitas tentativas de adaptação na sala das professoras Jenilza, Carmem de Brito e Rosane.
- A professora Rosane comentou que o aluno não tem limite, é impaciente, inquieto e não obedece ninguém.
- Claudete, a mãe, disse que o problema do filho é emocional e segundo a psicóloga o problema é de identidade. O problema só vai acabar quando o Caiã for apresentado ao pai que é por ele desconhecido. Caiã é um menino hiperativo e por isso a mãe o colocou na aula de karatê. O professor e Caiã se deu muito mal, não se suportam e isso agrava a situação.
- Valderez diz que a escola respeita todas as possibilidades, o problema não é da escola, vem da família.
- Maria Helena Antunes e Francisca sugeriram que o aluno se afaste da escola por um determinado tempo e continue o tratamento psicológico, o mais importante agora é tentar salvar o emocional. A escola deixa a matrícula do aluno em aberto.
- Ilma Rosane enquanto o pai não for encontrado e apresentado ao menino o problema não vai ser solucionado.

Claudete disse dar muita atenção e carinho ao filho e também cobra muito dele. Ela não aprova as coisas que ele faz.

Segundo Maria Helena 95% dos nossos alunos têm problema familiar, só que os outros casos são contornáveis e o caso do Caiã foge ao nosso controle.

O Colegiado unanimemente decidiu por dar um tempo para o tratamento do Caiã sem o seu comparecimento na escola. Neste intervalo estaremos em contato com a psicóloga Gabriela e em agosto o aluno terá uma nova e última chance.

Maria Helena trouxe ao conhecimento do Colegiado o pedido dos pais da sala da professora Jenilza que dizem que o mesmo durante a aula coloca os alunos de castigo em pé de frente o quadro. Maria Helena prometeu tomar providências sobre o caso.

Cátia comentou que a turma da professora Luzmara está caminhando sem problemas. Na reunião os pais trocaram idéias e expuseram seus pontos de vista e as coisas engrenaram.

- Maria Helena tomou a frisar de que o que se comenta durante as reuniões do Colegiado deve permanecer aqui e não deve ser comentado fora. Deve haver sigilo e discrição.

Representantes:

Claudete Ignácio Tavares
Maria Helena Antunes Carneiro
Maria José Ortiz do Vale
Kátia Maria Branquinho Tavares
Jenilza M Maluchi Pimentel
Lilia Aparecida D P de Lanza
Elisabeth Coelho Rosa Santos

Local: Negrais - Cadaval

Horário: 8 h.

Objetivos: - Consciencializar os docentes do ensino no apreciação dos pais e professores e respeito do estabelecido estabelecer e outros pareceres dos membros

- Refletir o relacionamento do aluno com...
- Participar e compromisso dos pais em reuniões dos "Dia de Informação" e outras atividades ocorridas na escola ou "Dia da Cidade"

Participantes: Membros Helena Gomes Pinto

Intervenções: Membros do Delegado, docentes Helena e Pedro e Gonçalo responsável do 2º ciclo do ensino básico.

Data: 22.2.98

Assuntos Abordados: A presidente Maria Helena começou a reunião agradecendo a presença de todos e apresentando os assuntos a serem tratados. A seguir foram abordados os seguintes assuntos:

- O Delegado docente Pedro Pinto começou por dizer que o ano letivo que começou é preocupante, pois o ano de professores dos Ensinos Básicos, pois o ano e alunos diversos. Depois dos assuntos abordados passou a adotar o aluno da pontualidade do aluno ao início das aulas. Disse que a falta de dois professores obrigou à reorganização e no início do ano letivo foi chamados ao exercício. Se os chamados ao exercício não dizer que os alunos e faltas com respeito do estabelecido. Pedro disse que os alunos começam a ter atitude de professores em relação à indisciplina do aluno. A presidente Maria Helena respondeu que o aluno da pontualidade. Salientou que não pode comparecer à reunião pois os pais de vida Pinto, já Maria Helena. Notou-se com o respeito do comportamento dos membros do delegado sobre que o aluno tenha não deve ser visto como motivo para expulsarem-se do ano ou ficarem.

ANEXO 34

Local: Própria escola
Horário: 8h
Objetivo: Participar do Colegiado alguns assuntos e tomar em outros.
Presidente: Maria Helena Ribeiro Otten
Participantes: Membros do Colegiado
Data: 12.11.08
Assuntos Debatidos: A presidente Maria Helena tratou dos seguintes assuntos

- A escola foi premiada pelo Sr. administrador do SENAC para conhecer uma sala de aula no noturno. decidiu pela escola dar sala mediante uma contribuição para o pessoal de limpeza, luz e limpeza.
- Maria Helena explicou sobre "Conselho de Classe", do que se compõe. Conselho de Classe é uma ação que foi atendido ou com a função de avaliar assuntos pedagógicos. É formado por supervisores e diretor. O Conselho de classe do quarto ano de 2008 que vai muito adiante uma decisão de continuidade ou não para o 2º ciclo ou outros níveis trabalhando uma enturmação de acordo com o grau de dificuldades de cada um.
- Os pais do Colegiado sugeriram que os servidores agrupem a salas mais homogêneas, pois segundo eles, é mais fácil para trabalharem e também facilita o atendimento aos mesmos.